Watchman Nee

O HOMEM

ESPIRITUAL

(Os Três Volumes)

Tradução de Délcio de Oliveira Meireles

INDICE

PRIMEIRO PRÓLOGO 05

SEGUNDO PRÓLOGO 18

NOTAS EXPLICATIVAS 23

OBSERVAÇÃO MUITO IMPORTANTE 23

PRIMEIRA PARTE: INTRODUÇÃO SOBRE ESPÍRITO, ALMA E CORPO

1. **ESPÍRITO, ALMA E CORPO 25**
    - **1.1 O TEMPLO SANTO E O HOMEM**
    - **1.2 AS RESPECTIVAS FUNÇÕES DO ESPÍRITO, DA ALMA E DO CORPO**
    - **1.3 A CRIAÇÃO DO HOMEM**
2. **O ESPÍRITO E A ALMA 32**
    - **2.1 O ESPÍRITO**
    - **2.2 A ALMA**
    - **2.3 A VIDA DA ALMA**
    - **2.4 A ALMA E O EU DO HOMEM**
3. **A QUEDA DO HOMEM 44**
    - **3.1 O ESPÍRITO, A ALMA E O CORPO DEPOIS DA QUEDA**
4. **A SALVAÇÃO 53**
    - **4.1 O JULGAMENTO DO CALVÁRIO**
    - **4.2 A REGENERAÇÃO**
    - **4.3 DUAS CLASSES DE CRISTÃOS**

SEGUNDA PARTE: A CARNE

1. **A CARNE E A SALVAÇÃO 64**
    - **1.1 COMO O HOMEM SE TORNA CARNE?**
    - **1.2 O HOMEM NÃO REGENERADO**
    - **1.3 A SALVAÇÃO DE DEUS**
    - **1.4 A REGENERAÇÃO**

1.5 O CONFLITO ENTRE O NOVO E O VELHO

2. O CRENTE CARNAL 74

2.1 OS PECADOS DA CARNE

2.2 AS COISAS DA CARNE

2.3 A NECESSIDADE DA MORTE

3. A CRUZ E O ESPÍRITO SANTO 83

3.1 OS PECADOS DA CARNE

3.2 AS COISAS DA CARNE

3.3 A NECESSIDADE DA MORTE

4. A JACTÂNCIA DA CARNE 93

4.1 O OUTRO LADO DA CARNE

4.2 A NATUREZA DAS BOAS OBRAS DA CARNE

4.3 OS PECADOS RESULTANTES

5. A ATITUDE DEFINITIVA DO CRENTE COM A CARNE 101

5.1 O OUTRO LADO DA CARNE

5.2 A NATUREZA DAS BOAS OBRAS DA CARNE

5.3 OS PECADOS RESULTANTES

TERCEIRA PARTE: A ALMA

1. A LIBERTAÇÃO DO PECADO E A VIDA DA ALMA 112

1.1 A EXPERIÊNCIA DE UMA MISTURA DE ALMA E ESPÍRITO

1.2 O ATO DE DEUS

1.3 OS DOIS PONTOS ESSENCIAIS

1.4. A RELAÇÃO ENTRE O PECADO E O CORPO

1.5 A ALMA COMO VIDA

1.6 A ALMA E O PECADO

1.7 O MODO DA LIBERTAÇÃO

2. A EXPERIÊNCIA DOS CRENTES ANÍMICOS 127

2.1 A VIDA DOS CRENTES ANÍMICOS

2.2 AS OBRAS DOS CRENTES ANÍMICOS

3. OS PERIGOS DA VIDA ANÍMICA 137

3.1 AS MANIFESTAÇÕES DA VIDA DA ALMA

3.2 A LOUCURA DOS CRENTES

3.3 OS PERIGOS DE SER ANÍMICO

4. A CRUZ E A ALMA 145

4.1 AS MANIFESTAÇÕES DA VIDA DA ALMA

4.2 A LOUCURA DOS CRENTES

4.3 OS PERIGOS DE SER ANÍMICO

5. OS CRENTES ESPIRITUAIS E A ALMA 155

5.1 A DIVISÃO DE ESPÍRITO E ALMA

5.2 A PRÁTICA

5.3 APRENDER A RECONHECER A OBRA DO ESPÍRITO E SEGUI-LA.

5.4 A ALMA SOB O CONTROLE DO ESPÍRITO

QUARTA PARTE: O CORPO

1. O CORPO DO CRENTE 167

1.1 O ESPÍRITO SANTO E O CORPO

1.2 PARA GLORIFICAR A DEUS

2. AS DOENÇAS 180

2.1 AS DOENÇAS E O PECADO

2.2 A DISCIPLINA DE DEUS

2.3 A DOENÇA E O EGO

2.4 O REMÉDIO

2.5 É MELHOR SER CURADO

2.6 A RELAÇÃO ENTRE AS DOENÇAS E O PECADO

2.7 A OBRA DO SENHOR E A DOENÇA

2.8 A ATITUDE DO CRENTE PARA COM A DOENÇA

2.9 A DISCIPLINA DE DEUS E A DOENÇA

2.10 O MODO DE BUSCAR A CURA

3. DEUS, A VIDA DO CORPO 207

3.1 AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS DE DEUS DO PASSADO

3.2 A EXPERIÊNCIA DE PAULO

3.3 O PODER NATURAL E O PODER DE JESUS

3.4 A BÊNÇÃO DESSA VIDA

4. VENCENDO A MORTE 219

4.1 SÓ MORRER DEPOIS DE TERMINADA NOSSA OBRA

4.2 NÃO TER MEDO DA MORTE

4.3 SER ARREBATADOS VIVOS

4.4 O PECADO MORTAL

4.5 OS ENSINAMENTOS DE PROVÉRBIOS

4.6 OS PODERES DO MUNDO VINDOURO

QUINTA PARTE: O ESPÍRITO

1. O ESPÍRITO SANTO E O ESPÍRITO DO CRENTE 235

1.1 A REGENERAÇÃO DO HOMEM

1.2 O ESPÍRITO SANTO E O ESPÍRITO DO HOMEM

1.3 O ESPÍRITO SANTO E A REGENERAÇÃO

2. UM HOMEM ESPIRITUAL 247

2.1 A DIVISÃO DO ESPÍRITO E ALMA

2.2 UNIDO AO SENHOR EM UM ESPÍRITO

2.3 CONHECENDO A HABITAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

2.4 O FORTALECIMENTO DO ESPÍRITO SANTO

2.5 ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO

3. A OBRA ESPIRITUAL 253

3.1 PODER ESPIRITUAL

3.2 O INÍCIO DA OBRA ESPIRITUAL

3.3 O ALVO DA OBRA ESPIRITUAL

3.4 A INTERRUPÇÃO DA OBRA ESPIRITUAL

4. ORAÇÃO E BATALHA 265

4.1 BATALHA ESPIRITUAL

4.2 ALGO DO QUE SE GUARDAR NA BATALHA ESPIRITUAL

SEXTA PARTE: UMA ANÁLISE DO ESPÍRITO

1. INTUIÇÃO 277

1.1 AS FUNÇÕES DO ESPÍRITO

1.2 INTUIÇÃO

1.3 A UNÇÃO DE DEUS

1.4 DISCERNIMENTO

1.5 LIDANDO COM AS PESSOAS

1.6 REVELAÇÃO

1.7 VIDA ETERNA

1.8 O MODO DE DEUS GUIAR

2. COMUNHÃO 290

2.1 O CORAÇÃO DO HOMEM

2.2 O ESPÍRITO SANTO

2.3 O ESPÍRITO DO HOMEM

2.4 O QUE É DA ALMA* E O ESPIRITUAL

2.5 O ESPIRITUAL E O CARNAL

2.6 O ESPÍRITO DE SABEDORIA E REVELAÇÃO

2.7 ENTENDIMENTO ESPIRITUAL

3. CONSCIÊNCIA 304

3.1 CONSCIÊNCIA E SALVAÇÃO

3.2 CONSCIÊNCIA E COMUNHÃO

3.3 A CONSCIÊNCIA DO CRENTE

3.4 UMA BOA CONSCIÊNCIA

3.4 CONSCIÊNCIA E CONHECIMENTO

3.6 UMA CONSCIÊNCIA FRACA

SÉTIMA PARTE: ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO

1. OS PERIGOS DA VIDA ESPIRITUAL 321

1.1 OS ATAQUES DE SATANÁS

1.2 A ACUSAÇÃO DE SATANÁS

1.3 PERIGOS ADICIONAIS

2. AS LEIS DO ESPÍRITO 332

2.1 OS PESOS DO ESPÍRITO

2.2 O BLOQUEIO DO ESPÍRITO

2.3 O ENVENENAMENTO DO ESPÍRITO

2.4 A SUBMERSÃO DO ESPÍRITO

2.4 OS ENCARGOS DO ESPÍRITO

2.6 A MARÉ BAIXA DO ESPÍRITO

2.7 A IRRESPONSABILIDADE DO ESPÍRITO

2.8 AS CONDIÇÕES DO ESPÍRITO

3. O PRINCÍPIO DA MENTE AUXILIANDO O ESPÍRITO 346

3.1 BATALHA ESPIRITUAL

3.2 ARREBATAMENTO

3.3 PREGAÇÃO

3.4 INTERCESSÃO

3.5 CONHECENDO A VONTADE DE DEUS

3.6 O PRINCÍPIO QUE GOVERNA A ATIVIDADE DO ESPÍRITO

3.7 A CONDIÇÃO DA MENTE

4. A NORMALIDADE DO ESPÍRITO 353

4.1 ESPÍRITO CONTRITO

4.2 ESPÍRITO QUEBRANTADO

4.3 ESPÍRITO AFLITO

4.4 ESPÍRITO HUMILDE

4.5 ESPÍRITO POBRE

4.6 ESPÍRITO DE MANSIDÃO

4.7 ESPÍRITO FERVOROSO

4.8 ESPÍRITO SERENO

4.9 ESPÍRITO ALEGRE

4.10 ESPÍRITO DE PODER

4.11 ESPÍRITO TRANQUILO

4.12 NOVIDADE DE ESPÍRITO

4.13 ESPÍRITO SANTO

4.14 ESPÍRITO FORTE

4.15 ESPÍRITO DE UNIDADE

4.16 ESPÍRITO CHEIO DE GRAÇA

4.17 ESPÍRITO DE ARREBATAMENTO

OITAVA PARTE: ANÁLISE DA ALMA - EMOÇÃO

1. O CRENTE E A EMOÇÃO 366

1.1 A FUNÇÃO DA EMOÇÃO

1.2 A VIDA EMOCIONAL DO CRENTE

1.3 INSPIRAÇÃO E EMOÇÃO

1.4 EMOÇÃO E OBRA

1.5 O USO CORRETO DA EMOÇÃO

2. AFEIÇÃO 375

2.1 AMANDO O SENHOR COM A ALMA**

2.2 PROTEJA-SE CONTRA UMA COISA

3. DESEJO 383

3.1 OS DESEJOS NATURAIS DO CRENTE

3.2 O ALVO DE DEUS

4. UMA VIDA DE SENTIMENTO 392

4.1 A EXPERIÊNCIA DO CRENTE

4.2 O SIGNIFICADO DESTA EXPERIÊNCIA

4.3 OS ALVOS DE DEUS

4.4 O PERIGO DESTA VIDA

5. A VIDA DE FÉ 403

5.1 A OBRA MAIS PROFUNDA DA CRUZ

5.2 SEGUNDO O ESPÍRITO

5.3 A VIDA DA VONTADE

5.4 O DEVER DO HOMEM

5.5 NA OBRA DE DEUS

5.6 NA LUTA CONTRA O INIMIGO

5.7 DESCANSO

NONA PARTE: A ANÁLISE DA ALMA-A MENTE

1. A MENTE: UM CAMPO DE BATALHA 416

1.1 ANTES DA REGENERAÇÃO

1.2 DEPOIS DA REGENERAÇÃO

1.3 A MENTE SOB O ATAQUE DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

1.4 PASSIVIDADE

2. FENÔMENOS DE UMA MENTE PASSIVA 439

2.1 PENSAMENTOS REPENTINOS

2.2 IMAGENS

2.3 SONHOS

2.4 INSÔNIA

2.5 FALTA DE CONCENTRAÇÃO

2.6 ESQUECIMENTO

2.7 INATIVIDADE

2.8 INCONSTÂNCIA

2.9 TAGARELICE

2.10 O SINTOMA DOS OLHOS

2.11 FINALMENTE

3. O CAMINHO DA LIBERTAÇÃO 448

3.1 OS ARDIS DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

3.2 RECUPERANDO O TERRENO PERDIDO

3.3 A MENTE RENOVADA

3.4 REJEITAR AS MENTIRAS

3.5 RECONHECER A NORMALIDADE

3.6 VENCER A PASSIVIDADE

3.7 LIBERDADE E RENOVAÇÃO

4. AS LEIS DA MENTE 449

4.1 A MENTE TRABALHA COM O ESPÍRITO

4.2 A MENTE, O ESPÍRITO E A MENTE ESPIRITUAL

4.3 A MENTE ABERTA

4.4 A MENTE CONTROLADA

4.5 A MENTE CHEIA DA PALAVRA DE DEUS

4.6 CLAMAR POR UMA MENTE PURIFICADA

DÉCIMA PARTE: A ANÁLISE DA ALMA-A VONTADE

1. A VONTADE DO CRENTE 457

1.1 O LIVRE-ARBÍTRIO

1.2 A QUEDA DO HOMEM E A SALVAÇÃO

1.3 UMA VONTADE SUBMISSA

1.4 A MÃO DE DEUS

1.5 DUAS OPERAÇÕES

1.6 O CAMINHO PARA A VITÓRIA

2. A PASSIVIDADE E SEUS PERIGOS 466

2.1 A LEI DE CAUSA E EFEITO

2.2 PASSIVIDADE

2.3 A INSENSATEZ DO CRENTE

2.4 OS PERIGOS

3. O ERRO DO CRENTE 473

3.1 UMA NOÇÃO ERRADA A RESPEITO DO ESTAR MORTO JUNTAMENTE COM CRISTO

3.2 A OPERAÇÃO DE DEUS

3.3 A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

3.4 VIDA ESPIRITUAL

3.5 OBEDECENDO A DEUS

3.6 SOFRIMENTOS E FRAQUEZAS

3.7 O PONTO VITAL

4. COMO OBTER LIBERTAÇÃO 484

4.1 O CONHECIMENTO DA VERDADE

4.2 O CONHECIMENTO DO TERRENO

4.3 A RECONQUISTA DO TERRENO

4.4 A ORIENTAÇÃO CERTA

4.5 DOMÍNIO PRÓPRIO

ÚLTIMA PARTE: O CORPO

1. O CORPO DO CRENTE 496

1.1 O ESPÍRITO SANTO E O CORPO

1.2 PARA GLORIFICAR A DEUS

2. AS DOENÇAS 507

2.1 AS DOENÇAS E O PECADO

2.2 A DISCIPLINA DE DEUS

2.3 A DOENÇA E O EGO

2.4 O REMÉDIO

2.5 É MELHOR SER CURADO

2.6 A RELAÇÃO ENTRE AS DOENÇAS E O PECADO

2.7 A OBRA DO SENHOR E A DOENÇA

2.8 A ATITUDE DO CRENTE PARA COM A DOENÇA

2.9 A DISCIPLINA DE DEUS E A DOENÇA

2.10 O MODO DE BUSCAR A CURA

3. DEUS, A VIDA DO CORPO 530

3.1 AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS DE DEUS

3.2 DO PASSADO

3.3 A EXPERIÊNCIA DE PAULO

3.4 O PODER NATURAL E O PODER DE JESUS

3.5 A BÊNÇÃO DESSA VIDA

4. VENCENDO A MORTE 541

4.1 SÓ MORRER DEPOIS DE TERMINADA NOSSA OBRA

4.2 NÃO TER MEDO DA MORTE

4.3 SER ARREBATADOS VIVOS

4.4 O PECADO MORTAL

4.5 OS ENSINAMENTOS DE PROVÉRBIOS

4.6 OS PODERES DO MUNDO VINDOURO

PRIMEIRO PRÓLOGO

Dou graças de todo coração ao Senhor, ao qual sirvo, porque me deu o privilégio de poder escrever este livro. Sempre tinha esperado que alguém mais capacitado que eu se encarregaria de fazê-lo, mas o Senhor se agradou em me chamar para que o fizesse. Se a escolha houvesse dependido de mim, teria sido o último a escrevê-lo, porque tenho muito poucos desejos de escrever um livro assim. Minha vacilação não depende de que fuja de fazer meu dever, mas sim do fato de que um livro como este, que trata do caminho da vida espiritual e da estratégia da guerra espiritual, sem dúvida alguma está acima das possibilidades de uma pessoa que tem menos de 10 anos de experiência de vida no Senhor.

Já sabemos que a Bíblia permite a um crente que testemunhe sua experiência, e o Espírito Santo inclusive o guia a fazê-lo. Quão melhor é, no entanto, se tais experiências como o «ser levado ao terceiro céu» são contadas «quatorze anos depois»! Bem, eu não tenho nenhuma experiência do «terceiro céu», nem tampouco recebi nenhuma grande revelação, mas por Sua graça aprendi a seguir ao Senhor nas pequenas coisas. Assim, minha intenção nesta obra só é comunicar aos filhos de Deus o que recebi do Senhor durante estes anos.

Faz uns quatro anos que me senti chamado a escrever um livro semelhante.

Naquele momento estava descansando, recuperando forças, em uma pequena cabana junto ao rio, orando e lendo a Palavra. Senti a urgente necessidade de um livro — apoiado na Palavra e na experiência — que desse aos filhos de Deus uma clara compreensão da vida espiritual, a fim de que o Espírito Santo pudesse usá-lo para guiar os santos em seu avanço e para os libertar de ter que andar apalpando na escuridão.

Foi então que vi que o Senhor me tinha designado para realizar esta tarefa.

Comecei a compor os capítulos que tratam da diferenciação do espírito, da alma e do corpo, um capítulo sobre o corpo, e também a primeira parte do capítulo que fala da vida da alma. Mas logo deixei de escrever. Havia muitas outras coisas para fazer além desta. Entretanto, este não era o principal obstáculo, porque ainda podia encontrar oportunidades de escrever. A principal razão foi que naquele tempo eu não havia comprovado totalmente em minha experiência pessoal muitas das verdades sobre o tema que desejava escrever. Eu sabia que isto reduziria o valor e também a força do livro. Preferi aprender mais no Senhor e provar suas verdades através de minha experiência. Deste modo o que escreveria seriam realidades espirituais em lugar de meras teorias espirituais. Assim, suspendi o trabalho durante três anos.

Posso afirmar que durante estes três anos, tive o livro em meu coração diariamente. Embora alguns, possivelmente, considerassem que este livro deveria ter sido publicado faz tempo, eu podia ver claramente a mão do Senhor. Nestes anos, as verdades

contidas neste livro, especialmente as que estão no último volume, livraram muitos do poder das trevas, demonstrando que havíamos tocado a realidade espiritual.

Pela graça extraordinária do Senhor pude compreender mais sobre o propósito da redenção de Deus ao separar a criação nova e a velha. Louvo ao Senhor por isso. O Senhor também me deu a oportunidade de conhecer muitos de seus eleitos mais extraordinários durante minhas viagens. Isto aumentou minha observação, meu conhecimento e minha experiência. Em meus contatos com as pessoas, o Senhor não só me mostrou aquilo de que carecem seriamente seus filhos, mas também qual é o remédio revelado em sua Palavra. Assim, permitam dizer a meus leitores que este é um manual sobre a vida espiritual e que se pode provar cada um de seus pontos pela experiência.

Devido à minha particular experiência no corpo físico durante os últimos anos, foi-me concedido saber mais da realidade da eternidade e também da grande dívida que tenho com a igreja de Deus. Portanto, esperei poder terminar este livro em pouco tempo. Graças a Deus Pai e a alguns de meus amigos no Senhor tive um lugar tranqüilo para descansar e escrever. Em poucos meses tinha terminado da Primeira até a Quarta parte.

Embora ainda não tenha começado as outras partes, estou certo que Deus Pai me proverá da graça necessária no momento oportuno.

Agora que este volume será publicado em breve e que logo lhe seguirão os outros volumes, me permitam que lhes fale com franqueza: aprender as verdades deste livro não foi fácil, e escrever foi ainda mais difícil. Posso dizer que durante dois meses vivi diariamente entre as garras de Satanás. Que luta! Que oposição! Convoquei todas as forças de meu espírito, de minha alma e de meu corpo para lutar contra o inferno.

Agora se suspenderam temporariamente as batalhas, mas ainda terei que escrever mais partes.

Vocês que são Moisés na montanha, por favor, não se esqueçam de Josué no vale.

Sei que o inimigo odeia profundamente esta obra. Tentará por todos os meios impedir que chegue às mãos das pessoas e os impedirá que a leiam. Oh, não permitam que o inimigo saia vencedor!

Este livro, que terá três volumes, não será escrito em forma de sermão ou de exposição.

Há grandes diferenças de tratamento dos diferentes temas, e os leitores devem perceber isso. Embora todos os volumes tratem da vida e da guerra espirituais, algumas seções possivelmente tratam com mais insistência da vida espiritual, enquanto que outras o fazem na guerra espiritual. O livro, em conjunto, é preparado para servir como guia; daí que sua ênfase esteja principalmente em como andar por este caminho, mais do que em persuadir às pessoas para que o siga. Será escrito mais para ajudar os que procuram saber como andar no caminho espiritual, do que para

persuadir às pessoas que procuram conhecer o caminho. Que possam achar ajuda em suas páginas todos os que têm o coração disposto para o Senhor.

Percebo perfeitamente que a vida espiritual dos leitores pode variar tremendamente. Por isso, se se depararem com pontos difíceis de compreender, lhes rogo que nem os rejeitem nem tentem entendê-los mentalmente. Essas verdades devem ser reservadas para uma vida mais amadurecida. Mais adiante (por exemplo, duas semanas ou um mês), ao reler essa parte difícil, possivelmente a compreenderão melhor. Apesar de tudo, este livro trata totalmente da vida espiritual como experiência.

Não se pode compreender de nenhuma outra forma. Verão isso quando chegarem a essa etapa. Mas é mesmo preciso esperar até chegar a essa etapa? Em caso de ser assim, que utilidade tem um livro? A experiência espiritual de um crente está rodeada de um grande mistério. O Senhor sempre lhe dá uma amostra do que é uma vida mais profunda, antes de guiá-lo a uma experiência plena. Muitos crentes confundem a amostra com o total e não se dão conta de que o Senhor apenas começa a guiá-los para a plenitude. O ensino deste livro satisfará a necessidade dos que provaram a amostra, mas que ainda não absorveram o completo.

Há uma coisa que devemos evitar: Não usemos jamais o conhecimento que tiremos deste livro para nos analisar. Se à luz de Deus vemos luz, nos conheceremos sem perder nossa liberdade no Senhor. Mas se passarmos o dia nos analisando, dissecando nossos pensamentos e sentimentos, isto nos impedirá de aprofundar em Cristo. A menos que o crente seja ensinado profundamente pelo Senhor, não pode conhecer-se. A introspecção e o ser conscientes de nós mesmos são prejudiciais para a vida espiritual.

Seria bom refletir sobre o plano redentor de Deus. O propósito de Deus é que, por meio da nova vida que nos dá ao nos regenerar, Ele possa nos libertar de:

1) o pecado,

2) o natural, e

3) o sobrenatural, ou seja, o poder satânico do mal no reino invisível.

São necessários estes três passos de libertação; não podemos omitir nenhum deles. Se um cristão limitar a obra redentora de Deus por se contentar em simplesmente vencer o pecado, ficará longe do propósito de Deus. Terá que vencer a vida natural (o eu) e também terá que vencer o inimigo sobrenatural. É obvio, é bom vencer o pecado, mas a obra não será completa se ficarem sem conquistar o eu natural e o mal sobrenatural. A cruz pode nos conseguir esta vitória. Espero que pela graça de Deus possa pôr ênfase sobre estes pontos no momento oportuno.

Exceto a última parte do volume final, que falará do corpo, pode-se considerar que este livro é psicologia bíblica. O baseamos todo na Bíblia e o demonstramos com a experiência espiritual. O resultado de nossos achados, tanto no estudo da Palavra

como na experiência, diz-nos que, com cada experiência espiritual (por exemplo, o novo nascimento), realiza-se uma mudança especial em nosso homem interior. Chegamos à conclusão de que a Bíblia divide o homem em três partes: o espírito, a alma e o corpo.

Mais adiante veremos quão diferentes são as funções e a esfera/território destas três partes, em especial as do espírito e da alma. Com referência a isto, tenho que dizer umas palavras sobre a Primeira parte deste primeiro volume. A diferenciação do espírito e da alma, assim como a diferença em suas funções, são um conhecimento necessário para os que tentam crescer na vida espiritual. Só depois de saber o que é o espírito e o que é espiritual se poderá andar no espírito. Devido à grande falta destes ensinos procurei explicá-los detalhadamente. Aos crentes com certo preparo, esta Primeira parte não lhes será difícil de entender, mas os que não estão familiarizados com estudos semelhantes, somente têm que lembrar das conclusões e com isso podem prosseguir para a Segunda parte. A Primeira parte, pois, não trata especificamente da vida espiritual, só nos proporciona uns conhecimentos básicos necessários para a vida espiritual. Esta parte poderá ser melhor entendida se a reler após ter completado a leitura de todo o livro.

Não sou o primeiro a defender o ensino da divisão entre espírito e alma. Em uma ocasião, Andrew Murray disse que o que as Igrejas e as pessoas tinham de ter pânico é da atividade excessiva da alma, com seu poder sobre a mente e a vontade.

F. B. Meyer afirmou que, se não tivesse conhecido a divisão do espírito e a alma, não poderia imaginar como teria sido sua vida espiritual. Muitos outros, como Otto Stockmayer, Jessie Penn-Lewis, Evan Roberts, Madame Guyon, deram o mesmo testemunho.

Utilizei livremente seus escritos, visto que todos recebemos a mesma ordem do Senhor; assim, decidi não assinalar suas muitas citações.*

Este livro não só está escrito para os crentes como tais, mas também para ajudar aos que são mais jovens que eu no serviço do Senhor. Nós que somos responsáveis pela vida espiritual de outros, deveríamos saber do que e a que os guiamos: de onde e para onde. Se nós ajudarmos às pessoas, negativamente para que não pequem e positivamente para que sejam zelosos, será isso tudo o que o Senhor quer que façamos? Ou possivelmente há algo mais profundo? Pessoalmente creio que a Bíblia o diz categoricamente. O propósito de Deus é que seus filhos têm que livrar-se por completo da velha criatura e que têm que passar por completo à nova criatura. Não importa o que a velha criatura possa parecer ao homem, está totalmente condenada por Deus. Se nós, obreiros, sabemos o que tem que ser destruído e o que tem que ser construído, então não somos como cegos que guiam a outros cegos.

O novo nascimento — receber a própria vida de Deus — é o ponto de partida de toda vida espiritual.

---

* Serão acrescentadas as entrevistas onde se possam encontrar. (N. do tradutor.)

Que inútil é, se o resultado final de toda nossa exortação, persuasão, argumentação, explicação e estudo, é unicamente produzir certo entendimento na mente, certa determinação na vontade e certo sentimento na emoção! Isto não serve às pessoas para receber a vida de Deus em seu espírito.

Mas, se nós, que somos responsáveis por pregar o evangelho, compreendemos de verdade que se as pessoas não receberem a vida de Deus nas profundezas de seu ser, não teremos feito nada proveitoso, então, que transformação tão radical haverá em nossa obra! É obvio que este conhecimento nos levará a ver que muitos que professam acreditar no Senhor Jesus nunca o fizeram realmente. Lágrimas, penitência, transformação, zelo e trabalho; estas não são as marcas essenciais do cristão. Bem-aventurados somos se sabemos que nossa responsabilidade é levar a homem a receber a vida incriada de Deus.

Quando recordo como o inimigo tentou me impedir de aprender as verdades escritas no último volume, não posso evitar ter medo de que alguns, embora tenham o livro, Satanás possa impedi-los de lê-lo. Ou, se o lerem, fará que logo o esqueçam.

Assim, me permitam advertir meus leitores: deveriam pedir a Deus que não deixe que Satanás os impeça de lê-lo. Orem enquanto lêem. Convertam em oração o que lerem. Orem para que Deus os cubra com o capacete da salvação, para que não se esqueçam do que lêem nem que simplesmente lhes encham a cabeça de inumeráveis teorias.

Umas breves palavras para os que já possuem as verdades contidas nas páginas seguintes. Se Deus, em sua misericórdia, os livrou da carne e do poder das trevas, vocês, por sua parte, deveriam levar estas verdades a outros. Assim, quando tiverem assimilado totalmente o livro e tenham feito suas essas verdades, reunirão a uns quantos santos e lhes ensinarão as verdades. Se for excessivo usar todo o livro, então poderiam aproveitar uma ou duas partes. Minha esperança é que estas verdades não permaneçam ignoradas. Inclusive seria proveitoso presentear o livro a outros para que o leiam.

Agora que este pequeno tratado está nas mãos do Senhor, se for de Seu agrado, que o abençoe para crescimento espiritual e vitória espiritual em mim, assim como em muitos de meus irmãos e irmãs. Que se faça a vontade de Deus. Que Seu inimigo seja derrotado. Que nosso Senhor Jesus volte logo para reinar. Amém.

Shanghai, 4 de junho de 1 927

Watchman Nee

SEGUNDO PRÓLOGO

Estou muito contente porque terminei a última parte do livro. Recordo que quando escrevi o primeiro prólogo tinha completado só as quatro primeiras partes. Tendo já feitas estas seis últimas, vejo que ainda tenho muito que compartilhar com meus leitores. Daí este segundo prólogo.

Passaram muitos meses desde que comecei a escrever esta parte final do livro. Posso dizer,sem medo de mentir, que levei a carga desta obra dia após dia. É natural que o inimigo odeie a propagação da verdade de Deus. Em conseqüência, me tem atacado e assaltado sem cessar. Graças a Deus que Sua graça me tem sustentado até agora. Muitas vezes pensei que era impossível continuar escrevendo devido à pressão muito forte que meu espírito tinha que suportar e que a resistência de meu corpo era muito fraca. Sim, inclusive cheguei a me desesperar da vida. No entanto, todas as vezes que me senti abatido, fortaleceu-me o Deus a quem sirvo, segundo Sua promessa e por meio das orações de muitos. Hoje terminei a tarefa e me livrei da carga. Que alívio sinto!

Hoje, reverentemente, ofereço este livro a nosso Deus. Posto que levou a cabo o que Ele começou, minha oração diante dEle é que abençoe estas páginas para que cumpram sua missão em sua igreja. Peço a Deus que abençoe a todos os leitores para que possam encontrar o caminho reto e aprendam a seguir ao Senhor totalmente. A partir de agora, meu espírito, junto com minha oração, segue o curso posterior desta obra. Que Deus a use segundo Sua perfeitíssima vontade.

Irmãos, considera-se prudente que um escritor não mostre muito entusiasmo por sua própria obra, mas agora vou ignorar este precedente. Faço-o não por ter escrito o livro, mas sim pelo depósito de verdade que há nele. Se outro o tivesse escrito, creio que me sentiria mais livre para atrair a atenção das pessoas para ele. Assim, devo lhes pedir perdão por ter que falar como se não fosse meu. Conheço a importância das verdades contidas neste livro, e pelo conhecimento que tenho da vontade de Deus, creio que vão satisfazer as urgentes necessidades desta era.

De uma coisa estou certo, por mais que esteja equivocado em outras coisas: não tinha a mínima intenção de realizar esta tarefa, e se a escrevi, foi unicamente porque o Senhor me ordenou fazê-lo. As verdades destas páginas não são minhas, Deus as deu a mim. Inclusive enquanto o escrevia, Deus me abençoou com muitas bênçãos novas.

Desejo que meus leitores entendam claramente que não têm que considerar esta obra em absoluto como um tratado sobre a teoria da vida e a campanha de guerra espirituais. Eu mesmo posso testemunhar que aprendi estas verdades através de muito sofrimento, provas e fracassos. Quase se pode dizer que cada um destes ensinamentos foram marcados com fogo. E não digo estas palavras à toa: saem do profundo do coração.

Deus sabe bem de onde procedem estas verdades.

Ao compor os volumes, não tentei agrupar os princípios similares ou relacionados entre si. Simplesmente os mencionava quando surgia a necessidade. Em consideração à sua extrema importância possivelmente tenha tocado uma ou mais verdades muitas vezes, esperando que deste modo os filhos de Deus as recordem melhor. Só por meio da repetição se reterão as verdades e só se aprenderão estudando-as.

«Assim pois a palavra do Senhor lhes será preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; regra sobre regra, regra sobre regra; um pouco aqui, um pouco ali; para que vão, e caiam para trás, e fiquem quebrantados, enlaçados, e presos. Porquanto dizeis:

Fizemos pacto com a morte, e com o Seol fizemos aliança; quando passar o flagelo trasbordante, não chegará a nós; porque fizemos da mentira o nosso refúgio, e debaixo da falsidade nos escondemos.» (Is. 28:13, 15).

Percebo que aparentemente há muitas contradições na obra, mas o leitor deve lembrar que são só aparentes, e não reais. Como este livro trata de assuntos do reino espiritual, está exposto a muitas aparentemente contradições teóricas. Freqüentemente as coisas espirituais parecem contraditórias (2Co. 4:8,9). Não obstante, todas encontram sua perfeita harmonia na experiência. Por esta razão, embora haja coisas que parecem impossíveis de compreender, lhes peço que ponham todo seu empenho em compreendê-las. Se alguém deseja fazer uma interpretação errônea, sem dúvida alguma que poderá tirar destas páginas coisas diferentes das que eu quis comunicar.

Tenho a impressão de que só um tipo de pessoa compreenderá seriamente este livro. Meu propósito srcinal era prover às necessidades de muitos crentes. Está claro que só os que tenham necessidade poderão apreciar o livro. Esses encontrarão aqui uma direção. Outros considerarão que estas verdades são ideais, ou as criticarão por achá-las inadequadas. O crente compreenderá o que está escrito aqui segundo a medida de sua necessidade. Se o crente não tiver uma necessidade pessoal, não resolverá nenhum problema com a leitura destas páginas. Isto é o que o leitor deve evitar.

Quanto mais profunda é a verdade, mais fácil é acabar teorizando. Sem a obra do Espírito Santo ninguém pode alcançar verdades profundas. Deste modo alguns tratarão estes princípios como uma espécie de ideal. Assim, tomemos cuidado de não aceitar novamente estes ensinamentos do livro na mente e nos enganar pensando que já nos tínhamos apoderado deles. Isto é muito perigoso, porque o engano que vem da carne e do espírito maligno irá crescer dia a dia.

O leitor também deve vigiar para não usar o conhecimento que obtenha destas páginas para criticar outros. É muito fácil dizer que isto é do espírito e que aquilo é da carne, mas por acaso não sabemos que nós mesmos não somos nenhuma exceção?

Recebemos a verdade para libertar as pessoas, não para encontrar defeitos. Ao criticar, convencemos a nós mesmos que somos menos anímicos ou carnais que os que criticamos. O perigo é muito sério, e em conseqüência devemos ser muito prudentes.

Em meu primeiro prólogo mencionei um assunto que merece ser repetido e ampliado aqui. É da maior importância que jamais tentemos nos analisar. Ao ler um tratado

como este, sem nos apercebermos, podemos estar fazendo ativamente auto-análise. Ao observar o estado de nossa vida interior, tendemos a analisar em excesso nossos pensamentos e sentimentos e os movimentos do homem interior.

Isso pode resultar em muito progresso aparente, embora na realidade só consegue que o tratamento da vida interior seja muito mais difícil. Se persistimos em nos analisar, perderemos nossa paz por completo, porque de repente descobrimos a discrepância existente entre o que esperamos e nosso estado real.

Esperamos estar cheios de santidade, mas descobrimos que nos falta santidade. Isto nos inquieta e nos preocupa. Deus não nos pede nunca que façamos este excesso de introspecção. Fazê-lo constitui uma das principais causas do estancamento espiritual. Nosso descanso está em olhar para o Senhor, não para nós mesmos. Seremos livres de nosso eu, na medida em que olhemos para o Senhor. Descansemos na obra consumada do Senhor Jesus Cristo, não em nossa experiência cambiante. A verdadeira vida espiritual não depende de contínuos exames de sentimentos e pensamentos, mas sim de olhar para o Salvador.

Que nenhum leitor se confunda e pense que deve se opor a todo acontecimento sobrenatural. Minha intenção é simplesmente que fique bem gravada a necessidade de comprovar se algo é ou não é de Deus.

Acredito muito sinceramente que muitas experiências sobrenaturais vêm de Deus. Fui testemunha de grande número delas. Entretanto, devo reconhecer que, na atualidade, muitos fenômenos sobrenaturais são falsos e enganosos. Não tenho a mínima intenção de convencer ninguém de que rejeite todo o sobrenatural.

Simplesmente assinalo neste livro as diferenças básicas de principio entre estes dois tipo de manifestações.

Quando um crente se depara com qualquer fenômeno sobrenatural, deveria examiná-lo cuidadosamente segundo os princípios revelados na Bíblia, antes de decidir se o aceita ou o rejeita.

Quanto ao tema da alma, sinceramente creio que a maioria dos cristãos oscilam de um extremo ao outro.

Por um lado costumamos considerar que a emoção é anímica, e em conseqüência rapidamente catalogamos de anímicos aos que se emocionam ou se entusiasmam com facilidade. Por outro lado esquecemos que ser racional não faz absolutamente ninguém espiritual. Este entendimento errôneo de espiritualizar uma vida racional deve ser evitado, da mesma maneira que também terá que evitar o julgamento errôneo de confundir uma vida predominantemente emocional com espiritualidade.

E outra coisa mais: não devemos jamais reduzir a função de nossa alma a uma inatividade mortal. Antes, possivelmente, nunca tínhamos contemplado nosso

sentimento e nossa emoção anímica com um pouco de interesse e vivemos de acordo com esse fato.

Entretanto, mais adiante percebemos nosso engano e então suprimimos estas emoções por completo. Uma atitude semelhante pode parecer-nos muito boa mas não nos fará mais espirituais. Se meu leitor entender erroneamente este ponto — e pouco importa se pouco ou muito —, sei que sua vida «se secará». Por que? Porque seu espírito, sem nenhuma oportunidade de expressar-se, ficará aprisionado por uma emoção amortecida. E depois disto há outro perigo: que ao suprimir em excesso sua emoção, o crente terminará convertendo-se em um homem racional, não espiritual, e desta maneira continuará sendo anímico, embora de uma forma diferente. Entretanto, a emoção da alma, se expressa o sentimento do espírito, é muito valioso, e, por sua vez, o pensamento da alma, se revela o pensamento do espírito, pode ser muito instrutivo.

Eu gostaria de dizer algo sobre a parte final do livro. Tendo em conta a fragilidade de meu corpo, pareceria inadequado escrever sobre este assunto, mas possivelmente esta mesma fragilidade me permite uma maior penetração pois que sofro de mais fraqueza, enfermidade e dor que a maioria das pessoas.

Em incontáveis ocasiões parecia que eu ia me desanimar, mas graças a Deus pude terminar de escrever esta parte. Espero que os que tenham tido experiências similares em seu caminho terrestre aceitarão o que tenho escrito como um oferecimento da luz que consegui nas trevas em que estive andando. Obviamente, são inúmeras as controvérsias que se suscitaram por toda parte sobre a cura divina. Visto que este é um livro que trata basicamente de princípios, recuso entrar em discussão com outros crentes sobre detalhes. Tenho dito no livro o que me senti guiado a dizer. O que agora peço ao leitor é que nos fenômenos de enfermidade discirna e distingua o que é de Deus e o que é de si mesmo.

Confesso que há muitas coisas incompletas neste livro. Entretanto, pus todo meu empenho nele e lhes ofereço isso.

Conhecendo a seriedade da mensagem contida, pedi a Deus com temor e tremor que me guiasse em tudo. O que aqui tem escrito o apresento à consciência dos filhos de Deus; lhes corresponde meditar sobre o que tenho dito.

Reconheço que uma obra que tenta revelar as estratagemas do inimigo provocará, sem dúvida alguma, a hostilidade do poder das trevas e a oposição de muitos. Não tenho escrito com a ideia de procurar a aprovação dos homens. Em consequência, não me afeta esta oposição. Também compreendo que se os filhos de Deus obtêm ajuda da leitura deste livro pensarão em mim mais do que convêm. Me permitam dizer-lhes sinceramente que sou só um homem, o mais fraco dos homens. Os ensinamentos destas páginas revelam as experiências das minhas fraquezas.

Hoje o livro está nas mãos dos leitores. Isto é devido totalmente à misericórdia de Deus. Se tiverem o valor e a perseverança de ler a Primeira parte e de continuar em

seguida com as demais possivelmente Deus os abençoará com Sua verdade. Se já terminou de ler toda a obra, suplico-lhes que volte a ler daqui a um tempo.

Amados, voltemos uma vez mais nossos corações a nosso Pai, nos aconcheguemos a seu seio por fé e dEle tiremos vida. Confessemos de novo que somos pobres, mas que Ele é rico; que não temos nada, mas que Ele tem tudo. Sem sua misericórdia somos pecadores indefesos. Agradeçamos com gratidão em nossos corações porque o Senhor Jesus nos deu graça.

Pai Santo, o que me confiaste agora está aqui neste livro. Se te parecer bom, abençoa-o. Nestes últimos dias guarda a seus filhos da carne corrupta e dos espíritos malignos! Pai, edifica o Corpo de Teu Filho, destrói o inimigo de Teu Filho e apressa a vinda do Reino de Teu Filho! Deus Pai, olho para Ti, me entrego a Ti e Te desejo!

Shanghai, 25 de junho de 1928

Watchman Nee

NOTAS EXPLICATIVAS

O Sr. Watchman Nee tornou-se bastante conhecido através de muitos livros, que são a transcrição das mensagens que proferia. Alguns são resultados de conferências especiais sobre temas específicos, outros são a compilação de várias mensagens, proferidas em ocasiões diversas e agrupadas por assunto. O "Homem Espiritual", contudo, foi o único escrito de próprio punho, e o relato dessa experiência, o Sr. Nee nos dá, com riqueza de detalhes, nos dois, prefácios que se seguem. Antes que esse livro fosse impresso pela segunda vez, o Sr. Nee manifestou um sentimento contrário a isso, temendo que, pela forma de abordagem, ele se tornasse para os leitores em um mero manual de princípios e não em um guia de experiência.

O nosso desejo é que essas preciosas verdades, que o Senhor tão graciosamente permitiu que chegasse a nós, sejam recebidas com alegria e oração, pedindo que o Espírito Santo nos conduza a toda a verdade e produza em nós a tão necessária experiência.

Existem muitos outros livros que foram elaborados a partir de mensagens proferidas pelo irmão Watchman Nee. Este, porém, foi o único de tamanho substancial que ele escreveu. Observamos isso claramente na diferença de estilo. Devido a uma grave enfermidade, nosso irmão pensou que ele seria sua última contribuição à igreja. Contudo o Senhor, em sua graça infinita, decidiu reverter aquele quadro. Algum tempo após a primeira publicação do livro, alguém ouviu o Sr. Nee dizer que não se deveria fazer uma nova impressão. Por ser um tratado "perfeito" sobre o assunto, ele temia que viesse a se tornar apenas um manual de princípios em vez de ser também um guia para a experiência. Entretanto, tendo em vista a premente necessidade de orientação para os filhos de Deus no tocante à vida cristã e à batalha espiritual, e sabendo do grande desejo do nosso irmão em servir o povo de Deus com o depósito que o Senhor lhe confiou, concluímos que ele, sem dúvida, permitiria sua circulação em nosso idioma. Essa é a razão desta tradução para o português.

OBSERVAÇÃO MUITO IMPORTANTE

O srcinal em inglês apresenta dois adjetivos, SOULICAL e SOULISH, que não têm similar em português. Assim, não tivemos alternativa senão usar expressões correlatas, mas que não traduzem toda a carga conotativa do srcinal. Por essa razão, tais expressões vêm sempre acompanhadas de um (*) ou dois (**) asteriscos, que devem ser entendidos de acordo com os conceitos abaixo: (*) indica aquelas qualidades funções ou expressões próprias, legítimas e naturais da alma do homem, assim como Deus pretendeu, desde o início, que essa possuísse ou manifestasse.

(**) indica aquele homem, no seu todo, que é governado pela parte do seu ser representada pela alma, de maneira que toda a sua vida assume as características e a expressão dessa.

PRIMEIRA PARTE

INTRODUÇÃO SOBRE ESPÍRITO, ALMA E CORPO

1. ESPÍRITO, ALMA E CORPO
2. O ESPÍRITO E A ALMA
3. A QUEDA DO HOMEM
4. A SALVAÇÃO

1. ESPÍRITO, ALMA E CORPO

O conceito corrente da constituição dos seres humanos é dualista: alma e corpo. Segundo este conceito, a alma é a parte interior espiritual invisível, enquanto que o corpo é a parte corporal externa visível. Embora haja algo de certo nisto, contudo, é inexato. Esta opinião vem de homens caídos, não de Deus. Além da revelação de Deus não há nenhum conceito seguro. Que o corpo é a cobertura externa do homem é, sem dúvida alguma, correto, mas a Bíblia jamais confunde o espírito e a alma como se fossem a mesma coisa. Não só são diferentes em condições, mas também suas naturezas diferem uma de outra. A Palavra de Deus não divide o homem em duas partes de alma e corpo. Pelo contrário, trata o homem como um ser tripartido: espírito, alma e corpo. 1 Tessalonicenses 5:23, 24 diz:

> ***«E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Fiel é o que vos chama, e ele também o fará..»***

Este versículo mostra claramente que o homem está dividido em três partes. O apóstolo Paulo se refere aqui à santificação total dos crentes: «vos santifique completamente». Segundo o apóstolo, como se santifica uma pessoa por completo? Guardando seu espírito, alma e corpo.

Com isso, é fácil compreender que o conjunto da pessoa compreende estas três partes.

Este versículo também faz uma distinção entre espírito e alma, pois de outro modo Paulo teria dito simplesmente «sua alma». Posto que Deus distinguiu o espírito humano da alma humana, concluímos que o homem está composto, não de dois, mas sim de três partes: espírito, alma e corpo.

Tem alguma importância a divisão em espírito e alma? É um assunto de primordial importância porque afeta tremendamente a vida espiritual do crente. Como um crente pode compreender a vida espiritual se não conhecer o alcance do mundo espiritual? Sem compreender isto como pode crescer espiritualmente?

O fracasso em distinguir entre o espírito e a alma é fatal para a maturidade espiritual. Com freqüência os cristãos consideram espiritual o que é anímico (ou seja, da alma), e desta maneira permanecem em um estado anímico e não procuram o que é espiritual seriamente.

Como poderemos escapar do fracasso se confundirmos o que Deus dividiu?

O conhecimento espiritual é muito importante para a vida espiritual. Acrescentemos, não obstante, que para o crente é de igual importância, ou mais, ser humilde e estar disposto a aceitar o ensino do Espírito Santo. Se o for, o Espírito Santo lhe concederá a experiência de dividir espírito e alma, embora possivelmente não tenha muito conhecimento sobre esta verdade. Por um lado, o crente mais ignorante, sem o mínimo entendimento da divisão de espírito e alma, pode, entretanto, experimentar esta divisão na vida real. Por outro lado, o crente mais informado, conhecedor por

completo da verdade sobre espírito e alma, pode, entretanto, não vivê-la em sua experiência. Muito melhor é o caso da pessoa que pode ter tanto o conhecimento como a experiência.

No entanto, a maioria carece desta experiência. Em conseqüência, é bom começar por guiá-los a que conheçam as diferentes funções do espírito e da alma e em seguida animá-los a procurar o que é espiritual.

Outras partes da Bíblia fazem a mesma diferenciação entre espírito e alma.

> ***«Porque a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração.» (Hb. 4:12).***

Neste versículo, o escritor divide os elementos não corporais do homem em duas partes, «alma e espírito». Aqui se menciona a parte corporal através das juntas e das medulas — órgãos motores e sensoriais. Quando o sacerdote utiliza a faca para cortar e dividir totalmente o sacrifício, não pode ficar nada oculto. Inclusive se separam as juntas e as medulas (tutanos). Da mesma maneira o Senhor Jesus usa a Palavra de Deus sobre seu povo para separá-lo todo, para penetrar inclusive até a divisão do espiritual, o anímico e o físico. E daqui se deduz que, posto que se pode dividir a alma e o espírito, devem ser diferentes em sua natureza. Assim, é evidente aqui que o homem é um composto de três partes.

A CRIAÇÃO DO HOMEM

> ***«E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou-lhe nas narinas o fôlego da vida; e o homem tornou-se alma vivente.» (Gn. 2:7).***

Quando Deus criou o homem, no princípio o formou com o pó, e em seguida soprou «o fôlego de vida» em seu nariz. Assim que o fôlego de vida, que se converteu no espírito do homem, entrou em contato com o corpo do homem, teve srcem a alma. Daí que a alma é a combinação do corpo e do espírito do homem. Por isso a Bíblia chama o homem «uma alma vivente».

O fôlego de vida se converteu no espírito do homem, quer dizer, o princípio de vida nele. O Senhor Jesus nos diz que «é o espírito o que dá vida» (Jo. 6:63). Este fôlego de vida vem do Senhor da Criação. Entretanto, não devemos confundir o espírito do homem com o Espírito Santo de Deus. Este difere de nosso espírito humano. Romanos 8:16 explica sua diferença ao afirmar que «O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus». O srcinal da palavra «vida» em «fôlego de vida» é *chay* e está no plural. Isto pode referir-se ao fato de que o sopro realizado por Deus produziu uma vida dupla, anímica e espiritual. Quando o fôlego de Deus entrou no corpo do homem, se converteu no espírito do homem, mas quando o espírito reagiu com o corpo, se criou a alma. Isto explica a srcem de nossas vidas espiritual e anímica.

Devemos reconhecer, entretanto, que esse espírito não é a própria vida de Deus, porque «O Espírito de Deus me fez, e o sopro do Todo-Poderoso me dá vida» (Jó 33:4).

Não é a entrada no homem da vida incriada de Deus, como tampouco é a vida de Deus que recebemos na regeneração. O que recebemos no novo nascimento é a própria vida de Deus simbolizada pela árvore da vida. Mas nosso espírito humano, embora exista permanentemente, está vazio de «vida eterna».

«Formou o homem do pó da terra» se refere ao corpo do homem; «soprou em seu nariz o fôlego de vida» se refere ao espírito do homem ao vir de Deus; e «o homem se tornou uma alma vivente» se refere à alma do homem quando o corpo foi avivado pelo espírito e convertido em um homem vivo e consciente de si mesmo. Um homem completo é uma trindade: composto de espírito, alma e corpo. Segundo Gênesis 2:7, o homem foi feito de só dois elementos independentes, o corporal e o espiritual. Mas quando Deus pôs o espírito dentro da armação de terra se criou a alma. O espírito do homem, ao entrar em contato com o corpo morto, produziu a alma. O corpo separado do espírito estava morto, mas com o espírito, o homem recebeu a vida. O órgão assim vivificado foi chamado alma.

«O homem se converteu em uma alma vivente» expressa, não meramente o fato de que a combinação de espírito e corpo produziu a alma, também sugere que o espírito e o corpo foram totalmente fundidos nesta alma. Em outras palavras, a alma e o corpo se combinaram com o espírito, e o espírito e o corpo se fundiram na alma.

> ***«Adão, antes da queda, não sabia nada desta incessante luta do espírito e da carne, que são já algo cotidiano para nós. Havia uma perfeita mistura de suas três naturezas em uma, e a alma, como meio unificador, converteu-se na causa de sua individualidade, de sua existência como ser distinto»*** ***(Earth's Earliest Age, ao Pember).***

O homem foi desenhado como alma vivente porque era ali onde o espírito e o corpo se encontraram e é através dela que se conhece sua individualidade.

Possivelmente poderíamos usar uma ilustração imperfeita: joguem umas gotas de tintura em um copo de água. O tintura e a água se combinarão produzindo uma terceira substância chamada tinta. De igual maneira os dois elementos independentes do espírito e o corpo se combinam para converter-se em uma alma humana. (A analogia falha em que a alma produzida pela combinação do espírito e o corpo se converte em um elemento independente e indissolúvel como o são o espírito e o corpo.)

Deus considerou a alma humana como algo único. Como os anjos foram criados como espíritos, o homem foi criado de maneira predominante como alma vivente. O homem não só tinha um corpo, um corpo com o fôlego de vida; também se converteu em uma alma vivente. Por isso veremos mais adiante na Bíblia, que Deus freqüentemente se refere aos homens como «almas». Por que? Porque o que o homem é depende de como é sua alma. Sua alma o representa e expressa sua individualidade. É o órgão da livre vontade do homem, o órgão no qual o espírito e o corpo estão totalmente fundidos. Se a alma do homem quer obedecer a Deus, permitirá que o espírito governe o homem conforme o ordenado por Deus. A alma, se o decidir, também pode reprimir o espírito e tomar algum prazer como senhor do homem.

Pode-se ilustrar em parte esta trindade de espírito, alma e corpo com uma lâmpada elétrica. Dentro da lâmpada, que pode representar o conjunto do homem, há eletricidade, luz e arame.

O espírito é como a eletricidade, a alma é a luz e o corpo é o arame. A eletricidade é a causa da luz, enquanto que a luz é o efeito da eletricidade. O arame é a substância material para transportar a eletricidade, para manifestar a luz. A combinação do espírito e do corpo produz a alma, que é única do homem. De maneira que a eletricidade, transportada pelo arame, é expressa na luz, assim também o espírito atua sobre a alma, e a alma, por sua vez, se expressa por meio do corpo.

Entretanto, devemos lembrar bem que enquanto a alma é o ponto de encontro dos elementos de nosso ser nesta vida presente, o espírito será o poder dominante em nosso estado de ressurreição. Porque a Bíblia nos diz: «semeia-se corpo natural, ressuscita corpo espiritual. Há um corpo natural, e há um corpo espiritual» (1Co. 15:44). Entretanto, aqui há um ponto vital: nós que fomos unidos ao Senhor ressuscitado podemos conseguir inclusive agora que nosso espírito governe todo nosso ser. Não estamos unidos ao primeiro Adão, que foi feito uma alma vivente, mas sim ao último Adão, que é um espírito vivificador («ou que dá vida») (v. 45).

AS RESPECTIVAS FUNÇÕES DO ESPÍRITO, DA ALMA E DO CORPO

É por meio do corpo que o homem entra em contato com o mundo material. Daí podemos qualificar o corpo como a parte que nos faz conscientes do mundo. A alma é formada pelo intelecto, que nos ajuda no presente estado de existência, e as emoções, que procedem dos sentidos. Posto que a alma pertence ao próprio eu do homem e revela sua personalidade, é chamada a parte que tem auto consciência de si mesmo. O espírito é a parte mediante a qual nos comunicamos com Deus, e só por ela podemos perceber e adorar a Deus. Como nos fala de nossa relação com Deus, o espírito é chamado o elemento que tem consciência de Deus. Deus vive no espírito, o eu vive na alma, enquanto que os sentidos vivem no corpo.

Como já mencionamos, a alma é o ponto de encontro do espírito e do corpo, porque ali estão os dois fundidos. Mediante seu espírito o homem mantém relação com o mundo espiritual e com o Espírito de Deus, recebendo e expressando ambos o poder e a vida do mundo espiritual. O homem está em contato com o mundo externo sensorial através de seu corpo, influenciando-o e recebendo suas influências. A alma se encontra entre estes dois mundos, embora pertença a ambos. Está ligada ao mundo espiritual através do espírito, e ao mundo material através do corpo. Também possui o poder da livre vontade e por isso pode escolher entre suas influências ambientais. O espírito não pode atuar diretamente sobre o corpo. Necessita um meio, e esse meio é a alma criada pelo contato do espírito com o corpo. Assim, a alma se encontra entre o espírito e o corpo, mantendo-os unidos. O espírito pode submeter o corpo através da alma para que obedeça a Deus. Da mesma maneira o corpo, mediante a alma, pode atrair o espírito a amar ao mundo.

Destes três elementos o espírito é o mais nobre porque está unido a Deus. O corpo é o mais humilde porque está em contato com a matéria. A alma, ao estar entre eles, une-os e também toma o caráter de ambos e o faz dele. A alma torna possível que o espírito e o corpo se comuniquem e colaborem. O trabalho da alma é manter esses dois em seu lugar adequado, para que não percam sua correta relação: quer dizer, que o mais humilde, o corpo, possa estar sujeito ao espírito, e que o mais elevado, o espírito, possa governar o corpo por meio da alma. O fator fundamental do homem é, sem dúvida alguma, a alma. É dependente de que o espírito lhe dê o que recebeu do Espírito Santo e, assim, depois de ter sido aperfeiçoada, poder transmitir ao corpo o que recebeu. Então o corpo também pode compartilhar a perfeição do Espírito Santo e converter-se assim em um corpo espiritual.

O espírito é a parte mais nobre do homem e ocupa a área mais profunda de seu ser. O corpo é a mais humilde e toma o lugar mais exterior. Entre os dois vive a alma, servindo como seu meio. O corpo é a coberta externa da alma, enquanto que a alma é o pacote externo do espírito. O espírito transmite seu pensamento à alma e a alma utiliza o corpo para obedecer à ordem do espírito.

Este é o significado da alma como mediadora. Antes da queda do homem, o espírito controlava todo o ser por meio da alma.

O poder da alma é o mais importante, posto que o espírito e o corpo estão fundidos ali e a têm como sede da personalidade e influência do homem. Antes de que o homem pecasse, o poder da alma estava completamente sob o domínio do espírito. Em conseqüência, sua força era a força do espírito. O espírito não pode atuar sobre o corpo por si mesmo, só fazê-lo através e por intermédio da alma. Isto podemos ver em Lucas 1:46, 47:

«Disse então Maria: A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito exulta em Deus meu Salvador.»

> ***«Aqui a mudança do tempo verbal mostra que primeiro o espírito produziu gozo em Deus, e então, comunicando-se com a alma, fez que expressasse o sentimento por meio do órgão corporal»***
>
> ***(Earth'sEarliest Age, de Pember).***

Repito-o: a alma é a sede da personalidade. A vontade, intelecto e emoções do homem estão ali. Enquanto que o espírito é usado para comunicar com o mundo espiritual e o corpo com o natural, a alma se mantém entre ambos e utiliza seu poder para discernir e decidir se deve predominar o mundo espiritual ou o natural. Algumas vezes também a mesma alma toma o controle do homem por meio de seu intelecto, criando desta maneira um mundo de ideias que predomina. Para que o espírito governe, a alma tem que dar seu consentimento, pois de outro modo o espírito é incapaz de regular a alma e o corpo. Mas esta decisão é coisa da alma, porque nela é onde reside a personalidade do homem.

Verdadeiramente, a alma é o eixo de todo o ser, porque a vontade do homem lhe pertence. Somente quando a alma está disposta a assumir uma posição humilde, pode

o espírito dirigir todo o homem. Se a alma se nega a tomar esta posição, o espírito ficará impotente. Isto explica o significado do livre arbítrio do homem. O homem não é um autômato que se move segundo Deus queira. Ao contrário, o homem possui um total poder soberano para decidir por si mesmo. Possui o órgão de sua própria capacidade volitiva e pode escolher seguir a vontade de Deus ou opor-se a Ele e seguir a vontade de Satanás. Deus deseja que o espírito, sendo a parte mais nobre do homem, controle todo o ser. Entretanto, a vontade — a parte crucial da individualidade — pertence à alma. É a vontade que determina se deve governar o espírito, o corpo ou inclusive ela mesma. Em vista do fato de que a alma possui semelhante poder e que é o órgão da individualidade do homem, a Bíblia chama o homem «alma vivente».

O TEMPLO SANTO E O HOMEM

O apóstolo Paulo escreve:

> ***«Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque sagrado é o santuário de Deus, que sois vós.» (1Co. 3:16, 17).***

Paulo recebeu revelação para comparar o homem com o templo. Da maneira que antes Deus vivia no templo, agora o Espírito Santo vive no homem. Comparando com o templo, podemos ver como se manifestam claramente os três elementos do homem.

Sabemos que o templo está dividido em três partes. A primeira é o pátio exterior, que todos podem ver e visitar. Aqui se oferece toda a adoração externa. Mais adiante está o Lugar Santo, no qual só podem entrar os sacerdotes e onde se oferece a Deus azeite, incenso e pão. Estão muito perto de Deus, mas ainda lhes falta porque estão ainda fora do véu e, em conseqüência, não podem estar diante de sua própria presença. Deus reside no mais profundo, no Lugar Santíssimo, onde a escuridão fica eclipsada pela luz brilhante e onde nenhum homem pode entrar. Embora o Sumo Sacerdote o faça uma vez ao ano, isto indica, no entanto, que enquanto o véu não seja esmigalhado não pode haver nenhum homem no Lugar Santíssimo.

O homem também é o templo de Deus e também tem três partes. O corpo é como o pátio exterior, e ocupa uma posição externa com sua vida visível para todos. Aqui o homem deveria obedecer toda ordem de Deus. Aqui o Filho de Deus serve como substituto e morre pela humanidade. Dentro está a alma do homem, que constitui a vida interior do homem e abrange a emoção, a vontade e o pensamento. Assim é o Lugar Santo de uma pessoa regenerada, porque seu amor, vontade e pensamento estão plenamente iluminados para que possam servir a Deus como o fazia o sacerdote na antiguidade. Na parte mais interna, atrás do véu, está o Lugar Santíssimo, no qual não penetrou jamais nenhuma luz humana e que nenhum olho viu. É o «esconderijo do Altíssimo», o lugar onde vive Deus. O homem não tem entrada ali, a menos que Deus esteja disposto a rasgar o véu. É o espírito do homem. O espírito se encontra além da consciência do homem e por cima de sua sensibilidade. Aqui o homem se une e se comunica com Deus.

Não há abajur ou luz alguma no Lugar Santíssimo, porque Deus vive ali. No Lugar Santo há o candelabro de sete braços. E o pátio exterior recebe a luz do dia. Todos estes servem de imagens e sombras para uma pessoa regenerada. Seu espírito é como o Lugar Santíssimo, onde vive Deus, onde tudo se faz por fé, além da visão, sentido ou compreensão do crente. A alma se assemelha ao Lugar Santo, que está abundantemente iluminado com muitos pensamentos e preceitos racionais, muito conhecimento e compreensão sobre as coisas do mundo material e o das ideias. O corpo é comparável ao pátio exterior, claramente visível para todos. Todos podem ver as ações do corpo.

A ordem que Deus nos apresenta é inequívoca: «seu espírito e alma e corpo» (1 Ts. 5:23). Não é «alma e espírito e corpo», nem tampouco é «corpo e alma e espírito». O espírito é a parte preeminente e por isso é mencionado em primeiro lugar. O corpo é a parte mais humilde e em conseqüência é mencionado no final. E a alma está no meio e por isso é mencionada entre as outras duas.

Tendo visto agora a ordem de Deus, podemos apreciar a sabedoria da Bíblia ao comparar o homem com um templo. Podemos reconhecer a perfeita harmonia que existe, entre o templo e o homem quanto à ordem e ao valor.

O serviço do templo funciona segundo a revelação no Lugar Santíssimo. Todas as atividades do Lugar Santo e do pátio exterior estão reguladas pela presença de Deus no Lugar Santíssimo. Este é o setor mais sagrado, o lugar ao qual convergem e se apóiam as quatro esquinas do templo. Pode nos parecer que no Lugar Santíssimo não se faz nada porque está completamente às escuras. Todas as atividades se realizam no Lugar Santo, e inclusive as atividades do pátio exterior são controladas pelos sacerdotes do Lugar Santo. No entanto, todas as atividades do Lugar Santo na realidade são dirigidas pela revelação no absoluto silêncio e paz do Lugar Santíssimo.

Não é difícil perceber a aplicação espiritual disto. A alma, o órgão de nossa personalidade, compõe-se de pensamento, vontade e emoção. É como se a alma fosse o diretor de todas as ações, porque o corpo segue seu direcionamento. Antes da queda do homem, entretanto, apesar de suas muitas atividades, a alma era governada pelo espírito. E esta é a ordem que Deus quer ainda: primeiro o espírito, depois a alma, e finalmente o corpo.

2. O ESPÍRITO E A ALMA

O ESPÍRITO

É imperativo que um crente saiba que tem um espírito, posto que, como logo veremos, toda comunicação com Deus tem lugar ali. Se o crente não discernir seu próprio espírito, sempre ignorará a maneira de comunicar-se com Deus no espírito. Facilmente substitui as obras do espírito com os pensamentos e emoções da alma. Dessa maneira se auto-limita ao mundo exterior, incapaz para sempre de alcançar o mundo espiritual.

1 Coríntios 2:11 fala do espírito do homem que está «nele».

2 Coríntios 5:4 menciona «meu espírito».

Romanos 8:16 diz «nosso espírito».

1 Coríntios 14:14 utiliza «meu espírito».

1 Coríntios 14:32 fala dos «espíritos dos profetas».

Provérbios 25:28 se refere a «seu próprio espírito».

Hebreus 12:23 consigna «os espíritos dos justos».

Zacarias 12:1 afirma que «o Senhor... formou o espírito do homem dentro dele».

Estes versículos demonstram claramente que os seres humanos possuem, com efeito, um espírito humano. Este espírito não é sinônimo de nossa alma nem é tampouco o Espírito Santo.

Adoramos a Deus neste espírito.

Segundo os ensinamentos da Bíblia e a experiência dos crentes, pode-se dizer que o espírito humano compreende três partes. Ou, expresso de outro modo, se pode dizer que tem três funções principais. Estas são a consciência, a intuição e a comunhão.

A consciência é o órgão que discerne; distingue o bom e o mau. Entretanto, não o faz por meio da influência do conhecimento armazenado na mente, mas sim com um espontâneo julgamento direto. Frequentemente nosso raciocínio justifica o que nossa consciência julga. O trabalho da consciência é independente e direto, pois não se submete às opiniões do exterior. Se a obra do homem for má, a consciência levantará sua voz acusatória.

A intuição é o órgão sensitivo do espírito humano. É tão diametralmente diferente do sentido físico e do sentido anímico que é chamada intuição. A intuição suporta uma sensibilidade direta independente de qualquer influência exterior. Esse conhecimento que nos chega sem nenhuma ajuda do pensamento, da emoção ou da vontade é intuitivo. «Sabemos» por meio de nossa intuição, e nossa mente nos ajuda a «compreender». As revelações de Deus e todos os movimentos do Espírito Santo são

perceptíveis para o crente através da intuição. Em conseqüência, um crente deve levar em consideração dois elementos: a voz da consciência e o ensino da intuição.

A comunhão é a adoração a Deus. Os órgãos da alma são incompetentes para adorar a Deus. Não podemos receber Deus com nossos pensamentos, sentimentos ou intenções, porque unicamente podemos conhecê-Lo diretamente em nossos espíritos. Nossa adoração a Deus e as comunicações de Deus conosco acontecem diretamente no espírito. Têm lugar no homem interior», não na alma ou no homem exterior.

Assim, podemos concluir que estes três elementos, consciência, intuição e comunhão, estão profundamente inter-relacionados e funcionam coordenados. A relação entre consciência e intuição é que a consciência julga segundo a intuição; condenando toda conduta que não siga as diretrizes dadas pela intuição. A intuição está relacionada com a comunhão ou adoração em que Deus se dá a conhecer ao homem pela intuição e lhe revela sua vontade também por meio da intuição. Nem a expectativa nem a dedução nos dão o conhecimento de Deus.

Nos versículos seguintes, separados em três grupos, pode-se observar rapidamente que nossos espíritos possuem a função da consciência (note-se que não dissemos que o espírito é a consciência), a função da intuição (ou sentido espiritual) e a função da comunhão (ou adoração).

A) A FUNÇÃO DA CONSCIÊNCIA NO ESPÍRITO DO HOMEM

«O Senhor teu Deus lhe endurecera o espírito» (Dt. 2:30).

«Salva os contritos de espírito» (Sl. 34:18).

«Renova em mim um espírito estável» (Sl. 51:10).

«Tendo Jesus dito isto, turbou-se em espírito» (Jo. 13:21).

«Revoltava-se nele o seu espírito, vendo a cidade cheia de» (At. 17:16).

«O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus» (Rm. 8:16).

«Ainda que ausente no corpo, mas presente no espírito, já julguei, como se estivesse presente» (1Co. 5:3).

«Não tive descanso no meu espírito» (2Co. 2:13).

«Porque Deus não nos deu o espírito de covardia» (2 Tm. 1:7).

B) A FUNÇÃO DA INTUIÇÃO NO ESPÍRITO DO HOMEM

«O espírito, na verdade, está pronto» (MT. 26:41).

«Jesus logo percebeu em seu espírito» (Mc. 2:8).

«Suspirando profundamente em seu espírito» (Mc. 8:12).

«comoveu-se profundamente em espírito» (Jo. 11:33).

«Paulo estava constrangido no espírito» (At. 18:5).

«Sendo fervoroso de espírito» (At. 18:25).

«Constrangido no meu espírito, vou a Jerusalém» (At. 20:22).

«Qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que nele está?» (1Co. 2:11).

«Reconfortaram o meu espírito assim como o vosso» (1Co. 16:18).

«O seu espírito tem sido reconfortado por vós todos» (2Co. 7:13).

C) A FUNÇÃO DA COMUNHÃO NO ESPÍRITO DO HOMEM.

«Meu espírito exulta em Deus meu Salvador» (Lc. 1:47).

«Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade» (Jo. 4:23).

«A quem sirvo em meu espírito» (Rm. 1:9).

«Servirmos... em novidade de espírito» (Rm. 7:6).

«Recebestes o espírito de adoção, pelo qual clamamos: Aba, Pai!» (Rm. 8:15).

«O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito» (Rm. 8:16).

«o que se une ao Senhor é um só espírito com ele.» (1Co.6:17).

«cantarei com o espírito» (1Co. 14:15).

«Se tu bendisseres com o espírito» (1Co. 14:16).

«E levou-me em espírito» (Ap. 21:10).

Por estes versículos podemos saber que nosso espírito possui pelo menos estas três funções. Apesar dos homens não regenerados ainda não terem vida, mesmo assim possuem estas funções (mas sua adoração é dirigida a espíritos malignos). Algumas pessoas manifestam mais que estas funções, enquanto outras manifestam menos. Isto, entretanto, não implica que não estejam mortos em pecados e transgressões. O Novo Testamento não considera os possuidores de uma consciência sensível, uma grande intuição ou uma tendência ou um interesse espirituais como salvos. Estas pessoas só nos demonstram que, além do pensamento, a emoção e a vontade de nossa alma, também temos um espírito. Antes da regeneração o espírito está separado da vida de Deus. Só depois daquela viverá em nossos espíritos a vida de Deus e do Espírito Santo. E então serão vivificados para ser instrumentos do Espírito Santo.

Nossa meta ao estudar a importância do espírito é nos capacitar para compreender que, como seres humanos, possuímos um espírito independente. Este espírito não é a mente do homem, sua vontade ou sua emoção. Ao contrário, abrange as funções da consciência, da intuição e da comunhão. É no espírito onde Deus nos regenera, nos ensina e nos guia a seu repouso. Mas é triste ter que dizer que, devido aos longos anos de domínio da alma, muitos cristãos sabem muito pouco de seu espírito. Deveríamos tremer diante de Deus e lhe pedir que nos ensine através da experiência o que é espiritual e o que é anímico.

Antes que o crente nasça de novo, seu espírito fica tão submerso e envolto por sua alma que lhe é impossível distinguir se algo sai da alma ou do espírito. As funções deste se misturaram com as daquela. Além disso, o espírito perdeu sua função srcinal — sua relação com Deus — porque está morto para Deus. Poderia parecer que se converteu em um acessório da alma. E ao crescer e fortalecer o pensamento, a emoção e a vontade, as funções do espírito ficam tão eclipsadas que são quase ignoradas. É por isto que terá que fazer a obra de separação entre alma e espírito quando o crente tiver sido regenerado.

Ao investigar as Escrituras parece realmente que um espírito regenerado funciona da mesma maneira que o faz a alma. Os seguintes versículos o ilustram:

«Seu espírito estava perturbado» (Gn. 41:8).

«que é imprudente de espírito exalta a loucura» (Pv. 14:29).

«Um espírito abatido seca os ossos» (Pv. 17:22).

«Os que erram em espírito» (Is. 29:24).

«E gemerão pela angústia de espírito» (Is. 65:14).

«Seu espírito se endureceu» (Dn. 5:20).

Estes versículos nos mostram as obras do espírito não regenerado e nos indicam o quão parecidas são suas obras com as da alma. O motivo de não mencionar a alma mas sim o espírito é mostrar o que tem ocorrido no mais profundo do homem. Descobre-se de que maneira a alma do homem chegou a influenciar e a controlar completamente o seu espírito, obtendo com isto a manifestação das obras da alma. Ainda assim o espírito ainda existe, porque estas obras saem do espírito. Embora continue governado pela alma, o espírito não deixa de ser um órgão.

A ALMA

Além de possuir um espírito que lhe permite ter uma comunicação íntima com Deus, o homem também tem uma alma, a consciência de si mesmo. A operação da alma o faz ser consciente de sua existência. É a sede de nossa personalidade. Os elementos que nos fazem humanos pertencem à alma. O intelecto, os ideais, o amor, a emoção, o discernimento, a capacidade de escolher, a decisão, etc., não passam de diferentes experiências da alma.

Já foi explicado que o espírito e o corpo estão fundidos na alma, a qual, a sua vez, forma o órgão de nossa personalidade. É por isso que em algumas ocasiões a Bíblia chama ao homem «alma», como se o homem só possuísse este elemento. Por exemplo, Gênesis 12:5 fala das pessoas como «almas».

E quando Jacó levou a toda sua família ao Egito, diz que «todas as almas da casa do Jacó que entraram no Egito eram setenta» (Gn. 46:27).

No srcinal da Bíblia há numerosos casos em que se usa «alma» em lugar de «homem». Isto se deve a que a sede e a essência da personalidade é a alma.

Compreender a personalidade de um homem é compreender sua pessoa. A existência, as características e a vida de um homem se encontram todas na alma. Em conseqüência a Bíblia chama ao homem «uma alma».

O que constitui a personalidade do homem são as três faculdades principais de vontade, pensamento e emoção.

A vontade é o instrumento de nossas decisões e revela nosso poder de escolha. Expressa nosso consentimento ou nossa negativa, nosso «sim» ou nosso «não». Sem ele o homem fica reduzido a um autômato.

A mente, o instrumento de nossos pensamentos, manifesta nosso poder intelectual. É a fonte da sabedoria, do conhecimento e do raciocínio. Sua ausência faz que um homem seja tolo e inepto.

O instrumento de nossas simpatias e antipatias é a faculdade da emoção. Por meio dela podemos expressar amor ou ódio e nos sentir alegres, zangados, tristes ou felizes. Sua escassez fará o homem insensível como a madeira ou a pedra.

Um cuidadoso estudo da Bíblia nos levará à conclusão de que estas três faculdades básicas da personalidade pertencem à alma. Há muitas passagens bíblicas, e não é possível citá-las todas. Daí que só podemos enumerar uma breve seleção das mesmas.

A) A FACULDADE DA VONTADE DA ALMA

«Não me entregues à vontade (srcinal, "alma") de meus adversários» (Sl. 27:12).

«Não o entregarás à vontade (srcinal, "alma") de seus inimigos» (Sl. 41:2).

«Te entreguei à vontade (srcinal, "alma") dos que te odeiam» (Ez. 16:27).

«Deixá-la-ás ir à sua vontade (srcinal, "alma")» (Dt. 21:14).

«Eia! cumpriu-se o nosso desejo! (srcinal, "alma")» (Sl. 35:25).

«Ou faz um voto para ligar-se ele mesmo (srcinal, "alma") com uma obrigação» (Nm. 30:2).

«Disponde, pois, agora vossa mente e vosso coração (srcinal, "alma") para buscardes ao Senhor vosso Deus» (1 Cr. 22:19).

«Eles desejam e elevam sua alma por voltar a viver ali» (Jr. 44:14).

«Nessas coisas a minha alma recusa tocar» (Jó 6:7).

«Minha alma escolheria antes a estrangulação, e a morte do que estes meus ossos» (Jó 7:15).

Aqui «vontade» ou «coração» assinalam à vontade humana. — Dispor o coração», «elevar sua alma», «negar-se», «preferir», são, todas, atividades da vontade e têm sua srcem na alma.

B) A FACULDADE DO INTELECTO OU A MENTE DA ALMA

«E o desejo dos seus corações, juntamente com seus filhos e suas filhas» (Ez. 24:25).

«Não é bom uma alma agir sem refletir» (Pv. 19:2).

«Até quando encherei de cuidados (siríaco, hebreu: suportar os conselhos) a minha alma?» (Sl. 13:2).

«Suas obras são maravilhosas e minha alma as conhece bem» (Sl. 139:14).

«Minha alma ainda os conserva na memória» (Lm. 3:20).

«O conhecimento será aprazível à tua alma» (Pv. 2:10).

«Guarda a verdadeira sabedoria e o bom siso; assim serão elas vida para a tua alma» (Pv. 3:21, 22).

«Sabe que é assim a sabedoria para a tua alma» (Pv. 24:14).

Aqui «conhecimento», «conselho», «elevar», «pensar», «refletir», «sabedoria» etc., existem como atividades do intelecto ou da mente do homem, as quais a Bíblia nos diz que provêm da alma.

C) A FACULDADE DA EMOÇÃO DA ALMA

1) EMOÇÕES DE AFETO

«A alma de Jônatas se uniu à alma de David, e Jônatas o amou como à sua própria alma» (1 Sm. 18:1).

«Você a quem ama minha alma» (Ct. 1:7).

«Minha alma engrandece ao Senhor» (Lc. 1:46).

«Sua vida detesta o pão, e sua alma a comida deliciosa» (Jó 33:20).

«Os que a alma do David odeia» (2 Sm. 5:8).

«Minha alma se zangou com eles» (Zc. 11:8).

«Amarás ao Senhor teu Deus... com toda tua alma» (Dt. 6:5).

«Minha alma está cansada da vida» (Jó 10:1).

«Sua alma detesta toda classe de comida» (Sl. 107:18).

2) EMOÇÕES DE DESEJO

«Por tudo o que te pedir a tua alma» (Dt. 14:26).

«O que possa dizer sua alma» (1 Sm. 20:4).

«Minha alma suspira! sim, desfalece pelos átrios do Senhor» (Sl. 84:2).

«O desejo de sua alma» (Ez. 24:21).

«Tanto te deseja minha alma, Oh Deus» (Sl. 42:1).

«Minha alma suspira por ti de noite» (Is. 26:9).

«Minha alma está contente» (Mt. 12:18).

3) EMOÇÕES DE SENTIMENTOS E SENSAÇÕES

«Além disso uma espada transpassará sua própria alma» (Lc. 2:35).

«Todo o povo estava amargurado na alma» (1 Sm. 30:6).

«Sua alma está em amargura» (2 Rs.4:27).

«Sua alma se moveu de compaixão por causa da desgraça de Israel» (Jz. 10:16).

«Quanto tempo atormentará minha alma» (Jó 19:2).

«Minha alma exultará em meu Deus» (Is. 61:10).

«Alegra a alma de seu servo» (Sl. 86:4).

«Sua alma se deprimiu em seu interior» (Sl. 107:5).

«por que estás abatida, Oh minha alma» (Sl. 42:5).

«Volta, Oh minha alma, a seu descanso» (Sl. 116:7).

«Minha alma se consome de desejo» (Sl. 119:20).

«Doçura para a alma» (Pv. 16:24).

«Deixa que tua alma se deleite na gordura» (Is. 55:2).

«A minha alma está triste até a morte» (Mt. 26:38).

«afligia todos os dias a sua alma justa» (2 Pe. 2:8).

Nestas observações sobre as diversas emoções do homem podemos descobrir que nossa alma é capaz de amar e de odiar, de desejar e de aspirar, de sentir e de perceber.

Neste breve estudo bíblico se torna evidente que a alma do homem possui a parte conhecida como vontade, a parte conhecida como mente ou intelecto e a parte conhecida como emoção.

A VIDA DA ALMA

Alguns eruditos bíblicos nos assinalam que no grego se empregam três palavras diferentes para designar «a vida»:

1) Bios

2) Psyche

3) Zoe

Todas descrevem a vida, mas comunicam significados muito diferentes.

Bios faz referência ao meio de vida ou sustento. Nosso Senhor Jesus usou esta palavra quando elogiou à mulher que atirou no tesouro do templo todo seu sustento.

Zoe é a vida mais elevada, a vida do espírito. Sempre que a Bíblia fala da vida eterna utiliza esta palavra.

Psyche se refere à vida animada do homem, a sua vida natural ou vida da alma. A Bíblia emprega este termo quando descreve a vida humana.

Observemos agora que as palavras «alma» e «vida da alma» na Bíblia são uma e a mesma no srcinal. No Antigo Testamento a palavra hebréia para «alma» — nephesh — se utiliza também para «vida da alma». Por conseguinte, o Novo Testamento usa a palavra grega psyche para «alma» e «vida da alma». Por isso sabemos que «a alma» não só é um dos três elementos do homem, mas sim também é a vida do homem, sua vida natural. Em muitos lugares da Bíblia se traduz «alma» por «vida».

«Somente que não comam a carne com sua vida, quer dizer, seu sangue» (Gn. 9:4,5).

«A vida da carne está no sangue» (Lv. 17:11).

«Morreram os que procuravam a morte do menino» (Mt. 2:20).

«É lícito no sábado salvar a vida ou tirá-la?» (Lc. 6:9).

«Os que têm exposto as suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo» (At. 15:26).

«Em nada tenho a minha vida como preciosa para mim» (At. 20:24).

«Para dar sua vida como um resgate por muitos» (Mt. 20:28).

«O bom pastor sacrifica sua vida pelas ovelhas» (Jo. 10:11,15, 17).

A palavra «vida» nestes versículos é «alma» no srcinal. Traduziu-se assim porque do contrário seria difícil compreendê-la. Verdadeiramente a alma é a mesma vida do homem.

Como já mencionamos, «a alma» é um dos três elementos do homem. «A verdade da alma» é a vida natural do homem, a que o faz existir e o vivifica. É a vida pela qual vive o homem atualmente, é o poder pelo qual o homem é o que é. Como a Bíblia aplica nephesh e psyche à alma e à vida do homem, é evidente que embora distintas não são separáveis. São distinguíveis, dado que em certos lugares psyche (por exemplo) é traduzida por «alma» ou «vida». Não se podem intercambiar as traduções. Por exemplo, «alma» e «vida» em Lucas 12:19-23 e em Marcos 3:4 são na realidade a mesma palavra no srcinal, mas as traduções com a mesma palavra em outras línguas não teria sentido. Entretanto são inseparáveis porque as duas estão completamente unidas no homem. Um homem sem alma não vive. A Bíblia nunca nos diz que um homem natural possua outra vida que não seja a da alma. A vida do homem só é a alma, que impregna o corpo.

Posto que a vida está unida ao corpo, passa a ser a vida do homem. A vida é o fenômeno da alma.

A Bíblia considerou o corpo presente do homem como um «corpo anímico» (1Co. 15:44 srcinal), porque a vida do corpo que temos agora é a da alma. assim, a vida do homem é simplesmente uma expressão da composição de suas energias mentais, emocionais e volitivas. No mundo natural a «personalidade» abrange estas diferentes partes da alma, mas nada mais. A vida da alma é a vida natural do homem.

Reconhecer que a alma é a vida do homem é um fato muito importante porque tem muito a ver com o tipo de cristãos que chegaremos a ser: espirituais ou anímicos. Isto o explicaremos mais à frente.

A ALMA E O EU DO HOMEM

Dado que vimos que a alma é a sede de nossa personalidade, o órgão da vontade e a vida natural, podemos deduzir facilmente que esta alma é também o «autêntico eu», o eu mesmo. Nosso eu é a alma. Isto também se pode demonstrar com a Bíblia. Em Números 30, a frase «atar-se» aparece dez vezes. No srcinal é «atar sua alma». Isto nos leva a compreender que a alma é nosso próprio eu. Em muitas outras passagens da Bíblia encontramos a palavra «alma» traduzida por «eu».

Por exemplo:

«Nem neles vos contaminareis» (Lv. 11:43).

«Não vos contaminareis» (Lv. 11:44).

«Por si e pela sua descendência» (Et. 9:31).

«Oh tu, que te despedaças na tua ira» (Jó 18:4).

«justificava a si mesmo» (Jó 32:2).

«Mas eles mesmos caem cativos» (Is. 46:2).

«O que todos (srcinal, "toda alma") devam comer, isso só o pode preparar você» (Êx. 12:16).

«Quem mata a alguma pessoa (srcinal, "alguma alma") sem intenção» (Nm. 35:11,15).

«Me deixem (srcinal, "deixem a minha alma") morrer a morte dos justos» (Nm. 23:10).

«Quando qualquer (srcinal, "qualquer alma") leve uma oferenda de cereais» (Lv. 2:1).

«Hei-me... tranqüilizado» (Sl. 131:2).

«Não pensem que no palácio do rei vão (srcinal, "sua alma vai") escapar» (Et. 4:13).

«O Senhor Deus jurou por Ele mesmo» (srcinal, "jurado por sua alma") (Am. 6:8).

Esses textos do Antigo Testamento nos dizem de diferentes maneiras que a alma é o próprio eu do homem.

O Novo Testamento nos transmite a mesma impressão. — «Almas», no srcinal, traduziu-se por «oito pessoas» em 1 Pedro 3:20 e como «duzentas e setenta e seis pessoas» em Atos 27:37. A frase de Romanos 2:9, traduzida como «todo ser humano que faz o mal», no srcinal é «toda alma de homem que faz o mal». Por isso, advertir à alma de um homem que faz o mal é advertir ao malvado. Em Tiago 5:20 se considera salvar uma alma como salvar a um pecador. E Lucas 12:19 fala das palavras de satisfação que o néscio rico dirigia a sua alma como se estivesse falando consigo. Assim, está claro que a Bíblia em conjunto contempla a alma do homem ou a vida da alma como o próprio homem.

Podemos encontrar uma confirmação disso nas palavras de nosso Senhor Jesus consignadas em dois diferentes Evangelhos.

Mateus 16:26 diz: «Pois que aproveita ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida (phyche)?» «Ou que dará um homem em troca de sua vida (phyche)?»

Enquanto que Lucas 9:25 o explica assim: «Pois, que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, e perder-se a si mesmo (eau-tonj)?»

Ambos os escritores do Evangelho deixam perseverança do mesmo, mas um usa «vida» (ou «alma») enquanto que o outro usa «ele mesmo». Isto significa que o Espírito Santo está utilizando Mateus para explicar o significado de «ele mesmo» em Lucas e a Lucas para explicar o significado de «vida» em Mateus. A alma ou a vida do homem no próprio homem, e vice-versa.

Este estudo nos permite deduzir que para sermos homem devemos possuir o que há na alma do homem.

Todo homem natural possui este elemento e que o contém, porque a alma é a vida comum compartilhada por todos os homens naturais. Antes da regeneração, tudo o que forma parte da vida — seja o eu, a vida, a força, o poder, a decisão, o pensamento, a opinião, o amor, o sentimento — pertence à alma. Em outras palavras, a vida da alma é a vida que um homem herda ao nascer. Tudo o que esta vida possui e tudo o que possa chegar a ser se encontra no reino da alma. Se reconhecermos claramente o que é anímico, então nos será mais fácil reconhecer mais adiante o que é espiritual. Será possível separar o espiritual do anímico.

3. A QUEDA DO HOMEM

O homem que Deus formou era notavelmente diferente de todos outros seres criados. O homem possuía um espírito similar ao dos anjos e ao mesmo tempo tinha uma alma parecida com a dos animais inferiores.

Quando Deus criou o homem, lhe deu uma liberdade total. Não fez do homem um autômato, controlado automaticamente pela vontade de Deus. Isto é evidente em Gênesis 2, quando Deus instruiu o homem srcinal sobre qual fruta podia comer e qual não. O homem que Deus criou não era uma máquina dirigida por Deus, pelo contrário, tinha uma total liberdade de escolha. Se escolhia obedecer a Deus, podia fazê-lo, e se decidia rebelar-se contra Deus, também podia fazê-lo. O homem possuía uma soberania pela qual podia exercer sua vontade ao escolher entre obedecer ou desobedecer. Este ponto é muito importante, posto que devemos ver claramente que, em nossa vida espiritual, Deus jamais nos priva de nossa liberdade. Deus não levará a termo nada sem nossa colaboração ativa. Nem Deus, nem o demônio podem fazer nada através de nós sem antes ter obtido nosso consentimento, porque a vontade do homem é livre.

Originalmente, o espírito do homem era a parte mais nobre de todo seu ser, e a alma e o corpo lhe estavam sujeitos. Em condições normais, o espírito é como um amo, a alma é como um mordomo e o corpo é como um criado. O amo encarrega assuntos ao mordomo, que, por sua vez, ordena ao criado que os execute. O amo dá ordens ao mordomo em particular. O mordomo parece ser o dono de tudo, mas, na realidade, o dono de tudo é o amo.

Por desgraça, o homem caiu, foi derrotado e pecou, e em conseqüência se tergiversículou a ordem correta do espírito, da alma e do corpo.

Deus outorgou ao homem um poder soberano e concedeu numerosos dons à alma humana. Os mais proeminentes são o pensamento e a vontade, ou o intelecto e a intenção. O propósito srcinal de Deus é que a alma humana receba e assimile a verdade e a substância da vida espiritual de Deus. Deus deu dons aos homens para que o homem pudesse receber o conhecimento e a vontade de Deus como deles. Se o espírito e a alma do homem tivessem mantido sua perfeição, sanidade e vigor, seu corpo teria sido capaz de manter-se sem mudança para sempre. Se tivesse decidido em sua vontade pegar e comer a fruta da vida, é indubitável que a própria vida de Deus teria entrado em seu espírito, teria impregnado sua alma, teria transformado todo seu homem interior e teria passado seu corpo à incorruptibilidade. Então teria estado literalmente de posse da vida eterna. Nestas circunstâncias, sua vida anímica se encheria por completo de vida espiritual e todo seu ser se teria transformado em algo espiritual. Contrariamente, se se inverter a ordem do espírito e da alma, o homem submerge nas trevas e o corpo humano não pode durar muito, mas sim logo se apodrece.

Sabemos que a alma do homem escolheu a árvore do conhecimento do bem e do mal em lugar da árvore da vida. Não obstante, não está claro que a vontade de Deus para Adão era que comesse a fruta da árvore da vida? Porque antes tinha proibido a Adão que comesse a fruta da árvore do bem e do mal e o advertiu que no dia que a comesse morreria (Gen. 2:17). Primeiro ordenou ao homem que comesse livremente de toda árvore do jardim, e propositalmente mencionou a árvore da vida no meio do jardim. Quem pode dizer que não é assim?

«A fruta do conhecimento do bem e do mal» eleva a alma humana e suprime o espírito.

Deus não proibiu o homem que comesse desta fruta simplesmente para prová-lo. O proibiu porque sabia que, comendo desta fruta, a vida da alma do homem seria tão estimulada que a vida de seu espírito ficaria submersa. Isto significa que o homem perderia o autêntico conhecimento de Deus e em conseqüência estaria morto para Ele.

A proibição de Deus mostra o amor de Deus. O conhecimento do bem e do mal neste mundo é mau em si mesmo. Este conhecimento surge do intelecto da alma do homem. Incha a vida da alma e consequentemente rebaixa a vida do espírito até o ponto em que esta perde todo conhecimento de Deus, até o ponto que fica como morto.

Um grande número de servos de Deus vêem nesta árvore da vida, Deus oferecendo vida ao mundo em seu Filho, o Senhor Jesus. Esta é a vida eterna, a natureza de Deus, sua vida incriada. Por isso temos aqui duas árvores: a que produz vida espiritual, enquanto que a outra gera vida anímica.

Em seu estado srcinal, o homem não é nem pecador nem santo e justo. Encontra-se entre os dois. Pode aceitar a vida de Deus, convertendo-se assim em um homem espiritual e participante da natureza divina, ou pode encher sua vida criada até torná-la anímica, matando assim seu espírito.

Deus deu um equilíbrio perfeito às três partes do homem. Sempre que uma das partes se desenvolve muito, as outras sofrem.

Nossa experiência espiritual será muito beneficiada se compreendermos a srcem da alma e seu princípio de vida.

Nosso espírito vem diretamente de Deus, posto que é um dom de Deus (Nm. 16:22). Nossa alma não tem esta procedência tão direta, foi produzida depois que o espírito entrou no corpo. Por isso está vinculada ao ser criado, de uma maneira característica. É a vida criada, a vida natural. O valor que tem a alma é realmente grande, se mantiver seu papel de mordomo e permitir que o espírito seja o amo. O homem pode então receber a vida de Deus e estar em conexão com o Deus da vida. Se, ao contrário, este mundo anímico se encher, conseqüentemente o espírito ficará reprimido. Todos os atos do homem ficarão limitados ao mundo natural do criado, incapaz de unir-se à vida sobrenatural e incriada de Deus. O homem srcinal sucumbiu à morte porque comeu da fruta do conhecimento do bem e do mal, desenvolvendo assim, de maneira anormal, sua vida anímica.

Satanás tentou a Eva com uma pergunta. Sabia que sua pergunta estimularia o pensamento da mulher. Se Eva tivesse estado sob o completo controle do espírito teria rechaçado estas perguntas. Ao tentar responder, utilizou sua mente, em desobediência ao espírito. É indubitável que a pergunta de Satanás estava cheia de enganos, posto que seu motivo principal era simplesmente incitar a atividade mental da Eva. Seria de se esperar que Eva corrigisse a Satanás, mas, ai!, Eva se atreveu a trocar a Palavra de Deus em sua conversa com Satanás. Em conseqüência, o inimigo se encorajou e a tentou para que comesse, sugerindo-lhe que, ao comer, se lhes abririam os olhos e seria como Deus, conhecendo o bem e o mal. «Assim, quando a mulher viu que a árvore era boa para comer e que era uma delícia para os olhos, e que a árvore era desejável para ter sabedoria, tomou de seu fruto e comeu» (Gn. 3:6). Assim foi como Eva viu o assunto. Satanás provocou primeiro seu pensamento anímico e em seguida avançou até apoderar-se de sua vontade. O resultado: Eva caiu no pecado.

Satanás sempre utiliza a necessidade física como primeiro objetivo a atacar. Simplesmente fez menção a Eva do ato de comer a fruta, um assunto totalmente físico. A seguir tentou seduzir sua alma, dando-lhe a entender que, fazendo o que lhe dizia, se lhes abririam os olhos para conhecer o bem e o mal. Embora esta busca do conhecimento fosse totalmente legítima, sua consumação levou seu espírito a uma franca rebeldia contra Deus, porque tergiversículou a proibição de Deus, lhe atribuindo um propósito mau. A tentação de Satanás alcança primeiro o corpo, em seguida a alma e finalmente o espírito.

Depois de ter sido tentada, Eva deu sua opinião. Para começar, «a árvore era boa para comer». Isto é «concupiscência da carne». A carne da Eva foi a primeira a ser estimulada. Segundo, «era uma delícia para os Isto olhos é «a concupiscência dos olhos». Agora já estavam estimulados seu corpo e sua alma. Terceiro, «a árvore era desejável para dar sabedoria. Isto é «o orgulho da vida». Este desejo revelava a vacilação entre sua emoção e sua vontade. A agitação de sua alma era já incontrolável. Já não se mantinha à margem, como um espectador, mas sim tinha sido cutucada a desejar a fruta.

Que perigosa é uma emoção humana, quando é dona das circunstâncias!

Por que Eva desejou a fruta? Não foi simplesmente pela concupiscência da carne e a concupiscência dos olhos, mas sim também por sua incontida curiosidade pela sabedoria. Na busca de sabedoria e de conhecimento, inclusive do chamado «conhecimento espiritual», com freqüência se podem incentivar as atividades da alma.

Quando uma pessoa tenta aumentar seu conhecimento praticando ginástica mental com livros, sem esperar em Deus nem pedir a direção do Espírito Santo, é evidente que sua alma se encontrará em plena oscilação. Isso esgotará sua vida espiritual. Como a queda do homem foi ocasionada pela busca de conhecimento, Deus utiliza a «insensatez da cruz» para «destruir a sabedoria dos sábios». O intelecto foi a causa principal da queda; por isso, para salvar-se, terá que acreditar na loucura da Palavra da cruz, em lugar de depender do intelecto. A árvore do conhecimento fez que o homem

caísse, e por isso Deus emprega o «madeiro da loucura» (1 P. 2:24) para salvar almas. «Se algum entre vós se julga sábio neste tempo, que se torne ignorante para poder ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é insensatez para Deus» (1Co. 3:18-20; ver também 1:18-25).

Tendo repassado cuidadosamente o relato da queda do homem, podemos ver que, ao rebelar-se contra Deus, Adão e Eva desenvolveram suas almas até o extremo de deslocar seus espíritos e submergir-se nas trevas. As partes proeminentes da alma são a mente, a vontade e a emoção do homem. A vontade é o órgão da decisão e em conseqüência o dono do homem. A mente é o órgão do pensamento, enquanto que a emoção é o do afeto. O apóstolo Paulo nos diz que «Adão não foi enganado», indicando que a mente de Adão não estava em confusão naquele dia fatídico. Quem fraquejou em sua mente foi Eva: «a mulher foi enganada e pecou» (1 Tm. 2:14). Segundo o relato de Gênesis, está escrito que «a mulher disse: «A serpente me enganou e comi» (Gn. 3:13). Mas «o homem disse: «A mulher me deu (não me enganou) a fruta da árvore e comi» (Gn. 3:12). É evidente que Adão não foi enganado. Sua mente estava limpa e sabia que a fruta era da árvore proibida. Comeu por causa de seu efeito pela mulher. Adão compreendeu que o que havia dito a serpente não era nada mais que o engano do inimigo. Das palavras do apóstolo vemos que Adão pecou deliberadamente. Amava a Eva mais que a si mesmo. Fê-la seu ídolo e por ela foi capaz de rebelar-se contra a ordem de seu Criador. Que lástima que sua emoção dominasse a sua mente! Seu efeito superou a sua razão.

Por que os homens «não acreditaram na verdade»? Porque «sentiram prazer na injustiça» (2 Ts. 2:12). Não é que a verdade não seja razoável mas sim que não a amam. Por isso quando alguém verdadeiramente vai ao Senhor, crê com o coração (não com a mente) ele é justificado» (Rm. 10:10).

Satanás levou Adão a pecar apoderando-se de sua vontade, através de sua emoção, enquanto que tentou a Eva a que pecasse dominando sua vontade pelo caminho de uma mente obscurecida. Quando a vontade e a mente e a emoção do homem foram envenenadas pela serpente e o homem seguiu a Satanás em lugar de seguir a Deus, seu espírito, que podia ter comunhão íntima com Deus, recebeu um golpe mortal. Aqui podemos ver a lei que governa a obra de Satanás. Usa as coisas da carne (comer fruta) para atrair a alma do homem para o pecado. Assim que a alma peca, o espírito fica consumido em uma escuridão absoluta. A ordem de seu método sempre é o mesmo: de fora para dentro. Se não começar pelo corpo, então começa trabalhando com a mente ou a emoção para apoderar-se da vontade do homem. No momento em que o homem cede diante de Satanás, este possui todo o ser do homem e mata o espírito!

Mas não é assim com a obra de Deus: Deus sempre trabalha de dentro para fora. Deus começa trabalhando com o espírito do homem e prossegue iluminando sua mente, estimulando sua emoção e o levando a exercer sua vontade sobre seu corpo, para cumprir a vontade de Deus.

Toda obra satânica se realiza de fora para dentro e toda obra divina se realiza de dentro para fora. Nisto podemos distinguir o que vem de Deus e o que vem de Satanás. Tudo isto nos ensina, além disso, que, uma vez que Satanás se apodera da vontade do homem, controla esse homem.

Devemos ter em mente que a alma é onde o homem expressa sua livre vontade e exerce sua autoridade. Por isso a Bíblia freqüentemente deixa claro de que é a alma a que peca. Por exemplo, Miquéias 6:7 diz «o pecado de minha alma». Ezequiel 18:4, 20 diz «a alma que peca». E nos livros Levitico e Números se menciona freqüentemente

que a alma peca. Por que? Porque é a alma que decide pecar. Nossa descrição do pecado é: «A vontade de seu consentimento na tentação.»

Pecar é coisa da vontade da alma e em conseqüência deve haver uma expiação pela alma.

> ***«Dêem oferenda ao Senhor para fazer expiação por suas almas» (Êx. 30:15).***
>
> ***«Porque a vida da carne está no sangue, e lhe dei isso sobre o altar para fazer expiação por suas almas, porque é o sangue que faz expiação pela alma» (Lv. 17:11).***
>
> ***«Para fazer expiação por nossas almas diante de Jehová» (Nm. 31:50).***

Como é a alma que peca, depreende-se que a alma é a que tem que receber expiação. E além disso a expiação deve proceder de uma alma:

> ***«Foi da vontade do Senhor esmagá-lo, fazendo-o enfermar... fará a sua alma uma oferta pelo pecado... Ele verá o fruto do trabalho da sua alma, e ficará satisfeito... derramou sua alma até a morte... e levou sobre si o pecado de muitos, e pelos transgressores intercedeu». (Is. 53:10-12).***

Ao examinar a natureza do pecado do Adão, descobrimos que, além da rebelião, também há um certo tipo de independência. Aqui não devemos perder de vista o livre-arbítrio. Por um lado a árvore da vida implica um sentido de dependência. Naquele tempo o homem não possuía a natureza de Deus, mas se tivesse participado da fruta da árvore da vida teria obtido a vida de Deus e o homem teria podido alcançar seu ápice: possuir a mesma vida de Deus. Isto é dependência. Por outro lado, a árvore do conhecimento do bem e do mal sugere independência, porque o homem procurou por meio do exercício de sua vontade, obter o conhecimento que não lhe tinha sido prometido, algo que Deus não lhe tinha concedido. Sua rebelião declarava sua independência. Rebelando-se, não tinha que depender de Deus. Além disso, sua busca do conhecimento do bem e do mal também mostrava sua independência, porque não estava satisfeito com o que Deus já lhe tinha concedido. A diferença entre o espiritual e

o anímico é clara como o cristal. O espiritual depende totalmente de Deus, está plenamente satisfeito com o que Deus dá. O anímico evita qualquer contato com Deus e ambiciona o que Deus não concedeu, em especial «o conhecimento». A independência é uma marca especial do anímico. Isto — não importa quão bom seja, inclusive quando adora a Deus — é indubitavelmente costume da alma não requerer uma confiança completa em Deus e, em troca, exige dependência da própria força. A árvore da vida não pode crescer dentro de nós junto com a árvore do conhecimento. A rebelião e a independência explicam todo pecado cometido tanto pelos pecadores como pelos santos.

O ESPÍRITO, A ALMA E O CORPO DEPOIS DA QUEDA

Adão vivia pelo fôlego de vida que se fez espírito nele. Por meio do espírito, recebia Deus, conhecia a voz de Deus e tinha comunhão íntima com Deus. Era profundamente consciente de Deus. Mas, depois da queda, seu espírito morreu.

Quando Deus falou com Adão, antes de mais nada lhe disse: «o dia em que dela comer (a fruta da árvore do bem e do mal) morrerá» (Gn. 2:17). Mesmo assim, Adão e Eva viveram centenas de anos depois de ter comido a fruta proibida. Evidentemente, isto indica que a morte que Deus tinha anunciado não era física. A morte de Adão começou em seu espírito.

O que é realmente a morte? Segundo a definição científica, a morte é «o afastamento da comunicação com o meio ambiente». A morte do espírito é o afastamento de sua comunicação com Deus.

A morte do corpo é a interrupção da comunicação entre o espírito e o corpo. Assim, quando dizemos que o espírito está morto, não implica que já não haja espírito. Só queremos dizer que o espírito perdeu sua sensibilidade para Deus e por isso está morto para Ele. A situação exata é que o espírito está incapacitado, é incapaz de ter comunhão íntima com Deus. Exemplificando: Uma pessoa muda tem boca e pulmões, mas há algo que falta em suas cordas vocais que o impede de falar. No que se refere à linguagem humana, sua boca pode ser considerada morta. De igual maneira, o espírito de Adão morreu por causa de sua desobediência a Deus. Ainda tinha seu espírito, mas estava morto para Deus porque tinha perdido seu instinto espiritual. E continua sendo assim. O pecado destruiu o profundo conhecimento intuitivo que o espírito tinha de Deus e tem feito o homem espiritualmente morto. Pode ser religioso, moral, erudito, capaz, forte e sábio, mas está morto para Deus. Inclusive pode falar de Deus, raciocinar a respeito de Deus e pregar sobre Deus, mas continua estando morto para Ele. O homem não pode ouvir ou perceber a voz do Espírito de Deus. Em conseqüência, Deus, no Novo Testamento, chama freqüentemente mortos aos que estão vivos na carne.

A morte que começou no espírito de nosso antepassado se estendeu gradualmente até alcançar seu corpo. Embora vivesse muitos anos depois de seu espírito ter morrido, mesmo assim a morte trabalhou sem cessar nele até que morreram seu espírito, sua alma e seu corpo. Seu corpo, que poderia ter sido transformado e glorificado, em vez

disso voltou para o pó. Como seu homem interior tinha caído no caos, seu homem exterior devia morrer e ser destruído. Após o que, o espírito de Adão (assim como o espírito de todos seus descendentes) caiu sob a opressão da alma, e, pouco a pouco, se fundiu com a alma e as duas partes ficaram fortemente unidas. O escritor de Hebreus afirma em 4:12 que a Palavra de Deus transpassará e separará a alma e o espírito. A separação é necessária porque o espírito e a alma se tornaram um. Enquanto estão intimamente unidos, submergem o homem em um mundo físico. Tudo se faz seguindo os ditados do intelecto ou do sentimento. O espírito perdeu seu poder e sua sensibilidade, como se estivesse totalmente adormecido. O instinto que ainda tenha para conhecer e servir a Deus está completamente paralisado. Permanece em coma, como se não existisse. É a isto que se refere Judas 19 quando diz «natural, sem espírito» (literal).* Claro está que isto não significa que o espírito humano deixe de existir, porque Números 16:22 afirma claramente que Deus é «o Deus dos espíritos de toda carne». Todo ser humano continua possuindo um espírito, embora esteja obscurecido pelo pecado e impotente para ter comunhão com Deus.

Embora este espírito esteja morto para Deus, pode permanecer tão ativo como a mente ou o corpo. Deus o considera morto, mas ainda é muito ativo em outros aspectos. Em algumas ocasiões, o espírito de um homem caído pode inclusive ser mais forte que sua alma ou seu corpo, e pode conseguir o domínio sobre todo o ser. Estas pessoas são «espirituais», da mesma maneira que a maioria das pessoas são anímicas ou físicas em sua major parte porque seus espíritos são maiores que os das outras pessoas. Estes são as bruxas e os feiticeiros. É certo que mantêm contato com o mundo espiritual, mas o fazem por meio de espíritos diabólicos, não pelo Espírito Santo. Deste modo, o espírito do homem caído se alia com Satanás e seus espíritos diabólicos. Está morto para Deus, mas certamente muito vivo para Satanás e segue aos espíritos diabólicos que trabalham nele.

Ao ceder às exigências de suas paixões e desejos carnais, a alma se converteu em escrava do corpo, de maneira que o Espírito Santo não tem oportunidades para lutar com o objetivo de recuperá-la para Deus. Por isso a Bíblia afirma: «O meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne» (Gn. 6:3). A Bíblia diz da carne que é a combinação da alma não regenerada e da vida física, embora a maioria das vezes assinale o pecado que está na carne. Uma vez que o homem está sob o domínio da carne, não tem nenhuma possibilidade de libertar-se. A alma substituiu à autoridade do espírito. Tudo se faz independentemente e segundo os ditados de sua mente. Inclusive em assuntos religiosos, na mais apaixonada busca de Deus, tudo se leva a cabo com a força e a vontade da alma do homem, carente da revelação do Espírito Santo. A alma não é simplesmente independente do espírito, mas, além disso, está sob o controle do corpo. Lhe pede que obedeça, que execute e que satisfaça os desejos carnais, as paixões e as demandas do corpo. Assim, todo filho de Adão não só

* Aqui o espírito não é o Espírito Santo mas sim o espírito humano, porque vai precedido da palavra «natural», que literalmente é «anímico». Como «anímico» corresponde ao homem, então aqui «espírito» também corresponde ao homem.

está morto em seu espírito, mas sim também é «da terra, um homem do pó» (1Co. 15:47).

Os homens caídos estão sob o domínio total da carne, atuando em resposta aos desejos de sua vida anímica e de suas paixões físicas. São incapazes de ter comunhão íntima com Deus. Às vezes desenvolvem seu intelecto, em outras ocasiões sua paixão, mas o mais freqüente é que desenvolvam tanto seu intelecto como sua paixão. Sem empecilhos, a carne controla firmemente o homem todo.

Isto é o que se expõe no Judas 18 e 19: «escarnecedores, andando segundo as suas ímpias concupiscências.. Estes são os que causam divisões; são sensuais, e não têm o Espírito.». Ser anímico é contrário a ser espiritual. O espírito, nossa parte mais nobre, a parte que pode unir-se a Deus e que deveria governar a alma e o corpo, agora está sob o domínio da alma, essa parte de nós que é mundana em seus motivos e em suas metas. O espírito foi destituído de sua posição srcinal. A condição atual do homem é anormal. Por isso é descrito como se não tivesse espírito. O resultado de ser anímico é tornar-se escarnecedor, perseguir paixões ímpias e criar divisões.

1 Coríntios 2:14 fala destas pessoas não regeneradas da seguinte maneira: «O homem natural (anímico) não recebe os dons espirituais de Deus porque para ele são loucura, e não pode compreendê-los porque se discernem espiritualmente.» Estes homens se encontram sob o controle de suas almas e com seus espíritos reprimidos contrastam totalmente com as pessoas espirituais. Podem ser portentosamente inteligentes, capazes de apresentar ideias e teorias com autoridade, mas não admitem as coisas do Espírito de Deus. Não estão capacitados para receber a revelação do Espírito Santo. Esta revelação é absolutamente diferente das ideias humanas. Os homens podem pensar que o intelecto e o raciocínio humanos são todo-poderosos, que o cérebro pode compreender todas as verdades do mundo, mas o veredicto da Palavra de Deus é: «vaidade de vaidades».

Enquanto o homem está em seu estado anímico freqüentemente percebe a insegurança desta vida e em conseqüência busca a vida eterna do mundo vindouro. Mas, se o faz, continua sem poder desvelar a Palavra de vida com seus muitos raciocínios e teorias. Quão pouco dignos de confiança são os raciocínios humanos!

Com freqüência observamos como pessoas muito inteligentes se chocam em suas diferentes opiniões. As teorias conduzem o homem facilmente ao engano. São castelos no ar que o afundam na escuridão eterna.

Quão certo é que, sem a direção do Espírito Santo, o intelecto não somente é pouco confiável, mas também é extremamente perigoso, porque freqüentemente confunde o bom e o mau. Um ligeiro descuido pode provocar, não simplesmente uma perda temporária, mas inclusive um dano eterno. A mente obscurecida do homem freqüentemente o leva à morte eterna. Se as almas não regeneradas pudessem ver isso, que bom seria!

No entanto o homem carnal pode controlar outra coisa além da alma: também pode estar sob a direção do corpo, porque a alma e o corpo estão fortemente entrelaçados. Como o corpo do pecado abunda em desejos e paixões, o homem pode cometer os pecados mais espantosos. O corpo vem do pó e por isso sua tendência natural é para a terra. A introdução do veneno da serpente no corpo do homem converte todos seus desejos legítimos em desejos carnais. Uma vez que a alma cedeu diante do corpo, ao desobedecer a Deus, encontra-se obrigada a ceder sempre. Os baixos desejos do corpo podem desse modo expressar-se através da alma. O poder do corpo se torna tão entristecedor que a alma não pode fazer outra coisa que converter-se em uma escrava obediente.

O plano de Deus para o espírito era que tivesse a preeminência, que governasse nossa alma. Mas uma vez que o homem se torna carnal, seu espírito fica escravizado à alma. A degradação aumenta quando o homem se torna «corporal» (do corpo), porque o corpo, que é mais baixo, sobe até ser o soberano.

Então o homem desceu do «controle do espírito» ao «controle da alma», e do «controle da alma» ao «controle do corpo». Cada vez se afunda mais e mais. Que lamentável é quando a carne consegue o domínio.

O pecado deu morte ao espírito: por isso a morte espiritual alcança a todos, porque todos estão mortos em pecados e transgressões. O pecado tornou a alma independente: em conseqüência a vida anímica não é mais que uma vida egoísta e obstinada. Finalmente o pecado deu plenos poderes ao corpo: por conseguinte, a natureza pecadora reina por meio do corpo.

4. A SALVAÇÃO

O JULGAMENTO DO CALVÁRIO

A morte entrou no mundo por meio da queda do homem. Aqui se faz referência à morte espiritual que separa o homem de Deus. Entrou por meio do pecado no princípio e continuou fazendo-o desde então. A morte sempre chega através do pecado. Notemos o que nos diz Romanos 5:12 sobre este assunto. Em primeiro lugar, que «o pecado entrou no mundo por meio de um homem». Adão pecou e introduziu o pecado no mundo. Segundo, que «a morte (entrou no mundo) através do pecado». A morte é o resultado invariável do pecado. E, finalmente, que como conseqüência «a morte se estendeu a todos os homens porque todos os homens pecaram». A morte não «se estendeu a» ou «passou aos homens simplesmente, mas sim literalmente «passou para todos os homens». A morte impregnou o espírito, o alma e o corpo de todos os homens. Não há nenhuma parte de um ser humano pela que não tenha passado.

Por isso é indispensável que o homem receba a vida de Deus. A salvação não pode chegar por uma reforma humana porque «a morte» é irreparável. O pecado tem que ser julgado antes de que possa haver resgate da morte para os homens. Isto é exatamente o que tem feito a salvação do Senhor Jesus.

O homem que peca deve morrer. Isto está anunciado na Bíblia. Nenhum animal nem nenhum anjo podem sofrer o castigo do pecado em lugar do homem. É a natureza do homem a que peca, por isso é o homem que deve morrer. Só o humano pode expiar pelo humano. Mas como o pecado está em sua humanidade, a morte do homem não pode expiar por seu próprio pecado. O Senhor Jesus veio e assumiu a natureza do homem, para poder ser julgado em lugar da humanidade. Não corrompida pelo pecado, sua santa natureza humana pôde deste modo expiar pela humanidade pecadora por meio da morte. Morreu como substituto, sofreu todo o castigo do pecado e ofereceu sua vida como resgate por muitos. Como conseqüência, todo aquele que crê nEle já não será julgado (Jo. 5:24).

Quando o Verbo se fez carne, levava em si toda carne. Assim como a ação de um homem, Adão, representa a ação de toda a humanidade, a obra de um homem, Cristo, representa a obra de todos. Temos que ver quão completa é a obra de Cristo antes de poder compreender o que é a redenção. Por que o pecado de um homem, Adão, é julgado como o pecado de todos os homens passados e presentes? Adão é o cabeça da humanidade da qual vieram ao mundo todos os demais homens. De uma forma similar, a obediência de um homem, Cristo, faz-se justiça de muitos, passados e presentes, posto que Cristo constitui o cabeça de uma nova humanidade, srcinada por um novo nascimento.

Hebreus 7 pode ilustrar este ponto. Para demonstrar que o sacerdócio de Melquisedeque é maior que o sacerdócio do Levi, o escritor recorda a seus leitores que uma vez Abraão ofereceu dízimo a Melquisedeque e recebeu uma bênção dele e por isso se conclui que a bênção e a oferenda do dízimo de Abraão eram de Levi. Como?

Porque ele (Levi) ainda estava nos lombos de seu antepassado (Abraão) quando Melquisedeque o conheceu» (v. 10). Sabemos que Abraão engendrou a Isaac, Isaac a Jacob e Jacob a Levi. Levi era o bisneto do Abraão. Quando Abraão ofereceu o dízimo e recebeu uma bênção, Levi ainda não tinha nascido, nem sequer seu pai nem seu avô. Não obstante, a Bíblia considera que o dízimo e a bênção são de Levi. Posto que Abraão é inferior o Melquisedeque, Levi também é de menor importância que Melquisedeque. Este fato pode ajudar-nos a compreender por que se interpreta o pecado de Adão como pecado de todos os homens e por que se considera a sentença feita sobre Cristo como sentença sobre todos. É simplesmente porque, quando Adão pecou, todos os homens estavam em seus lombos. Da mesma maneira, quando Cristo foi julgado, todos os que serão regenerados estavam presentes em Cristo. Por isso se considera a sentença de Cristo como a sentença deles, e todos os que creram em Cristo já não serão julgados.

Como a humanidade tem que ser julgada, o Filho de Deus — o homem Jesus Cristo — sofreu em seu espírito, alma e corpo sobre a cruz pelos pecados do mundo.

Examinemos primeiro seus sofrimentos físicos. O homem peca por meio de seu corpo, e neste desfruta do prazer temporário do pecado. Em conseqüência, o corpo tem que ser o destinatário do castigo. Quem pode sondar os sofrimentos físicos do Senhor Jesus na cruz? Acaso os sofrimentos de Cristo no corpo não estão claramente preditos nos textos messiânicos? «Transpassaram-me as mãos e os pés» (Sl. 22:16). O profeta Zacarias chamou a atenção sobre «o que foi transpassado» (12:10). Suas mãos, seus pés, sua testa, seu flanco, seu coração, todos foram transpassados pelos homens, transpassados pela humanidade pecadora e transpassados para a humanidade pecadora. Muitas foram suas feridas e muito lhe subiu a febre, porque com o peso de todo seu corpo pendurando na cruz sem nenhum apoio, seu sangue não podia circular livremente. Passou muita sede e por isso gritou: «A língua se me pega ao paladar.» «Como tinha sede me deram vinagre para beber» (Sl. 22:15; 69:21). As mãos têm que ser cravadas porque vão atrás do pecado. A boca tem que sofrer porque sente prazer em pecar. Os pés têm que ser transpassados porque pecam à vontade. A testa tem que ser coroada com uma coroa de espinhos porque também quer pecar. Tudo o que o corpo humano tinha que sofrer se cumpriu em Seu corpo. Desta maneira sofreu fisicamente até a morte.

Estava em sua mão livrar-se destes sofrimentos, mas voluntariamente ofereceu seu corpo para suportar todas as insondáveis provações e dores sem acovardar-se nem um momento até que soube que «tudo estava consumado» (Jo. 19:28). Só então entregou seu espírito.

Não só seu corpo; sua alma também sofreu. A alma é o órgão da própria consciência. Antes de ser crucificado, deram a Cristo vinho misturado com mirra como calmante para mitigar a dor, mas Ele o rejeitou porque não estava disposto a aceitar nenhum sedativo mas sim a estar plenamente consciente do sofrimento. As almas humanas desfrutaram plenamente do prazer dos pecados; por conseguinte, Jesus ia suportar em

sua alma a dor destes pecados. Preferiu beber a taça que Deus lhe deu do que a taça que anestesiaria sua consciência.

Que vergonhoso era o castigo da cruz! utilizava-se para executar os escravos fugidos. Um escravo não tinha propriedades nem direitos. Seu corpo pertencia a seu dono, e por conseguinte podia ser castigado com a cruz mais vergonhosa. O Senhor Jesus tomou o lugar de um escravo e foi crucificado.

Isaías o chamou «o servo», e Paulo disse que tomou a forma de um escravo. Sim, veio como um escravo para nos resgatar aos que estávamos sob a escravidão perpétua do pecado e de Satanás. Fomos escravos da paixão, do temperamento, dos costumes e do mundo. Estivemos a mercê do pecado. No entanto, Ele morreu por nossa escravidão e carregou com todo nosso opróbrio.

A Bíblia traz o relato de que os soldados ficaram a roupa do Senhor Jesus (Jo. 19:23). Estava quase nu quando o crucificaram. Esta é uma das vergonhas da cruz. O pecado nos tira nossa veste radiante e nos deixa nus. Nosso Senhor foi despido diante de Pilatos e logo depois de novo no Calvário. Como reagiu sua santa alma diante de semelhante mau trato? Acaso não era um insulto à santidade de sua personalidade e uma vergonha? Quem pode sondar seus sentimentos naquele trágico momento? Como todos os homens tinham desfrutado da glória aparente do pecado, o Salvador tinha que suportar a autêntica vergonha do pecado. «Verdadeiramente (Deus) cobriste-o de vergonha.... com que os teus inimigos, ó Senhor, têm difamado os passos do teu ungido.»; e até «suportou a cruz, desprezando a vergonha» (Sl. 89:45, 51; At. 12:2).

Ninguém poderá jamais constatar o muito que sofreu a alma do Salvador na cruz. Contemplamos frequentemente seus sofrimentos físicos, mas passamos por cima dos sentimentos de sua alma. Uma semana antes da Páscoa o ouviram dizer: «Agora a minha alma está perturbada» (Jo. 12:27). Isto assinala a cruz. No Jardim do Getsêmani o ouviram de novo dizer: «A minha alma está triste até a morte» (Mt. 26:38). Se não fosse por estas palavras quase não poderíamos pensar que sua alma tinha sofrido.

Isaías 53 menciona três vezes que sua alma foi oferecida pelo pecado, que sua alma sofreu e que derramou sua alma até a morte (vs. 10-12). Pois que Jesus suportou a maldição e a vergonha da cruz, quem crê nele já não será maldito nem envergonhado.

Seu espírito também sofreu terrivelmente. O espírito é a parte do homem que o equipa para comunicar-se intimamente com Deus. O Filho de Deus era santo, inocente, imaculado, separado do pecado. Seu espírito estava unido ao Espírito Santo em perfeita unidade. Nunca teve seu espírito um momento de perturbação nem de dúvida, porque sempre teve a presença de Deus com Ele. Jesus disse: «Não sou eu só, mas eu e o Pai que me enviou... E aquele que me enviou está comigo» (Jo. 8:16, 29). Por isso pôde orar: «Pai, graças te dou, porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves» (Jo. 11:41,42).

Enquanto pendurado na cruz — e se houve algum dia que o Filho de Deus necessitasse desesperadamente da presença de Deus deve ter sido esse dia — gritou: «meu Deus,

Meu Deus, por que me desamparaste?» (Mt. 27:46). Seu espírito estava separado de Deus. Quão intensamente sentiu a solidão, o abandono, a separação! O Filho ainda estava cedendo, o Filho ainda estava obedecendo a vontade de Deus-Pai; sem dúvida, o Filho tinha sido abandonado: não por causa dEle, mas sim por causa de outros.

O pecado afeta muito profundamente o espírito e, por conseguinte, embora o Filho de Deus fosse santo, tinha que ser separado do Pai porque levava o pecado de outros. É certo que nos incontáveis dias da eternidade «eu e o Pai somos um» (Jo. 10:30). Inclusive durante sua estada na Terra continuou sendo assim, porque sua humanidade

não podia ser uma causa de separação de Deus.
Só o pecado podia separá-los, embora esse pecado fosse de outros. Jesus sofreu esta separação espiritual por nós para que nosso espírito pudesse voltar para Deus.

Ao contemplar a morte de Lázaro, possivelmente Jesus estava pensando em sua própria morte próxima e por isso «estava profundamente comovido em espírito e preocupado» (Jo. 11:33). Ao anunciar que seria traído e que morreria na cruz estava outra vez «inquieto em espírito» (Jo. 13:21). Isto nos explica porque, quando recebeu a sentença de Deus no Calvário, gritou: «meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?» Porque: «Penso em Deus, e gemo; medito, e meu espírito se deprime» (Mt. 27:46, citando os Sl. 22:1; Sl. 77:3). Foi privado do poderoso fortalecimento do Espírito Santo em seu espírito (Ef. 3:16) porque seu espírito havia sido arrancado do Espírito de Deus. Por isso suspirou: «Como água me derramei, e todos os meus ossos se desconjuntaram; o meu coração é como cera, derreteu-se no meio das minhas entranhas. A minha força secou-se como um caco e a língua se me pega ao paladar; tu me puseste no pó da morte.» (Sl. 22:14,15).

Por um lado, o Espírito Santo de Deus o abandonou. Por outro, o espírito diabólico de Satanás o ridicularizou. Parece que o Salmo 22:11-13 se refere a esta fase: «Não te alongues de mim, pois a angústia está perto, e não há quem acuda. Muitos touros me cercam; fortes touros de Basã me rodeiam. Abrem contra mim sua boca, como um leão que despedaça e que ruge..»

Por um lado seu espírito suportou o abandono de Deus e por outro, resistiu ao escárnio do espírito diabólico. O espírito do homem se separou tanto de Deus, exaltando-se a si mesmo e seguindo o espírito diabólico, que o espírito do homem tem que ser quebrantado de tudo para que não possa continuar opondo-se a Deus e estando aliado com o inimigo. O Senhor Jesus se fez pecado por nós na cruz. Sua santa humanidade

interior foi completamente aniquilada ao julgar Deus à humanidade ímpia. Abandonado Por Deus, Cristo sofreu, pois, a mais amarga dor do pecado, suportando na escuridão a ira castigadora de Deus sobre o pecado sem o apoio do amor de Deus ou a luz de seu rosto. Ser abandonado por Deus é a conseqüência do pecado.

Agora nossa humanidade pecadora foi julgada totalmente porque foi julgada na humanidade sem pecado do Senhor Jesus. Nele, a humanidade santa conquistou sua vitória. Toda sentença sobre o corpo, a alma e o espírito dos pecadores foi lançada

sobre Ele. Ele é nosso representante. Por fé estamos unidos a Ele. Sua morte é considerada como nossa morte, e sua sentença como nossa sentença. Nosso espírito, alma e corpo foram julgados e castigados nele. Seria o mesmo que se tivéssemos sido castigados em pessoa.

> ***«assim, agora não há nenhuma condenação para os que estão em Cristo Jesus» (Rm. 8:1).***

Isto é o que Ele tem feito por nós e esta é agora nossa posição diante de Deus.

> ***«Porque o que morreu está livre do pecado» (Rm. 6:7).***

Nossa posição real é de que já morremos no Senhor Jesus, e agora só falta que o Espírito Santo transporte este fato para nossa experiência. A cruz é onde o pecador — seu espírito, alma e corpo — é julgado. É por meio da morte e da ressurreição do Senhor que o Espírito Santo de Deus pode nos transmitir a natureza de Deus. A cruz ostenta o julgamento do pecador, proclama a ausência de valor do pecador, crucifica o pecador e proporciona a vida do Senhor Jesus. Desde então, qualquer que aceitar a cruz nascerá de novo pelo Espírito Santo e receberá a vida do Senhor Jesus.

A REGENERAÇÃO

O conceito de regeneração conforme o encontramos na Bíblia fala do processo de passar da morte para a vida. O espírito de um homem antes da regeneração está afastado de Deus e é considerado morto, porque a morte é a dissociação da vida e de Deus, que é a fonte da vida. Em conseqüência, a morte é a separação de Deus. O espírito do homem está morto e por conseguinte é incapaz de ter comunhão íntima com Ele. Ou sua alma o controla e o submerge em uma vida de ideias e imaginações, ou os desejos carnais e os costumes de seu corpo o estimulam e reduzem a sua alma à escravidão.

O espírito do homem tem que ser avivado porque nasceu morto. O novo nascimento de que falou o Senhor Jesus com Nicodemos é o novo nascimento do espírito. É obvio que não é um nascimento físico como acreditava Nicodemos, nem tampouco anímico. Devemos nos fixar cuidadosamente em que o novo nascimento transmite a vida de Deus ao espírito do homem. Posto que Cristo expiou por nossa alma e destruiu o princípio da carne, os que estamos unidos a Ele participamos de sua vida de ressurreição. Fomos unidos a Ele em sua morte; por conseguinte, é em nosso espírito onde colhemos primeiro o cumprimento de sua vida de ressurreição. O novo nascimento é algo que acontece totalmente no espírito: não tem nenhuma relação com a alma ou o corpo.

O que faz que o homem seja único na criação de Deus não é que possui uma alma, mas sim que tem um espírito que, unido à alma, constitui o homem. Esta união faz do homem um ser extraordinário no universículo. A alma do homem não está relacionada diretamente com Deus. Segundo a Bíblia é seu espírito que tem relação com Deus. Deus é Espírito, e em conseqüência todos os que o adoram devem adorá-lo em espírito.

Só o espírito pode ter comunicação íntima com Deus. Só o espírito pode adorar ao Espírito. Por isso encontramos na Bíblia frases como:

«servindo com meu espírito» (Rm. 1:9; 7:6; 12:11);

«conhecendo por meio do espírito» (1Co. 2:9-12);

«adorando em espírito» (Jo. 4:23, 24);

«recebendo em espírito a revelação de Deus» (Ap. 1:10; 1Co. 2:10).

Em vista deste fato, recordemos que Deus decretou que tratará com o homem unicamente por meio de seu espírito e que terá que levar a cabo seus conselhos por meio do espírito do homem. Se assim tem que ser, que necessário é para o espírito do homem continuar em constante e viva união com Deus, sem cair nem por um momento na desobediência às leis divinas, seguindo os sentimentos, desejos e ideais da alma externa. Do contrário, se imporá a morte de modo imediato, e o espírito será privado de sua união com a vida de Deus. Isto não significa que o homem já não tenha um espírito. Simplesmente quer dizer, como já indicamos anteriormente, que o espírito renuncia a sua elevada posição em favor da alma. Sempre que o homem interior de uma pessoa presta atenção aos ditados do homem exterior, perde contato com Deus e se torna espiritualmente morto. «Estando vós mortos nos vossos delitos e pecados, nos quais outrora andastes» ao «fazendo a vontade da carne e dos pensamentos» (Ef. 2:1-3).

A vida de uma pessoa não regenerada está quase por inteira governada pela alma. Pode estar vivendo com temor, curiosidade, alegria, orgulho, piedade, prazer, delícia, estranheza, vergonha, amor, arrependimento, gozo. Ou pode estar cheia de ideais, imaginações, superstições, dúvidas, suposições, interrogações, induções, deduções, análise, introspecções. Ou pode ser impulsionada — pelo desejo de poder, reconhecimento social, riqueza, liberdade, posição, fama, glória, conhecimento — a tomar decisões atrevidas, a entrar pessoalmente em compromissos, a expressar opiniões obstinadas, ou inclusive a resistir a testes pacientemente. Todas estas coisas e outras similares são simplesmente manifestações das três principais funções da alma, que são a emoção, a mente e a vontade. Acaso a vida não se compõe predominantemente destas coisas? Mas nunca poderão levar à regeneração. Fazer penitência, sentir-se aflito pelo pecado, derramar lágrimas, inclusive fazer votos, não leva à salvação. A confissão, a decisão e muitos outros atos religiosos nunca podem nem têm que ser interpretados como um novo nascimento. O julgamento racional, a compreensão inteligente, a aceitação mental, ou a busca do bom, do belo e do autêntico, são simplesmente atividades anímicas enquanto não se alcança e se sacuda o espírito. Embora possam servir bem como criados, as ideias, sentimentos e decisões do homem não podem servir como donos e por isso são secundários neste assunto da salvação. Daí que a Bíblia nunca considera que o novo nascimento seja tratar com severidade o corpo, um sentimento impulsivo, a exigência da vontade ou uma reforma

através da compreensão mental. O novo nascimento bíblico acontece em uma área muito mais profunda que o corpo ou a alma humana, sim, é no espírito do homem onde recebe a vida de Deus por meio do Espírito Santo.

O escritor de Provérbios nos diz que «o espírito do homem é a candeia do Senhor» (20:27). No renascimento, o Espírito Santo entra no espírito do homem e o aviva como se acendesse um abajur. Este é o «espírito novo» mencionado em Ezequiel 36:26. O velho espírito morto é avivado quando o Espírito Santo lhe transmite a vida incriada de Deus.

Antes da regeneração, a alma do homem controla a seu espírito, enquanto seu próprio «eu» governa a sua alma e sua paixão governa a seu corpo. A alma se converteu na vida do corpo. Na regeneração, o homem recebe a própria vida de Deus em seu espírito e nasce de Deus. Em conseqüência disso, agora o Espírito Santo governa o espírito do homem, que, por sua vez, é equipado para recuperar o controle sobre sua alma e, por meio da alma, governar seu corpo. Como o Espírito Santo se converte na vida do espírito do homem, este se converte na vida de todo o ser do homem. O espírito, a alma e o corpo são restaurados segundo o propósito srcinal de Deus para toda pessoa nascida de novo.

Então o que terá que fazer para nascer de novo em espírito? Sabemos que o Senhor Jesus morreu em lugar do pecador. Sofreu em seu corpo na cruz por todos os pecados do mundo. Deus considera a morte do Senhor Jesus como a morte de todas as pessoas do mundo. Sua humanidade santa sofreu a morte por toda a humanidade ímpia. Mas há algo que o homem mesmo tem que fazer.

Tem que usar sua fé para comprometer-se — seu espírito, alma e corpo — na união com o Senhor Jesus. Quer dizer, tem que considerar a morte do Senhor Jesus como sua própria morte e a ressurreição do Senhor Jesus como sua própria ressurreição. Este é o significado de João 3:16: «Todo aquele que nele (literalmente) crê, não pereça mas tenha vida eterna.» O pecador deve ter fé e acreditar no Senhor Jesus. Ao fazê-lo, se une a Ele em sua morte e ressurreição e recebe a vida eterna (Jo. 17:3) — que é a vida espiritual — para sua regeneração.

Tomemos cuidado de não separar a morte do Senhor Jesus como nosso substituto de nossa morte com Ele. Certamente que o farão os que põem ênfase na compreensão mental, mas na vida espiritual estes dois fatos são inseparáveis. A morte substitutiva e a morte com Ele se distinguem mas não se podem separar. Quem acredita na morte do

Senhor Jesus como seu substituto foi unido a Ele em sua morte (Rm. 6:2). Para mim, acreditar na obra substitutiva do Senhor Jesus é acreditar que já fui castigado nEle. O castigo de meu pecado é a morte, mas o Senhor Jesus sofreu a morte por mim; por conseguinte morri nele. Não pode haver salvação de outro modo. Dizer que Ele morreu por mim quer dizer que eu já fui castigado e morri nele. Todo o que acredita nesse fato experimentará sua realidade.

Assim, devemos dizer que a fé pela qual um pecador crê na morte do Senhor Jesus como substituto é «acreditar por dentro» em Cristo e como conseqüência está unido com Ele. Embora uma pessoa possa estar preocupada só pelo castigo do pecado e não pelo poder do pecado, mesmo assim sua união com o Senhor é a posse comum que compartilha com todos os que creem em Cristo. Quem não está unido ao Senhor, ainda não acreditou, e em conseqüência não tem parte com o Senhor.

Ao acreditar, o que crê é unido ao Senhor. Estar unido com Ele quer dizer experimentar tudo o que Ele experimentou. Em João 3 nosso Senhor nos explica como somos unidos a Ele. Somos unidos a Ele em sua crucificação e morte (vs. 14,15). No mínimo, a posição de todo crente é de que foi unido ao Senhor em sua morte, mas é evidente que «se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição» (Rm. 6:5). Por isso, para o que crê na morte do Senhor Jesus como substituto, sua posição é igualmente a de ter ressuscitado com Cristo. Apesar de que possivelmente não experimente ainda plenamente o significado da morte do Senhor Jesus, mesmo assim Deus o tem feito viver junto com Cristo e ele obteve uma nova vida no poder da ressurreição do Senhor Jesus. Este é o novo nascimento.

Devemos nos guardar de insistir em que um homem não nasceu de novo se não teve a experiência da morte e da ressurreição com o Senhor. A Bíblia declara já regenerado a todo o que crê no Senhor Jesus. «Todos os que o receberam, os que acreditaram em seu nome... nasceram de Deus» (Jo. 1:12, 13). Fique entendido que ser ressuscitado junto com o Senhor não é uma experiência prévia ao novo nascimento. Nossa regeneração é nossa união com o Senhor em sua ressurreição e também em sua morte. Sua morte terminou com nossa vida pecaminosa, e sua ressurreição nos deu uma vida nova e nos iniciou na vida de cristão. O apóstolo nos assegura que «nascemos de novo a uma esperança viva por meio da ressurreição do Jesus Cristo dos mortos» (1 Pe. 1:3). Indica que todo cristão nascido de novo já foi ressuscitado no Senhor. Entretanto, o apóstolo Paulo em Filipenses ainda insiste conosco a experimentarmos «o poder de sua ressurreição» (3:10). Muitos cristãos nasceram de novo e em conseqüência foram ressuscitados com o Senhor, embora fiquem longe da manifestação do poder da ressurreição.

Assim, não confundam a posição com a experiência. No momento em que uma pessoa acredita no Senhor Jesus, pode ser muito fraca e ignorante, mas, mesmo assim, Deus a colocou na perfeita posição de ser considerada morta, ressuscitada e levantada com o Senhor. Quem é aceito em Cristo é tão aceitável como Cristo. Esta é a posição. E sua posição é: tudo o que Cristo experimentou é seu. É a posição o faz experimentar o novo nascimento, porque não depende do grau de seu conhecimento experimental da morte, da ressurreição e da ascensão do Senhor Jesus, mas sim de se ter crido nele ou não. Inclusive, se um crente é em sua experiência totalmente ignorante do poder de ressurreição de Cristo (Fp. 3:10), Ele o tem feito viver junto com Cristo, o ressuscitou com Ele e o assentou com Ele nos lugares celestiais (Ef. 2:5, 6).

Ainda há outro tema a respeito da regeneração a que devemos prestar muita atenção: que temos muito mais do que tínhamos em Adão antes da queda. Naquele dia Adão possuía um espírito, mas era criado por Deus. Não era a vida incriada simbolizada pela árvore da vida. Não havia absolutamente nenhuma relação vital entre Adão e Deus. Foi chamado «o filho de Deus» de forma similar à maneira em que o são os anjos, porque foi criado diretamente por Deus. Quem crê no Senhor Jesus, entretanto, «nasce de Deus» (Jo. 1:12,13). Conseqüentemente, há uma relação vital. Um filho herda a vida de seu pai. Nós nascemos de Deus, e por conseguinte temos sua vida (2 Pe. 1:4). Se Adão houvesse recebido a vida que Deus oferecia na árvore da vida, imediatamente teria obtido a vida eterna incriada de Deus. Seu espírito veio de Deus e por isso é eterno. A maneira como este espírito eterno viverá depende de como a pessoa considere a ordem de Deus e da escolha que faça. A vida que nós cristãos obtemos na regeneração é a mesma que Adão poderia ter tido, mas que nunca teve: a vida de Deus. A regeneração não somente resgata das trevas a ordem do espírito e da alma do homem; também proporciona ao homem a vida sobrenatural de Deus.

O espírito caído e escurecido do homem é avivado pelo fortalecimento do Espírito Santo ao aceitar a vida de Deus. Isto é o novo nascimento. A base sobre a qual o Espírito Santo pode regenerar o homem é a cruz (Jo. 3:14, 15). A vida eterna anunciada em João 3:16 é a vida de Deus que o Espírito Santo planta no espírito do homem. Posto que esta vida é de Deus e não pode morrer, depreende-se que todo nascido de novo que possui esta vida podemos dizer que possui a vida eterna. Como a vida de Deus desconhece por completo a morte, a vida eterna no homem não morre jamais.

Estabelece-se uma relação vital com Deus no novo nascimento. Se parece com o antigo nascimento da carne, que é uma vez e para sempre. Uma vez que o homem nasceu de Deus, Deus nunca poderá considerá-lo como não nascido dEle. Por infinita que seja a eternidade, esta relação e esta posição não podem ser anuladas. Isto é porque o que um crente recebe no novo nascimento não depende de uma busca progressiva, espiritual e santa, mas sim é puro dom de Deus. O que Deus outorga é a vida eterna. Não há nenhuma possibilidade de que esta vida e esta posição sejam anuladas.

Receber a vida de Deus no novo nascimento é o ponto de partida do andar com Cristo, um mínimo absoluto para o crente. Os que ainda não creram na morte do Senhor Jesus nem tenham recebido a vida sobrenatural (que não podem possuir de maneira natural) estão mortos aos olhos de Deus, por muito religiosos, morais, eruditos ou zelosos que possam ser. Os que não têm a vida de Deus estão mortos.

Para os que nasceram de novo há uma grande potencialidade para o crescimento espiritual. A regeneração é o primeiro passo evidente em um desenvolvimento espiritual. Embora a vida recebida seja perfeita, precisa alcançar maturidade. No momento do novo nascimento, a vida não pode estar já plenamente desenvolvida. É como uma fruta recém formada: a vida é perfeita, mas ainda é imatura. Por isso há uma ilimitada possibilidade de crescer. O Espírito Santo pode levar a pessoa a uma vitória total sobre o corpo e a alma.

DUAS CLASSES DE CRISTÃOS

O apóstolo Paulo, em 1 Coríntios 3:1, divide a todos os cristãos em duas classificações. São os espirituais e os carnais. Um cristão espiritual é aquele em que o Espírito Santo vive em seu espírito e controla todo seu ser.

Então, o que significa ser carnal? A Bíblia usa a palavra «carne» para descrever a vida e o valor de um homem não regenerado. Compreende tudo o que surge de sua alma e de seu corpo pecaminoso (Rm. 7:19). Por isso o cristão carnal é o que nasceu de novo e que tem a vida de Deus, mas em lugar de vencer a sua carne é vencido por ela.

Sabemos que o espírito de um homem caído está morto e que esse homem está dominado por sua alma e seu corpo. Em conseqüência, um cristão carnal é aquele cujo espírito foi avivado, mas que ainda segue à sua alma e ao seu corpo para pecar. Se um cristão permanecer em um estado carnal muito tempo depois de ter experimentado o novo nascimento, impede que a salvação de Deus leve a cabo sua completa manifestação e seu potencial. Só se crescer na graça, constantemente governado pelo espírito, pode a salvação manifestar-se totalmente nele. Deus providenciou uma salvação completa no calvário para a regeneração dos pecadores, e uma vitória total sobre a velha criatura por parte dos crentes.

SEGUNDA PARTE

A CARNE

1. A CARNE E A SALVAÇÃO

2. O CRENTE CARNAL

3. A CRUZ E O ESPÍRITO SANTO

4. A JACTÂNCIA DA CARNE

1. A CARNE E A SALVAÇÃO

A palavra «carne» é *basar* em hebreu e *sarx* em grego. É usada com freqüência na Bíblia e de diversas maneiras. O sentido mais significativo, observado e esclarecido nos escritos do Paulo, faz referência à pessoa não regenerada. Falando de seu velho «eu» diz em Romanos 7: «sou carnal» (v.14). Não simplesmente é carnal sua natureza ou uma determinada parte de seu ser. O «eu» — todo o ser de Paulo — é carnal. Reforça este pensamento no versículo 18 ao afirmar: «dentro de mim, quer dizer, em minha carne». Se deduz claramente que «carne» na Bíblia assinala a tudo o que é uma pessoa não regenerada. Em relação a este uso de «carne» temos que recordar que no princípio o homem foi feito espírito, alma e corpo. Como é a sede da personalidade e da consciência do homem, a alma está relacionada com o mundo espiritual por meio do espírito do homem. A alma deve decidir se tem que obedecer ao espírito, e por conseguinte estar unido a Deus e à sua vontade, ou se tem que ceder diante do corpo e de todas as tentações do mundo material. Na queda do homem, a alma se opôs à autoridade do espírito e ficou escravizada ao corpo e suas paixões. Deste modo o homem se converteu em um homem carnal, não em um homem espiritual. O espírito do homem foi despojado de sua nobre posição e foi rebaixado à de um prisioneiro.

Posto que agora a alma está sob o poder da carne, a Bíblia considera que o homem é carnal. Tudo o que é anímico se tornou carnal.

Além de usar «carne» para designar a tudo o que é uma pessoa não regenerada, às vezes também se usa para denotar a parte branda do corpo humano como distinta do sangue e dos ossos. Também pode ser usada para referir-se ao corpo humano. Pode ser usada em outras ocasiões significando a totalidade da humanidade. Estes quatro significados estão estreitamente relacionados.

Assim, deveríamos destacar brevemente estas três outras maneiras de usar «carne» na Bíblia.

Primeira, «carne» referindo-se à parte branda do corpo humano. Sabemos que um corpo humano é composto de carne, ossos e sangue. A carne é a parte do corpo por meio da qual percebemos o mundo que nos rodeia. Por conseguinte uma pessoa carnal é uma que segue ao mundo. Vai ter simplesmente carne, vai atrás da sensação de sua carne.

Segunda, «carne» referindo-se ao corpo humano. Em termos muito amplos significa o corpo humano tanto vivo como morto. Segundo a última parte de Romanos 7, o pecado da carne está relacionado com o corpo humano: «vejo em meus membros outra lei em guerra com a lei de minha mente que faz-me cativo da lei do pecado que vive em meus membros» (v. 23). Em seguida, o apóstolo continua no capítulo 8 explicando que se queremos vencer a carne devemos «dar morte às ações do corpo» por meio do Espírito (v. 13). Por isso a Bíblia usa a palavra *sarx* para indicar não só a carne psíquica mas também a carne física.

Terceira, «carne» referindo-se à totalidade da humanidade. Todos os homens deste mundo são nascidos da carne, e em conseqüência todos são carnais. Sem nenhuma exceção, a Bíblia considera todos os homens carne. Todo homem é controlado pela composição da alma e do corpo que chamamos carne, e vai atrás dos pecados de seu corpo e do eu de sua alma. Por isso sempre que a Bíblia fala de todos os homens, sua frase característica é «toda carne». Em conseqüência, *basar* ou *sarx* se referem aos seres humanos em sua totalidade.

COMO O HOMEM SE TORNA CARNE?

«O que nasce da carne é carne.» Assim o afirmou Jesus a Nicodemos faz muito tempo (Jo. 3:6).

Há três perguntas que ficam respondidas com esta concisa afirmação:

1) o que é a carne;

2) como o homem se torna carne; e

3) qual é sua categoria ou natureza.

1) O QUE É A CARNE?

«O que nasce da carne é carne.» O que nasce da carne? O homem. Por conseguinte o

homem é carne, e tudo o que o homem herda de seus pais pertence à carne.
Não se faz distinção de se o homem for mau, ímpio, estúpido, inútil e cruel. O homem é carne. Todo o que o homem tem ao nascer pertence à carne e se encontra dentro desse mundo. Tudo aquilo com que nascemos e o que desenvolvemos posteriormente fica incluído na carne.

2) COMO O HOMEM SE TORNA CARNE?

«Todo o que nasce da carne é carne.» O homem não se torna carnal aprendendo a ser mau com uma prática progressiva do pecado, nem entregando-se a atos licenciosos, ávido de seguir o desejo de seu corpo e de sua mente até que finalmente todo ele é vencido e controlado pelas más paixões de seu corpo. O Senhor Jesus afirmou com ênfase que uma pessoa é carnal assim que nasce. Isto não é determinado nem por sua conduta nem por seu caráter. Há uma coisa que é decisiva neste ponto: de quem

nasceu? Todo homem deste mundo foi engendrado de pais humanos e por conseguinte
Deus o considera que é da carne (Gn. 6:3). Como pode alguém que nasce da carne não ser carne? Segundo a palavra de nosso Senhor, um homem é carne porque nasce do sangue, da vontade da carne e da vontade do homem (Jo. 1:13) e não pela maneira que viva ele ou seus pais.

3) QUAL É A NATUREZA DA CARNE?

«O que nasce da carne é carne.» Não existe nenhuma exceção nem distinção. Nem a educação, nem as melhoras, nem a cultura, nem a moralidade ou a religião podem fazer que o homem deixe de ser carnal. Nenhuma ação ou poder humano pode modificá-lo. Se não for regenerado da carne, permanecerá como carne. Nenhum sistema humano pode fazer que deixe de ser o que era ao nascer. O Senhor Jesus disse «é», pelo que esse assunto ficou decidido para sempre. A carnalidade de um homem não vai ser determinada por ele mesmo, mas sim por seu nascimento. Se nascer da carne, todos os planos para sua transformação serão infrutíferos. Não importa como mude externamente; seja através de uma mudança diária ou de mudanças bruscas, o homem continua sendo carne tão firmemente como sempre.

O HOMEM NÃO REGENERADO

O Senhor Jesus afirmou que qualquer pessoa não regenerada que só tenha nascido uma vez (ou seja, nascida só de homem) é carne e por conseguinte vive no mundo da carne. Quando não éramos ainda regenerados, vivíamos «nas paixões de nossa carne, seguindo os desejos do corpo e da mente, e fomos por natureza filhos da ira, como o resto da humanidade», porque «não são os filhos da carne que são filhos de Deus» (Ef. 2:3; Rm. 9:8). Um homem cuja alma pode ceder às paixões do corpo e cometer muitos pecados indescritíveis pode estar tão morto para Deus (Ef.2:1) — «mortos nos vossos delitos e na incircuncisão da vossa carne» (Cl. 2:13) — que pode não ter consciência de sua pecaminosidade. Ao contrário, pode inclusive estar orgulhoso, considerando-se melhor que outros. Falando francamente, «enquanto vivíamos na carne, nossas paixões pecaminosas, despertadas pela lei, trabalhavam em nossos membros para gerar fruto para morte» pela simples razão de que fomos «carnais, ligados ao pecado». Por isso com nossa carne «servíamos à lei do pecado» (Rm. 7:5,14, 25).

Embora a carne seja extremamente forte pecando e seguindo o desejo egoísta, é extremamente fraca em relação à vontade de Deus. O homem não regenerado é incapaz de cumprir a vontade de Deus, sendo «debilitado pela carne». E a carne é «hostil a Deus; não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser» (Rm. 8:3, 7).

Entretanto, isto não quer dizer que a carne é alheia por completo às coisas de Deus. Ocasionalmente os carnais fazem todo o esforço possível para observar a lei. Além disso, a Bíblia nunca fala dos carnais como sinônimos de infratores da lei. Simplesmente determina que «pelas obras da lei nenhuma carne será justificada» (Gl. 2:16). É obvio que para os carnais o não observar a lei não é nada insólito. Simplesmente prova que são da carne. Mas agora que Deus decretou que o homem não será justificado pelas obras da lei mas sim pela fé no Senhor Jesus (Rm. 3:28), os que tentam seguir a lei só revelam sua desobediência a Deus, procurando estabelecer sua própria justiça em lugar da justiça de Deus (Rm. 10:3). Além disso, isto revela que pertencem à carne. Para resumir, «os que estão na carne não podem agradar a Deus» (Rm. 8:8), e este «não podem» sela o destino dos carnais.

Deus considera a carne totalmente corrompida. Está tão estreitamente ligada com as paixões, que a Bíblia freqüentemente se refere às paixões da carne» (2:18). Embora Seu poder seja grande, mesmo assim Deus não pode transformar a natureza da carne em algo que lhe agrade. O próprio Deus afirma: «Meu Espírito não permanecerá para sempre no homem, porquanto ele é carne» (Gn. 6:3).

A corrupção da carne é tal que inclusive o Espírito Santo de Deus não pode, por muito que lute contra a carne, conseguir que deixe de ser carnal. O que nasce da carne é carne. Desgraçadamente, o homem não compreende a Palavra de Deus e por isso tenta continuamente melhorar e reformar sua carne. Entretanto, a Palavra de Deus permanece para sempre. Por causa da tremenda corrupção da carne, Deus adverte seus santos que odeiem «inclusive a túnica manchada pela carne» (Jd. 23).

Como Deus sabe avaliar a autêntica condição da carne, declara que é imutável. Qualquer pessoa que tenta melhorá-la com atos de humilhação pessoal ou tratamento severo ao corpo fracassará por completo. Deus reconhece a impossibilidade de que a carne seja trocada ou melhorada. Por isso, ao salvar ao mundo não tenta modificar a carne do homem. Em lugar disso dá ao homem uma vida nova para ajudá-lo a dar morte à carne. A carne tem que morrer. Esta é a salvação.

A SALVAÇÃO DE DEUS

O apóstolo afirma que «Deus tem feito o que a lei, debilitada pela carne, não podia fazer: enviando o seu próprio Filho na semelhança da carne de pecado, e no concernente ao pecado, condenou o pecado na carne» (Rm. 8:3). Isto revela a situação real da classe moral de quão carnais sejam, possivelmente estão muito resolvidos a observar a lei. É verdade que podem estar observando alguns de seus pontos. No entanto, debilitados pela carne, não podem observar toda a lei.* Porque a lei deixa muito claro que «o que fizer estas coisas, por elas viverá» (Gl. 3:12 mencionando Lv. 18:5) ou senão será condenado à perdição.

Alguém pode perguntar: Quanto da lei, tem que se observar? Toda a lei, porque «o que observa toda a lei, mas falha em um ponto, faz-se culpado de toda» (Tg. 2:10). «Porque nenhum ser humano será justificado a seus olhos pelas obras da lei, posto que da lei vem o conhecimento do pecado» (Rm. 3:20). quanto mais se deseja observar a lei, mais se descobre quão pecador é e quão impossível é observá-la.

A reação de Deus à pecaminosidade de todos os homens é ocupar-se Ele mesmo da tarefa da salvação. Seu método é «enviar a seu próprio Filho à semelhança da carne pecaminosa». Seu Filho é sem pecado, por isso é o único qualificado para nos salvar. A expressão: «À semelhança da carne pecaminosa» descreve sua encarnação: como toma um corpo humano e se une com a humanidade. O único Filho de Deus é mencionado em outro ponto como «o Verbo» que «se fez carne» (Jo. 1:14). Sua vinda à semelhança

* É obvio que deveríamos observar que há outra classe, reconhecida em Romanos 8:7, que não se preocupa absolutamente de observar a lei de Deus: «a mente que está assentada na carne é hostil a Deus; não se submete à lei de Deus, seriamente não pode»).

da carne pecaminosa é o «se fez carne» desse versículo. Por isso nosso versículo em Romanos 8:3 nos explica também de que maneira a Palavra se fez carne. A ênfase, aqui, é que Ele é o Filho de Deus, e portanto é sem pecado. Inclusive quando vem na carne, o Filho de Deus não se faz «carne pecaminosa». Só vem à semelhança da carne pecaminosa». Enquanto viveu na carne, permaneceu como Filho de Deus e sem pecado. Entretanto, como possui a semelhança da carne pecaminosa, está estreitamente unido aos pecadores do mundo que vivem na carne.

Então qual é o propósito de sua encarnação? A explicação que nos dá a Bíblia é «o sacrifício pelos pecados» (At. 10:12), e esta é a obra da cruz. O Filho de Deus tem que expiar nossos pecados. Todos os carnais pecam contra a lei, não podem estabelecer a justiça de Deus e estão condenados à perdição e ao castigo. Mas o Senhor Jesus, ao vir ao mundo, toma esta semelhança da carne pecaminosa e se une tão completamente aos carnais, que estes são castigados por seu pecado na morte de Cristo na cruz. Ele não tem que sofrer, porque é sem pecado, mas sofre porque tem a semelhança da carne pecaminosa. Na posição de uma nova cabeça corporativa, o Senhor Jesus inclui a todos os pecadores em seu sofrimento. Isto explica o castigo pelo pecado.

Como sacrifício pelo pecado, Cristo sofre por todos os que estão na carne. Mas e o poder do pecado que enche os carnais? «Condenou ao pecado na carne.» O, que é sem pecado, é feito pecado por nós para que morra pelo pecado. Ele é «morto na carne» (1 Pe. 3:18). Ao morrer na carne leva à cruz o pecado na carne. Isto é o que quer dizer a frase «condenou o pecado na carne». Condenar é julgar ou impor um castigo. O julgamento e o castigo do pecado é a morte. Por isso o Senhor Jesus dá morte ao pecado em sua carne. Por conseguinte, podemos ver em sua morte que não só são julgados nossos pecados mas também inclusive é julgado o próprio pecado. Assim, o pecado já não tem nenhum poder sobre os que se uniram à morte do Senhor e em conseqüência têm o pecado condenado em sua carne.

A REGENERAÇÃO

A libertação do castigo e do poder do pecado, que Deus dá, se realiza na cruz de seu Filho. Agora põe esta salvação diante de todos os homens para que todo o que queira aceitá-la seja salvo.

Deus sabe que no homem não há nada bom. Nenhuma carne pode lhe agradar. Está corrompida sem possibilidade de reparação. Posto que é tão irremediável, como pode o homem agradar a Deus depois de ter acreditado, se Ele mesmo não lhe dá algo novo?

Graças a Deus que outorgou uma vida nova, sua vida não criada, aos que acreditam na salvação do Senhor Jesus e O recebem como seu Salvador pessoal. Isto se chama «regeneração» ou «novo nascimento». Embora Deus não possa modificar nossa carne, nos dá sua vida. A carne do homem permanece tão corrupta nos que nasceram de novo como nos outros. A carne de um santo é tal e qual a de um pecador. Na regeneração, a carne não se transforma. O novo nascimento não exerce nenhuma influência sobre a carne. Permanece tal como é.

Deus não nos transmite sua vida para educar ou adestrar à carne. Ao contrário, a dá a nós para vencer a carne.

Na regeneração o homem passa a estar vinculado a Deus pelo novo nascimento. A regeneração significa nascer de Deus. De maneira que, nossa vida carnal nasce de nossos pais, nossa vida espiritual nasce de Deus. O significado do nascimento é «transmitir vida». Quando dizemos que nascemos de Deus, significa que recebemos uma nova vida dEle. O que recebemos é uma vida autêntica.

Vimos anteriormente de que maneira nós, seres humanos, somos carnais. Nosso espírito está morto e nossa alma dirige totalmente todo o ser. Andamos segundo as paixões do corpo. Não há nada bom em nós. Ao vir nos libertar, Deus deve primeiro restaurar a posição do espírito para que possamos tornar a ter comunhão com Ele. Isto acontece quando cremos no Senhor Jesus. Deus põe sua vida em nosso espírito, e deste modo o ressuscita da morte. Agora o Senhor Jesus afirma que «o que nasce do Espírito é espírito» (Jo. 3:6). Nesse momento a vida de Deus, que é o Espírito, entra em nosso espírito humano e o restaura à sua posição srcinal.

O Espírito Santo se instala no espírito humano e desta maneira o homem é transferido ao mundo espiritual. Nosso espírito é avivado e torna a prevalecer. O «espírito novo» mencionado em Ezequiel 36:26 é a vida nova que recebemos na regeneração.

O homem não é regenerado por fazer algo especial, mas sim por acreditar no Senhor Jesus como seu Salvador: «a todos os que O receberam, aos que acreditaram em Seu nome, deu-lhes poder de serem feitos filhos de Deus; os que nasceram não de sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas sim de Deus» (Jo. 1:12, 13). Os que acreditam no Senhor Jesus Cristo como seu Salvador, nascem de Deus e como conseqüência são filhos dele.

A regeneração é um mínimo na vida espiritual. É a base sobre a qual posteriormente se edificará.

Ninguém pode falar de vida espiritual nem esperar crescer espiritualmente se não for regenerado, posto que não tem vida em seu espírito. Da mesma maneira que ninguém pode construir um castelo no ar, tampouco podemos edificar os que não estão regenerados. Se tentarmos ensinar a um não regenerado a fazer o bem e adorar a Deus, estaremos ensinando a um morto. Ao tentar reformar a carne, estamos tentando fazer o que Deus não pode fazer. É vital que cada crente saiba sem dúvidas que já foi regenerado e que recebeu uma vida nova. Deve ver claramente que o novo nascimento não é tentar "remendos" à velha carne ou transformá-la em vida espiritual. Ao contrário, é receber uma vida que nunca teve antes. Quem não nasce de novo não pode ver o reino de Deus. Não pode perceber os mistérios espirituais, nem saborear a doçura celestial do reino de Deus. Seu destino só é o de esperar a morte e o julgamento. Para ele não há nada mais.

Como uma pessoa pode saber que foi regenerada? João nos diz que o homem nasce de novo ao crer no nome do Filho de Deus e ao recebê-lo (1:12). O Filho de Deus se chama

«Jesus», que significa «salvará o povo de seus pecados» (Mt. 1:21). Assim, crer no nome do Filho de Deus equivale a acreditar nele como Salvador, acreditar que morreu na cruz por nossos pecados para nos libertar do castigo e do poder do pecado. Acreditar nisso é recebê-lo como Salvador. Se alguém deseja saber se está regenerado ou não, só tem que fazer uma pergunta: fui à cruz como um pecador necessitado e recebi ao Senhor Jesus como Salvador? Se responder afirmativamente, está regenerado. Todo o que crê no Senhor Jesus nasce de novo.

O CONFLITO ENTRE O NOVO E O VELHO

É essencial a uma pessoa regenerada que compreenda o que obteve com o novo nascimento e o que persiste de seus dotes naturais. Esse conhecimento a ajudará em sua peregrinação espiritual. Neste ponto pode ser útil explicar tudo o que é entendido da carne do homem e também a maneira com que o Senhor Jesus trata com os componentes dessa carne, em sua redenção. Em outras palavras, o que herda um crente na regeneração?

Uma leitura de vários versículos de Romanos 7 pode deixar claro que os componentes da carne são principalmente «o pecado» e «o eu»: «o pecado que vive em mim..., quer dizer, em minha carne» (vs. 14,17,18). O «pecado», aqui, é o poder do pecado, e o «minha» é o que reconhecemos normalmente como «o eu». Se um crente quer compreender a vida espiritual, não deve estar desorientado a respeito destes dois elementos da carne.

Sabemos que o Senhor Jesus tratou com o pecado de nossa carne em sua cruz. E a Palavra nos informa que «nosso velho eu foi crucificado com Ele» (Rm. 6:6). Em nenhuma parte da Bíblia nos diz que temos que ser crucificados, posto que isto Cristo já o sofreu de uma maneira perfeita.

Em relação ao assunto do pecado, ao homem não se exige que faça nada. Só tem que considerar isto como um fato consumado (Rm. 6:11) e colherá a eficácia da morte de Jesus sendo totalmente libertado do poder do pecado (Rm. 6:14).

A Bíblia jamais nos diz que temos que ser crucificados pelo pecado, é verdade. Entretanto, nos exorta sim, que levemos a cruz para negar o eu. O Senhor Jesus em muitas ocasiões nos manda que neguemos a nós mesmos e levemos a cruz e O sigamos. A explicação disto é que a forma como o Senhor Jesus trata nossos pecados e trata a nós mesmos é muito distinta Para conquistar o pecado por completo o crente só necessita um instante. Para negar seu eu necessita toda a vida. Jesus só levou nossos pecados na cruz, mas se negou a si mesmo durante toda sua vida. Nós devemos fazer igual.

A carta de Paulo aos Gálatas descreve a relação entre a carne e o crente. Por um lado nos diz que «os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne com suas paixões e desejos» (5:24). No mesmo dia em que uma pessoa se identifica com o Senhor Jesus, sua carne também é crucificada.

Agora bem, alguém poderia pensar, sem a instrução do Espírito Santo, que sua carne já não existe, pois acaso não foi crucificada? Mas, por outro lado, a carta nos diz «andem no Espírito e não satisfaçam os desejos da carne. Porque os desejos da carne se opõem ao Espírito, e os desejos do Espírito se opõem à carne» (5:16, 17). Aqui nos diz claramente que o que pertence a Cristo Jesus e que já tem o Espírito Santo vivendo nele, ainda tem a carne nele. E não é somente que a carne existe; também nos diz que é singularmente poderosa.

O que podemos dizer? São contraditórios estes dois textos bíblicos? Não. O versículo 24 põe ênfase no pecado da carne, enquanto que o versículo 17 o põe no eu da carne. A cruz de Cristo trata com o pecado, e o Espírito Santo trata com o eu por meio da cruz. Cristo liberta por completo o crente do poder do pecado por meio da cruz, para que o pecado não torne a reinar, mas Cristo, por meio do Espírito Santo que vive no crente, capacita-o para vencer o eu dia após dia e para que obedeça a Ele por completo. A libertação do pecado é um fato consumado. A negação do eu tem que ser uma experiência diária.

Se um crente pudesse compreender toda a transcendência da cruz ao nascer de novo, se livraria totalmente do pecado e teria uma vida nova. É realmente lamentável que muitos obreiros cristãos não apresentam essa salvação completa aos pecadores, e com isso, estes só acreditam na metade da salvação de Deus. Isto os deixa nessa situação: seus pecados estão perdoados, mas falta-lhes a força para deixar de pecar. Por outra parte, mesmo nas ocasiões em que se lhes apresenta a salvação em sua totalidade, os pecadores só desejam que seus pecados lhes sejam perdoados, porque não esperam sinceramente ser libertados do poder do pecado.

Se uma pessoa crê e recebe uma salvação plena desde o começo, terá menos fracassos lutando com o pecado e mais êxito lutando com o eu. É raro encontrar esse tipo de crentes. A maioria só têm a metade de sua salvação. Por isso a maioria de seus conflitos são com o pecado. E alguns nem sequer sabem o que é o eu. Quanto a isto, a condição pessoal do crente até usa uma parte antes da regeneração. Muitos tendem a fazer o bem inclusive antes de acreditar. É obvio que não possuem o poder para fazer o bem nem tampouco podem ser bons. Mas sua consciência parece estar relativamente iluminada, embora sua força para fazer o bem seja débil. Têm o que se costuma chamar de conflito entre a razão e as paixões. Quando se inteiram da salvação completa de Deus aceitam ofegantes a graça para a libertação do pecado no mesmo momento em que recebem a graça para o perdão do pecado.

Outros, entretanto, antes de acreditar, têm a consciência negra, pecam terrivelmente e jamais tentam fazer o bem. Ao conhecer a salvação completa de Deus se agarram à graça do perdão e descuidam (não rejeitam) a graça para a libertação do pecado. No futuro enfrentarão muitas lutas com o pecado da carne.

E por que será assim? Porque um homem assim nascido de novo possui uma vida nova que lhe exige que vença o domínio da carne e obedeça a ela em seu lugar. A vida de Deus é absoluta. Tem que obter o domínio total sobre o homem. Assim que esta

vida entra no espírito humano exige do homem que abandone a seu antigo amo, o pecado, e se submeta por completo ao Espírito Santo. Mesmo assim, o pecado está muito enraizado neste homem em particular. Embora sua vontade seja renovada em parte através da vida regenerada, ainda está apegado ao pecado e ao eu. Em muitas ocasiões se inclina ao pecado.

Inevitavelmente surgirá um grande conflito entre a vida nova e a carne. Posto que são muitíssimas as pessoas que se encontram nesta situação, lhes prestaremos uma atenção especial. Entretanto, permitam que recorde a meus leitores quão desnecessário é ter

lutas e fracassos contínuos com o pecado (não com o eu, pois isto é diferente).

A carne exige soberania absoluta, igualmente a vida espiritual. A carne deseja ter o homem sujeito para sempre a ela mesma, enquanto que a vida espiritual quer ter o homem completamente sujeito ao Espírito Santo. A carne e a vida espiritual diferem por completo. A natureza da carne é a do primeiro Adão, enquanto que a natureza da vida espiritual pertence ao último Adão. O mover da primeira é terrestre, mas o da segunda é celestial. A carne centra todas as coisas no eu; a vida espiritual centra tudo em Cristo. A carne deseja levar o homem ao pecado, mas a vida espiritual deseja levá-lo à justiça. Posto que estas duas são tão essencialmente opostas, como uma pessoa pode evitar se chocar continuamente com a carne?

O crente estará em constante luta se não compreender toda a salvação de Cristo.

Quando os crentes jovens entram nestes conflitos ficam estupefatos. Alguns se desesperam em querer crescer espiritualmente, pensando que são muito maus. Outros começam a duvidar de que estejam realmente regenerados, sem ver que a própria regeneração suporta esta confrontação. Antes, quando a carne governava sem interferências (porque o espírito estava morto), podiam pecar terrivelmente sem ter nenhum sentimento de culpa. Agora surgiu a nova vida, e com ela a natureza, o desejo, a luz e o pensamento celestiais. Quando esta nova luz penetra no homem põe a descoberto imediatamente a corrupção que há dentro. O novo crente não quer permanecer em um estado semelhante e deseja seguir a vontade de Deus. A carne começa a lutar com a vida espiritual. Esta batalha dá a impressão ao crente de que em seu interior há duas pessoas. Cada uma tem sua própria ideia e força. Cada uma busca a vitória. Quando domina a vida espiritual, o crente se sente muito feliz, mas quando começa a dominar a carne, se entristece. As experiências deste tipo confirmam que essas pessoas foram regeneradas.

O propósito de Deus não é, nem será jamais, reformar a carne mas sim destruí-la. O eu na carne deve ser destruído com a vida de Deus que o crente recebe na regeneração. Certamente, a vida que Deus transmite ao homem é muito poderosa, mas a pessoa regenerada ainda é um bebê recém-nascido e muito fraco. A carne teve as rédeas durante muito tempo e seu poder é tremendo. Além disso, o regenerado ainda não aprendeu a receber por fé a completa salvação de Deus. Embora esteja salvo, ainda está na carne durante este período. Ser carnal significa estar sendo governado pela carne. O mais lamentável é que um crente, iluminado pela luz celestial para conhecer a maldade

da carne e para desejar com todo o coração vencê-la, encontre-se muito fraco para obtê-lo. É quando derrama muitas lágrimas de tristeza. Como não vai estar zangado consigo mesmo se, embora abrigue um novo desejo de destruir o pecado e agradar a Deus, sua vontade não é bastante firme para dominar o corpo de pecado?

Poucas são as vitórias, e muitas as derrotas.

Em Romanos 7 Paulo expressa a angústia deste conflito:

> ***«Pois o que faço, não o entendo; porque o que quero, isso não pratico; mas o que aborreço, isso faço. E se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Agora, porém, não sou mais eu que faço isto, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem algum; com efeito o querer o bem está em mim, mas o efetuá-lo não está. Pois não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, esse pratico. Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim, que, mesmo querendo eu fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei guerreando contra a lei do meu entendimento, e me levando cativo à lei do pecado, que está nos meus membros.» (vs. 15-23).***

Muitos se identificarão com seu brado de quase total desespero:

> ***«Miserável homem que sou! Quem me libertará deste corpo de morte?» (v. 24).***

Qual é o significado desta confrontação? É uma das maneiras com que o Espírito Santo nos disciplina. Deus proporcionou uma salvação total para o homem. Quem não sabe que a tem não poderá desfrutar dela, nem tampouco poderá experimentá-la se não a desejar. Deus só pode dar algo aos que acreditam, recebem e pedem. Por isso quando o homem pede o perdão e a regeneração Deus o concede, sem dúvida. E Deus usará o conflito para levar o crente a procurar e a conseguir o triunfo total em Cristo. O que antes era ignorante agora desejará saber, e então o Espírito Santo terá uma oportunidade de lhe revelar o que Cristo fez com seu velho homem na cruz para que agora possa acreditar e possuir este triunfo. E o que não possuía porque não procurava, descobrirá por meio desta luta que toda a verdade que ele tinha só era mental e, por conseguinte, inútil. Isto lhe fará desejar experimentar a verdade que só tinha conhecido mentalmente.

As lutas aumentam dia a dia. Se os crentes se mantiverem fiéis sem se desesperar, passarão por conflitos mais duros até o momento em que sejam libertados.

2. O CRENTE CARNAL

Como Paulo, todos os crentes poderiam ser cheios com o Espírito Santo no momento de acreditar e no batismo (comparar Atos 9:17, 18). Por desgraça, muitos ainda estão controlados pela carne como se não tivessem morrido e ressuscitado. Estes não acreditaram de verdade no fato consumado da morte e a ressurreição de Cristo por eles, nem obraram sinceramente segundo a chamada do Espírito Santo a seguir o princípio da morte e da ressurreição. Segundo a obra consumada de Cristo já morreram e foram ressuscitados, e segundo sua responsabilidade como crentes deveriam morrer ao eu e viver para Deus, mas na prática não o fazem. Estes crentes podem ser considerados anormais. Sem dúvida, não devemos pensar que esta anormalidade é exclusiva de nosso tempo. Faz muitíssimo tempo o apóstolo Paulo se encontrou em uma situação semelhante entre crentes. Os cristãos de Corinto eram um exemplo. Ouçam o que lhes disse:

> ***«E eu, irmãos não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnais, como a criancinhas em Cristo. Leite vos dei por alimento, e não comida sólida, porque não a podíeis suportar; nem ainda agora podeis; porquanto ainda sois carnais; pois, havendo entre vós inveja e contendas, não sois porventura carnais, e não estais andando segundo os homens?» (1Co. 3:1-3).***

Aqui o apóstolo divide a todos os cristãos em duas classes: os espirituais e os carnais. Os cristãos espirituais não têm nada de extraordinário: são simplesmente normais. São os carnais os que saem do normal, os que são anormais. Os de Corinto eram deveras cristãos, mas eram carnais, não espirituais. Nesse capítulo Paulo afirma três vezes que eram homens carnais. Pela sabedoria recebida do Espírito Santo, o apóstolo compreendia que tinha que identificá-los antes de poder lhes oferecer a mensagem que necessitavam.

A regeneração bíblica é um nascimento pelo qual a parte mais íntima do ser do homem, o espírito, profundamente oculto, é renovado e habitado pelo Espírito de Deus. Tem que passar um tempo até que o poder desta nova vida alcance o exterior: ou seja, até que se estenda do centro até a circunferência. Por isso não podemos esperar encontrá-lo forte nos jovens nem a experiência dos pais, manifestadas na vida de um bebê em Cristo. Embora um crente recentemente nascido possa comportar-se fielmente, amando ao Senhor e distinguindo-se com seu zelo, ainda necessita tempo para ter ocasião de saber mais da maldade do pecado e do eu e para saber mais da vontade de Deus e dos caminhos do Espírito. Por muito que possa amar ao Senhor ou amar à verdade, este novo crente ainda anda no mundo dos sentimentos e dos pensamentos e ainda não foi provado nem refinado com fogo.

Um cristão recém-nascido não pode evitar ser carnal. Embora esteja cheio do Espírito Santo, mesmo assim não conhece a carne. Como pode alguém ser libertado das obras da carne se não reconhecer que essas obras nascem da carne? Por isso, considerando

sua autêntica condição, os cristãos que são crianças recém-nascidas são em geral da carne.

A Bíblia não espera que os novos cristãos sejam espirituais instantaneamente, mas se depois de muitos anos continuam sendo crianças, então sua situação é verdadeiramente muito lamentável. Paulo mesmo diz aos coríntios que, no princípio, os tinha tratado como homens da carne porque eram meninos recém-nascidos em Cristo e que agora — quando lhes escrevia — deveriam ser já adultos. Em vez disso, tinham esbanjado suas vidas, continuavam sendo meninos e por isso ainda eram carnais.

Para ser transformado de carnal a espiritual não é necessário tanto tempo como pensamos atualmente. Os crentes de Corinto procediam de um ambiente pagão categoricamente pecaminoso. Ao fim de uns poucos anos o apóstolo já via que tinham sido meninos muito tempo. Tinham estado muito tempo na carne, porque então já tinham que ser espirituais. O propósito da redenção de Cristo é eliminar tudo o que obstaculize o controle do Espírito Santo sobre toda a pessoa para que desse modo possa ser espiritual. Esta redenção não pode falhar jamais porque o poder do Espírito Santo é superabundante. Da mesma maneira que um pecador carnal pode converter-se em um crente regenerado, um crente regenerado mas carnal pode ser transformado em um homem espiritual. O que é lamentável é encontrar cristãos que não realizaram nenhum progresso em sua vida espiritual ao longo de vários anos e até décadas! E estes mesmos se assombram quando encontram alguém que, ao fim de uns anos, empreende uma vida do espírito. Consideram isso como algo muito estranho e não veem que se trata simplesmente de algo normal, do normal crescimento da vida.

Quanto tempo faz que creem no Senhor? São espirituais?

Não devemos nos tornar meninos velhos, entristecendo o Espírito Santo e prejudicando a nós mesmos. Todos os regenerados deveriam ambicionar um desenvolvimento espiritual, permitindo que o Espírito Santo governe sobre tudo, para que em um período de tempo relativamente curto possa nos levar ao que Deus dispôs para nós. Não devemos perder o tempo sem fazer progressos.

Então, quais são as razões para não crescer? Possivelmente há duas. Por um lado pode ser devido à negligência dos que, tendo a seu cargo as almas dos jovens crentes, possivelmente só lhes falam da graça de Deus e de sua posição em Cristo, mas se esquecem de animá-los a procurar experiências espirituais. (Melhor dizendo, possivelmente os que têm outros sob seu cuidado, também desconhecem a vida no Espírito. Como podem semelhantes pessoas guiar outros a uma vida mais abundante?) Por outro lado, pode ser porque aos próprios crentes não interessam os assuntos espirituais. Supõem que basta estar salvo, ou não têm apetite espiritual ou simplesmente não estão dispostos a pagar o preço para poder avançar.

Como conseqüência deplorável disto, a igreja está repleta de meninos grandes.

Quais são as características dos carnais? A mais destacada é que continuam sendo meninos muito tempo. A duração da infância não deveria passar de uns poucos anos. Quando uma pessoa nasce de novo ao acreditar que o Filho de Deus expiou seus pecados na cruz, simultaneamente deveria acreditar que foi crucificado com Cristo, para que assim o Espírito Santo possa libertá-lo do poder que a carne exerce em nós.

Naturalmente, se desconhecer este fato, permanecerá na carne durante muitos anos.

A segunda característica dos carnais é que são incapazes de assimilar o ensino espiritual. «Vos alimentei com leite, não com comida sólida; porque não estavam preparados.» Os coríntios se orgulhavam enormemente de seu conhecimento e de sua sabedoria. De todas as Igrejas desse período, a de Corinto era provavelmente a mais instruída. Paulo, em sua carta, dá graças a Deus por seu grande conhecimento (1:5). Se Paulo lhes pregava um sermão espiritual podiam compreender cada palavra. No entanto, toda sua compreensão estava na mente. Embora soubessem tudo, estes coríntios não tinham o poder de expressar na vida o que sabiam. Muito provavelmente hoje em dia há muitos crentes que sabem tanto e tão bem, que até podem pregar a outros, mas que ainda não são espirituais. O autêntico conhecimento espiritual não se encontra em pensamentos maravilhosos e misteriosos mas sim na experiência espiritual real através da união da vida do crente com a verdade. Aqui a inteligência não serve, e o anseio pela verdade também é insuficiente. O indispensável é um caminho de total obediência ao Espírito Santo, que é o único que nos ensina de verdade. Todo o resto é a simples transmissão de conhecimento de uma mente a outra.

Estes dados não tornam espiritual alguém que seja carnal.
Pelo contrário, na realidade sua carnalidade transformará em carnal todo seu conhecimento «espiritual». O que necessita não é mais ensino espiritual, mas sim um coração obediente que esteja disposto a ceder sua vida ao Espírito Santo e que ande pelo caminho da cruz segundo o mandamento do Espírito. Um maior ensino espiritual só reforçará sua carnalidade e servirá para que se engane e se considere espiritual.

Por acaso não diz a si mesmo: «De que maneira poderia saber tantas coisas espirituais se não fosse espiritual?» No entanto, o autêntico questionamento deveria ser: «Quanto sabe deveras da vida, e quanto do que sabe é um produto da mente?» Que Deus tenha misericórdia de nós.

Paulo escreveu sobre mais outra evidência da carnalidade: que «havendo ciúmes e rivalidades entre vós, não são da carne e se comportam como os outros homens?» O pecado do ciúme e da rivalidade é uma prova eminente de carnalidade. Na igreja de Corinto abundavam as dissensões, coisa que fica confirmada com afirmações tais como «Eu sou de Paulo; ou Eu de Apolo; ou Eu sou de Cefas; ou Eu de Cristo.» (1Co. 1:12). Inclusive os que diziam «sou de Cristo» também eram carnais, porque o espírito da carne sempre e em todas partes é ciumento e litigioso. Estes eram indefectivelmente carnais ao declarar-se cristãos com essa atitude de espírito. Por muito bonita que soe a palavra, qualquer jactância sectária não passa de balbucios de um bebê. As divisões na igreja são devidas exclusivamente à falta de amor e à carnalidade.

Essas pessoas que aparentemente discutem pela verdade não fazem mais que camuflar a verdadeira pessoa. Os pecadores do mundo são homens da carne. Como tais, não estão regenerados, e em conseqüência estão sob o domínio de sua alma e de seu corpo. Para um crente, ser carnal significa que também se comporta como um homem comum. É perfeitamente natural que os mundanos sejam carnais, e é compreensível que os crentes recém-nascidos sejam carnais, mas depois de anos em que alguém esteja acreditando no Senhor já deveria ser espiritual; então como pode continuar comportando-se como uma pessoa do mundo?

É evidente que uma pessoa pertence à carne se se comportar como um homem comum e pecar com freqüência. Não importa quanta doutrina espiritual saiba, ou quantas experiências espirituais pretenda haver tido, ou quantos serviços eficazes tenha prestado. Nada disso o faz menos carnal se continuar sem se livrar de seu peculiar temperamento, seu mau gênio, seu egoísmo, sua vanglória e sua falta de perdão e de amor.

Ser carnal significa comportar-se «como homens comuns». Deveríamos nos perguntar se nossa conduta difere radicalmente ou não da dos homens comuns. Se têm mantido em suas vidas muitos costumes mundanos, então são, sem dúvida alguma, da carne. Não discutamos sobre se nos chamamos espirituais ou carnais. Se não estamos sendo governados pelo Espírito Santo, que proveito tiraremos da simples qualificação de espirituais? Afinal isto é um assunto de vida, e não de títulos.

OS PECADOS DA CARNE

O que o apóstolo estava experimentando em Romanos 7 era uma guerra contra o pecado que habita no corpo.

> ***«O pecado, tomando ocasião, pelo mandamento me enganou, e por ele me matou.... vendido ao pecado... já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim..» (vs. 11,13,14,17, 20).***

Enquanto permaneça na carne, o crente é vencido freqüentemente pelo pecado que há dentro dele. São muitas as batalhas e muitos os pecados cometidos.

Podemos classificar as necessidades do corpo humano em três categorias: nutrição, reprodução e defesa.
Antes da queda do homem, estas eram necessidades legítimas, alheias ao pecado. Só depois que o homem caiu no pecado, se converteram em instrumentos do pecado.

No caso da nutrição, o mundo utiliza a comida para nos seduzir.

A primeira tentação do homem está neste campo da comida. Da mesma maneira que a fruta do conhecimento do bem e do mal tentou a Eva, hoje em dia o beber e os banquetes se converteram em um pecado da carne. Não tratemos com leviandade este

assunto da comida, porque muitos cristãos carnais tropeçam nesse ponto. Os crentes carnais de Corinto faziam tropeçar a seus irmãos precisamente nesse assunto da comida. Por isso a todos os que tinham que ser anciões e diáconos naquele tempo lhes era exigido que houvessem superado este ponto (1 Tm. 3:3, 8). Só a pessoa espiritual compreende a inutilidade de dedicar-se a comer e a beber.

> ***«Portanto, quer comais quer bebais, ou façais, qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus.» (1Co. 10:31).***

Inclusive no jardim do Éden o pecado da gula provocou imediatamente concupiscência e vergonha. Paulo põe juntas estas duas coisas em sua primeira carta aos Coríntios (6:13,15) e relaciona claramente a embriaguez com a maldade (vs. 9,10).

Segundo, a reprodução. Depois da queda do homem, a reprodução se converteu em desejo carnal ou concupiscência. A Bíblia relaciona de uma maneira especial a concupiscência com a carne.

Agora, a defesa. Quando o pecado conseguiu o controle, o corpo manifestou sua força na defesa própria. Resiste a tudo o que possa interferir em seu bem-estar e seu prazer. Essa manifestação usualmente é chamada de mau gênio, e alguns de seus frutos como a irritação e a rivalidade, procedem da carne e conseqüentemente são pecados da carne. Como o pecado é a motivação que está por trás da defesa própria, daí surgirão, direta ou indiretamente muitas transgressões. Quantos dos pecados mais negros deste mundo surgem do amor próprio, da vaidade e de todo o resto que sai do eu!

Uma análise de todos os pecados do mundo mostrará que cada um deles está relacionado com estas três categorias. Um cristão carnal é aquele que está dominado por um, dois ou os três pontos em questão. Assim como não surpreende a ninguém que uma pessoa do mundo esteja dominada pelo pecado de seu corpo, deveria considerar-se como muito anormal que um cristão nascido de novo permaneça muito tempo na carne, fracasse em submeter o poder do pecado e viva uma vida de desigualdades.

Um crente deveria permitir ao Espírito Santo que examinasse seu coração e que o instruísse sobre o que está proibido pela lei do Espírito Santo e a lei da natureza, sobre o que o impede de adquirir moderação e autocontrole e sobre o que o domina e o priva de liberdade em seu espírito para servir a Deus livremente. Não é possível empreender uma plena vida espiritual enquanto esses pecados não sejam eliminados.

AS COISAS DA CARNE

A carne tem muitas saídas. Aprendemos que é hostil a Deus e não pode Lhe agradar de nenhum modo. Entretanto, nem o crente nem o pecador podem avaliar genuinamente a absoluta inutilidade, perversidade e contaminação da carne da maneira que o vê Deus, se não o mostra o Espírito Santo. Só quando Deus, por seu Espírito, revela ao homem a verdadeira condição da carne tal como Deus a vê, pode o homem enfrentar-se com sua carne.

As manifestações da carne são bem conhecidas. Se um homem for rigoroso consigo mesmo e se negar a seguir, como costumava, «os desejos do corpo e da mente» (Ef. 2:3), se dará conta com facilidade de quão sujas são estas manifestações. A carta do Paulo aos Gálatas dá uma lista destes pecados da carne para que ninguém se possa confundir:

> ***«Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos (literalmente, "seitas"), as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus.» (5:19-21).***

Nessa contagem o apóstolo afirma que «as obras da carne são evidentes». Todo aquele que esteja disposto a compreender isso, as reconhecerá sem duvidar. Para descobrir se é da carne só tem que perguntar-se se está fazendo alguma destas obras da carne. Claro está que não terá que fazer todas as da lista para ser carnal. Simplesmente que faça alguma delas basta para afirmar sem sombra de dúvida que é carnal, porque como poderia fazer alguma delas se a carne já tivesse renunciado a seu domínio? A presença de uma obra da carne demonstra a existência da carne.

Podemos dividir estas obras da carne em cinco grupos:

1) pecados que mancham o corpo, tais como a imoralidade, a impureza, a libertinagem;

2) comunicações sobrenaturais pecaminosas com as forças satânicas, tais como a idolatria, a bruxaria;

3) temperamento pecaminoso e suas peculiaridades, tais como inimizade, lutas, ciúmes, ira;

4) seitas e bandos religiosos, tais como o egoísmo, as dissensões, o espírito partidarista, a inveja; e

5) lascívia, tais como a embriaguez e as orgias. Cada uma destas é facilmente observável. Os que as fazem são da carne.

Nestes cinco grupos distinguimos alguns pecados que são menos pecaminosos e outros que sujam mais, mas apesar de que possamos considerá-los mais repugnantes ou mais refinados, Deus revela que todos têm a mesma procedência: a carne. Aqueles que cometem com freqüência os pecados mais degradantes sabem que são da carne; entretanto, como é difícil para os que triunfam sobre estes pecados relativamente mais degradantes, reconhecer que são carnais!

Costumam se considerar superiores aos outros e como se não vivessem segundo a carne. Não compreendem que por mais civilizada que possa ser a aparência, a carne continua sendo a carne.

«Conflitos, dissensões, espírito partidarista, inveja», dão uma aparência mais limpa que «imoralidade, impureza, libertinagem, orgias». Mesmo assim, todos são frutos da

mesma árvore. Temos que orar sobre estes três versículos até que se nos abram os olhos e nos vejamos a nós mesmos. Que nos humilhemos por meio da oração. Oremos até chorar com muitas lágrimas e nos aflijamos por nossos pecados, até reconhecer que só somos cristãos de nome — inclusive os cristãos «espirituais» —, mas que nossa vida continua estando repleta de obras da carne. Tomara que cheguemos ao ponto de nossos corações se inflamarem, dispostos a eliminar tudo o que seja carnal!

O primeiro passo na obra do Espírito Santo é nos convencer e nos declarar culpados de nossos pecados. Assim como sem a iluminação do Espírito Santo um pecador nunca verá a maldade de seu pecado e não fugirá da ira futura para a obediência de Cristo, também um crente precisa ver seu pecado pela segunda vez. Um cristão deveria reprovar a si mesmo pelo seu pecado. Como poderá ser espiritual se não se der conta de toda a perversa e desprezível que é sua carne e não se detesta a si mesmo? Oh, seja como for que pequemos, continuamos pertencendo à carne! Agora é o momento de nos prostrar humildemente diante de Deus, dispostos a que o Espírito Santo nos convença de novo de nossos pecados.

A NECESSIDADE DA MORTE

À medida em que um crente seja iluminado pelo Espírito Santo para perceber algo da lamentável condição de ser carnal, nesse ponto se intensificará sua luta com a carne, e seus fracassos se farão evidentes mais freqüentemente. Na derrota se dará conta do pecado e da fraqueza da carne, para que desperte nele uma crescente indignação para si mesmo e uma ardente determinação de lutar contra o pecado de sua carne. Semelhante reação em cadeia se pode estender pó bastante tempo até que finalmente, ao experimentar a profunda obra da cruz, seja libertado. Que o Espírito Santo nos guie desta maneira é algo intencional.

Antes de que a cruz possa realizar uma obra profunda tem que haver uma preparação adequada. A luta e o fracasso nos proporcionam isso.

Quanto à experiência do crente, embora mentalmente possa estar de acordo com a avaliação que Deus faz de que a carne está corrompida por completo e é irredimível, mesmo assim pode carecer da clara percepção espiritual que avalia com precisão a corrupção e a contaminação da carne. Possivelmente aceita que o que Deus diz é certo. Mas embora o crente o diga, ainda a sua carne tenta lhe impor justificativas.

Muitos crentes, ignorantes da salvação de Deus, tentam conquistar a carne brigando com ela. Acreditam que a vitória depende da força que possuem. Por conseguinte, contam seriamente com que Deus lhes concederá um grande poder espiritual para que possam dominar a sua carne. Normalmente esta batalha se estende por um longo período de tempo, com mais derrota que vitórias, até que finalmente se vê que uma vitória total sobre a carne é irrealizável.

Durante este tempo o crente continua por uma parte guerreando, e pela outra tentando melhorar ou disciplinar sua carne. Ora, esquadrinhando a Bíblia, estabelece muitas regras («não faça, não prove, não toque»), na vã esperança de dominar e domar à

carne. Inconscientemente cai na armadilha de tratar o mal da carne como um resultado da falta de regras, educação e civilidade. Acredita que se pudesse dar a sua carne alguma preparação espiritual se livraria de seu problema. Não vê que semelhante tratamento é inútil (Cl. 2:21-23).

Por causa da confusão em que se acha o cristão, desejando, na aparência, a destruição da carne, mas ao mesmo tempo procurando melhorá-la, o Espírito Santo deve lhe permitir que lute, que seja derrotado e que sofra sob suas próprias acusações. Só depois de ter passado por esta experiência repetidamente, o cristão compreenderá que a carne é irredimível e que seu método é vão. Então procurará outro tipo de salvação. Deste modo conhecerá por experiência o que antes só conhecia mentalmente.

Se um filho de Deus acredita no Deus fiel e sinceramente suplica ao Espírito Santo que lhe revele a santidade de Deus para poder conhecer sua carne debaixo dessa luz, o Espírito o fará, sem dúvida. Possivelmente economizará muitos sofrimentos no futuro. Mas crentes assim há poucos. A maioria confia em seu próprio método, pretendendo que não são tão maus depois de tudo. Para corrigir esta presunção errônea, o Espírito leva pacientemente aos crentes a que comprovem pouco a pouco a inutilidade de seus próprios métodos.

Temos dito que não podemos ceder diante da carne, nem tampouco podemos corrigi-la nem educá-la, posto que nenhum de nossos métodos pode chegar jamais a minimamente modificar a natureza da carne. O que podemos fazer, então? A carne deve morrer. É o método de Deus.

O único caminho é a morte, e não há outro. Preferiríamos domar a carne com nosso esforço, com nossa vontade ou com outros inumeráveis meios, mas a prescrição de Deus é a morte. Se a carne morre, não ficam resolvidos todos os problemas de maneira automática? Não temos que conquistar a carne: ela tem que morrer. É muito razoável, se considerarmos a maneira com que passamos a ser carne já no princípio: «o que nasce da carne é carne». Nos tornamos carne ao nascer dela. Agora bem, a saída simplesmente segue a entrada. A maneira de possuir é a maneira de perder. Como nos fizemos carne ao nascer da carne, se depreende facilmente que nos liberaremos dela, se morrer. A crucificação é o único caminho.

> ***«Porque o que morreu está livre de pecado» (Rm. 6:7).***

Tudo o que passe longe da morte é insuficiente. A morte é a única salvação.

A carne está muito corrompida (2 Pe. 2:10-22), e por esta razão Deus não tenta trocá-la. O único método de libertação é lhe dar morte. Nem sequer o precioso sangue do Senhor Jesus pode limpar as impurezas da carne. Vemos na Bíblia que o sangre lava nosso pecado, mas nunca lava nossa carne. Deve ser crucificada (Gl. 5:24). O Espírito Santo não pode reformar a carne, e por isso não viverá em meio de carne pecaminosa. Não habita no crente com o propósito de mellhorar a carne, mas sim para lutar contra ela (Gl. 5:17).

«Não será derramado o azeite da santa unção (que é um tipo do Espírito Santo) sobre a carne de homem» Êx. 30:32).

Se fosse assim, que absurdo é que oremos ao Senhor com freqüência para que nos faça bons e amorosos para poder lhe servir! Que vã é a esperança do que aspira a uma posição santa algum dia, quando pudermos estar diariamente com o Senhor e possamos glorificá-lo em tudo!

Deveras, não devemos tentar jamais corrigir a carne para fazê-la colaborar com o Espírito de Deus. A carne deve morrer. Só enviando a carne à cruz podemos nos libertar de continuar escravizados indefinidamente por ela.

3. A CRUZ E O ESPÍRITO SANTO

Muitos crentes, senão a maioria deles, não foram cheios do Espírito Santo no momento em que acreditaram no Senhor. E o que é ainda pior, depois de muitos anos de terem crido, continuam presos nas redes do pecado e ainda são cristãos carnais. Nas páginas que seguem, tudo o que tentamos explicar sobre como se pode libertar um cristão de sua carne está apoiado na experiência dos crentes de Corinto e também na de muitos crentes parecidos de todas partes.

Além disso, não desejamos dar a entender que um cristão deve primeiro acreditar na obra substitutiva da cruz e posteriormente acreditar em sua obra identificativa. Não é verdade, entretanto, que muitos, no princípio não têm uma revelação clara em relação à cruz? O que receberam é só a metade de toda a verdade, e por isso têm que receber a outra metade em um período posterior.

Mas, se o leitor já aceitou a obra completa da cruz, o que vai encontrar aqui não lhe interessará muito. Mas se, como a maioria de crentes, também acreditou unicamente na metade de toda a verdade, então lhe é indispensável o resto. Mesmo assim, queremos seriamente que nossos leitores saibam que não é necessário aceitar as duas faces da obra da cruz em separado; a segunda aceitação só é necessária para quem recebeu a primeira de maneira incompleta.

A LIBERTAÇÃO DA CRUZ

Em sua carta aos Gálatas, depois de enumerar muitos atos da carne, o apóstolo Paulo adverte que «os que pertencem a Jesus Cristo crucificaram a carne com suas paixões e desejos» (Gl. 5:24). Eis aqui a libertação. Não é estranho que o que interessa ao crente difere muito do que interessa a Deus? O crente está interessado nas «obras da carne» (Gl. 5:19), quer dizer, nos pecados variados da carne. Está ocupado com a irritação de hoje, o ciúmes de amanhã ou a disputa de depois de amanhã. O crente se lamenta por um pecado em particular e deseja conseguir a vitória sobre ele. Entretanto, todos estes pecados só são frutos da mesma árvore. Enquanto se agarra uma fruta (em realidade não se pode agarrar nenhuma) aparece outra. Crescem uma atrás de outra e não dão nenhuma possibilidade de vitória. Por outro lado, Deus não está interessado nas obras da carne mas sim na crucificação da carne.

> ***«E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências.» (Gl. 5:24).***

Se tivessem arrancado a árvore haveria alguma necessidade de temer que desse fruto? O crente trabalha ativamente fazendo planos para controlar os pecados, que são as frutas, enquanto se esquece de tratar a própria carne — que é a raiz —. Não é estranho que antes de que possa resolver um só pecado já surgiu outro. Por isso hoje devemos tratar a srcem do pecado.

Os recém-nascidos em Cristo precisam se apropriar do profundo significado da cruz porque ainda são carnais. O objetivo de Deus é crucificar junto com Cristo o velho

homem do crente, com o resultado de que os que pertencem a Cristo «crucificaram a carne com suas paixões e desejos».

Tenham presente que o que foi crucificado é a carne junto com suas poderosas paixões e desejos.

Posto que o pecador foi regenerado e redimido de seus pecados por meio da cruz, agora o menino carnal em Cristo deve ser libertado do domínio da carne pela mesma cruz para que possa andar segundo o espírito e já não segundo a carne. Depois disto não passará muito tempo antes de que seja um cristão espiritual.

Aqui encontramos o contraste entre a queda do homem e a ação da cruz. A salvação que proporciona esta é justamente o remédio para aquela. Que adequação tão perfeita entre as duas!

Primeiro Cristo morreu na cruz pelo pecador para perdoar seu pecado. Portanto, o Deus santo podia perdoá-lo com justiça. Mas a seguir está o fato de que o pecador também morreu na cruz com Cristo para que não possa ser controlado mais por sua carne. Só isto pode fazer que o espírito do homem recupere seu próprio domínio, que o corpo seja seu servidor externo e que a alma seja sua intermediária. Desta forma, o espírito, a alma e o corpo são restaurados a sua posição srcinal anterior à queda. Se ignoramos o significado da morte que descrevemos, não seremos libertados. Que o Espírito Santo seja nosso Revelador!

«Os que pertencem a Cristo Jesus» se refere a todo crente no Senhor. Todos os que creram nEle e nasceram de novo lhe pertencem. O fator decisivo é se se esteve unido a Ele na vida, não se se é espiritual ou se se trabalhar para o Senhor, nem se se conseguiu libertação do pecado; venceram-se as paixões e desejos da carne e agora se é plenamente santificado. Em outras palavras, a pergunta só pode ser: foi-se regenerado, ou não? acreditou-se no Senhor Jesus como Salvador, ou não? Se for sim, não importa o estado espiritual atual — em vitória ou em derrota —, crucificou-se a carne».

O assunto que temos adiante não é moral, nem é coisa da vida, conhecimento ou obras espirituais. Simplesmente é se se é do Senhor. Se for assim, então já se crucificou a carne na cruz. Está claro que isto significa, não que alguém vai crucificar, nem que está no processo de crucificação, mas sim que já crucificou.

Convém ser mais explícito aqui. Assinalamos que a crucificação da carne não depende das experiências, por muito diferentes que possam ser, mas sim depende do fato da obra terminada de Deus.

«Os que pertencem a Cristo Jesus» — tanto os fracos como os fortes — «crucificaram a carne com suas paixões e desejos».

Dizeis que ainda pecais, mas Deus diz que fostes crucificados na cruz.

Dizeis que vosso mau gênio persiste, mas a resposta de Deus é que fostes crucificados.

Dizeis que vossas paixões continuam sendo muito poderosas, mas novamente Deus replica que vossa carne foi crucificada na cruz.

De momento, façam o favor de parar de olhar suas experiências e ouçam o que Deus lhes diz. Se não escutarem sua Palavra e em lugar disso observarem continuamente sua situação, jamais viverão a realidade de que sua carne foi crucificada na cruz. Não façam caso de seus sentimentos e de sua experiência. Deus declara crucificada sua carne, e conseqüentemente, ela foi crucificada. Respondam simplesmente à Palavra de Deus e terão experiência. Quando Deus lhes diz que «sua carne foi crucificada», devem responder: «Amém, é verdade que minha carne foi crucificada.» Atuando desta maneira, segundo sua Palavra, comprovarão que sua carne está verdadeiramente morta.

Os crentes de Corinto se permitiram cometer os pecados de fornicação, ciúmes, disputas, espírito partidarista, pleitos e muitos outros. Eram claramente carnais. É certo que eram «meninos em Cristo», mas mesmo assim eram de Cristo. Pode-se dizer realmente que estes crentes carnais haviam tido sua carne crucificada na cruz? A resposta é indubitavelmente que sim. Inclusive estes haviam tido crucificada sua carne. Como é isso? Devemos compreender que a Bíblia jamais nos diz que nos crucifiquemos. Só nos informa que «fomos crucificados». Devemos compreender que não temos que ser crucificados individualmente, mas sim fomos crucificados junto com Cristo (Gl. 2:20; Rm. 6:6). Se foi uma crucificação conjunta, então quando o Senhor Jesus foi crucificado, nesse momento também foi crucificada nossa carne. Além disso, a crucificação junto com a sua não a sofremos pessoalmente, posto que foi o Senhor Jesus quem nos levou a cruz em sua crucificação. Em conseqüência, Deus considera nossa carne já crucificada. Para Ele é um fato consumado. Sejam quais forem nossas experiências pessoais, Deus declara que «os que pertencem a Cristo Jesus crucificaram a carne». Para possuir esta morte não devemos dedicar muita atenção a investigar ou observar nossas experiências. Em vez disso devemos acreditar na Palavra de Deus. «Deus diz que minha carne foi crucificada e por isso acredito que está crucificada. Reconheço que o que diz Deus é verdade.» Respondendo desta maneira logo nos encontraremos com a realidade disto. Se primeiro olhamos o ato de Deus, nossa experiência virá a seguir.

Da perspectiva de Deus, esses coríntios já tinham crucificada sua carne na cruz com o Senhor Jesus, mas do seu ponto de vista é evidente que não tinham semelhante experiência. Possivelmente isto se devia a seu desconhecimento de fato de Deus. Daí que o primeiro passo para a libertação é tratar a carne segundo o ponto de vista de Deus. E o que é isso? Não é tentar crucificar a carne, mas sim reconhecer que foi crucificada; não é andar segundo nossa vista, mas sim segundo nossa fé na Palavra de Deus. Se estivermos bem assentados neste ponto de reconhecer que a carne já está crucificada, então poderemos tratar com a carne em nossa experiência. Se titubearmos quanto a este fato perderemos a possibilidade de possuí-lo definitivamente. Para experimentar a crucificação junto com Jesus, primeiro devemos deixar de lado nossa situação atual e simplesmente confiar na Palavra de Deus.

O ESPÍRITO SANTO E A EXPERIÊNCIA

> ***«Enquanto estávamos vivendo na carne, nossas paixões pecaminosas... obravam em nossos membros para dar fruto de morte. Mas agora estamos... mortos...» (Rm. 7:5, 6).***

A conseqüência disto é a carne já não ter nenhum poder sobre nós.

Acreditamos e reconhecemos que nossa carne foi crucificada na cruz. Agora — antes não — podemos fixar nossa atenção no tema da experiência. Embora agora destaquemos a experiência, mesmo assim nos aferremos firmemente ao feito de nossa crucificação com Cristo.

O que Deus tem feito por nós e o que experimentamos da obra acabada de Deus, embora sejam duas coisas distinguíveis, são inseparáveis.

Deus fez o que podia fazer. A pergunta imediata é: Que atitude adotamos em relação à sua obra terminada? Ele crucificou nossa carne na cruz, não de nome, mas sim de fato. Se acreditamos e exercemos nossa vontade para escolher o que Deus tem feito por nós, esta experiência será nossa para sempre. Não se nos pede que façamos nada, porque Deus tem feito tudo. Não se nos exige que crucifiquemos nossa carne, porque Deus a crucificou na cruz.

Creem que é certo? Desejam possuí-lo em sua vida? Se acreditarem e desejarem, então colaborarão com o Espírito Santo para conseguir uma rica experiência.

Colossenses 3:5 nos exorta: «Exterminai, pois, as vossas inclinações carnais.»
Este é o caminho para a experiência. O «pois» indica a conseqüência do dito no versículo 3, «morrestes». O «morrestes» é o que Deus obteve para nós. Posto que «morrestes», pois, «façam morrer o que é terrestre em vós». Aqui, a primeira menção da morte é nossa posição de fato em Cristo; a segunda é nossa experiência real. O fracasso dos crentes de hoje pode achar-se no fracasso em ver a relação entre estas duas mortes. Alguns tentaram anular sua carne porque têm insistido exclusivamente na experiência da morte. Por isso sua carne cresce mais forte com cada tentativa! Outros reconheceram a verdade de que sua carne de fato foi crucificada com Cristo na cruz, mas não procuram a realidade prática disso. Nenhum destes pode jamais apropriar-se em sua experiência da crucificação da carne.

Se desejamos fazer morrer nossos membros, devemos primeiro ter uma base para semelhante ação, pois do contrário simplesmente confiaríamos em nossas forças. Nenhum grau de entusiasmo pode nos trazer jamais a experiência desejada. Além disso, se unicamente soubermos que nossa carne foi crucificada com Cristo, mas não nos preocupamos de que sua obra acabada trabalhe em nós, nosso conhecimento também será inútil. Para fazer morrer nossos membros devemos primeiro passar pela identificação de sua morte. Conhecendo nossa identificação, devemos então proceder ao fazer morrer nossos membros. Estes dois passos devem acontecer juntos. Enganamos a nós mesmos se nos conformamos em simplesmente entender o fato da identificação, achando que agora somos espirituais posto que a carne foi destruída. Por

outro lado, também nos enganamos se, ao fazer morrer as más ações da carne colocamos nisso muita ênfase e falhamos em tomar a atitude de que a carne morreu. Se esquecermos que a carne está morta, nunca poderemos nos desprender de nada, enterrar nada. O «façam morrer» depende do «morrestes». Aqui, o fazer morrer significa levar a morte do Senhor Jesus a todas as ações da carne. A crucificação do Senhor tem muita autoridade porque faz morrer aquilo com que se enfrenta. Como estamos unidos a Ele em sua crucificação, podemos aplicar sua morte a qualquer membro que seja tentado pelas paixões e fazê-lo morrer imediatamente.

Nossa união com Cristo em sua morte significa que é um fato em nossos espíritos. O que o crente deve fazer agora é tirar esta morte de seu espírito e aplicá-la a seus membros cada vez que suas paixões despertem. Esta morte espiritual não é coisa para uma vez e pronto. Se o crente não se mantiver vigilante ou se perde a fé, é indubitável que a carne entrará em um frenesi de atividade. Que deseje ser totalmente conformado à morte do Senhor, deve fazer morrer sem cessar as ações de seus membros para que o que é real no espírito se realize no corpo.

Mas de onde vem o poder para aplicar a crucificação do Senhor a nossos membros? Paulo insiste em que é «pelo Espírito que se fazem morrer as ações do corpo» (Rm. 8:13). Para fazer morrer estas ações, o crente deve confiar no Espírito Santo para converter sua crucificação conjunta com Cristo em uma experiência pessoal. Deve acreditar que o Espírito Santo aplicará a morte da cruz a tudo o que tenha que morrer. Em vista do fato de que a carne do crente foi crucificada com Cristo na cruz, não tem que ser crucificada de novo. Tudo o que se precisa é aplicar, por meio do Espírito Santo, a morte consumada do Senhor Jesus em favor dele sobre a cruz a qualquer ação má do corpo que tente elevar-se. As obras más da carne podem surgir em qualquer momento e em qualquer lugar. Como conseqüência, se o filho de Deus não faz valer constantemente pelo Espírito Santo o poder da santa morte de nosso Senhor Jesus, não poderá triunfar. Mas se enterrar as ações do corpo deste modo, o Espírito Santo que habita nele realizará finalmente o propósito de Deus de deixar inoperante o corpo do pecado (Rm. 6:6).

Apropriando-se da cruz deste modo, o menino em Cristo será libertado do poder da carne e será unido ao Senhor Jesus na vida da ressurreição.

Daí em diante o cristão deveria «andar pelo espírito, e não satisfazer os desejos da carne» (Gl. 5:16). Deveríamos recordar sempre que por muito profundamente que penetre em nossas vidas a cruz do Senhor, não podemos esperar evitar mais perturbações das más ações de nossos membros sem uma constante vigilância por nossa parte. Sempre que um filho de Deus fracassa em seguir o Espírito Santo, isto tem como conseqüência imediata seguir à carne. Deus nos descobre a realidade de nossa carne por meio do perfil que o apóstolo Paulo faz do eu do cristão em Romanos 7 a partir do versículo 5. No momento em que o cristão deixa de fixar sua atenção no Espírito Santo, instantaneamente se encaixa no modelo de vida carnal que descrevemos. Alguns dão por certo que, como o capítulo de Romanos 7 está entre os capítulos 6 e 8, a atividade da carne será coisa do passado assim que o crente a tenha

passado e tenha entrado na vida do Espírito em Romanos 8. Na realidade os capítulos 7 e 8 são paralelos. Se um crente não andar pelo Espírito segundo Romanos 8, fica submerso imediatamente na experiência de Romanos 7.

> ***«Assim, por mim mesmo sirvo à lei de Deus com minha mente, mas com minha carne sirvo à lei do pecado» (7:25).***

Observem que Paulo conclui a descrição de sua experiência, explicada antes deste versículo 25, usando a frase «assim». Notamos uma contínua derrota em todo o versículo 24. Só no versículo 25 se vê a vitória:

> ***«Graças a Deus por meio de Jesus Cristo nosso Senhor» (v. 25a).***

No momento de conseguir a vitória depois de derrotas constantes lemos que Paulo diz:

> ***«Eu por mim mesmo sirvo à lei de Deus com minha mente.»***

Aqui está nos dizendo que sua nova vida deseja o que Deus deseja. Porém, essa não é toda a história, porque imediatamente Paulo declara:

> ***«mas com minha carne sirvo à lei do pecado».***

E encontramos isto dito exatamente depois de sua vitória no versículo 25a. A conclusão óbvia é que não importa o muito que sua mente interior possa servir à lei de Deus e por mais que se veja livre da carne, esta permanece invariável e continua servindo à lei do pecado. Por isso, se desejamos ser guiados pelo Espírito Santo (Rm. 8:14) e ser libertados da opressão da carne, devemos fazer morrer as más ações do corpo e andar e conformidade com o Espírito Santo.

A EXISTÊNCIA DA CARNE

Notemos com atenção em que, embora possamos fazer morrer a carne para que fique «inútil» (o significado real de «destruir» em Rm. 6:6), a carne continua resistindo, apesar de tudo. É um tremendo engano pensar que já eliminamos a carne e deduzir que a natureza do pecado está completamente aniquilada. Este falso ensino engana às pessoas. A vida regenerada não modifica a carne. A crucificação conjunta em Cristo não suprime a carne. O fato de que o Espírito Santo habite em uma pessoa não a impossibilita para andar segundo a carne. A carne, com sua natureza carnal, vive perpetuamente no crente. Assim que tenha uma oportunidade, passará à ação de modo imediato.

Vimos anteriormente o quão estreitamente relacionados estão o corpo humano e a carne.

Enquanto não chegue o momento de nos libertar fisicamente deste corpo não poderemos estar suficientemente libertados da carne, de modo que esta não tenha nenhuma oportunidade de atuar.

Todo o que nasce da carne é carne. Não há maneira possível de eliminá-la até que este corpo corrompido do Adão não seja transformado. Nosso corpo ainda não está redimido (Rm. 8:23); espera o volta do Senhor Jesus para sua redenção (1Co. 15:22, 23,42-44,51-56; 1 Ts. 4:14-18; Fp. 3:20,21). Assim pois, enquanto estivermos no corpo

devemos nos manter continuamente alertas para que a carne não entre em ação com suas más obras.

Nossa vida na terra se pode comparar, na melhor das hipóteses, com a de Paulo, que dizia que «embora andemos na carne não militamos segundo a carne» (2Co. 10:3).

Como ainda possui um corpo, anda na carne. Entretanto, como a natureza da carne é tão corrupta, não luta segundo a carne. Anda na carne, sim, mas não anda pela carne (Rm. 8:4).

Enquanto o crente não é libertado do corpo físico, não está totalmente livre da carne.

Fisicamente falando, deve viver na carne (Gl. 2:20); espiritualmente falando, não lhe é necessário e não deve lutar segundo a carne.

Vejamos bem, se Paulo, segundo a conclusão evidente de 2 Coríntios 10:3, estando no corpo, é suscetível de lutar segundo a carne (embora deduzamos do v. 4 que não luta nesse sentido), então quem se atreve a dizer que já não tem uma carne potencialmente ativa? A obra terminada da cruz e sua contínua aplicação por parte do Espírito Santo são, por conseguinte, inseparáveis.

Devemos prestar uma atenção especial a este ponto porque apresenta sérias conseqüências.

Se um crente chega a acreditar que está totalmente santificado e que já não tem carne,

viverá uma vida de aparência, falsa, ou uma vida indolente e relaxada. Aqui temos que destacar um fato. Os filhos nascidos de pais regenerados e santificados ainda são da carne e precisam nascer de novo como outros meninos.

Ninguém pode dizer que não são da carne e que não precisam nascer de novo. O Senhor Jesus afirmou que «o que nasce da carne é carne» (Jo. 3:6). Se o que nasce é carne, isto mostra que o que dá a luz também deve ser carne, porque só a carne pode engendrar carne. O fato de que os filhos são carnais testemunha de maneira concreta que os pais não estão totalmente liberados da carne. Os santos transmitem a seus filhos a natureza caída unicamente porque, srcinariamente era a sua. Não podem transmitir a natureza divina recebida na regeneração, já que essa natureza não é a sua srcinal, a não ser a recebida individualmente como um dom gratuito de Deus. O fato de que os crentes comuniquem sua natureza pecadora a seus filhos indica que sempre está presente neles.

Considerada dessa perspectiva, vemos que uma nova criatura em Cristo nunca recupera, nesta vida, a posição que Adão tinha antes da queda, posto que pelo menos o corpo ainda está esperando a redenção (Rm. 8:23). Uma pessoa que é uma nova criatura, continua conservando a natureza pecaminosa em seu interior. Ainda está na carne. Seus sentimentos e seus desejos são imperfeitos às vezes e são menos nobres que os de Adão antes da queda. Se não eliminar a carne humana de seu interior, não pode ter sentimentos, desejos ou amor perfeitos. O homem jamais pode chegar à posição de

estar acima de toda possibilidade de pecar, visto que a carne persiste. Se um crente não seguir o Espírito Santo mas, em vez disso ceder para a carne, estará, certamente, sob o domino da carne. Entretanto, apesar destas realidades, não devemos empobrecer a salvação realizada por Cristo. A Bíblia nos diz em muitas passagens que tudo o que foi engendrado de Deus e foi cheio com Deus não tem nenhuma inclinação para o pecado. Não obstante, isto não significa que, definitivamente, não haja possibilidade de ter um desejo pecaminoso. Exemplificando: dizemos que as bóias de madeira não têm tendência de afundar, mas é obvio que não são insubmergíveis. Se a madeira fica encharcada o tempo suficiente, afundará por si só. Mesmo assim, a natureza de uma tora de madeira é claramente de não afundar. De maneira análoga, Deus nos salvou até o ponto de não termos inclinação para pecar, mas não nos salvou até o ponto de sermos incapazes de pecar.

Se um crente permanecer totalmente inclinado a pecar, isto mostra que é a carne e que não se apropriou da salvação total. O Senhor Jesus pode nos desviar do pecado, mas além disso devemos estar alertas. Sob a influência do mundo e a tentação de Satanás, a possibilidade de pecar se mantém.

Naturalmente, um crente deve compreender que em Cristo é uma nova criatura. Como tal, o Espírito Santo vive em seu espírito; e isto, junto com a morte de Jesus trabalhando ativamente em seu corpo, pode equipar o crente para viver uma vida santa. Isto só é possível porque o Espírito Santo aplica a cruz na carne do crente, fazendo morrer as ações de seus membros. E então fica inativa. Entretanto, isto não implica que já não existe a carne. Porque um crente continua possuindo uma carne pecaminosa e é consciente de sua presença e de sua contaminação. O próprio fato de que a natureza pecaminosa seja transmitida aos filhos deixa claramente estabelecido de que o que agora possuímos não é a perfeição natural de Adão sem pecado.

O crente deve confessar que inclusive em suas horas mais santas pode haver momentos de fraqueza: podem introduzir-se maus pensamentos em sua mente inconscientemente; podem escapar palavras impróprias sem querer; sua vontade pode, às vezes, encontrar dificuldade em ceder diante do Senhor; e secretamente pode, inclusive, aprovar a ideia da auto-suficiência.

Tudo isso não é nada mais do que a obra da carne.

Por isso os crentes devem saber que a carne pode voltar a exercer seu poder a qualquer momento. Não foi eliminada do corpo. Mas a presença da carne tampouco significa que a santificação seja impossível para um crente. Só quando entregamos nosso corpo ao Senhor (Rm. 6:13) é possível libertar-nos do domínio da carne e estar sob o domínio do Senhor. Se seguirmos o Espírito Santo e mantivermos uma atitude de não deixar que o pecado reine sobre o corpo (Rm. 6:12), então nossos pés ficam livres de tropeçar e experimentamos uma vitória constante. Havendo sido libertado, nosso corpo se converte em templo do Espírito Santo e é livre para fazer a obra de Deus. Assim, a maneira de preservar nossa liberdade da carne tem que ser exatamente a maneira com que se obteve esta liberdade no princípio, naquela conjuntura entre a vida e a morte,

quando o crente diz «sim» a Deus e «não» à carne. Longe de ser um fato único, de uma vez para sempre, o crente deve manter durante toda sua vida uma atitude afirmativa diante de Deus e uma resposta negativa para o pecado.

Nenhum crente consegue chegar ao ponto de estar acima da tentação. Quão necessário é vigiar e orar, e inclusive jejuar, para poder saber como andar segundo o Espírito Santo! Apesar de tudo, o crente não deveria diluir nem o propósito de Deus nem sua própria esperança. Tem a possibilidade de pecar, mas não deve pecar. O Senhor Jesus morreu por nós e crucificou nossa carne com Ele na cruz. O Espírito Santo vive em nós

para tornar real para nós o que o Senhor Jesus fez. Temos a absoluta possibilidade de não ser governados pela carne. A presença da carne não é uma chamada à rendição, mas sim uma chamada a vigiar. A cruz crucificou por completo à carne. Se estivermos dispostos a anular as más obras do corpo no poder do Espírito Santo, experimentaremos seriamente a obra consumada da cruz.

> ***«assim, irmãos, somos devedores, não à carne para viver segundo a carne, porque se viverem segundo a carne morrerão, mas se pelo Espírito fazem morrer as ações do corpo, viverão» (Rm. 8:12, 13).***

Posto que Deus concedeu semelhante graça e salvação, a culpa será toda nossa se continuarmos seguindo a carne. Já não lhe somos devedores como o fomos antes de conhecer esta salvação. Se agora persistirmos em viver pela carne é porque queremos viver assim, não porque devemos viver assim. Muitos santos amadurecidos experimentaram uma vitória sustentada sobre a carne. Embora a carne permaneça, seu poder está reduzido virtualmente a zero. Sua vida, junto com sua natureza e suas atividades, foi posta em suspensão de maneira tão contundente pela cruz do Senhor no poder do Espírito Santo, que foi relegada a um estado de existência como se não estivesse presente. Devido à profunda e persistente obra da cruz e à fidelidade dos santos em seguir ao Espírito Santo, a carne, embora exista, perde toda sua existência. Inclusive seu poder para estimular aos crentes parece estar anulado. Todos os crentes podem obter este triunfo total sobre a carne.

> ***«Se pelo Espírito fazem morrer as ações do corpo, viverão.»***

Toda a relação expressa neste versículo se apóia nessa palavra: «se».

Deus fez tudo o que era necessário. Não pode fazer nada mais. A decisão é nossa. Se descuidarmos desta perfeita salvação, como escaparemos?

«Se viverem segundo a carne morrerão»: isto é uma advertência. Embora estejam regenerados, mesmo assim perderão sua experiência espiritual, como se não estivessem vivos.

Se viverem «pelo Espírito» também morrem, mas morrem na morte de Cristo. Esta morte é muito autêntica porque anulará todas as ações da carne. De um ou outro modo morrerão. Que morte escolhem: a que procede de uma carne viva ou a que surge de um espírito ativo? Se a carne estiver viva, o Espírito Santo não pode viver com força.

Que vida preferem: a da carne ou a do espírito? A provisão de Deus para vocês é que sua carne e todo seu poder e suas atividades fiquem sob o poder da morte de Cristo na cruz. O que nos falta não é outra coisa senão a morte.

Deixemos isto bem claro antes de falar de vida, porque não pode haver ressurreição se antes não houver morte.

Estamos dispostos a obedecer a vontade de Deus? Deixaremos que a cruz de Cristo se manifeste de uma maneira prática em nossas vidas? Se for assim, devemos fazer morrer com o Espírito Santo todas as ações más do corpo.

4. A JACTÂNCIA DA CARNE

O OUTRO LADO DA CARNE

Existem só as obras da carne que mencionamos até agora, ou há outras obras carnais? Os pecados da carne que temos feito notar até aqui são as paixões do corpo humano.

Mas agora devemos fixar nossa atenção em outro aspecto da carne. Recordarão que anteriormente afirmamos que a carne consiste nas obras da alma assim como também as paixões do corpo.

Até agora só falamos sobre a parte do corpo, deixando quase sem tocar a parte da alma. É totalmente certo que o crente deve desprender-se dos pecados do corpo, mas também tem que opor-se às obras de sua alma, porque aos olhos de Deus são tão corruptas como os pecados do corpo.

Segundo a Bíblia, as obras da «carne» são de duas categorias (embora ambas sejam da carne): as más e as hipócritas. A carne não somente pode produzir pecados repelentes mas também condutas louváveis; não só o baixo e o ruim mas também o elevado e o nobre; não só as paixões pecaminosas mas também a boa intenção.

É a esta segunda parte que vamos nos dedicar agora.

A Bíblia emprega a palavra «carne» para descrever a vida ou a natureza corrupta do homem, que abrange a alma e o corpo. No ato criador de Deus, a alma foi colocada entre o espírito e o corpo, ou seja, entre o que é celestial ou espiritual e o que é terrestre ou físico. Seu dever é administrá-los de acordo com a função de cada um, conforme a sua adequação, mas mantendo-os intercomunicados, para que, por meio desta perfeita harmonia, o homem possa finalmente alcançar a plena espiritualidade. Desgraçadamente, a alma cedeu à tentação que surgiu dos órgãos físicos, escapando assim da autoridade do espírito e aceitando o controle do corpo. Em conseqüência, a alma e o corpo ficaram unidos para ser a carne. A carne não só está «livre do espírito», mas também é totalmente contrária ao espírito. Por isso a Bíblia afirma que «a carne luta contra o espírito» (Gl. 5:17).

A oposição da carne contra o espírito e contra o Espírito Santo é dupla:

1) pecando: se rebela contra Deus e infringe a lei de Deus, e

2) fazendo o bem: obedece a Deus e segue a vontade de Deus.

Naturalmente, o elemento corporal da carne, cheio de pecado e de paixões, não pode fazer outra coisa senão expressar-se em muitos pecados, entristecendo o Espírito Santo. A parte da carne que é a alma, no entanto, não está tão poluída como o corpo. A alma é o princípio de vida do homem; é seu eu próprio, e consta das faculdades da vontade, da mente e da emoção.

Do ponto de vista humano, as obras da alma podem não ser todas más. Simplesmente se centram no pensamento, na ideia, no sentimento e nas preferências e aversões da pessoa.

Embora todos estes se concentrem no eu, não são necessariamente pecados poluentes. A característica básica das obras da alma é a independência ou auto-dependência: Embora a parte da alma não esteja tão poluída como a parte corporal, mesmo assim é contrária ao Espírito Santo. A carne põe o eu no centro e eleva a vontade própria acima da vontade de Deus. Pode servir a Deus, mas sempre segundo sua ideia, não segundo

a ideia de Deus. Fará o que seja bom a seus olhos. O eu é o princípio que está detrás de cada ato. Pode ser que não cometa o que o homem considera pecado; pode ser, inclusive, que tente cumprir os mandamentos de Deus com todas suas forças; entretanto, o «eu» nunca deixa de estar no coração da atividade.

Quem pode desentranhar a falsidade e a vitalidade deste eu? A carne não só se opõe ao espírito, pecando contra Deus, mas também tentando servi-Lo e agradá-Lo. Opõe-se ao Espírito Santo e o apaga, apoiando-se em sua própria força, em vez de confiar por completo na graça de Deus e deixar-se levar pelo Espírito.

Podemos encontrar muitos crentes ao nosso redor que, por natureza são bons, pacientes e afetuosos. Agora bem, o que o crente odeia é o pecado; em conseqüência, se pode livrar dele e das obras da carne descritas em Gálatas 5, versículos 19 a 21, então se sente satisfeito.

Mas o que o crente admira é a justiça; em conseqüência, se esforçará em agir corretamente, desejando possuir os frutos de Gálatas 5, versículos 22 e 23. Entretanto, o perigo se encontra aqui, porque o cristão não chegou a aprender a aborrecer a sua carne em sua totalidade.

Deseja simplesmente livrar-se dos pecados que surgem dela. Sabe como resistir um pouco às ações da carne, mas não vê que a própria carne, em sua totalidade, deve ser destruída.

O que o engana é que a carne não somente pode produzir pecado mas também pode fazer o bem. Se ainda fizer o bem é evidente que ainda está viva. Se a carne tivesse morrido definitivamente, a capacidade do crente de fazer o bem e de fazer o mal teria morrido com ela.

Uma capacidade para operar coisas boas mostra que a carne ainda não morreu.

Sabemos que os homens srcinalmente pertencem à carne: A Bíblia ensina claramente que não há ninguém no mundo que não seja da carne, posto que todo pecador nasceu da carne.

Mas, além disso, reconhecemos que muitos, antes de nascer de novo, e inclusive muitos que em toda sua vida nunca acreditaram no Senhor, fizeram e continuam fazendo muitas coisas louváveis. Alguns parecem ter nascido com o dom da

amabilidade, da paciência ou da bondade. Observem o que o Senhor diz a Nicodemos (Jo. 3:6); apesar desse homem ser bom por natureza, mesmo assim o considera da carne. Isto confirma que a carne pode deveras fazer o bem.

Na carta de Paulo aos Gálatas vemos outra vez que a carne pode fazer o bem.

«Havendo começado com o Espírito, estão terminando com a carne?» (3:3).

Os filhos de Deus na Galácia haviam caído no engano de fazer o bem com a carne. Tinham começado no Espírito Santo; porém não continuaram assim para serem feitos perfeitos. Em vez disso quiseram aperfeiçoar-se por meio de sua justiça, da justiça segundo a lei. Por isso o apóstolo lhes fez semelhante pergunta. Se a carne dos crentes gálatas só tivesse podido fazer o mal, Paulo não teria que fazer uma pergunta assim, posto que eles mesmos saberiam de sobra que os pecados da carne não podiam aperfeiçoar em modo algum o que se começou com o Espírito Santo. Que desejassem aperfeiçoar com sua carne o que o Espírito Santo havia iniciado mostra que para alcançar uma posição perfeita dependiam da capacidade de fazer o bem de sua carne. Realmente tinham tentado fazer o bem com grandes esforços, mas o apóstolo nos mostra aqui que as boas ações da carne e as obras do Espírito Santo são dois mundos distintos. O que uma pessoa faz com a carne o faz ela mesma.

Jamais se pode aperfeiçoar o que Espírito Santo começou No capítulo anterior pudemos encontrar o apóstolo dizendo outra coisa importante sobre o mesmo tema: «Mas se torno a edificar aquilo que derrubei, constituo-me a mim mesmo transgressor» (2:18). Assinalava aos que, tendo sido salvos e tendo recebido o Espírito Santo, ainda insistiam em conseguir a justiça segundo a lei (vs. 16,17,21) por meio de sua própria carne.

Fomos salvos por meio da fé no Senhor e não por meio de nossas obras: isto é ao que se referia Paulo com as «coisas derrubadas». Sabemos que sempre tinha lançado por terra as obras dos pecadores, considerando estas ações sem absolutamente nenhum valor na salvação de uma pessoa.

Se fazendo o bem tentamos «voltar a construir essas coisas» que tínhamos destruído, então, segundo Paulo, «demonstramos que somos transgressores». O apóstolo nos está dizendo que da mesma maneira que um pecador não pode salvar-se por seus próprios esforços, do mesmo modo os que fomos regenerados não podemos ser aperfeiçoados por meio de nenhuma boa ação de nossa carne. Que inúteis continuam sendo essas ações!

Romanos 8 sustenta que «os que estão na carne não podem agradar a Deus» (v. 8).

Isto implica que os carnais tentaram agradar a Deus, embora sem êxito. Certamente, isto se refere especificamente às boas ações da carne que fracassam por completo em agradar a Deus. Agora vamos conhecer, em profundidade, precisamente o que a carne pode fazer: é capaz de realizar boas ações, de fazê-las com competência. Freqüentemente concebemos a carne sob o aspecto de suas paixões e concupiscências, e por conseguinte a consideramos categoricamente poluída, sem ver que compreende

mais que o aspecto das paixões. Mas as atividades das variadas faculdades da alma não têm por que ser tão poluídas como as paixões.

Além disso, a palavra «paixão», tal como às vezes é utilizada na Bíblia, não tem nenhum sentido de contaminação, como, por exemplo, na luta da carne (com paixão) contra o Espírito, e do Espírito contra a carne» em Gálatas 5:17. Vemos que o Espírito também tem paixão — contra a carne —. Neste exemplo, paixão simplesmente transmite a ideia de um desejo intenso.

Tudo o que uma pessoa é capaz de fazer antes da regeneração simplesmente é o resultado dos esforços da carne. Por isso pode fazer o bem, como também pode fazer o mal. O engano do crente reside precisamente aqui, em que só sabe que o mal da carne deve ser destruído, mas ignora que tem que acontecer o mesmo com o bem da carne. Desconhece que a virtude da carne é da carne tanto quanto a sua maldade. A carne permanece sendo carne, seja boa ou seja má. O que põe um cristão em perigo é sua ignorância ou sua rejeição em enfrentar a necessidade de desprender-se de tudo da carne, inclusive do que é bom. Deve reconhecer categoricamente que o bom da carne não é em nada melhor que o mau, posto que ambas as coisas pertencem à carne. Se não se enfrentar com a carne boa, um cristão não pode esperar ser livre do domínio da carne jamais. Porque se deixar que sua carne faça o bem, logo a encontrará obrando o mal. Se não destruir sua virtude, sem dúvida alguma teremos que nos enfrentar com sua maldade.

A NATUREZA DAS BOAS OBRAS DA CARNE

Deus se opõe à carne energicamente porque conhece por completo sua condição autêntica.

Deseja que seus filhos se libertem por completo da velha criatura e experimentem plenamente a nova. Seja boa ou má, a carne ainda é carne. A diferença entre o bem que provém da carne e o bem que surge da nova vida é que a carne sempre tem o eu no centro. É o meu eu que pode fazer — e faz — o bem, sem necessidade de confiar no Espírito Santo, sem necessidade de ser humilde, de esperar em Deus, de orar a Deus. Posto que é o eu quem quer, penso e faço sem necessidade de Deus, e que, em conseqüência, considero o quanto melhorei, a altura a que cheguei com meu próprio esforço, então não é inevitável que eu me atribua a glória? É evidente que estes atos não levam as pessoas a Deus; em vez disso, enchem o eu. Deus quer que todos venham a Ele num espírito de absoluta dependência, totalmente submissos a seu Espírito Santo e esperando humildemente nele. Algo bom da carne que gire em torno do eu é uma abominação aos olhos de Deus, porque não procede do Espírito de vida do Senhor Jesus, mas sim do eu, e glorifica ao eu. O apóstolo afirma solenemente em sua carta aos Filipenses que ele «não põe sua confiança na carne» (3:3). A carne tende a ser confiante em si mesma.

Como são tão capazes, os carnais não precisam confiar no Espírito Santo. Cristo crucificado é a sabedoria de Deus, mas quanto um crente confia na sua própria

sabedoria! Pode ler e pregar a Bíblia, pode escutar e acreditar a Palavra, mas faz tudo com o poder de sua mente, sem a mínima necessidade de depender totalmente da instrução do Espírito Santo.

Em conseqüência, muitos acreditam possuir toda a verdade, quando simplesmente conseguiram o que têm escutando outros ou estudando a Bíblia. O que é do homem ultrapassa em muito o que é de Deus. Não têm o coração aberto para receber sua instrução ou para esperar no Senhor, que Ele lhes revele sua verdade em sua luz.

Cristo crucificado também é o poder de Deus. Mas quanta confiança em si mesmo há no serviço cristão! realizam-se mais esforços em planejar e em preparar, do que em esperar no Senhor. Dedica-se o dobro de tempo a preparar a exposição e a conclusão de um sermão do que a receber o poder do alto. Mas todas estas obras são mortas aos olhos de Deus, não pelo fato de que não se proclame a verdade, ou que não se confesse a pessoa e a obra de Cristo, ou não se busque a glória de Deus, mas sim pela confiança na carne. Quanta ênfase colocamos na sabedoria humana e nos esforçamos por achar argumentos satisfatórios em nossas mensagens, e como procuramos ilustrações apropriadas e outros meios variados para comover, e empregamos sábias exortações para induzir os homens a que tomem decisões!

Mas onde estão os resultados práticos? Até que ponto confiamos no Espírito Santo e até que ponto confiamos na carne? Existe mesmo algum poder na velha criatura que possa capacitar as pessoas a herdar algo na nova criatura?

Como já dissemos, a segurança e a confiança em si mesmo são as brechas das boas obras da carne. Para a carne é impossível descansar em Deus. É muito impaciente para tolerar qualquer demora. Enquanto se considerar forte nunca confiará em Deus.Mesmo nos momentos de desespero, a carne continua fazendo planos e procurando uma saída. Nunca tem a sensação de dependência total. Isso pode ser uma indicação para o crente saber se uma obra é ou não é da carne. Tudo o que não for resultado de esperar em Deus, de confiar no Espírito Santo, é da carne sem dúvida alguma. Tudo o que uma pessoa decide segundo seu critério em lugar de procurar a vontade de Deus, surge da carne. Sempre que há ausência de uma confiança absoluta, isto é obra da carne. Agora entendam, as coisas que se façam podem não ser más ou equivocadas. De fato podem ser boas e piedosas (como ler a Bíblia, orar, adorar, pregar), mas se não são feitas num espírito de total confiança no Espírito Santo, então tudo é obra da carne. A velha criatura está disposta a fazer qualquer coisa — inclusive submeter-se a Deus — contanto que se lhe permita viver e permanecer ativa! Por muito boas que possam parecer as ações da carne, o «eu», oculto ou visível, sempre aparece no horizonte. A carne jamais admite sua debilidade nem reconhece sua inutilidade; inclusive embora se evidencie seu fracasso até o ridículo, a carne continua acreditando firmemente em sua capacidade.

«Tendo começado com o Espírito, terminarão com a carne?» Isto põe à vista uma grande verdade. Uma pessoa pode começar bem, no Espírito, e mesmo assim não continuar por esse caminho. Nossa experiência confirma o fato da relativa facilidade

com que uma coisa pode começar no Espírito mas terminar na carne. Freqüentemente ocorre que o Espírito comunica uma verdade e que, apesar disso, em pouco tempo esta verdade se converte em uma jactância da carne. Os judeus cometeram este mesmo engano. Com que freqüência, quando se trata de obedecer ao Senhor, de negar de novo o eu, de receber poder para salvar almas, uma pessoa pode confiar seriamente no Espírito Santo no inicio, mas, em pouco tempo esta mesma pessoa converte a graça de Deus em sua própria glória, considerando o que é de Deus como se fosse dele.

Ocorre o mesmo com nossa conduta. Por meio da obra do Espírito Santo há, no princípio, uma poderosa transformação na vida de uma pessoa, que faz que ame o que antes odiava e que odeie o que antes amava. Entretanto, pouco a pouco o «eu» começa a introduzir-se sorrateiramente. A pessoa interpreta cada vez mais estas mudanças como êxitos próprios e chega a admirar-se; ou se torna indiferente e gradualmente atua segundo o eu em lugar de confiar no Espírito Santo. Há milhares de coisas na experiência do crente que começam bem, no Espírito, mas que desgraçadamente terminam na carne. Por que muitos filhos queridos de Deus procuram desejosos uma consagração absoluta e desejam impacientes mais vida abundante e apesar disso fracassam?

Freqüentemente, ao escutar as mensagens, ao conversar com pessoas, ao ler livros espirituais ou ao orar em privado, o Senhor lhes dá a conhecer que é perfeitamente possível ter uma vida de plenitude no Senhor. Os faz perceber a simplicidade e a beleza de uma vida semelhante e não vêem nenhum obstáculo em seu caminho que os impeça de consegui-la.

Verdadeiramente experimentam uma bênção, poder e glória como nunca antes. Oh, que maravilhoso! Mas ai! Logo se desvanece. Por que? Como? É devido a quê sua fé não é perfeita? Ou sua consagração não é absoluta? Por certo sua fé e sua consagração ao Senhor são plenas. Então, por que semelhante fracasso? Por que razão se perde a experiência e como se pode recuperar?

A resposta é simples e precisa. Confiam na carne e tentam aperfeiçoar por meio da carne o que começou no Espírito. Substituem o Espírito pelo eu. O eu deseja ir à frente e ao mesmo tempo espera que o Espírito esteja a seu lado para o ajudar. A posição e a obra do Espírito foram substituídas pelas da carne.

Há ausência de uma dependência total da direção do Espírito. Também há ausência de uma espera no Senhor.

Tentar segui-Lo sem negar o eu é a raiz de todos os fracassos.

OS PECADOS RESULTANTES

Se um crente estiver tão seguro de si próprio que se atreve a completar a tarefa do Espírito Santo com a energia da carne, jamais alcançará uma maturidade espiritual completa. Em lugar disso chegará um momento em que os pecados que antes tinha superado voltarão a aparecer nele com força.

Não se surpreendam com o que estão lendo. É coisa bem conhecida que sempre e em qualquer lugar em que a carne sirva a Deus, ali e naquele momento o poder do pecado se reforça.

Por que os orgulhosos fariseus se fizeram escravos do pecado? Acaso não foi porque estavam muito convencidos de sua justiça e serviam a Deus com muito zelo?

Por que o apóstolo repreendeu os gálatas? Por que manifestavam as ações da carne? Não era porque desejavam estabelecer sua própria justiça pelas obras e para aperfeiçoar pela carne a obra que tinha começado o Espírito Santo?

O maior descuido que os cristãos cometem na vitória sobre o pecado se encontra no fato de não usar o meio adequado para prolongá-la. Em vez disso tentam perpetuar a vitória com suas obras, sua decisão e sua firmeza. Podem ter êxito momentaneamente. Entretanto, não passará muito tempo sem que vejam que voltam para seus pecados de antes, que possivelmente difiram na forma, mas não na essência. Então se afundam no abatimento, ao chegar à conclusão de que o triunfo persistente é impossível de alcançar, ou então tratam de ocultar seus pecados sem confessar sinceramente que pecaram.

E então, o que é que causa este fracasso?

Da mesma maneira que a carne lhes dá força para operar corretamente, também lhes dá o poder para pecar. Sejam bons ou maus, todos seus atos são expressões da mesma carne. Se não damos à carne oportunidade de pecar, ela está disposta a fazer o bem, e embora lhe dê oportunidade de fazer o bem, logo voltará a pecar!

Aqui Satanás engana os filhos de Deus. Se os crentes mantivessem normalmente a atitude de ter a carne crucificada, Satanás não teria nenhuma oportunidade, porque «a carne é o ateliê ou oficina de Satanás». Se toda a carne, não só uma parte, estiver realmente sob o poder da morte do Senhor, Satanás ficará totalmente sem trabalho. Por isso ele está disposto a permitir que levemos a parte pecaminosa de nossa carne à morte, se puder nos enganar para que retenhamos a parte boa. Satanás sabe perfeitamente que se a parte boa permanecer intacta, a vida da carne ficará preservada. Ainda terá uma cabeça de ponte com a qual prosseguirá sua campanha para recuperar o território que perdeu. Ele sabe muito bem que a carne pode vencer e recuperar sua vitória no reino do pecado se a carne conseguir excluir o Espírito Santo no que diz respeito ao serviço a Deus.

Isto explica porque muitos cristãos tornam a servir ao pecado depois de ter sido libertos.

Se o espírito não mantiver realmente um controle total e constante em questão de adoração, não poderá manter o domínio na vida diária. Se eu não me neguei por completo diante de Deus, não posso me negar diante dos homens, e por causa disto não posso vencer meu ódio, mau gênio e egoísmo. Estas duas coisas são inseparáveis.

Por causa de sua ignorância desta verdade, os crentes da Galácia chegaram a «morder-se e devorar-se uns aos outros» (Gl. 5:15). Tentaram aperfeiçoar pela carne o que tinha começado no Espírito Santo, porque desejavam «fazer um bom papel na carne», para «poder glorificar-se em sua carne» (6:12,13). Evidentemente, seus êxitos em conseguir fazer o bem com a carne eram muito escassos, enquanto que seus fracassos em vencer o mal eram numerosos. Não percebiam que, enquanto servissem a Deus com suas forças e suas ideias, indubitavelmente serviriam ao pecado na carne. Se não proibiam à carne que fizesse o bem, não podiam impedi-la de que fizesse o mal. A melhor maneira de não pecar é não fazer o bem com o eu. Ao desconhecer a absoluta corrupção da carne, os crentes gálatas, em sua necessidade, desejavam usá-la sem reconhecer que há a mesma corrupção na carne ao gabar-se de fazer o bem que ao seguir as más paixões. Não podiam fazer o que Deus queria que fizessem, porque por um lado tentavam realizar o que o Espírito Santo tinha começado, e pelo outro tentavam inutilmente livrar-se das paixões da carne.

5. A ATITUDE DEFINITIVA DO CRENTE COM A CARNE

A OPINIÃO DE DEUS SOBRE A CARNE

Nós, cristãos, necessitamos ser relembrados sobre o julgamento de Deus sobre a carne. O Senhor Jesus diz que «a carne não serve de nada» (Jo. 6:63). Tanto faz se for o pecado da carne ou a bondade da carne, tudo é vão. O que nasce da carne, seja o que seja, é carne e jamais pode ser «descarnada». Tanto faz se for a carne no púlpito, a carne no auditório, a carne nas orações, a carne na consagração, a carne na leitura da Bíblia, a carne no canto de hinos ou a carne na prática do bem, Deus afirma que nada disso serve. Por muito que os crentes possam trabalhar ardentemente na carne, aos olhos de Deus tudo é inútil; porque a carne nem beneficia à vida espiritual nem pode levar a cabo a justiça de Deus.

Vamos ressaltar umas quantas observações sobre a carne que o Senhor faz por meio do apóstolo Paulo na carta aos Romanos.

1) «Porque a inclinação da carne é morte» (8:6). Segundo Deus há morte espiritual na carne. A única saída é levar a carne à cruz. Apesar dela ter capacidade para fazer o bem ou planejar e maquinar para conseguir a aprovação dos homens, Deus pronunciou contra a carne simplesmente uma sentença: a morte.

2) «A inclinação da carne é inimizade contra Deus» (8:7). A carne se opõe a Deus. Não existe a mínima possibilidade de uma coexistência pacífica. Isto não só ocorre com os pecados que surgem da carne mas também com seus pensamentos e ações mais nobres. É óbvio que os pecados contaminantes são contrários a Deus, mas tenhamos presente que também se podem fazer boas ações independentemente de Deus.

3) «Não é sujeita à lei de Deus, nem em verdade o pode ser» (8:7). Quanto melhor trabalha a carne mais se afasta de Deus. Quantas pessoas «boas» estão dispostas a acreditar no Senhor Jesus? A justiça própria não é justiça absolutamente; em realidade é injustiça. Ninguém pode jamais obedecer todas as doutrinas da santa Bíblia. Uma pessoa pode ser tanto boa quanto má, mas uma coisa é certa: não se submete à lei de Deus. Se for má, infringe a lei; se for boa, estabelece outra justiça fora de Cristo e deste modo passa por cima do propósito da lei («pela lei vem o conhecimento do pecado» (3:20).

4) «Os que estão na carne não podem agradar a Deus» (8:8). Este é o veredicto final. Apesar de quão bom um homem possa ser, se o que faz sai dele, não pode agradar a Deus. Deus só se compraz com seu Filho. Além dEle e de sua obra, ninguém pode agradar a Deus. O que se faz com a carne pode parecer perfeitamente bom, mas como vem do eu e se faz com a força natural não pode satisfazer a Deus. O homem pode planejar muitas formas de fazer o bem, de melhorar e de avançar, mas isso é carnal e não pode agradá-Lo. Isto ocorre não só com os não regenerados; também é o mesmo com os regenerados. Por muito louvável e efetivo que seja o que o crente faça com suas

próprias forças, não conseguirá a aprovação de Deus. Agradar ou desagradar a Deus não depende do princípio do bom e do mau. Pelo contrário, Deus procura a srcem de todas as coisas. Uma ação pode ser totalmente correta, mas entretanto Deus pergunta: «Qual é sua srcem?»

Por essas referências bíblicas podemos começar a compreender o quanto são vãos e inúteis os esforços da carne. Um crente que veja claramente a avaliação de Deus nesta questão dificilmente tropeçará. Como seres humanos distinguimos entre boas obras e más obras. Deus vai mais além e faz uma distinção apoiada na srcem de cada obra. A

melhor das ações da carne desagrada a Deus tanto quanto a obra mais malvada, porque as duas são da carne. Do mesmo modo que Deus aborrece a injustiça, também aborrece a justiça própria. As boas ações que se fazem de um modo natural, sem regeneração ou união com Cristo ou dependência do Espírito Santo, não são menos carnais para Deus do que a imoralidade, a impureza, a libertinagem, etc. Por muito formosas que possam ser as atividades do homem, se não surgir de uma absoluta confiança no Espírito Santo, são carnais e, por conseguinte, Deus as rejeita. Deus odeia e rechaça tudo o que pertence à carne, sem ter em conta as aparências externas, tanto se tratando de um pecador como de um santo. Seu veredicto é: a carne deve morrer.

A EXPERIÊNCIA DO CRENTE

Mas como um crente pode ver o que Deus viu? Deus é inflexível com a carne e todas as suas atividades, mas parece que o crente que só rejeita seus aspectos maus e se mantém afetuosamente abraçado à própria carne. Não a rechaça categoricamente em sua totalidade; em vez disso continua fazendo muitas coisas na carne: toma uma atitude segura e orgulhosa como se estivesse cheio da graça de Deus e capacitado para atuar corretamente. Literalmente o crente se serve da carne. Por causa deste auto-engano, o Espírito de Deus deve levá-lo pelo caminho mais vergonhoso, para que conheça sua carne e alcance a perspectiva de Deus.

Deus permite que essa carne caia, se debilite, e inclusive peque, para que possa compreender se há ou não algo de bom na carne. Isso costuma ocorrer ao que pensa que está progredindo espiritualmente. O Senhor o põe à prova para que se conheça si mesmo. Freqüentemente o Senhor revela sua santidade de tal modo, que o crente não pode fazer mais que considerar contaminada sua carne. Às vezes, o Senhor consente que Satanás o ataque, para que, através do sofrimento, perceba sua condição. É uma lição extremamente difícil e que não se aprende da noite para o dia. Só depois de muitos anos, chega gradualmente a compreender o quão pouco confiável é sua carne. Há impureza inclusive no melhor de seus esforços. Em conseqüência, Deus o deixa experimentar Romanos 7 até que esteja disposto a reconhecer, como Paulo: «Porque eu sei que em mim, isto é, em minha carne, não habita bem algum» (v. 18). Como é difícil aprender a dizer isto de modo genuíno! Se não fosse pelas inumeráveis experiências de derrota penosa, o crente continuaria confiando em si mesmo e considerando-se capaz. As centenas e milhares de derrotas o levam a admitir que é impossível confiar na justiça própria e considerar-se a si mesmo capaz. Esse tratamento enérgico, no entanto, não termina aqui. O auto-exame deve continuar. Porque quando um cristão cessa de

julgar-se a si mesmo e falha em tratar a carne como extremamente inútil e detestável, mas assume, em vez disso, uma atitude levemente vã e aduladora para si mesmo, então Deus se vê obrigado a fazê-lo passar pelo fogo, a fim de consumir a escória. Poucos são os que se humilham e reconhecem sua imundície! A menos que alguém se dê conta deste estado, Deus não vai retirar seus toques de atenção. Como o crente não pode livrar-se da influência da carne nem um momento, nunca deveria deixar de exercitar o coração a julgar a si mesmo; de outra maneira logo vai recomeçar nas jactâncias da carne.

Muitos supõem que só as pessoas do mundo precisam ser convencidas do pecado pelo Espírito Santo, pensando assim: Pois o Espírito Santo já não me convenceu de meus pecados para que eu cresse no Senhor Jesus?

Mas os cristãos devem saber que uma operação como essa do Espírito Santo é tão importante nos santos como nos pecadores. Por necessidade, o Espírito deve convencer os santos de seus pecados, não somente uma vez ou duas, mas sim a cada dia e incessantemente. Oxalá experimentássemos mais e mais a convicção do pecado produzida pelo Espírito Santo, para que nossa carne pudesse ser posta sob julgamento de modo incessante e nunca lhe permitíssemos reinar! Que não percamos, nem mesmo por um momento, a ideia verdadeira do que é nossa carne e da avaliação que Deus faz dela. Que nunca acreditemos em nós mesmos, e nunca mais confiemos em nossa carne, sabendo que isso jamais pode agradar a Deus.

Confiemos sempre no Espírito Santo, e em nenhum momento cedamos o nem um mínimo espaço ao eu.

Se jamais houve no mundo alguém que pudesse se gabar de sua carne, esta pessoa tinha que ser Paulo, porque quanto à justiça que é da lei era irrepreensível. E se alguém podia se gabar de sua carne depois da regeneração, certamente tinha que ser também Paulo, porque tinha passado a ser um apóstolo, havia visto com seus próprios olhos ao Senhor ressuscitado, e era usado grandemente pelo Senhor. Mas sua experiência de Romanos 7 o capacitara a compreender plenamente quem é. Deus abriu seus olhos para que visse, pela experiência, que em sua carne não habitava o bem, só o pecado. A justiça própria de que se tinha orgulhado no passado, soube que é só lixo e pecado. Aprendeu esta lição, e a aprendeu bem; daí que não se atreveu a confiar mais na carne. Mas Paulo não parou aí, de modo algum. Não. Paulo continuou aprendendo. E, assim, o apóstolo declara que não «confiamos na carne. Se bem que eu poderia até confiar na carne. Se algum outro julga poder confiar na carne, ainda mais eu.» (Fp. 3:3,4). Apesar das muitas razões que pôde enumerar para confiar em sua carne (vs. 5,6), Paulo se dá conta de como Deus a vê e entende muito bem que é indigna de confiança e que não pode confiar-se nela absolutamente. Se seguimos lendo Filipenses 3 descobriremos o quanto Paulo é humilde em relação a confiar em si mesmo. «Não tendo minha própria justiça» (v. 9); « para ver se de algum modo posso chegar à ressurreição dentre os mortos. » (v. 11); « Não que seja perfeito; mas vou prosseguindo, para ver se poderei alcançar aquilo para o que fui também alcançado por Cristo Jesus » (v. 12).

Se um crente aspirar alcançar a maturidade espiritual, deve preservar sempre esta atitude que o apóstolo Paulo apresenta ao longo do caminho espiritual; ou seja: «não que já a tenha alcançado». O cristão não deve atrever-se a ter a menor confiança em si mesmo, satisfação e gozo em si mesmo, pensando que pode confiar em sua carne.

Se os filhos de Deus se esforçarem sinceramente em alcançar a vida mais abundante e estiverem dispostos a aceitar a avaliação que faz Deus da carne, não terão a si mesmos em maior estima que aos demais, por maior que seja seu progresso espiritual. Não vão dizer palavras como: «Naturalmente, eu sou diferente dos outros.» Se esses crentes estiverem dispostos a permitir que o Espírito Santo lhes revele a santidade de Deus, e não temerem que claramente lhes exponha sua corrupção, então chegarão a perceber, pelo Espírito, sua corrupção de um tempo prévio, possivelmente com uma diminuição posterior nas experiências penosas de derrota.

Entretanto, quão lamentável é que, mesmo quando a intenção da pessoa seja de não confiar na carne, apareça por baixo da superfície alguma pequena impureza porque essa pessoa ainda crê que tem alguma força. Em vista disto, Deus tem que lhe permitir encontrar-se em várias derrotas, a fim de eliminar até a mais leve confiança em si mesmo.

A CRUZ E A OBRA MAIS PROFUNDA DO ESPÍRITO SANTO

Como a carne é grosseiramente enganosa, o crente requer a cruz e o Espírito Santo. Uma vez que tenha discernido o que Deus pensa da carne, deve experimentar a cada momento a obra mais profunda da cruz por meio do Espírito Santo. Tal como um cristão deve ser libertado do pecado da carne por meio da cruz, também deve agora ser liberto da justiça da carne por meio da mesma cruz. E tal como andando no Espírito Santo o cristão não vai seguir a carne para o pecado, assim também andando no Espírito Santo não vai seguir a carne para a justiça própria.

Como um fato que se encontra fora do crente, a cruz foi consumada de modo perfeito e completo; aprofundar o assunto aqui é impossível. Mas, como um processo dentro do crente, a cruz é cada vez experimentada de forma mais profunda; o Espírito Santo vai ensinar e aplicar o princípio da cruz em um ponto atrás do outro. Se a gente for fiel e obediente vai ser guiado continuamente a experiências mais profundas do que a cruz realizou já nele. A cruz, objetivamente, é um fato absoluto, ao qual não se pode acrescentar nada; mas subjetivamente é uma experiência progressiva e sem fim que pode ser realizada de uma forma cada vez mais penetrante.

O leitor, a estas alturas, deveria conhecer algo mais do caráter completamente abrangente do fato de ter sido crucificado com o Senhor Jesus na cruz; porque só sobre esta base o Espírito Santo pode atuar. O Espírito não tem outro instrumento para atuar do que a cruz. O crente deve agora já ter uma nova compreensão de Gálatas 5:24. Não se trata só de «suas paixões e desejos» que foram crucificados; a própria carne, incluindo toda sua justiça assim como seu poder de operar justamente, foi crucificada na cruz. A cruz é o lugar em que as paixões e os desejos — e a mola que ativa estas

paixões e desejos — são crucificados, por admiráveis que possam parecer. Só no caso que alguém ver isso e estar disposto a negar toda sua carne, boa ou má, pode, de fato, andar conforme o Espírito Santo, agradar a Deus e viver uma vida espiritual genuína. Esse "estar disposto" não deve faltar, por sua parte, porque embora a cruz, como um fato consumado, seja completa em si mesma, sua realização na vida de uma pessoa é medida pelo conhecimento, pela preparação e pela fé da mesma.

Suponhamos que o filho de Deus recuse renegar o que houver bom de sua carne.

Qual será sua experiência? Sua carne pode parecer extremamente sábia e poderosa em numerosas atividades e empreendimentos. Mas, por boa e forte que seja, a carne não pode responder nunca às demandas de Deus. Daí que quando Deus o chama realmente a preparar-se para ir ao Calvário e sofrer, o cristão logo descobre que sua única resposta é retrair-se e ficar mais fraco que a água. Por que os discípulos falharam de modo tão lamentável no Jardim do Getsêmani? Porque «o espírito na verdade estava pronto, mas a carne era fraca» (Mt. 26:41). A fraqueza aqui causa falhas ali. Aparentemente, a carne só pode desdobrar seu grande poder, em questões que se adaptam a seus gostos. Por esta razão, a carne se retrai diante da chamada de Deus. Sua morte, pois, é essencial, de outro modo nunca se poderá fazer a vontade de Deus.

Tudo o que fazemos tem por intenção a ostentação própria, com o objetivo de ser visto e admirado por outros que pertencem à carne. Há bem natural assim como mal natural nesta carne.

João 1:13 nos informa da «vontade» da carne. A carne pode querer e decidir e fazer planos para executar atos bons a fim de receber o favor de Deus. Mas ainda pertence à carne humana e por isso deve ir à cruz.

Colossenses 2:18 fala da «mentalidade» de sua carne. A confiança de um cristão em si mesmo não é nada mais que confiar em sua sabedoria, pensando que conhece cada um dos ensinamentos das Escrituras e como servir a Deus.

E 2 Coríntios 1:12 menciona a «sabedoria» da carne. É altamente perigoso aceitar as verdades da Bíblia com sabedoria humana, porque este é um método escondido e sutil que invariavelmente faz que o crente aperfeiçoe com sua carne a obra do Espírito Santo. Uma verdade preciosa pode ser entesourada de modo seguro na memória; no entanto, é meramente na mente da carne! Só o Espírito pode vivificar; a carne não aproveita nada. A menos que todas as verdades sejam vivificadas continuamente pelo Senhor, não produzem benefício nem para nós nem para outros. Não estamos discutindo o pecado aqui, mas sim a consequência inevitável da vida natural no homem. Tudo o que é natural não é espiritual. Não só temos que negar nossa justiça mas também nossa sabedoria. Esta deve ser cravada na cruz também.

Colossenses 2:23 nos fala de uma «devoção» ou reputação de sabedoria da carne. Isto é «adoração» ou «culto», na nossa opinião. Cada método que imaginamos para estimular, procurar ou adquirir um sentido de devoção é culto na carne. Não é nem adoração segundo o ensino das Escrituras, nem adoração sob a direção do Espírito

Santo. Daí que existe sempre a possibilidade de andar pela carne; tanto na questão da adoração, como na obra cristã, ou no conhecimento da Bíblia, ou no salvar almas.

A Bíblia menciona com freqüência a «vida» da carne. A menos que seja rendida à cruz, vive tanto dentro do santo como do pecador. A única diferença é que no santo há oposição espiritual a ela. Mas fica para ele a possibilidade de pegar essa vida e tirar recursos, fazer uso dela. A vida da carne pode ajudar a servir a Deus, a meditar sobre a verdade, a consagrar-se ao Senhor. Pode motivar a executar muitos atos bons. Sim, o cristão pode tomar sua vida natural como verdadeira vida, de tal maneira que lhe dá a

impressão de que está servindo a vontade de Deus.

Temos que entender que dentro do homem há dois princípios de vida diferentes. São muitos os que vivem uma vida mista, obedecendo a um destes preceitos agora, e depois ao outro. Algumas vezes dependemos totalmente da energia do Espírito; em outras ocasiões misturamos nossa própria força. Não há nada que pareça estável e firme. «Faço-o segundo a carne, para que haja comigo o sim, sim e o não?» (2Co. 1:17). Uma característica da carne é sua volubilidade: alterna entre o Sim e o Não, e vice-versa. Mas a vontade de Deus é: «que não andemos segundo a carne, mas segundo o Espírito» (Rm. 8:4).

«Nele também fostes circuncidados com a circuncisão não feita por mãos no despojar do corpo da carne, a saber, a circuncisão de Cristo» (Cl. 2:11). Deveríamos estar dispostos a permitir à cruz que, como uma faca na circuncisão, cortasse completamente tudo o que pertence à carne. Uma incisão assim deve ser profunda e cortante de modo que não fique nada da carne escondido ou à vista. A cruz e a maldição são inseparáveis (Gl. 3:13). Quando consignamos nossa carne à cruz a entregamos a maldição, reconhecendo que na carne não há nada bom e que não merece nada a não ser a maldição de Deus. Sem esta atitude no coração é extremamente difícil que nós aceitemos a circuncisão da carne. Todo afeto, desejo, pensamento, conhecimento, intenção, adoração e obra da carne deve ir para a cruz.

Ser crucificado com Cristo significa aceitar a maldição que nosso Senhor aceitou. Não foi um momento glorioso para Cristo ser crucificado no Calvário (At. 12:2). Seu corpo foi pendurado no madeiro, o que significava ser maldito de Deus (Dt. 21:23). Como conseqüência, que a carne seja crucificada com o Senhor implica simplesmente ser maldito pelo Senhor. Tal como temos que receber a obra consumada de Cristo na cruz, assim também temos que entrar na comunhão da cruz. O crente deve reconhecer que sua carne não merece outra coisa senão a maldição da morte. Sua comunhão prática com a cruz começa depois que vê a carne tal como Deus a vê. Antes que o Espírito Santo possa encher plenamente uma pessoa, tem que haver uma entrega completa da carne à cruz. Oremos para que possamos saber exatamente o que é carne e como tem que ser crucificada.

Irmãos, não somos bastante humildes para aceitar de boa vontade a cruz de Cristo! Resistimos em admitir que somos impotentes, inúteis e totalmente corruptos até o

ponto que não merecemos nada a não ser a morte. O que falta hoje não é viver melhor, mas sim morrer melhor! Temos que morrer uma boa morte, uma morte consciente.

Falamos bastante sobre a vida, o poder, a santidade, a justiça; falemos agora sobre a morte!

Oh, que o Espírito Santo penetre em nossa carne profundamente pela cruz de Cristo, para que possa chegar a ser uma experiência válida em nossa vida!

Se morrermos corretamente, viveremos corretamente. Se estivermos unidos com Ele em sua morte, certamente estaremos unidos com Ele em sua ressurreição. Peçamos ao Senhor que abra nossos olhos para que possamos ver o imperativo absoluto da morte. Está preparado para isto? Está disposto a permitir que o Senhor mostre suas fraquezas? Está disposto a ser crucificado abertamente fora da porta? Vai deixar que o Espírito da cruz atue dentro de você?

Oh, que saibamos mais de sua morte!

Que possamos morrer por completo!

Deveríamos ter bem clara a ideia de que a morte da cruz é contínua em sua operação. Não podemos entrar nunca em um estágio de ressurreição que deixe a morte totalmente de fora, porque a experiência da ressurreição se mede pela experiência da morte. Um perigo que há entre os que perseguem a vida de ascensão é que se esquecem da necessidade categórica de reduzir continuamente a carne a nada. Abandonam a posição da morte e avançam a de ressurreição. Isto tem como resultado, ou tratar levianamente as obras da carne, como se não houvesse um risco sério para o crescimento espiritual, ou espiritualizá-las, isto é, assumir que as coisas da carne são do espírito.

É essencial que vejamos que a morte é o fundamento de tudo! O reino chamado ressuscitado e ascendido será irreal se não se mantiver continuamente a morte da carne. Não nos enganemos pensando que somos tão avançados espiritualmente que a carne já não tem poder para nos seduzir. Essa é tão somente a intenção do inimigo de nos apartar da base da cruz com o objetivo de nos fazer carnais interiormente e espirituais por fora. Muitas orações do tipo de «Te dou graças, Senhor, porque já não sou isto ou aquilo, mas isto outro agora», são simplesmente ecos da oração inaceitável que se registra em Lucas 18:11,12. Somos suscetíveis ao engano por parte da carne quando estamos a ponto de sermos tirados dela. Temos que permanecer constantemente na morte do Senhor.

Nossa segurança se acha no Espírito Santo. O caminho seguro está em nossa boa disposição para sermos ensinados, temerosos de que do contrário cedamos terreno à carne. Temos que nos submeter alegremente a Cristo e confiar no Espírito Santo para que nos aplique a morte de Jesus, para que possa ser ostentada em nós a vida de Jesus. Tal como antes estávamos cheios da carne, agora seremos cheios do Espírito Santo. Quando Ele tenha controle completo, vamos derrotar o poder da carne e manifestar

Cristo em nossa vida. Poderemos então dizer que «a vida que agora vivo na carne, não a vivo eu, mas Cristo que vive em mim». Entretanto, o fundamento dessa vida é e foi sempre o «fui crucificado com Cristo» (Gl. 2:20).Se vivermos por fé e obediência podemos esperar que o Espírito faça uma obra extremamente Santa e maravilhosa em nós.

> ***«Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito.» (Gl. 5:25).***

Deveríamos simples e descansadamente acreditar que nosso Senhor nos deu seu Espírito e que agora habita em nós.

Creiamos em seu dom e confiemos que o Espírito Santo habita em nós. Tenhamos isto como o segredo da vida de Cristo em nós: seu Espírito reside no mais profundo de nosso espírito.

Meditemos nisso, creiamos nisso, e recordemo-lo até que esta verdade gloriosa produza em nós um temor e assombro santos de que o Espírito Santo habita realmente em nós!

Agora aprendamos a seguir sua direção. Esta direção não surge da mente ou dos pensamentos; é algo da vida. Temos que ceder diante de Deus e deixar que seu

Espírito governe tudo. Ele vai manifestar o Senhor Jesus em nossa vida, porque esta é sua missão e tarefa.

PALAVRAS DE EXORTAÇÃO

Se permitirmos ao Espírito de Deus que faça uma obra mais profunda por meio da cruz, nossa circuncisão vai ser cada vez mais real.

> ***«Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne.» (Fp. 3:3).***

Essa confiança na carne foi abandonada por meio da circuncisão executada não por mãos. O apóstolo faz do glorificar-se em Cristo Jesus o centro de tudo. Explica-nos que há perigo por um lado, mas segurança por outro. Pôr a confiança na carne tende a destruir o glorificar-se em Cristo Jesus, mas o adorar em espírito nos dá o gozo bem-aventurado da vida e a verdade. O Espírito Santo eleva ao Senhor Jesus, mas humilha a carne. Se de modo genuíno desejamos nos glorificar em Cristo e lhe permitir que assegure sua glória em nós, temos que receber a circuncisão da cruz e aprender a adorar no Espírito Santo. Não sejamos impacientes, porque a impaciência é da carne.

Não experimentem métodos diferentes, porque só são úteis para ajudar a carne. Temos que desconfiar da carne inteiramente, por boa e capaz que seja. Temos que confiar, em troca, no Espírito Santo e nos submetermos somente a Ele. Com esse tipo de confiança e obediência, a carne será conservada em humildade em seu próprio lugar de maldição e, em conseqüência, perderá todo seu poder. Que Deus seja misericordioso conosco para que não coloquemos nossa confiança na carne; sim, que possamos olhar para nós mesmos e reconhecer quão pouco digna de confiança e quão inútil e estéril é nossa carne. Esta é uma morte muito real. Sem ela não pode haver vida.

«Não usem a liberdade como pretexto para a carne» (Gl. 5:13).

Obtivemos liberdade no Senhor; não devemos dar, pois, nenhuma oportunidade à carne, porque seu lugar apropriado é a morte. Não concebamos de modo inconsciente a atividade do Espírito Santo como se fosse a nossa própria, mas sim estejamos sempre em guarda para que a carne não possa reviver. Não usurpemos a glória de um triunfo e com isso proporcionemos à carne uma oportunidade para voltar a empreender suas operações. Não nos tornemos confiantes demais por causa de nossas poucas vitórias; se o fizermos, nossa queda será maior. Quando tiver aprendido a vencer a carne e esta já tenha perdido seu poder, não imagine nunca que a partir de então já tem o triunfo definitivo sobre ela. Se não depender do Espírito Santo, logo vai estar uma vez mais envolvido em experiências penosas. Com santa diligencia deve cultivar uma atitude de dependência, pois de outro modo vai ser o alvo dos ataques da carne. Quanto menos orgulho ostente, menos oportunidades terá a carne. O apóstolo, imediatamente depois de dar seu ensinamento sobre a crucificação da carne e o andar no Espírito, diz: «Não nos tornemos vangloriosos» (Gl. 5:26). Se reconhecer humildemente quão inútil é diante de Deus, não vai tentar se envaidecer diante dos homens.

Suponhamos que dissimule a fraqueza de sua carne diante dos homens a fim de receber glória. Não estará, sem se aperceber, dando ocasião à carne para sua atividade? O Espírito Santo pode nos ajudar e nos fortalecer, mas Ele mesmo não vai nos substituir na realização daquilo que é nossa responsabilidade. Portanto, para cumprir esta responsabilidade, nós, por um lado, temos que manter uma atitude que não dê ocasião alguma à carne; mas por outro lado temos que pôr essa atitude realmente em prática quando sejamos chamados a negar a carne em todas as realidades de nosso afazer diário.

«Não tenhais cuidado da carne em suas concupiscências», admoesta Paulo (Rm. 13:14). Para que a carne possa operar, necessita uma oportunidade ou ocasião. É por isso que não devemos proporcionar-lhe essa oportunidade Se a carne tiver que ser mantida no lugar de maldição, temos que estar sempre alerta. Temos que examinar nossos pensamentos continuamente para ver se albergarmos presunção ou não, porque, certamente, uma atitude assim dará uma grande oportunidade à carne. Nossos pensamentos são muito importantes aqui, porque o que acontece no segredo de nossa vida intelectual vai irromper ao exterior abertamente em palavras e feitos. A carne não deve ter nenhuma oportunidade nem base.

Inclusive quando conversamos com outros, temos que estar atentos para que nas muitas palavras a carne não ache oportunidade para executar sua obra. É possível que nos gostemos de dizer muitas coisas, mas se estas coisas não são enviadas pelo Espírito Santo é melhor não dizê-las. O mesmo se aplica a nossos atos. A carne pode elaborar muitos planos e métodos e estar cheia de expectativas. Tem opiniões, poder e habilidade. Aos outros, e inclusive a nós mesmos, todas elas podem aparecer como dignas de elogio e aceitáveis. Mas sejamos bastante ousados para as destruir, inclusive as melhores delas, por temor de infringir o mandamento do Senhor. O melhor que a carne tem para oferecer deve ser entregue de modo inexorável à morte, pela simples

razão de que pertence à carne. A justiça da carne é tão aborrecível como o pecado. Seus atos bons deveriam ser objeto de arrependimento por nossa parte com a mesma humildade que se fossem atos pecaminosos. Sempre temos que ter em conta o ponto de vista que tem Deus da carne.

Em caso de falharmos, temos que nos auto-examinar.

TERCEIRA PARTE

A ALMA

1. A LIBERTAÇÃO DO PECADO E A VIDA DA ALMA

2. A EXPERIÊNCIA DOS CRENTES ANÍMICOS

3. OS PERIGOS DA VIDA ANÍMICA

4. A CRUZ E A ALMA

5. OS CRENTES ESPIRITUAIS E A ALMA

1. A LIBERTAÇÃO DO PECADO E A VIDA DA ALMA

O MODO DA LIBERTAÇÃO

Romanos 6 estabelece o fundamento da libertação do pecado para o cristão.

Deus proporciona essa libertação a todo crente; todos podem entrar nela. Além disso, deve ficar perfeitamente claro que essa libertação do poder do pecado pode ser experimentada no exato momento em que um pecador aceita ao Senhor Jesus como Salvador e nasce de novo. Não tem que esperar ser um crente a muitos anos e ter sofrido uma multidão de derrotas antes que possa receber esse evangelho. A demora em aceitar o evangelho, segundo Romanos 6 é devida, ou a ter ouvido um evangelho incompleto, ou à má vontade de aceitá-lo por completo e render-se a ele de modo total. Na realidade, essa bênção deveria ser posse comum de todos os cristãos nascidos de novo.

O capítulo 6 começa com uma chamada a recordar, não a antecipar. Dirige nossa atenção ao passado, ao que já é nosso.

> ***«Sabendo isto, que o nosso homem velho foi crucificado com ele, para que o corpo do pecado fosse desfeito, a fim de não servirmos mais ao pecado» (v.6).***

Neste versículo achamos três elementos principais:

1) «pecado» (singular em número);

2) «velho homem»; e

3) «corpo» (o corpo do pecado).

Esses três elementos são de naturezas muito diferentes e representam papéis únicos no ato de pecar. O pecado, aqui, é o que usualmente é chamado a raiz do pecado. A Bíblia nos informa que antes fomos escravos do pecado. O pecado era nosso amo. Primeiramente, pois, temos que reconhecer que o pecado possui poder, porque nos faz escravos. Emite este poder de modo incessante para nos arrastar a obedecer a seu velho homem, de modo que possamos pecar.

O velho homem representa a soma total de tudo o que herdamos de Adão. Podemos reconhecer o velho homem sabendo o que é o novo homem, porque tudo o que não é do novo homem deve pertencer ao velho. Nosso novo homem abrange tudo o que flui como novo do Senhor quando tem lugar nossa regeneração. Daí que o velho homem dá evidência de tudo o que em nossa personalidade está fora da nova personalidade, ou seja, tudo o que pertence à velha natureza.

Pecamos porque esse velho homem ama o pecado e está sob seu poder. Quanto ao corpo do pecado, refere-se a esse nosso corpo. Esta parte corporal do homem passou a ser um ator ou boneco de todo nosso pecar. É chamado o corpo do pecado porque está submetido desde modo ao poder do pecado, carregado plenamente com os desejos carnais e de pecado.

E é por meio deste corpo que o pecado consegue expressar-se, pois de outro modo seria um poder invisível. Para recapitular, pois, o pecado é o poder que nos arrasta a pecar. O velho homem é a parte não corporal que herdamos de Adão. O corpo de pecado é o elemento corporal que herdamos de Adão. O processo de pecar segue esta ordem: primeiro, o pecado; em seguida, o velho homem; finalmente, o corpo.

O pecado exsuda seu poder para atrair o homem e induzi-lo a pecar. Como o velho homem se deleita no pecado, comuta o pecado e se amolda a ele, instiga o corpo a pecar. Pelo que o corpo serve como um boneco e na realidade pratica o pecado. É por meio do empreendimento conjunto destes três elementos que se comete o pecado. Presentes em todo tempo temos a compulsão do poder do pecado, a inclinação do velho homem, e a prática do corpo.

E agora, como pode o homem ser liberto do pecado?

Alguns teorizam que como o pecado é a primeira causa, deve ser aniquilado a fim de obter a vitória; em conseqüência advogam pela «extirpação do pecado». Uma vez arrancada a raiz do pecado — acreditam eles —, nunca mais vamos pecar e, evidentemente, seremos santificados.

Outros dizem que devemos submeter o corpo se desejamos vencer o pecado, pois não é nosso corpo — dizem — o que pratica o pecado? Assim, surgiu na Cristandade um grupo de pessoas que fomentam o ascetismo. Usam muitas técnicas para suprimir-se a si mesmos, porque consideram que uma vez tenham vencido as demandas de seu corpo, serão santos.

O método de Deus não é nem um nem o outro. Romanos 6:6 é transparente quanto a seu método. Ele não arranca a raiz do pecado de dentro, nem suprime o corpo de fora. Mas Deus trata com o velho homem que está no meio.

O ATO DE DEUS

O Senhor Jesus, ao ir à cruz, levou sobre si não só nossos pecados mas também nossos seres.

Paulo enunciou este fato ao proclamar «que nosso velho homem foi crucificado com ele». O verbo «crucificado», no srcinal, está em tempo *aoristo*[*], o qual denota que nosso velho homem foi uma vez e para sempre crucificado com Ele. Como a cruz de Cristo é um fato consumado, assim também nosso ser crucificado com Ele é também um fato consumado.

[*] aoristo – grego — tempo verbal que exprime a ação pura e simples sem que dele, se cogite duração ou acabamento. O aoristo indicativo exprime um fato passado, do qual a duração breve ou longa não tem nenhum interesse para o sujeito falante. Em realidade, ao empregar o aoristo o sujeito falante objetiva apenas a ação em si mesma, sem lhe importar o grau de acabamento.(Nota da tradutora)

Quem põe em dúvida a realidade da crucificação de Cristo? Por que, pois, deveríamos duvidar da realidade da crucificação de nosso velho homem?

Muitos santos, ao ouvir a verdade da morte com Ele, imediatamente assumem que têm que morrer; assim fazem todo o possível para crucificar-se a si proprios. Ou carecem da revelação de Deus, ou a falta de fé é o que explica essa atitude. Não só eles mesmos fazem isso, mas também ensinam outros a fazê-lo. Os resultados são muito evidentes: não têm poder para serem libertados do pecado e, segundo eles mesmos se dão conta, seu velho homem não vai morrer. Isto é um grave engano de julgamento. A Bíblia nunca nos instrui a que crucifiquemos a nós mesmos. Precisamente nos diz o oposto. Nos ensina que quando Cristo foi ao Calvário, nos levou com ele e ali nos crucificou. Não instrui a nos crucificarmos a nós mesmos; em vez disso as Escrituras nos asseguram que nosso velho homem foi tratado no momento em que Cristo foi à cruz. Romanos 6:6, sozinho, basta para prová-lo. Não há a mais remota ideia transmitida ali do desejo de que crucifiquemos a nós mesmos, nem a Palavra de Deus, no sentido mais remoto, implica que nossa crucificação tenha que ser realizada.

O versículo em Romanos 6 não deixa lugar a dúvida quando proclama categoricamente que fomos crucificados com Cristo, um fato que já se realizou. Este é verdadeiramente o efeito da frase mais preciosa de toda a Bíblia: «em Cristo».

E pelo fato de que estamos nEle e unidos a Ele é que podemos dizer que quando Cristo foi à cruz nós estávamos com Ele, que quando Cristo foi crucificado nós também fomos crucificados com Ele. Que maravilhosa realidade estarmos em Cristo!

Entretanto, a mera assimilação mental destas verdades não nos capacita a resistir a tentação. A revelação de Deus é positivamente essencial. O Espírito de Deus deve revelar como estamos em Cristo e como estamos unidos com Ele, sendo um. Ele tem que nos mostrar também, de modo claro, como foi crucificado nosso velho homem com Cristo, pela simples razão de que estamos em Cristo. Isto não pode ser objeto de simples compreensão mental; tem que ser uma revelação do Espírito Santo. Quando Deus mostra uma verdade, ela, de modo natural passa a estar em poder do homem, que então se vê capacitado para acreditar. A fé vem por revelação.

Sem essa última, a primeira é impossível. Isto explica por que muitos não têm fé, porque embora mentalmente entendam, não têm a revelação de Deus. Portanto, irmãos, orem até que Deus lhes conceda revelação, de modo que, «sabendo isso» em nosso espírito, possamos confessar verdadeiramente que «nosso velho homem foi crucificado com ele».

Qual é a conseqüência da crucificação de nosso velho homem? De novo a resposta nos vem de modo inequívoco: «para que o corpo de pecado possa ser reduzido à impotência». Outra tradução é «murcho» ou «sem ocupação».

Anteriormente, quando o pecado estimulava, nosso velho homem respondia e, por conseguinte, o corpo cometia pecado. Com a crucificação do velho homem e sua

substituição pelo novo homem, o pecado pode ainda tentar fazer pressão, mas só prospera se achar o consentimento do velho homem

O pecado já não pode tentar o crente porque é um novo homem; o velho morreu. A ocupação do corpo era antigamente a de pecar, mas este corpo de pecado agora está sem ocupação, posto que o velho homem foi posto de lado. Já não é capaz de pecar e por isso lhe nega sua ocupação. Louvado seja o Senhor, isto é o que Ele nos proporcionou.

Por que Deus crucifica nosso velho homem com Cristo e deixa nosso corpo sem ocupação? Seu propósito é que «já não sirvamos mais ao pecado». O que Deus fez neste sentido faz possível que nós não cedamos, a partir de então, à pressão do pecado nem estejamos atados por seu poder. O pecado não vai exercer domínio sobre nós.

Aleluia! Temos que louvar a Deus por esta libertação.

OS DOIS PONTOS ESSENCIAIS

Como vamos entrar nesta bênção? Há dois elementos indispensáveis.

Primeiro: « considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus» (Rm. 6:11). Este é o ponto essencial da fé. Quando Deus declara que nosso velho homem foi crucificado com Cristo, acreditemos em sua palavra e «nos consideremos mortos».

Como morremos, pois? «Consideramo-nos mortos para o pecado.»

Quando Deus afirma que nós ressuscitamos com Cristo, confiamos em sua palavra e «nos consideramos vivos».

Como, pois, vivemos? «Consideramo-nos vivos para Deus.»

Este considerar não é outra coisa do que acreditar em Deus segundo sua Palavra. Quando Deus diz que nosso velho homem foi crucificado, consideramo-nos mortos; quando Ele insiste em que estamos vivos, consideramo-nos vivos. A falha de muitos se acha no desejo de sentir, de ver e de experimentar esta crucificação e ressurreição antes de confiar na Palavra de Deus. Esses não se apercebem de que Deus já o fez em Cristo, e que contanto que eles acreditem em sua palavra, considerando que o que Ele diz, realmente o fez, o Espírito Santo lhes daria a experiência. Seu Espírito lhes comunicaria o que é em Cristo.

Segundo: « nem tampouco apresenteis os vossos membros ao pecado como instrumentos de iniqüidade; mas apresentai-vos a Deus, como redivivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça.» (Rm. 6:13). Este é o ponto essencial da consagração.

Se persistirmos obstinados com algo que Deus quer que soltemos, o pecado terá domínio sobre nós e nossas considerações serão inúteis. Se falharmos em ceder nossos

membros como instrumentos piedosos de justiça, para dizer e fazer o que Ele deseja e ir aonde nos dirige, não temos por que nos surpreender se não formos libertados do pecado ainda. Sempre que nos negamos a renunciar a algo ou oferecemos resistência a Deus, o pecado vai voltar para seu antigo domínio. Debaixo dessas circunstâncias, naturalmente, perdemos o poder de contar com a Palavra de Deus, isto é, de acreditar nela. Em nosso falha de exercitar a fé e a considerar, podemos dizer ainda que nossa posição segue ainda em Cristo? Sim, mas já não vivemos nele conforme com o sentido do «permaneçam em Mim» de João 15.

Portanto, não estamos qualificados para experimentar o que é um fato em Cristo, ou seja, nossa crucificação.

Agora, então, podemos inferir que qualquer derrota que soframos é devida ou à falta de fé ou à falha em obedecer. Não há outra razão que possa ser suficiente. Podemos conceber uma derrota que flua de cada uma destas razões; se não das duas, pelo menos de uma delas. Deveríamos aprender a viver em Cristo pela fé, nunca nos considerando fora dEle. Aprendamos a crer diariamente que estamos em Cristo e que tudo o que é verdade Dele é verdade nossa.

Da mesma maneira, por meio do poder de Deus, devemos aprender diariamente a manter nossa consagração imaculada. Consideremos todas as coisas como lixo, porque não há nada no mundo que possamos renunciar pelo Senhor e nada que queiramos conservar para nós mesmos. Estejamos dispostos a responder de modo positivo às demandas de Deus, por difíceis ou contrárias à carne que possam ser. Para Deus nenhum custo é muito alto. Tudo pode ser sacrificado, contanto que O agrademos. Aprendamos a ser filhos obedientes a cada dia.

Se tivéssemos contado com isso e cedido desta maneira, agora estaríamos desfrutando do que a Palavra de Deus declarou de modo manifesto: «O pecado não se apoderará mais de vós.»

A RELAÇÃO ENTRE O PECADO E O CORPO

O cristão entra em um período de sua vida decididamente arriscado ao chegar a conhecer a verdade da morte conjunta com Cristo e experimentar um pouco de liberdade do pecado. Se nesse momento recebe boas instruções e permite ao Espírito Santo que lhe aplique a cruz de uma forma profunda, finalmente chegará à maturidade espiritual. Mas se o crente se contente vendo sua experiência de vida vitoriosa sobre o pecado como o apogeu de seus lucros e impede que a cruz transgrida a vida de sua alma, então vai habitar em um reino anímico, e confundirá a experiência anímica com uma experiência espiritual.

Apesar do fato de que seu velho homem foi já eliminado, a vida da alma do crente permanece sem ter sido tocada pela cruz. A vontade, a mente e a emoção, portanto, vão continuar funcionando sem nenhum freio; e como resultado: sua experiência ficará confinada ao reino da alma.

O que precisamos saber é até que ponto esta libertação do pecado afetou realmente nosso ser — o que é o que foi tocado, mas também o que é o que não o foi e deveria ter sido —. De modo mais especial temos que entender que esse pecado tem uma relação muito particular com nosso corpo. Ao contrário de muitos filósofos, não consideramos o corpo intrinsecamente mau, mas confessamos que o corpo é a província da dominação do pecado. Em Romanos 6:6 achamos o Espírito Santo descrevendo nosso corpo como «o corpo do pecado», porque não é nada mais do que isso, antes que experimentemos o tratamento da cruz e cedamos nossos membros a Deus como instrumentos de justiça.

O pecado se apoderou de nosso corpo e o forçou à servidão. Passou a ser a fortaleza do pecado, seu instrumento e guarnição. Portanto, não há designação mais apropriada que a de «corpo do pecado».

Uma leitura cuidadosa de Romanos 6 a 8, que nos fala da libertação do pecado, vai nos revelar não só qual é a relação do corpo com o pecado, mas também qual é a perfeita salvação de Deus, ao libertar por completo a nosso corpo de servir ao pecado para que sirva a Ele.

Em Romanos 6 o apóstolo faz estas afirmações:

«para que o corpo do pecado seja reduzido à impotência» (v.6)

«Não reine, pois, o pecado em seu corpo mortal, de modo que o obedeçam em suas concupiscências» (v. 12)

«Nem tampouco apresentem seus membros ao pecado como instrumentos de iniqüidade» (v. 13)

«apresentem seus membros a Deus como instrumentos de justiça» (v. 13)

Em Romanos 7 Deus usa Paulo para falar do corpo nos seguintes termos:

«atuavam em seus membros» (v. 5)

«vejo em meus membros outra lei» (v. 23)

«me fazendo cativo da lei do pecado que está em meus membros» (v. 23)

«quem me liberará deste corpo de morte?» (v. 24)

Em Romanos 8 as declarações do Espírito Santo através de Paulo são muito claras:

«seu corpo na verdade está morto por causa do pecado» (v. 10)

«vivificará também seus corpos mortais por meio de seu Espírito que habita em vós» (v. 11)

«se pelo Espírito fazem morrer as obras da carne, viverão» (v.13)

«a redenção de nosso corpo» (v. 23)

Por meio dessas passagens podemos começar a discernir o interesse particular de Deus com referência a nosso corpo. Deus bem sabe que o corpo é a esfera especial da operação do pecado. O homem passou a ser escravo do pecado porque seu corpo é um marionete do pecado. Mas no momento em que seu corpo fica sem ocupação para o pecado, a pessoa deixa de ser sua escrava. Um homem que foi libertado desta maneira, na realidade experimenta a libertação no seu corpo de seu poder e de sua influência.

O propósito de crucificar o velho homem é deixar em liberdade o corpo do domínio do pecado.

Tendo sido ele crucificado com o velho homem, como o sócio do pecado, e com o novo homem ocupando seu lugar, o poder do pecado sobre o corpo está quebrantado, porque sem a cooperação do velho homem, o pecado não pode usar diretamente o corpo.

Temos que enfatizar que ser libertado do poder do pecado significa meramente que «nosso corpo» foi libertado. (Naturalmente, nossa redenção perfeita, que também inclui a libertação da presença do pecado, encontra-se ainda no futuro.) A vida da alma, sobre a qual nos apoiamos, não foi tratada ainda. Nós aceitamos o «reduzir à impotência» ou «o murchar» do corpo como a vida suprema, sem nos dar conta do fato de que acima do corpo do pecado se acha a alma natural, que requer ser tratada tal qual o corpo.

A odisséia espiritual do crente acabará parando num abrolho ou num baixio se só souber que o corpo está desocupado (por mais que isto seja maravilhoso) mas falhar em experimentar a negação da vida da alma.

Fez-se menção antes ao eu ou alma ativa ocupada na obra de Deus. O corpo pode estar «murcho», mas a alma continua em plena atividade. Pode se expressar de muitas maneiras diferentes, mas, de modo invariável, centra-se no eu. Os crentes que vivem na alma, ora se inclinam para a vontade, ora para a mente, ora para a emoção. Podem inclusive variar em suas inclinações.

Mas embora as aparências externas possam diferir, estar internamente ligado à alma é a característica de todos. Os que estão inclinados para a vontade vão andar conforme o seu próprio deleite e recusarão fazer a vontade de Deus. Os que são propensos para o intelecto ou mente vão ordenar seu caminho de acordo com sua sabedoria e prescindirão de receber com quietude a direção do Espírito Santo em sua intuição. E, os que por aptidão se inclinam à emoção vão procurar prazeres em seus sentimentos.

Qualquer que seja a inclinação, cada um verá sua tendência como a vida suprema. Não importa a direção da inclinação, uma coisa há em comum em todas essas pessoas: todas vivem para si mesmas, no que de modo natural possuíam antes de acreditar no Senhor: seja talento, destreza, eloqüência, sagacidade, atrativo, zelo ou o que seja. Em princípio, a vida da alma é força natural; em manifestação, sua expressão é ou uma rigidez obstinada ou uma presunção e uma busca de prazer. Portanto, se um crente viver por meio de sua alma, vai tirar forças, naturalmente, de seu reservatório, e exibirá uma força particular em uma destas formas ou em mais de uma. A menos que o crente ofereça a vida da sua alma à morte, cultivará sua vida, incorrerá no desagrado de Deus e perderá o fruto do Espírito Santo.

A ALMA COMO VIDA

Quando dizemos que a alma é a vida natural do homem, queremos dizer que é o poder que nos preserva vivos na carne. Nossa alma é nossa vida. A palavra srcinal empregada em Gênesis 1:31, 24 para indicar «criatura viva» é «alma», porque esta alma é a vida que os seres humanos e outras criaturas vivas compartilham em comum. Este é o poder que possuímos de modo natural e pelo qual vivemos antes de nossa regeneração; é a vida que todo homem tem. O léxico grego dá o significado srcinal de psyche como «vida animal»; assim que a vida da alma é o que faz do homem uma criatura viva. Pertence ao natural. Embora a vida da alma não tem que ser má por necessidade — posto que muitos pecados já foram vencidos pelos crentes por meio do ter crucificado seu velho homem com Cristo —, contudo, continua sendo natural. É a vida do homem; daí que seja muito humana. Faz do homem um ser perfeitamente humano. Possivelmente seja boa, amável e humilde. No entanto, não é mais que humana.

Essa vida é inteiramente distinta da nova vida que o Espírito Santo nos dá por ocasião do novo nascimento. O que o Espírito Santo compartilha é a vida incriada de Deus; essa outra é só a vida criada do homem. O Espírito Santo nos concede um poder sobrenatural; a outra é meramente a natural.

O Espírito Santo dá a vida *zoe*; a outra é a vida *psycke*.

A vida é o poder dentro do homem que anima cada membro de seu corpo. Daí que este poder interior anímico acha expressão mediante a atividade física externa. A atividade externa é só o efeito do poder interior. Portanto, o que fica invisível detrás da atividade é a substância da vida. Essa é nossa vida da alma.

A ALMA E O PECADO

A vida da alma proporciona a energia para executar tudo o que se manda. Se reger o espírito, a alma será dirigida pelo espírito a exercer seus atos de vontade, ou decidir, ou operar conforme o desejo do espírito; entretanto, se reinar o pecado no corpo, a alma se verá arrastada pelo pecado a usar sua volição para decidir ou fazer o que o pecado deseja. A alma opera segundo seu amo, porque sua função é a execução de ordens. Antes da queda do homem, ficava à disposição do espírito para ser dirigida;

mas depois da queda, respondeu completamente à coerção do pecado. Como o homem se tornou um ser carnal, este pecado, que depois reinou no corpo, passou a ser a natureza do homem, escravizando a alma e a vida do homem e lhes obrigando a andar atrás do pecado. Desta forma o pecado passou a ser a natureza do homem, enquanto que a alma passou a ser a vida do homem.

Com freqüência tratamos a vida e a natureza como sinônimos e com significado equivalente.

Falando de modo estrito, são diferentes. A vida parece ser mais ampla em sua natureza. Cada vida possui sua natureza especial que, sendo o princípio natural da existência, inclui a disposição e o desejo da vida. Enquanto somos ainda pecadores, nossa vida é a nossa alma e a nossa natureza é o pecado. Vivemos por meio da alma e a disposição e desejo de nossa vida estão em conformidade com o pecado. Podemos dizê-lo de outra maneira: o que decide nosso andar é o pecado, mas o que proporciona a força para andar desta maneira (em pecado) é a alma. A natureza do pecado inicia, e a vida da alma dá a energia. O pecado srcina, a alma executa. Esta é a condição do não crente.

Quando um crente aceita a graça de nosso senhor Jesus como seu substituto na cruz, embora possa permanecer, por desgraça, ignorante de que é estar crucificado com Cristo, recebe a vida de Deus, apesar de tudo, e seu espírito é avivado. Esta nova vida compartilhada leva consigo uma nova natureza também. Daí que haja agora duas visões e duas naturezas no crente: a vida da alma e a vida do espírito, por um lado, e a natureza do pecado e a natureza de Deus pelo outro.

Estas duas naturezas — a velha e a nova, pecaminosa e piedosa — são fundamentalmente díspares, irreconciliáveis e impossíveis de mesclar. O novo e o velho brigam diariamente pela autoridade sobre o homem. Durante este estágio inicial o cristão é um menino pequeno em Cristo porque ainda é carnal. Suas experiências são muito variáveis e penosas, pontuadas tanto por êxitos como por fracassos. Mais tarde chega a conhecer a libertação da cruz e aprende a exercitar a fé ao considerar o velho homem como crucificado com Cristo. Está, portanto, livre deste pecado que paralisou seu corpo. Com seu velho homem crucificado, o crente está capacitado para vencer e goza da promessa de que «o pecado não dominará mais sobre vós».

Com o pecado a seus pés e as concupiscências e paixões da carne às suas costas, o crente entra agora em um novo reino. Pode ver-se a si mesmo como totalmente espiritual. Quando volta a olhar para os outros que permanecem nas redes do pecado, sente-se aliviado e se maravilha de como pôde alcançar as alturas da vida espiritual. Não percebe que, longe de ser completamente espiritual, ainda continua sendo parcialmente carnal; ainda é um cristão anímico ou carnal.

Por que? Porque vemos que a vida da alma continua, embora a cruz tenha tratado a natureza pecaminosa do crente. É verdade que cada pecado irrompe dessa natureza pecaminosa, com a alma sendo simplesmente uma serva disposta; entretanto, a alma

como herdada de Adão está infectada com a queda de Adão. Pode ser que não esteja inteiramente poluída; entretanto, é natural e totalmente dessemelhante da vida de Deus. O velho homem corrompido no crente morreu, mas sua alma permanece como o poder por trás de sua conduta externa. Por um lado a natureza pecaminosa foi radicalmente tocada, mas por outro lado a vida do eu ainda persiste e portanto não pode escapar de ser anímica. Embora o velho homem possa cessar de dirigir a alma, esta continua dando a energia para a vida corrente diária do homem. Como a natureza de Deus substituiu sua natureza pecaminosa, todas as inclinações e desejos do homem são naturalmente bons, algo muito distinto de seu estado impuro anterior. Entretanto, pode acontecer que o antigo poder da alma continue executando esses novos desejos.

Depender da vida da alma para realizar o desejo do espírito é usar força natural (ou humana) para realizar bondade sobrenatural (ou divina). Isto é simplesmente tentar cumprir as exigências de Deus com as próprias forças. Nesta condição, o crente é ainda fraco em fazer o bem de modo positivo, embora negativamente tenha vencido o pecado. São poucos os que sinceramente estão dispostos a reconhecer sua incapacidade e fraqueza e apoiar-se totalmente em Deus. Quem vai confessar sua inutilidade se não tiver sido humilhado pela graça de Deus?

O homem se orgulha de suas proezas. Por esta razão lhe é virtualmente impossível albergar a ideia de confiar no Espírito Santo para operar bem, mas com toda certeza, vai corrigir e melhorar seu antigo comportamento por meio do poder de sua alma. O perigo para ele está em tentar agradar a Deus com seu próprio poder em vez de aprender a ser forte com o poder da vida do espírito procedente do Espírito Santo, de modo que pode persistir em seguir os ditados de sua nova natureza. Na verdade, sua vida espiritual está ainda na infância, não tendo chegado ainda à maturidade, em que possa manifestar cada uma das virtudes da natureza de Deus.

Se o crente falha em esperar humildemente e em confiar inteiramente em Deus, inevitavelmente emprega sua vitalidade natural anímica para cobrir os requerimentos que Deus faz a seus filhos.

Não percebe que, por bons que sejam seus esforços sob a perspectiva humana, nunca podem agradar a Deus. Devido ao fato de que, operando dessa maneira, mescla o que é de Deus e o que é do homem e expressa desejo celestial mediante poder da terra. E a conseqüência? Falha miseravelmente em ser espiritual e continua radicado na alma.

O homem não sabe o que é a vida da alma. Colocado de modo simples, é o que costumamos chamar de vida própria. É um equívoco sério não distinguir entre o pecado e o eu. A maioria do povo do Senhor vai a esses dois como a uma mesma entidade. O que não reconhecem é que os dois, tanto em ensino bíblico como em experiência espiritual, são distintos. O pecado é o que polui, é contra Deus e é totalmente mau; o eu não é necessariamente mau e pode, às vezes, ser muito respeitável, útil e amável. Por exemplo: a alma em relação à leitura da Bíblia, certamente uma atividade muito digna de elogio. Tentar compreender a santa Bíblia com o talento ou capacidade natural, é considerado pecaminoso; contudo, o

aproximar-se da Bíblia dessa maneira é indubitavelmente uma obra do eu. O ganhar almas também, se vai acompanhado por métodos que estão meramente baseados em ideias próprias, estará cheio do eu. E com que freqüência o esforço para o crescimento espiritual se srcina somente no eu natural, possivelmente porque não podemos tolerar a ideia de ficar atrás ou porque procuramos algum benefício pessoal. Falando claramente, o fazer o bem não é pecado, mas a maneira, método ou motivo deste fazer o bem podem estar saturados de nosso eu. Sua fonte é a bondade natural do homem, não o tipo de bondade sobrenatural que o Espírito Santo dá através da regeneração.

Muitos são inatamente compassivos, pacientes e ternos. Para esses, mostrar compaixão, paciência ou ternura não é cometer um pecado; mas devido a esses traços «bons» pertencerem à vida natural e serem obra do eu, não podem ser aceitos por Deus como algo espiritual. Esses atos não são executados com uma dependência total no Espírito de Deus, mas sim confiando na própria força.

Estes poucos exemplos ilustram como o pecado e o eu diferem um do outro. À medida que vamos avançando em nosso caminho espiritual descobriremos muitos mais exemplos da forma com que o pecado pode estar ausente, mas o eu plenamente presente. Parece quase inevitável que o eu se introduza na obra mais santa e no caminho espiritual mais nobre.

Tendo estado amarrado pelo pecado, o filho de Deus facilmente interpreta que o ver-se livre de seu poder é a vida por excelência. Precisamente aqui espreita o maior perigo nos dias vindouros para essa pessoa que agora chega à conclusão de que todos os elementos perniciosos dentro dele foram arrancados de vez. Não se dá conta que, estando o velho homem morto para o pecado, «murcho», o pecado, entretanto, não morreu. Meramente, passou a ser um soberano destronado que, se conseguir uma oportunidade, vai fazer todo esforço possível para recuperar o trono.

A experiência do crente de ser libertado do pecado pode inclusive continuar, mas nem por isso vai ser feito perfeito. Não tratou ainda inexoravelmente com seu «eu».

Que deplorável é que os cristãos se considerem completamente santificados quando, tendo procurado a santificação, experimentaram a libertação! Não se dão conta que esta libertação do pecado é só o primeiro passo na vida vitoriosa. Não é mais que a vitória inicial dada por Deus como uma segurança para eles das muitas vitórias que virão a seguir. O triunfo sobre o pecado é como uma porta: dá-se um passo, e já se está dentro; o triunfo sobre o eu é como um atalho: anda-se por ele, e se continua andando pelo resto de seus dias. Uma vez derrotado o pecado, somos chamados a vencer a nós mesmos — inclusive a melhor parte de nós, o eu cheio de zelo e religioso —, e isto a cada dia. Se conhecer somente a emancipação do pecado, mas não tiver a experiência do negar-se a si mesmo ou de haver-se desprendido da vida da alma, coloca-se de modo inevitável na posição de recorrer a sua força natural anímica para realizar a vontade de Deus em sua vida. Não se apercebe de que, além do pecado, há outros dois poderes que residem nele: o poder do espírito e o poder da alma. O poder do espírito é

o poder de Deus recebido espiritualmente na regeneração, enquanto que o poder da alma é o que foi concedido de modo natural quando nasceu.

Ser um homem espiritual ou não, depende em grande parte de como dirige estas duas forças que há dentro dele. O crente entra nas filas dos espirituais ao usar os recursos do poder espiritual, excluindo o de sua alma. Se usar o poder de sua alma, ou inclusive uma combinação dos dois, o resultado inevitável será um cristão anímico ou carnal. O caminho de Deus é claro. Temos que negar tudo o que se srcina em nós — o que somos, o que temos, o que podemos fazer — e sermos movidos inteiramente pelo

Espírito Santo, pelo qual captamos diariamente a vida de Cristo.
A falha em entender ou em obedecer isso não nos deixa outra alternativa do que viver segundo o poder da alma. Um cristão espiritual, portanto, é aquele cujo espírito é guiado pelo Espírito de Deus; recebe o poder para seu caminho diário de vida através do Santo Espírito que reside em seu espírito; não permanece na terra procurando fazer sua própria vontade, mas sim a vontade de Deus; não confia em sua sagacidade para planejar e executar seu serviço a Deus. A regra de sua conduta é permanecer quieto no espírito, sem ser influenciado ou controlado pelo homem exterior.

O cristão anímico é diferente em alto grau. Embora esteja de posse do poder do espírito, não tira recursos do mesmo para sua vida. Em sua experiência diária persiste fazendo da alma sua vida e continua apoiando-se em seu próprio poder. Segue os ditados de seu prazer e deleite, porque falhou em aprender a obedecer a Deus. Contribui para a obra de Deus com sua sabedoria natural, engenhando todo tipo de acertos, que podem ser muito sagazes. Sua existência cotidiana é governada e afetada pelo homem exterior.

Para recapitular o que venho dizendo, o problema das duas naturezas foi respondido, mas o problema das duas visões continua não resolvido. A vida do espírito e a vida da alma coexistem dentro de nós. Enquanto que a primeira é em si extremamente forte, a segunda consegue controlar todo o ser, porque se acha profundamente arraigada no homem. A menos que se esteja disposto a negar a vida da alma e permita que a vida de seu espírito tome as rédeas na mão, esta última tem poucas probabilidades de desenvolver-se. Isto é aborrecível ao Pai, porque o filho de Deus priva a si mesmo de crescimento espiritual. Tem que ser ensinado a vencer o pecado. Tem-se que fazê-lo compreender que vencer o pecado, por mais que seja bendito, é só um mínimo absoluto da experiência do crente. Não há nada assombroso nisso. O não vencê-lo é o que deveria nos deixar assombrados. Não pergunta legitimamente a Escritura: «Os que morremos ao pecado, como viveremos ainda nele?» (Rm. 6:2). Porque acreditar que o Senhor Jesus morreu por nós como nosso substituto é inseparável de acreditar que nós estamos mortos com Ele (Rm. 6:6). Pelo que temos que nos assombrar, pois, não é do afastamento do pecado por parte dos que morreram para o pecado, mas sim da continuidade deste fenômeno neles, como se ainda estivesse vivo. A primeira condição é completamente normal; a segunda, totalmente anormal.

O ser libertado do pecado não é uma tarefa difícil quando se olha à luz da salvação de Deus consumada, perfeita e completa. O crente deve continuar aprendendo as lições mais avançadas e possivelmente mais formidáveis e profundas de aborrecer sua vida. Não só temos que aborrecer a natureza do pecado que vem de Adão, mas também a vitalidade natural na qual confiamos para nosso viver agora Temos que estar dispostos a negar o bem que é produzido pela carne, assim como o mal da carne.

Não meramente abandonar todos os pecados; além disso, entregar esta vida de pecado à morte. O andar pelo Espírito Santo não é só não cometer pecado mas também não

permitir que continue o eu.
O Espírito Santo pode manifestar seu poder somente naqueles que vivem por Ele.

Quem anda com sua força natural não pode esperar dar testemunho das poderosas realidades do Espírito Santo.

Precisamos ser tirados de todo o natural tanto quanto de todo o pecaminoso. Se insistirmos em andar conforme o homem, não já o pecaminoso, mas sim o homem natural completo, rejeitamos a regra do Espírito Santo em nossas vidas. Como pode Ele exibir seu poder se nós fomos libertos do pecado e, não obstante, continuamos pensando como os «homens» pensam, como os «homens» desejam, vivem e trabalham, como os «homens» fazem? Não nos apoiamos inteiramente no Espírito Santo de Deus para que opere em nós. Se genuinamente desejamos sua plenitude, primeiro temos que quebrantar a influência dominadora e avassaladora da alma.

A EXPERIÊNCIA DE UMA MISTURA DE ALMA E ESPÍRITO

Não queremos implicar que os crentes anímicos não experimentem outra coisa que o que pertence à alma, embora haja um número abundante de santos deste tipo. Os que são anímicos desfrutam de algumas experiências espirituais. Mas essas são mistas, entretanto, com a mistura do anímico com o espiritual. Esses crentes estão familiarizados com o perfil de um andar espiritual, porque o Espírito Santo os guiou para fazê-lo. Mas, devido aos muitos obstáculos, com freqüência revertem à energia natural para que lhes proporcione a força para sua vida, esperando cumprir os santos requerimentos de Deus por meio de sua carne. Estes seguem seus desejos e ideias e procuram o prazer dos sentidos e a sabedoria mental. Embora possam ser espirituais em conhecimento, no tocante à realidade dos fatos são anímicos. O Espírito Santo reside de modo genuíno em seu espírito e lhes concedeu a experiência de vencer o

pecado por meio da operação da cruz. Mas não recebeu deles a permissão para dirigir suas vidas. Embora alguns possam desconhecer a lei do Espírito, no caso de muitos outros é possível que amem muito sua vida da alma para renunciar a ela.

Pela experiência, se distingue facilmente o espírito e a alma. A vida espiritual é mantida simplesmente seguindo o direcionamento da intuição do espírito. Se um crente andar conforme com o Espírito de Deus, não vai srcinar ou reger nada; em vez disso vai esperar quietamente a voz do Espírito Santo, que ouvirá em seu espírito intuitivamente, e assumirá por sua parte uma posição subordinada. Ao ouvir a voz

interior se levantará para trabalhar, obedecendo à direção de sua intuição. Andando assim, o crente será um seguidor firme. O Espírito Santo é somente o srcinador.

O crente espiritual não deverá depender de si mesmo. Não empregará sua própria força e engenhosidade para executar a vontade de Deus.

Sempre que for requerida alguma ação, o crente deve se aproximar de Deus com um propósito fervoroso — plenamente consciente de sua fraqueza — e pedir a Deus que lhe dê uma promessa. Uma vez recebida a promessa de Deus, logo opera, contando com o poder do Espírito Santo como o seu próprio. Com uma atitude assim, Deus, sem dúvida, lhe concederá poder, segundo sua Palavra.

A vida anímica opera de modo exatamente oposto. O eu é aqui o centro. Quando se diz que um cristão é anímico, é que anda de conformidade com o eu. Tudo se srcina dentro dele. É governado, não pela voz do Espírito Santo no homem interior, mas sim pelos pensamentos, decisões e desejos de seu homem exterior. Inclusive seu sentimento de gozo procede de ter satisfeito seus próprios desejos.

Lembre-se que foi dito que o corpo é a "casca" da alma, a qual, por sua vez, forma a cobertura do espírito. Assim como o Lugar Santo está fora do Lugar Santíssimo, da mesma forma, a alma está fora do espírito. Com uma proximidade tão íntima, facilmente o espírito pode ser influenciado pela alma! A alma foi realmente tirada da tirania do corpo; já não é controlada pelos desejos e concupiscências da carne; mas não teve lugar ainda no cristão anímico uma separação similar ao espírito no controle da alma. Antes que o cristão tivesse vencido seus desejos carnais, sua alma tinha sido participante e colaboradora com o corpo.

Os dois juntos constituíam uma vida enorme, a outra natureza. Tal como era entre a alma e o corpo, é hoje entre o espírito e a alma. O espírito está fundido com a alma. O primeiro proporciona o poder, enquanto que o último dá a ideia, com o resultado de que seu espírito é também afetado com freqüência pela sua alma.

Devido estar rodeado pela alma (inclusive sepultado nela), o espírito é estimulado facilmente pela mente. Uma pessoa nascida de novo deveria possuir uma paz inefável no espírito. Infelizmente, essa tranqüilidade é perturbada pelos desejos carnais estimulantes da alma, com seus numerosos desejos e pensamentos independentes. Algumas vezes o gozo que enche a alma transborda para o espírito, induzindo o crente a pensar que é a pessoa mais feliz do mundo; em outras vezes, a tristeza prevalece e passa a ser a pessoa mais infeliz. Um cristão anímico freqüentemente passa por estas experiências. Isto ocorre porque o espírito e a alma permanecem indivisos. É necessário separá-los.

Quando estes crentes ouvem algum ensinamento sobre a divisão do espírito e da alma, querem saber onde se encontra seu espírito. Podem procurar com diligência, mas são incapazes de sentir a presença de seu espírito. Sem nenhuma experiência real nele, encontram-se perdidos para distinguir seu espírito de sua alma. Como os dois se

acham intimamente ligados, é comum que tratem as experiências anímicas (tais como o gozo, a visão, o amor, etc.) como espirituais em grau superlativo.

Antes que um santo chegue ao estágio da espiritualidade certamente vai viver em uma condição mista. Não satisfeito com uma quietude no espírito, vai procurar um sentimento jubiloso.

Em sua vida diária o crente freqüentemente seguirá a direção do conhecimento intuitivo, e algumas vezes seu pensamento, sensação ou desejo. Uma mistura de espírito e alma, como essa, revela que há duas fontes opostas no crente: uma pertence a Deus, a outra ao homem; uma é do Espírito, a outra dele mesmo; uma é intuitiva, a outra racional; uma é sobrenatural, a outra natural; uma pertence ao espírito, a outra à alma.

Se o filho de Deus se examina cuidadosamente sob o raio da luz de Deus, vai perceber dois tipos de poder dentro dele. Desse modo vai reconhecer que algumas vezes vive por um deles, e em outras pelo outro.

Por um lado sabe que deve andar por fé confiando no Espírito Santo; por outro, reverte a andar conforme si mesmo baseado no que ele chama de sentimentos espirituais. Vive muito mais na alma que no espírito.

O grau do anímico varia segundo:

1) sua compreensão da vida do espírito com seu princípio de cooperar com Deus;

2) o ponto que ele que cedeu à vida da alma. Pode viver inteiramente em um mundo emocional, idealista ou ativista, ou pode até viver alternando segundo sua alma e segundo seu espírito.

A menos que tenha sido instruído por Deus por meio da revelação do Santo Espírito em seu espírito, será incapaz de detestar a vida anímica e amar a vida do espírito. O tipo de vida que escolhe determina o caminho que vai seguir.

2. A EXPERIÊNCIA DOS CRENTES ANÍMICOS

A VIDA DOS CRENTES ANÍMICOS

Inevitavelmente, a alma varia de uma pessoa para outra. Não pode ser estereotipada. Cada um de nós tem uma individualidade particular, algo único, que se estenderá por toda a eternidade. Não é destruída quando tem lugar a regeneração. De outro modo, na eternidade, a vida seria completamente monótona! Bem, como há variação nas almas dos homens, naturalmente deduz-se que a vida dos cristãos anímicos igualmente variará de pessoa a pessoa. Conseqüentemente, podemos falar aqui só em termos gerais, e meramente apresentaremos os traços mais proeminentes com os quais, basicamente, os filhos de Deus podem comparar suas próprias experiências.

Os cristãos anímicos são excepcionalmente curiosos. Por exemplo, pelo mero desejo de conhecer o que lhes reserva o futuro, tratam de satisfazer sua curiosidade e estudam conscientemente as profecias da Bíblia.

Os cristãos carnais têm tendência a mostrar suas diferenças e superioridades no vestir, no seu modo de falar e em seus atos. Desejam causar impressão nas pessoas para que sejam reconhecidas todas suas obras.

Naturalmente, essa tendência pode já ter existido neles antes da conversão; mas acham muito difícil vencer esta propensão natural, depois. Ao contrário dos cristãos espirituais, que procuram não tanto a explicação como a experiência de ser um com Deus, esses crentes procuram diligentemente uma compreensão na mente. Gostam de discutir e raciocinar. O fracasso em fazer com que seus ideais se transformem em realidade não é o que os preocupa; é sua incapacidade para compreender esta falta de experiência espiritual que os perturba! Assumem que conhecer mentalmente é possuir na experiência. Isto é um grande engano.

Muitos crentes anímicos adotam uma atitude de justiça própria, embora freqüentemente seja difícil perceber. Aferram-se tenazmente às mínimas opiniões. Sem dúvida, é correto manter as doutrinas básicas e essenciais da Bíblia, mas certamente podemos nos permitir conceder certa margem de tolerância em questões menores. Podemos ter a convicção de que o que acreditamos é verdade absoluta; porém, se engolirmos o camelo mas tentarmos peneirar o mosquito, isso absolutamente não agradará a Deus. Deveríamos pôr de lado as diferenças pequenas e prosseguir para o objetivo comum.

Às vezes, a mente dos cristãos anímicos é assaltada pelo espírito maligno; daí seu pensamento se torna confuso, misturado e, às vezes, poluído. Em suas conversas, freqüentemente respondem o que não lhes foi perguntado; sua mente se embota; trocam o tópico da discussão com freqüência, demonstrando o quanto seus pensamentos estão dispersos. Mesmo que orem e leiam a Bíblia, sua mente se perde na lonjura. Embora estes cristãos geralmente atuem de forma que raramente põem em ordem seu pensamento sobre alguma coisa com antecipação, podem dizer aos outros

que sempre operam sobre princípios e que consideram cuidadosamente cada ação, inclusive citando alguns incidentes de suas vidas para corroborar suas pretensões. Embora pareça estranho, de vez em quando pensam três e até dez vezes antes de executar um ato. Suas ações são verdadeiramente imprevisíveis.

Os crentes carnais são facilmente mutáveis. Há ocasiões em que estão extremamente entusiasmados e contentes; em outras, abatidos e tristes. Nos momentos de felicidade podem julgar que o mundo é muito pequeno para contê-los, por isso se elevam pelos ares, asas do vento, para os céus; mas nos momentos de tristeza chegam à conclusão de que o mundo já está farto deles e de boa vontade se desembaraçariam de sua pessoa. Há ocasiões de entusiasmo em que seus corações são agitados como se fosse por um fogo ardendo dentro, ou como se tivessem subitamente achado um tesouro. Igualmente há horas de depressão em que seu coração não pode ser estimulado, mas sim cedem a um sentimento de perda que os deixa extremamente deprimidos. Seu gozo e sua pena igualmente dependem principalmente do sentimento. Suas vidas são suscetíveis de mudanças constantes, porque são governados por suas emoções.

A hipersensibilidade é outro traço que geralmente marca os anímicos. É muito difícil viver com eles porque interpretam qualquer movimento que acontece ao seu redor como dirigido a eles.

Quando alguém os trata com menos cuidados, se zangam. Quando suspeitam que os outros mudaram de atitude a seu respeito, se magoam. Exibem o sentimento da inseparabilidade. Uma leve mudança em tal relação produz em sua alma uma dor inexprimível. E assim estas pessoas se enganam pensando que sofrem pelo Senhor.

Deus conhece as fraquezas dos anímicos quando fazem do seu eu o centro, e se consideram especiais quando conseguem um pequeno progresso no reino espiritual. Deus lhes concede dons especiais e experiências sobrenaturais que lhes possibilitam vivenciar momentos de bem-aventurança inefável, assim como momentos de maior intimidade com o Senhor, como se O tivessem visto e tocado. Mas Ele usa estas graças especiais para que se humilhem e assim possa trazê-los para o Deus de toda graça. Infelizmente, esses crentes não seguem os propósitos de Deus. Em vez de glorificar a Deus e aproximar-se mais dEle, apoderam-se da graça de Deus para sua própria jactância. Agora se consideram mais fortes que outros; porque imaginam, em segredo, que são mais espirituais que aqueles que não tiveram estes encontros. Além disso, os crentes anímicos têm numerosas experiências sentimentais que os induzem a considerar-se mais espirituais, sem se dar conta que não passam de evidências de que são carnais. Quem é espiritual não vive pelo sentimento, mas sim pela fé.

Com freqüência o cristão carnal é perturbado pelas coisas de fora. As pessoas ou os assuntos ou as coisas no mundo que os rodeia facilmente invadem seu homem interior e perturbam a paz de seu espírito. Se colocarem um cristão anímico em um ambiente feliz, se sentirá feliz. Ponha-o em um ambiente penoso e se sentirá de causar pena. Carece de poder criador. Em vez de possuí-lo, adota a compleição peculiar daqueles com os quais está em contato. Os que são anímicos geralmente prosperam na sensação.

O Senhor lhes concede o sentido de Sua presença antes de alcançarem a espiritualidade. Tratam esta sensação como um gozo supremo. Quando lhes concede um sentimento assim, imaginam que fazem grandes progressos para o auge da maturidade espiritual. Contudo, o Senhor alternadamente concede e retira esses toques, para poder treiná-los gradualmente a prescindir da sensação e a andar por fé. Eles, porém, não entendem o método do Senhor, e chegam à conclusão de que sua condição espiritual é mais elevada quando sentem a presença do Senhor e mais baixa quando deixam de senti-la.

Os cristãos carnais têm uma marca comum: a verbosidade. Suas palavras deveriam ser poucas, sabem muito bem, mas se veem impulsionados a discussões intermináveis, com a emoção mais entusiasta. Carecem de controle de si mesmos na fala; uma vez que tenham aberto a boca, a mente parece não ter rédeas para freá-la. As palavras saem como uma avalanche.

Em certo momento, o cristão anímico percebe que não deveria falar sem parar, mas por alguma razão lhe é impossível inibir-se uma vez que a conversa tenha iniciado. Então há pensamentos de todos os tipos que rapidamente invadem a conversação, precipitando-se em uma contínua mudança de assuntos infalivelmente cheio de palavras. E «quando as palavras são muitas, não falta a transgressão», diz Provérbios 10:19. Porque o resultado será ou uma perda de controle devido ao muito falar, a perda da paz por causa das discussões, ou até a perda de amor por causa das críticas, porque de modo secreto e hipócrita ajuízam a outros dizendo que são loquazes e consideram

que não deveriam sê-lo. Percebam que esta volubilidade não é adequada ao santo
A pessoa carnal não consegue parar de falar frivolamente, e prossegue falando e escutando brincadeiras pobres. Ou pode haver conversações alegres e vivazes, que acredita que não pode perder, custe o que custar. Embora às vezes se aborreça desse falar sem proveito e ímpio, não é durante muito tempo; quando a emoção é de novo estimulada, automaticamente volta ao seu passatempo favorito.

Os cristãos anímicos se permitem também o «desejo dos olhos». O que com freqüência governa suas atitudes é o ponto de vista particular, artístico ou estético, que prevalece momentaneamente no mundo corrente. Não assumiram ainda a atitude de morte quanto aos conceitos artísticos humanos. Em vez disso se orgulham de possuir a visão penetrante do artista. Caso que não sejam admiradores ardentes da arte, podem saltar ao outro extremo e ser totalmente indiferentes à beleza. Esses vão vestir farrapos como demonstração do que sofrem pelo Senhor.

Os intelectuais entre os que vivem segundo a alma tendem a ver-se a si mesmos como «boêmios». Em uma manhã ventosa, ou uma noite de lua, por exemplo, é provável achá-los derramando suas almas em canções sentimentais.

Com freqüência lamentam suas vidas, vertendo muitas lágrimas de auto-compaixão. Esses indivíduos adoram a literatura, estão famintos dela e devoram sua formosura. Também recitam poemas líricos, porque isto lhes dá um sentimento transcendental.

Vão ver as montanhas, os lagos e as correntezas, posto que isto os leva para mais perto da natureza. Ao ver que o curso do mundo declina, começam a pensar em viver uma existência isolada dos demais. Que elevados e que puros são! Não como os outros crentes, que lhes parecem materialistas, vulgares, metidos em mil assuntos. Esses cristãos se consideram muito espirituais, não reconhecendo o incrivelmente anímicos que são na realidade. Uma carnalidade assim representa o maior dos obstáculos para que possam entrar em um reino totalmente espiritual, porque são governados completamente por sua emoção. O que constitui o maior risco para eles é que não conseguem perceber sua posição perigosa e o seu total contentamento próprio.

Os crentes carnais podem abundar em conhecimento chamado espiritual, mas ficam curtos na experiência. Daí que condenam os outros mas não se corrigem a si mesmos. Quando ouvem o ensino de dividir a alma e o espírito, sua mente natural o assimila rapidamente e sem dificuldade. Mas o que acontece então? Ficam a discernir e ordenar os pensamentos e atos anímicos, não de suas vidas, mas sim das dos demais. Sua aquisição de conhecimento meramente os impulsiona a julgar a outros mas não a ajudar-se a si mesmos.

Esta propensão a criticar é uma prática comum entre os anímicos. Têm a capacidade da alma de receber o conhecimento, mas carecem da capacidade espiritual para ser humildes. No relacionamento com as pessoas dão a impressão de serem frios e duros. Seus entendimentos com outros possuem certa rigidez. Ao contrário dos crentes espirituais, seu homem exterior não foi quebrantado e portanto não é fácil aproximar-

se deles ou acompanhá-los.
Os cristãos que prosperam na vida da alma são muito orgulhosos. Isso é devido a fazerem do eu o seu centro. Por muito que tratem de dar a glória a Deus e reconhecer todo mérito como a graça de Deus, os crentes carnais têm a mente posta em si mesmos. Tanto se considerarem suas vidas boas ou más, seus pensamentos giram ao redor de si mesmos. Não se perderam ainda em Deus. Ficam muito magoados se forem postos de lado, seja na obra ou no julgamento dos outros. Não podem tolerar os mal-entendidos ou as críticas, porque — ao contrário de seus irmãos mais espirituais — ainda não aprenderam a aceitar alegremente as disposições de Deus, quer estas resultem em elevação ou em rejeição.

Resistem em parecerem inferiores, ou serem desprezados. Mesmo depois de terem recebido a graça de conhecer o estado real de sua vida natural como muito corrupta, e até depois de haver-se humilhado diante de Deus — considerando que suas vidas são as piores do mundo—, essas pessoas, apesar disso e ironicamente, terminam considerando-se mais humildes que os outros. Se envaidecem de sua humildade! O orgulho está encravado neles até a medula dos ossos.

AS OBRAS DOS CRENTES ANÍMICOS

Os anímicos não cedem a ninguém em questão de obras. São os mais ativos, zelosos e dispostos. Mas não trabalham porque tenham recebido a ordem de Deus; trabalham, em troca, porque têm o zelo e a capacidade de fazê-lo. Acreditam que fazer a obra de Deus é muito bom, sem perceber que só o fazer a obra que Deus ordenou é verdadeiramente elogioso. Estes indivíduos nem têm o ânimo para confiar nem o tempo para esperar. Nunca procuram sinceramente fazer a vontade de Deus. Ao contrário, operam conforme suas ideias, com a mente cheia de planos e esquemas.

Devido a que trabalham com diligência, estes cristãos caem no engano de ver-se como mais adiantados que outros irmãos deles que vão mais pausadamente. Quem pode negar, não obstante, que com a graça de Deus estes últimos podem ser facilmente mais espirituais que os primeiros?

O trabalho dos crentes anímicos depende principalmente dos sentimentos. Ficam a trabalhar só quando os emprega; e se estes sentimentos apropriados cessam enquanto estão trabalhando, deixam de fazê-lo imediatamente. Podem dar testemunho a outros durante horas sem cessar e sem cansaço se experimentam em seus corações um desejo ardente e um sentimento de contentamento inexprimível. Mas se tiverem que suportar um desprezo ou uma insipidez logo que vão falar, ou não falarão em absoluto, inclusive frente à maior necessidade, nem mesmo diante de uma situação no leito de morte. Com calor estimulante podem correr milhares de milhas; sem ele não vão dar um passo. Não podem prescindir de seus sentimentos até o ponto de falar com o estômago vazio a uma mulher samaritana ou com os olhos sonolentos a um Nicodemos.

Os cristãos carnais trabalham com gosto; contudo, entre os muitos trabalhos são incapazes de manter a calma de seu espírito. Não podem cumprir as ordens de Deus quietamente como seus irmãos espirituais. O muito trabalho os transtorna. A confusão exterior lhes causa uma inquietação interna. Seus corações são governados por questões externas. «As muitas coisas os angustiam» (Lc. 10:40). Isso é característico da obra do cristão anímico. Os cristãos carnais se desanimam facilmente por causa de MEUS esforços. Falta-lhes a tranqüila confiança que se apóia em Deus para fazer a obra. Estando regidos por suas sensações internas e o ambiente externo, não podem apreciar a «lei da fé». Diante do sentimento de que falharam, por mais que não seja verdade, estão dispostos a renunciar. Se deprimem quando o ambiente se nubla e fica desanimado. Não entraram ainda no repouso de Deus.

Como lhes falta poder ver ao longe, estes crentes que confiam na alma se desanimam facilmente. Só podem ver o que têm imediatamente diante de si. As vitórias momentâneas injetam-lhes gozo; as derrotas temporárias os entristecem. Não descobriram a maneira de ver o fim da obra através dos olhos da fé. Desejam um êxito imediato como consolo e distração para seu coração; a falha em consegui-lo os faz incapazes de seguir adiante, imperturbáveis, e confiar em Deus em meio às trevas circundantes.

Os crentes anímicos são peritos em descobrir faltas, embora eles não sejam por necessidade fortes. São prontos a criticar e lentos em perdoar. Quando investigam e corrigem as deficiências de outros exsudam uma espécie de auto-suficiência e uma atitude de superioridade. Sua maneira de ajudar às pessoas gente é correta e legal, mas sua motivação nem sempre é reta.

A tendência a apressar-se marca com freqüência aos que partem ao ritmo de sua alma. Não esperam a Deus. Tudo o que fazem é precipitado, impetuoso, com pressa. Operam, mais por impulso que por princípios. Inclusive na obra de Deus, estes cristãos são impulsionados por seu zelo e paixão, até o ponto que não podem esperar que Deus deixe clara sua vontade e seu caminho.

A mente do carnal está ocupada completamente em seus empreendimentos. Consideram e planejam, fazem esquemas e predizem. Algumas vezes pressagiam um futuro esplêndido, por isso estão fora de si de gozo; outras vezes captam só olhadas de trevas e imediatamente são presa de um estado de miséria inexprimível.

Dessa forma, estão pensando em seu Senhor? Não, pensam mais em seus trabalhos. Para eles, o fazer a obra do Senhor é de importância suprema, mas com freqüência se esquecem de que o Senhor é o que dá a obra. A obra do Senhor ocupa o centro, mas o Senhor da obra retrocede ao fundo.

As pessoas anímicas carecem de penetração espiritual, por isso são guiadas por pensamentos súbitos que, como brilhos, cruzam velozes sua mente; suas palavras e obras, portanto, são com freqüência inapropriadas. Falam, em primeiro lugar, não porque se sentem chamados a fazê-lo, mas sim simplesmente porque supõem que é necessário fazê-lo. E, então, podem fazer recriminações, quando deveriam mostrar simpatia ou consolação. Tudo isto é devido a sua deficiência em discernimento espiritual. Confiam muito em seus pensamentos limitados e limitantes. E até depois que se viu que suas palavras são improcedentes, negam-se a aceitar o veredicto dos feitos. Devido a que possuem oceanos de planos e montanhas de opiniões é muito penoso trabalhar com os cristãos carnais. Tudo o que lhes parece bom deve ser aceito como bom pelos outros. A condição essencial para operar com eles é estar perfeitamente de acordo com suas ideias ou interpretações. Não podem tolerar qualquer opinião diferente que alguém possa manifestar. Embora o crente anímico saiba que não deveria aferrar-se a opiniões, assegura-se de que sempre que alguma opinião tenha que ser descartada, que não seja a sua! O sectarismo — admite — não é espiritual; mas nunca é sua seita particular a que deve desaparecer. Tudo o que ele não aceita, o considera como uma heresia. (Não é de se estranhar que outros cristãos — anímicos como ele — lhe paguem com a mesma moeda, negando a autenticidade de sua fé.) Sente grande apego a sua obra. Ama a seu pequeno círculo, digamos íntimo, e é por isso incapaz de trabalhar conjuntamente com outros filhos de Deus. E insiste em denominar somente filhos de Deus aos que são de sua própria filiação. Quando chegamos ao sermão, o anímico não pode depender inteiramente em Deus. Ou põe sua confiança em algumas histórias ilustrativas boas, ou em palavras engenhosas ou em sua personalidade. Há alguns pregadores notáveis que possivelmente dependam

completamente de si mesmos: como eu disse, todos tem que escutar! Podem depender de Deus, mas também, ao mesmo tempo, dependem deles mesmos. Daí sua cuidadosa preparação. Passam mais tempo analisando e recolhendo os materiais, e pensando com esforço, que orando e procurando a mentalidade de Deus e esperando o poder de cima. Memorizam suas mensagens e logo as pregam literalmente. Seus pensamentos ocupam um lugar primário nesta obra. Com um enfoque assim, estes crentes, naturalmente, vão pôr mais confiança na mensagem que no Senhor. Em vez de confiar no Espírito Santo para que lhes revele a necessidade do homem, e a provisão de Deus para seus ouvintes, dependem de modo exclusivo das palavras que pronunciam para comover os corações dos homens. Aquilo em que esses crentes carnais fazem insistência e no que confiam é só em suas palavras. Possivelmente suas mensagens transmitam a verdade, mas sem ser avivada pelo Espírito Santo, até a verdade é uma vantagem pequena. Haverá muito pouco fruto espiritual se alguém se apoiar nas palavras mais que no Espírito Santo. Por muito que essas mensagens sejam aclamadas, só fazem impacto na mente dos ouvintes, não em seus corações.

Os crentes anímicos desfrutam empregando palavras altissonantes e frases destiladas. Pelo menos a esse respeito estão tratando de imitar ao que é genuinamente espiritual, que, tendo recebido muita experiência, é capaz de ensinar com precisão, superior a de todos seus predecessores. O carnal considera isto altamente atrativo, por isso se deleita em empregar maravilhosa imaginação na mensagem. Sempre que lhe ocorre uma ideia que acredite superior — seja andando, conversando, comendo ou dormindo — a anota para uso futuro. Nunca se pergunta se essa ideia foi revelada pelo Espírito Santo ou é meramente um pensamento que irrompeu em sua mente.

Alguns cristãos que são verdadeiramente anímicos acham um deleite especial em ajudar a outros. Isto não significa que não tenham conhecimento; na realidade têm muito. Ao descobrir algum elemento impróprio ou quando lhes falam de alguma dificuldade, imediatamente adotam a atitude do crente veterano, ávidos de ajudar com a visão limitada que têm. Esbanjam ensinos escriturais e prodigalizam em abundância as experiências de santos. Inclinam-se a dizer tudo o que sabem, quer dizer, mais do que sabem, chegando com isso ao reino da hipótese. Estes crentes «veteranos» exibem uma atrás da outra, todas as verdades que se armazenaram em suas mentes, sem se inquirir se aqueles a quem falam têm realmente a necessidade delas ou podem absorver tanto ensino em uma sessão. São como Ezequias, que abriu as portas do tesouraria e exibiu todos seus tesouros.

Algumas vezes sem nenhum estímulo externo, mas porque simplesmente foram movidos por uma emoção interna, derramam ensinos espirituais sobre outros, muitos dos quais meramente teorias. Desejam, além disso, desdobrar seu conhecimento.

Entretanto, nem todas as peculiaridades antes mencionadas existem em cada um dos filhos de Deus de caráter anímico. Varia com as diferentes personalidades. Alguns ficam quietos, sem dizer nem uma sílaba. Até em meio de uma necessidade desesperam-se, e quando deveriam falar, mantêm a boca fechada. Não alcançaram ainda a libertação do acanhamento e do temor natural. Podem estar sentados junto a

aqueles crentes faladores e criticá-los no coração, mas seu silêncio não os faz menos anímicos.

Devido a que não estão enraizados em Deus e, portanto, não aprenderam a esconder-se nele, as pessoas carnais desejam ser vistas. Procuram posições proeminentes na obra espiritual. Se assistem a reuniões esperam serem ouvidos, embora eles não escutem a outros. Experimentam um gozo inexprimível quando são reconhecidos, respeitados e recebem homenagem.

O anímico ama usar fraseologia espiritual. Aprendem de memória um copioso vocabulário espiritual que empregam invariavelmente em qualquer oportunidade conveniente. Usam-no tanto ao pregar como ao orar, mas não de coração.

Os que vivem no reino da alma possuem uma voraz ambição. Seu desejo ocupa com freqüência o primeiro lugar. Se vangloriam da obra do Senhor. Aspiram a ser operários poderosos, usados grandemente pelo Senhor. Por que? Para que possam obter um lugar, conseguir um pouco de glória. Gostam de comparar-se a si mesmos com outros: provavelmente nem tanto com aqueles a quem eles não conhecem como com aqueles com quem colaboram. Este disputar e contender pode ser muito intenso. Desprezam os que espiritualmente buscam a Deus, considerando-os como ociosos; rebaixam os que são espiritualmente grandes, visualizando-os como quase seus iguais. Sua firmeza se aplica a ser grandes, a estar na cabeça. Esperam a prosperidade de sua obra, com o objetivo de que se fale deles. Esses desejos, naturalmente, estão profundamente escondidos em seus corações e podem ser apenas perceptíveis aos outros. Embora esses desejos possam estar muito bem escondidos e mesclados com motivos mais puros, a presença desses desejos inferiores é um fato irrefutável.

Os crentes anímicos são muito satisfeitos de si mesmos. Se o Senhor os usar para salvar uma alma, se enchem de júbilo e se consideram espiritualmente vitoriosos. Se alcançam algum triunfo, enchem-se de orgulho. Um pouco de conhecimento, um pouco de experiência, um pequeno êxito facilmente os faz sentir como se houvessem conseguido muito. Este traço comum entre os cristãos anímicos pode ser comparado ao copo pequeno que se enche facilmente. Não enxergam o vasto e profundo oceano de água que fica de fora. Conquanto seu balde esteja transbordando já estão satisfeitos. Não se perderam em Deus, pois senão encarariam todas estas coisas como sem valor, porém seus olhos estão sempre enfocados em seu eu insignificante e por isso se sentem muito afetados por qualquer simples e pequeno ganho ou perda.

Essa capacidade limitada é a razão pela qual Deus não pode usá-los mais. Se essa jactância tiver como resultado ganhar só dez almas para o Senhor, o que aconteceria se tivessem ganhado mil?

Depois de terem experimentado algum êxito na pregação, uma ideia permanece nesses crentes anímicos: foram verdadeiramente magníficos! Insistir em sua superioridade lhes rende grande gozo. Que diferentes são dos outros, inclusive «maiores que o maior dos apóstolos!» Pois bem, algumas vezes se sentem magoados em seus corações se os

outros não os estimam conforme acreditam merecer. Lamentam a cegueira dos que não reconhecem que um profeta pode proceder de Nazaré e que está ali presente. Às vezes, quando esses crentes anímicos pensam que suas mensagens contêm revelações que ninguém tenha descoberto antes, sentem apreensão de que sua audiência possa não apreciar a maravilha das mesmas. Depois de cada êxito vão passar horas, senão dias, felicitando-se a si mesmos. Debaixo desse engano, não é de se estranhar que frequentemente se convençam de que a igreja de Deus deveria perceber que grande evangelistas ou pregadores de avivamentos ou escritores eles são. Que desgosto sentem se as pessoas não percebem isso!

Os crentes carnais carecem de princípios fixos. Suas palavras e feitos não seguem máximas determinadas. Vivem em conformidade com sua emoção e sua mente. Operam conforme sentem ou pensam, algumas vezes de modo diferente e até oposto à sua pauta usual. Essa mudança pode ser vista de modo muito vívido depois da pregação. Mudam de acordo com o que pregaram recentemente. Se, por exemplo, falaram sobre paciência, durante os dois dias seguintes se mostram extremamente pacientes. Se exortaram a louvar a Deus, começam a louvar sem cessar. No entanto, isso não vai durar. Como obram segundo o que sentem, suas próprias palavras vão ativar suas emoções e assim se comportarão de uma maneira determinada. Mas, uma vez passada a emoção, tudo termina e voltam a ser como antes.

Outro ponto especial com referência aos cristãos anímicos é que parecem ser superdotados. Os crentes envolvidos no pecado não mostram tantos talentos; nem tampouco os que são espirituais. Aparentemente, Deus concede dons abundantes aos anímicos a fim de que estes possam voluntariamente entregar seus dons à morte, e, uma vez renovados e glorificados na ressurreição, recebê-los de volta. Contudo, esses santos de Deus resistem a consignar estes dons à morte, e em vez disso os usam ao máximo. As habilidades concedidas por Deus deveriam ser usadas por Deus e para Sua glória, mas os crentes carnais com freqüência as consideram como suas próprias. Enquanto sirvam a Deus nesse estado mental vão continuar usando-as em conformidade com suas ideias, sem permitir que o Espírito Santo os guie. E quando têm êxito, atribuem a si próprios toda a glória. Naturalmente, uma autoglorificação e autoadmiração assim, são muito veladas; entretanto, por muito que tentem parecer humildes e oferecer a glória a Deus, não podem evitar de estarem centrados em si mesmos. A glória pode ser de Deus, sim; mas é para Deus e para mim!

Pelo fato dos carnais terem muitos talentos — ativos no pensamento e ricos na emoção — facilmente estimulam o interesse das pessoas e comovem seus corações. Em consequência, os cristãos anímicos possuem personalidades magnéticas. Podem rapidamente ganhar a aclamação do povo comum. Contudo, persiste o fato de que realmente carecem de poder espiritual. Não têm o fluxo vivo do poder do Espírito Santo. O que têm é o seu próprio. As pessoas notam que possuem algo, mas esse algo não dá vitalidade espiritual aos outros. Os vêem muito ricos; mas na realidade são muito pobres.

Concluindo: um crente pode ter alguma ou todas as experiências já mencionadas, antes de ser libertado inteiramente do jugo do pecado. A Bíblia e a experiência real juntas dão prova do fato de que muitos crentes são controlados simultaneamente, por um lado, por seu corpo para incorrer em pecado, e influenciados, por outro, por sua alma para viver conforme si mesmos. Na Bíblia os dois são rotulados como «da carne».

Algumas vezes, em suas vidas, os cristãos seguem o pecado do corpo e outras a vontade própria da alma. Pois bem, se um crente pode encontrar muitos dos deleites da alma permitindo-se não menor indulgência nos desejos do corpo, não é igualmente possível ter muitas sensações da alma associadas com muitas experiências do espírito? (Naturalmente, não podemos ignorar que alguns concluem uma fase antes de entrar nas outras fases.) A experiência de um cristão, por conseguinte, é algo bem mais complexo. É imperativo que determinemos por nós mesmos se fomos libertos do baixo e ignóbil. O fato de termos experiências espirituais não nos faz espirituais. Só depois de libertos do pecado e do eu, podemos ser considerados espirituais.

3. OS PERIGOS DA VIDA ANÍMICA

AS MANIFESTAÇÕES DA VIDA DA ALMA

As manifestações da vida da alma geralmente podem ser classificadas em quatro divisões:

- força natural;

- envaidecimento, dureza e inflexibilidade para com Deus;

- sabedoria própria, com muitas opiniões e planos;

- busca de sensações emocionais nas experiências espirituais.

Essas manifestações se devem ao fato de que a vida da alma é o eu, que, por sua vez, é força natural, e que as faculdades da alma são a vontade, a mente e a emoção.

Devido à existência dessas diversas faculdades na alma, as experiências dos cristãos anímicos serão bastante diferentes de um para outro. Alguns se inclinam mais à mente, enquanto que outros à emoção ou à vontade. Portanto, embora as posturas, sejam altamente diferentes, todas elas são, não obstante, posturas anímicas. Os que tendem à mente podem discernir a carnalidade daqueles que operam pela emoção, e vice-versa. Entretanto, ambos pertencem à alma.

O que é absolutamente vital para os crentes é ver que têm que conseguir que sua verdadeira condição seja exposta pela luz de Deus, para que eles mesmos possam ser libertados pela verdade, em vez deles julgarem aos outros com novo conhecimento. Se os filhos de Deus não tivessem desejado usar sua luz para sua própria iluminação, seu estado espiritual não seria tão baixo hoje.

A indicação mais proeminente de ser anímico é uma busca, aceitação e propagação mental da verdade. Para os cristãos desse tipo, a experiência espiritual mais elevada e a verdade mais profunda servem só para cultivar sua mente. Isso não significa, necessariamente, que o andar espiritual do crente não seja, de certa forma, afetado positivamente; mas denota, certamente, que o motivo primário é a gratificação da mente. Apesar dos crentes dominados pela faculdade mental verdadeiramente terem um grande apetite pelas coisas espirituais, contudo, para a satisfação desta fome, dependem mais de seus pensamentos que da revelação de Deus.

Gastam mais tempo e energia calculando do que orando.

A emoção é o que os crentes mais confundem com a espiritualidade. Os cristãos carnais, cuja tendência é de caráter emocional, habitualmente desejam ter sensações. Desejam sentir a presença de Deus em seus corações e em seus órgãos sensoriais; desejam sentir o fogo ardente do amor. Querem sentir-se elevados em sua vida espiritual, ser prósperos na obra.

É verdade que os crentes espirituais às vezes têm estas sensações, mas seu progresso e gozo não é contingente delas.

Os anímicos são muito diferentes a esse respeito; com tais sensações podem servir ao Senhor; sem elas, conseguem apenas dar um passo.

Uma expressão muito comum do andar anímico se manifesta na vontade: o poder da auto-afirmação. Por meio dela, os crentes que vivem na alma fazem do eu o centro de todo pensamento, palavra e ação. Querem conhecer para sua satisfação, sentir para seu deleite, trabalhar conforme o seu plano. O eixo de sua vida é o eu, e o objetivo último e definitivo é glorificar a si mesmos.

Previamente vimos que o termo «alma» na Bíblia é traduzido também por «criatura vivente» ou «animal». Simplemente conota «vida animal». Isso deveria nos ajudar a ver como se expressa o poder da alma. A frase mais apropriada que poderíamos selecionar para descrever a vida e obra dos crentes anímicos é «atividades animais» ou «vivacidade animal»: muitos planos, muitas atividades, pensamento confuso e emoções misturadas; todo o ser, tanto por dentro como por fora, é agitação e tumulto. Quando a emoção é ativada, o resto do ser a segue de modo natural. Mas se a emoção está deprimida ou a sensação se esfriou, a mente permanece agitada ou estimulada por sua própria conta. O andar do cristão carnal se caracteriza pelo movimento perpétuo, se não de atividade física, pelo menos da vivacidade mental ou emocional.

Esse modo de andar manifesta «vivacidade animal»; está muito longe de comunicar a vida do espírito.

Podemos resumir isso dizendo que a tendência da alma caída é a de fazer os crentes andarem segundo seu poder natural, servirem a Deus com sua força e conforme a suas ideias, desejar sensações físicas no conhecimento do Senhor ou no experimentar da Sua presença, e compreender a Palavra de Deus com o poder de sua mente.

A menos que um cristão tenha recebido de Deus uma visão clara de seu eu natural, indubitavelmente vai servir a Deus com a energia de sua vida criada. Isso inflige grande dano à sua vida espiritual e resulta em dar poucos frutos verdadeiramente espirituais. Os crentes têm que ver, por meio do Espírito Santo, a ignomínia de efetuar trabalho espiritual com o poder da criatura. Da mesma maneira que consideramos reprovável que um filho ambicioso se adule a si mesmo, similarmente, Deus considera nossa «atividade animal» no serviço espiritual como uma insolência. Que possamos ser ricos na experiência de nos arrependermos até o pó, em vez de esforçar-nos por obter o primeiro lugar diante dos homens.

A LOUCURA DOS CRENTES

Inúmeros santos estão cegos ao dano inerente da experiência anímica. Consideram que basta resistir e rejeitar os atos evidentemente pecaminosos da carne porque contaminam o espírito, mas, ao mesmo tempo, não vêem problema em andar pela energia da alma que compartilham com todos os homens e animais.

Que mal pode haver em que nós, os homens, vivamos segundo nossas forças naturais, desde que não pequemos? Enquanto os ensinamentos da Bíblia em relação à vida da alma não toquem seus corações, serão incapazes de ver alguma razão para negar essa vida. Se, por exemplo, cometem uma grande transgressão contra a lei de Deus e O ofendem, definitivamente sabem que é mau; mas se esses mesmos crentes fazem tudo o que podem para ser bons e para inspirar sua virtude inata, como — se perguntam — pode haver objeção a isso? Ao executar a obra de Deus não podem fazê-lo zelosamente nem depender de sua força, mas pelo menos — dizem — o que fazem é a obra de Deus! Possivelmente muitos desses esforços não sejam designados por Deus; entretanto, essas atividades não são pecaminosas — insistem esses crentes —, mas são sim, em geral, excelentes! Que ofensa pode haver nesse tipo de trabalho? Se Deus concedeu dons e talentos em abundância, por que nós não podemos trabalhar com eles? Não temos que empregar nossos talentos? Se não temos talentos não podemos fazer nada; se tivermos talentos, não devemos empregá-los em cada oportunidade que tenhamos para fazê-lo?

Seu raciocínio segue por outro caminho: nós, naturalmente, faríamos mal se descuidássemos da Palavra de Deus, mas será que é errado que nós esquadrinhemos diligentemente o significado das Escrituras com nossa mente? Pode haver algum pecado em ler a Bíblia? Há muitas virtudes que nós presentemente desconhecemos; mas seria pouco razoável que pretendêssemos entendê-las sem usar nosso entendimento! Não é nossa mente uma criação de Deus para que a usemos? Como o estamos fazendo para Deus e não com fins pecaminosos, por que não podemos usar nosso entendimento para planejar e organizar a obra de Deus?

Vão ainda um passo além. Insistem em que a busca da consciência da presença de Deus procede de um coração sincero e franco. Quando nos sentimos secos e por baixo em nossa vida e trabalho, não é verdade que Deus com freqüência nos levanta nos fazendo perceber o amor do Senhor Jesus, como se Ele acendesse uma fogueira em nossos corações, e nos dá tal gozo e tal sentido de sua presença que é quase como se o estivéssemos tocando? Pode alguém negar que isto é o auge da espiritualidade? por que, pois, considerar errado que nós sinceramente procuremos e oremos em favor da restauração de um sentimento desses depois de tê-lo perdido e nossas vidas passarem a ser frias e comuns?

Essas considerações resumem, simplesmente, o que muitos santos estão alimentando em seus corações. Não distinguem a forma espiritual da anímica. Não receberam ainda a revelação pessoal do Espírito Santo que lhes mostre o mal de seu andar de modo natural. Têm que estar dispostos a esperar a instrução de Deus, pedindo ao Espírito Santo revelação sobre os variados males de sua boa vida natural.

Isto deve ser feito com sinceridade e humildade, acompanhado de boa vontade para abandonar tudo o que o Espírito Santo possa revelar. No momento apropriado Ele vai mostrar a corrupção essencial de sua vida natural.

O Espírito Santo os capacitará para que compreendam que toda sua obra e progresso estão centrados no eu e não no Senhor. Suas boas obras são feitas não só por meio de seus próprios esforços mas também, de modo primário, para sua própria glória. Não procuraram a vontade de Deus em seus esforços. Não se dispuseram a obedecer a Deus, nem de empreender tudo segundo sua direção e por meio de sua força. Simplesmente fazem o que desejam fazer. Todas as suas orações e seus esforços em relação à vontade de Deus são puramente ostentação externa; são totalmente falsos. Embora estes crentes usem os talentos concedidos por Deus, pensam só nos grandes dons que possuem, esquecendo-se inteiramente do Doador desses dons. Com afã admiram a Palavra de Deus, mas procuram conhecimento somente para satisfazer a aspiração de sua mente; resistem a esperar que Deus lhes dê sua revelação no seu devido tempo. Sua busca da presença de Deus, o ser conscientes de sua misericórdia e proximidade, não é por amor a Deus, mas sim para sua própria felicidade. Fazendo isso, não estão amando ao Senhor, mas ao sentimento que os renova e lhes permite a glória do terceiro céu. Toda sua vida e seu trabalho elevam o eu como seu centro. O que querem é ter o gozo de si mesmos.

Só depois de terem sido iluminados pelo Espírito Santo sobre o caráter aborrecível dessa vida, é que os filhos de Deus se tornam alertas e despertos à loucura de aferrar-se à vida da alma. Essa iluminação não chega subitamente; progride gradualmente, não de uma vez por todas, mas sim em muitas ocasiões. Quando os crentes são iluminados pelo Espírito pela primeira vez, se arrependem sob a Luz e voluntariamente entregam a vida do eu à morte. Mas os corações humanos são altamente enganosos. Após um tempo, possivelmente alguns dias depois, a confiança própria, o amor ao eu e o prazer pessoal são restaurados. A partir de então, a iluminação periódica deve continuar para que os crentes possam estar dispostos a negar sua vida natural. O lamentável é achar poucos crentes tão possuídos da mentalidade do Senhor que estejam dispostos a ceder voluntariamente a Ele nessas coisas. As derrotas multiplicadas e ver-se submetidos à vergonha são requisitos sempre necessários para fazer que esses crentes estejam dispostos a abandonar suas propensões naturais. Que imperfeita é nossa vontade e que volúvel é nossa condição!

Os cristãos deveriam eliminar esta loucura. Deveriam adotar o ponto de vista de Deus da absoluta impossibilidade de que seu andar natural possa agradar a Ele. Têm que atrever-se a permitir ao Espírito Santo que lhes indique toda corrupção da vida da alma. Têm que exercitar a fé em acreditar nesta avaliação de Deus de sua vida natural, e têm que esperar pacientemente que o Espírito Santo lhes revele o que a Bíblia diz deles. Só desta maneira vão ser guiados ao caminho da libertação.

OS PERIGOS DE SER ANÍMICO

Quando os crentes são resistentes ou falham em alcançar aquilo que Deus ordenou, estão sujeitos a certos riscos. A intenção de Deus é que seus filhos andem no espírito, não na alma ou o corpo. A falha em viver no espírito dá lugar a perdas. Seus perigos são pelo menos três:

1. O perigo de que o espírito fique suprimido. A ordem perfeita e completa da operação de Deus é, primeiro, pôr em movimento o espírito do homem, a seguir iluminar a mente da alma, e finalmente executar por meio do corpo. Esta ordem é de vital significado.

Havendo já nascido de novo do Espírito Santo, os crentes deveriam agora viver segundo seu espírito. Só assim podem estar qualificados para discernir a vontade de Deus e cooperar com seu Espírito para vencer todas as estratégias do inimigo. O espírito do crente deveria estar totalmente alerta e vivo ao movimento do Santo Espírito, com o objetivo de não apagar seus movimentos, mas segui-lo a fim de executar o propósito do mesmo por meio do espírito humano. O Espírito de Deus necessita da cooperação do espírito humano para levar os crentes em triunfo em seu caminhar diário e prepará-los para as plenas obras designadas por Deus. (Voltaremos a tocar nesse ponto do espírito mais adiante.)

Muitos filhos de Deus, entretanto, não percebem o movimento do Espírito Santo. Não podem distinguir entre o espiritual e o anímico. Com freqüência interpretam o anímico como se fosse espiritual, e vice-versa, e como resultado tiram muita energia da alma para seu andar diário e sua obra, em detrimento e supressão do espírito. Assumem que estão andando conforme o espírito, no entanto estão andando conforme à alma. Essa insensatez amortece a cooperação entre o espírito humano e o Espírito de Deus e com isso interrompe o que Ele deseja fazer em suas vidas.

Enquanto os cristãos permanecem na alma, se movem segundo os pensamentos, imaginações, planos e visões da mente. Ambicionam possuir sensações de gozo e são dominados por seus sentimentos. Quando têm experiências sensoriais, se entusiasmam, mas quando se vêem privados delas, já não podem levantar um dedo. Portanto, são impotentes para viver no reino do espírito. Seus sentimentos passam a ser sua vida, e quando seus sentimentos mudam, mudam eles também.

Isso tem como resultado nada mais que um andar segundo as sensações externas da alma e do corpo, em vez de viver a partir do centro de seu ser que é o espírito. A sensibilidade espiritual, afligida pelo corpo e a alma, fica embotada. Esses crentes só podem sentir as coisas da alma ou do corpo; perderam seu sentido espiritual. Seu espírito está incapacitado para cooperar com Deus e seu crescimento espiritual fica detido. Já não são capazes de adquirir poder e direção no Espírito para a campanha de guerra que têm que travar. Se uma pessoa nega que seu espírito tenha o domínio completo sobre seu ser ou falha em utilizar seu poder na vida, nunca vai amadurecer. O sentido espiritual é extremamente delicado. Não é fácil reconhecê-lo, inclusive para os que aprenderam a conhecê-lo e segui-lo. E mais difícil ainda será discernir a vivência espiritual se estiver submetida a perturbações constantes da sensação áspera anímica que procede do exterior! Não só pode confundir esta sensação anímica, mas também pode suprimir ao sentido espiritual.

2. O perigo de retroceder ao reino do corpo. Muitas obras da carne, conforme são enumeradas em Gálatas 5, têm sua srcem de modo natural nas concupiscências do corpo humano, mas muitas outras, indicadas ali também, nas atividades da alma. «O egoísmo, a dissensão, o espírito de facções» fluem, de modo claro, do homem interior ou da personalidade. São a conseqüência dos numerosos pensamentos e opiniões diversas sustentadas entre os santos. O que é importante notar aqui é o fato de que esses esforços da alma são listados junto com pecados do corpo como «imoralidade, impureza, libertinagem, embriaguez, orgias». Isso deve nos recordar o quanto a alma e o corpo estão intimamente entrelaçados. Estes dois são, na verdade, inseparáveis, porque o corpo em que estamos agora é um «corpo anímico» (1Co. 15:44) ou «corpo natural». Se um crente, portanto, limita-se a subjugar sua natureza pecaminosa e não sua vida natural também, estará, depois de um curto período de experimentar vitória sobre o pecado, uma vez mais dando tombos pelo reino do corpo de pecado. Embora não retorne para aquelas formas grosseiras de pecado de antes, entretanto permanecerá amarrado pelo pecado.

Deveríamos entender que a cruz é o ponto em que Deus trata a «velha criação». Não há acordos parciais com a velha criação na cruz, porque esta ultima a trata em sua totalidade. Daí que não podemos nos aproximar da cruz e reclamar só a salvação pela substituição, sem ao mesmo tempo aceitar a libertação por meio da identificação. Uma vez que tenhamos recebido, pela fé no Senhor, ao Salvador pessoal, seremos guiados pelo Espírito Santo, que nos reveste a desejar a experiência da morte conjuntamente com Cristo, independente do muito ou do pouco que compreendamos a identificação. Embora não vamos perder nossa nova vida, falharemos em gozar das bênçãos da mesma, inclusive o gozo da salvação, se de modo persistente resistimos ao desejo interno da nova vida. A cruz nunca se limita a sua obra exterior. Vai operar mais e mais profundamente em nós até que a velha criação seja crucificada por completo na experiência. Seu objetivo é deixar completamente de lado tudo o que pertence a Adão.

Pois bem, se os filhos de Deus, ao experimentar a vitória sobre o pecado, descuidam o prosseguir adiante para vencer a vida natural, continuando a morar no reino da alma, vão descobrir que a alma e o corpo voltam a reunir-se de modo natural e os levam outra vez aos antigos pecados que já tinham sido abandonados. Isto pode comparar-se a navegar contra a corrente: a falta de avanço significa um retrocesso. Tudo o que se tenha feito, logo ficará anulado se a cruz não completar sua obra em nós. Isto pode explicar por que muitos voltam a recair em seu antigo estado depois de ter experimentado o triunfo sobre o pecado durante um período.

Se permitimos que a vida da velha criação (a da alma) continue, ela rapidamente se reunirá de novo com a natureza da antiga criação (pecado).

3. O perigo de que o poder das trevas tire vantagem. A carta de Tiago, escrita aos crentes, delineia de modo claro a relação entre a vida da alma e a obra satânica:

«Quem dentre vós é sábio e entendido? Mostre pelo seu bom procedimento as suas obras em mansidão de sabedoria. Mas, se tendes amargo ciúme e sentimento faccioso

em vosso coração, não vos glorieis, nem mintais contra a verdade. Essa não é a sabedoria que vem do alto, mas é terrena, natural (literalmente anímica) e diabólica.» (Tg. 3:13-15).

Há uma sabedoria que vem de Satanás e é a mesma que pode surgir às vezes da alma humana. A «carne» é o ateliê ou oficina do diabo; sua operação na parte anímica da carne é tão ativa como na parte corporal. Estes versículos explicam de que forma brotam os zelos amargos de procurar a sabedoria anímica. É por meio da atividade do diabo na alma humana. Os cristãos sabem que o adversário pode nos seduzir ao pecado, mas não compreendem que também pode inserir pensamentos na mente do homem. A queda do homem foi devida ao amor, ao conhecimento e à sabedoria. Satanás está empregando a mesma tática hoje para reter a alma do crente em seu centro operativo. O plano de Satanás é preservar para si tanto como possa de nossa antiga criação. Se falhar em fazer os crentes caírem em suas redes de pecado, vai tentar induzi-los a conservar sua vida natural, tirando vantagem de que desconhecem suas estratégias e artimanhas, ou do fato de que resistem a ceder totalmente ao Espírito. Porque, se não tiver êxito, todos seus exércitos do inferno vão ficar sem ocupação. Quanto mais os crentes se unam ao Senhor em espírito, mais vai fluir a vida do Espírito Santo em seu espírito e mais a cruz vai operar neles a cada dia. Como resultado vão ser libertados de modo progressivo da velha criação e vão ceder menos terreno para Satanás poder operar. Temos que saber que todos os esforços de Satanás, seja por meio de sedução ou por ataque, são perpetrados em nossa velha criação. Não se atreve a esbanjar sua energia em nossa «nova criação», a própria vida de Deus. Esta é a razão por que tenta de modo incessante persuadir os filhos de Deus a que retenham algo da velha criação — seja pecado ou uma formosa vida natural — de modo que possa continuar operando. E como conspira contra os crentes e os confunde para que amem sua própria vida, apesar do fato de que aborrecem o pecado.

Quando nós, os cristãos, éramos ainda pecadores, «antes andávamos nos desejos da nossa carne (referindo-se aos pecados relacionados de modo particular com o corpo), fazendo a vontade da carne e dos pensamentos (referindo-se à vida anímica)» (Ef. 2:3).

O versículo nos informa que os dois são trabalhados pelo espírito maligno. Nosso objetivo ao discutir isto é ajudar os filhos de Deus a compreender que o corpo não é a única esfera de operações perniciosas de Satanás, mas que a alma é também campo de operações do adversário. Desejamos reiterar que os crentes devem ser libertados não só do pecado, mas também de seu reino natural. Que o Espírito Santo abra nossos olhos para ver a importância desse passo. Se os santos fossem libertados passo a passo da vida da alma assim como do poder do pecado, Satanás seria derrotado em toda parte.

Por causa dos crentes, que sendo carnais, não sabem como preservar sua mente, os espíritos malignos podem facilmente utilizar a sabedoria natural do homem com o objetivo de realizar seus planos. Com suavidade e sutileza introduzem mal-entendidos e prejuízos na mente do homem, a fim de fazer surgir perguntas referentes à verdade de Deus e dúvidas sobre a veracidade de outros. É impossível explicar e fazer ver a extensão da obstrução causada na obra do Espírito Santo no homem por causa das

mentalidades obcecadas. Ainda que não haja intenção iníqua, sua vontade o traí. Mesmo os mais belos ideais tornam-se obstáculos ao agir do Espírito Santo, assim como a insensatez humana, do que se aproveitam os espíritos malignos, dando visões que os seduzem, e como são visões sobrenaturais, ficam encantados por elas.

E assim os santos se enredam em mais um engano triste e profundo.

Antes que a vida do eu seja libertada pela morte, a mente do crente tende a ser curiosa, deseja averiguar, quer possuir: e como muitos desejam ter a sensação de ter o Espírito Santo e sentir a presença de Deus, os espíritos malignos vão se aproveitar disso, proporcionando a seus sentidos muitas experiências estranhas e emocionais, com o objetivo de que suas capacidades naturais possam ser estimuladas e que seja suprimida a voz suave e sossegada do Espírito Santo, que só se pode seguir por meio da delicada faculdade intuitiva de seu espírito. Se Deus o permitir, vamos discutir estes problemas em detalhe.

Os cristãos vão incorrer em grandes perdas na sua capacidade para a guerra espiritual se não tiverem sido tratados em relação ao seu eu.

Apocalipse 12:11 apresenta uma das condições para vencer o diabo, ou seja: o povo de Deus não deve amar a sua vida da alma até o ponto da morte. A menos que seja levado a entregar o seu eu à morte, vão ser certamente derrotados pelo adversário.

O adversário vai vencer a todo aquele cujo coração estiver sob o domínio do eu.

Todo apego às coisas revela sua fraqueza ao inimigo. A única possibilidade de vencê-lo é ceder a vida natural à morte. Satanás pode operar por meio das almas indisciplinadas; também pode atacar diretamente aqueles que não sabem nada da cruz. Nossa vida da alma constitui a quinta coluna do adversário dentro de nós. Dá pé ao inimigo. À margem do que saibamos da verdade e do sinceramente que lutemos por ela, a alma continua sendo nosso ponto vulnerável.

O que é penoso reconhecer é o fato de que à medida em que os crentes se tornam espirituais, até esse grau acaba dificultando desmascarar a vida da alma! Quanto menor é o elemento anímico, mais difícil é tratá-lo. É possível que até a mais leve sombra de carnalidade se misture com a vida espiritual, e isso é o que precisamente torna mais difícil distinguir entre o que é anímico e o que é espiritual. A menos que os cristãos estejam perfeitamente alertas resistindo ao diabo, vão encontrar grandes derrotas por causa da vida do seu eu.

Que a vida da alma do cristão possa ser enganada e usada pelo diabo é realmente algo que se pode esperar usualmente.

O alarme tem que ser soado, pois. O desejo de Deus é que neguemos tudo o que herdamos de Adão, inclusive nossa vida e natureza. O desobedecer a Deus implica perigo de modo invariável.

4. A CRUZ E A ALMA

A CHAMADA DA CRUZ

Em pelo menos quatro ocasiões separadas, registradas nos Evangelhos, o Senhor Jesus chama a seus discípulos a negar a vida da alma, a entregá-la à morte, e todo crente que quer seguir ao O Senhor e ser perfeito reconhece plenamente que isto é o que deve ser feito para obedecer a Deus. O Senhor Jesus menciona a vida da alma em todas essas chamadas, embora com ênfase diferente em cada uma. Como a vida da alma apresenta-se de várias formas, o Senhor dá ênfase a uma diferente a cada vez. Todo aquele que queira ser um seguidor do Senhor deve prestar atenção ao que Ele diz. Esta instando os homens a que entreguem sua vida natural na cruz.

> ***«E quem não toma a sua cruz, e não segue após mim, não é digno de mim. Quem achar a sua vida perdê-la-á, e quem perder a sua vida por amor de mim achá-la-á.» (Mt. 10:38, 39).***

Ao dizer «vida» se entende ser a vida da alma. Esses versículos nos chamam a renunciar à vida da alma e entregar à cruz por amor do Senhor. O Senhor Jesus explica como os inimigos do homem serão os de sua mesma casa; como o filho, por amor do Senhor, se enfrentará contra seu pai, a filha contra sua mãe, a nora contra a sogra. Isto constitui uma cruz e a cruz denota ser crucificado. Nossa inclinação natural é querer a nossos amado e nos deleitar com eles. Somos felizes ao escutá-los e estamos ansiosos de responder a suas chamadas.

Mas o Senhor Jesus chama a não nos rebelar contra Deus por causa de nossos amados. Quando o desejo de Deus e o desejo do homem estão em conflito, temos que tomar nossa cruz, por amor ao Senhor, e entregar nossos afetos anímicos à morte, embora a pessoa que amamos seja íntima para nós e embora sob circunstâncias ordinárias resistiríamos em feri-la. O Senhor Jesus nos chama desta forma a que sejamos desapegados de nosso amor natural. É por esta razão que Ele declara que «o que ama a seu pai ou a sua mãe mais que a mim, não é digno de mim» (v. 37).

> ***«Se alguém vier a mim, e não aborrecer a pai e mãe, a mulher e filhos, a irmãos e irmãs, e ainda também à própria vida, não pode ser meu discípulo. Quem não leva a sua cruz e não me segue, não pode ser meu discípulo.» (Lc. 14:26,27).***

Pois bem, Mateus nos mostra na questão do afeto que os crentes deveriam escolher amar primeiro ao Senhor, mais do que à própria família.

Em Lucas significa que atitude deve ser mantida para o amor que surge de nossa vida anímica: deveríamos aborrecê-lo. Falando de modo estrito, não podemos amar simplesmente porque os objetos de nosso afeto são aqueles a quem amamos com amor natural. Por próximos e amados que sejam nossos pais, irmãos, irmãs, esposas e filhos, são postos na lista como proibidos. Este amor humano flui da vida da alma que se adere aos desejos do coração e reclama amor em troca. O Senhor sustenta que esta vida da alma deve ser entregue à morte. Embora nós agora não vejamos a ele, Ele quer que nós O amemos. Ele quer que neguemos nosso amor natural. Ele quer que nos desprendamos de nosso amor natural para outros a fim de que nós não amemos com

nosso próprio amor. Naturalmente, Ele quer que amemos aos outros, mas não com nosso afeto natural anímico. Se amamos, que seja por amor ao Senhor e não por amor a eles. Nos chega uma nova relação no Senhor. Nós temos que receber do seu amor a fim de poder amar a outros. Ou seja, nosso amor deve ser governado pelo Senhor. Se Ele quiser que o façamos, devemos amar inclusive a nossos inimigos; se Ele não nos pedir que o façamos, não podemos amar nem mesmo a nossos queridos de casa.

Ele não quer que nosso coração esteja apegado a nada, porque quer que O sirvamos livremente.

Sendo esta nova relação de amor a que se impõe, a vida da alma deve ser negada. Isto é uma cruz. Ao obedecer dessa maneira a Cristo, chegando a prescindir de nosso afeto natural, o amor natural do crente sofre intensamente. Esse tipo de pena e de dor passam a ser virtualmente uma cruz para ele. As feridas do coração são profundas e são muitas as lágrimas derramadas quando se tem que abandonar ao que se ama. Isto inflige intenso sofrimento a nossas vidas. Para a alma é terrivelmente repulsivo renunciar aos próprios amados por amor ao Senhor! Mas, por meio deste mesmo ato, a alma é libertada da morte; sim, inclusive chega a desejar morrer; e assim o crente é libertado do poder da alma. Ao perder seu afeto natural na cruz, a alma cede o terreno ao Espírito Santo, para que possa derramar no coração do crente o amor de Deus e capacitá-lo para amar em Deus e com o amor de Deus.

Observemos que, humanamente falando, esta expressão da alma é completamente legítima, porque é totalmente natural e não é contaminada, como o pecado. Esse amor que mencionamos não é o mesmo que compartilhamos com todos os homens? O que tem que de ilegítimo em amar aos da própria família? Por isso sabemos que nosso Senhor está nos chamando a vencer aquilo a que naturalmente e até legalmente temos direito... por amor a Deus. Deus quer que O amemos mais que ao nosso Isaac. É claro esta vida da alma é dada pelo Criador; entretanto, Ele deseja que nós sejamos governados por este princípio de vida. As pessoas do mundo não podem compreender por que; só o crente que está perdendo-se gradualmente na vida de Deus pode compreender seu significado. Quem pode imaginar que Deus pedisse a Abraão que sacrificasse a Isaque, quando Deus mesmo o havia dado? Os que captam o coração de Deus não tentam se agarrar aos dons ministrados por Deus; mas sim desejam descansar em Deus, o Doador de todos os dons. Deus não quer que nos sintamos apegados a nada, exceto a Ele, mesmo que seja homem, coisa ou algo que Ele mesmo nos tenha dado. Muitos cristãos estão bem dispostos a abandonar a Ur dos Caldeus,

mas são poucos os que conseguem ver a necessidade de sacrificar no monte Moriá o que Deus lhes deu. Esta é uma das lições penetrantes da fé e se refere à nossa união com Deus. Ele requer de seus filhos que abandonem tudo para que possam ser totalmente dEle. Seus filhos têm que desprender-se não só do que sabem que é prejudicial, mas também entregar à cruz tudo o que é humanamente legítimo — como o afeto —, a fim de que possamos estar inteiramente sob a autoridade do Espírito Santo.

A exigência de nosso Senhor é em extremamente significativa, pois não é verdade que o afeto humano é tremendamente incontrolável? Se não o consignarmos à cruz e o perdermos, o afeto pode passar a ser um obstáculo formidável para a vida espiritual.

Os sentimentos humanos mudam como muda o mundo. São facilmente estimulados, por isso podem dar ocasião para que o santo perca seu equilíbrio espiritual, afetando sua paz de espírito.

Temos, pois, que aborrecer nossa vida da alma e recusar seus afetos, para nos vermos livres de toda rédea. A demanda do Senhor difere completamente de nosso desejo natural. O que era amado previamente deve ser agora aborrecido; e até o órgão que gera o amor, a vida da alma, deve ser aborrecido também. Este é o caminho espiritual. Se verdadeiramente levamos a cruz, não seremos controlados nem influenciados pelos afetos anímicos, mas sim seremos aptos para amar no poder do Espírito Santo. Foi assim que o Senhor Jesus amou a sua família quando esteve na terra.

A CRUZ E O EU

> ***«Então disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me; pois, quem quiser salvar a sua vida por amor de mim perdê-la-á; mas quem perder a sua vida por amor de mim, achá-la-á.» (Mt. 16:24, 25).***

Uma vez mais nosso Senhor está chamando seus discípulos a que tomem a cruz, apresentando sua vida da alma à morte. Enquanto em Mateus 10 a ênfase era no afeto da alma, aqui em Mateus 16, é o eu da alma que é destacado. Pelos versículos precedentes, vemos que o Senhor Jesus estava naquele momento revelando a seus discípulos o seu futuro encontro com a cruz. Movido por seu intenso amor ao Senhor, Pedro balbuciou: «Senhor, tenha compaixão de ti mesmo.» Pedro pensava no homem, insistindo para que seu Mestre evitasse a dor da cruz na carne. Pedro não tinha chegado a compreender que o homem deve centrar-se nas coisas de Deus, mesmo numa questão como a morte em uma cruz. Falhou em compreender que o interesse em fazer a vontade de Deus deve suplantar qualquer interesse próprio.

Sua atitude foi mais ou menos esta: «Embora ao morrer na cruz esteja obedecendo à vontade de Deus e cumprindo Seu propósito, entretanto, não é necessário pensar em si próprio? O Senhor não percebe a dor que terá que sofrer? Senhor, se compadeça de si mesmo!»

Qual foi a resposta do Senhor a Pedro? Repreendeu-o severamente e declarou que uma ideia tal como o compadecer-se de si mesmo só podia ter se srcinado em Satanás. Em seguido, continuou dizendo a seus discípulos: «Não sou eu só o que irá à cruz, mas sim todos vocês que querem me seguir e ser meus discípulos terão que ir a ela também. Seu caminho será igual ao meu. Não imaginem erroneamente que só eu é que tenho que fazer a vontade de Deus; todos vocês farão sua vontade. Dessa maneira, tal como eu não penso em mim mesmo e obedeço a Deus de modo incondicional, inclusive até a

morte na cruz, assim vocês negarão sua vida do eu e estarão dispostos a perdê-la para obedecer a Deus.»

Pedro disse ao Senhor: «Tenha compaixão de si mesmo!»

O Senhor lhe respondeu: «Têm que negar a vocês mesmos.»

Terá que pagar um preço para seguir a vontade de Deus. A carne treme diante de tal perspectiva. Enquanto a vida da alma reinar suprema dentro de nós, seremos incapazes de aceitar as ordens de Deus, porque quer ela quer seguir a sua vontade e não a de Deus. Quando Ele nos chama a negarmos a nós mesmos, por meio da cruz, e a renunciarmos a tudo por amor a Ele, nossa vida natural responde de modo instintivo com auto-compaixão. Isso nos faz pouco dispostos a pagar qualquer preço por Deus.

Daí que sempre que escolhemos o caminho estreito da cruz e sofremos por amor a Cristo nossa vida da alma sofrerá perda. É assim que perdemos essa vida. Só dessa maneira pode a vida espiritual de Cristo ser entronizada pura e suprema, empreendendo dentro de nós tudo o que é agradável a Deus e benéfico para os homens.

Agora bem, se tomarmos nota deste incidente entre Pedro e o Senhor, podemos perceber facilmente o mal que pode haver no modo de funcionar dessa vida da alma.

Pedro pronunciou aquelas palavras carnais imediatamente depois de haver recebido a revelação de Deus para que entendesse o mistério até então desconhecido pelos homens: que aquele Jesus solitário a quem eles estavam seguindo era verdadeiramente o Cristo, o Filho do Deus vivo. Imediatamente depois desta revelação tão prodigiosa, Pedro foi feito prisioneiro de sua vida da alma, tentando persuadir seu Mestre a se compadecer de si mesmo. Que impressão deveria fazer em nós o fato de que não existir revelação espiritual, por intensa e elevada que seja, nem conhecimento que possa nos garantir a liberdade do domínio da alma! Ao contrário, quanto mais elevado nosso conhecimento e mais profunda nossa experiência, mais escondida será nossa vida da alma e mais difícil, conseqüentemente, descobri-la e expulsá-la.

A menos que o reino natural seja tratado de modo radical pela cruz, continuará preservado dentro do homem.

Outra lição que podemos aprender deste exemplo de Pedro é a inutilidade da vida natural. Nessa ocasião em particular, a vida da alma do Pedro foi ativada não em favor de si mesmo, mas sim do Senhor Jesus. Ele ama ao Senhor; tem compaixão Dele; deseja que o Senhor seja feliz; resiste a que o Senhor sofra estas coisas.

Seu coração é reto e sua intenção é boa, mas está fundamentada na consideração humana derivada da vida da alma. E o Senhor rejeita todas essas considerações. Até mesmo o desejar em favor do Senhor não deve ser permitido se se fizer conforme a carne. Isso não demonstra, sem sombra de dúvida, que podemos ser anímicos ao servir ao Senhor e desejá-lo? Se o próprio Senhor Jesus nega sua própria vida da alma para

servir a Deus, certamente não quer que nós O sirvamos com essa vida da alma. Ele chama os crentes a entregar seu eu natural à morte, não simplesmente porque ama ao mundo, mas também porque pode inclusive desejar em favor do Senhor. Nosso Senhor nunca nos cobra pelo quanto fazemos; Ele só inquire de onde procede o fazer.

Ao mesmo tempo em que Pedro expressa seu afeto pelo Senhor, está inconscientemente revelando sua atitude para si mesmo.

Estima o corpo físico do Senhor em mais que a vontade de Deus.

Tenta persuadir ao Senhor Jesus para que seja cuidadoso consigo mesmo. A personalidade de Pedro, portanto, é plenamente revelada. O eu sempre opera de modo independente da vontade de Deus, porque quer servi-Lo segundo o que parece bom a si mesmo. Atender aos desejos de Deus significa despojar-se da própria alma. Sempre que se obedece Sua mentalidade, a ideia da alma fica esmagada.

Por Pedro ter deixado sua alma falar, nessa ocasião de Mateus 16, o Senhor Jesus chamou a seus discípulos a que abandonassem sua vida natural. Mas o Senhor indica, além disso, que o que Pedro falara procedia de Satanás. Por isso podemos compreender até que ponto Satanás pode empregar a vida do eu do homem.

Enquanto ela não é entregue à morte, Satanás possui um instrumento operativo. Pedro fala porque quer bem ao Senhor; contudo, é manipulado por Satanás. Pedro roga ao Senhor que se tenha considerações, não sabendo que esta petição é inspirada pelo inimigo. Satanás insiste com as pessoas para que amem ao Senhor, inclusive as ensina a orar. Satanás não sente apreensão pelas pessoas orarem ou amarem ao Senhor, o que o faz tremer é que ao amar ao Senhor ou orar a Ele não o façam com sua energia natural.

Enquanto continua a vida da alma, seu negócio prospera. Que Deus nos mostre quão perigosa é esta vida, porque os crentes podem chegar muito rapidamente à conclusão de que são espirituais meramente porque amam ao Senhor ou admiram as coisas celestiais. O propósito de Deus não pode ser realizado enquanto Satanás continua achando oportunidade para trabalhar por meio da vida da alma que se mantém sem ter sido entregue à morte da cruz.

A auto-compaixão, o amor-próprio, o temor do sofrimento, o retrair-se da cruz, são todas manifestações da vida da alma, porque sua motivação primária é a preservação do eu. Resiste bravamente a sofrer qualquer perda. É precisamente por isso que o Senhor nos chama a que neguemos ao eu e tomemos nossa cruz a fim de esmagar nossa vida natural. Cada cruz que nos é apresentada, nos chama a abandonarmos nosso eu. Não deveríamos abrigar amor ao eu, mas sim depor nossas vidas pelo poder de Deus. O Senhor nos diz que esta cruz é nossa, porque cada um recebe de Deus sua cruz particular. Esta é a que temos que levar. Embora seja nossa cruz, entretanto está intimamente relacionada com a cruz do Senhor. Se na disposição que Cristo mostrou em relação à sua cruz estivermos dispostos a tomar a nossa, então acharemos que o poder de sua cruz permanece em nós e nos capacita para perder nossa vida natural.

Cada vez que tomamos a cruz, sofremos a perda da vida da alma. Cada vez que fugimos da cruz, a vida da alma é alimentada e preservada.

O Senhor Jesus não nos afirma que o tratar de nossas inclinações naturais seja algo que possa ser feito de uma vez e fique permanentemente resolvido.

Achamos em Lucas a palavra «diariamente» acrescentada à chamada de nosso Senhor para que tomemos a cruz. O levar a cruz é contínuo. A cruz que condenou o pecado à morte é um fato consumado: tudo o que nos resta é que a reconheçamos e a percebamos. Mas a cruz por meio da qual nos desprendemos de nossa vida da alma é diferente. O negar-se a si mesmo não é uma questão já feita e completamente terminada; temos que experimentá-lo diariamente.

Bem, isso não significa que não se chegue a perder nunca a vida da alma, ou que só será perdida lentamente. Simplesmente fala do fato de que a cruz que trata da vida da alma opera de modo diferente da que trata do pecado. E qual é a razão? É que a morte para o pecado foi realizada em nosso favor por Cristo; quando Ele morreu, nós morremos com Ele. Mas o negar a vida da alma não é uma coisa já consumada. Requer que tomemos nossa cruz diariamente por meio do poder da cruz de Cristo e decidamos diariamente negar-nos a nós mesmos até que seja eliminada.

A renúncia à nossa vida natural não é algo que se faça de uma vez para sempre. Quanto ao pecado, só temos que tomar a base da cruz (Rm. 6:6) e imediatamente somos libertados de seu poder e de nossa servidão ao mesmo. Isso é experimentado em um momento com uma vitória plena e perfeita.

Mas a vida do eu tem que ser vencida passo a passo. Quanto mais profundamente penetra a palavra de Deus (Hb. 4:12), mais profundamente opera a cruz e mais intensamente o Espírito Santo completa a união da vida de nosso espírito com o Senhor Jesus. Como podem os crentes negar o eu quando até agora lhe era desconhecido? Só podem negar aquela parte da vida do eu que reconhecem. A Palavra de Deus tem que ir pondo a descoberto mais e mais de nossa vida natural de modo que a obra da cruz possa investigar mais e mais profundamente. É por isso que a cruz deve ser levada diariamente. Conhecer mais da boa vontade de Deus e conhecer mais do eu proporciona à cruz mais terreno em que operar.

A CRUZ E O AMOR ANÍMICO DO MUNDO

Mais uma vez nosso Senhor diz: «Lembrai-vos da mulher de Ló. Qualquer que procurar preservar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, conservá-la-á.» (Lc. 17:32,33). Embora estas palavras já sejam familiares ao leitor, temos que notar aqui que o Senhor põe ênfase na negação de si mesmo em relação às coisas do mundo.

Que desagradável é para alguns crentes desapegar seus corações das posses terrenas! Precisamos seguir a admoestação de nosso Senhor e lembrar da esposa de Ló, porque ela não pôde esquecer suas posses nem mesmo no momento de maior perigo. Não foi culpada por retroceder nem um só passo para Sodoma. Tudo o que fez foi olhar para

trás. Mas quanto foi revelado nesse olhar para trás! Não fala como um livro aberto em relação à condição de seu coração?

É possível que um crente abandone exteriormente o mundo e deixe tudo para trás e, contudo, interiormente continue apegado àqueles mesmos elementos que abandonou por amor ao seu Senhor. Não se requer que uma pessoa consagrada retorne ao mundo ou volte para recuperar o que abandonou no mundo, para indicar que a vida da alma é ativa ainda. Basta que jogue um olhar ofegante para trás, para nos revelar que não entendeu totalmente a relação do mundo com a cruz.

Quando a vida da alma é esmagada de modo genuíno, não há nada desse mundo que possa comover de novo o coração do crente. A vida da alma é mundana; daí que esteja apegada às coisas do mundo. Só depois que se está realmente disposto a oferecer sua vida da alma à morte estará apto para seguir o «Sermão da Montanha» sem vacilar nem amedrontar-se.

Embora nesse «sermão» não encontremos o Senhor mencionando a obra da cruz, ainda assim sabemos que, a menos que se experimente identificação com Cristo na morte — não somente tendo morrido para o pecado, mas também para a vida do eu —, em vão é o esforço para obedecer os ensinamentos proclamados no Sermão da Montanha. Aparentemente segue essas instruções, mas seu coração não vai com a aparência. Só um cristão que cedeu sua vida da alma pode espontaneamente e sem alardes ceder o manto também quando lhe demandam a túnica. Aquele cuja vida da alma foi sacrificada à morte pode desprender-se de todas as coisas do mundo.

O ganhar a vida espiritual é condicional a sofrer perdas. Não podemos medir nossas vidas em termos de «ganho»; têm que ser medidas em termos de «perda». Nossa capacidade real não consiste em quanto retemos, mas sim em quanto lançamos fora. Os que podem permitir-se perder mais são aqueles que têm mais para dar. O poder do amor é testemunhado pelo sacrifício do amor. Se nossos corações não estão separados do amor ao mundo, nossa vida da alma tem que passar ainda pela cruz.

«E com gozo aceitastes a espoliação dos vossos bens» (Hb. 10:34). Os crentes a que se refere esta passagem não sofreram simplesmente, mas sim aceitaram jubilosamente que os despojassem de suas propriedades. Esta é a obra da cruz. A atitude dos santos para com suas posses demonstra com toda claridade e certeza se continuam preservando sua vida do eu ou se a consignaram à morte.

Se desejamos andar por um caminho puramente espiritual, temos que permitir a Deus que opere em nós de modo que nossos corações sejam separados de tudo que pertence ao mundo e ser totalmente purgados do intento da mulher de Lot. Este é o requisito para experimentar a vida perfeita em Cristo.

Só podemos desprezar todas as coisas do mundo depois que o Espírito Santo mostrou a realidade do céu e sua vida perfeita. As coisas de baixo e as de cima não podem comparar-se.

A experiência do apóstolo em Filipenses 3 começa considerando tudo como perda e continua até a aceitação da perda de todas as coisas. Nisso o apóstolo chega a conhecer a Cristo e o poder de sua ressurreição. Esta é a via perfeita.

Com freqüência não somos conscientes de quão poderoso é nosso eu até que o pomos à prova em relação às coisas materiais. Às vezes parece que se requer mais graça para perder nossa riqueza do que para perder a vida! As coisas terrestres representam verdadeiramente uma prova decisiva para a vida da alma.

Os filhos de Deus que se permitem comer e beber e folgar requerem uma porção maior da cruz para libertar seu espírito da escravidão e influência da alma e chegar a viver livremente em Deus. Todo aquele que suspira pelas coisas do mundo ainda tem que aprender a perder sua vida da alma por meio de uma penetração mais profunda da cruz.

A CRUZ E O PODER DA ALMA

No Evangelho de João o Senhor Jesus faz referência uma vez mais à vida da alma:

> ***«Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, dá muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á; e quem neste mundo odeia a sua vida, guardá-la-á para a vida eterna.» (Jo. 12:24, 25).***

Em seguida, dá a explicação destas palavras: «E eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a mim.» (V. 32).

João 12 registra o momento mais favorável da vida de nosso Senhor. Lázaro foi levantado dos mortos e muitos judeus acreditaram nele. Entrou triunfalmente em Jerusalém e foi aclamado pelo povo. Até os gentios o procuravam para vê-Lo. Do ponto de vista humano o Calvário parecia agora totalmente desnecessário; ele não poderia facilmente atrair os homens a si sem necessidade de ir à cruz?

Mas Ele tinha outro entendimento. Embora sua obra parecesse próspera, sabia que não podia conceder vida aos homens sem ir à morte. O Calvário era só um caminho de salvação. Se ele morresse, iria atrair todos os homens para si e poderia verdadeiramente dar vida a todos.

Em João 12 o Senhor explicitamente descreve a operação da cruz. Se compara a um grão de trigo. Se não cair na terra e morrer, permanece sozinho. Mas se Ele é crucificado e morre, Ele distribuirá vida a muitos. A condição é a morte. Sem morte não há fruto. Não há outro caminho para gerar fruto que não seja através da morte.

Nosso propósito, entretanto, não é simplesmente aprender sobre o Senhor Jesus. Desejamos ir além, e chamar particularmente a atenção para sua relação com nossa vida da alma. O Senhor aplica a si mesmo a imagem do grão de trigo no versículo 24,

mas no versículo 25 revela que cada um de seus discípulos tem que seguir suas pegadas. Apresenta o grão como representação de Sua vida do eu. Tal como um grão é incapaz de gerar fruto a menos que morra, assim também não pode haver fruto espiritual até que a vida natural tenha sido quebrantada por meio da morte. Aqui põe ênfase na questão do dar fruto. Embora a vida da alma possua um poder tremendo, apesar disso não pode realizar a obra de dar fruto. Todas as energias geradas na alma, incluindo o talento, os dons, o conhecimento e a sabedoria, não podem capacitar os crentes para gerar fruto espiritual. Se o Senhor Jesus teve que morrer para dar fruto, também nós, seus discípulos, temos que morrer para poder produzi-lo. O Senhor considera o poder anímico como inútil para Deus em sua obra de dar fruto.

O maior perigo para nós no serviço cristão é nos apoiarmos em nós mesmos e buscarmos os recursos de nosso poder da alma: de nosso talento, dons, conhecimento, magnetismo, eloqüência ou sagacidade. A experiência de inumeráveis crentes espirituais confirma que a menos que nossa qualidade de crentes anímicos seja entregue definitivamente à morte e sua vida inibida em todo tempo, para que não possa operar, se mostrará muito ativa no serviço. Se isso for a verdade deles, como vão poder impedir a intromissão dessa vida da alma aqueles que não estão dispostos a renunciar a ela ou se descuidam em negá-la? Tudo o que pertence a nossa vida natural deve ser entregue à morte para que de modo algum possamos depender disso, mas sim estejamos dispostos, em troca, a ser guiados através da escuridão de uma morte em que carecemos de ponto de apoio, sem ter sensação, carecendo de visão, sem dispor de compreensão e confiando silenciosamente no operar do próprio Deus, até que emerjamos no outro lado da ressurreição para possuir uma vida mais gloriosa. «o que aborrece sua vida neste mundo a guardará para a vida eterna.» Nossa alma não é aniquilada, mas ao passar pela morte proporciona a Deus a oportunidade de nos comunicar sua vida. Não perder a vida da alma na morte significa uma grande perda para o crente; mas o perdê-la significará guardá-la para a eternidade.

Não compreendamos mal esse versículo como se significasse a inatividade de nossa mente e talento. O Senhor claramente afirma que ao perder nossa vida, a guardamos para a vida eterna. Tal como o «o corpo pecaminoso deve ser destruído» (Rm. 6:6) não significa a destruição das mãos, dos pés, dos ouvidos e dos olhos do corpo humano, assim tampouco a entrega da vida da alma à morte não se deve entender como negação ou destruição de nenhuma de suas funções. Até que o corpo do pecado tenha sido destruído, ainda teremos de ceder nossos «membros a Deus como instrumentos de justiça» (Rm. 6:13); igualmente, quando a vida natural seja sacrificada à morte, acharemos renovação, avivamento e restrição do Espírito Santo em todas as faculdades de nossa alma. Portanto, não se pode implicar que a partir de então vamos ser de madeira ou de pedra, sem sentimento, pensamento ou vontade, e que não poderemos usar nenhuma das partes da alma. Cada parte do corpo, assim como cada órgão da alma, existe ainda, e temos que empregá-la plenamente; só que agora foram renovadas, avivadas e moderadas pelo Espírito Santo. O ponto em questão é se as faculdades da alma têm que ser reguladas por nossa vida natural ou pela vida sobrenatural que reveste nosso espírito. Estas faculdades persistem como de costume. O que é

excepcional agora é que o poder que as ativava antigamente foi posto à morte; o Espírito Santo tem feito do poder sobrenatural de Deus sua vida.

Ampliemos esse ponto um pouco mais. Os distintos órgãos de nossa alma continuam depois que nossa vida natural foi cedida à morte. O cravar a vida da alma na cruz não implica absolutamente que depois vamos carecer totalmente de pensamento, emoção e vontade. De modo claro lemos na Bíblia sobre o pensamento, intenção, desejo, satisfação, amor e gozo de Deus. Além disso, as Escrituras com freqüência registram que nosso Senhor Jesus «amou», «regozijou-se», «estava triste»; inclusive diz que «Jesus chorou», e que «ofereceu rogos e súplicas com grande clamor e lágrimas» no Jardim do Getsémani.

Tinham sido aniquiladas estas faculdades da alma? E passamos a ser pessoas frite e mortas? A alma do homem é o próprio homem. É onde reside sua personalidade e de onde se expressa. Se a alma não aceitar o poder da vida do espírito, então vai tirar seu poder para viver de sua vida natural ou anímica. A alma como uma composição de órgãos continua, mas a alma como um princípio de vida é negada. Esse poder tem que ser consignado à morte para que unicamente o poder do Espírito Santo possa pôr em movimento todas as partes da alma, sem interferência da vida natural.

É aqui que vemos a vida de ressurreição. Sem a vida sobrenatural de Deus não pode haver ressurreição depois da morte. O Senhor Jesus pôde passar pela morte e, ser ressuscitado, porque residia nele a vida incriada de Deus. Esta vida não pode ser destruída; pelo contrário, sempre ressurgirá na plenitude e glória da ressurreição. Jesus derramou sua alma até a morte e entregou seu espírito (no qual havia a vida de Deus) de novo às mãos de Deus. Sua morte O deixou livre da vida da alma, e deixou livre a vida espiritual de Deus para um maior esplendor.

É realmente difícil entender por que Deus, ao nos transmitir sua vida, requer depois que experimentemos a morte juntamente com Cristo a fim de que sua vida possa ser ressuscitada em nós. Essa é, entretanto, a lei da vida de Deus. E uma vez de posse da vida de Deus, estamos capacitados para passar periodicamente pela morte e continuar saindo vivos. Ao ir perdendo continuamente nossa vida da alma na morte, podemos continuamente ganhar de modo mais abundante e glorioso a vida de Deus na ressurreição.

O propósito de Deus é fazer passar nossa vida da alma pela morte em companhia da Sua própria vida em nós; sempre que Sua vida em nós é ressuscitada, em nossa experiência diária, nossa alma também é levantada com Ele e produz fruto para a eternidade. Essa é uma das lições mais profundas na vida espiritual. O Espírito Santo unicamente pode nos revelar a necessidade da morte assim como a da ressurreição.

Que o Espírito da revelação nos faça entender quanto nossa experiência espiritual poderá ser sofrida, se não aborrecermos nossa vida natural e a entregamos à morte. Só quando nossa vida, acompanhada pela vida de Deus que nos reveste, passa pela morte e pela ressurreição, podemos gerar fruto espiritual e guardá-la para a vida eterna.

5. OS CRENTES ESPIRITUAIS E A ALMA

A DIVISÃO DE ESPÍRITO E ALMA

Nossa prolongada discussão sobre a diferença entre espírito e alma e suas respectivas operações serviu para nos trazer até este ponto. O crente que se esforça em seu contato com Deus deve respeitar a atividade estabelecida por Deus. A alma esteve em alta durante tanto tempo, que até na questão da consagração, se atreve a empreender por sua conta a tarefa de realizar esse ato para satisfazer a Deus. Muitos cristãos não chegam a perceber a forma radical com que a cruz tem que operar para que o poder natural da vida seja negado. Não conhecem a realidade do Espírito Santo que reveste, nem que sua autoridade deve estender-se, até colocar sob seu controle os pensamentos, desejos e sentimentos de todo o ser. A menos que se dêem conta interiormente disso, o Espírito Santo é incapaz de realizar tudo o que deseja fazer. A maior tentação para um santo sincero e zeloso é empreender com sua própria força o serviço de Deus em vez de esperar humildemente que o Espírito Santo dite e execute.

A chamada da cruz do Senhor Jesus é para que aborreçamos nossa vida natural, que procuremos a oportunidade de perdê-la, não de guardá-la. Nosso Senhor quer que sacrifiquemos o eu e o entreguemos totalmente à obra de seu Espírito. Se quisermos experimentar de modo direto sua nova vida no poder e direção do Espírito Santo, teremos que estar dispostos a apresentar à morte cada opinião, trabalho e pensamento da vida da alma. O Senhor, de modo adicional, faz referência à questão de aborrecer ou amar nossa vida do eu. A alma ama invariavelmente a si mesma. A menos que da mesma profundidade de nosso coração aborreçamos nossa vida natural, não poderemos andar de modo genuíno pelo Espírito Santo.

Essa guerra entre a alma e o espírito se faz de modo secreto, mas interminável, no interior dos filhos de Deus. A alma procura reter sua autoridade e operar independentemente, enquanto o espírito se esforça por possuir e dominá-la para a manutenção da vontade de Deus. Antes que o espírito tenha conseguido sua ascendência, a alma procurou tomar a direção em todos os aspectos. Se um crente permitir ao eu que seja o amo enquanto espera que o Espírito Santo o ajude ou o abençoe em sua obra, indubitavelmente vai falhar em produzir fruto espiritual. Os cristãos não podem esperar andar e operar engrandecendo a Deus se não tiverem esmagado sua vida da alma mediante uma persistente negação de sua autoridade e a puserem incondicionalmente no pó.

A razão de tantas derrotas no reino espiritual é que esse setor da alma não foi tratado de modo radical. Se a vida da alma não é despojada por meio da morte, mas se lhe permite misturar-se com o espírito, os crentes vão permanecer em derrota. Se nosso andar não expressa de modo exclusivo o poder de Deus, logo será vencido pela sabedoria e opinião do homem.

Nossa vida natural é um obstáculo formidável à vida espiritual. Nunca satisfeito somente com Deus, invariavelmente acrescenta algo extra a Deus. Daí que nunca esteja em paz.

Antes que o eu seja tocado, os filhos de Deus vivem sob estímulos e sensações muito mutáveis. É por isso que exibem uma existência em vaivém, em desigualdades.

Devido a permitirem que suas energias anímicas se misturem com as experiências espirituais, seu caminhar é muito instável. Em conseqüência, não estão qualificados para guiar a outros. O poder da alma, a que não tenham renunciado, continuamente os desvia de permitir que o espírito seja centralizado. No alvoroço da emoção anímica, o espírito sofre grandes perdas na liberdade e na impressão. A mente, se estiver em atividade excessiva, pode afetar e perturbar a quietude do espírito. É bom admirar o conhecimento espiritual, mas se exceder os limites espirituais, o resultado será meramente letra, não espírito. Isto explica por que muitos obreiros, embora preguem a verdade mais excelente, são tão frios e mortos. Muitos santos que procuram um modo de andar espiritual compartilham uma experiência comum: uma experiência de gemidos porque sua alma e espírito não são uma só coisa. O pensamento, a vontade e a emoção de sua alma com freqüência rebelam-se contra o espírito, recusando ser dirigidos por ele e recorrem a ações independentes que o contradizem. A vida de seu espírito tem que acabar sofrendo em uma situação assim.

Considerando o crente nesta condição, o ensino de Hebreus 4:12 adquire um significado especial.

Porque o Espírito Santo nos ensina ali a experimentar a divisão do espírito e da alma. A divisão destes dois não é uma mera doutrina; é de modo preeminente uma vida, uma necessidade para o andar do crente. Mas qual é seu significado essencial?

Significa, em primeiro lugar, que, por meio de sua Palavra e por meio de seu Espírito que nos reveste, Deus capacita o cristão a diferenciar na prática as operações e expressões do espírito como distintas das da alma. Assim pode perceber o que é do espírito e o que é da alma.

A divisão destes dois elementos denota adicionalmente que, através da cooperação voluntária do filho de Deus, podemos seguir um caminho espiritual puro não impedido pela alma. O Espírito Santo apresenta em Hebreus 4 o ministério de Sumo Sacerdote do Senhor Jesus e também explica sua relação conosco. O versículo 12 declara que «a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até a divisão de alma e espírito, e de juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração». E o versículo 13 segue nos informando que «não há criatura alguma encoberta diante dele; antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas». Estes versículos, pois, nos dizem até que ponto o Senhor Jesus cumpre sua obra como Sumo Sacerdote com respeito a nosso espírito e alma. O Espírito Santo compara o crente a um sacrifício sobre o altar.

Durante o período do Antigo Testamento, quando se apresentava uma oferenda, atavam seu sacrifício ao altar. O sacerdote vinha e a matava com uma faca afiada, partindo-a em duas e separando até a divisão das juntas e dos tutanos, pondo assim à vista tudo o que antes tinha estado escondido da vista humana. Depois era queimada com fogo como uma oferenda a Deus. O Espírito Santo usa esse ato para ilustrar a obra do Senhor Jesus para os crentes e a experiência dos crentes no Senhor. Tal como o sacrifício antigo era partido em dois pela faca, de modo que as juntas e os tutanos ficassem expostos e separados, também o crente hoje vê sua alma e seu espírito separados pela Palavra de Deus, como ocorreu com nosso Sumo Sacerdote, o Senhor Jesus. Isto é para que a alma não possa afetar o espírito e o espírito não fique sob a autoridade da alma; mas cada um achará seu lugar de descanso, sem que haja confusão ou mistura.

Assim como no princípio a Palavra de Deus tinha operado sobre a criação, separando a luz das trevas, assim também agora opera dentro de nós como a espada do Espírito, penetrando até a separação do espírito e a alma. Daí que a mais nobre habitação de Deus — nosso espírito — esteja totalmente separada dos desejos baixos de nossas almas. Portanto, devemos apreciar de que forma nosso espírito é o lugar em que reside Deus e o Espírito Santo, e que nossa alma, com toda sua energia, fará verdadeiramente a vontade de Deus, conforme é revelada ao espírito humano pelo Espírito Santo.

Não pode haver lugar, pois, para nenhuma ação independente. Como o sacerdote antigo dividia em dois o sacrifício, assim também nosso Sumo Sacerdote hoje divide nossa alma e espírito. Como a faca sacerdotal era tão aguda que o sacrifício ficava partido em dois, penetrando até a separação das juntas e os tutanos, assim também a Palavra de Deus, que o Senhor Jesus usa correntemente, é mais viva que uma espada de dois gumes, e é capaz de partir limpamente o espírito e a alma mais intimamente relacionadas.

A Palavra de Deus é «viva» porque tem poder vivo; «ativa», porque sabe como trabalhar; «mais aguda que uma espada de dois gumes», posto que pode penetrar até a alma: alcança ao mais íntimo do espírito. A Palavra de Deus guia seu povo a um reino mais profundo que o da mera sensação: os leva ao reino do espírito eterno. Os que querem ser estabelecidos em Deus devem conhecer o significado desta penetração no espírito. Só o Espírito Santo pode nos ensinar o que é a vida da alma e o que é a vida do espírito. Só depois de ter aprendido a diferenciar na prática essas duas classes de vida e chegar a captar seus respectivos valores somos tirados de um modo de andar superficial. Só então chegamos ao descanso. A vida da alma nunca pode nos proporcionar descanso. Mas notemos que isto tem que ser conhecido pela experiência; simplesmente compreender na mente nos fará meramente mais anímicos.

Temos que prestar atenção especial a esse penetrar e dividir. A Palavra de Deus penetra dentro da alma assim como dentro do espírito a fim de efetuar a divisão dos dois. As mãos e os pés do Senhor Jesus e seu flanco foram atravessados em sua crucificação. Estamos dispostos a deixar que a cruz opere em nossa alma e em nosso espírito? Uma espada penetrou a alma de Maria (Lc. 2:35). Embora seu «Filho» lhe

tenha sido dado por Deus, foi exigido dela que se desprendesse Dele e renunciasse a toda sua autoridade e exigências sobre Ele. E mesmo que sua alma desejasse agarrar-se tenazmente a Ele, Maria teve que negar seu afeto natural.

Separar a alma e o espírito não só significa separação, mas também abrir bem a mesma alma. Como o espírito está envolvido pela alma, não pode ser alcançado pela Palavra de vida, exceto através de um envoltório rachado. A Palavra da cruz se aprofunda e abre espaço através da alma, de modo que a vida de Deus pode alcançar o espírito dentro e libertá-lo da servidão de sua casca anímica. Tendo recebido a marca da cruz, a alma agora pode assumir sua posição própria de sujeição ao espírito. Mas se a alma falha em passar a ser a «avenida» do espírito, então, sem dúvida, passará a ser sua cadeia. Esses dois nunca estão de acordo em nada. Antes que o espírito consiga seu lugar correto de preeminência, é desafiado de modo persistente pela alma. Enquanto que o espírito se esforça por ganhar sabedoria e domínio, o forte poder da alma exerce sua força máxima para suprimir o espírito. Só depois que a cruz tenha feito sua obra sobre a vida anímica é liberado o espírito. Se seguirmos ignorando o dano que esta discórdia entre o espírito e a alma pode causar, ou seguimos mal dispostos para abandonar o prazer de um modo de andar pelos sentidos, raramente faremos algum progresso espiritual. Enquanto o bloqueio feito pela alma ao espírito não é levantado, o espírito não pode ser libertado.

Ao estudar cuidadosamente o ensinamento deste fragmento da Escritura, podemos chegar à conclusão de que o dividir do espírito e da alma depende de dois fatores: a cruz e a Palavra de Deus. Antes que o sacerdote possa usar sua faca, a vítima tem que ser colocada sobre o altar. O altar no Antigo Testamento fala da cruz no Novo Testamento. Os crentes não podem esperar que seu Sumo Sacerdote empunhe a espada aguda de Deus, sua Palavra, que penetra até a separação da alma e do espírito, a menos que primeiro estejam dispostos a ir à cruz e aceitar sua morte. Estar prostrado sobre o altar sempre precede a penetração da espada. Daí que aquele que deseje experimentar a divisão da alma e o espírito deve responder à chamada do Senhor ao Calvário e apresentar-se sem reservas diante o altar, confiando que o Sumo Sacerdote opere com sua espada aguda para dividir seu espírito de sua alma. Que nós estejamos colocados sobre o altar é nossa oferenda voluntária agradável a Deus; usar a espada para dividir é a obra do sacerdote. Devemos cumprir nossa parte com toda fidelidade e encomendar o resto a nosso Sumo Sacerdote misericordioso e fiel. E no momento apropriado Ele guiará a sua completa experiência espiritual.

Temos que seguir as pisadas de nosso Senhor. Quando estava morrendo, «Jesus derramou sua alma até a morte» (Is. 53:12), mas «entregou seu espírito a Deus» (Lc. 23:46). Nós temos que fazer o que Ele fez antes. Se verdadeiramente derramarmos a vida da alma e entregamos nosso espírito a Deus, também conheceremos o poder da ressurreição e gozaremos de um caminho espiritual perfeito na glória da ressurreição.

A PRÁTICA

Acabamos de ver de que forma Sumo Sacerdote opera se aceitamos a cruz. Consideremos agora o lado prático; isto é, como chegarmos à experiência em que o Senhor Jesus divide nossa alma e espírito.

1) Reconhecer a necessidade da divisão da alma e do espírito. Sem este reconhecimento não se fará a petição. Os cristãos devem fazer a petição ao Senhor para que Ele lhes mostre o aborrecível de uma vida em que se misturem o espírito e a alma, e também a realidade de um andar mais profundo e ininterrupto em Deus, que é totalmente espírito. Devem entender que uma vida mista é uma vida de frustração.

2) Pedir a separação da alma e o espírito. Depois de reconhecer, tem que haver um desejo genuinamente sincero no coração, uma petição de que essa mistura de alma e espírito seja separada. A questão depende da vontade humana. Se os crentes preferirem gozar do que eles consideram a melhor vida e não desejam que sua alma e seu espírito sejam divididos, Deus vai respeitar seus direitos pessoais e não os forçará essa experiência.

3) Ceder de modo específico. Se os crentes definitivamente desejarem a experiência da separação de alma e espírito, devem consignar-se no altar da cruz de uma forma específica. Têm que estar dispostos a aceitar totalmente todas as conseqüências da operação da cruz e de serem conformados à morte do Senhor. Antes que encontrem a separação da alma e do espírito, os crentes devem subjugar sua vontade de modo contínuo e incessante para Deus, e escolher ativamente que se faça esta separação. E quando o Sumo Sacerdote realiza esta divisão neles, a atitude de seu coração deve ser que Ele não tenha que deter Sua mão.

4) Permanecer em Romanos 6:11. Os filhos de Deus têm que velar para que, ao buscar a experiência da separação da alma e do espírito, não caiam de novo no pecado. Lembrar que esta separação está apoiada em que tenham morrido para o pecado. Daí que devam manter diariamente a atitude de Romanos 6:11, considerando-se verdadeiramente mortos para o pecado. Além disso, devem apoiar-se em Romanos 6:12 e não permitir que o pecado reine em seus corpos mortais. Esta atitude vai privar a sua vida natural de toda oportunidade de pecar por meio do corpo.

5) Orar e estudar a Bíblia. Os cristãos devem esquadrinhar a Bíblia com oração e meditação. Devem deixar que a Palavra de Deus penetre profundamente em suas almas, a fim de permitir que sua vida natural seja purificada. Se realmente fizerem o que Deus diz, sua vida da alma não poderá continuar sua livre atividade. Este é o significado de 1 Pedro 1:22: «Havendo purificado as vossas almas na obediência à verdade.»

6) Levar diariamente a cruz. Como o Senhor deseja separar nosso espírito e alma, Ele dispõe cruzes em nossos assuntos diários para que as levemos. O tomar a cruz diariamente e o negar-se a si mesmo em todo momento, o não fazer provisão para a carne nem mesmo um só instante, e o constante mostrar pelo Espírito de quais são as

atividades da alma em nossas vidas: isto é vida espiritual. Mediante a obediência fiel seremos levados ao encontro da divisão da alma e o espírito, de modo que possamos ter a experiência de um andar puro espiritual.

7) Viver conforme com o espírito. Esta é uma condição não só para nossa preservação mas também para uma clara separação entre o espírito e a alma. Temos que procurar andar pelo espírito em todos os aspectos, distinguindo o que é do espírito e o que é da alma, e fazendo a resolução, também, de seguir o primeiro e rechaçar a segunda.

APRENDER A RECONHECER A OBRA DO ESPÍRITO E SEGUI-LA.

Estas são as condições que por nossa parte temos que cumprir. O Espírito Santo requer nossa cooperação. O Senhor não poderá fazer Sua parte a menos que nós façamos a nossa. Mas se nós cumprirmos nossa responsabilidade, nosso Sumo Sacerdote vai separar nosso espírito de nossa alma com a espada aguda de seu Espírito no poder de sua cruz. Tudo o que pertence à emoção, à sensação, à mente e à energia natural será separado, uma coisa atrás de outra, do espírito a fim de não deixar rastro de fusão. O estar sobre o altar é o que nós temos que fazer, mas o dividir a alma do espírito com a faca aguçada é o que faz o Sumo Sacerdote. Se nos entregarmos verdadeiramente à cruz de nosso Sumo Sacerdote, Ele não falhará em executar seu ministério separando nosso espírito e alma. Não temos por que nos preocupar pela Sua parte. Ao ver que nós cumprimos os requisitos para poder operar, Ele vai separar nosso espírito e nossa alma no momento apropriado.

Os que perceberam o perigo de uma mistura destes dois órgãos, não podem fazer menos do que procurar libertação.

Embora o caminho para a libertação esteja aberto, entretanto não deixa de apresentar suas dificuldades. Os crentes têm que perseverar na oração para que possam ver seu próprio estado lamentável e entender o revestimento, obra e exigências do Espírito Santo. Devem conhecer o mistério e realidade do Espírito Santo que mora neles. Que honrem sua Santa presença e que não O entristeçam; que saibam que, além do pecado, o que O entristece mais, assim como o que os prejudica mais profundamente é o andar e operar conforme com sua própria vida. O pecado primeiro e srcinal do homem foi procurar o que era bom, sábio e intelectual segundo sua própria ideia. Hoje, os filhos de Deus cometem freqüentemente o mesmo equívoco. Deveriam compreender que, como creram no Senhor e têm o Espírito Santo que os reveste, é necessário dar ao Espírito autoridade completa sobre suas almas. Pensamos que, como oramos e pedimos ao Espírito Santo que revele sua mentalidade e opere em nós, tudo será feito conforme a nossos desejos? Esta hipótese não é correta; porque, a menos que diariamente entreguemos nossa vida natural à morte, junto com seu poder, sabedoria, "eu" e sensação, e a menos que igualmente desejemos sinceramente em nossa mente e vontade obedecer e confiar no Espírito Santo, não O veremos verdadeiramente realizar a obra.

O povo do Senhor deveria entender que é a Palavra de Deus a que divide a alma e o espírito. O Senhor Jesus é Ele mesmo o Verbo ou Palavra de Deus, de modo que Ele mesmo efetua a divisão. Estamos dispostos a permitir que Sua vida e obra consumada separem nossa alma e espírito? Estamos dispostos a que sua vida encha de tal modo nosso espírito, que a vida da alma fique imobilizada? A Bíblia é a Palavra escrita de Deus. O Senhor Jesus usa o ensino da Bíblia para separar nossa alma do espírito. Estamos dispostos a seguir esta verdade? Estamos dispostos a fazer o que ensinam as Escrituras, sem introduzir nossa opinião? Consideramos a autoridade da Bíblia suficiente sem procurar ajuda humana em nossa obediência?

Temos que obedecer ao Senhor e tudo o que Ele nos ensina em sua Palavra, se queremos entrar em um caminho verdadeiramente espiritual. Esta é a espada que opera na separação de nossa alma e espírito.

A ALMA SOB O CONTROLE DO ESPÍRITO

Nos começo deste volume fizemos uma comparação de todo nosso ser — espírito, alma e corpo — com o antigo templo judeu, a habitação de Deus. Deus morava no Lugar Santíssimo. Um véu separava o Lugar Santíssimo do Lugar Santo.

Esse véu parecia encerrar a glória e presença de Deus dentro do Lugar Santíssimo, excluindo-a do Lugar Santo. Os homens daqueles tempos, pois, só podiam conhecer as coisas situadas fora do véu no Lugar Santo. Além da fé, em sua vida externa, não podiam captar a presença de Deus.

Esse véu, entretanto, só existia temporalmente. No momento designado, quando a carne de nosso Senhor Jesus (que é a realidade do véu, Hb. 10:20) foi crucificada na cruz, o véu foi rasgado de cima abaixo. O que separava o Lugar Santíssimo do Lugar Santo foi eliminado. A intenção de Deus não era de residir permanentemente só no Lugar Santíssimo. Muito pelo contrário. Desejava estender sua presença ao Lugar Santo também. Estava meramente esperando que a cruz completasse sua obra, porque foi só a cruz que rasgou o véu e permitiu que a glória de Deus brilhasse fora do Lugar Santíssimo.

Hoje Deus quer que os seus gozem uma experiência como a do templo em seu espírito e alma: sempre e quando se permitir à cruz que aperfeiçoe sua obra neles. Quando os crentes obedecem de boa vontade ao Santo Espírito, a comunhão entre o Santo e o Santíssimo se vai aprofundando dia após dia, até que experimentam uma grande mudança. É a cruz a que efetua o rasgo do véu; isto é, a cruz funciona de tal forma na vida do crente, que este tem uma experiência como a do véu rasgado entre seu espírito e sua alma. Sua vida natural renuncia a sua independência e espera a vida do espírito para receber direção e provisão.

O véu foi rasgado em dois, «de cima abaixo» (Mc. 15:38).

Isto tem que ser obra de Deus, não do homem. Quando a obra da cruz terminou, Deus rasgou o véu. Isto não pode ser realizado nem por meio de nosso trabalho, nem por nossa força, nem por nossos rogos. O momento em que a cruz cumpriu sua tarefa é o

momento em que se rasga o véu. Portanto, renovemos nossa consagração e nos ofereçamos nós mesmos a Deus sem reservas. Estejamos dispostos a que nossa vida da alma seja entregue à morte a fim de que o Senhor, que mora no Lugar Santíssimo, possa terminar sua obra. Se Ele observar que a cruz realizou sua obra completa em nós, o Senhor, indubitavelmente, integrará o Santíssimo e o Santo dentro de nós, do mesmo modo que em séculos passados rasgou o véu com seu poder, para que seu Santo Espírito pudesse fluir de seu glorioso corpo.

Assim a glória, no esconderijo do Altíssimo, constrangerá nossa vida cotidiana dos sentidos. Todo nosso andar e nosso afazer no Lugar Santo serão santificados na glória do Santíssimo. Tal como é o nosso espírito, assim também nossa alma será revestida e regulada pelo Espírito Santo de Deus.

Nossa mente, emoção e vontade serão cheias dEle. O que mantivemos pela fé no espírito, agora o conhecemos e experimentamos também na alma, sem faltar nada e sem ter perdido nada. Que vida bem-aventurada é essa!

> ***«E a glória do Senhor encheu a casa. E os sacerdotes não podiam entrar na casa do Senhor, porque a glória do Senhor tinha enchido a sua casa» (2 Cr. 7:1, 2).***

Por formosas que tenham sido nossas atividades no serviço sacerdotal no Lugar Santo, todas cessarão à gloriosa luz de Deus. A partir de então, sua glória regerá tudo.

Isto nos leva a outro aspecto, igualmente significativo, do dividir o espírito e a alma. A isso o controle do espírito se refere: à influência da alma; a obra da cruz é efetuar a divisão dos dois; mas no que se refere ao encher do espírito e seu regime, a cruz opera para a entrega da independência da alma, de modo que possa haver uma reconciliação completa com o espírito. Os crentes deveriam procurar a experiência da unidade do espírito e a alma. Se permitíssemos à cruz e ao Espírito Santo que operassem completamente em nós, descobriríamos que aquilo a que a alma renunciou é apenas uma fração do que ganha no final: o morto deu agora o seu fruto, o perdido é agora guardado para a vida eterna. Quando nossa alma é posta sob as rédeas do espírito, sofre uma mudança imensa. Antes parecia ser inútil e perdida para Deus, porque era empregava para o eu e com freqüência se movia independentemente; depois Deus ganha nossa alma, embora ao homem possa parecer que foi esmagada. Passamos a ser como «os que têm fé e guardam suas almas» (Hb. 10:39). Isso é muito mais profundo que o que usualmente chamamos de «salvo», porque aponta especialmente para a vida. Como aprendemos a não andar por sensação e vista, agora podemos guardar nossa vida pela fé, para servir e glorificar a Deus. «Recebei com mansidão a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar as vossas almas.» (Tg. 1:21). Quando a Palavra de Deus é implantada, recebemos sua nova natureza em nós e deste modo somos capacitados para dar fruto. Conseguimos a vida do Verbo pela Palavra de vida. Embora os órgãos da alma permaneçam ainda, eles já não funcionam por meio de seu poder; mas operam pelo poder da Palavra de Deus. Esta é «a salvação de suas almas» (1 Pe. 1:9).

Os nervos humanos são muito sensíveis e são ativados facilmente por meio de estímulos exteriores. As palavras, as formas, os ambientes e os sentimentos nos afetam grandemente. Nossa mente se ocupa com muitos pensamentos, planos e fantasias que são um mundo de confusão. Nossa vontade é ativada para que faça executar muitos atos segundo deleites diversículos. Nenhum dos órgãos de nossa alma pode nos trazer paz. De modo singular ou coletivo, perturbam, confundem, alvoroçam. Mas quando nossa alma está na mão do espírito, podemos ser tirados de todos estes distúrbios. O Senhor Jesus nos implora: « Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas» (Mt. 11:29). Se nos inclinamos favoravelmente a ceder ao Senhor, a tomar nosso jugo e a segui-Lo, nossa alma não será estimulada desordenadamente.

Se aprendermos Dele, vendo que quando era desprezado pelos homens continuava fazendo a vontade de Deus e não a própria, nossa alma recuperará a tranqüilidade. A razão de nossos sentimentos machucados se acha no fato de que resistimos a sermos tratados como nosso Senhor e nos repugna nos submeter à vontade e mandato de Deus. Se entregássemos nossas energias naturais à morte e capitulássemos inteiramente diante o Senhor, nossa alma, embora tão sensível em seus nervos, descansaria no Senhor.

A alma que fica sob a autoridade do Espírito Santo é uma alma em repouso. Antes estava ocupada fazendo planos, agora está calma confiando no Senhor. Antes estava angustiada por todo tipo de afãs, agora é como uma criança repousando no colo de sua mãe. Antes albergávamos inumeráveis pensamentos e ambições, agora consideramos que a vontade de Deus é a melhor e descansamos nEle. Ao obedecer ao Senhor totalmente, temos pleno gozo no coração plenamente. Com a consagração completa vem a paz perfeita. «Como servos de Cristo, fazendo de coração a vontade de Deus» (Ef. 6:6). A alma, que antes se rebelava contra o desejo de Deus agora está perfeitamente entregue a Ele por meio da operação da cruz. O que antes executava sua própria vontade, ou tratava de fazer a vontade de Deus segundo suas próprias ideias, agora é una com o coração de Deus em todas as coisas.

Uma alma sob o governo do Espírito Santo nunca se ocupa de si mesma. «Não estejais ansiosos quanto à vossa vida (alma no srcinal)» (Mt. 6:25). Agora procuramos primeiro o reino de Deus e sua justiça porque acreditamos que Deus suprirá nossas necessidades diárias. Uma vez tocada pela cruz por meio do Espírito Santo, a alma já não pode angustiar-se por causa de si mesma. Embora ser consciente de si mesma é a primeira expressão da alma, os crentes, na verdade, poderiam dizer que perdem a si mesmos em Deus, daí que podem confiar em Deus por completo. Toda obra da alma, incluindo o amor a si próprio, o egocentrismo, o orgulho pessoal, foi eliminada tão completamente que os crentes já não são pessoas centradas em si mesmos.

Como a cruz tem feito sua tarefa, nós já não fazemos ativamente planos por nossa conta. Em vez de sofrer ansiedades, podemos procurar sossegados o reino de Deus e sua justiça.

Sabemos, se tivermos interesse no que importa a Deus, que Ele vai se encarregar de nossos cuidados e preocupações. Houve um tempo em que nos fazíamos perguntas a respeito dos milagres; agora vivemos de milagres feitos por Deus e conhecemos, por experiência, que Deus provê todas nossas necessidades. Tudo isso flui naturalmente, pois o poder de Deus nos respalda. Os cuidados desta vida aparecem como detalhes minúsculos, durante o caminho de nossa vida.

> ***«Portanto os que sofrem segundo a vontade de Deus confiem as suas almas ao fiel Criador» (1 Pe. 4:19).***

Muitas pessoas conhecem Deus como o Criador, mas não como Pai; os crentes entretanto, deveriam experimentá-Lo não só como Pai mas também como Criador. Como tal, Deus nos revela seu poder. Por isso entenderemos e reconheceremos que todo o universículo está verdadeiramente em Sua mão. Antes nos era difícil aceitar a ideia de que as coisas no mundo não podiam mover-se contra Sua vontade; mas agora sabemos que cada elemento do universículo — seja humano, natural ou sobrenatural — está sob Seu cuidadoso escrutínio e sábia ordenação. Reconhecemos agora que todas as coisas nos chegam, seja por ordem dele ou por sua permissão. Uma alma governada pelo Espírito Santo é uma alma que confia.

Nossa alma deveria desejar o Senhor, assim como confiar nEle.

«A minha alma se apega a ti» (Sl. 63:8). Já não nos atrevemos a ser independentes de Deus nem a servir a Deus segundo a ideia de nossa alma. Mas hoje O seguimos com temor e tremor, e o seguimos de perto. Nossa alma está seriamente apegada ao Senhor.

Já não há ações independentes, mas sim plena entrega a Ele. E isto não é por compulsão; o fazemos alegremente.

Estas pessoas não podem fazer menos do que repetir a exclamação de Maria: «Minha alma engrandece ao Senhor» (Lc. 1:46). Já não há importância própria, seja em público ou em privado. Esses crentes reconhecem e admitem sua incompetência e só desejam exaltar ao Senhor com humildade de coração. Já não vão mais roubar a glória de Deus, e sim O engrandecerão em suas almas. Porque se o Senhor não é engrandecido na alma, não o é em nenhuma outra parte.

Só esses «não estimam sua vida preciosa para si mesmos» (At. 20:24) e podem dar a vida pelos irmãos» (1 Jo. 3:16).

A menos que deixe de amar a si próprio, o crente nunca poderá deixar de retrair-se quando for chamado a tomar sua cruz por Cristo. O que vive a vida de um mártir e está disposto a ser semelhante em sua cruz, é capaz também de morrer a morte de mártir, se chegar o momento em que isso seja necessário.

Pode dar sua vida por seu irmão se a ocasião o exigir, porque se negou a si mesmo continuamente e não procurou seus próprios direitos ou bem-estar, mas sim derramou sua alma pelos irmãos. O amor verdadeiro ao Senhor e aos irmãos não surgiu do amor-próprio.

Ele «me amou» e «se entregou a si mesmo por mim» (Gl. 2:20). O amor flui da negação da própria vida. O derramamento de sangue é a fonte de bênção.

Uma vida assim é, na realidade, uma vida de prosperidade, como está escrito: «sua alma prospere» (3 Jo. 2). Essa prosperidade não se srcina do que o eu ganhou, mas sim, do que negou. Uma alma perdida não é uma vida perdida, porque a alma se perde em Deus. A vida da alma é egoísta, e portanto nos prende.

Mas a alma que renunciou a si mesmo, habitará na infinitude da vida de Deus. Isto é liberdade, isto é prosperidade. Quanto mais perdemos, mais ganhamos. Nossas posses não se medem por quanto recebemos, mas sim por quanto damos. Que frutífera é essa vida!

O abandonar a vida da alma, entretanto, não é uma libertação tão fácil quanto a do pecado. Como é nossa vida, temos que tomar a cada dia a decisão de vivê-la por meio da vida de Deus. A cruz deve ser levada fielmente, e isso de modo progressivamente mais fiel. Elevemos os olhos a nosso Senhor, o qual «sofreu a cruz, menosprezando o opróbrio...

> ***«Considerai, pois aquele... para que não vos canseis, desfalecendo em vossas almas» (Hb. 12:,3).***

> ***«Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome» (Sl. 103:1).***

QUARTA PARTE

O CORPO

1. O CORPO DO CRENTE

2. AS DOENÇAS

3. DEUS, A VIDA DO CORPO

4. VENCENDO A MORTE

1. O CORPO DO CRENTE

Precisamos saber o lugar que Deus reservou para o nosso corpo físico, em seu plano e em seu propósito. É impossível negar que existe uma relação entre o corpo e a espiritualidade. Além do espírito e da alma, temos também um corpo. Não importa que a intuição, a comunhão e a consciência do nosso espírito estejam perfeitamente saudáveis, ou que a emoção, a mente e a vontade da nossa alma estejam totalmente renovadas. Nosso corpo também precisa estar são e restaurado, do mesmo modo que o espírito e a alma. Se isso não acontecer, nunca alcançaremos a condição de cristãos espirituais, nem seremos aperfeiçoados. Pelo contrário, estaremos continuamente incorrendo em algum erro. Devemos atender aos impulsos interiores, mas sem negligenciar nosso lado físico. Se cometêssemos tal disparate, sofreríamos muito.

O corpo é necessário e importante; do contrário, Deus não teria criado o homem com um corpo. Examinando atentamente as Escrituras, vemos que a Bíblia fala muito sobre ele. Isso mostra o valor que Deus dá ao nosso corpo. O mais extraordinário de tudo é que o Verbo se fez carne. O Filho de Deus assumiu um corpo de carne e sangue e, embora tenha morrido, continua a ter "essa vestimenta" para sempre.

O ESPÍRITO SANTO E O CORPO

Em Romanos 8.10-13, vemos qual *ê* a condição do corpo, como o Espírito Santo o ajuda, e qual deve ser nossa atitude para com ele. Se aplicarmos esses versículos à nossa vida, teremos um entendimento correto do lugar que o nosso corpo ocupa no plano redentor de Deus.

> ***"Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça." (V 10.)***

Inicialmente, tanto nosso corpo quanto nosso espírito estavam mortos. Contudo, quando cremos no Senhor Jesus, nós o recebemos para ser nossa vida. Através do Espírito Santo, Cristo vive no crente. Esse é um dos princípios essenciais do evangelho. Cristo habita em todo crente, mesmo naqueles que são fracos. E este Cristo é a nossa vida. Quando ele vem fazer morada em nós, vivifica nosso espírito. Antes, tanto o espírito quanto o corpo estavam mortos. Agora o espírito foi vivificado; apenas o corpo permanece morto. A condição comum a *todo crente* é um corpo morto com um espírito vivo.

Essa experiência revela a enorme diferença entre o estado interior do cristão e o exterior. Em nosso ser interior flui vida, ao passo que o homem exterior está cheio de morte. Cheios do Espírito de vida, estamos bem vivos. Todavia existimos numa "casca" de morte. Em outras palavras, existe uma diferença radical entre a vida do espírito e a vida do corpo. A vida do espírito é de verdade; a do corpo, morte real. Isso se dá porque nossa constituição física é ainda o "corpo do pecado". Por mais avançado que seja o nível espiritual de um cristão, sua carne continua sendo o "corpo do pecado". Um dia ainda teremos uma constituição ressurreta, gloriosa e espiritual, "a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23) que se dará no futuro. O corpo que hoje temos não passa de um

"vaso de barro", de um "tabernáculo" terreno, de um "corpo de humilhação" (2 Co 4.7; 5.1; Fp 3.21). O pecado foi expulso do espírito e da vontade, mas não foi eliminado do corpo. E é a permanência do pecado que faz com que o corpo esteja morto. Esse é o sentido do texto que afirma que o nosso "corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Simultaneamente, porém, nosso espírito vive. Ou melhor, nosso espírito recebe vida por causa da justiça que há em Cristo. Quando confiamos nele, nós o recebemos como nossa justiça, e assim Deus nos justifica. Num primeiro momento, Cristo nos comunica seu próprio ego (uma transação efetiva). Depois Deus nos justifica por causa de Cristo (uma transação legal). Se Cristo não comunicar sua justiça, não pode haver justificação. No momento em que recebemos a Cristo, obtemos a justificação diante de Deus e desfrutamos ainda a experiência viva de Cristo haver comunicado a nós sua justiça. Cristo entra em nós como vida, a fim de vivificar nosso espírito morto. E isso que significam as palavras: "o espírito é vida, por causa da justiça".

> ***"Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita." (Rm 8.11.)***

O versículo 10 revela que Deus vivifica nosso espírito; o 11, como Deus dá vida ao nosso corpo. No versículo 10, Paulo fala da vivificação do espírito, com o corpo ainda morto. No 11, ele vai além, dizendo que, depois da vivificação do espírito, o corpo também pode viver. Na primeira parte desse versículo, ele diz que o espírito vive porque Cristo habita em nós. Na outra, declara que o corpo viverá porque o Espírito Santo habita em nós. O Espírito Santo dará vida ao nosso corpo.

O corpo não está morto no sentido de haver cessado alguma atividade biológica, mas por estar caminhando para a sepultura. Espiritualmente falando, ele é considerado morto. Para o homem, o corpo possui vida. Para Deus, porém, até mesmo essa vida é morte, porque está cheia de pecado: "O corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Embora haja vitalidade no corpo, não podemos permitir que ela se manifeste. Ele não deve exercer atividade nenhuma, pois a ativação de sua vida não passa de morte. O pecado *é* a vida do corpo e significa morte espiritual. Na verdade, o corpo vive com base na morte espiritual. Por outro lado, sabemos que temos de testemunhar de Deus, servi-lo e trabalhar para ele. li isso exige força física. Se o corpo está espiritualmente morto, e sua vida na verdade é morte, não podemos utilizá-lo para atender às exigências da vida espiritual sem fazer uso de sua morte-vida. E óbvio que nosso corpo não pode fazer e não fará a vontade do Espírito de vida que há em nosso interior. Pelo contrário, fará oposição e lutará contra o Espírito. Como pode o Espírito Santo induzir nosso corpo a responder à chamada divina? Dando ele mesmo vida ao nosso corpo de morte.

Aquele que "ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos" é Deus. Por que então Paulo não o menciona claramente? Para dar mais ênfase ao que *ele fez,* isto é, ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos. O objetivo aqui é chamar nossa atenção para a possibilidade de Deus ressuscitar também nosso corpo *mortal,* uma vez que ele ressuscitou o corpo *morto* de Jesus. De modo indireto, o apóstolo diz que esse Espírito

de Deus é o Espírito Santo, que é também o Espírito da ressurreição. Novamente, ele emprega a palavra "se": "Se habita em vós o Espírito daquele... vivificará também o vosso corpo mortal." Ele não está pondo em dúvida que o Espírito Santo habite no crente, pois no versículo 9 ele diz que qualquer um que pertence a Cristo tem o Espírito de Cristo. O que ele quer dizer é o seguinte:

"O Espírito Santo habita em vocês. Portanto seu corpo mortal deve experimentar a vida dele. Todos aqueles que possuem o Espírito habitando neles gozam desse privilégio.Ele não quer que, por ignorância, nenhum crente desconheça essa bênção."

Na realidade, esse versículo ensina que, se o Espírito de Deus habita em nós, Deus, através desse poder presente em nós, dá vida também ao nosso corpo mortal. Ele não se refere a uma ressurreição futura, pois não é disso que ele fala aqui. Simplesmente se faz uma comparação entre a ressurreição do Senhor Jesus e a questão de recebermos vida em nosso corpo hoje. Se a questão fosse a ressurreição, ele empregaria o termo "corpo de morte". Contudo aqui ele diz apenas "corpo mortal", isto é, o corpo que está sujeito à morte, *embora ainda não esteja morto.* O corpo do crente acha-se espiritualmente morto, pois caminha para a sepultura e deve morrer. Isso é muito diferente de um cadáver no sentido literal. Assim como o fato de o Espírito Santo habitar em nós é algo do presente, do mesmo modo ele dar vida ao nosso corpo mortal deve ser uma experiência atual também. Mais ainda. Devemos reconhecer que ele não está se referindo aqui à nossa regeneração, pois não fala de o Espírito Santo comunicar vida ao nosso espírito, e sim ao nosso corpo.

Nesse versículo, Deus revela um privilégio físico que temos, ou seja, a vida do nosso corpo mortal através do seu Espírito que em nós habita. O que ele afirma aí não é que o "corpo do pecado" se tornou santo, ou que nosso "corpo de humilhação" foi transformado num corpo glorioso. Também não diz que este corpo mortal se revestiu de imortalidade. Isso não poderá se realizar nesta vida. A redenção do nosso vaso de barro deve aguardar até que o Senhor venha e nos receba para si mesmo. E impossível ocorrer a mudança da natureza do nosso corpo ainda neste mundo. Por isso, a expressão "o Espírito Santo dá vida ao nosso corpo" significa na verdade que ele nos restaurará quando estivermos doentes e nos preservará se não estivermos doentes. O Espírito Santo fortalecerá nosso tabernáculo terreno, para que possamos cumprir as exigências da vida com o Senhor e da realização de sua obra, sem que nossa vida e o reino de Deus venham a sofrer por causa da fraqueza do nosso corpo.

É isso que Deus preparou para todos os seus filhos. Contudo poucos cristãos experimentam genuinamente, todos os dias, essa vida dada pelo Espírito ao seu corpo mortal. A vida espiritual de muitos é ameaçada por suas condições físicas. Muitos caem por causa da fraqueza física, e não podem trabalhar ativamente para Deus por causa da escravidão da doença. A experiência dos cristãos hoje não corresponde à provisão divina. Existem várias razões para essa discrepância. Alguns rejeitam a provisão de Deus, pois afirmam que ela nada tem a ver com eles. Outros conhecem essa provisão, creem nela e a desejam, mas não apresentam seu corpo ao Senhor como um sacrifício vivo. Afirmam que Deus lhes concedeu força para viverem por si

mesmos. No entanto aqueles que realmente desejam viver para Deus, e pela fé se apropriam dessa promessa e dessa provisão, experimentam a realidade da plenitude da vida no corpo, conforme o Espírito Santo lhes concede.

> ***"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne." (Rm 8.12.)***

Esse versículo dá uma descrição perfeita da relação correta entre o crente e seu corpo. Muitos irmãos são escravos do seu corpo. Sua vida espiritual acha-se completamente aprisionada em seu corpo! Eles existem como duas pessoas diferentes. Quando se voltam para o seu interior, sentem-se espirituais, vêem-se próximos de Deus e com vida abundante. Quando estão na carne, sentem-se caídos, carnais e afastados do Senhor, por estarem obedecendo a seu corpo. Este, então, se torna uma carga pesada para eles. Um pequeno incômodo físico pode alterar sua vida. Uma pequena enfermidade ou dor os perturba e enche seu coração de amor próprio e autopiedade. Sob tais circunstâncias, é impossível crescer espiritualmente.O apóstolo usa as palavras "assim, pois" simplesmente por estar completando o que havia dito nos versículos anteriores. Cremos que o versículo 12 é uma continuação direta do 10 e do 11. No 10, ele declara que o corpo está morto; no 11, afirma que o Espírito Santo dá vida ao corpo. Com base nessas duas declarações sobre o corpo, o apóstolo conclui, dizendo: "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne". Primeiro, visto que o corpo está morto por causa do pecado, não *podemos* viver segundo o corpo. Agir assim seria pecar. Segundo, uma vez que o Espírito Santo deu vida ao nosso corpo mortal, não *precisamos* viver segundo a carne, pois ela já não tem autoridade para amarrar nossa vida espiritual. Essa provisão do Espírito de Deus capacita nosso interior para comandar diretamente o corpo sem sofrer interferência deste. Antes, tínhamos a impressão de que éramos devedores à carne, incapazes de negar-lhe aquilo que ela exigia, desejava e cobiçava. Vivíamos debaixo do domínio dela, cometendo inúmeros pecados. Agora, porém, temos a provisão do Espírito Santo. Não apenas as cobiças da carne deixaram de ter controle sobre nós, mas suas fraquezas, doenças e sofrimentos também perderam a força.

Muitos argumentam que devemos cumprir as exigências e os desejos legítimos da carne. Contudo o apóstolo assevera que nada devemos a ela. E não devemos mesmo, a não ser preservar nosso tabernáculo terreno numa condição adequada como vaso de Deus. Naturalmente, a Bíblia não nos proíbe de cuidar do corpo, caso contrário, teríamos muitas doenças desnecessárias e assim seríamos obrigados a dedicar-lhe muito mais tempo e cuidado. A vestimenta, o alimento, o abrigo e o descanso são necessidades. Todavia o que queremos ressaltar é que essas preocupações não deveriam ter prioridade em nossa vida. Sem dúvida, devemos comer quando tivermos fome, beber quando tivermos sede, descansar quando cansados e vestir-nos quando estivermos com frio. Contudo não devemos permitir que tais cuidados penetrem tanto em nosso coração que se tornem nossa principal meta de vida, nem total nem parcialmente. Não devemos amar essas necessidades. Elas deveriam manifestar-se e ser atendidas *naturalmente.* Jamais devem permanecer em nós, tornando-se desejos interiores. Algumas vezes, por causa da obra de Deus ou de alguma outra necessidade

extrema, devemos esmurrar nosso corpo e subjugá-lo, negando-lhe aquilo que ele exige. No jardim do Getsêmani, os discípulos demonstraram amor ao sono. O Senhor Jesus suportou fome ao lado do poço de Sicar. Esses dois episódios apresentam um quadro contrastante da derrota (dos discípulos) e da vitória (de Cristo) sobre exigências legítimas do corpo. Não sendo mais devedores à carne, não devemos pecar seguindo as cobiças dela, nem ser relaxados na obra espiritual devido a uma fraqueza física.

> ***"Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." (Rm 8.13.)***

Se os cristãos rejeitarem a provisão de Deus, passando a viver pela carne, certamente serão castigados.

"Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte." As palavras "morrer" e "viver" nesse texto têm vários significados. Vamos mencionar apenas um, a morte do corpo. Por causa do pecado, nosso corpo está "morto". Por causa das conseqüências do pecado, ele é um "corpo de morte", isto é, destinado à morte. Se vivermos pela carne, esse corpo de morte se tornará um corpo moribundo. Seguindo a carne, seremos incapazes de receber a vida que o Espírito Santo dá ao corpo. Além disso, encurtaremos nossos dias aqui na terra, pois todo pecado é prejudicial ao corpo. O pecado manifesta seus efeitos na carne, e o resultado é a morte. Por meio da vida que o Espírito Santo dá ao nosso corpo, devemos resistir à morte que está nele. Caso contrário, ela completará sua obra rapidamente.

"Mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." Devemos receber o Espírito Santo não apenas como o Doador de vida ao nosso vaso de barro, mas também como aquele que mortifica os "feitos" dele. Como podemos esperar que ele dê vida ao nosso corpo carnal, sem a "mortificação de seus feitos"? Somente mortificando os feitos do corpo, por meio do Espírito Santo, é que podemos *viver.* Para que o corpo viva, precisamos primeiro mortificar os "feitos" dele, senão o resultado será a morte. Esse é o erro de muitos cristãos. Eles acreditam que podem viver por si mesmos, usando seu corpo carnal da maneira como querem *e,* ao mesmo tempo, esperam que o Espírito Santo lhes dê vida para que tenham saúde, e fiquem livres de enfermidades. Será que ele daria vida e força aos homens para capacitá-los a viver para si mesmos? Que grande tolice! O propósito da vida que Deus dá ao nosso corpo é que vivamos para ele. Se o Espírito Santo nos desse saúde e força, sem que tivéssemos nos oferecido inteiramente a Deus, iríamos viver mais intensamente para nós mesmos. Muitos cristãos, que buscam no Espírito Santo vida e saúde para seu corpo mortal, entenderão agora que não desfrutam dessa experiência por terem negligenciado esse ponto essencial.

Nós mesmos não podemos dominar nosso corpo. Só conseguiremos controlá-lo através do Espírito Santo. Ele nos capacita a mortificar os "feitos" do corpo. Todo crente sabe que é incapaz de resistir às concupiscências da carne, que levam seu corpo a realizar "feitos" que agradam àquela. Contudo o Espírito Santo nos capacita a dominar essa situação. É muito importante saber isso. É inútil tentar crucificar o próprio ego. Muitos

hoje compreendem o que é estar crucificado com o Senhor na cruz. Contudo poucos têm experimentado isso como uma realidade. Para muitos crentes, estar crucificado com Cristo é apenas uma doutrina. Em sua essência, isso se deve à falta de um entendimento claro do papel do Espírito Santo no plano da salvação. Tais crentes não compreendem que o Espírito opera em harmonia com a cruz. Precisamos saber que a cruz sem o Espírito de Deus é totalmente ineficaz. *Somente o Espírito Santo pode fazer com que* os *crentes experimentem o que a cruz realizou. Se ouvirmos a verdade da cruz, mas não permitirmos que o Espírito a aplique cm nossa vida, nosso conhecimento não passa de uma teoria, de um ideal*

É muito bom reconhecer que "nosso velho homem foi crucificado com ele para que o corpo pecaminoso seja anulado" (Rm 6.6 - Darby). Contudo, se "pelo Espírito", não "mortificamos os feitos do corpo", permanecemos escravizados a esses feitos. Temos visto muitos crentes que compreenderam claramente a verdade da cruz e a aceitaram, todavia ela não se aplica na vida deles. Então começam a duvidar de que podem experimentar a realidade da salvação *prática* da cruz. No entanto eles não deveriam ficar surpresos com isso. É que se esqueceram de que somente o Espírito Santo pode aplicar à sua volta a experiência da cruz. Só ele pode confirmar a salvação, e mesmo assim eles se esqueceram dele. Se os crentes não se entregarem ao Espírito Santo, confiando plenamente no poder dele para mortificar os feitos do corpo, a verdade que professam conhecer será uma simples teoria. Só pela mortificação desses feitos, efetuada pelo Espírito Santo, teremos vida hoje em nosso corpo mortal.

PARA GLORIFICAR A DEUS

O texto de 1 Coríntios 6.12-20 lança mais luz sobre o ensinamento bíblico acerca do corpo do crente. Examinemos essa passagem, versículo por versículo.

> ***"Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convêm. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas." (V. 12.)***

Como vemos pelos versículos seguintes, o apóstolo Paulo aqui está se referindo ao corpo. Ele julga que tudo lhe é lícito porque, de acordo com a natureza, todas as exigências do corpo, como o comer, o beber ou o sexo são naturais, justas e lícitas (v. 13). Entretanto ele entende que nem todas elas são necessariamente úteis, nem devem escravizar o homem. Em outras palavras, de acordo com nossa existência natural, temos permissão para fazer muita coisa com nosso corpo. Entretanto, como pertencemos a Deus, somos capazes também de *abrir mão* delas, para a glória de Deus.

> ***"Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a imundícia, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo." (Y 13.)***

A primeira parte desse versículo corresponde à primeira parte do versículo anterior. O alimento é lícito, mas tanto ele quanto o estômago serão destruídos. Nenhum deles é eternamente útil. E a última parte corresponde à segunda metade do versículo anterior. O cristão é capaz de situar-se acima do desejo sexual, consagrando seu corpo inteiramente ao Senhor (1 Co 7.34).

"O corpo é para o Senhor." Essa expressão é muito importante. Primeiro, Paulo nos fala sobre a questão do alimento. Ao comer e beber, o cristão tem a oportunidade de provar na prática que "o corpo é para o Senhor". Adão pecou pelo comer. O Senhor Jesus, no deserto, também foi tentado no comer. Muitos cristãos não sabem glorificar a Deus em seu comer e beber. Não comem e bebem apenas para manter o corpo preparado para o uso do Senhor, mas buscando a satisfação dos seus desejos pessoais. Devemos compreender que o corpo é para o Senhor e não para nós mesmos. Por isso, devemos evitar usá-lo para o nosso próprio prazer. O comer não deve impedir nossa comunhão com Deus. A finalidade da alimentação é apenas preservar o corpo com saúde.

O apóstolo menciona também a questão da imoralidade. Trata-se de um pecado que contamina o corpo. Cometendo-o, transgredimos diretamente o princípio de que "o corpo é para o Senhor". A imoralidade aqui refere-se não apenas ã licenciosidade fora do casamento, mas também aos excessos mesmo para quem é casado. O corpo *é* para o Senhor, totalmente para o Senhor, e não para nós. De modo que ele proíbe que abusemos dele inclusive no relacionamento sexual legítimo.

O propósito do apóstolo Paulo nessa passagem é mostrar que devemos resistir inteiramente a qualquer excesso da carne. O corpo é para o Senhor e somente o Senhor pode usá-lo. Qualquer ato que praticarmos em qualquer área dele, apenas por prazer pessoal, desagrada a Deus. Só devemos usar O corpo como instrumento de justiça, de nenhum outro modo. Ele não pode servir a dois senhores, como aliás todos os outros aspectos do nosso ser. Mesmo em questões naturais, como o alimento e o sexo, devemos usar o corpo exclusivamente para satisfazer *necessidades*. Embora precisemos realmente satisfazer essas necessidades, o corpo é para o Senhor, e não para os manjares ou para o sexo. Muitos cristãos hoje em dia aspiram à santificação do seu espírito e de sua alma, mas não têm uma percepção completa de que isso depende da santificação do corpo. Esquecem-se de que, se tudo que diz respeito ao corpo, como as reações nervosas, as sensações, as ações, a conduta, as obras, o alimento e a linguagem não forem totalmente para o Senhor, eles nunca alcançarão a perfeição.

"O corpo é para o Senhor." Isso significa que, embora a carne pertença ao Senhor, este a confiou ao homem. E o Senhor quer que a conservemos para ele. São muito poucos os que conhecem e praticam essa verdade! Inúmeros cristãos hoje acham-se acometidos de doenças, fraqueza e sofrimento. Deus está disciplinando esses crentes, para que possam apresentar-lhe seu corpo como sacrifício vivo. Se entregassem o corpo totalmente a Deus, ele os curaria. Deus quer que essas pessoas saibam que o corpo é para o Senhor, e não para elas mesmas. Se continuarem a viver seguindo seus desejos, o açoite de Deus permanecerá sobre elas. Todo aquele que está doente deve meditar seriamente nessas palavras.

"E o Senhor, para o corpo." Essa declaração é incrivelmente maravilhosa! Costumamos achar que o Senhor salva apenas nosso espírito e nossa alma, mas aqui diz que "o Senhor (é) para o *corpo*". Os cristãos entendem que o Senhor Jesus veio salvar somente o espírito e a alma. Creem que o corpo é inútil e destituído de valor espiritual, desprovido de qualquer provisão no esquema redentor de Deus. Contudo Paulo afirma

aqui com clareza que "o Senhor é para o corpo". E Deus mesmo quem diz que ele é também para esse vaso de barro que o homem tanto estima.

Por que é que os crentes negligenciam o corpo físico? Porque erroneamente entendem que o Senhor Jesus veio salvá-los apenas dos seus pecados; não das suas doenças. Por isso, recorrem apenas aos métodos humanos para curar suas fraquezas e doenças. Ao lerem os evangelhos, vêem que o Senhor Jesus efetuou mais curas físicas do que salvação de almas. Contudo espiritualizam a questão, entendendo que essas enfermidades eram doenças espirituais. Podem até admitir que o Senhor Jesus, enquanto estava na terra, curou doenças físicas, mas creem também que hoje ele só cura enfermidades espirituais. Estão dispostos a entregar as questões de natureza espiritual ao Senhor para que ele as resolva. Entretanto creem que devem buscar a cura de suas dores físicas em outro lugar, pois acreditam que o Senhor nada tem a ver com elas. Esquecem-se de que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8).

Muitos crentes hoje pensam que Deus não tem bênçãos para o corpo. Acham que a redenção de Cristo se limita ao espírito e à alma, e não afeta nosso ser físico. Não levam em conta que o Senhor Jesus, em seus dias, curou doenças, e que os apóstolos continuaram a exercitar esse poder de cura. A única explicação para tal atitude só pode ser a incredulidade. No entanto a Palavra de Deus declara que o Senhor é também para o corpo.

Isso tem relação com o que dissemos anteriormente. Nosso corpo é para o Senhor e, ao mesmo tempo, o Senhor é para o nosso corpo. Vemos nisso o relacionamento recíproco entre Deus e o homem. Deus se dá inteiramente a nós, para que possamos nos oferecer totalmente a ele. Quando nos oferecermos a ele, o Senhor se dará novamente a nós, de acordo com a medida da nossa entrega pessoal a ele. Deus quer que saibamos que ele deu seu corpo por nós, e também que, se nosso corpo for genuinamente "para ele", vivenciaremos o fato de que o Senhor é para o corpo. A expressão "o corpo é para o Senhor" significa que devemos dedicar nosso corpo totalmente a ele, para viver para ele. "O Senhor é para o corpo" significa que, ao aceitar nossa consagração, ele concede sua vida e seu poder ao nosso corpo físico. Ele cuidará dele, preservando-o e nutrindo-o.

Como temos consciência das fraquezas, impurezas, pecaminosidade e mortalidade da carne, achamos impossível aceitar que o Senhor é para o corpo também. Poderemos entender isso melhor analisando o método de salvação criado por Deus. Quando o Senhor Jesus nasceu, o Verbo se fez carne. Ele passou a possuir um corpo. Quando estava na cruz, carregou "ele mesmo em seu *corpo,* sobre o madeiro, os nossos pecados" (1 Pe 2.24 - grifo do autor). Unido a ele, pela fé, nosso corpo foi crucificado com ele também. Desse modo, ele nos libertou do poder do pecado. Em Cristo, esse nosso tabernáculo de carne ressuscitou e ascendeu ao céu. Atualmente, o Espírito Santo está habitando em nós, por isso podemos dizer que o Senhor é para o nosso corpo, e não apenas para o nosso espírito e nossa alma.

A expressão "o Senhor é para o corpo" possui vários significados:1. Exprime a ideia de que o Senhor livrará o corpo do pecado. De certo modo, quase todo pecado tem relação com o corpo. Muitos pecados têm causas fisiológicas especiais. A glutonaria e a bebedeira, por exemplo, se baseiam na satisfação de apetites físicos. Muitos acessos de ira são desencadeados por mal-estar físico. Aqueles que têm nervos supersensíveis podem se tornar frágeis e ásperos. Muitas personalidades estranhas são resultado de problemas fisiológicos. Sabemos de inúmeros criminosos que apresentam uma constituição física diferente das pessoas normais. Apesar de tudo isso, o Senhor ainda é para o corpo. Se oferecermos nosso corpo a Deus, reconhecendo-o como Senhor de tudo, e por meio da fé reivindicarmos o cumprimento de sua promessa, veremos que ele pode nos livrar de nós mesmos. A despeito de nossa constituição física, mesmo apresentando fraquezas especiais, podemos vencer nossos pecados, através do Senhor.

2. O Senhor é também para nossas doenças físicas. Do mesmo modo que ele destrói o pecado, cura as doenças. Ele é para qualquer problema relacionado ao nosso corpo, e, por conseguinte, para nossas doenças também. As enfermidades são apenas a manifestação do poder do pecado em nosso corpo. O Senhor Jesus é capaz de nos livrar das doenças, assim como nos liberta dos pecados.

3. O Senhor é também para o nosso viver no corpo. Ele será a força e a vida do corpo, permitindo que vivamos por ele. O Senhor deseja que, em nosso caminhar diário, experimentemos o poder da sua ressurreição, para que nosso corpo também viva por intermédio dele.

4. O Senhor é também para a glorificação do corpo. Isso acontecerá no futuro. E verdade que hoje podemos alcançar um elevado nível de vida se vivermos por meio dele. Isso, porém, não muda a natureza do nosso corpo. Contudo virá o dia em que o Senhor há de redimir nosso corpo de humilhação, transformando-o na semelhança do seu corpo glorioso.

Devemos ressaltar o significado da expressão "o corpo é para o Senhor". Se desejamos vivenciar a realidade de que "o Senhor é para o corpo", precisamos antes viver o lato de que "o corpo é para o Senhor". Se usarmos nosso corpo segundo nosso próprio desejo, para o nosso prazer, em voz de dedicá-lo inteiramente ao Senhor, será impossível conhecera experiência de que "o Senhor é para o corpo". Todavia, se nos entregarmos totalmente a Deus, rendendo nossos membros como Instrumentos de justiça, e conduzindo-nos em tudo segundo os preceitos divinos, com toda certeza ele nos concederá sua vida e seu poder.

> ***"Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder."***
> ***(V. 14.)***

Essas palavras esclarecem a última parte do versículo anterior, "o Senhor é para o corpo". A ressurreição do Senhor é *física;* nossa ressurreição futura também será *física.* Assim como Deus ressuscitou o corpo do Senhor Jesus, ressuscitará também o nosso. Esses dois lutos são igualmente verdadeiros. É assim que o Senhor é para o nosso

corpo: ele nos ressuscitará pelo seu poder. Embora isso ainda vá suceder no futuro, podemos, desde hoje, antegozar o poder da sua ressurreição.

> ***"Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não." (V. 15.)***

A primeira pergunta está expressa de modo extraordinariamente incomum. Em outros textos, como em 1 Coríntios 12.27, por exemplo, diz simplesmente que "*vós* sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo". Somente nessa passagem ele diz: "vossos *corpos* são membros de Cristo". Na verdade, nosso ser total é um membro de Cristo. Por que, então, aqui ele especifica o corpo? Não temos dificuldade de admitir que nossa vida espiritual é um membro de Cristo, pois elaé espiritual. Como pode, então, este corpo físico ser considerado um membro de Cristo? Estamos realmente recebendo a revelação de uma verdade muito maravilhosa.

Precisamos entender nossa união com Cristo. Deus não contempla cada crente individualmente. Ele engloba a todos dentro da sua visão de Cristo. Nenhum cristão pode existir fora de Cristo, pois é ele quem nos dá força para o viver diário. Para Deus, a união dos crentes com Cristo é uma realidade perfeitamente definida. O "corpo de Cristo" não é apenas uma expressão espiritual; é um fato real. Da mesma maneira que o corpo físico se acha unido à cabeça, nós, os crentes, estamos unidos a Cristo. Aos olhos de Deus, nossa união com ele é perfeita, ilimitada e absoluta. Em outras palavras, nosso espírito (o aspecto mais importante) está unido ao de Cristo. Nossa alma acha-se ligada à de Cristo (o que constitui a união da nossa vontade, afeição e mente com a dele), e nosso corpo ao de Cristo. Se nossa união com Cristo é *completa,* como é que a parte física do nosso ser pode ficar de fora? Se somos membros de Cristo, nosso corpo também o é.

Sem qualquer sombra de dúvida, a perfeita união só ocorrerá por ocasião da ressurreição futura. Apesar disso, nossa união com Cristo já é uma realidade. Esse ensinamento é vital, pois quando tomamos conhecimento de que *o corpo de Cristo é para o nosso corpo,* desfrutamos de grande conforto. Podemos experimentar na prática todas as verdades. Se tivermos algum distúrbio fisiológico, alguma doença, sofrimento ou fraqueza, lembremo-nos de que o corpo de Cristo é para o nosso corpo. Nosso corpo está unido ao dele. Consequentemente, podemos extrair vida e força do seu corpo para suprir nossas necessidades físicas. Todos aqueles que possuem deficiências físicas devem firmar-se nessa união com Cristo, pela fé, e buscar no Senhor o necessário para suas carências físicas.

O apóstolo admira-se de os coríntios ignorarem uma verdade tão clara. Se eles tivessem compreendido esse ensinamento, teriam desfrutado de muitas experiências espirituais. Teriam tido, também, uma atitude responsável, dando atenção a várias advertências práticas, como a de que, se nosso corpo é membro de Cristo, não podemos fazê-lo membro de uma prostituta. E o apóstolo pergunta logo a seguir: "Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne." (V. 16.) Paulo expõe a doutrina da união de

modo bastante claro. Aquele "que se une à prostituta forma um só corpo com ela"; isto é, torna-se um membro da prostituta. O crente uniu-se a Cristo, por isso agora é um membro de Cristo. Onde ficará Cristo se esse seu membro tornar-se membro de uma prostituta? O apóstolo proíbe tal prática.

"Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele." (V. 17.)

Nos versículos 15 a 17, ele expõe o mistério da união entre nosso corpo e Cristo. O que ele está dizendo nesse versículo é o seguinte. Se, ao se unir com uma prostituta, o homem se torna uma só *carne* com ela, e um membro dela, se estamos unidos ao Senhor, e nos tornamos um espírito com ele, nosso corpo também se torna membro de Cristo. Quando alguém se une a uma prostituta, ocorre uma união de dois corpos. Se todo o nosso ser está unido a Cristo, multo mais devem os dois se tornarem um.

Paulo entende que o primeiro passo de nossa união com o Senhor é nos tornarmos "um espírito com ele". Essa união é em espírito. Contudo ele não vê o corpo do crente como distinto de seu todo. Ele afirma que a união principal é a que ocorre no espírito. Todavia, pela fusão dos espíritos, nosso corpo se torna um membro de Cristo. Isso prova afinal que o corpo é para o Senhor e o Senhor também é para o corpo.

A questão em estudo aqui é a união. Precisamos entender claramente a posição que temos em Cristo, e saber que não existe a menor brecha em nossa união com ele. Nosso corpo é membro de Cristo, e através dele a vida de Jesus pode se manifestar. Se o Senhor fosse fraco e doente, não poderíamos esperar muito. Entretanto a verdade é justamente o oposto. Por isso, é inegável que podemos receber dele saúde, poder e vida. Entretanto precisamos entender que não podemos sentir em nosso corpo toda nossa comunhão espiritual, bem como as demais experiências cristãs. É fato que nosso *corpo* se tornou membro de Cristo, mas isso não quer dizer que toda nossa experiência espiritual tenha de evidenciar-se nele. Se tivermos de sentir a presença divina em nosso corpo, se Deus tomar o controle direto dele, fazendo-o tremer, se o Espírito Santo o encher e manifestar sua vontade através dele, ou ainda, se o Espírito assumir a direção de nossa língua, e falar por meio dela, nosso corpo terá tomado o lugar de nosso espírito, realizando as obras deste. O resultado é que o espírito perderia sua capacidade de operar, pois o corpo teria usurpado seu lugar e passado a realizar suas obras. No entanto nosso vaso de barro não é capaz de suportar tal condição; a prova disso são suas freqüentes fraquezas. Além do mais, as potestades malignas, como os espíritos que não têm corpo, estão sempre desejando corpos humanos. Seu principal anseio é possuir o físico do homem. O cristão que força seu corpo a ir além de sua capacidade normal está dando lugar à atuação dos espíritos malignos. Isso se harmoniza com as leis que regem o mundo espiritual. Se acharmos que Deus e seu Espírito vão ter comunhão conosco por meio *do corpo,* naturalmente ficaremos na expectativa de que essa comunhão ocorra. Entretanto Deus e seu Espírito nunca se comunicam diretamente com nosso corpo. O Senhor se comunica com o espírito do crente por meio do seu Espírito. Se alguém insistir em buscar uma experiência física com Deus, os espíritos malignos vão aproveitar a oportunidade para entrar, concedendo-lhe aquilo que ele ingenuamente está buscando. O resultado será que os

espíritos malignos ocuparão esse corpo. Já entendendo corretamente a união do nosso corpo com Cristo, compreendemos que nos tornamos capazes de receber a vida de Deus fortalecendo-nos. O espírito ocupa uma posição muito importante; por isso, devemos ter muito cuidado para não permitir que nosso corpo venha a usurpar a função do espírito.

> ***"Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo." (V. 18.)***

A Bíblia considera a imoralidade ou fornicação um pecado grave, pois ela está relacionada com nosso corpo, que é membro de Cristo. Será que devemos nos espantar de o apóstolo ter sido tão insistente e enfático quando persuadiu os crentes a evitar a fornicação? Hoje vemos essa prática como uma impureza moral. O apóstolo, porém, ressalta um aspecto diferente. A fornicação é o único pecado pelo qual unimos nosso corpo a outro. Logo, é um pecado que praticamos contra o corpo. Isso significa que nenhum outro pecado, além da fornicação, pode fazer com que um membro de Cristo se torne membro de uma prostituta. A fornicação é um pecado que cometemos contra os membros de Cristo, Devido à nossa união com Cristo, a fornicação se torna duplamente abominável. Vejamos essa questão por outro ângulo. Percebendo o quanto a fornicação é abominável, podemos avaliar como é real a união do nosso corpo com Cristo.

> ***"Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (V. 19.)***

Essa *é* a segunda vez que Paulo pergunta "Não sabeis?" A primeira é a do versículo 15, onde ele reforça que o corpo é para o Senhor. Agora ele está se referindo ao "Senhor é para o corpo". Paulo se expressara antes de modo geral, dizendo "Não sabeis vós que sois o templo de Deus" (3.16 - ARC). Aqui ele diz especificamente que "vosso *corpo é* santuário do Espírito Santo". Isso significa que a presença do Espírito Santo em nós começa no espírito e vai até ao corpo. Se acharmos que o corpo é o principal lugar de sua habitação, estaremos cometendo um grande erro. Ele habita inicialmente em nosso espírito, onde mantém comunhão conosco. Entretanto isso não impede que sua vida flua do espírito para o corpo, a fim de torná-lo vivo. Se acharmos que o Espírito Santo vem principalmente sobre nosso corpo, estaremos enganados. Contudo, se crermos que ele habita apenas em nosso espírito, também seremos prejudicados.

Precisamos entender bem o lugar do corpo no plano redentor de Deus. Cristo afasta do pecado o nosso corpo físico para que possamos ser cheios com o Espírito Santo, tornando-nos instrumentos dele. Ele morreu, ressuscitou e foi glorificado; por isso, pode dar do seu Santo Espírito ao nosso corpo. Anteriormente, era a vida de nossa alma que impregnava nosso corpo. Agora é seu Espírito quem o permeia. A vida dele fluirá para cada um dos nossos membros, e ele nos dará vida e poder muito mais abundantemente do que imaginamos.

É fato que o nosso corpo constitui templo para o Espírito Santo. E isso pode se tornar uma realidade em nosso viver. No entanto muitos hoje são como os crentes de Corinto,

que se esqueceram dessa gloriosa possibilidade. Apesar de o Espírito de Deus habitar neles, é como se o Espírito Santo não existisse para eles. Precisamos exercitar a fé para crer nessa verdade, reconhecê-la e aceitá-la. Se o fizermos, descobriremos que o Espírito vai comunicar não apenas a santidade, a alegria, a justiça e o amor de Cristo à nossa alma, mas também concederá vida, poder, saúde e força ao nosso corpo fraco, cansado e doente. Ele dará a vida de Cristo ao nosso vaso de barro, junto com os elementos vitais do seu corpo glorioso. Quando nosso corpo verdadeiramente morrer com Cristo, isto é, quando estivermos totalmente sujeitos a ele, quando rejeitarmos toda vontade própria e e toda ação independente, e nada buscarmos senão ser templo do Senhor, com toda certeza o Espírito Santo manifestará a vida do Cristo ressurreto em nosso corpo mortal. Como é bom experimentar a cura e o fortalecimento do Senhor, sendo ele nossa saúde e vida! Se virmos nosso "tabernáculo" como templo do Espírito Santo, nós o seguiremos, maravilhados e cheios de amor!

> ***"Acaso, não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." (Vv. 19, 20.)***

Somos membros de Cristo, somos templo do Espírito Santo, não pertencemos a nós mesmos. Fomos comprados por preço. Tudo o que é nosso pertence a ele, principalmente nosso corpo. O fato de Deus efetuar a união de Cristo conosco, e nos dar o selo do Espírito Santo, prova que nosso corpo realmente pertence ao Senhor. "Agora, pois, glorificai a Deus no vosso *corpo.*"

Irmãos, Deus quer que o honremos no corpo. Ele deseja que o glorifiquemos através da consagração desse nosso "corpo é para o Senhor" e também através da sua graça manifestada no "Senhor é para o corpo". Sejamos sóbrios e vigilantes, a fim de não usarmos nosso corpo para nós mesmos, nem permitirmos que ele chegue a um estado em que pareça que o Senhor não é para o corpo. Desse modo, glorificaremos a Deus e permitiremos que ele demonstre seu poder livremente, libertando-nos das fraquezas, das doenças e dos sofrimentos, bem como do interesse próprio, do amor próprio e do pecado.

2. AS DOENÇAS

As doenças são um acontecimento comum na vida. Para entendermos como devemos manter nosso corpo em condições de glorificar a Deus, precisamos primeiro saber que atitude vamos tomar com respeito às doenças, como poderemos tirar proveito delas, e também como obter a cura. Se não soubermos lidar com as doenças, certamente estaremos incorrendo em grave erro, tal a relevância delas.

AS DOENÇAS E O PECADO

A Bíblia revela que existe uma relação muito estreita entre a doença e o pecado. A conseqüência final do pecado é a morte. As doenças encontram-se no meio dos dois, entre o pecado e a morte. Elas são o efeito do pecado e o prelúdio da morte. Se no mundo não houvesse pecado, não haveria nem doenças nem morte. Se Adão não tivesse pecado, não haveria doença na Terra. Disso podemos ter certeza absoluta. As doenças, assim como outros males, surgiram por causa do pecado.

Os seres humanos possuem duas naturezas: a física e a não física. Ambas sofreram com a queda do homem. O espírito e a alma foram prejudicados pelo pecado, e o corpo foi invadido por doenças. O pecado do espírito e da alma, juntamente com as doenças do corpo, comprovam que o homem tem de morrer.

Quando o Senhor Jesus veio ao mundo para nos salvar, ele não apenas perdoou o pecado do homem, mas também curou o corpo deste. Ele salvou tanto o corpo como a alma. No início do seu ministério, ele curou as enfermidades. Ao completar sua obra na cruz, ele se tornou propiciação para os nossos pecados. Atentemos para o número de pessoas doentes que ele curou quando estava aqui na Terra! Mostrava-se sempre pronto para tocar os doentes e levantá-los. A julgar pelo que ele mesmo realizou e pelo que mandou que seus discípulos fizessem, temos de reconhecer que a salvação que ele provê inclui a cura das enfermidades. Seu evangelho é de perdão *e* de cura. Os dois andam sempre juntos. O Senhor Jesus salva as pessoas dos pecados e das doenças, para que assim conheçam o amor do Pai. Lendo os evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as epístolas ou o Antigo Testamento, verificamos que perdão e cura andam sempre lado a lado.

Todos sabemos que Isaías 53 é o texto do Antigo Testamento que apresenta o evangelho com maior clareza. Existem várias passagens do Novo Testamento que fazem referência a esse capítulo, mostrando o cumprimento das profecias dele na obra redentora do Senhor Jesus. "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." (V 5.) Esse texto afirma, de modo inequívoco, que Deus nos concedeu tanto a cura do corpo como a paz da alma. Isso se torna mais claro ainda quando vemos o verbo "levar" empregado de duas maneiras diversas. Ele "levou sobre si o pecado de muitos" (v. 12) e "as nossas dores (doenças) levou sobre si" (v. 4). O Senhor Jesus leva nossos pecados e nossas doenças. Já que ele levou nossos pecados, não precisamos carregá-los; da mesma forma, já que ele levou nossas doenças, já não

precisamos levá-las [1]. O pecado prejudicou tanto nossa alma quanto nosso corpo, por isso o Senhor Jesus salva ambos. Ele nos livra das doenças e também dos pecados. Os crentes hoje podem louvar a Deus como fez Davi: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Sl 103.1,3.) E lamentável que muitos cristãos só possam pronunciar esse louvor pela metade, pois conhecem apenas meia salvação. Isso constitui uma perda tanto para Deus quanto para o homem.

Notemos que a salvação de Deus não seria completa se o Senhor Jesus simplesmente perdoasse os nossos pecados, mas não curasse as doenças. Como poderia ele salvar nossa alma e ainda assim deixar nosso corpo ser atormentado pelas enfermidades? Quando Jesus estava aqui na Terra, não deu importância a esses dois aspectos? Algumas vezes, ele perdoou primeiro para depois curar; em outras, deu-se o inverso. Ele age conforme nossa capacidade de receber. Examinando os evangelhos, percebemos que o Senhor Jesus realizou mais curas do que qualquer outra obra, porque para os judeus daquele tempo era mais fácil acreditar nas curas do que no perdão (Mt 9.5). Hoje, porém, os cristãos comportam-se do modo contrário. Naqueles dias, os homens criam que o Senhor tinha poder para curar enfermidades, mas duvidavam da sua graça para perdoar. Hoje os crentes creem no seu poder para perdoar, mas duvidam da sua graça para curar. Confessam que o Senhor Jesus veio para salvar os homens de seus pecados, todavia ignoram o fato de que ele é igualmente o Salvador que cura. Pela incredulidade, o homem divide o Salvador perfeito em dois, embora a verdade continue sendo que Cristo é, para sempre, o Salvador do corpo e da alma, competente para curar e para perdoar.

Para o Senhor, perdoar ao homem não é suficiente. Este precisa de cura também. Por isso, depois de ter declarado ao paralítico: "Homem, estão perdoados os teus pecados", ele ordenou: "Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa". (Ver Lucas 5.20,24.) Quanto a nós, embora afligidos por pecados e doenças, achamos que o perdão do Senhor é suficiente. Aceitamos carregar as enfermidades e buscamos a cura por outros meios. O Senhor Jesus, porém, não quer que os amigos do paralítico, que já recebeu o perdão, voltem com ele para casa ainda confinado a uma cama.

No tocante à relação entre o pecado e a doença, a concepção do Senhor é contrária à nossa. Achamos que o pecado é relacionado com o reino espiritual, algo que desagrada a Deus e que ele condena. As doenças, porém, são apenas um fenômeno natural, que nada têm a ver com Deus. No entanto o Senhor Jesus considera tanto os pecados da alma quanto as enfermidades do corpo como obras de Satanás. Ele veio "para destruir as obras do diabo" (1 Jo 3.8). Por isso, expulsa os demônios e cura as doenças. Quando Pedro, sob revelação, fala do *ministério de cura* do Senhor, declara que ele "andou... fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo" (At 10.38). Os pecados e as

[1] É verdade que, no tocante à abrangência dessas questões, existe uma diferença entre o Senhor levar sobre si os nossos pecados e levar as doenças. O autor desenvolve mais esse aspecto na mensagem sobre doenças que ele acrescentou a este capítulo, e que aparece mais adiante. (Nota do tradutor chinês- inglês).)

doenças acham-se intimamente associados, assim como a alma e o corpo. O perdão e a cura se complementam.

A DISCIPLINA DE DEUS

Tendo visto o que o Senhor pensa com respeito à enfermidade, voltemos, agora, nossa atenção para as causas das doenças dos *crentes.*

> ***"Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados.***
>
> ***Mas quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo."*** (1 Co 11.30-32.)

Paulo explica aqui que a doença é uma forma pela qual Deus nos corrige. Os crentes sofrem essa disciplina por terem errado diante do Senhor. O objetivo é levá-los a julgarem a si mesmos, e a eliminarem seus erros. Ao castigar seus filhos, Deus usa de misericórdia para com eles, para que não sejam condenados com o mundo. Quando nos arrependemos de nossos erros, o Senhor afasta sua disciplina. Portanto podemos então evitar a doença efetuando um auto-julgamento.

Na maioria dos casos, achamos que a doença é apenas um problema físico, sem nenhuma relação com a retidão, a santidade e o castigo divino. Nessa passagem, porém, o apóstolo diz claramente que a doença é o resultado do pecado e também uma punição que Deus aplica. Os cristãos costumam citar o caso do homem cego de João 9, para sustentar a opinião de que as enfermidades não constituem um castigo de Deus por causa do pecado. Todavia o Senhor Jesus não afirmou ali que a doença não tem relação com o pecado. Ele apenas adverte seus discípulos a não condenarem todos os doentes. Se Adão não tivesse pecado, aquele homem de João 9 não teria nascido cego. Além do mais, o homem em questão *nasceu cego,* de modo que a *natureza* da sua doença é bastante diferente da natureza das enfermidades dos crentes. As causas das moléstias de quem nasce doente talvez não sejam seus próprios pecados. De acordo com as Escrituras, porém, quando adoecemos depois que cremos no Senhor, essa enfermidade geralmente tem relação com o pecado. "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados." (Tg 5.16.) A cura só ocorrerá depois que o enfermo confessar seu pecado, que é a raiz da doença.

Em muitos casos, a doença é uma disciplina divina, no sentido de nos alertar para pecados aos quais não damos atenção. Ele quer que os deixemos. Deus *permite* que tenhamos enfermidades para que ele possa nos disciplinar e nos purificar das faltas. Ele pesa sua mão sobre nós para chamar nossa atenção para algum erro que estejamos abrigando, alguma injustiça ou dívida, o orgulho ou amor a este mundo, autoconfiança ou cobiça na obra, ou para algum ato de desobediência ao Senhor. A doença é, portanto, uma disciplina manifesta de Deus sobre o pecado. Disso, porém, não devemos inferir que quem está doente é necessariamente mais pecaminoso que os outros. (Ver Lucas 13.2.) Pelo contrário, geralmente o Senhor disciplina os mais santos. Jó é um ótimo exemplo disso.

Toda vez que Deus corrige um crente e este adoece, ele pode receber grandes bênçãos, porque o Pai dos espíritos "nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10). A doença faz com que nos lembremos do passado e o examinemos, para ver se há algum pecado oculto, alguma desobediência a Deus ou vontade própria. Desse modo, podemos ficar sabendo se existe alguma barreira entre nós e Deus. Quando examinamos o coração, enxergamos como nossa vida tem sido dominada pelo ego, e se acha muito distante da santidade do Senhor. Esses exercícios espirituais nos capacitam a crescer espiritualmente e a obter a cura de Deus.

Portanto a primeira atitude a tomar quando estamos doentes não é correr de um lado para outro em busca da cura ou dos meios para isso. Tampouco devemos ficar ansiosos ou temerosos. O que temos de fazer é nos abrir inteiramente à luz de Deus, e nos submetermos a um exame, com o desejo sincero de saber se o castigo se deve a algum erro que praticamos. Devemos julgar a nós mesmos. Assim o Espírito Santo nos mostrará em que temos falhado. Depois, teremos de confessar e abandonar imediatamente tudo aquilo que o Espírito Santo nos indicar. Se cometemos algum pecado que prejudicou outras pessoas, devemos fazer *o máximo* para repará-lo, crendo também que Deus nos aceitou. Precisamos oferecer-nos novamente a ele, dispostos a obedecer plenamente à sua vontade.

Deus "não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lm 3.33). Quando o Senhor vê que já atingimos o objetivo do autojulgamento, ele cessa a disciplina. Deus tem prazer em afastar sua disciplina, depois que ela cumpriu seus objetivos. A Bíblia afirma que, se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados. Deus quer que fiquemos livres do pecado e do ego. Quando alcançamos esse objetivo, a doença desaparece, porque esta já realizou sua missão. O que precisamos compreender hoje é que Deus nos castiga com um propósito específico. Por isso, devemos permitir sempre que o Espírito Santo nos revele nossos pecados, a fim de atingirmos o alvo divino, e não precisemos mais de disciplina. Aí então Deus nos cura.

Quando confessamos nossos pecados e os abandonamos, crendo também no perdão de Deus, podemos confiar nas promessas divinas, acreditando, sem nenhum temor, que ele vai nos curar. Com a consciência livre de acusação, temos ousadia para nos aproximar de Deus e receber sua graça. Quando nos achamos separados dele, temos dificuldade para crer, ou então nem temos coragem para isso. Contudo, depois que abandonamos o pecado e recebemos o perdão, temos livre acesso à presença de Deus, através da iluminação do Espírito Santo e da obediência a ele. Removida a causa da doença, ela desaparecerá. Agora o crente enfermo já não tem dificuldade em crer que "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele (Cristo); e pelas suas pisaduras fomos sarados". Nesse momento, a presença do Senhor se manifesta abundantemente, e sua vida entra em nosso corpo para torná-lo vivo.

Será que temos nítida consciência de que nosso Pai celeste não está satisfeito conosco em muitas áreas? Ele se utiliza das enfermidades como forma de ajudar-nos a perceber nossas fraquezas. Se não abafarmos a voz da consciência, o Espírito Santo certamente

nos mostrará o motivo do castigo. Deus se deleita em perdoar nossos pecados e curar nossas doenças. A grande obra redentora do Senhor Jesus contém tanto o perdão quanto a cura. Ele não vai permitir que nada se interponha entre nós e ele. Deus quer que vivamos por ele melhor do que vivíamos antes. É hora de confiarmos nele e de lhe obedecermos inteiramente. O Pai celeste não deseja nos castigar. Ele está muito desejoso de curar-nos, para podermos manter uma comunhão mais íntima com ele, ao contemplar seu amor e seu poder.

A DOENÇA E O EGO

As circunstâncias adversas e negativas servem para expor nossa verdadeira condição. Em si, elas não são pecado. Apenas revelam o que existe em nós. A doença é uma dessas circunstâncias que nos permitem enxergar o real estado de nossa alma.

Só temos consciência do quanto estamos vivendo para o ego, e como vivemos pouco para Deus, quando ficamos doentes, principalmente se a doença for prolongada. Em situações normais, podemos declarar com profunda convicção que estamos dispostos a obedecer a Deus de todo o coração, aceitando de bom grado qualquer tratamento que ele venha a nos dispensar. No entanto é só por ocasião da doença que descobrimos se isso é verdade. O que Deus deseja infundir em nós é uma atitude de satisfação para com sua vontade e seu modo de agir. Ele não quer que um filho seu, por causa dos *seus* sentimentos imaturos, venha a murmurar contra essa vontade e esse modo de agir. Por isso, Deus permite que seus filhos mais queridos adoeçam repetidas vezes. Ele quer que enxerguemos claramente nossa atitude para com o plano que ele preparou especialmente para nós.

Como é triste ver um cristão que, por causa dos seus próprios desejos, murmura contra o Senhor na hora da provação! Ele não entende que o que Deus lhe dá é o melhor para ele. Pelo contrário, seu coração fica dominado pelo desejo de obter cura imediata. (O que queremos dizer quando nos referimos a uma doença dada por Deus, na realidade, é que o Senhor permite a doença, pois ela procede diretamente de Satanás. Então, qualquer enfermidade que acomete um cristão acontece com a permissão de Deus e também com um propósito definido. A experiência de Jó é um exemplo perfeito dessa verdade.) Por causa disso, o Senhor prolonga a doença. Ele só retira esse seu instrumento de disciplina depois de atingir seu objetivo. A meta de Deus em seu relacionamento com o crente é levar este a uma condição de total submissão a ele, de modo a receber com alegria tudo que ele fizer em sua vida. Deus não se agrada daquele que o louva na prosperidade, mas reclama dele na adversidade. Ele não quer que seus filhos duvidem do seu amor, nem que interpretem mal os seus atos com tanta facilidade. Quer que eles o obedeçam até à morte.

Deus deseja que seus filhos entendam que tudo o que lhes sobrevêm provém dele. Por mais perigosas que sejam as circunstâncias físicas ou ambientais, elas passam pela medida de sua mão. Até mesmo a queda de um fio de cabelo depende da vontade dele. Se alguém resiste ao que lhe sobrevêm, está resistindo ao próprio Deus, que permite esse acontecimento. E se ele, depois de um doloroso período de enfermidade, deixar

que o ódio domine seu coração, essa revolta na verdade é contra o Senhor, que permitiu que tal provação lhe sobreviesse. A questão em foco não é se o crente deve ficar doente, mas sim se ele está se opondo a Deus. Este quer que os seus, quando doentes, esqueçam-se da doença. Sim, temos de nos esquecer da enfermidade e buscar resolutamente o Senhor. Suponhamos que a vontade divina seja que eu fique doente e permaneça assim. Será que estou preparado para aceitar isso? Será que sou capaz de me humilhar sob a potente mão de Deus sem resistir a ela? Ou será que, em meio ao sofrimento, estou querendo uma cura que não se encontra dentro do atual propósito do Senhor para mim? Será que saberei esperar até que seu propósito para essa enfermidade se cumpra, para depois pedir-lhe a cura? Ou será que vou buscar outros meios de cura enquanto ele está me disciplinando? Será que, nas horas de profundo sofrimento, costumo batalhar por algo que ele não vai conceder de imediato? Precisamos examinar profundamente essas questões quando nos encontramos doentes.

Deus não tem prazer na doença de seus filhos. Pelo contrário, por causa do seu amor, deseja que gozemos uma vida amena e cheia de paz. Contudo ele sabe também que existe um perigo. Em tempos de bonança, nosso amor para com ele, nossas palavras de louvor, e o serviço que lhe prestamos estão condicionados a um viver tranqüilo. Ele sabe com que facilidade nosso coração pode afastar-se dele e da sua vontade, buscando apenas suas bênçãos. Deus permite que nos sobrevenham enfermidades e outros instrumentos de aflição para que possamos descobrir se queremos a ele mesmo ou apenas suas dádivas. Se, nos dias de adversidade, não buscarmos a nada mais, é porque genuinamente queremos a Deus. A doença revela prontamente se estamos buscando nossos próprios desejos ou os desígnios divinos.

Ainda abrigamos nossos desejos pessoais. Essas aspirações provam o quanto o viver diário é dominado por nossos próprios pensamentos. Tanto na obra de Deus quanto no relacionamento com outros, agarramo-nos tenazmente a nossos pensamentos e opiniões. Assim, o Senhor tem de levar-nos até perto das portas da morte, a fim de ensinar-nos como é insensato de nossa parte resistir-lhe. Ele permite que passemos por águas profundas, para que sejamos quebrados e nos esqueçamos da nossa vontade própria, ou seja, aquela conduta que tanto lhe desagrada. Parece que um grande número de cristãos não segue nada do que o Senhor diz. Só se dispõem a obedecer após sofrerem aflições físicas. Por isso, depois que a persuasão por meio do amor perde a eficácia, o Senhor emprega o método da disciplina. O propósito do castigo é quebrar a vontade do homem. Todo cristão doente deve pensar seriamente nisso.

Além do desejo e da vontade próprios, Deus também abomina um coração cheio de *amor-próprio.* Esse sentimento ameaça a vida espiritual, destruindo as obras espirituais. Se Deus não remover nosso amor-próprio, não teremos condições de correr com rapidez nossa carreira espiritual. O amor-próprio tem muito a ver com o corpo. Dizer que amamos a nós mesmos significa que estimamos nosso corpo e nossa vida. Por isso, é para destruir essa característica odiosa que Deus, muitas vezes, permite enfermidades. Por causa do nosso amor ao ego, tememos o enfraquecimento do nosso corpo. Entretanto é isso que Deus faz, permitindo que experimentemos a dor. E

quando pensamos que vamos melhorar, a doença se agrava. Queremos continuar vivendo, mas tal esperança parece extinguir-se. Naturalmente, Deus trata de modo diverso com cada pessoa. Com algumas, ele age de forma drástica. Com outras, opera levemente. O propósito divino, porém, é sempre transformar o coração cheio de amor-próprio. Muitas pessoas fortes precisam ser levadas até perto das portas da morte para que seu amor-próprio se desfaça. Que é que lhe resta para amar agora com o corpo enfraquecido, a vida em perigo, a doença devorando progressivamente a saúde, e a dor minando-lhe as forças? A essa altura a pessoa está realmente desejando morrer, desesperada e também sem amor-próprio. Seria o ápice da tragédia não se voltar para Deus nesse momento, invocando dele sua promessa de cura.

C) coração do crente está longe do coração divino. Deus permite que ele fique doente para que se esqueça de si mesmo. Contudo, quanto mais doente ele fica, maior é o seu amor próprio. Na ansiedade de obter a cura, ele vive em função de sua doença. Quase todos os pensamentos giram em torno dele mesmo! Quanta atenção ele agora devota à alimentação, procurando ver o que deve e o que não deve comer! Como fica preocupado quando algo sai errado! Ele tem muito cuidado com seu conforto e com seu repouso. Se sua temperatura oscila, ou se passou uma noite ruim, fica agoniado, como se isso fosse fatal para sua vida. Como ele se torna sensível à maneira como outros o tratam! Será que pensam bastante nele? que cuidam bem dele? que o visitam com a freqüência devida? Passa horas incontáveis, pensando em seu corpo. E assim não tem tempo para meditar no Senhor ou naquilo que ele pode estar querendo realizar em sua vida. Em verdade, muitos simplesmente são "enfeitiçados" por suas próprias doenças! Só sabemos realmente como é excessivo o amor que temos por nós mesmos quando ficamos doentes.

Deus não tem prazer em nosso amor-próprio. Ele quer que compreendamos o enorme prejuízo que isso nos causa. O Senhor quer também que, nas horas de enfermidade, aprendamos a não nos absorver com nossos sintomas, mas a atentarmos exclusivamente para ele. E seu desejo que lhe entreguemos nosso corpo por inteiro, aceitando seus cuidados. Toda vez que sentirmos um sintoma adverso, devemos nos voltar para o Senhor, e não para o nosso corpo.

Devido a esse amor ao ego, assim que o crente adoece, busca logo a cura. Ele não percebe que, antes de suplicar a Deus que o cure, deve limpar seu coração, abandonando o pecado. Contudo ele está com os olhos fixos na cura. Não se preocupa em perguntar a Deus por que ele permitiu essa doença, do que é que ele deve arrepender-se, ou como pode deixar o Senhor aperfeiçoar sua obra nele. Ele só consegue contemplar a própria fraqueza. Anseia ficar bom novamente, buscando por toda parte os meios para a cura. Então, querendo ser curado rapidamente, ele suplica isso a Deus, e busca informação com o homem. Quando o crente se acha nessa situação, o Senhor não pode realizar seu propósito na vida dele. E por essa razão que alguns se curam apenas temporariamente. Depois de algum tempo, a antiga enfermidade volta. Como pode haver uma cura duradoura se ele não removeu a raiz da doença?

A enfermidade é um dos métodos que Deus utiliza para falar conosco. O Senhor não quer que fiquemos ansiosos, buscando a cura imediatamente. Pelo contrário, ele nos pede para orarmos com atitude de obediência a ele. Como é triste ver uma pessoa esperando ansiosamente a cura, e sem poder dizer ao Senhor: "Fala, Senhor, porque teu servo ouve." Nossa única preocupação é livrar-nos da dor e da fraqueza. Apressamo-nos em procurar o melhor remédio. A doença nos leva a inventar muitas formas de cura. Cada sintoma nos atemoriza, e logo nosso cérebro se põe a trabalhar. Deus parece estar longe de nós. Negligenciamos nossa condição espiritual. Todos os nossos pensamentos se centralizam no sofrimento e nas formas pelas quais poderemos obter a cura. Se o remédio faz efeito, damos graças a Deus. Se o restabelecimento, porém, demora, começamos a entender mal o amor do nosso Pai. Será que nessa ânsia de nos livrar da dor, estamos sendo guiados pelo Espírito Santo? Será que achamos que podemos glorificar a Deus pela força da carne?

O REMÉDIO

O amor-próprio, naturalmente, cria os seus recursos particulares. Em vez de os cristãos recorrerem a Deus, objetivando eliminar a raiz da doença, eles anseiam pela cura, indo buscá-la nos remédios. Não pretendemos analisar extensamente essa questão, se um crente pode ou não tomar medicamentos. Todavia queremos dizer que, quando o Senhor Jesus nos salvou, fez também provisão para nossa cura física. Assim, parece ignorância, se não incredulidade, recorrer a invenções humanas.

Muitos crentes questionam se os filhos de Deus devem ou não tomar remédio. Dão a entender assim que, solucionando essa questão, todas as demais estarão resolvidas. Será que eles estão cientes de que o viver espiritual não se pauta pelo "poder ou não poder", e sim pela direção divina? Perguntamos, então: um crente que, levado pelo amor-próprio, recorre a remédios e busca ansiosamente a cura, está sendo guiado pelo Espírito Santo? Ou será que está agindo por sua própria decisão? Quando o homem age segundo sua natureza, geralmente busca a salvação pelas obras. Só após muita relutância, depois de haver passado por várias circunstâncias adversas, é que aceita a salvação pela fé. Será que isso também não acontece em relação à cura do corpo? Com respeito à cura divina, a luta talvez seja muito mais intensa do que no tocante ao perdão dos pecados. Os crentes sempre acabam reconhecendo que só poderão entrar no céu se confiarem no Senhor Jesus para sua salvação. No entanto, quando se trata da cura física, eles se perguntam por que é que teriam de depender da salvação do Senhor Jesus, quando existem à sua disposição tantos recursos médicos. A questão, então, não é saber se podemos ou não tomar remédios, mas, se o uso deles, por decisão própria do crente, não limita a salvação de Deus. O mundo já não inventou muitas teorias para salvar o homem do pecado? Não oferece tantas escolas de filosofia, de psicologia, de ética e de educação, além de um grande número de rituais, regras e práticas para ajudar as pessoas a serem boas? Será que nós, os crentes, podemos aceitar tais recursos como sendo perfeitos e eficazes? Somos salvos pela obra que o Senhor Jesus consumou na cruz, ou por esses enganos engenhosos criados pelo homem? De modo semelhante, o mundo inventou remédios dos mais variados tipos para aliviar o homem de suas

doenças.Todavia a obra de salvação que o Senhor realizou na cruz tem relação com o corpo também. Devemos buscar a cura segundo os métodos humanos ou vamos depender do Senhor Jesus?

Reconhecemos que às vezes Deus utiliza intermediários para manifestar seu poder e sua glória. Contudo, pelo relato das Escrituras, e pela experiência dos cristãos, percebemos que, depois da queda do homem, parece que nossos sentimentos passaram a controlar nossa vida. Isso produziu em nós uma inclinação natural para buscar esses intermediários em vez de recorrer a Deus. É por isso que, nas horas de enfermidade, os crentes têm mais interesse por remédios do que pelo poder do Senhor. Embora possam proclamar que confiam nesse poder, no coração estão quase que totalmente confiantes no medicamento, como se Deus não pudesse exercitar seu poder sem o uso do remédio. Não é de espantar que eles estejam sempre revelando intranqüilidade, ansiedade e temor, buscando com afinco e por toda parte os melhores meios de cura. Não gozam da paz que brota de uma confiança plena em Deus. Como seu coração se acha tão dominado pela ideia de usar medicamentos, voltam-se para o mundo e sacrificam a presença de Deus. O plano do Senhor era trazê-los *para mais perto de si,* por meio da doença. E no entanto, exatamente o *oposto* é que parece estar acontecendo. É possível que alguns sejam realmente capazes de usar remédios sem prejudicar sua vida espiritual, mas são poucos. Muitos crentes tendem a confiar mais nos recursos intermediários do que em Deus. Por conseguinte, sua vida espiritual passa a sofrer em razão do uso de medicamentos.

Existe uma grande diferença entre a cura através do remédio e a cura que vem de Deus. O poder do medicamento é natural, enquanto o do Senhor é sobrenatural. A maneira de obter a cura também é diferente. Quando usamos o remédio, estamos confiando na inteligência humana. Quando dependemos de Deus, confiamos na obra e na vida do Senhor Jesus. Mesmo que o médico seja um crente que suplica a Deus sabedoria e bênção no emprego do remédio, ele não tom poder para comunicar bênção espiritual ao enfermo. É que este, inconscientemente, dirigiu sua esperança de cura para o medicamento, e não para o poder do Senhor. Embora receba a cura física, sua vida espiritual vai sofrer alguma perda. Quem realmente confia em Deus entrega-se ao seu amor e ao seu poder. Procura investigar a causa de sua doença, isto é, busca saber em que ele desagradou ao Senhor. Desse modo, quando for curado, será abençoado espiritual e fisicamente.

Muitos argumentam que já que os remédios vêm de Deus, certamente podemos tomá-los. Contudo o que queremos enfatizar é isto: será que o Senhor nos orienta a tomar medicamentos? Não desejamos discutir se o remédio vem ou não de Deus. Queremos é verificar se Deus deu o Senhor Jesus aos seus filhos como Salvador dos seus males físicos. Devemos buscar a cura através do poder natural dos medicamentos, como fazem os não-crentes e os crentes fracos, ou devemos aceitar o Senhor Jesus, a quem Deus preparou para nós, confiando totalmente em seu nome?

Confiar em medicamentos é uma atitude diametralmente oposta a aceitar a vida do Senhor Jesus. Concordamos que os remédios e outros recursos médicos possuem

eficácia. Entretanto não passam de agentes de cura naturais, e ficam muito aquém da provisão de Deus para os seus, que é o melhor para eles. Podemos pedir ao Senhor para abençoar os remédios e sermos curados. Podemos também dar graças a Deus por eles, depois de curados, reconhecendo que a cura foi uma operação divina. Entretanto tal cura não é a mesma que ocorreria se aceitássemos a vida do Senhor Jesus. Quem age assim está enveredando pelo caminho mais fácil, abandonando o campo de batalha da fé. As doenças se encaixam no contexto do nosso conflito com Satanás. Se o único propósito almejado fosse a cura, poderíamos empregar quaisquer meios. Contudo, como estão em jogo objetivos mais elevados, será que não deveríamos ficar quietos diante de Deus, aguardando por sua operação?

Não queremos declarar dogmaticamente que o Senhor nunca abençoa os remédios. Sabemos que Deus já abençoou muitas vezes, pois ele é extremamente bom e generoso. Entretanto os cristãos que confiam unicamente nos medicamentos não estão permanecendo na base da redenção. Assumem a mesma posição que os homens do mundo. Nessa questão, não podem dar testemunho de Deus. Tomar comprimidos, aplicar pomadas e injeções são práticas que não podem nos comunicar a vida do Senhor Jesus. Quando confiamos em Deus, colocamo-nos numa posição acima do natural. A cura pelos medicamentos é sempre lenta e dolorosa; a cura divina é rápida e abençoada.

O restabelecimento pelos remédios jamais poderá nos conceder o mesmo proveito espiritual da cura que obtemos quando confiamos em Deus. Essa é uma verdade irrefutável. Quando alguém está de cama, doente, arrepende-se profundamente de seus pecados. No entanto, se é curado pelo uso de medicamentos, afasta-se ainda mais de Deus. Se, porém, se curasse, esperando e confiando em Deus, não sofreria esse "efeito colateral". Quem recebe a cura divina confessa seus pecados, nega a si mesmo, confia no amor de Deus e depende do poder dele. Aceita a vida e a santidade do Senhor, estabelecendo com ele um relacionamento novo, que nunca se desfará.

Através da doença, Deus quer nos ensinar a cessar toda atividade própria, para que passemos a confiar inteiramente nele. Muitas vezes, quando buscamos a cura ansiosamente, estamos sendo dominados pelo amor-próprio. Esquecemo-nos de Deus e da lição que ele quer nos ensinar. Será que, se os crentes se esvaziassem do amor-próprio, buscariam a cura com tanta ansiedade? Se realmente cessassem suas atividades, buscariam o auxílio da medicina humana? De modo nenhum. Fariam um auto-exame cuidadoso diante de Deus, buscando primeiro entender a razão de ser da doença. Depois, então, pediriam a cura, com base no amor do Pai. Quando uma pessoa recorre à medicina, busca ansiosamente a cura. Quando se volta para o poder de Deus, aspira calmamente descobrir qual é a vontade dele. Os crentes buscam a cura com ansiedade porque estão cheios de amor-próprio, de desejos impetuosos e de sua própria força. Se aprendessem a depender do poder divino, reagiriam de forma diferente. Ao confiar em Deus para a cura, é necessário que confessemos os pecados e os abandonemos e nos dediquemos totalmente ao Senhor.

Hoje em dia há muitos enfermos. E Deus tem um propósito específico para cada uma dessas enfermidades. Sempre que abrimos mão de dominar por meio do "ego", o Senhor cura. Quando os cristãos não recebem a doença de bom grado, não a vendo como o melhor que Deus tem para nós, quando eles buscam outros meios de cura que não o Senhor, recusando-se a submeter-se a ele, adoecem novamente, mesmo depois de terem sido curados. Se se apegarem ao amor-próprio, e ficarem o tempo todo preocupados consigo mesmos, Deus lhes dará mais motivos para sentirem autopiedade. Ele vai lhes mostrar que a medicina terrena não pode curar permanentemente. O Senhor quer que seus filhos saibam que *um corpo forte e saudável não é para a satisfação própria, nem para ser usado segundo os próprios desejos, mas somente para Deus.* O espírito de cura é um espírito de santidade. Carecemos é de santidade; não de cura. Precisamos ser libertos primeiro é do ego; não da doença.

Quando renunciamos à medicina e a outros meios humanos, confiando no Pai de coração sincero, verificamos que nossa fé se torna mais robusta. Iniciamos um novo relacionamento com Deus, e passamos a viver por uma vida em que antes não confiávamos. Entregamos nosso corpo, alma e espírito ao Pai celestial. Descobrimos que a vontade de Deus é manifestar o poder do Senhor Jesus e o amor do Pai. Assim aprendemos a exercitar fé no sentido de provar que o Senhor redime o corpo e também o espírito e a alma.

"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida..." (Mt 6.25.)

O Senhor cuida de tudo aquilo que lhe entregamos. Se obtivermos a cura imediata, louvemos a Deus. Se nossos sintomas se agravarem, não devemos duvidar, mas procurar nos firmar nas promessas divinas, sem permitir que o amor-próprio reviva. Deus pode estar usando essa situação para extinguir as últimas partículas do nosso amor pelo ego. Se nos preocuparmos com o corpo, começaremos a duvidar; se contemplarmos as promessas de Deus, chegaremos para mais perto dele, nossa fé crescerá e, por fim, obteremos a cura.

Entretanto devemos ter cuidado para não cair em extremos. A vontade de Deus é que descansemos exclusivamente nele. Contudo, depois que negarmos definitivamente os nossos próprios meios, e confiarmos nele de maneira plena, pode ser do seu agrado que utilizemos alguns recursos naturais para ajudar nosso corpo. Estamos nos referindo a coisas como "um pouco de vinho", que Paulo receitou para Timóteo. Ele possuía um estômago fraco, sendo frequentemente afligido por indisposições. Em vez de repreendê-lo pela falta de fé e por não ter sido curado diretamente por Deus, o apóstolo persuadiu-o a tomar um pouco de vinho, pois isso lhe seria benéfico. O que ele recomenda aí é o uso de um elemento como o vinho que, em si mesmo, é neutro.[1]

Esse acontecimento nos ensina uma lição. E verdade que devemos crer em Deus e depender dele (como Timóteo certamente fez). No entanto não podemos cair em extremos. Se nosso corpo estiver fraco, devemos acatar a direção do Senhor, comendo certos alimentos especialmente nutritivos.Nessas condições, fortaleceremos nosso corpo pelo consumo desses alimentos. Enquanto não experimentarmos a redenção

completa, continuaremos sendo seres humanos que ainda possuem um corpo físico. Desse modo, portanto, devemos estar atentos às necessidades naturais desse corpo.

O consumo de elementos nutritivos não implica anular a fé. Os crentes precisam ter cuidado apenas para não se limitarem ao uso deles, sem a fé em Deus.

É MELHOR SER CURADO

Alguns crentes caíram em extremos. Refiro-me a cristãos naturalmente duros e obstinados, que foram quebrantados pela doença que Deus lhes enviou. Submeteram-se à disciplina divina e se tornaram bondosos, amáveis, mansos e santos. Entretanto a doença foi tão eficaz na transformação de sua vida que eles começaram a apreciar mais a enfermidade do que a saúde, passando a considerá-la como uma enzima para o crescimento espiritual. Já não aspiram à cura. Aceitam com uma resignação incomum toda doença que lhes sobrevém. Argumentam que, se tivessem de ser sarados, Deus interviria curando-os. De acordo com seu entendimento, é mais fácil ser espiritual na doença do que na saúde. Acham que o repouso e o sofrimento os aproximam mais de Deus do que a atividade. Creem que é melhor ficar deitados na cama do que correr de um lado para o outro. Consequentemente, não querem buscar a cura divina. Como poderemos ajudá-los a entender que a saúde é *mais proveitosa* do que a doença? Reconhecemos que é durante a enfermidade que muitos crentes abandonam seus pecados e passam a gozar de uma comunhão mais profunda com Deus. Admitimos que muitos inválidos e enfermos são extremamente santos e espirituais. Contudo precisamos dizer também que muitos cristãos se encontram bastante confusos em várias questões.

Um doente pode ser santo, mas tal santidade é um tanto anormal. Quem sabe se depois de restabelecido e, tendo liberdade de escolha, ele não voltará ao mundo e ao amor a si mesmo? Doente, ele é santo. Com saúde, torna-se mundano. Então ele crê que o Senhor precisa mantê-lo enfermo prolongadamente, a fim de conservá-lo santo. Para ser santo, ele depende da doença! Entendamos, porém, que, para termos uma vida com o Senhor, de modo nenhum precisamos estar restritos à enfermidade. Jamais abriguemos o pensamento de que, se um indivíduo não estiver sob o jugo da doença, não terá forças para glorificar a Deus em suas obrigações diárias. Pelo contrário, ele deve ser capaz de manifestar a vida do Senhor normalmente no seu viver diário. É muito bom sermos capazes de suportar o sofrimento, mas não será muito melhor podermos obedecer a Deus quando cheios de saúde?

Devemos reconhecer que a cura — a cura divina — é algo que pertence a Deus. Na ânsia de buscar a cura por meio da medicina, naturalmente nos afastamos dele. Por outro lado, quando aspiramos ser curados pelo Senhor, nos aproximamos dele. Quem é curado *por Deus* glorifica-o mais do que quem está sempre enfermo. A doença pode glorificar a Deus, pois lhe oferece uma oportunidade de manifestar seu poder de curar (Jo 9.3). Contudo, como é que alguém que permanece doente por um período muito longo pode glorificá-lo? Quando Deus nos cura, testemunhamos do seu poder e também da sua glória.

O Senhor Jesus nunca ensinou que a doença é uma bênção que seus seguidores devem suportar até à morte. Em nenhum momento ele deu a entender que ela fosse uma expressão do amor do Pai. Ele conclama seus discípulos a tomarem a cruz, mas não permite que o doente permaneça enfermo por muito tempo. O Senhor afirma que devemos sofrer por ele, mas nunca que devemos ficar doentes por ele. O Senhor prediz que neste mundo teremos tribulações, mas não inclui a doença entre elas. Ele suportou profundo sofrimento aqui na Terra, mas nunca ficou doente. Além do mais, toda vez que encontrou alguém enfermo, ele curou. Ele ensina que a doença vem do pecado e do diabo.

Precisamos fazer distinção entre sofrimento e doença. "Muitas são as aflições do justo", observa o salmista, "mas o Senhor de todas o livra. Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado." (Sl 34.19,20.) "Está alguém entre vós sofrendo?", pergunta Tiago. Então "faça oração" para obter graça e força. O apóstolo continua: "Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja" para que seja curado (5.13,14).

Em 1 Coríntios 11.30-32, Paulo analisa essa questão das enfermidades do crente de forma bastante abrangente. A doença é a disciplina de Deus. Se o cristão se dispuser a julgar a si mesmo, Deus afastará a enfermidade. Ele não deseja que os seus fiquem doentes por muito tempo. Nenhuma disciplina é permanente. Removida a causa, desaparece o castigo. "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, (os crentes tendem a se esquecer dos "depois" de Deus) produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12.11). Vemos, então, que a disciplina é apenas momentânea. Depois, vem o excelente fruto de justiça. Não devemos interpretar a disciplina de Deus como punição. Estritamente falando, os crentes não são mais julgados. Em 1 Coríntios 11.31, Paulo confirma essa ideia. Não devemos mais pensar de acordo com o conceito de *lei,* como se para cada pecado houvesse uma punição correspondente. O que temos aqui não é um problema judicial, mas familiar.

Voltemos ao proveitoso ensino bíblico a respeito do nosso corpo. O ensinamento de 3 João 2 pode derrubar completamente o conceito errado de alguns: "Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma." Essa é a oração do apóstolo João, conforme a revelação do Espírito Santo, expressando o pensamento eterno de Deus a respeito do corpo do crente. Deus não quer que seus filhos passem a vida toda doentes, incapazes de servi-lo com diligência. Ele os quer fisicamente saudáveis, assim como a alma deles está saudável. Por isso, podemos concluir, sem sombra de dúvida, que a doença prolongada não é da vontade de Deus. Ele pode nos disciplinar temporariamente, através da doença, mas não tem prazer na enfermidade demorada.

Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo reafirma que a doença excessivamente prolongada não é da vontade de Deus. Nosso corpo deve estar como o espírito e a alma. O Senhor não se compraz em ver nosso corpo fraco, doente e atormentado pela dor, ao passo que

nosso espírito e alma se acham sãos e inculpáveis. Seu propósito é salvar o homem todo, e não apenas parte dele.

A obra do Senhor Jesus revela também a vontade de Deus com respeito à doença, pois ele só fez a vontade do Pai. Na cura do leproso, por exemplo, ele descortina para nós, de modo especial, o coração de Deus para com o doente. O leproso suplicou: "Senhor, se *quiseres,* podes purificar-me". Vemos aqui um homem batendo à porta do céu, perguntando se é a vontade de Deus curar. O Senhor estendeu a mão, tocou-o, e disse: "Quero, fica limpo!" (Mt. 8.2,3.) Com freqüência, a cura revela a mente de Deus. Aquele que pensa que Deus está relutante em curar, não conhece a vontade divina. Em seu ministério terreno, o Senhor Jesus "curou todos os que estavam doentes" (v. 16 - grifo do autor). Como é que podemos declarar arbitrariamente que ele agora mudou de atitude?

O interesse de Deus para nós hoje é que a vontade divina seja feita na terra assim como é feita no céu (Mt 6.10). A vontade de Deus é realizada no céu, onde não existe enfermidade. Ela é absolutamente incompatível com a doença. Às vezes, os cristãos pedem a cura divina, mas logo perdem a esperança, dizendo em seguida:"Seja feita a vontade do Senhor."

Parece que para eles a vontade do Senhor é sinônimo de doença e morte. Essa atitude é um erro muito grave. Deus não deseja que seus filhos fiquem doentes, embora algumas vezes permita que isso aconteça, para o benefício deles. Seu plano eterno é que seu povo tenha saúde. O fato de não haver doença no céu mostra de maneira absoluta qual é a vontade de Deus.

Se analisarmos bem a fonte das enfermidades, teremos mais um motivo para buscar a cura. Todos os doentes eram "oprimidos do diabo" (At 10.38). Acerca da mulher que estava encurvada, e não podia endireitar-se, o Senhor Jesus disse que Satanás a "trazia presa" (Lc 13.16). Ao curar a sogra de Pedro, ele "repreendeu a febre" (Lc 4.39), da mesma forma que repreendeu os demônios (veja versículos 31 a 41). Lendo o Livro de Jó, vemos que quem causou a doença dele foi o diabo (capítulo 1 e 2). E quem o curou foi Deus (capítulo 42). O espinho que importunava e enfraquecia Paulo era um "mensageiro de Satanás" (2 Co 12.7); mas quem o fortaleceu foi Deus. Quem tem o poder da morte é o diabo (Hb 2.14). Sabemos que a doença culmina com a morte, pois é uma de suas facetas. Assim como Satanás tem o poder da morte, tem também o das doenças, pois aquela nada mais é que o auge do processo de enfermidade.

Essas passagens deixam claro que a doença tem sua srcem no diabo. Deus *permite* que Satanás ataque seus filhos, porque existem pecados na vida deles. Quem se recusa a abandonar o pecado que o Senhor requer que ele deixe, permitindo assim que a enfermidade continue em sua vida, está agindo como se tivesse virado as costas a uma ordenança divina, dando as boas-vindas à doença. Com isso, esse indivíduo se coloca voluntariamente sob a opressão de Satanás. Quem seria tão obtuso a ponto de querer retornar à escravidão, depois de ter obedecido à vontade revelada de Deus? Reconhecendo que a doença procede do diabo, devemos resistir-lhe. Temos de estar

cientes de que ela provém do inimigo, por isso não devemos acolhê-la. O Filho de Deus veio para nos libertar, não para nos prender.

Por que Deus não remove nossas enfermidades quando elas já não são necessárias? Essa é uma pergunta que muitos crentes fazem. Atentemos para o princípio pelo qual o Senhor lida conosco, e que é sempre este: "Seja feito conforme a tua fé" (Mt 8.13). Deus deseja que seus filhos sejam sempre saudáveis, mas permite que continuem doentes por causa da incredulidade e da falta de oração. Se os servos de Deus consentem em ter a doença — ou pior ainda — se a acolhem, como se ela fosse livrá-los do mundo e tornã-los mais santos, o Senhor não pode fazer *nada* a não ser conceder-lhes o que pedem. Muitas vezes, Deus lida com seus filhos de acordo com o que eles podem receber. Ele pode ter grande prazer em curá-los, mas, pelo fato de não orarem com fé, perdem essa dádiva preciosa.

Será que somos mais sábios do que Deus? Devemos ir além daquilo que a Bíblia revela? Embora o quarto do doente possa, muitas vezes, ser como um santuário onde o homem interior se move poderosamente, a enfermidade não é a vontade expressa de Deus, nem o melhor que ele tem para nós. Se seguirmos nossos caprichos emocionais, desprezando a vontade revelada do Senhor, ele nos dará aquilo que desejamos. Muitos crentes, crendo estar sendo muito espirituais, dizem o seguinte:

"Coloco-me nas mãos do Senhor para que ele me cure ou não. Permito-lhe fazer sua vontade."

São essas pessoas que geralmente tomam remédios. Será que isso significa entregar tudo a Deus? Como essa atitude é contraditória! A submissão, nesse caso, é apenas um sinal de letargia espiritual. No íntimo, esses crentes anseiam por ter saúde. Entretanto o simples desejo não basta para que Deus opere. Aceitaram a doença passivamente por tanto tempo que terminam sucumbindo a ela, perdendo toda a coragem de buscar a liberdade. Para eles, o melhor seria que outro cristão cresse em seu lugar, ou então que Deus lhes concedesse a fé necessária para crer. No entanto, se eles não ativarem sua vontade, resistindo ao diabo e apegando-se ao Senhor Jesus, a fé dada por Deus não virá. Muitos estão enfermos sem nenhuma necessidade, simplesmente por não terem forças para lançar mão das promessas divinas.

Então, devemos entender que a bênção espiritual que recebemos pela doença é muito inferior à que obtemos pelo restabelecimento. Se confiarmos em Deus, buscando nele a cura, com certeza continuaremos a andar em santidade depois de curados, a fim de preservar nossa saúde. Quando o Senhor nos torna saudáveis, passa a possuir nosso corpo. A alegria de um novo relacionamento e de uma nova experiência com ele é indescritível, não tanto por causa da cura, mas por causa do novo toque de vida que recebemos. Nessas ocasiões, os crentes glorificam ao Senhor muito mais do que na hora da enfermidade.

Portanto os servos de Deus devem levantar-se e lutar pela cura. Antes, porém, precisamos ouvir o que o Senhor tem a nos dizer através da doença. Depois, com

sinceridade de coração, cumpramos tudo aquilo que ele nos revelou. Além disso, entreguemos novamente o corpo ao Senhor. Se pudermos recorrer aos anciãos da igreja que possam nos ungir com óleo (Tg 5.14,15), vamos chamá-los e cumprir a *ordem* das Santas Escrituras. Ou então exercitemos a fé com serenidade, tomando posse da promessa de Deus (Êx 15.26). Deus há de curar-nos. [2]

A RELAÇÃO ENTRE AS DOENÇAS E O PECADO

Antes da queda do homem, não existia nenhuma espécie de enfermidade. A doença surgiu depois que o homem pecou. De modo geral, pode-se dizer que tanto a doença quanto a mortesão fruto do pecado, pois pela transgressão de um só homem entraram no mundo o pecado e a morte (Rm 5.12). A doença, assim como a morte, atingiu a todos os homens. Nem todos pecaram do mesmo modo que Adão; no entanto, por causa da transgressão dele, todos morrem. Onde há pecado há morte também. Entre os dois, está a doença. Esse, portanto, é o ponto comum a todas as enfermidades. Na realidade, porém, existem mais de uma causa dos males que afligem os seres humanos. Algumas doenças brotam do pecado; outras, não. No que diz respeito à *humanidade* como um todo, as doenças não vêm do pecado. Já com relação aos *indivíduos* em particular, o pecado pode ou não ser a causa. Precisamos fazer distinção entre as duas situações. É absolutamente certo que, se não houvesse pecado, não haveria nem morte nem doença. Não havendo morte, obviamente não poderia haver doença. A morte é fruto do pecado, e a enfermidade vem pelo princípio da morte. Mesmo assim, não se pode aplicar esse raciocínio indiscriminadamente a todos os indivíduos. Embora muitos fiquem enfermos por causa do pecado, outros adoecem por razões outras que não o pecado. No que diz respeito à relação entre o pecado e as doenças, devemos fazer uma distinção cuidadosa entre a aplicação dessa relação à humanidade como um todo e sua aplicação aos homens individualmente.

Devemos lembrar que em vários livros do Antigo Testamento, como Levítico e Números, a promessa de Deus era que, se o povo de Israel lhe obedecesse, andasse em seus caminhos, não se rebelasse contra suas leis, e não pecasse contra ele, o Senhor os protegeria de muitas enfermidades. Isso demonstra claramente que várias doenças têm srcem no pecado ou na rebelião contra Deus. Todavia o Novo Testamento revela que algumas enfermidades não são causadas por nenhuma transgressão cometida pelo próprio doente.

Certa vez, Paulo escreveu que entregava a Satanás, para destruição da carne, o homem que tinha pecado, vivendo com a mulher do próprio pai (1 Co 5.4,5). Isso mostra, de modo claro, que algumas enfermidades provêm do pecado. Se o pecado for simples, sua conseqüência será uma doença. Se for grave, será a própria morte. A julgar pelo

[2] Acreditamos que seria útil para o leitor a inclusão da seguinte mensagem sobre doença e cura, que o irmão Nee proferiu em 1948. Ela serve como suplemento ao que ele aborda neste capítulo. Embora apareçam algumas repetições, achamos melhor a inclusão integral da mensagem. (Nota do tradutor [chinês-inglês].) Gostaríamos de considerar, diante de Deus, algumas questões a respeito da doença.

que está escrito em 2 Coríntios 7, esse homem só não ficou doente a ponto de morrer porque sua tristeza produziu o arrependimento que o levou á salvação, e não trouxe pesar (2 Co 7.9,10). Paulo pediu à igreja em Corinto para perdoar tal homem (2 Co 2.6,7). Em 1 Coríntios 5, o apóstolo diz para entregar a carne desse homem (não sua vida) a Satanás. Ele devia ficar doente, mas não morrer.

Paulo afirma ainda que os membros dessa igreja, que comiam do pão e bebiam do cálice do Senhor sem discernir o seu corpo, haviam ficado fracos e doentes,..e alguns haviam até morrido (1 Co 11.29,30). Isso revela que a desobediência ao Senhor foi a

causa da enfermidade deles.

As Escrituras contêm bastantes revelações, provando que muitos (não todos) adoecem por causa de pecado. Desse modo, a primeira atitude que devemos tomar quando doentes é nos examinar para descobrir se pecamos contra Deus. Com isso, muitos vão descobrir que seus males, na verdade, se devem ao pecado. Alguma vez na vida rebelaram-se contra Deus, ou desobedeceram à sua Palavra. Desviaram-se. Assim que se conscientizarem disso, e confessarem esse pecado, a doença desaparecerá. Inúmeros irmãos em Cristo têm passado por experiências desse tipo. Logo depois que, diante de Deus, descobrem a causa da doença, ela vai embora. Esse fenômeno ultrapassa o entendimento da medicina.

A doença não surge necessariamente do pecado; muitas vezes, porém, se srcina nele. Reconhecemos que várias moléstias têm causas naturais. Entretanto não podemos dizer que a causa de toda doença seja natural.

Lembro-me de um irmão, professor de uma faculdade de medicina, que disse o seguinte aos seus alunos:

"Temos encontrado muitas explicações naturais para as doenças. Determinado tipo de bactéria, por exemplo, causa uma doença específica. Nós, os médicos, podemos identificar que tipo de organismo produz essa ou aquela enfermidade. Contudo não sabemos explicar por que, entre pessoas igualmente expostas, algumas são contaminadas, enquanto outras permanecem imunes. Suponhamos, por exemplo, que dez indivíduos entrem no mesmo cômodo simultaneamente, e sejam expostos ao mesmo tipo de bactéria. Deveríamos esperar que os mais fracos fossem contaminados. Todavia pode perfeitamente acontecer que os fracos não adoeçam e os mais fortes, sim. Temos de reconhecer", concluiu ele, "que além das causas naturais existe o controle da Providência."

Pessoalmente, concordo com as palavras desse irmão. Quantas pessoas às vezes adoecem, apesar de tomarem medidas preventivas.

Lembro-me, também, do relato de um de meus colegas sobre sua experiência na Faculdade de Medicina de Pequim. Havia um professor com muitos conhecimentos, mas com pouca paciência. Por isso, nas provas, frequentemente elaborava questões bem simples. Certa vez, ele perguntou por que as pessoas contraíam a tuberculose. Apesar de tratar-se de uma pergunta bastante simples, muitos não conseguiram dar a

resposta certa. Alguns responderam que certos indivíduos tinham o bacilo da tuberculose. O professor considerou essa resposta errada, argumentando que a Terra estava cheia de bacilos da tuberculose, mas nem por isso todos possuíam a doença. Somente sob determinadas condições favoráveis, lembrou ele, esses bacilos causam a moléstia. Os bacilos por si só não podem causar a doença. Muitos estudantes se esqueceram de como é importante haver as condições favoráveis. Estejamos cientes, portanto, de que a despeito da presença de muitos fatores naturais, os cristãos só adoecem com a permissão de Deus, dada sob condições apropriadas.

Cremos, sem dúvida nenhuma, que existem explicações naturais para as doenças. Isso já foi provado cientificamente. Todavia reconhecemos que muitas das moléstias que acometem os cristãos são causadas por pecados cometidos contra Deus, conforme Paulo diz em 1 Coríntios 11. É essencial, portanto, que antes de o doente pedir a cura, deve pedir perdão. Muitas vezes, logo depois de acometidos pela doença, podemos descobrir onde foi que transgredimos contra o Senhor, ou em que fomos desobedientes à sua Palavra. Quando confessamos o pecado e resolvemos o problema, a enfermidade desaparece. De fato, isso é algo extremamente maravilhoso. Desse modo, temos primeiro de entender a relação entre o pecado e as doenças. No que diz respeito à humanidade em geral, a doença advém do pecado. No que se refere ao indivíduo, também, ela pode advir dele.

A OBRA DO SENHOR E A DOENÇA

> ***"Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades." (Is 53.4,5.)***

De todos os textos do Antigo Testamento, o capítulo 53 de Isaías é o mais citado no Novo Testamento. Essa profecia faz referência ao Senhor Jesus Cristo, principalmente como nosso Salvador. No versículo 4, o profeta afirma que ele "tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si". Em Mateus 8.17, a Palavra de Deus declara que isso aconteceu "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças". Aqui o Espírito Santo ensina que o Senhor Jesus veio ao mundo para tomar as nossas enfermidades e carregar as nossas doenças. Antes de ser crucificado, ele já havia tomado nossas enfermidades e carregado nossas doenças. Isso quer dizer que, durante seu ministério terreno, o Senhor Jesus fez da cura sua missão e responsabilidade. Ele não somente pregou, mas curou também. Ele pregou as boas novas, e também fortaleceu o fraco, restaurou a mão mirrada, purificou o leproso e levantou o paralítico. Enquanto estava neste mundo, o Senhor Jesus devotou-se à realização de milagres, e também ao ministério da Palavra. Ele andou fazendo o bem, curando os enfermos e expulsando os demônios. O propósito de sua obra foi destruir a doença, que é resultado do pecado. Ele veio para resolver o problema da morte e das enfermidades, e também do pecado.

Muitos crentes conhecem bem o Salmo 103. Eu mesmo gosto bastante de lê-lo. Ali Davi proclama: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome." Por que bendizer ao Senhor? "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios." Quais são os seus benefícios? "Ele é quem perdoa todas as tuas iniqüidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Vv. 1-3.) Desejo que os irmãos compreendam que as doenças acham-se associadas a dois elementos: a morte e o pecado. Dissemos anteriormente que a morte é o resultado do pecado. A doença se acha entre um e a outra. Tanto a enfermidade como a morte surgem do pecado. Nesse salmo, vemos que as enfermidades se acham associadas ao pecado. É por causa dele que existe doença no corpo. Junto com o perdão da nossa iniqüidade, vem a cura da doença. O grande problema do corpo é o pecado interior que o acomete exteriormente. Contudo o Senhor Jesus desfaz a ambos.

No entanto, existe uma diferença fundamental entre o tratamento de Deus para com a nossa iniqüidade e para com a nossa doença. Por quê? Jesus Cristo carregou nossos pecados em seu corpo na cruz. Será que permanece ainda algum pecado sem perdão? Nenhum, absolutamente, pois a obra de Deus é tão completa que destruiu totalmente o pecado. Já no tocante ao fato de o Senhor Jesus haver tomado nossas enfermidades, e carregado nossas doenças, enquanto estava aqui na Terra, ele não erradicou todas elas. Observemos que Paulo não disse: "Quando peco então estou santificado". O que ele disse foi: "Quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.10). Portanto Deus trata do pecado de modo completo e ilimitado, enquanto que, com a doença, ele o faz apenas em parte.

Na redenção, Deus trata a enfermidade de modo diferente do pecado. A destruição do pecado é absolutamente ilimitada; já a da doença, não. Timóteo, por exemplo, continuou com o estômago fraco. O Senhor permitiu que seu servo continuasse com essa enfermidade. Portanto, na salvação, Deus erradica o pecado de modo completo, mas não a doença. Alguns cristãos afirmam que o Senhor Jesus trata com o pecado, mas não com a doença. Outros acreditam que o tratamento da doença é tão amplo e abrangente quanto o do pecado. Contudo as Escrituras mostram com toda clareza que o Senhor Jesus trata tanto com o pecado quanto com a doença. Enquanto o tratamento com o pecado é ilimitado; com a doença, é limitado. Devemos contemplar o Cordeiro de Deus tirando *todo* o pecado do mundo. Ele carregou o pecado de todas as pessoas. O problema do pecado, portanto, já está resolvido. Já a doença ainda acomete os servos de Deus.

Nós, porém, afirmamos que entre os filhos de Deus não deveria haver tanta enfermidade, pois o Senhor Jesus já levou sobre si nossas doenças. Sem sombra de dúvida, enquanto Jesus esteve neste mundo, ele se empenhou em curar os enfermos. A cura foi um dos aspectos de seu ministério. A profecia de Isaías 53.4 cumpriu-se em Mateus 8 e não em Mateus 27. Realizou-se *antes* do Calvário. Se tivesse sido realizada na cruz, ela seria ilimitada. Mas, não. O Senhor Jesus levou sobre si as nossas doenças antes da crucificação. Isso significa que, nesse aspecto, sua obra não apresenta resultados ilimitados, como acontece com nossos pecados, que ele levou até à cruz.

Mesmo assim, inúmeros crentes permanecem doentes porque perderam a oportunidade de serem curados. Não conseguem ver que o Senhor já levou sobre si as nossas enfermidades. E com relação a isso, vamos acrescentar algumas palavras mais. Sempre devemos orar pedindo a cura, a não ser que tenhamos a mesma convicção de Paulo. Ele orou três vezes, mas depois teve certeza de que sua fraqueza permaneceria por ser-lhe útil. Somente depois que ele orou pela terceira vez, quando então o Senhor lhe mostrou claramente que sua graça lhe bastava, e que sua força seria aperfeiçoada, na fraqueza, foi que Paulo a aceitou. Enquanto não tivermos certeza de que Deus quer que levemos nossas fraquezas, devemos pedir com ousadia que ele mesmo as leve, e remova a enfermidade. Não é para ficar doentes que os servos de Deus estão aqui na Terra, mas para glorificar ao Senhor. Se pela doença trouxerem glória a Deus, será ótimo. Contudo nem todas as enfermidades o glorificam. Consequentemente, devemos aprender a confiar no Senhor enquanto doentes, reconhecendo que ele carrega sobre si também a nossa enfermidade. Enquanto ele estava aqui no mundo, curou um grande número de pessoas, e ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Entreguemos nossa enfermidade a ele, pedindo-lhe a cura

A ATITUDE DO CRENTE PARA COM A DOENÇA

Toda vez que um cristão adoece, deve primeiro buscar ao Senhor, no intuito de descobrir a causa do mal, sem contudo, abrigar muita ansiedade pela cura. Paulo nos dá um bom exemplo, mostrando que conhecia bem sua fraqueza. Devemos examinar a nós mesmos para ver se desobedecemos ao Senhor, se de algum modo pecamos, se somos devedores de alguém, se violamos alguma lei natural, ou se negligenciamos alguma obrigação especial. Precisamos entender que quebrar uma lei natural muitas vezes constitui pecado contra Deus, pois foi ele quem as estabeleceu e governa o universo por meio delas. Muitos têm medo de morrer, buscando apressadamente os médicos assim que adoecem. Isso revela que estão ansiosos pela cura. O cristão não deve ter essa atitude. Devemos, primeiro, procurar identificar a causa da doença. Infelizmente, muitos irmãos não possuem paciência nenhuma. No momento em que adoecem, logo procuram um remédio. Parecem estar tão temerosos de perder sua preciosa vida que, ao mesmo tempo em que buscam a Deus, através da oração, pedindo cura, correm a um médico querendo os recursos dele. Isso mostra como estão dominados pelo "eu". E como poderiam estar menos dominados pelo "eu" na doença, se isso é o normal para eles? Aqueles que costumam estar dominados pelo "eu" são os que, assim que adoecem, buscam a cura com ansiedade.

O cristão deve entender que a ansiedade de nada adianta. Ele pertence a Deus, por isso sua cura não é tão simples. Ainda que ele seja curado agora, adoecerá de novo. Primeiro precisa resolver seu problema com o Senhor; o problema do corpo poderá ser resolvido depois.

Devemos nos dispor para aceitar qualquer lição que nos venha pela doença. A razão é que, colocando-nos diante de Deus, resolveremos muitos dos nossos problemas. Descobriremos, por exemplo, que muitas vezes a doença se deve a algum pecado. Depois de confessá-lo, pedindo o perdão, podemos esperar que Deus nos cure. E quem

tiver avançado um pouco mais na comunhão com o Senhor, talvez possa descobrir que o problema é fruto de um ataque do inimigo. Ou então que nossa falta de saúde se deve a uma disciplina de Deus. O Senhor nos corrige por meio da doença para tornar-nos mais santos, mais brandos ou mais maleáveis. Quando colocamos essas questões diante de Deus, podemos descobrir a causa exata de nossa enfermidade. Algumas vezes, o Senhor poderá permitir que recebamos alguma ajuda médica; de outras, porém, ele poderá curar-nos instantaneamente, sem essa ajuda.

Precisamos entender que a cura está nas mãos de Deus. Devemos aprender a confiar naquele que cura. No Antigo Testamento, Deus tem um nome especial: "Eu sou o Senhor, que te sara" (Ex.15.26). Devemos busca-lo, pois ele será misericordioso para conosco nisso também.

Assim, o primeiro passo do crente ao adoecer é procurar descobrir a causa da enfermidade. Depois, ele pode recorrer aos diversos meios de cura, um dos quais é chamar os presbíteros da igreja para orar e ungi-lo com óleo. Essa é a única ordem na Bíblia a respeito da doença.

> ***"Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados." (Tg 5.14,15.)***

Não tenhamos muita pressa em buscar a cura. Primeiro vamos nos colocar diante de Deus. Uma providência que devemos tomar é chamar os "presbíteros" da igreja para ungir-nos com óleo. Isso representa o óleo da Cabeça que flui para nós, membros do corpo. O óleo que a Cabeça recebe desce pelo corpo inteiro. Como membros do corpo de Cristo, podemos esperar que o óleo derramado sobre a Cabeça venha até nós. E onde a vida flui, a doença desaparece. Portanto o propósito da unção é trazer a nós o óleo da Cabeça. É possível que, por causa de alguma desobediência, de pecado ou outra razão, o crente tenha se desligado da circulação do corpo, perdendo a proteção que vem dele. Por isso, precisa chamar os presbíteros da igreja para reintegrá-lo à circulação e ao fluxo da vida do corpo de Cristo. Quando algum membro do nosso corpo físico está enfermo, a vida não pode fluir livremente para ele. O mesmo acontece no corpo de Cristo. Desse modo, a unção com óleo tem por objetivo restaurar esse fluxo. Os presbíteros representam a igreja. Eles ungem o crente em nome do corpo de Cristo, a fim de que o óleo da Cabeça possa voltar a fluir para ele. Então, que o óleo da Cabeça venha sobre aquele membro no qual a vida foi obstruída! Nossa experiência mostra que tal unção pode levantar instantaneamente até alguém que se acha gravemente enfermo.

Alguns já reconheceram que a causa de sua doença é o individualismo. E isso, de fato, pode ser a causa principal. Existem cristãos fortemente individualistas. Fazem tudo por si mesmos, conforme sua própria vontade. Se Deus pesa a mão sobre eles, adoecem, porque não recebem as forças que vêm do corpo de Cristo. Não podemos, de forma nenhuma, achar que tal assunto é simples. As causas das doenças podem ser muitas e variadas. Um crente pode ter uma enfermidade por estar desobedecendo a um

mandamento do Senhor, recusando-se a realizar a vontade dele. Outros podem adoecer em conseqüência de algum pecado em particular. Outros, ainda, sofrem os efeitos do individualismo. Há alguns casos de atitude independente, que Deus ignora e não disciplina. Em outros, porém, ele envia uma doença com o objetivo de corrigir o crente, principalmente se quem toma essa atitude conhece a igreja. Esses, o Senhor não deixa sem a disciplina devida.

É possível também que a enfermidade seja a conseqüência de um físico enfraquecido. Se alguém profanar o próprio corpo, Deus destruirá esse "templo". Muitos se acham enfermos porque adotam práticas que prejudicam o corpo.

Resumindo, podemos dizer que toda doença tem uma causa. Quando um crente contrai uma enfermidade, deve logo procurar identificar as causas dela. Depois de confessá-las, uma por uma, a Deus, deve chamar os presbíteros da igreja para cumprir a ordenança de confessar os pecados uns aos outros, e orar uns pelos outros. Em seguida, os presbíteros devem ungir o doente com óleo, para que a vida do corpo de Cristo lhe seja restaurada. O influxo da vida nele fará desaparecer a doença. Cremos nas causas naturais, mas temos de afirmar, também, que as espirituais têm maior peso que as naturais. Se cuidarmos das espirituais, a doença desaparecerá por completo.

A DISCIPLINA DE DEUS E A DOENÇA

Um maravilhoso fato que observamos na Bíblia é que a cura de um incrédulo é relativamente fácil; já a de um crente, nem tanto. Vemos claramente no Novo Testamento que sempre que um incrédulo buscava o Senhor era imediatamente curado. A cura divina é dada tanto aos crentes quanto aos não-crentes. Todavia a Bíblia fala de alguns crentes que não foram curados. Entre eles, estão Trófimo, Timóteo e Paulo. E esses homens estão entre os mais espirituais. Paulo afirma que deixou Trófimo doente em Mileto (2 Tm 4.20). Além disso, exortou Timóteo a que tomasse um pouco de vinho por causa do seu estômago e das suas freqüentes enfermidades (1 Tm 5.23). O próprio Paulo experimentou um espinho na carne, que o fez sofrer muito, e o debilitava bastante (2 Co 12.7). Fosse qual fosse a natureza desse espinho — problema nos olhos ou alguma outra doença — ele maltratava sua carne. Todos sentimos muito desconforto pela simples picada de um espinho num dedo. No caso de Paulo, porém, era um espinho enorme. O incômodo era tão intenso que ele se referiu à sua condição física como fraqueza. Apesar de esses três homens serem crentes extremamente espirituais, nenhum deles foi curado. Esses irmãos tiveram de suportar a doença.

É evidente que as conseqüências de uma enfermidade diferem bastante dos efeitos do pecado. O pecado não produz nenhum fruto de santidade; já a doença, sim. Quanto mais uma pessoa peca, mais corrupta se torna. A doença, porém, produz o fruto da santidade, porque por ela Deus está aplicando sua disciplina sobre o doente. Sob tais circunstâncias, convém que aprendamos a submeter-nos à poderosa mão de Deus.

Se alguém está enfermo, deve buscar a presença do Senhor, para resolver o problema das causas da doença. Se, depois disso, a mão de Deus continuar pesando sobre ele,

deve entender que essa enfermidade tem algum propósito, como, por exemplo, refreá-lo para que não se torne orgulhoso nem libertino. É preciso, então, aceitar a doença e assimilar as lições que ela contém para nós. Se não aprendermos essas lições, a enfermidade não nos trará nenhum proveito. Por si só, a doença não santifica ninguém. Contudo, atentando para as lições que ela ensina, podemos alcançar a santidade. Há casos em que, durante o período da enfermidade, o crente piora espiritualmente, tornando-se ainda mais egocêntrico. É por isso que, nessas ocasiões, precisamos descobrir qual a lição que Deus quer que aprendamos. Temos de ver que proveito podemos extrair dela. Pode ser que a mão de Deus esteja sobre nós para nos manter mais humildes, como aconteceu a Paulo. Disse ele: "... para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações..." (2 Co 12.7.) Ou pode ser que estejamos praticando um individualismo obstinado que Deus deseja enfraquecer. Qual seria a utilidade da doença, se ela não nos levasse a aprender as lições da fraqueza? Muitos estão doentes em vão, porque jamais aceitam que o Senhor toque em seus problemas específicos, e os resolva.

Não devemos enxergar a doença como algo terrível. Quem é que está no controle dessa situação? E Deus. Por que, então, devemos ficar ansiosos por causa das nossas enfermidades, como se tudo estivesse na mão do inimigo? Lembremo-nos de que todas as nossas doenças passaram pelo crivo de Deus. Para sermos exatos, é Satanás quem dá srcem a elas; é ele quem torna as pessoas doentes. No entanto os que já leram o livro de Jó entendem que, para isso, ele precisa da permissão de Deus, e tudo está debaixo do mais absoluto controle do Senhor. Sem a permissão divina, Satanás não pode lançar enfermidade em ninguém.É verdade que Deus permitiu que Jó fosse acometido de uma enfermidade, mas observemos que o Senhor não permitiu que o inimigo tocasse em sua vida. Por que, então, quando somos acometidos por uma moléstia, ficamos tão agitados, cheios de desespero, ansiosos para sermos curados, e temos tanto medo de morrer?

É sempre bom ter em mente que as doenças estão nas mãos de Deus. Ele as controla e limita. No caso de Jó, depois que se encerrou seu período de provação, a doença desapareceu, pois já tinha realizado seu propósito nele. "Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo." (Tg.5.11.) É uma pena que tantos crentes estejam doentes, mas não reconheçam o propósito da doença, nem aprendam sua lição! Todas as enfermidades estão nas mãos do Senhor e vêm a cada um de nós na medida exata de nossa necessidade, para que possamos aprender as lições. Quanto mais cedo aprendermos, mais rápido ficaremos livres delas.Vamos ser francos. Muitos estão doentes porque amam demais a si mesmos. Se o Senhor não remover esse amor-próprio do coração deles, não poderá usá-los em seu reino. Portanto temos de abandonar o amor-próprio. Alguns não pensam em mais nada, a não ser em si mesmos. O cosmo inteiro parece girar ao redor deles. Eles são o centro da Terra e também do Universo. Dia e noite, estão voltados para si mesmos. Todos existem em função deles. Tudo gira ao seu redor. Até mesmo Deus, nos céus, é para eles; Cristo é para eles; a igreja, também. Como é que o Senhor pode destruir tal egocentrismo? Por que é que algumas doenças são

difíceis de curar? Observemos que tais doentes buscam intensamente a compaixão dos outros. Se parassem de desejar essa piedade, sua doença logo desapareceria.

Um fato impressionante é que muitos estão doentes simplesmente porque gostam de tal situação. Quando enfermos, recebem muita atenção e amor de que comumente não desfrutam quando estão com saúde. É muito comum essas pessoas adoecerem só para poder ser amadas. Tais indivíduos precisam de uma repreensão severa. Se estivessem dispostos a receber a correção de Deus nessa questão em particular, logo ficariam curados.

Conheço um irmão que procurava receber amor e atenção de outros o tempo todo. Sempre que lhe perguntavam como estava passando, normalmente respondia queixando-se de seus problemas de saúde. Dava um relatório detalhado de quantos minutos estivera com febre, quanto tempo durara a dor de cabeça, quantas vezes por minuto respirava, e como a batida do seu coração estava irregular. Vivia em constante desconforto. Gostava de falar aos outros sobre seus problemas, para que pudessem se compadecer dele. Não conversava sobre outro assunto a não ser a interminável história de suas doenças. E às vezes ainda queria saber por que Deus nunca o curava.

Reconheço que é difícil falar a verdade, o que às vezes pode nos custar caro. Certo dia, senti-me impulsionado a dizer-lhe, com todo carinho, que sua doença prolongada se devia ao amor que ele tinha por ela. Ele naturalmente negou. No entanto insisti, dizendo que ele tinha medo de que sua enfermidade desaparecesse. Disse-lhe que desejava a compaixão, o amor e o cuidado dos outros, e como não podia obter essas coisas de outra forma, conseguia-as por meio da doença. Disse-lhe também que ele devia livrar-se desse desejo egoísta, para que Deus pudesse curá-lo. Falei-lhe que, quando alguém lhe perguntasse como estava, devia dizer: "Está tudo bem". Será que estaria mentindo se disesse isso quando não tivesse passado bem a noite? Nesse caso, ele devia lembrar-se da mulher de Suném. Ela deitou o filho morto na cama do homem de Deus e foi em busca de Eliseu. Quando lhe perguntaram: "Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem" (2 Reis 4.26). Como podia ela dizer isso, sabendo que a criança já estava morta e deitada sobre a cama de Eliseu? Porque tinha fé. Ela cria que Deus ia ressuscitar seu filho. Assim também o irmão devia crer hoje.

Seja qual for a causa de uma enfermidade, venha ela de dentro ou de fora, ela terminará quando Deus tiver realizado seus propósitos nesse indivíduo. Os casos de Paulo, Timóteo e Trófimo são exceções. Embora eles tivessem experimentado doenças prolongadas, reconheciam que isso era útil para sua obra. Aprenderam a cuidar de si mesmos para a glória de Deus. Paulo persuadiu Timóteo a tomar um pouco de vinho e a ter mais cuidado com o que comia e bebia. A despeito da fragilidade da saúde deles, não negligenciaram a obra de Deus. O Senhor lhes deu graça suficiente para vencer as dificuldades. Paulo trabalhou apesar de sua fraqueza. Lendo seus escritos, podemos facilmente concluir que ele realizou o trabalho de dez homens. Deus usou esse indivíduo fraco para fazer o serviço de mais de dez pessoas sãs. Embora seu corpo fosse frágil, o Senhor lhe deu força e vida. Esses homens, porém, são exceções na Bíblia.

Hoje também alguns servos de Deus, em condições especiais, podem receber o mesmo tratamento. Entretanto os crentes em geral, principalmente os iniciantes, devem se examinar para ver se pecaram. Depois de confessar seus pecados, verão suas doenças curadas imediatamente.

Finalmente, precisamos entender, perante o Senhor, que algumas vezes Satanás pode desfechar ataques repentinos contra nós. Ou então nós mesmos, inadvertidamente, podemos violar alguma lei natural. Mesmo que seja esse o caso, podemos levar isso diante do Senhor. Se for um ataque do inimigo, vamos repreendê-lo em nome do Senhor. Certa vez, uma irmã teve uma febre prolongada. Afinal descobriu que se tratava de um ataque satânico. Ela a repreendeu em nome do Senhor. E a febre desapareceu. Se alguém violar uma lei natural, colocando a mão no fogo, por exemplo, ela certamente ficará queimada. Vamos cuidar bem de nós mesmos. Não esperemos adoecer para depois confessar nossa negligência. E importante cuidar bem do corpo constantemente.

O MODO DE BUSCAR A CURA

Como é que devemos buscar a cura de Deus? Há três frases no Evangelho de Marcos que precisamos analisar. Considero-as muitíssimo valiosas, pelo menos para mim. A primeira menciona o poder do Senhor; a segunda, a vontade do Senhor; e a terceira, a ação do Senhor.

(a) O poder do Senhor: Deus *pode.* "Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, st'*tu podes* alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: Se *podes!* Tudo é possível ao que crê." (Mc 9.21-23 - grifo do autor.) O Senhor simplesmente repetiu as duas palavras que o pai da criança havia pronunciado. O pai clamou: "Se podes, ajuda-nos". O Senhor respondeu: "Se podes! Tudo é possível ao que crê". O problema aqui não é "se podes", mas "se podes crer".

Não é verdade que o primeiro problema que temos com uma doença é a dúvida quanto ao poder divino? Olhando a bactéria através de um microscópio, o poder dela parece maior que o poder de Deus. Raramente Jesus interrompia alguém quando a pessoa ainda estava falando. Aqui, porém, ele parece irado (que o Senhor me perdoe por falar assim). Quando ele ouviu o pai da criança dizer: "Se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos", ele bruscamente reagiu dizendo: "Por que dizes *se podes?* Todas as coisas são possíveis ao que crê. Na doença, a questão não é se eu posso, mas se *você crê*"

Portanto a primeira providência que temos de tomar na doença é levantar a cabeça e dizer:

"Senhor, tu podes!"

Vamos recordar o primeiro estágio da cura do paralítico. O Senhor perguntou aos fariseus: "Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?" (Mc.2.9.) Os fariseus naturalmente pensaram que era mais fácil dizer que os pecados estavam perdoados, pois quem poderia provar se estavam ou não? Entretanto as palavras que o Senhor disse e os efeitos delas mostraram-lhes que, além de curar as doenças, ele podia perdoar os pecados. Ele não perguntou o que era mais difícil, mas o que era mais fácil. Para ele, ambos eram igualmente fáceis. Para o Senhor, era tão fácil ordenar ao paralítico que se levantasse e andasse, como perdoar os seus pecados. Para os fariseus, ambos eram difíceis.

(b) A vontade do Senhor: *Deus quer.* Sim, ele realmente pode, mas como posso saber se ele quer? Não conheço a vontade dele. Talvez ele não queira me curar. Vejamos mais uma história encontrada em Marcos. "Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!" (Mc 1.40,41.)

Por maior que seja o poder de Deus, *se* ele não quiser curar, seu poder não vai me valer. O primeiro problema a ser resolvido é: Deus pode? E o segundo é: Deus quer? Não existe doença mais impura do que a lepra. Ela *é* tão impura que a lei estabelecia que qualquer um que tocasse num leproso tornava-se impuro também. E no entanto o Senhor Jesus tocou no leproso e disse-lhe: "Quero". Se ele quis curar o leproso, com mais razão ainda quer curar-nos de nossas doenças. Podemos proclamar com ousadia:

"Deus pode" e "Deus quer".
(c) A ação do Senhor: *Deus faz.* Há algo mais para Deus fazer. "Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco." (Mc 11.23,24.) Como é que a fé age? A fé crê que Deus pode, que ele quer e que já o fez. Se crermos que recebemos, certamente receberemos. Se Deus nos der sua Palavra, poderemos agradecer-lhe, dizendo:

"Deus me curou; ele já operou a cura!"

Muitos crentes apenas *esperam* ser curados. A esperança vê os fatos no futuro; já a fé as considera no passado. Se realmente crermos, não vamos esperar vinte anos, nem cem anos. Levantamo-nos imediatamente, dizendo:

"Graças a Deus, ele me curou! Graças a Deus, já recebi! Graças a Deus, estou limpo! Graças a Deus, estou bem!"

Uma fé perfeita pode proclamar que Deus pode, que Deus quer e que Deus já realizou o ato.

A fé opera com o que "*é*", e não com o que "se deseja". Permita-me uma ilustração simples. Suponhamos que pregamos o evangelho para alguém e ele confessa que creu.

Perguntamos-lhe, então, se ele está salvo. Se essa pessoa responder que deseja ser salva, sua resposta é inadequada. Se ela disser: "Serei salva", a resposta ainda está incorreta. Mesmo que ela diga: "Tenho certeza de que serei salva", ainda está faltando algo. Se ela responder: "Estou salva", aí sim, está certa. Quem crê está salvo. A fé sempre vê os fatos no passado, isto é, já acontecidos. A fé verdadeira não diz: "Creio que serei curado". Quem crê agradece a Deus e diz: "Recebi a cura".

Guardemos estas três verdades: Deus pode, Deus quer, Deus faz. Quando nossa fé atinge o terceiro estágio, a doença se vai.

3. DEUS, A VIDA DO CORPO

Dissemos anteriormente que nosso corpo é o templo do Espírito Santo. O que mais chama nossa atenção com relação a esse assunto é a ênfase especial que o apóstolo Paulo confere ao corpo. A ideia corrente é que a vida de Cristo é para o nosso espírito, mas não para o corpo. Poucos entendem que a salvação do Senhor dá vida ao primeiro (o espírito), e depois alcança o segundo (o corpo). Se fosse da vontade de Deus que seu Espírito vivesse somente em nosso espírito, de modo que só este fosse beneficiado, o apóstolo teria dito apenas que "vosso espírito é o templo de Deus", sem fazer nenhuma menção ao corpo. No entanto precisamos entender que o fato de o nosso corpo ser templo do Espírito Santo significa que ele não é apenas um recipiente de um privilégio especial. Tem também o sentido de que o corpo é um canal de poder eficaz. O Espírito Santo, que habita em nós, fortalece nosso homem interior, ilumina os olhos do nosso coração e torna nosso corpo sadio.

Já observamos também que o Espírito Santo vivifica este nosso corpo mortal. Não é necessário esperar até à morte para ele nos ressuscitar, pois agora mesmo ele confere vida ao nosso corpo. No futuro, ele ressuscitará esse corpo *corruptível.* Hoje mesmo, porém, ele vivifica o corpo *mortal.* O poder da sua vida penetra em cada uma de nossas células, a fim de que possamos experimentar seu poder e sua vida em nosso corpo.

Não precisamos considerar este nosso invólucro como uma triste prisão, pois podemos ver a vida de Deus manifesta nele. Podemos experimentar, no presente, de maneira mais profunda, esta declaração: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Cristo tornou-se agora nossa fonte de vida. Hoje ele vive em nós da mesma maneira que antes viveu na carne. Assim podemos compreender de maneira plena o alcance de suas palavras: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Essa vida mais abundante é suficiente para suprir todas as necessidades do nosso corpo. Paulo exorta a Timóteo a tomar "posse da vida eterna" (1 Tm 6.12). Certamente, Timóteo aí não está necessitando da vida eterna para sua salvação. Não é essa vida que Paulo, nesse capítulo, chama de a "verdadeira vida" (v.19)? Ele não está instando com Timóteo para experimentar a vida eterna no presente, no sentido de vencer cada manifestação da morte?

Desde já queremos dizer aos nossos leitores que não perdemos de vista o fato de que nosso corpo é realmente mortal. Mesmo assim nós, que somos do Senhor, podemos em verdade possuir o poder daquela vida que "devora" a morte. Em nosso corpo, existem duas forças em ação: a morte e a vida. De um lado, está o desgaste natural que nos conduz para a morte. Do outro, está o reabastecimento que fazemos através do alimento e do descanso, que sustentam a vida. Ora, o desgaste excessivo enfraquece o corpo, porque a força da morte é muito grande. Contudo um suprimento excessivo também dá sinais de congestão, pois a força da vida é forte demais. A melhor atitude é manter essas duas forças em equilíbrio. Além disso, precisamos compreender que o cansaço físico que os crentes muitas vezes experimentam é, em diversos aspectos, bem distinto do das pessoas comuns. O desgaste dos cristãos não é apenas físico. Como eles

andam com o Senhor, levam as cargas uns dos outros, têm compaixão dos irmãos, trabalham para Deus, intercedem diante dele, combatem as potestades das trevas e esmurram seu corpo para subjugá-lo, o alimento e o descanso não são suficientes para operar a reposição das energias perdidas. Em parte, isso explica por que muitos crentes, que antes de serem chamados para servir a Deus eram saudáveis, pouco depois tornaram-se fisicamente débeis. Nossas forças físicas não se acham à altura das exigências da vida, da obra e da batalha espiritual. O combate contra o pecado, contra os pecadores e contra os espíritos malignos minam nossa vitalidade. Os recursos naturais apenas não bastam para suprir nossas necessidades físicas. Precisamos depender da vida de Cristo, pois somente ela pode sustentar-nos. Se confiarmos no alimento material, na nutrição e nos remédios, estaremos cometendo um erro grave. Somente a vida do Senhor Jesus satisfaz mais do que suficientemente todas as necessidades físicas da nossa vida, do serviço cristão e da batalha espiritual. Só ele nos concede a vitalidade necessária para atacarmos o pecado e Satanás. Assim que o crente entende o que é a batalha espiritual, e aprende a lutar em espírito com o inimigo, começa a reconhecer o grande valor do Senhor Jesus como vida para seu corpo.

Todo crente precisa enxergar com clareza que está unido com o Senhor. Ele é a videira, e nós, os ramos. Assim como os ramos estão unidos ao tronco, assim também estamos unidos com o Senhor. Unidos ao tronco, os ramos recebem o fluxo da vida da planta. Nossa união com o Senhor produz os mesmos resultados. Entretanto, se acharmos que essa união se limita ao espírito, a fé se levantará para protestar. Como Deus nos chama para mostrar ao mundo a realidade da nossa união com Cristo, ele quer que creiamos nesses fatos e recebamos o fluxo de sua vida para o nosso espírito, alma e corpo. Se nossa comunhão for cortada, nosso espírito certamente perderá a paz, e o corpo não terá saúde. Se permanecermos em Cristo, a vida dele estará continuamente enchendo nosso espírito e fluindo para o nosso corpo. Se não participarmos da vida do Senhor Jesus, não poderemos receber cura nem saúde. Deus deseja que seus filhos hoje experimentem uma união mais profunda com o Senhor Jesus.

Devemos reconhecer, então, que os fenômenos que ocorrem em nosso *corpo* são de natureza espiritual. A cura divina e o aumento de nossas forças são experiências espirituais, e não apenas físicas, embora aconteçam no corpo. Na verdade, tais experiências são a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo mortal. Primeiro, a vida do Senhor ressuscitou nosso espírito que estava morto. Agora ela vivifica nosso corpo mortal. Deus quer que deixemos a vida ressurreta, gloriosa e vitoriosa de Cristo manifestar-se em cada parte do nosso ser. Ele nos conclama a renovar nosso vigor por intermédio de Cristo, diariamente e a cada hora. Isso é que é a verdadeira vida. Nosso corpo ainda está animado pela vida da alma natural. Apesar disso, já não vivemos por ela. Isso se dá porque confiamos na vida do Filho de Deus, que infunde energia em nossos membros de forma muito mais abundante do que a alma poderia comunicar. Damos grande ênfase a essa "vida". Em todas as nossas experiências espirituais, essa "vida" misteriosa, mas maravilhosa, entra em nós abundantemente. Deus quer que a vida de Cristo venha a ser nossa força.A Palavra de Deus é a vida do nosso corpo: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra

que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Isso prova que a Palavra de Deus é capaz de sustentar nosso corpo. Falando naturalmente, o homem vive de pão, mas quando a Palavra de Deus emite seu poder, podemos viver por ela também. Contemplamos, aqui, as duas maneiras de viver: a natural e a sobrenatural. Deus não diz que de agora em diante não precisamos comer. Ele simplesmente revela que sua Palavra pode conceder-nos uma vida que não provém do alimento. Quando o alimento não consegue produzir o efeito desejado em nosso corpo, sua Palavra pode dar-nos aquilo de que precisamos. Alguns vivem só de pão; outros, pelo pão *e* pela Palavra de Deus. O pão às vezes falha; a Palavra de Deus, nunca.

Deus coloca sua vida na Palavra. Como ele é vida, assim também é a sua Palavra. Se considerarmos a Palavra de Deus como um ensinamento, credo ou padrão moral, ela não terá muita eficácia em nós. Não. Temos de "digerir" a Palavra de Deus, para que se incorpore ao nosso ser da mesma forma que o alimento. O cristão que tem fome, recebe-a como a um alimento. Se a recebermos com fé, ela se torna nossa vida. Deus declara que sua Palavra pode suster nossa vida. Quando não temos o alimento natural, podemos crer no que Deus diz acerca de sua Palavra. Assim, nós o conheceremos, não apenas como vida para o nosso espírito, mas também para o corpo. Os cristãos de hoje perdem muito, por não reconhecerem a abundância de provisões que Deus tem para o nosso "tabernáculo" terreno. Achamos que as promessas de Deus se limitam ao espírito (interior), ignorando o fato de que elas se aplicam também à carne (exterior). Será que ainda não compreendemos que nossas necessidades físicas não são inferiores às espirituais?

AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS DE DEUS DO PASSADO

Deus não quer que seus filhos sejam fracos. Sua vontade expressa é que eles sejam robustos e sadios. Sua Palavra afirma: "... e, como os teus dias, durará a tua paz" (Dt 33.25). Naturalmente, isso se aplica ao corpo. Enquanto vivermos na Terra, o Senhor promete dar-nos força. Se Deus nos der um dia a mais de vida, providenciará também o vigor extra para aquele dia. Como seus filhos não reivindicam, pela fé, essa preciosa promessa, acabam descobrindo que sua vitalidade não corresponde aos seus dias aqui neste mundo. Deus promete tornar-se a força de seus filhos, a fim de dar-lhes a energia de que precisam no tempo de vida que ele lhes concede. Assim como o Senhor vive e nós também vivemos, dessa maneira será a nossa força. Crendo nas promessas divinas, a cada manhã, quando nos levantarmos e contemplarmos o amanhecer, poderemos afirmar que, assim como Deus vive, nós também receberemos capacitação, tanto física

como espiritual, para aquele dia.

Os homens de Deus do passado sabiam que o Senhor era a força do seu corpo. Experimentavam a vida de Deus em si. O primeiro em quem vemos isso é Abraão: "E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara" (Rm 4.19). Pela fé, ele gerou Isaque. O poder de Deus manifestou-se num corpo quase morto. O ponto crucial da questão aqui não é tanto a condição do nosso corpo, mas sim o poder de Deus operando nele.

Dizem as Escrituras que Moisés tinha "a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor" (Dt 34.7). Sem sombra de dúvida, a Bíblia está falando aqui sobre o poder da vida de Deus no corpo de Moisés.A Bíblia menciona também a condição física de Calebe. Depois que os israelitas entraram em Canaã, Calebe testemunhou:

> ***"Então, Moisés, naquele dia, jurou, dizendo: Certamente, a terra em que puseste o pé será tua e de teus filhos, em herança perpetuamente, pois perseveraste em seguir o Senhor, meu Deus. Eis, agora, o Senhor me conservou em vida, como prometeu; quarenta e cinco anos há desde que o Senhor falou esta palavra a Moisés, andando Israel ainda no deserto; e, já agora, sou de oitenta e cinco anos. Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força naquele dia, tal ainda agora para o combate, tanto para sair a ele como para voltar." (Js 14.9-11.)***

Conforme Deus havia prometido, tornou-se a força desse homem que o seguiu com inteireza de coração. Desse modo, mesmo passados quarenta e cinco anos, seu vigor não diminuiu.

Lendo o livro de Juízes, tomamos conhecimento das proezas físicas de Sansão. E verdade que ele cometeu muitos atos imorais, e que o Espírito Santo talvez não queira comunicar força tão descomunal a todo crente. Contudo um fato é certo: se confiarmos no Espírito Santo, veremos que ele, com seu poder, supre todas as nossas necessidades diárias.

Pelos cânticos de Davi, registrados no livro de Salmos, podemos verificar que o poder de Deus estava em seu corpo. Observemos as seguintes passagens:

> ***"Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Deus que me revestiu de força e aperfeiçoou o meu caminho, ele deu a meus pés a ligeireza das corças e me firmou nas minhas alturas. Ele adestrou as minhas mãos para o combate, de sorte que os meus braços vergaram um arco de bronze." (18.1,32-34.)***
>
> ***"O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?" (27.1.)***
>
> ***"O Senhor dá força ao seu povo." (29.11.)***
>
> ***"Reúne, ó Deus, a tua força, força divina que usaste a nosso favor... o Deus de Israel, ele dá força e poder ao povo." (68.28,35.)***
>
> ***"Quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia." (103.5.)***

Existem outros salmos que também revelam que Deus se tornou força para seu próprio povo. Alguns desses são: "Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (73.26). "Bem-aventurado o homem cuja força está em ti" (84.5). "Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação" (91.16).

Eliú falou a Jó sobre a disciplina de Deus e seus resultados:

> ***"Também no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos; de modo que a sua vida abomina o pão, e a sua alma, a comida apetecível. A sua carne, que se via, agora desaparece, e os seus ossos, que não se viam, agora se descobrem. A sua alma se vai chegando à cova, e a sua vida, aos portadores da morte. Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que lhe convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate. Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude." (Jó 33.19-25.)***

Vemos aí como a vida de Deus pode manifestar-se em alguém que está às portas da morte.

O profeta Isaías também dá testemunho a esse respeito:

> ***"Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação." (Is 12.2.)***

> ***"Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam." (Is 40.29-31.)***

Todo esse vigor se manifesta no nosso corpo, pois o poder de Deus é gerado naqueles que nele esperam.

Quando Daniel teve as visões de Deus, disse: "... e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma" (10.8). Entretanto Deus enviou seu anjo para que Daniel recuperasse as forças. Registrando esse acontecimento, o profeta escreveu: "Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; e disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste" (10.18,19). Mais uma vez, vemos Deus comunicando força ao nosso corpo.

Precisamos entender que o Senhor cuida do nosso corpo ainda hoje. Ele não é força apenas para nosso espírito, mas também para o corpo. Mesmo nos tempos do Antigo Testamento, quando a graça ainda não se tinha manifestado como hoje, os homens de Deus conheceram que o Senhor era a força de sua carne. Será que nossa bênção hoje deve ser menor que a deles? Devemos experimentar, no mínimo, o mesmo vigor do poder divino que eles conheceram. Quem não estiver bem informado a respeito das riquezas de Deus, talvez possa limitar suas bênçãos ao espírito. Os que têm fé, porém, não limitarão a vida e o poder divinos ao espírito, negligenciando o fato de que eles se aplicam também ao corpo.

Queremos ressaltar que a vida de Deus é poderosa não apenas para curar enfermidades, mas também para nos preservar com força e saúde. Como Deus é nossa força, ele nos capacita a vencer tanto as doenças quanto as fraquezas. Quando ele cura alguém, não é para depois essa pessoa continuar vivendo por sua energia natural. *Deus* deve ser a energia do nosso corpo, para que possamos viver por meio dele, buscando

nele forças para realizarmos sua obra. Quando os israelitas deixaram o Egito, Deus lhes fez a seguinte promessa: "Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara" (Êx 15.26). Mais tarde, no Salmo 105, encontramos essa promessa totalmente cumprida. Diz ali: "... e entre as suas tribos não havia um só inválido" (v. 37). Portanto precisamos entender que a cura divina compreende a cura das enfermidades e também sua prevenção, para que possamos permanecer vigorosos. Se nos entregarmos totalmente a Deus, não resistindo em nada à sua vontade, e recebendo pela fé sua vida e seu poder para nosso corpo, também nós provaremos a realidade da cura divina.

A EXPERIÊNCIA DE PAULO

Se aceitarmos o ensinamento bíblico de que nosso corpo é membro de Cristo, teremos de reconhecer que a vida de Cristo flui nele. A vida de Cristo flui da Cabeça para o corpo, comunicando-lhe energia e vitalidade. *Nosso* corpo é membro *de Cristo,* por isso a vida do corpo dele flui naturalmente para o nosso. Todavia precisamos nos apropriar disso pela fé. Iremos experimentar essa vida na medida da fé que exercitarmos para recebê-la. As Escrituras ensinam que podemos tomar posse da vida do Senhor Jesus para benefício do nosso corpo, mas isso requer fé. Muitos cristãos, ao receber tal ensino, inicialmente ficam muito surpresos. Entretanto não podemos diluir algo que a Palavra ensina claramente. Estudando a experiência de Paulo, verificamos o quanto esse ensinamento é precioso e real.

Paulo falou de um espinho na carne, referindo-se à sua condição física. Três vezes, ele rogou ao Senhor que o removesse. Mas Deus lhe respondeu: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". E o apóstolo, respondendo, disse: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Col2.9,10). Não precisamos procurar saber o que era esse espinho. A Bíblia não explica. Um fato, porém, é certo: esse espinho causou o enfraquecimento do corpo de Paulo. A "fraqueza" aqui mencionada é de natureza física. O mesmo termo é usado em Mateus 8.17. Os coríntios estavam bem familiarizados com a fragilidade física de Paulo (2 Co 10.10). O próprio apóstolo reconhece que, quando esteve com eles a primeira vez, achava-se fisicamente fraco (1 Co 2.3). E de modo algum podemos atribuir essa debilidade a uma falta de poder espiritual, pois as duas cartas aos coríntios revelam que o apóstolo possuía um extraordinário vigor espiritual.

Essas poucas passagens são suficientes para revelar a condição física de Paulo. Seu corpo era muito fraco, mas será que ele permaneceu assim muito tempo? Não, pois ele afirma que o poder de Cristo repousou sobre ele e o fortaleceu. Observamos aqui uma "lei de contrastes". Tanto o espinho como a fraqueza resultante dele continuaram em Paulo. Todavia o poder de Cristo inundou seu corpo frágil e lhe deu forças para enfrentar cada uma de suas necessidades. O poder de Cristo contrastava com a fraqueza de Paulo. Esse poder não afastou o espinho, nem eliminou a fraqueza, mas

permaneceu em Paulo, habilitando-o a enfrentar qualquer situação que estivesse acima da capacidade do seu corpo enfraquecido. Podemos comparar essa experiência a um pavio que, embora em chamas, não se consome por estar saturado de óleo. O pavio continua frágil, mas o óleo lhe comunica tudo o que o fogo tira dele.

Desse modo, compreendemos o princípio segundo o qual a vida de Deus deve dar-nos capacitação física. A vida divina não transforma a natureza do nosso corpo fraco e mortal: ela simplesmente lhe comunica tudo de que ele precisa. No que dizia respeito à condição física de Paulo, ele era, sem sombra de dúvida, o mais fraco. Contudo, devido ao poder de Cristo que ele possuía, era o mais forte de todos. Sabemos que ele trabalhou dia e noite, "gastando" sua vida e energia no serviço cristão, realizando uma obra que muitos homens fisicamente fortes não poderiam realizar. Como é então que um homem fraco como Paulo podia levar avante tal obra? Se seu corpo mortal não fosse vivificado pelo Espírito Santo, isso não poderia acontecer. Não há dúvida de que Deus comunicou força ao corpo de Paulo.

E como foi que Deus fez isso? Em 2 Coríntios 4, Paulo estava falando sobre seu corpo, quando disse que ele e os que com ele estavam traziam "sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal" (vv. 10,11). Quando comparamos os versículos 10 e 11, observamos algo que chama nossa atenção. Temos aí uma redundância, mas não uma repetição. O versículo 10 fala sobre a vida de Jesus manifestando-se em nosso corpo. Já o 11 fala sobre essa vida manifestando-se em nossa *carne mortal.* Muitos crentes são capazes de expressar a vida de Cristo em seu corpo, mas não chegam ao ponto de expressá-la também em sua carne mortal. Existe aí uma profunda diferença. Muitos cristãos, quando adoecem, mostram-se obedientes e dotados de paciência, sem reclamar nem demonstrar ansiedade. Sentem a presença do Senhor e revelam as virtudes dele em seu rosto, em seus atos e na sua linguagem. Através do Espírito Santo, manifestam genuinamente a vida de Cristo em seu corpo. Entretanto não tomam conhecimento do poder curador do Senhor Jesus. Parece que não sabem que a vida de Cristo aplica-se também ao corpo. Não exercitam a fé para receber a cura do corpo, como o fizeram anteriormente para receber o perdão dos seus pecados e a vivificação do seu espírito morto. Por isso, acham-se impotentes para manifestar a vida de Jesus em sua carne *mortal.* Recebem graça para suportar a dor, mas não para receber a cura. Experimentaram o versículo 10, porém continuam sem provar o 11.

Como é que Deus nos cura e nos fortalece? Pela vida de Jesus. Isso é muito importante. Quando nossa carne mortal é revitalizada, a natureza do nosso corpo não muda, isto é, não se reveste de imortalidade; permanece a mesma. Contudo a vida que comunica vitalidade ao corpo *muda.* Antes, vivíamos pelo poder da nossa vida natural. Agora, vivemos pela energia da vida sobrenatural de Cristo. O poder da sua ressurreição sustenta nosso corpo, por isso recebemos a capacidade de realizar as tarefas que nos foram atribuídas.

O apóstolo não dá a entender que, como passou a viver pela vida do Senhor, jamais voltaria a ser fraco. De modo nenhum! Toda vez que ele deixasse de experimentar a cura pelo poder de Cristo, iria enfraquecer. Podemos perder a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo por causa do pecado, da negligência ou de uma atitude de independência. Algumas vezes, podemos nos tornar fracos pelo ataque das potestades das trevas, contra as quais avançamos com ousadia. Podemos, ainda, sofrer aflições por causa do corpo de Cristo, se estivermos profundamente envolvidos com ele. Contudo tais coisas acontecem somente a pessoas profundamente espirituais. De qualquer forma, temos certeza de que, por mais que estejamos fracos, a vontade de Deus não é que sejamos inválidos nem incapacitados para o seu trabalho. O apóstolo Paulo estava sempre fraco, mas a obra de Deus nunca sofreu por causa da sua fraqueza. Reconhecemos a soberania absoluta do Senhor, mas os cristãos não podem usar isso como desculpa para serem fracos.

Trazendo "sempre no corpo o morrer de Jesus" constitui a base para que "também a sua vida se manifeste em nosso corpo". Em outras palavras, devemos renunciar totalmente à nossa própria vida, para que a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Isso revela que existe uma relação íntima entre um viver espiritual não egocêntrico e um corpo sadio. O poder divino é usado exclusivamente para o Senhor. Quando Deus manifesta sua vida em nosso corpo, ele o faz por causa da sua própria obra. O Senhor nos concede sua vida e força, mas não para que as gastemos egoisticamente. Ele não nos dá sua energia para que a desperdicemos, nem tampouco para que realizemos nossos propósitos. Como Deus irá conceder-nos esse poder, se não vivermos inteiramente para ele? É exatamente essa a razão pela qual não obtemos a resposta de muitas das nossas orações. Muitas vezes, os crentes almejam ter saúde e vitalidade apenas para o seu bem-estar. Buscam a força de Deus para seu corpo, mas somente para desfrutar de uma vida mais confortável, alegre e aprazível. Desejam a capacitação para se moverem livremente, sem qualquer impedimento. E por isso que ainda estão fracos. Deus não vai nos conceder sua vida para que a usemos segundo nossos próprios desejos. A realidade é que assim viveríamos ainda mais para nós mesmos, com um prejuízo maior para a vontade de Deus. O Senhor espera hoje que seus filhos renunciem ao *seu eu*, para depois conceder-lhes o que estão buscando.

Que é que significa a expressão "o morrer de Jesus"? E a vida do Senhor que está sempre entregando seu eu à morte. O viver do nosso Senhor sempre foi caracterizado pela auto-negação. O Senhor Jesus, durante toda a sua vida, e até à sua morte, não fez nada por si mesmo, apenas realizou a obra do seu Pai. Agora o apóstolo ensina que, assim que ele permitiu essa operação do morrer de Jesus em seu corpo, a vida de Cristo também se manifestou em sua carne mortal. Será que estamos aptos a receber esse ensinamento? Deus está agora esperando aqueles que estão dispostos a aceitar "o morrer de Jesus", para que ele possa viver no corpo deles. Quem hoje está disposto a seguir inteiramente a vontade de Deus? e a deixar de viver segundo seu próprio entendimento? Quem se dispõe a atacar corajosa e incessantemente as potestades das trevas por amor ao Senhor? Quem se recusa usar o próprio corpo como meio de alcançar o sucesso? A vida do Senhor Jesus vai se manifestar no corpo dos cristãos que

responderem afirmativamente a essas perguntas. Se assumirmos essa "morte", Deus se encarregará do resto. Se lhe oferecermos nossa fraqueza, ele nos dará sua força.

O PODER NATURAL E O PODER DE JESUS

Quem já se ofereceu totalmente a Deus pode crer que ele lhe preparou um corpo. Sempre imaginamos como seria bom se pudéssemos decidir a respeito do modo como fomos feitos. Nosso maior desejo é que nosso corpo não tivesse tantos problemas inatos, mas que possuísse maior resistência, para que pudéssemos viver mais tempo, sem dor e sem doença. Contudo Deus não nos consultou a respeito disso. Ele sabe melhor do que nós o que devemos ter. Também não devemos julgar nossos antepassados pelas faltas e pecados que eles cometeram. Nem devemos duvidar do amor e da sabedoria de Deus. Tudo o que concerne a nós foi determinado antes da fundação do mundo. Deus realiza sua boa vontade mesmo neste nosso corpo de dor e morte. E o propósito dele não é que abandonemos este corpo, como se ele fosse uma carga pesada. Pelo contrário, ele nos aconselha a tomar posse de um *novo* corpo, através do Espírito Santo que em nós habita. Seja qual for o corpo que Deus nos tenha dado, o certo é que ele possui limitações e perigos, dos quais o Senhor tem plena ciência. Através das experiências dolorosas, porém, ele quer que venhamos a desejar um novo corpo, para que não mais vivamos pelo poder *natural que possuímos,* mas pelo poder de Deus. Assim podemos trocar nossa fraqueza pela força divina. Embora nosso corpo não tenha sido ainda transformado, a vida pela qual ele vive já é uma nova vida.

O Senhor tem prazer em encher do seu poder cada nervo, cada vaso capilar e cada célula do nosso corpo. Ele não transforma nossa natureza debilitada numa natureza vigorosa. Tampouco nos dispensa uma grande quantidade de força para que a estoquemos. Ele quer ser vida para nossa carne mortal, a fim de que vivamos por meio dele *cada momento* de nossa vida. Talvez alguns pensem que ter o Senhor Jesus como a vida do nosso corpo signifique que Deus nos concede poder físico em abundância, de modo que não venhamos jamais a sofrer nem a ficar doentes. Contudo não foi essa, evidentemente, a experiência do apóstolo, pois ele declara de modo categórico que "nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal". O corpo de Paulo era habitualmente fraco, mas a força do Senhor Jesus fluía para ele de maneira contínua. Ele vivia cada instante pela vida do Senhor. Aceitá-lo como a vida do nosso corpo exige um *permanente exercício de confiança.* Por nós mesmos, não podemos enfrentar situação nenhuma, em tempo nenhum. Entretanto, confiando permanentemente no Senhor, recebemos a cada momento toda a força de que precisamos.

É esse o sentido do que Deus diz através de Jeremias: "A ti, porém, eu te darei a tua vida como despojo, em todo lugar para onde fores" (45.5). Não devemos nos considerar salvos e seguros por causa da nossa própria força. Pelo contrário, temos de entregar todo nosso fôlego à vida do Senhor. Só assim encontraremos segurança, porque somente ele vive para sempre. Não possuímos nenhuma *reserva* de poder que nos capacite a nos mover segundo nossa própria vontade. A cada momento estamos precisando da força que vem do Senhor. O que recebemos num determinado momento

é bom para essa ocasião. Não existe a possibilidade de guardarmos um pouquinho para depois. Assim é a vida completamente unida ao Senhor, que vive na dependência exclusiva dele. "Eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá." (Jo 6.57.) É exatamente nisso que reside o segredo dessa vida. Se pudéssemos viver sem a vida que o Senhor nos concede, renegaríamos esse espírito de dependência total e viveríamos segundo nossa própria vontade! Desse modo, estaríamos agindo conforme as pessoas do mundo, e desperdiçando nossas forças. Deus quer que a nossa confiança nele e nosso senso de dependência dele sejam constantes. Da mesma maneira que o povo de Israel tinha de colher o maná diariamente, nosso corpo também deve viver por meio da força de Deus a cada momento.

Vivendo assim, não estaremos limitando nossa obra, pois não a estaremos realizando em nossa própria força. Tampouco jamais ficaremos ansiosos por causa do corpo. Como essa é a vontade de Deus, devemos encher-nos de coragem e vi ver dessa maneira, mesmo que a sabedoria humana ache isso arriscado. O Senhor é a nossa força, e estamos apenas esperando que ele nos envie. Em nós mesmos não temos poder para realizar nenhuma tarefa. Todavia nossos olhos estão voltados para o Senhor. Em nós mesmos, achamo-nos totalmente incapazes. Contudo, através *dele,* sairemos e venceremos. Ah, quantos de nós nos consideramos por demais poderosos em nós mesmos! Não aprendemos a não confiar em nossa força, para passarmos a confiar nele. A força do Senhor se aperfeiçoa em nossa fraqueza. Quanto mais reconhecermos que somos incapazes, mais o seu poder se manifestará. Nossa própria força jamais pode cooperar com o Senhor. Se tentarmos empregar nossas forças para reforçar a dele, nada colheremos, senão derrota e vergonha.

O Senhor exige total confiança nele. Por isso, não devemos aplicar esse tipo de atitude apenas às nossas fraquezas naturais, mas também aos nossos pontos positivos. E claro que alguns cristãos estão gozando de saúde e robustez física. Talvez estes estejam pensando que só precisam buscar essa experiência de dependência do Senhor quando estiverem fracos. Isso é um engano. O fato é que tanto aquele que naturalmente é *fraco como o que é forte necessitam da vida de Deus.* Ao Senhor não interessa nada que tenhamos recebido na velha criação. Se os crentes se dispusessem a receber toda a instrução do Senhor, abririam mão de sua própria força para aceitar a de Deus, mesmo que o corpo deles fosse forte e não aparentasse precisar da vida divina. Isso não significa fazer uma opção voluntária pela fraqueza. Pelo contrário, trata-se de descrer de nossa própria força, como descremos de nossos próprios talentos. Tal consagração nos livra de nos exaltarmos a nós mesmos, o que fazemos quando nosso serviço se baseia na energia natural (o que é um mal de muitos servos do Senhor). Atuando pela força de Deus, eles não terão coragem de ir além daquilo que ele ordena. Já sem a força que vem do Senhor, eles vão agir como os fracos, não ousando dar nem um passo sequer. Agirão como se fossem naturalmente fracos, isto é, evitarão trabalhar demais, e viver descuidadosamente.

Nessa vida consagrada, é imperativo que o "eu" fique sob o controle do Espírito Santo; caso contrário, certamente seremos derrotados. Alguns crentes de fato admiram uma

vida de autonegação, mas não conseguem desistir completamente de agir por suas próprias forças. Desse modo, não levam em conta os propósitos de Deus, atuando de acordo com seus próprios desejos. Podem granjear temporariamente a admiração dos homens, mas, por fim, seu corpo entrará em colapso. A vida de Deus jamais se torna escrava da vontade do homem. Uma obra, que não provenha da vontade divina, nunca terá a força do Senhor para sua realização. Se começarmos a agir fora dos propósitos de Deus, descobriremos que a vida divina irá nos faltar, e que nosso corpo frágil é que terá de realizar as tarefas. Para vivermos por meio do Senhor, não podemos agir com presunção. Só devemos começar a atuar depois que tivermos certeza de que realmente se trata da vontade de Deus. Somente através da obediência é que poderemos experimentar a vida de Deus operando por nós. Será que o Senhor nos daria de sua força sabendo que iríamos nos rebelar contra ele?

A BÊNÇÃO DESSA VIDA

Se recebêssemos a vida do Senhor Jesus para ser a vida do nosso corpo, este experimentaria o fortalecimento do Senhor e nosso espírito teria a prosperidade que vem dele.

Do ponto de vista do conhecimento, sabemos que nosso corpo é para o Senhor. Todavia, por causa de nossa vontade própria, Deus não nos pode encher completamente. Agora, porém, nos entregamos totalmente ao Senhor, para que ele possa nos tratar da maneira que bem desejar. Apresentamos nosso corpo como sacrifício vivo. Por conseguinte não controlamos mais nem nossa vida nem nosso futuro. Então entendemos realmente o que significa o fato de que "o corpo é para o Senhor". Aquilo que antes nos preocupava já não pode nos abalar. O inimigo pode tentar-nos, dizendo que esse caminho é muito arriscado, ou que estamos nos descuidando de nós mesmos. Contudo não ficamos tão atemorizados como antes. De uma coisa sabemos: pertencemos ao Senhor completamente. Portanto nada pode acontecer em nossa vida sem o conhecimento e a permissão dele. Qualquer ataque que nos sobrevenha constitui apenas uma indicação de que ele tem um propósito especial para nós e de que sua proteção é infalível. Nosso corpo não nos pertence mais. Já entregamos a ele cada nervo, cada célula e cada órgão. Não somos mais senhores de nós mesmos, daí não termos mais nenhuma responsabilidade. Se o tempo mudar repentinamente, isso diz respeito somente a ele. Uma noite de insônia não nos deixa ansiosos. E ainda que Satanás nos ataque de forma inesperada, lembramo-nos de que a batalha é do Senhor, e não nossa. Agora a vida de Deus flui através do nosso corpo.

Numa situação como essa, outros podem perder a paz, ficar desanimados e preocupados, e buscar uma solução humana para o problema. Nós, porém, exercitamos fé e vivemos por meio da vida de Deus. Sabemos que daqui por diante não vivemos mais pelo alimento, pelo sono, nem pelo que bebemos ou por qualquer outra coisa que fazemos, mas sim pela vida de Deus. Nada disso pode nos causar dano.

Sabendo que o Senhor é para o corpo, podemos agora apropriar-nos de todas as riquezas de Deus para suprimento de nossas necessidades. Sempre que houver uma necessidade urgente, haverá uma provisão. Por isso, nosso coração descansa. Não

pedimos nada mais do que a provisão divina. Também não ficamos satisfeitos com nada menos do que o que ele prometeu. Seja qual for a situação, recusamo-nos a usar nossa própria força para "ajudar" a Deus, tentando resolver os problemas antes da hora por ele determinada. Enquanto os homens do mundo correm ansiosamente em busca de socorro para o seu sofrimento e dor, nós podemos esperar com serenidade a hora de Deus e suas riquezas, devido à união que temos com ele. Não seguramos a vida em nossas próprias mãos, mas buscamos o cuidado do Pai. Isso é que é paz!

Agindo assim, o crente está glorificando a Deus de diversas maneiras. Ele recebe tudo que lhe sobrevenha como uma oportunidade de manifestar a glória do Senhor. Não usa seus próprios métodos, evitando assim interferir com a glória somente devida a Deus. E quando o Senhor estende o braço para livrá-lo, então ele está pronto para render louvores.

O grande anseio desse filho já não é mais receber a bênção do Pai. O próprio Deus é muito mais precioso do que qualquer uma de suas dádivas. Se a cura não for uma manifestação da Pessoa de Deus, então ele prefere não ser curado. Se desejarmos apenas a proteção e a provisão do Pai, se tão-somente lhe clamarmos pedindo que nos livre da tentação, simplesmente cairemos. Essa realidade — Deus viver a nossa vida — não é um negócio. Aqueles que o conhecem genuinamente não imploram a cura, mas sempre buscam o Pai. Se estar bem de saúde implicar desviar-se e afastar-se da glória de Deus, então ele prefere não ser curado. Devemos nos lembrar continuamente disso: sempre que desejamos os dons de Deus em vez do próprio Deus, começamos a falhar.

Se vivermos inteiramente para o Senhor, não ficaremos ansiosos pela ajuda dele, nem pela sua bênção ou provisão. Pelo contrário, nos nos entregaremos incondicionalmente a Deus.

4. VENCENDO A MORTE

A vitória sobre a morte não é uma experiência incomum para os filhos de Deus. O sangue do cordeiro protegeu os israelitas das mãos do anjo da morte, que matou os primogênitos do Egito. Pelo nome do Senhor, Davi foi salvo das garras do leão e do urso, e também das mãos de Golias. Lançando farinha dentro de uma panela, Eliseu retirou a morte que nela havia (2 Rs 4.38-41). Sadraque, Mesaque e AbedeNego não sofreram nenhum dano na fornalha ardente (Dn 3.16-27). Daniel, quando foi lançado na cova dos leões, deu testemunho de que Deus fechara a boca desses animais. Paulo foi picado por uma víbora venenosa, mas atirou-a dentro do fogo, e não sofreu dano (At 28.3-5). Enoque e Elias foram ambos arrebatados para o céu, sem provar a morte. Todos esses são exemplos perfeitos de vitória sobre esse inimigo.

O objetivo de Deus é levar seus filhos a vencer a morte ainda nesta vida. É fato que precisamos triunfar sobre o pecado, sobre o "eu", o mundo e Satanás. Contudo nossa vitória não estará completa sem vencermos a morte. Se quisermos um triunfo completo, devemos destruir esse *último* inimigo (1 Co 15.26). Se não vencermos a morte, estaremos deixando invicto um inimigo.

Existe morte na natureza, em nós, e a morte que vem de Satanás. A Terra jaz sob maldição; e é governada por esta. Se quisermos ter uma vida vitoriosa na Terra, teremos de vencer a morte que está no mundo. A morte está em nosso corpo. Assim que nascemos, ela começa a operar em nós, pois todos iniciam a caminhada em direção à sepultura já no dia em que nascem. Não devemos encarar a morte simplesmente como uma "crise". Antes de mais nada, ela é um processo. Já se encontra em nós, devorando-nos gradativa e implacavelmente. Nossa libertação dessa tenda terrena nada mais é que o momento em que se consuma a prolongada operação da morte. Ela pode atacar nosso espírito, privando-o de vida e poder. Ataca nossa alma, mutilando seus sentimentos, pensamentos e vontade. Agride nosso corpo, tornando-o fraco e doente.

Lendo Romanos 5, vemos que "reinou a morte" (v. 17). Ela não apenas existe, reina também. Reina no espírito, na alma e no corpo do homem. Embora nosso corpo ainda esteja vivo, a morte já está reinando sobre ele. A influência dela ainda não alcançou seu apogeu, mas ela está reinando e vai se expandindo mais e mais, visando a absorver todo o corpo. Vários sintomas que descobrimos em nosso corpo demonstram como é amplo o poder da morte sobre nós. Tudo isso conduz as pessoas para aquele final — a morte física.

Da mesma maneira que existe o reino da morte, existe também o reino da vida (Rm 5.17). O apóstolo Paulo afirma que todos os que recebem a abundância da graça e o livre dom da justiça "reinarão em vida", uma força que excede em muito o poder que opera na morte. Contudo, hoje, os cristãos têm estado tão ocupados com o problema do pecado que praticamente se esquecem do da morte. Tão importante quanto vencer o pecado é derrotar a morte, um problema paralelo que não deveríamos negligenciar. Embora nos capítulos 5 a 8 de Romanos Paulo analise a questão da vitória sobre o

pecado de forma bem distinta, dá igual atenção ao problema da morte: "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Ele aborda tanto a questão do pecado como a da conseqüência dele. Além de apresentar o contraste entre a justiça e a transgressão, também compara a vida e a morte. Muitos cristãos dão bastante valor à ideia de vencer as várias manifestações do pecado em seu caráter e em sua vida diária. Contudo deixam de dar a devida ênfase à maneira pela qual se pode vencer o resultado dele, que é a morte. O apóstolo, porém, inspirado por Deus, nesses poucos capítulos, analisa não só as manifestações do pecado na vida diária, mas também a conseqüência dele, que é a morte.

Precisamos entender com clareza a relação que há entre esses dois elementos. Cristo morreu para nos salvar não apenas dos nossos pecados, mas também da morte. Deus hoje nos conclama a derrotar ambos. Antes de nos convertermos, estávamos mortos em pecados, pois o pecado e a morte reinavam sobre nós. Todavia o Senhor Jesus, morrendo em nosso lugar, tragou nosso pecado e nossa morte. Anteriormente, a morte reinava em nosso corpo. Quando nos identificamos com a morte de Cristo, morremos para o pecado e nos tornamos vivos para Deus (Rm 6.11). Por causa da nossa união com Cristo, "a morte já não tem domínio sobre ele (nós)" e não pode mais nos escravizar (Rm 6.9,11). A salvação de Cristo substitui o pecado pela justiça, e a morte, pela vida. Como o principal objetivo do apóstolo nesse trecho da Escritura é analisar o pecado e a morte, se absorvermos apenas uma parte do tema, não estaremos aceitando sua mensagem completa. Paulo descreve a plena salvação do Senhor Jesus nestes termos:

> ***"A lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2).***

Suponhamos que nossa vitória sobre o pecado seja bem ampla. Como está nossa vitória sobre a morte?

Já que recebemos em nosso espírito a vida não-criada de Deus, nós, que cremos no Senhor e somos regenerados, certamente experimentamos certa medida de vitória sobre a morte. Será, porém, que nossa experiência de triunfo deve limitar-se a tão pouco? Até onde a vida pode vencer a morte? Não há dúvida de que a maioria dos crentes ainda não desfrutou plenamente dessa experiência que Deus tem para eles. Sendo assim, não somos obrigados a confessar que a morte opera mais ativamente em nosso corpo do que a vida? Devemos estar tão atentos a essa questão do pecado e da morte como Deus está. Precisamos vencer a morte também, e não apenas o pecado.

Cristo venceu a morte, por isso os crentes *não têm mais necessidade* de morrer, embora ainda *possam* morrer. Da mesma maneira, Cristo condenou o pecado na carne, por isso *não necessitamos* mais pecar, embora ainda *possamos* pecar. Se nosso alvo é não pecar, nosso objetivo também deve ser não morrer. Nossa relação com o pecado é regida pela morte e ressurreição de Cristo. De igual modo, nossa relação com a morte deve ser regida também por esses dois fatos. Em Cristo, vencemos de modo absoluto tanto o pecado quanto a morte. Por isso, Deus quer que apliquemos em nossa vida a vitória sobre ambos. Geralmente, cremos que, como Cristo venceu a morte por nós, não

precisamos mais nos preocupar com ela. Como podemos, então, exibir a vitória do Senhor em nossa vida? É claro que não temos nenhuma outra base para declararmos vitória a não ser aquela que foi consumada no Calvário. Por outro lado, se não reivindicarmos o que Cristo realizou para nós no Calvário, sem dúvida nenhuma não estaremos buscando a vitória. Não é assumindo uma condição passiva que vencemos o pecado. Do mesmo modo, não podemos vencer a morte negligenciando-a. Deus quer que tenhamos uma atitude de seriedade a respeito da vitória sobre a morte. Isto é, assimilar o fato de que, através da morte de Cristo, podemos realmente vencer o poder da morte em nosso corpo. Até aqui temos subjugado muitas tentações e também a carne, o mundo e Satanás. Agora precisamos nos levantar para vencer o poder do último inimigo.

Se, para resistir à morte, tivermos a mesma determinação que demonstramos para resistir ao pecado, mudaremos completamente nossa atitude para com ela. A humanidade marcha em direção à sepultura. A morte é a herança comum a toda a raça caída. Por isso, nossa tendência natural é adotar uma atitude passiva em relação a ela. Não aprendemos a nos levantar contra a morte. Sabemos que a volta do Senhor é iminente, e assim temos esperança de ser arrebatados para o céu, e não passar pela sepultura. Apesar disso, muitos crentes ainda se preparam para esperar a morte. É verdade que, quando a justiça de Deus opera em nós, passamos a detestar o pecado. Todavia não temos permitido que a vida de Deus opere da mesma forma, para passarmos a odiar a morte.

Para vencer a morte, os crentes devem largar essa atitude de submissão, e adotar a de resistência. Se não rejeitarmos essa conduta *passiva,* não poderemos derrotar a morte. Ela "zombará" de nós, dando-nos um fim fora de tempo. Inúmeros crentes interpretam erradamente a passividade, confundindo-a com fé. Argumentam que entregaram tudo a Deus. Creem que, se não for para eles morrerem, o Senhor certamente os livrará da morte. Se for, sem dúvida nenhuma então ele permitirá que morram. Seja feita a vontade de Deus. Essa ideia *parece* correta, mas será que isso é fé? De modo nenhum. Trata-se simplesmente de uma passividade preguiçosa. Quando *não sabemos* a vontade de Deus, é conveniente orarmos: "Não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42). Isso não quer dizer que não precisamos orar *especificamente,* apresentando nossos pedidos a Deus. Não devemos nos submeter passivamente à morte, pois o Senhor nos instrui a agir de forma ativa em harmonia com sua vontade. Se não tivermos *certeza absoluta* de que Deus quer que morramos, não devemos permitir passivamente que a morte nos vença. Pelo contrário, devemos agir ativamente de acordo com a vontade de Deus para resistir a ela.

Por que é que devemos adotar essa atitude? A Bíblia trata a morte como a um inimigo (1 Co 15.26). Consequentemente, devemos nos opor a ela, subjugando-a. Já que o Senhor Jesus enfrentou a morte aqui na Terra em nosso lugar, ele quer que nós a derrotemos pessoalmente nesta vida. Não devemos pedir a Deus que nos conceda forças para suportar o poder da morte; devemos, pelo contrário, pedir poder para derrotar o dela.

A morte veio por causa do pecado, por isso nossa vitória sobre ela vem da obra do Senhor Jesus, que morreu por nós e nos salvou do pecado. Sua obra redentora está intimamente ligada à morte. "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida." (Hb 2.14,15.) A cruz é a base de nossa vitória sobre o poder da morte.

Satanás tem esse poder, e o obteve devido ao pecado: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e *pelo pecado*, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12 - grifo do autor). Contudo o Senhor Jesus invadiu o domínio da morte, e através do seu ato redentor, removeu seu aguilhão,que é o pecado, desarmando assim o poder de Satanás. Pela morte de Cristo, o pecado perdeu a força, de modo que a morte também ficou sem poder. Com a crucificação de Cristo, se tomarmos posse da vitória do Calvário, passaremos a ter condições de derrotar o poder da morte, e de desfazer o cerco que ela arma ao nosso redor.

Os cristãos têm três caminhos para vencer a morte. Primeiro, confiar que não morreremos enquanto nossa obra não estiver terminada. Segundo, não ter medo da morte, mesmo que ela nos sobrevenha, pois sabemos que seu aguilhão já foi removido. E terceiro, crer que seremos completamente libertos da morte, pois vamos ser arrebatados por ocasião da volta do Senhor. Vamos analisar cada um deles.

SÓ MORRER DEPOIS DE TERMINADA NOSSA OBRA

Se não tivermos convicção plena de que concluímos nossa obra e de que o Senhor não mais requer nossa permanência na Terra, devemos resistir à morte por todos os meios. Se os sinais da morte se tornarem visíveis em nosso corpo antes do término de nossa obra, decididamente devemos resistir tanto a ela como a esses sinais. Podemos crer que o Senhor vai dar todo apoio a essa resistência, pois ainda temos trabalho a realizar. Assim, enquanto nossa missão não chegar ao fim, podemos confiar totalmente no Senhor, mesmo que enfrentemos fortes sinais físicos. Cooperando com o Senhor, e resistindo à morte, logo veremos Jesus operando em nós com o intuito de tragar a morte por meio de sua vida.

Observe como o Senhor Jesus resistiu às garras da morte. Quando o povo tentou empurrá-lo penhasco abaixo, ele passou no meio da multidão e foi embora (Lc 4.29,30).

Certa vez, "Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo" (Jo 7.1). Em outra ocasião, os judeus "pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo" (Jo 8.59). Por que Jesus resistiu três vezes à morte? Sua hora ainda não chegara. Ele sabia que havia um tempo certo estabelecido para a morte do Messias. Ele não morreria antes do momento designado por Deus, nem poderia morrer em qualquer outro lugar, a não ser o Gólgota. Nós também não precisamos morrer antes do tempo.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo também resistiu à morte. Os poderes das trevas queriam para ele uma partida prematura, mas ele sempre alcançou a vitória. Certa vez, na prisão, sabendo que o desfecho ali poderia ser a morte, afirmou:

> ***"Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne. E, convencido disto, estou certo de que ficarei e permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé." (Fp 1.22-25.)***

Paulo não tinha medo de morrer. Pela fé em Deus, porém, sabia que não morreria antes de concluir sua obra. Foi essa sua vitória sobre a morte. E, bem no fim, quando disse "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé", sabia também que "o tempo da minha (sua) partida é (era) chegado" (2 Tm 4.7,6). Não devemos morrer antes de "completar" nossa carreira.

Pedro também teve conhecimento do momento da sua partida: "Certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou" (2 Pe 1.14). É um erro de nossa parte afirmar — com base numa avaliação pessoal das circunstâncias, condições físicas e sentimentos — que nossa hora chegou. Devemos esperar uma revelação clara do Senhor. Vivemos para ele, por isso devemos também morrer para ele. Temos de resistir a qualquer impulso para partir que não seja um chamado do Senhor.

Lendo o Antigo Testamento, vemos que todos os patriarcas morreram "avançados em anos". Que quer dizer essa frase? Significa que viveram até ao fim do tempo que Deus lhes designou. O Senhor determinou para cada um de nós uma certa idade (Jo 21). Se não a alcançarmos, não teremos vencido a morte. Como podemos conhecer o tempo que Deus designa para cada um de nós? A Bíblia apresenta um padrão: "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta..." (Sl 90.10.) Não estamos querendo dizer que todos devem viver pelo menos setenta anos, pois assim estaríamos usurpando a soberania de Deus. Entretanto, caso não recebamos registro de um período mais curto, devemos aceitar esse número como sendo o padrão, e rejeitar uma partida anterior a ele. Permanecendo na Palavra de Deus, alcançaremos a vitória.

NÃO TER MEDO DA MORTE

Quando falamos em vencer a morte, não queremos dizer que nosso corpo nunca morrerá. Embora creiamos que "nem todos dormiremos" (1 Co 15.51), seria errado afirmar que *nós* não morreremos. Como a Bíblia indica que a duração comum da vida deve ser de setenta anos, devemos esperar viver esse período, caso tenhamos fé. Entretanto não podemos esperar viver para sempre, porque Jesus é a nossa vida. Sabemos que, com freqüência, Deus abre exceções. Alguns morrem antes de setenta anos. Pela fé, podemos pedir a Deus apenas para não partirmos antes de concluirmos nossa tarefa. Seja nossa vida longa ou curta, não podemos perecer como os pecadores, isto é, antes que se cumpra a metade dos dias que Deus designou para nós. O tempo que ele nos dá aqui neste mundo deve ser suficiente para realizarmos nossa missão na

vida. Aí então, quando chegar o fim, poderemos partir em paz, tendo sobre nós a graça de Deus, e ir de forma tão natural como a queda de uma fruta plenamente madura. O livro de Jó descreve tal partida assim: "Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo a seu tempo" (Jó 5.26).

Vencer a morte não significa necessariamente não passar pela sepultura, pois Deus pode desejar que alguns a vençam através da ressurreição, como aconteceu ao Senhor Jesus. Contudo os crentes, ao passar pela morte, como o Senhor, não precisam *temê-la.* Se buscarmos vencer as garras da morte por estarmos com medo, ou relutando em morrer, já estaremos derrotados. Pode ser que o Senhor nos salve da morte, arrebatando-nos vivos para o céu. Contudo não devemos pedir que ele volte rapidamente, movidos pelo temor da morte. Tal preocupação mostra que ela já nos venceu. Devemos entender que, mesmo passando pela sepultura, estamos simplesmente indo de um cômodo para outro. Não há justificativa para termos angústias, temores e tremores insuportáveis.

Antes, éramos "todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2.15). O Senhor Jesus, porém, nos libertou, por isso já perdemos o temor. A dor, as trevas e a solidão que acompanham a morte não podem nos amedrontar. O apóstolo Paulo, que experimentou a vitória sobre a morte, testificou: "... o morrer é lucro... tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é *incomparavelmente melhor*" (Fp 1.21,23 - grifo do autor). Não vemos aí a menor sombra de temor. Sua vitória sobre a morte foi real e completa.

SER ARREBATADOS VIVOS

Sabemos que na volta do Senhor Jesus muitos serão arrebatados vivos. Essa é a última maneira pela qual alguém pode vencer a morte. Paulo fala sobre isso em em 1 Coríntios 15.51,52 e em 1 Tessalonicenses 4.14-17. Reconhecemos que não existe data determinada para a vinda do Senhor. Ele poderia ter voltado a qualquer momento, nesses últimos vinte séculos. Com isso, os crentes puderam nutrir a esperança de ser arrebatados sem passar pela sepultura. Visto que hoje a volta do Senhor está muito mais próxima do que antes, nossa esperança de sermos *arrebatados vivos é maior do que a de nossos predecessores.* Não desejamos falar muito, mas podemos afirmar com segurança que, se o Senhor Jesus viesse em nossos dias, certamente gostaríamos de estar vivos para sermos arrebatados. Sendo assim, devemos vencer a morte, não aceitando morrer antes da hora que Deus designou para nós, a fim de sermos arrebatados vivos. De acordo com o que dizem as Escrituras, alguns crentes serão arrebatados sem passar pela morte. Esse arrebatamento constitui outro tipo de vitória sobre a morte. Enquanto permanecermos vivos aqui na Terra não poderemos negar que é possível estarmos entre aqueles que serão arrebatados dessa maneira. Será que isso não é motivo para nos prepararmos para vencer a morte por completo?

Pode ser que morramos. Contudo não somos necessariamente obrigados a morrer. O Senhor Jesus fez várias declarações que deixam isso bem claro. Ele afirmou: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no

último dia" (Jo 6.54). Ainda na mesma ocasião, Jesus disse o seguinte: "Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente" (v. 58). O que o Senhor está ensinando é que, entre os que creem nele, alguns morrerão e ressuscitarão, enquanto outros de modo nenhum passarão pela morte.

Por ocasião da morte de Lázaro, o Senhor Jesus expressou o seguinte:

> ***"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." (Jo 11.25,26.)***

Aqui, ele afirma que é não apenas a ressurreição, mas também a vida. Entretanto muitos crentes creem que ele é a ressurreição, mas se esquecem de que ele é igualmente a vida. Reconhecemos, sem questionar, que ele nos ressuscitará depois que morrermos. Contudo será que admitimos também que ele, por ser nossa vida, é capaz de nos manter vivos? O Senhor Jesus nos apresenta suas duas obras, todavia só cremos em uma. No decorrer desses vinte séculos de cristianismo, os crentes com certeza têm experimentado a realidade da seguinte afirmação do Senhor: "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá." E no futuro, outros certamente irão desfrutar de uma outra afirmação dele: "Todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." Milhares e milhares de crentes já partiram. Entretanto Deus diz que alguns nunca morrerão. Ele não afirma que alguns jamais ressuscitarão, mas, que alguns *nunca morrerão.* Consequentemente, não temos razão para achar que primeiro precisamos morrer para depois ressuscitar. A vinda do Senhor está próxima. Por que, então, temos de morrer primeiro para depois esperar a ressurreição? Por que não esperar que o Senhor venha e nos arrebate, para sermos totalmente libertos do poder da morte?

O Senhor promete ser ressurreição para muitos, e também vida para alguns. Embora seja maravilhoso experimentar a ressurreição dos mortos, como Lázaro, essa não é, de modo nenhum, a única maneira de vencer a morte. O Senhor tem outro método: *Nunca morrerá.* É verdade que temos de andar pelo vale da sombra da morte, mas Deus ergueu uma ponte flutuante para nós, permitindo-nos ir direto para o céu. Essa ponte flutuante é o arrebatamento.

O tempo do arrebatamento se aproxima. Se alguém deseja ser arrebatado, deve aprender a vencer a morte no presente. Antes do arrebatamento, o último inimigo deve ser derrotado. Na cruz, o Senhor Jesus venceu totalmente esse inimigo. Hoje Deus quer que sua igreja experimente essa vitória de Cristo. Todos nós sentimos que estamos vivendo no tempo do fim. O Espírito Santo atualmente está nos inspirando a travar a última batalha com a morte, antes que venha o arrebatamento.

Satanás reconhece que seus dias estão contados, e por isso emprega toda a sua força para impedir que os cristãos sejam arrebatados. Isso explica, em parte, por que os filhos de Deus hoje estão sendo atacados no corpo de forma tão feroz. Como esses ataques físicos são muito sérios, os crentes parecem perceber em si mesmos o odor da morte. Com isso, abandonam qualquer esperança de serem arrebatados. Não têm ideia de que isso nada mais é que um desafio do inimigo, visando a impedir sua ascensão. Se

no entanto, perceberem que estão a caminho do arrebatamento, naturalmente terão um espírito combativo contra a morte. E que sentirão no espírito que a morte é um obstáculo ao arrebatamento, e que eles devem derrotá-la.

O diabo é assassino (Jo 8.44). O propósito da obra de Satanás contra os crentes é matá-los. Ele tem uma tática especial para os últimos dias: magoar os cristãos (Dn 7.25). Se ele puder comunicar-nos mais ansiedade ao espírito, produzir qualquer intranqüilidade em nossa mente, levar-nos a perder o sono por uma noite, ou a comer menos num dia e trabalhar excessivamente em outro, isso mostra que ele já penetrou em nós com seu poder de morte. Um pingo d'água só não pode fazer nada, mas o gotejar contínuo com certeza pode abrir um buraco numa pedra. Satanás acha-se familiarizado com essa verdade, e por isso provoca uma preocupação pequena aqui, um pouco de ansiedade ali, uma negligência acolá, sempre com o propósito de literalmente "magoar" ou destruir os cristãos.

Algumas vezes, o diabo ataca os crentes, causando-lhes a morte. Muitas mortes são resultado de ataques desse tipo, embora poucos reconheçam esse fato. Às vezes os vêem apenas como um resfriado, uma insolação, insônia, exaustão ou perda de apetite. Às vezes, pensam que é a impureza, a ira, o ciúme ou a licenciosidade. Quando os cristãos não percebem que o que está por trás desses acontecimentos é o poder da morte, ficam com sua vitória plena ameaçada. Se os reconhecessem como ataques da morte e aprendessem a resistir, triunfariam. Muitas vezes eles atribuem tais problemas à idade ou a outros fatores, deixando de entender o real significado de tudo que está acontecendo.

O Senhor Jesus voltará em breve. Por isso, devemos empreender uma guerra total contra a morte. Da mesma maneira que lutamos contra o pecado, o mundo e Satanás, precisamos resistir à morte. Não nos limitemos a *pedir* a vitória; vamos também nos apropriar dela. Temos de tomar posse do triunfo de Cristo sobre a morte, em toda a sua plenitude. Se fizéssemos uma revisão da nossa vida até aqui, examinando-a com o conhecimento que Deus tem dela, descobriríamos que muitas vezes fomos assaltados pela morte sem que o soubéssemos. Inúmeras vezes atribuímos os eventos de nossa vida a outras causas, perdendo, assim, a oportunidade de exercitar a capacidade de resistir à morte. Se tivéssemos reconhecido que certos acontecimentos eram ataques desta, Deus nos teria fortalecido para que hoje experimentássemos a vitória sobre esse inimigo. Nesse caso, nossa experiência teria sidocomo passar sobre pontes quebradas e estradas interrompidas. É que todas as circunstâncias pareciam exigir nossa morte, e ainda assim *não podemos morrer.* Mais de uma vez, chegamos a desesperar da vida, contudo *não podemos morrer.* Perguntamos então a nós mesmos por que temos de morrer *agora,* pois embora a batalha se torne renhida, não é nossa vontade partir. Em vez disso, parece que clamamos:

"Não *quero* morrer!"

Qual é o significado dessa experiência? Simplesmente que Deus está nos levando a travar uma última batalha contra a morte, antes de sermos arrebatados. Tais ataques têm apenas um propósito: frustrar nosso arrebatamento.

Armados da vitória de Cristo, devemos fechar com toda firmeza as portas do Hades, que se acham escancaradas. Temos de resistir à morte, proibindo qualquer incursão dela em nosso corpo. Precisamos resistir a tudo que possa significar uma tendência para a morte. Devemos encarar a doença, as fraquezas e o sofrimento com essa atitude. Às vezes, a morte já está operando no corpo, embora ele possa não estar consciente disso. A ansiedade de espírito ou a tristeza de alma também podem produzir a morte. No momento, Deus está nos chamando ao arrebatamento. Então, devemos subjugar qualquer evento que possa impedir que ele aconteça.

Deus submete seus filhos a várias situações que os impelem a entregar a vida totalmente na mão do Senhor, como que por um fio de fé. Deixá-la na mão dele é sua única esperança de sobrevivência. E durante todo o tempo é como se esses cristãos estivessem clamando:

"Senhor, deixa-me viver!"

Nossa batalha hoje é a batalha pela vida.

Em toda parte, há espíritos malignos e assassinos agindo. Se os crentes não resistirem e orarem, serão derrotados. Se continuarem passivos, inevitavelmente morrerão.

Alguém talvez ore assim:
"Senhor, permite-me vencer a morte."

E Deus responderá:

"Se você resistir à morte, permitirei que a vença!"

Se nossa vontade estiver passiva, tal oração será inútil. Devemos dizer:

"Senhor, por causa da tua vitória sobre a morte, agora resisto a todos os ataques dela. Estou determinado a vencer a morte agora. Senhor, torna-me vitorioso."

O Senhor nos capacitará a vencer a morte. Portanto devemos nos apossar das promessas de Deus, pedindo-lhe a vida, e confiando que nada nos poderá causar dano. Não devemos nos render ante o poder da morte, senão ela nos atingirá. E possível até que nos encontremos num lugar altamente contaminado, mas poderemos resistir a essas enfermidades, não permitindo que nenhuma delas nos ataque. Não devemos permitir que a morte nos atinja por meio da enfermidade.

Não podemos mais aguardar a volta do Senhor passivamente, conformando-nos com a ideia de que, de qualquer maneira, seremos todos arrebatados. Precisamos estar preparados. Como em tudo mais, é preciso que a igreja opere em harmonia com Deus também na questão do arrebatamento. A fé nunca deixa os acontecimentos ocorrerem de acordo com a lei do menor esforço. Cada um de nós deve resistir à morte

individualmente. Devemos também ansiar pelo arrebatamento, de todo o coração. É necessário exercitar a fé, mas isso não significa que podemos abandonar passivamente nossas responsabilidades. De que nos adiantará crer, apenas com o intelecto, que podemos escapar da morte se continuarmos a submeter-nos passivamente ao poder dela?

O PECADO MORTAL

A Bíblia menciona um tipo de pecado mortal ou pecado "para morte" (1 Jo 5.16). Não se trata aqui da morte espiritual, pois a vida eterna que Deus dá jamais se pode extinguir. Isso também não pode ser uma alusão à "segunda morte", já que as ovelhas do Senhor não podem perecer. Portanto o termo "morte" aqui significa necessariamente a morte do corpo.

Vejamos, então, qual é, especificamente, a essência do pecado mortal. Sabendo isso, poderemos evitá-lo, a fim de que (1) nossa carne não sofra corrupção, (2) não venhamos a perder a bênção de ser arrebatados antes da morte, ou (3) possamos ainda terminar a obra que o Senhor determinou para nós. Assim, a concluiremos antes que nosso tempo termine e morramos, caso ele demore e tenhamos de passar pela sepultura. Podemos dizer que, pelo fato de muitos filhos de Deus ignorarem essa questão, eles morreram prematuramente e perderam sua coroa. Muitos obreiros ainda poderiam estar servindo ao Senhor, caso tivessem levado isso em consideração.

A Palavra não define claramente em que consiste esse pecado. Ela só nos assegura que ele existe e podemos cometê-lo. Pelos registros das Escrituras, entendemos que esse pecado varia de uma pessoa para outra. O que para uns é mortal, para outros pode não ser, e vice-versa. Isso se deve às variações na graça que cada crente recebe, no conhecimento que cada um tem e na posição que cada um alcança.

Embora a Bíblia, em nenhum lugar, dê nome a esse pecado, podemos no entanto observar que qualquer pecado que resulte em morte constituiu-se em pecado mortal. O povo de Israel cometeu tal pecado em Cades (Nm 13.25 a 14.12). Embora tivessem tentado o Senhor muitas vezes antes (14.22), em todas elas ele simplesmente lhes perdoou. E mesmo nessa vez, quando se recusaram a entrar em Canaã, apesar de lhes ter perdoado, ele também determinou que o *cadáver* deles caísse no deserto (14.32).

Nas águas de Meribá, Moisés foi tentado a falar "irrefletidamente" (Sl 106.33). Esse foi seu "pecado mortal", por isso morreu fora de Canaã. Arão cometeu a mesma ofensa que Moisés, e foi também proibido de entrar na terra santa (Nm 20.24). O homem de Deus que viajava de Judá para Betel desobedeceu à ordem do Senhor com respeito a comer e beber. Com isso, cometeu seu pecado mortal (1 Rs 13.21,22). No Novo Testamento, vemos Ananias e Safira sendo punidos com a morte por terem cometido o que para eles foi seu pecado mortal. Tentaram mentir ao Espírito Santo, guardando parte do produto da venda de sua propriedade (At 5). O homem de Corinto, que viveu com a esposa do pai, também foi culpado desse pecado, forçando o apóstolo Paulo a pronunciar julgamento sobre ele, dizendo que fosse "entregue a Satanás para a

destruição da carne" (1 Co 5.5). Em Corinto, muitos irmãos morreram por não terem discernido o corpo e o sangue do Senhor (1 Co 11.27-30). Esses também cometeram o pecado para a morte.

Para vencer a mortalidade, temos de lutar com persistência contra o pecado, porque é ele que traz a morte. Quem deseja viver até ao fim do tempo que Deus designou para ele, ou até a volta do Senhor, precisa ser cuidadoso para não pecar. Por negligenciar essa questão, muitos têm sido levados para a sepultura prematuramente. O pecado mortal não é nenhuma transgressão particular e terrível, pois a Bíblia não o define em nenhum lugar. O pecado de fornicação, cometido pelos coríntios, pode ser considerado como mortal. Contudo palavras irrefletidas, como as que Moisés pronunciou, também podem tornar-se um pecado para morte. Observemos como as Escrituras caracterizam Moisés: "Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12.3). Por isso, Deus não poderia tolerar nenhum pecado na vida desse homem.

Vivemos no tempo da graça. Deus é cheio de graça para conosco. Que nosso coração esteja confortado! Não permitamos que Satanás nos acuse, insinuando que cometemos o pecado mortal, e que por isso devemos morrer. Embora a Bíblia não ordene que oremos pelos que cometeram o pecado mortal, Deus nos perdoará se julgarmos a nós mesmos e genuinamente nos arrependermos. Na opinião de muitos estudiosos da Bíblia, o homem de 2 Coríntios 2.6,7 é o mesmo que viveu com a esposa do pai. Em 1 Coríntios 11.30-32, Paulo ensina que, mesmo que tenhamos cometido o pecado para morte, podemos escapar se verdadeiramente nos julgarmos. Desse modo, não devemos permitir que nenhum pecado reine em nosso corpo, para que não se torne um pecado mortal. Nossa carne pode estar enfraquecida, todavia jamais devemos perder a atitude de julgar a nós mesmos. Temos de julgar nosso pecado sem misericórdia. É verdade que nunca podemos alcançar uma perfeição total, isto é, viver sem pecados nesta vida, mas é indispensável que os confessemos sempre, confiando na graça de Deus. O Senhor nos perdoará. Aqueles que buscam a vitória sobre a morte precisam lembrar-se disso.

> ***"Ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões, e que se houveram com soberba. Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniqüidade. Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em delícias. Porém, se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira. Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro. Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutos cultuais." Jó 36.9-14.)***

OS ENSINAMENTOS DEPROVÉRBIOS

O livro de Provérbios focaliza o viver diário do crente aqui neste mundo. Nele podemos aprender bastante sobre como conseguimos nos manter vivos. Aqui vamos examinar principalmente as instruções dele relacionadas com o modo de vencermos a morte.

"Filho meu, não te esqueças dos meus ensinos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida e paz." (3.1,2.)

"Será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos. "(3.8.)

"Retenha o teu coração as minhas palavras; guarda os meus mandamentos e vive." (4.4.)

"Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se te multiplicarão os anos de vida." (4.10.)

"Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua vida." (4.13.)

"Porque (meus ensinamentos) são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo." (4.22.)

"Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida." (4.23.)

"O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa." (6.32.)

"Porque o que me acha (sabedoria) acha a vida e alcança favor do Senhor."

(8.35.)

"Porque por mim (sabedoria) se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão." (9.11.)

"A justiça livra da morte." (10.2.)

"O temor do Senhor prolonga os dias da vida, mas os anos dos perversos serão abreviados." (10.27.)

"Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte." (12.28.)

"O temor do Senhor é fonte de vida para evitar os laços da morte." (14.27.)

"O ânimo sereno é a vida do corpo, mas a inveja é a podridão dos ossos."
(14.30.)

"Para o sábio há o caminho da vida que o leva para cima, a fim de evitar o inferno, embaixo." (15.24.)

"O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma." (15.32.)

"O semblante alegre do rei significa vida." (16.15.)

"O que guarda o seu caminho preserva a sua alma." (16.17.)

"O que guarda o mandamento guarda a sua alma; mas o que despreza os seus caminhos, esse morre." (19.16.)

"O temor do Senhor conduz à vida." (19.23.)

"Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa é vaidade e laço mortal." (21.6.)

"O homem que se desvia do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará." (21.16.)

"O que segue a justiça e a bondade achará a vida, a justiça e a honra." (21.21.)

Quando o Espírito de Deus nos instrui a respeito da vitória sobre a morte, descobrimos novos significados nesses versículos. Estamos acostumados a considerar a palavra "vida" apenas dentro do contexto de uma certa terminologia. Quando, porém, entendemos melhor as realidades bíblicas, começamos a reconhecer que, se cumprirmos as condições estabelecidas por Deus, nossa existência física será prolongada. Se, pelo contrário, desobedecermos a esses mandamentos, nossa vida se extinguirá gradativamente. Deus nos exorta, por exemplo, a honrar pai e mãe, "para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Ef 6.2,3). Se desobedecermos a esse princípio, nosso tempo aqui na Terra será reduzido, devido ao pecado. Deus quer que atentemos para suas palavras para que possuamos a sabedoria, busquemos a justiça, e guardemos nosso coração, a fim de não perdermos a vida. Se quisermos viver, precisamos aprender a obedecer.

OS PODERES DO MUNDO VINDOURO

A Bíblia diz que, no reino futuro, o Senhor Jesus será o sol da justiça, trazendo salvação [3] em suas asas (Ml 4.2). E "nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente" (Is 33.24). Naquele tempo nós, os *crentes,* desfrutaremos daquilo que as Escrituras predizem: "E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória." (1 Co 15.54.) Para os cristãos, a característica da era do reino será a ausência de fraqueza, doenças e morte, porque nosso corpo terá sido redimido e Satanás, pisado.

As Escrituras igualmente ensinam que, já no presente, podemos gozar os poderes do mundo vindouro (Hb 6.5). Embora nosso corpo esteja ainda aguardando a redenção, podemos hoje, pela fé, gozar antecipadamente os poderes do mundo por vir, livres de fraquezas, doenças e morte. Essa experiência é muito profunda, mas, se o cristão satisfizer as exigências de Deus, e confiar plenamente na Palavra do Senhor, poderá desfrutar dela. Para a fé, não existe tempo. Assim como ela pode receber

[3] Outras versões dizem "cura", em vez de "salvação". (N. do E.)

daquilo que Deus realizou por nós no passado, também pode obter o que ele ainda há de fazer no futuro.

O apóstolo Paulo descreve a mudança que se operará em nosso corpo, dizendo: "Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito." (2 Co 5.4,5.) A palavra "penhor" aí significa um "sinal", isto é, um pagamento inicial que se faz como garantia de que se pagará tudo futuramente. O Espírito Santo em nós é a garantia divina de que "o que é mortal será absorvido pela vida". Embora até hoje não tenhamos experimentado essa vitória em sua plenitude, podemos experimentá-la em parte, porque possuímos o Espírito Santo como o "sinal". O Espírito nos foi dado para podermos antegozar o triunfo futuro da vida.

> ***"É manifestada (a graça de Deus), agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho." (2 Tm 1.10.)***

A vida e a imortalidade, declara o apóstolo, constituem a porção comum de todos aqueles que recebem o evangelho. Daí a pergunta: "Até que ponto o Espírito Santo pode induzir o crente a entrar na posse dessa bênção?" A morte foi abolida, portanto isso deve trazer algum benefício para nós. Esta nossa era, porém, está prestes a terminar. Com o arrebatamento em vista, o Espírito Santo pretende levar os cristãos a experimentar mais e mais dessa bênção.

Precisamos crer que é possível antegozar os poderes do mundo vindouro. Quando Paulo exclama: "Graças a Deus,que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15.57), está falando de algo que ocorre no *presente,* mas também está levando em conta o problema da *morte.* Embora ele esteja se referindo à vitória total sobre a morte que ocorrerá no futuro, ainda assim não deixa essa experiência inteiramente para o porvir. Ele declara que podemos vencer por meio do Senhor Jesus, agora!

Um dos princípios pelos quais Deus opera é o seguinte: o que ele pretende fazer numa determinada era manifesta primeiro em alguns dos seus fiéis. O que todos vão experimentar no milênio, os membros de Cristo devem experimentar ainda hoje. Mesmo nas dispensações passadas houve pessoas que provaram de antemão dos poderes do mundo vindouro. Quanto mais, então, a igreja de nossos dias deve experimentar a vitória de Cristo sobre a morte! Deus quer que avancemos e atravessemos as fronteiras do Hades agora. O Senhor nos chama a vencer a morte pelo seu corpo. Nossa batalha só chegará ao fim quando derrotarmos o último inimigo.

Cada um de nós deve procurar saber qual é a vontade do Senhor com respeito ao seu futuro. Não estamos defendendo aqui nenhuma ideia supersticiosa, no sentido de que não iremos morrer. No entanto é fato que estamos no tempo do fim e a volta de Cristo não vai mais demorar. Deve consumar-se ainda enquanto vivemos. Por isso, devemos exercitar fé e nos apropriar da Palavra de Deus, confiando que não morreremos, mas veremos o rosto do Senhor ainda vivos. Todos nós, que temos essa esperança nele,

devemos purificar-nos, assim como ele é puro. Procuremos viver para ele a cada momento, recebendo o poder de sua vida ressurreta para suprir nossas necessidades do espírito, da alma e do corpo.

"Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte." (Hb 11.5.)

Devemos crer nisso também. Vamos confiar que não é necessário que morramos. Creiamos que o arrebatamento é certo, e não vai demorar. "Pois, antes da sua trasladação, (Enoque) obteve testemunho de haver agradado a Deus." (Hb 11.5.) E nós?

Oh! como é maravilhosa a glória futura! Como é perfeita a salvação que Deus preparou para nós! Levantemo-nos e nos elevemos. Meu anseio é que estejamos tão cheios do "céu" que a carne não tenha mais lugar em nós, e o mundo não exerça mais nenhuma atração sobre nosso coração! Que o amor do Pai possa estar em nós, de modo que não tenhamos mais nenhuma comunicação com o inimigo! Que o Senhor Jesus possa satisfazer nosso coração, de modo que não desejemos mais ninguém! E que o Espírito Santo possa fazer brotar em cada crente a oração: "Vem, Senhor Jesus!"

QUINTA PARTE
O ESPÍRITO

1. O ESPÍRITO SANTO E O ESPÍRITO DO CRENTE

2. UM HOMEM ESPIRITUAL

3. A OBRA ESPIRITUAL

4. ORAÇÃO E BATALHA

1. O ESPÍRITO SANTO E O ESPÍRITO DO CRENTE

Os crentes hoje são muito deficientes de conhecimento quanto à existência e operação do espírito humano. Muitos desconhecem que além da mente, emoção e vontade eles também têm um espírito. Mesmo tendo ouvido sobre o espírito, muitos cristãos consideram sua mente, emoção ou vontade como sendo o espírito, ou então confessam claramente não saber onde fica o espírito. Tal ignorância afeta grandemente a cooperação com Deus, o controle sobre o ego e a guerra contra Satanás, pois o desempenho delas, em todos os casos, requer a operação do espírito.

É imperativo que os crentes reconheçam que existe um espírito dentro Deles; algo além do pensamento, conhecimento e imaginação da mente; algo além do pensamento, sensação e prazer da emoção; algo suplementar ao desejo, decisão e ação da vontade. Este elemento é muito mais profundo do que estas faculdades. Os filhos de Deus precisam saber que eles não apenas possuem um espírito; eles devem compreender também, como funciona este órgão: sua sensibilidade, seu trabalho, seu poder, suas leis. Só deste modo eles podem andar segundo seu espírito e não segundo a alma ou corpo da sua carne.

O espírito e alma dos não regenerados vieram a se fundir num só; eles, portanto, nada conhecem da presença do seu espírito mortificado; por outro lado, estão, bastante conscientes de forte sensação da alma*. Esta insensatez continua até mesmo depois de serem salvos. Esta é a razão porque os crentes algumas vezes andam segundo o espirito e em outras segundo a carne, embora tenham recebido vida espiritual e experimentado, em alguma medida, a vitória sobre as coisas da carne. Não ter consciência da exigência, movimento, suprimento, impressão e direção do espírito, naturalmente restringe a vida do espirito e permite que a vida natural da alma prossiga sem contestação e como se fosse o princípio vivo do caminhar de alguém. A medida desta ignorância excede em muito o reconhecimento comum manifestado entre os crentes. Devido à sua ignorância com respeito à operação do espírito, os que honestamente desejam uma experiência mais profunda, após terem vencido o pecado, também podem ser facilmente desencaminhados na busca do assim chamado conhecimento bíblico "espiritual" com suas mentes, a provar uma calorosa sensação da presença do Senhor em seus membros físicos, ou uma vida e trabalho procedentes do seu poder volitivo. Eles são enganados ao estimar altamente suas experiências da alma e desta forma tropeçam ao pensar que são sempre tão espirituais. A vida da alma Neles é nutrida de forma desordenada. Eles se tornam tão subjetivos que chegam a declarar que sua experiência é inquestionavelmente espiritual. Consequentemente são impedidos de fazer qualquer progresso espiritual genuíno. Por esta razão os filhos de Deus devem ser humildes diante Dele, buscando conhecer o ensinamento da Bíblia e o funcionamento do espírito através do Espírito Santo, a fim de poderem andar pelo espírito.

A REGENERAÇÃO DO HOMEM[4]

Porque um pecador deve nascer de novo? Por que deve ele nascer de cima? Por que deve haver uma regeneração do espírito? Porque o homem é um espírito caído. Um espírito caído precisa renascer para poder tornar-se um novo espírito. Assim como Satanás é um espírito caído, assim também é o homem; só que ele possui um corpo. A queda de Satanás aconteceu antes da queda do homem. A queda de Satanás pode, portanto, nos ensinar a respeito do nosso estado decaído. Ele foi criado como um espírito a fim de que pudesse ter comunhão direta com Deus. Porém ele caiu e tornou-se o cabeça dos poderes das trevas. Ele agora está separado de Deus e de toda virtude piedosa. Mas isto não significa que Satanás não existe. Sua queda apenas tirou seu relacionamento correto com Deus. O homem, semelhantemente, em sua queda também afundou nas trevas e na separação de Deus. O espírito do homem ainda existe mas está separado de Deus, sem o poder de comungar com Ele e incapaz de governar. Espiritualmente falando, o espírito do homem está morto. Entretanto, assim como o espírito do arcanjo pecaminoso existe para sempre, do mesmo modo o espírito do homem pecaminoso continua a existir. Porter ele um corpo, sua queda fez Dele um homem da carne (Gn. 6:3). Nenhuma religião deste mundo, ética, cultura ou lei pode melhorar este espírito humano caído. O homem corrompeu-se a uma posição carnal; nada Dele mesmo pode levá-lo de volta a uma posição espiritual. Portanto, a regeneração ou regeneração do espírito, é absolutamente necessária. Somente o Filho de Deus pode nos restaurar a Deus, pois Ele derramou seu sangue para purificar nossos pecados e nos dar uma nova vida.

No momento em que o pecador cré no Senhor Jesus ele nasce de novo. Deus lhe concede Sua vida não criada a fim de que o espírito do pecador possa ser vivificado. A regeneração de um pecador ocorre em seu espírito.

A obra de Deus começa, sem exceção, dentro do homem, do centro para a circunferência. Quão diferente é o padrão da obra de Satanás! Ele opera do exterior para o interior. Deus visa primeiro renovar o espírito entenebrecido do homem comunicando vida a ele, porque foi este espírito que Deus srcinalmente designou para receber Sua vida e para comungar com Ele. O propósito de Deus, depois disso, é sair do espírito para invadir a alma e o corpo do homem.

Esta regeneração concede ao homem um novo espírito, como também vivifica o seu antigo espírito. "Porei dentro de vós um novo espírito" - "O que é nascido do Espírito é espírito" (Ez.36:26; Jo.3,-6). O "espírito" nestas passagens tem a vida de Deus em vista, pois não é algo que srcinalmente possuíamos; ela nos é concedida por Deus em nossa regeneração. Esta nova vida ou espírito pertence a Deus (2Pd.l:4) e "não pode pecar" (1 Jo.3:9); mas nosso espírito, embora vivificado, ainda pode ser maculado (2Co.7:1) e necessitar da santificação (1Tess.5:23).

---

[4] Compare com a Primeira Parte, capítulo 4

Quando a vida de Deus (que pode igualmente ser chamada de "Seu espírito") entra em nosso' espírito humano, este é vivificado do seu estado de coma. Aquilo que estava" separado da vida de Deus" (Ef.4:18) agora volta a viver novamente. Por isso "o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça" (Rom.8:10). o que ganhamos em Adão é um espírito morto; o que recebemos em Cristo na regeneração é tanto o espírito morto vivificado, como o novo espírito da vida de Deus: este último é algo que Adão nunca teve.

Na Bíblia a vida de Deus é sempre qualificada de "vida eterna". A palavra "vida" aqui é

zoe no Grego, indicando a vida superior ou a vida do espírito. É isso que cada cristão recebe em sua regeneração. Qual é a função desta vida? "E a vida eterna é esta", Jesus orou ao Pai, "que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste" (Jo.17:3). A vida eterna significa mais do que meramente bênçãos futuras a serem desfrutadas pelos crentes; ela é igualmente uma espécie de capacidade espiritual. Sem ela ninguém pode conhecer a Deus nem ao Senhor Jesus. Tal conhecimento intuitivo do Senhor só vem depois do recebimento da vida de Deus. Com o germe da natureza de Deus dentro Dele, o indivíduo pode finalmente tornar-se um homem espiritual.

O propósito de Deus num homem regenerado à levá-lo, por meio do seu espírito, a livrar-se de tudo o que pertence à velha criação, pois dentro do seu espírito regenerado jaz todas as obras de Deus para com ele.

O ESPÍRITO SANTO E A REGENERAÇÃO

Quando regenerado, o espírito do homem é vivificado por meio da entrada da vida de Deus. O Espírito Santo é a força motriz nesta tarefa. Ele convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (Jo.16:8). Ele prepara os corações humanos para crerem no Senhor Jesus como Salvador. A Obra da cruz foi realizada pelo Senhor Jesus, porém, a aplicação desta obra consumada no coração do pecador foi deixada ao Espírito Santo. Devemos conhecer o relacionamento entre a cruz de Cristo e sua aplicação pelo Espírito. A cruz realiza tudo, mas o Espírito comunica ao homem o que foi realizado. A cruz nos garante a posição; o Espírito Santo nos dá a experiência. A cruz introduz o fato de Deus; o Espírito Santo efetua a demonstração deste fato. A obra da cruz cria uma posição e alcança uma salvação pela qual os pecadores possam ser salvos; a tarefa do Espírito Santo é revelar aos pecadores aquilo que a cruz criou e alcançou a fim de que eles possam de fato recebê-lo e serem salvos. O Espírito Santo nunca opera independentemente da cruz; sem a cruz o Espírito Santo não tem a base correta para operar. Sem o Espírito Santo a obra da cruz está morta, isto é, ela não produz efeito algum nos homens embora já seja eficaz diante de Deus.

Embora seja a cruz que realiza toda a obra da salvação, é o Espírito Santo Quem opera diretamente nos homens para a salvação Deles. Por isso a Bíblia caracteriza nossa regeneração como uma obra do Espírito Santo: "O que é nascido do Espírito é espírito" (Jo.3:6). O Senhor Jesus explica depois, que o homem regenerado é "todo aquele que é nascido do Espírito" (v.8). Os crentes nascem de novo porque o Espírito Santo aplica a

obra da cruz Neles e comunica a vida de Deus ao seu espírito. Ele não é outro senão o comunicador da vida de Deus. "Vivemos pelo Espírito" (Gl.5:25). Se qualquer coisa que os homens conheçam vem através dos seus cérebros, sem o Espírito Santo regenerar seu espírito, então este conhecimento não os ajudará em nada. Se a crença Deles descansa na sabedoria do homem e não no poder de Deus, eles são simplesmente estimulados em sua alma. Não durarão muito tempo, pois ainda não são realmente nascidos de novo. A regeneração vem somente àqueles que creem em seus corações (Rm.10:10).

Além de conceder vida aos crentes no novo nascimento, O Espírito Santo executa outra obra que é de habitar Neles. Quão lamentável esquecemos disso! "Também vos darei um coração novo e porei dentro de vós um espírito novo... ainda porei dentro de vós o meu Espírito" (Ez.36:26,27). Observe que imediatamente depois da cláusula "porei dentro de vós um espírito novo" segue esta outra: "porei meu Espírito dentro de vós". A primeira declaração quer dizer que os crentes receberão um novo espírito, por meio da restauração do seu espírito morto pela entrada da vida. A segunda refere-se à permanência do Espírito Santo no espírito restaurado Deles. No novo nascimento os crentes obtêm não apenas um novo espírito, mas também o Espírito Santo habitando dentro. Não é triste que muitos falhem em compreender a novidade do seu espírito e a habitação do Espírito Santo em seu novo espírito? Os cristãos não precisam demorar muitos anos após a regeneração para despertar repentinamente na busca do Espírito Santo; eles têm sua personalidade total habitando Neles no momento em que são salvos e não apenas os visitando. O apóstolo nos exorta neste verso: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual tostes selados para o dia da redenção" (Ef.4:30). O uso da palavra "entristecer" aqui e não "irar" revela o amor do Espírito Santo. Ele diz "entristecer" e não "fazê-lo partir", porque "ele habita convosco e estará em vós" (Jo. 14:17). Embora todo crente nascido de novo tenha o Espírito Santo residindo permanentemente Nele, a situação do Espírito residente não pode ser a mesma em todos os santos: Ele pode ser entristecido ou alegrado.

Devemos compreender a relação entre regeneração e o Espírito Santo de habitação. A menos que um novo espírito esteja disponível para Ele, o Espírito Santo não pode encontrar um lugar para habitar. A pomba não encontrou lugar para colocar seus pés no mundo julgado; ela só podia fazer sua morada na nova criação (veja Gn.8). Quão positivamente essencial é a regeneração! Sem ela o Espírito Santo não pode de forma alguma morar no homem. Os filhos de Deus recebem dentro Deles a habitação permanente do Espírito de Deus. Assim como este novo espírito emerge através de um relacionamento com Deus, que produz vida e está portanto inseparável Dele, assim também a habitação do Espírito Santo é eternamente imutável. Poucos são os que sabem que nasceram de novo e possuem uma nova vida; mas em número menor são aqueles que sabem que a partir do momento em que creram no Senhor Jesus passaram a ter o Espírito Santo habitando Neles para ser sua energia, seu guia e seu Senhor. É por esta razão que muitos cristãos jovens são lentos no progresso espiritual e parecem nunca crescer. Esse triste estado reflete a tolice dos seus líderes ou sua própria infidelidade. Antes que os servos de Deus se livrem do seu preconceito que afirma que

"o Espírito Santo de habitação é apenas para o espiritual", eles dificilmente poderão conduzir as pessoas a qualquer grau de espiritualidade.

A obra regeneradora do Espírito de Deus envolve muito mais do que nos convencer do pecado e nos conduzir ao arrependimento e fé no Salvador. Ela realmente nos concede uma nova natureza. A promessa do Espírito Santo habitando em nós segue intimamente a promessa de se ter um novo espírito. Na verdade elas formam duas partes da promessa. Ao convencer os homens do pecado e conduzi-los a crer no Senhor, o Espírito está apenas preparando a base para Sua própria habitação. A glória singular dessa dispensação da graça é apenas que o Espírito de Deus habita nos crentes a fim de manifestar o Pai e o Filho. Deus já comunicou Seu Espírito aos Seus filhos, os quais devem agora reconhecer fielmente o Espírito Santo e se submeterem leal mente a Ele. Tanto o Dia da Ressurreição quanto o Dia de Pentecostes já passaram; o Espírito já veio há muito tempo. Mas muitos experimentam o novo nascimento sem saber em acréscimo da habitação do Espírito Neles. Estão, portanto, vivendo do lado errado da ressurreição e do Pentecoste!

A despeito da dureza dos cristãos em reconhecer a habitação da Pessoa do Espírito de Deus Neles, Deus ainda assim O concedeu a eles. Este é um fato imutável que nenhuma condição do cristão pode contestar. Porque foram regenerados, eles automaticamente se tornaram um templo santo adequado para a habitação do Espírito Santo. Se estes apenas reclamassem por fé esta parte da promessa de Deus assim como fizeram com a outra parte, eles experimentariam gloriosamente as duas. Mas se enfatizarem o novo nascimento e ficarem contentes apenas com o possuir um novo espírito, perderão a possibilidade de experimentar uma vida vigorosa e alegre e muitas bênçãos que Deus providenciou para eles no Senhor Jesus. Se por outro lado, aceitarem a promessa de Deus em sua totalidade, confiando no fato divino de que na regeneração Deus lhes deu uma nova vida mais a habitação da própria Pessoa do Espírito Santo, então sua vida espiritual avançará tremendamente.

Pela fé e obediência os crentes podem experimentar a presença permanente do Espírito no mesmo dia que recebem seu novo espírito. A Pessoa que reside dentro revelará Cristo Neles, os santificará e os conduzirá para as verdadeiras alturas espirituais. Mesmo assim, os cristãos frequentemente não apreciam a posição exaltada que esta Pessoa ocupa e assim, se rebaixam a desprezar Sua habitação e a seguir os ditames de suas mentes. Estes indivíduos precisam se humilhar diante de tal luz, aprender a respeitar tal Santa Presença e estarem dispostos a deixar que Ele opere. Devem tremer diante Dele pelo amor e não ousarem impor sua vontade no mínimo, mas lembrando sempre como Deus os exaltou por virtude da Sua presença permanente. Qualquer que desejar habitar em Cristo e viver uma vida santa como a Dele, deve aceitar pela fé e obediência a provisão de Deus. O Espírito Santo já está em nosso espírito, portanto, a questão diante de nós agora é: desejamos permitir que Ele opere dentro de nós?

O ESPÍRITO SANTO E O ESPÍRITO DO HOMEM

Tendo visto como o Espirito Santo vem e habita no crente no novo nascimento, devemos em seguida observar exatamente onde Ele habita. Fazendo assim, é nossa esperança podermos conhecer melhor Sua operação em nós.

"Não sabeis vós que sois santuário de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós?" (ICo.3:16). O apóstolo Paulo indica aqui que o Espírito Santo habita em nós, assim como Deus habitava no templo antigamente. Embora o templo em sua totalidade simbolize o lugar da presença de Deus e sirva como figura geral da habitação de Deus, é, todavia, no Santo dos Santos onde Deus realmente habita. O Lugar Santo e o átrio exterior representam aquelas esferas da atuação divina que estão em concordância com a presença de Deus no Santíssimo. Correspondendo verdadeiramente a esta tipologia, o Espírito de Deus habita agora em nosso espírito, que é o antítipo do Santo em nosso tempo.

O habitador e sua habitação devem partilhar do mesmo caráter. Somente o espírito regenerado do homem - e não a mente, emoção ou vontade da sua alma, e nem tampouco seu corpo - é adequado para ser o lugar de habitação de Deus. O Espírito é tanto edificador como habitador. Ele não pode habitar onde não edificou; Ele edifica para habitar e habita somente naquilo que edificou.

O óleo santo da unção não deve ser derramado sobre a carne; conseguintemente, é óbvio que o Espírito Santo não pode fazer Sua morada na carne do homem pois ela inclui tudo o que o homem tinha ou era antes da regeneração. Ele não pode nem mesmo habitar no espírito de um homem não regenerado, para não mencionar a mente, emoção ou vontade da sua alma ou em seu corpo. Visto que o óleo santo da unção não é derramado sobre a carne, assim também o Espírito Santo não habita em nenhuma parte da carne. Ele não tem ligação com a carne, a não ser que Ele luta contra ela (Gl.5:17). A menos que haja um elemento dentro do homem diferente da carne, o Espírito Santo Se encontra incapacitado de habitar no homem. É portanto, indispensável que o espírito do homem seja regenerado a fim de que Ele possa habitar no novo espírito.

Por que é tão importante entender que o Espírito Santo habita na profundeza mais interior do homem, no interior mais profundo, do que em seus órgãos de pensamento e decisão? Porque a menos que o filho de Deus perceba isso, ele invariavelmente buscará sua direção em sua alma. Com o entendimento ele será livrado do engano e do erro de olhar para o que é exterior. O Espírito Santo vive no recesso mais remoto do nosso ser; lá e somente lá podemos esperar sua operação e obter Sua liderança. Nossas orações são dirigidas ao "nosso Pai que está no céu", mas o Pai celestial nos guiado nosso interior. Se o nosso Conselheiro, nosso Paracleto, reside em nosso espírito, então Sua liderança deve vir do interior. Quão tragicamente enganados seremos se buscarmos sonhos, visões, vozes e sensações em nosso homem exterior, ao invés de buscarmos a Ele em nosso homem interior!

Frequentemente muitos filhos de Deus se voltam para si mesmos, isto é, eles examinam suas almas para determinar se têm paz, graça ou progresso espiritual. Isto é muitíssimo prejudicial e não vem da fé. São desviados do contemplar a Cristo, para a contemplação de si mesmos. Existe um perscrutado interior que é totalmente diferente deste mencionado acima. É o maior ato de fé. É uma busca por direção olhando para o Espírito que habita em nosso espírito. Embora a mente, emoção e vontade do crente não possam discernir as coisas no interior, ainda assim ele deve crer, mesmo quando em trevas, que Deus lhe deu um novo espírito no qual Seu Espírito habita. Assim como Deus, que habitava nas trevas atrás do véu do Santo dos Santos e era temido, embora não fosse visto no lugar Santo e átrio exterior, assim também o Espírito Santo que habita no espírito do homem é incompreensível pela alma e pelo corpo.

Assim somos capazes de reconhecer o que é a vida espiritual autêntica. Ela não deve ser descoberta ou experimentada nos muitos pensamentos e visões da mente, nem nos sentimentos animadores da emoção, nem tampouco no tremor repentino, penetrante e tocante do corpo por força exterior. Ela deve ser encontrada na vida que emana do espírito, da parte mais interior do homem. Andar verdadeiramente segundo o espírito é compreender o mover dessa área mais oculta e segui-la desse modo. Maravilhosas como possam ser as experiências que ocorrem por meio dos componentes da alma, elas não devem ser aceitas como espiritualmente válidas enquanto permanecerem no exterior e não forem mais profundas do que sensações. Somente o que resulta da operação do Espírito Santo dentro do espírito do homem pode ser considerado como experiência espiritual. Por isso é necessário fé para se viver uma vida espiritual.

"O Espírito mesmo testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm.8:16). O espírito do homem é o lugar onde o homem opera junto com Deus. Como sabemos que nascemos de novo e somos, portanto, filhos de Deus? Sabemos porque nosso homem interior foi vivificado e o Espírito Santo habita Nele. Nosso espírito é regenerado e renovado e Aquele que habita neste novo espírito ainda que distinto Dele, é o Espírito Santo. E os dois dão testemunho juntos.

2. UM HOMEM ESPIRITUAL

Uma pessoa cujo espírito é regenerado e dentro da qual habita o Espirito Santo ainda pode ser carnal; pois, seu espirito pode estar sob a opressão da sua alma ou corpo. Algumas ações bem definidas são exigidas, caso ela queira se tornar espiritual.

Falando de modo geral, encontraremos pelo menos dois grandes perigos em nossa vida, mas somos capacitados a vencer não apenas o primeiro mas o segundo também. Estes dois perigos com seus correspondentes triunfos são: o de continuar sendo um pecador que perece ou se tornar um crente salvo e o de continuar como um crente carnal ou se tornar um crente espiritual. Um pecador tornar-se crente é demonstravelmente realizável e do mesmo modo um crente carnal tornar-se um crente espiritual. O Deus que pode transformar um pecador num cristão por dar-lhe Sua vida, pode, igualmente, transformá-lo de cristão carnal em cristão espiritual, dando-lhe Sua vida mais abundantemente. A fé em Cristo faz de alguém um crente regenerado; a obediência ao Espírito Santo faz Dele um crente espiritual. Assim como o relacionamento correto com Cristo gera um cristão, assim o relacionamento adequado com o Espírito Santo produz um homem espiritual.

Somente o Espírito pode fazer crentes espirituais. É seu trabalho levar os homens à espiritualidade. Nos preparativos do projeto redentor de Deus, a cruz realiza a obra negativa de destruir tudo aquilo que vem de Adão, enquanto que o Espírito Santo executa a obra positiva de edificar tudo aquilo que vem de Cristo. A cruz torna a espiritualidade possível aos crentes, mas é o Espírito Santo quem os torna espirituais. O significado de ser espiritual é pertencer ao Espírito Santo. Ele fortalece com poder o espírito humano a fim de governar o homem inteiro. Em nossa busca da espiritualidade, portanto, nunca devemos esquecer o Espírito Santo. Entretanto, não devemos também colocar a cruz de lado, porque a cruz e o Espírito trabalham lado a lado. A cruz sempre conduz os homens ao Espírito Santo e Este, sem dúvida, conduz os homens à cruz. Estes dois nunca operam independentemente um do outro. Um homem espiritual deve conhecer experimentalmente o Espírito Santo no seu espírito. Ele deve passar por muitas experiências espirituais. Por causa da clareza vamos discuti-las numa certa sequência, embora na prática real elas frequentemente aconteçam simultaneamente.

Algumas observações serão feitas com respeito ao como ser espiritual, mas não esqueçamos aquilo que aprendemos anteriormente[5]. Devemos reconhecer a esta altura que é a carne que impede que alguém seja espiritual. Por isso, se alguém mantém uma atitude adequada para com ela, ele não encontrará dificuldade em progredir. É surpreendentemente verdadeiro que, quanto mais uma pessoa se torna espiritual, mais ela conhece a carne, porque ela a descoberta é sempre crescente. Se não ativesse conhecido, como poderia ser espiritual? Por isso, não devemos negligenciar o que foi discutido antes com respeito à carne, pois serve como base para buscar a

[5] Veja Segunda Parte, Capítulos 4 e 5, principalmente o 5

espiritualidade. A menos que haja este tratamento fundamental para com a carne, não importa qual seja o progresso que alguém faça, ele será inevitavelmente superficial, raso e irreal. Mas se alguém sabe como resistir sua carne em todas as coisas, negando sua atividade, poder e opinião, ele já pode ser considerado espiritual. Todavia, ainda gostaríamos de citar algumas medidas positivas que estão relacionadas diretamente com o espírito.

A DIVISÃO DO ESPÍRITO E ALMA[6]

A implicação principal de Hebreus 4:12 é se estamos vivendo pela liderança intuitiva no espírito, ou pela boa ou má influência natural da alma. A Palavra de Deus deve julgar nesse sentido particular, pois somente a cortante Espada de Deus pode diferenciar a fonte do nosso viver. Assim como a faca do homem divide juntas e medulas, assim a Espada de Deus também penetra e separa o espirito e alma que estão mais intimamente ligados. Inicialmente tal divisão pode ser simplesmente uma questão de conhecimento, mas é essencial que ela seja levada para a esfera da experiência; caso contrário nunca; será realmente compreendida. Os crentes devem permitir que o Senhor introduza esta separação do espírito e alma em seu caminhar prático. Devem buscá-la não somente de modo positivo com consagração, oração e submissão à operação do Espírito Santo e da cruz, mas também possuir em realidade tal experiência. Seus espíritos devem ser libertados da prisão da alma que os limita. Estes dois devem ser separados totalmente, assim como o espírito e a alma do Senhor Jesus não eram nem um pouco misturados. O espírito intuitivo precisa ser totalmente libertado de qualquer influência que venha da mente ou emoção da alma*. O espírito deve ser a única residência e escritório do Espírito Santo. Ele deve ser libertado de qualquer perturbação da alma.

As várias experiências de se ter o homem exterior separado do homem interior produzirá um crente espiritual. Um crente espiritual difere dos outros pela simples razão de ter todo o seu ser governado por seu espírito. Tal controle do espírito significa mais do que a autoridade do Espírito Santo sobre a alma e o corpo do homem; significa também que o próprio espírito do homem, após ser elevado como cabeça sobre o todo do homem por meio da operação do Espírito Santo e da cruz, não é mais governado pela alma e o corpo, mas é bastante poderoso para subjugá-los ao seu governo.

A divisão desses dois órgãos é necessária para se entrar na vida espiritual. É aquela preparação sem a qual os crentes continuarão a serem afetados pela alma e por isso sempre seguirão um caminho misto: algumas vezes andando segundo a vida do espírito e outras segundo a vida natural. O curso Deles falha na característica de pureza, pois tanto o espirito quanto a alma são seus princípios de vida. Esta mistura mantém os crentes dentro de uma estrutura da alma**, a qual danifica seu caminhar como também impede a realização da importante obra do Espírito.

[6] Compare com a Terceira Parte, capítulo 5

Se a vida exterior e interior de um crente for definitivamente separada, de tal modo a andar segundo a vida interior e não a exterior, ele sentirá imediatamente qualquer mover na sua alma e instantaneamente se livrará do seu poder e influência como se estivesse maculado. Realmente, tudo o que pertence à alma é corrompido e pode macular o espírito. Mas depois de experimentar a separação da alma e espírito, o poder intuitivo do espírito se torna muito agudo. Tão logo a alma desperta, o espírito sofre e resiste imediatamente. O espírito pode até mesmo ser entristecido pela agitação desordenada da alma nos outros. Na verdade, ele rejeitará o amor da alma**, ou afeição natural de alguém como algo insuportável. Somente depois de experimentar tal separação é que os cristãos passam a possuir um genuíno sentido de pureza. Aí eles sabem que não apenas o pecado, mas tudo o que pertence à alma** é corrompido e maculado e deve ser resistido. Não só isso, mas é mais do que simplesmente saber, pois qualquer contato com aquilo que é da alma** - seja neles mesmos ou nos outros - leva seus espíritos intuitivos a se sentirem maculados e a exigirem purificação imediata.

UNIDO AO SENHOR EM UM ESPÍRITO

Em sua primeira carta aos Coríntios, Paulo informou seus leitores que qualquer que "está unido ao Senhor, faz-se um espírito com ele" (6:17). Observe que ele não disse "uma alma com ele". O Senhor ressurreto é o Espírito doador de vida (1Co.15:45). Sua união com o crente é, portanto, uma união com o espírito do crente. A alma, a sede da personalidade do homem, pertence ao natural. Tudo o que ela pode e deve ser é um vaso para expressar o fruto da união entre o Senhor e o homem interior do crente. Nada em sua alma compartilha da vida do homem; é somente no espírito que tal união é efetuada. A união é de espíritos sem qualquer lugar para o natural. Se houver mistura do que é natural com o espírito, ele causará impureza para a união dos espíritos. Qualquer ação tomada segundo nosso pensamento, opinião ou sentimento pode enfraquecer o lado experimental dessa união. Coisas da mesma natureza se unem perfeitamente. Visto que o espírito do Senhor é puro, o nosso precisa ser igualmente puro, afim de ser verdadeiramente unido com Ele. Se um crente se apega às suas ideias maravilhosas e não está disposto a por de lado sua preferência e opinião, sua união com o Senhor não será manifestada na experiência. A união dos espíritos não permite impureza de qualquer coisa que seja da alma**.

Onde jaz esta união? É na identificação com Cristo em Sua morte e ressurreição. "Porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição" (Rm.6:5). Este versículo explica nossa união com o Senhor como sendo uma união com Sua morte e ressurreição. Isto simplesmente indica que somos completamente um com Ele. Aceitando Sua morte como nossa morte, entramos nessa união com o Senhor. Aceitando, adicionalmente, Sua ressurreição, nós que morremos com Ele seremos ressuscitados também. Por meio da aceitação da Sua ressurreição por fé, nós permaneceremos experimentalmente no lugar da ressurreição. Porque o Senhor Jesus foi ressuscitado dos mortos segundo o Espírito de santidade (Rm.1:4), e foi vivificado no espírito (1 Pd.3:18), nós também,

quando unidos com Ele na ressurreição, estamos na verdade unidos com Ele em Seu Espírito ressurreto. Daqui em diante estamos mortos para tudo o que pertence a nós mesmos e vivos somente para o Seu Espírito. Isto exige que exercitemos fé[7]. Uma vez identificados com Sua morte, perdemos o pecaminoso e o natural em nós; uma vez identificados com Sua ressurreição, estamos unidos com Sua vida ressurreta. Assim nosso ser interior, que agora está unido com o Senhor, torna-se um espírito com Ele. "Fostes mortos... mediante o corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, àquele que ressurgiu dentre os mortos... para servirmos na nova vida do Espírito (RSV)" (Rom.7:4,6). Através da morte de Cristo somos unidos a Ele, a saber, em Sua vida ressurreta. Tal união nos capacita a servi-lo na nova vida do Espírito, livre de qualquer impureza.

Quão maravilhosa é a cruz! É o fundamento para tudo o que é espiritual. O propósito e fim da sua operação é unir o espírito do crente com o Senhor ressurreto num espírito. A cruz deve penetrar profundamente para livrá-lo do que é pecaminoso e do que é natural dentro Dele, a fim de que possa ser unido à vida ressurreta positiva do Senhor e assim se tornar um espírito com Ele. O espírito do crente, junto com tudo aquilo que é natural e transitório Nele, precisa passar pela morte para ser purificado e depois unido para tornar-se um espírito com o Senhor no frescor e pureza da ressurreição. Espírito é unido a Espírito, para tornar-se um espírito, e o resultado será: servir ao Senhor "em novidade de espírito" (Rm.7:6).

Aquilo que é natural, do ego e das atividades animais, não tem mais lugar no caminhar do crente e no seu trabalho. Tanto alma como corpo podem então, manifestar o propósito, a obra e a vida do Senhor. A vida do Espírito deixa sua impressão em tudo, e tudo mostra o fluir do Espírito do Senhor.

Isto é vida de ascensão. O crente é unido ao Senhor que está assentado à mão direita de Deus. O Espírito do Senhor entronizado flui para o espírito do crente, o qual está na terra mas não é do mundo; a vida entronizada é consequentemente vivida sobre a terra. A cabeça e o corpo partilham da mesma vida. Com tal união Ele é capaz de fluir o poder da Sua vida através do espírito do crente. Assim como um tubo ligado a uma fonte é capaz de transportar água viva, assim também o espírito do crente que está unido ao Espírito do Senhor é capaz de transmitir vida. O Senhor não é apenas o Espírito; Ele é o Espírito que dá vida também. Quando nosso espírito está unido intimamente com o Espírito doador de vida, ele está cheio de vida e nada pode limitar esta vida. Como precisamos ter isso em nosso espírito a fim de que possamos triunfar continuamente em nosso caminhar diário. Tal união nos veste com a vitória do Senhor Jesus. Ela nos dá o conhecimento da Sua vontade e mente. Ela edifica e expande a nova criação dentro de nós pelo rico influxo da vitalidade e natureza do Senhor. Através da morte e ressurreição nosso espírito ascende - assim como o Senhor foi assunto ao alto - e experimenta "os lugares celestiais", tendo posto sob os pés tudo aquilo que é terreno.

[7] Veja Terceira Parte, Capítulo 1, sobre os dois fundamentos para o livramento do pecado.

Nosso ser interior está em ascendência, muito acima de qualquer obstáculo ou perturbação. Sim, ele prossegue livre e viçoso e discerne tudo com a visão transparente do céu. Quão radicalmente diferente esta vida do céu sobre a terra é, daquela que é dominada pela emoção. A vida do céu manifesta a natureza celestial e é persistentemente espiritual.

CONHECENDO A HABITAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Os filhos de Deus já têm o Espírito Santo habitando Neles, mas podem não reconhecê-Lo ou obedecê-Lo. Eles precisam fazer isso de modo completo. Devem reconhecer que esta presença que Neles habita é uma Pessoa. Alguém que ensina, guia e lhes comunica a realidade de Cristo. Até que estejam desejosos a reconhecer a tolice e dureza de suas almas e preparados para serem ensinados, eles bloqueiam o caminho dessa Pessoa. É necessário que eles deixem que Ele regule tudo afim de revelar a verdade. A menos que conheçam no profundo dos seus seres que o Espírito Santo de Deus está habitando Neles e esperem Seu ensino em seus espíritos, eles não darão as boas vindas à Sua operação na vida de suas almas. Somente quando deixarem de buscar qualquer coisa para si mesmos e tomarem apenas a posição de aprendizes, é que serão ensinadas pelo Espírito, verdades que poderão digerir. Sabemos que Ele verdadeiramente habita em nós quando entendemos que nosso espírito, que é mais profundo que o pensamento e a emoção, é o Santo dos Santos pelo qual comungamos com o Espírito Santo e no qual aguardamos Sua comunicação. À medida que O reconhecemos e respeitamos, Ele manifesta Seu poder da parte oculta do nosso ser estendendo Sua vida à nossa vida consciente e da alma*.

Os cristãos em Corinto eram da carne. Ao exortá-los para se apartarem do seu estado carnal, Paulo repetidamente lembrou-lhes do fato de que eles eram o templo de Deus e que o Espírito Santo vivia Neles. O conhecimento de que Ele habita Neles, ajuda os cristãos a vencerem seu estado carnal. Eles devem saber e compreender perfeitamente pela fé que Ele habita Neles. Os cristãos não devem se contentar apenas com o conhecimento mental da doutrina do Espírito Santo conforme dado na Bíblia; eles precisam também conhecê-Lo experimentalmente. Então se entregarão sem reservas a Ele para renovação e submeterão cada parte das suas almas e corpos à Sua correção.

O apóstolo apresentou esta pergunta aos Coríntios: "Não sabeis que o Espírito de Deus habita em vós?" (lCo.3:16). Paulo parecia estar surpreso por ignorarem um fato tão concreto. Ele considerava a habitação do Espírito Santo como sendo a consequência mais notável da salvação, por isso, como podiam eles não entendê-la? Não importa quão baixa seja a medida espiritual de um cristão, tão baixa até mesmo como as dos cristãos de Corinto (e infelizmente muitos provavelmente não sobem mais alto do que isso); ele entretanto, deve estar claro sobre este fato, sem o qual permanecerá carnal e nunca se tornará espiritual. Mesmo que não tenha experimentado Sua habitação, você não poderia pelo menos crer que Ele habita em você?

Podemos nos abster da adoração, do respeito e do louvor quando consideramos como o Espírito Santo - que é Deus Ele mesmo, umas das três Pessoas do Deus Triúno, a

própria vida do Pai e do Filho - vem viver em nós que pertencemos à carne? Que graça é o Espírito Santo habitar na semelhança da carne pecaminosa, assim como o Senhor Jesus uma vez tomou sobre Si mesmo a mesma semelhança!

O FORTALECIMENTO DO ESPÍRITO SANTO

A fim de que o órgão mais interior do homem ganhe domínio sobre a alma e o corpo e assim sirva como um canal para que a vida do Espírito seja transmitida a outros, deve haver este fortalecimento. Paulo ora pelos crentes "para que, segundo as riquezas da sua glória, vos conceda que sejais robustecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior" (Ef.3:16). Ele ora desse modo porque considera isso infinitamente importante. Ele pede a Deus para fortalecer pelo Seu Espírito o "homem interior" Deles, que é o novo homem Neles depois que confiaram no Senhor. Portanto, a oração é para que o espírito do crente seja fortalecido pelo Espírito de Deus.

Disso podemos deduzir que os espíritos de alguns santos são fracos enquanto que os de outros são fortes. O serem fortes ou fracos depende apenas de terem ou não recebido Seu fortalecimento. Visto que aqueles em Éfeso já haviam sido selados com o Espírito Santo (Ef.1:13,14), a oração do apóstolo por eles deve estar relacionada com um dom e não tanto com a habitação do Espírito. Sua oração indica que eles não devem ter apenas o Espírito Santo habitando Neles, mas devem ter também Seu poder especial inundando seus espíritos, com a finalidade de tornar forte o homem interior Deles. É possível possuirmos um espírito fraco embora tendo Deus habitando em nós.

Ser enchidos com poder no homem interior é a necessidade urgente dos cristãos. Entretanto, a menos que percebam quão fraco é o seu homem interior, eles não solicitarão o fortalecimento interior do Espírito Santo. Frequentemente os filhos de Deus não podem se levantar para responder ao chamado do Senhor para o serviço, pela simples razão deterem seus sentimentos baixos, frios e relutantes, embora gozando boa condição física. Ou mesmo quando suas emoções estão bem elevadas, ardentes e dispostas, ainda se sentem incapazes de servir ao Senhor, porque agora o corpo reage preguiçosamente. Tais fenômenos revelam a fraqueza do espírito em seu domínio sobre o sentimento e o corpo físico. Os discípulos se achavam exatamente nessa situação no Jardim do Getsêmani: "o espírito, na verdade está pronto, mas a carne é fraca" (Mt 26:41). A disposição em si, não é suficiente; o espírito também deve ser forte. Se ele é vigoroso pode vencer a enfermidade da carne. Por que os crentes se arrastam enquanto trabalham pelas almas? A falta de poder em seus espíritos é a explicação. O mesmo acontece no caso das circunstâncias. Quão facilmente somos afetados pela confusão do mundo exterior. Se nossos espíritos fossem robustos, poderíamos enfrentar as situações mais perturbadoras com paz e descanso. A oração é o teste real da força do homem interior. Um espírito forte é capaz de orar muito e com toda a perseverança, até que a resposta venha. O que é fraco torna-se débil e abatido na sustentação da oração. Um espírito vigoroso pode avançar em meio à situação ou sentimento adverso, mas o que é fraco não tem poder para enfrentar a oposição. Grande é a necessidade de poder no espírito, para a batalha espiritual com Satanás. Somente os que têm poder no homem interior sabem como exercitar sua força

espiritual em resistir e atacar o inimigo. Caso contrário, o conflito será na base do "faz de conta", travado apenas na imaginação da mente ou no entusiasmo da emoção, outra vez com as armas da carne e sangue.

Afim de que o homem interior seja fortalecido com poder através do Espírito Santo, os filhos de Deus devem cumprir sua responsabilidade. Precisam se entregar especificam ente ao Senhor, abandonar qualquer aspecto duvidoso em suas vidas, estar dispostos a obedecerem plenamente à vontade de Deus e crer através da oração, que Ele inundará seus espíritos com Seu poder. Sem demora Deus responderá a expectativa dos seus corações, uma vez que todos os obstáculos sejam removidos da parte Deles. Os crentes não precisam esperar pelo enchimento do Espírito Santo, porque Ele já desceu. O que eles precisam é esperar apenas o cumprimento da condição para o Seu enchimento, que é: permitir que a cruz realize uma incisão profunda Neles. Se forem fiéis no crer e obedecer, então dentro de pouco tempo o poder do Espírito Santo saturará seus espíritos e fortalecerá o homem interior para o viver e o trabalhar. Alguns podem receber Seu enchimento imediatamente após se renderem ao Senhor, pois já satisfizeram as condições para tal enchimento.

Esta invasão do poder de Deus em nós, este enchimento interior do Seu Espírito, acontece no espírito humano. É o homem interior e não o exterior que é ativado pelo Seu poder e por isso se torna forte. É muitíssimo importante reconhecer isso, pois nos ajuda a exercitar fé simples em nosso desejo de sermos cheios do Espírito Santo (Gl.3:14), ao invés de esperar sensações físicas, tais como tremor, sacudidelas ou ser lançado no chão. Entretanto os cristãos precisam ser vigilantes, a fim de não usarem a fé como uma desculpa para não experimentarem o poder do Espírito Santo. As condições para o enchimento devem ser cumpridas e a atitude dos crentes deve ser firme. Deus cumprirá Sua promessa.

Lendo o que o apóstolo afirma nos versículos seguintes de Efésios 3 com respeito à percepção, conhecimento e enchimento, estamos certos de que este fortalecimento com poder no homem interior o torna altamente sensível. Como o corpo, o espírito tem suas funções e consciência. Antes do poderoso influxo do poder do Espírito Santo no espírito, os crentes dificilmente podem detectar seu poder intuitivo; mas depois sua força intuitiva se toma bem distinta e pode, portanto, ser rapidamente localizada. Assim que o homem interior é ativado, seu poder intuitivo aumenta. Os crentes podem sentir seu menor movimento.

O resultado de se ter o espírito enchido com o poder de Deus, visa conceder pleno domínio sobre a alma e o corpo. Cada pensamento, desejo, sensação e intento é agora governado pelo espírito. A alma não pode mais agir independentemente, porque se toma o mordomo do espírito. Além do mais, através do espírito do crente, o Espírito Santo é capaz de comunicar a vida de Deus aos homens sedentos e moribundos. Entretanto, este enchimento do Espírito Santo difere do batismo com o Espírito Santo, porque o batismo tem como alvo o serviço enquanto que o enchimento soluciona o problema da vida (naturalmente que afetará o serviço também).

ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO

A transformação de um crente que é da alma**, para um crente que é espiritual, não garante que ele nunca mais ande segundo a carne. Pelo contrário, o perigo de voltar à carne sempre existirá. Satanás está sempre alerta para pegar qualquer oportunidade que leve o crente a cair da sua elevada posição para uma vida abaixo da média. É necessário, portanto, que os filhos de Deus sejam vigilantes em todo o tempo e sigam o Espírito para que possam permanecer espirituais.

"Para que ajusta exigência da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo e Espírito... os que são segundo o Espírito para as coisas do Espírito... mas a inclinação "do Espírito é vida e paz" (Rm.8:4-6). Andar segundo o Espírito é andar contrário à carne. Não seguir o Espírito é andar segundo a carne. Muitos cristãos oscilam entre os dois: agora seguindo um e depois seguindo o outro. Eles devem andar apenas segundo o homem interior, e isto é andar segundo a intuição do espírito e nem por um momento segundo a alma ou o corpo. Seguindo o espírito desse modo, eles invariavelmente "colocarão suas mentes nas coisas do espírito" (RSV), e o resultado será "vida e paz".

Viver pelo espírito quer dizer andar segundo a intuição. É ter toda a vida, serviço e ação de uma pessoa no espírito, sendo sempre governado e capacitado por ele. isto preserva o santo na vida e na paz. Visto que ele não pode permanecer num estado espiritual a menos que ande segundo o espírito, então é necessário que compreenda no mínimo, suas funções e leis, caso deseje andar corretamente.

Viver segundo o espírito é uma obrigação diária do cristão. Ele deve perceber que não podemos viver nem pelos sentimentos mais nobres nem tampouco pelos mais elevados pensamentos. Devemos andar segundo a liderança a nós dada pela nossa intuição. O Espírito Santo expressa Seu sentimento através do sentimento delicado do espírito. Ele não opera diretamente em nossas mentes; induzindo-nos repentinamente, a pensarem, algo. Todas as Suas obras são feitas em nossas profundezas interiores. Se desejamos conhecer Sua mente, devemos nos conduzir de acordo com a intuição em nosso espírito. Às vezes podemos sentir algo lá sem compreender o que significa, ou qual é a sua exigência, ou o que está comunicando. Sempre que isso acontecer devemos nos dedicar à oração, pedindo que o entendimento seja dado à nossa mente. Tão logo recebemos o significado do que sentimos intuitivamente, devemos, dali em diante nos conduzir de conformidade com ele. A mente pode ser iluminada instantaneamente e ser capacitada a compreender o significado da intuição, porém os pensamentos repentinos que têm sua srcem na mente e não na intuição, não devem ser seguidos. Só o ensinamento intuitivo representa o pensamento do Espírito, e somente a ele devemos seguir.

Tal andar pelo espírito requer confiança e fé. Vimos antes como todas as boas ações da carne manifestam uma atitude de independência em relação a Deus. A própria natureza da alma é independência. Se os crentes agirem segundo seus pensamentos, sentimentos ou desejos, eles não precisarão gastar tempo diante de Deus aguardando

Sua direção. Os que seguem "os desejos do corpo e da mente" (Ef.2:3) não precisam confiar em Deus. Se os cristãos não reconhecerem quão inúteis, indignos de confiança e fracos ao máximo são na busca do conhecimento da vontade de Deus, eles nunca cultivarão um coração de confiança Nele. A fim de receber a direção de Deus em seus espíritos, eles devem esperar Nele e se absterem de aceitar seus sentimentos ou pensamentos como guia. Lembremos que, qualquer coisa que façamos ou possamos fazer sem confiar, buscar e esperar em Deus, é ou será feito na carne. Com temor e tremor devemos contar com Deus para a direção nas profundezas interiores do nosso ser. Esta é a única forma de andarmos segundo o espírito.

Para se andar desse modo exige-se fé por parte do crente. O oposto de vista e sentimento é fé. Aquele que é da alma** é que alcança segurança agarrando as coisas que podem ser vistas e sentidas; porém aquele que segue o espírito, vive pela fé e não por vista. Ele não ficará confundido pela ausência de assistência humana, nem será movido pela oposição dos homens. Ele pode confiar em Deus até mesmo em densas trevas, porque tem fé em Deus. Por não depender de si mesmo ele pode confiar mais no poder invisível do que no seu próprio poder visível.

O andar segundo o espírito inclui tanto a iniciação de uma obra por meio da revelação, como a execução dela através da força do Senhor. Os crentes frequentemente clamam a Deus pelo poder espiritual para realizar uma obra que não foi absolutamente revelada na intuição Deles. Isto é simplesmente impossível, pois aquilo que é da carne é da carne. Por outro lado, os crentes frequentemente conhecem a vontade de Deus por meio da revelação na sua intuição, mas introduzem sua própria força na obra a fim de realiza-la[8]. Isto também é impossível, pois como podem começar pelo Espírito Santo e terminar pela carne? Aqueles que seguem ao Senhor, devem ser levados ao lugar onde não colocam nenhuma confiança na carne. Devem confessar que não podem dar srcem a nenhuma ideia boa e admitir que não possuem poder algum para realizar a obra do Espírito Santo. Todos os pensamentos, habilidade, conhecimento, talentos e dons, idolatrados pelo mundo supersticiosamente, devem ser postos de lado, para que o crente confie totalmente no Senhor. O povo do Senhor deve persistentemente reconhecer sua indignidade e incompetência, não ousando iniciar coisa alguma sem receber a ordem de Deus, nem tampouco executá-la confiando em si mesmos.

Para se viver pelo espírito precisamos nos mover de acordo com o sentimento delicado da intuição e depender da sua capacitação para realizar a tarefa revelada. Começamos bem se seguimos a intuição e não o pensamento, opinião, sentimento ou tendência; terminamos bem se confiamos no poder do Espírito e não no nosso talento, força ou capacidade. Mantenha simplesmente em mente que no momento em que deixamos de seguir nosso sentimento intuitivo, ali mesmo começamos a andar segundo a carne e acabamos nos inclinando para as coisas da carne. Isto, por sua vez, injeta morte no espírito. Só se "não andarmos segundo a carne" é que podemos andar "segundo o espírito".

[8] Veja Segunda Parte, Capítulo 4.

Nosso alvo é sermos um homem espiritual e não um espírito. Se reconhecermos esta distinção, nossas vidas nunca serão cortadas e secas. Hoje somos seres humanos e continuaremos sendo eternamente; todavia, a mais alta conquista de um ser humano é se desenvolver até ser um homem espiritual. Os anjos são espíritos; não têm corpo nem alma. Mas nós humanos possuímos ambos. Devemos ser homens espirituais e não espíritos. O homem espiritual continua retendo sua alma e corpo; de outro modo ele seria reduzido de homem a espírito. Não, o significado de ser um homem' espiritual é que ele está sob o controle do seu espírito, o qual se tornou o órgão mais elevado de todo o seu ser. Não nos enganemos neste ponto. Um homem espiritual retém sua alma e corpo; o ser espiritual não aniquila estes órgãos nem suas respectivas funções, porque estes fazem do homem o que ele é. De modo que, embora o homem espiritual não viva por eles, certamente ele também não os aniquila. Ao invés disso, eles foram renovados por meio da morte e ressurreição e estão perfeitamente unidos ao espírito e se tornaram instrumentos da sua expressão. Por isso a emoção, mente e vontade permanecem num homem espiritual, mas estão sujeitas inteiramente à direção da intuição.

A emoção de um homem espiritual está completamente sob o controle do seu espírito, não reivindicando mais um curso independente como antes fazia. Ela não bloqueia o espírito nem resiste seu mover, porque não insiste em sua própria afeição e sentimento. A emoção agora se regozija apenas naquilo que o espírito tem prazer, ama somente aquilo que o espírito guia, e sente apenas o que o espírito permite. Ela tornou-se sua vida: quando o espírito se move a emoção responde.

A mente do homem espiritual, da mesma forma, coopera com o espírito, não vagueando mais como antes. Ela não se opõe à revelação do espírito levantando seu raciocínio e argumento, nem tampouco perturba a paz do espírito com muitos pensamentos confusos e não se rebela contra o espírito se vangloriando na sua própria sabedoria. Pelo contrário, a mente coopera plenamente com a intuição no progresso da jornada espiritual. Se o espírito expõe qualquer revelação, a mente discerne seu significado. Ela dá assistência ao espírito no conflito, caso este tenha que lutar. Se o Espírito Santo deseja ensinar alguma verdade, a mente ajuda o espírito a entender. Todavia o espírito tem autoridade para interromper o pensamento da mente e também para iniciá-lo.

O homem espiritual também retém sua vontade, mas ela não é mais independente de Deus; sua decisão agora é segundo os ditames do espírito, pois abandonou o ego como seu centro. A vontade não insiste em seu desejo como antes. Consequentemente ela está preparada para obedecer a Deus. Não é mais inflexível e obstinada, mas está totalmente quebrada; daí não poder mais resistir a Deus ou lutar contra Ele. Ela foi domada no tocante à sua natureza selvagem. Hoje quando o espírito recebe revelação e apreende o desejo de Deus, a vontade decide segui-lo. Ela permanece na porta do espírito como um mensageiro, aguardando sua ordem.

O corpo de um homem espiritual está sujeito ao espírito também. Por ter sido purificado pelo sangue precioso e ter tido suas paixões e lascívias tratadas pela cruz,

pode servir hoje como um servo obediente à ordem do espírito, quando tal ordem é comunicada ao corpo pelo espírito através da alma. Ele de modo nenhum atrai a alma aos muitos pecados por suas paixões e lascívias como fazia anteriormente. Pelo contrário, o corpo agora responde prontamente a todas as direções do espírito. Este, através da vontade renovada, tem autoridade completa sobre o corpo. Foram-se os dias quando o corpo pressionava o homem interior que estava fraco. O espírito de um homem espiritual tornou-se forte e o corpo está sob seu poder.

O apóstolo Paulo descreveu a genuína condição de um homem espiritual e 1 Tessalonicenses: "E o próprio Deus de paz vos santifique completamente; e o vosso espírito, e alma e corpo sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo" (5:23). O que se segue é um retrato do homem espiritual extraído de tudo o que foi dito antes:

(1) Ele tem Deus habitando em seu espírito, santificando-o totalmente. Sua vida inunda todo o seu ser, de modo que seus próprios componentes vivem pela vida do espírito e funcionam na força do espírito.

(2) Ele não vive pela vida da sua alma. Seu pensamento, imaginação, sentimento, ideia, afeição, desejo e opinião são renovados e purificados pelo Espírito e levados à submissão ao seu espírito. Eles não mais operam independentemente.

(3) Ele ainda possui um corpo, pois não é um espírito incorpóreo; todavia, fadiga física, dor e exigência não impelem o espírito a cair da sua elevada posição. Todos os membros do corpo se tornaram um instrumento de justiça.

Conclusão: um homem espiritual é aquele que pertence ao espírito; o homem no seu todo é governado pelo homem interior; todos os órgãos do seu ser estão completamente sujeitos a ele. Seu espírito é que caracteriza sua vida como singular; tudo procede do seu espírito, e ele mesmo presta obediência absoluta a ele. Nenhuma palavra é pronunciada, nem ato algum é realizado segundo ele mesmo; pelo contrário, ele recusa sempre seu poder natural afim de extrair poder do espírito. Numa palavra, um homem espiritual é aquele que vive pelo espírito.

3. A OBRA ESPIRITUAL

A medida que um crente avança em seu caminho espiritual, ele gradativamente começa a reconhecer que viver para si mesmo é um pecado, sim o maior pecado da sua vida. Viver para si mesmo é como se fosse um grão de trigo que, tendo caído na terra, se recusa a morrer e, por isso, permanece só. Buscar o enchimento do Espírito Santo a fim de ser uma pessoa espiritualmente poderosa, tem como único alvo o prazer próprio e o sentir-se feliz. Porque, se vivesse puramente para Deus e Sua obra, este crente não consideraria sua felicidade ou sentimento pessoal. Ele certamente entenderia o significado da espiritualidade. Porém, no fundo do seu coração, reside o amor próprio da alma.

Todos os filhos de Deus são servos de Deus. Cada um Deles recebe algum dom do Senhor: nenhum Deles é excluído (Mt.25:15). Deus os coloca em Sua igreja e concede a cada um Deles um ministério a ser cumprido. O objetivo de Deus não é fazer do espírito do crente um reservatório de vida espiritual que seca depois de algum tempo; se a vida de Deus se torna estagnada Nele, ele começa a se sentir seco. Não, a vida espiritual é para a obra espiritual; a obra espiritual expressa a vida espiritual. O segredo desse tipo de vida jaz no fluir incessante desta vida aos outros.

O alimento espiritual de um crente é nada mais nada menos que realizar a obra de Deus (Jo.4:34). O reino de Deus sofre grandemente nas mãos dos "crentes espirituais" que se ocupam com oração e estudo da Bíblia e só atendem suas necessidades espirituais. O povo do Senhor deve simplesmente confiar em Deus para o sustento tanto das necessidades físicas como das espirituais. Se estão dispostos a suportar fome afim de realizarem o que Deus quer que façam, eles ficarão satisfeitos. O alimento espiritual é simplesmente fazer a vontade Dele. A preocupação com o suprimento próprio de alguém produz falta, enquanto que a preocupação com o reino de Deus traz satisfação. Aquele que está ocupado com os negócios do Pai e não com os seu próprios, encontrar-se-á perpetuamente cheio.

O filho de Deus não deve ficar demasiadamente ansioso para conseguir novos ganhos; o que ele necessita é essencialmente guardar o que já tem, pois não perderem si já é ganho. O caminho para reter o que possui é empregá-lo. Enterrá-lo sob a terra é certamente uma forma de perdê-lo. Quando um crente permite que a vida em seu espírito flua livremente, ele não somente ganhará os outros, mas ganhará a si mesmo também. Um ganha perdendo o ego pelos outros e não armazenando para si mesmo. A vida dentro de um homem espiritual deve ser liberada realizando trabalho espiritual. Se o ser interior de alguém está sempre aberto e livre (naturalmente deve estar fechado para o inimigo), a vida de Deus fluirá Dele para salvação e edificação de muitos. No momento em que a ação espiritual cessa, a vida é bloqueada. Estes dois são inseparáveis.

Não importa que ocupação terrena o crente possa ter; a ele é também distribuída por Deus uma medida de trabalho. Aquele que é espiritual conhece seu lugar no corpo de Cristo; como resultado, ele conhece também os limites do seu trabalho. Cada membro

tem sua utilidade; seu trabalho jaz no cumprimento dessa utilidade. Alguns dons são dispensados para beneficiar aquele membro, enquanto que outros beneficiam o corpo inteiro. O cristão deve reconhecer os limites do seu dom e operar dentro daqueles limites. Mas muitos falham, se afastando da sua obra sufocando assim o desenvolvimento da sua vida espiritual, ou então se estendem demasiadamente para prejuízo próprio. O uso errado das mãos e dos pés prejudica uma pessoa, tanto quanto não usá-los de modo nenhum. Um meio certo de se perder a vida, como já vimos, é tentar guardar a vida espiritual para si mesmo; entretanto, o trabalho feito indiscriminadamente também pode impedir a vida.

PODER ESPIRITUAL

Devemos almejar ser cheios com o Espírito Santo experimentalmente, se desejamos ter poder em testemunhar por Cristo e na luta contra Satanás. Hoje as pessoas estão buscando cada vez mais ardentemente tais experiências. Mas a pergunta que se deve fazer é: o que está por trás de tal busca? Quantos desejam isso para que possam se gloriar? Quantos desejam mais glória para sua carne? Quantas pessoas cairão sem esforço sob o seu poder? Devemos discernir claramente porque pedimos o poder do Espírito Santo. Se nosso motivo não é de Deus nem é um com Deus, certamente não poderemos obter o poder. O Espírito Santo de Deus não cai sobre a "carne" do homem; Ele só desce sobre o novo espírito dentro do homem, o qual foi recentemente criado por Deus. Não podemos permitir que o homem exterior, isto é, a carne, persista, enquanto pedimos a Deus para imergir nosso homem interior, o espírito, no Seu Espírito. Enquanto a carne continuar ilesa, o Espírito Santo de Deus nunca descerá sobre o espírito do homem, pois este só se tornaria mais carnal e orgulhoso, caso o poder lhe fosse concedido.

Frequentemente é observado que o Calvário precede o Pentecoste. O Espírito Santo não deseja dispensar poder aos homens e mulheres que não foram tratados pela cruz. O caminho que conduz ao cenáculo em Jerusalém segue a rota do Calvário. Somente aqueles que são conformados à morte do-Senhor podem receber o Seu poder. A Palavra de Deus afirma que "não se ungirá com ele (o óleo santo da unção) carne de homem" (Ex. 30:32). O óleo Santo de Deus não será derramado sobre a carne, seja ela excessivamente corrompida ou altamente refinada. Onde falta a marca da cruz, também está ausente o óleo do Espírito. Através da morte do Senhor Jesus, Deus pronunciou Seu veredito sobre todos os que estão em Adão: "todos devem morrer". Assim como o Poder Celestial não desceu antes do Senhor Jesus morrer, assim também o crente não deve esperar por este Poder, se ainda não conheceu a morte do Senhor Jesus na experiência. Historicamente o Pentecoste seguiu o Calvário; experimentalmente, ser cheio com o poder do Espírito vem após o tomar a cruz.

A carne está condenada para sempre diante de Deus e está sentenciada à morte por Ele. Não estamos tentando o impossível se desejamos não sua morte, mas, pelo contrário, buscamos adornar a carne com o Espírito Santo a fim que ela seja mais poderosa no serviço? Qual é a nossa intenção afinal de contas? A admiração de crentes espirituais? Sucesso? Atração pessoal? Fama? Popularidade? Ser agradável ao homem?

Edificação própria? Os que têm motivos mistos e mente dupla, não poderão receber o batismo no Espírito Santo. Talvez achamos nossos motivos puros, mas o nosso Sumo Sacerdote, através de circunstâncias diferentes, nos capacitará a conhecer nosso verdadeiro coração. Sem que a obra em nossas mãos tenha falhado e sejamos desprezados e rejeitados, não começaremos a discernir o intento do nosso coração. Todos os que são genuinamente usados pelo Senhor, passaram por este caminho. O tempo para receber o poder é depois da cruz realizar sua tarefa.

Mas não existem muitos filhos de Deus que, não tendo tido nunca a experiência mais profunda da cruz, ainda são poderosos no testemunhar e parecem ser grandemente usados pelo Senhor? A Bíblia indica que existe um óleo muito parecido com o óleo santo da unção (Ex.30:33). Sua composição é semelhante à do óleo santo da unção, porém, não é o óleo santo da unção. Não seja enganado ou iludido por seu sucesso ou fama própria. Observe se a velha criação, incluindo tudo o que vem pelo nascimento, passou pela cruz. Qualquer poder que tenhamos antes da carne ser colocada na morte, certamente não é o poder do Espírito Santo. Aqueles que possuem discernimento espiritual e que vivem do outro lado do véu, percebem muito bem que tal sucesso não tem nem uma partícula de valor espiritual.

Só depois de alguém ter realmente condenado sua carne e começado a andar segundo o espírito, é que ele receberá o verdadeiro poder de Deus. De outro modo seria sua carne que seria revestida com o poder espiritual. Como pode o espírito de alguém receber o poder especial, se sua carne não experimentou a morte, visto que a carne governa por sua própria energia e invariavelmente sufoca o espírito? O poder de Deus só desce sobre o espírito que está cheio do Seu Santo Espírito. Esta é a única possibilidade. Não pode haver outro caminho pelo qual o dínamo do Espírito possa fluir. Não é verdade que quando um vaso está cheio, qualquer acréscimo de poder transbordará naturalmente? Portanto, para se receber poder é necessário que morramos para a velha criação e aprendamos como andar no Espírito.

Todo cristão deve buscar o poder do Espírito Santo. Entendê-lo mentalmente não é necessário. Seu espírito deve estar subjugado pelo Poder Espiritual. A eficácia da obra de alguém depende da experiência de ser imerso no Espírito Santo. O Espírito de Deus exige uma saída, mas lamentavelmente, em quantos Ele pode realmente encontrar tal saída? Existem impedimentos de pecado, de orgulho, de frieza, de vontade própria ou de confiança na vida da alma. O Poder de Deus não tem êxito! Temos muitas outras fontes de energia além da Dele!

Na busca do poder do Espírito Santo devemos manter nossa mente clara e nossa vontade viva, nos guardando assim da falsificação do inimigo. Devemos permitir que Deus nos purifique de qualquer coisa pecaminosa, injusta ou duvidosa, para que todo o nosso ser seja apresentado ao Senhor. Então devemos "receber a promessa do Espírito pela fé" (Gl.3:14). Descanse em Deus confiando que Ele cumprirá Sua Palavra no tempo devido.

Entretanto, não esqueça Sua promessa. Se houver demora, aproveite a oportunidade para um exame mais íntimo da sua vida sob Sua luz. Aceite com alegria qualquer sentimento que venha com o poder; mas se aprouver a Deus não conceder o poder com o sentimento, creia simplesmente que Ele verdadeiramente cumpriu Sua Palavra.

Como alguém pode julgar se recebeu a promessa ou não? Examinando sua experiência. Aquele que receber o poder tem seus sentidos espirituais aguçados e também possui expressão, não deste mundo, para testemunhar para o Senhor. Sua obra é eficaz e produz fruto duradouro. O poder é o ingrediente básico para o serviço espiritual.

Após receber a capacitação do Espírito Santo, o crente torna-se muito sensível aos sentidos do seu espírito. Ele deve manter seu homem interior continuamente livre, permitindo ao Espírito Santo fluir Sua vida Nele e através Dele. Manter o homem interior livre é mantê-lo numa condição operante para o Espírito Santo. Suponhamos, por exemplo, que Deus envie um crente para liderar uma reunião. Seu espírito deve estar aberto. Ele não deve ir para a reunião com um espírito carregado de preocupações ou pesos, senão toda a reunião será afligida com peso e uma situação difícil e insuportável será criada. Aquele que lidera não deve levar sua carga para a reunião esperando que a congregação o livre dela. Aquele que confia na resposta da congregação para aliviá-lo de sua carga, está destinado ao fracasso. Ao entrar na reunião o espírito do líder deve estar iluminado e livre. Muitos que participam estão cheios de cargas. Por isso, o líder deve primeiro libertá-los por meio da oração, hino ou verdade, antes que possa entregar a mensagem. Ele não pode esperar que os outros

sejam libertados, se ele mesmo está amarrado com cadeias inquebráveis.
Deve se ter em mente de forma clara que um ajuntamento espiritual é a comunhão de espírito com espírito. O mensageiro entrega sua mensagem saída do seu espírito, e o ouvinte recebe a Palavra de Deus com o seu. Se o espírito do mensageiro ou do ouvinte estiverem carregados de escravidão, o abrir-se para Deus e a resposta à Sua Palavra serão sem valor. Por isso, o espírito do líder deve estar livre a fim de poder, logo no início, soltar o espírito da congregação e então poder entregar a mensagem de Deus a ela.

Devemos ter o Poder Celestial para alcançarmos a obra poderosa; mas devemos manter nosso espírito aberto constantemente, a fim de que este Poder possa fluir livremente do nosso espírito. A manifestação do poder varia em sua medida. A experiência que um cristão tem do Calvário fornece a medida do Pentecoste. Se o espírito do homem está atado, o Espírito de Deus não pode operar.

Ocasionalmente alguém, ao trabalhar, pode experimentar seu homem interior fechado, principalmente ao realizar um trabalho pessoal. Isto pode ser devido à condição da outra parte, cujo espírito ou mente pode não estar aberto para receber a verdade, ou então por abrigar pensamentos impuros que bloqueiam o fluir do espírito. Tal estado bloqueará o espírito do obreiro. Frequentemente sabemos se podemos realizar qualquer serviço espiritual, apenas por observar a atitude da outra parte. Se

descobrimos que nosso ser interior está sendo fechado por ele, não temos condições de lhe entregar a verdade.

Agora, se insistirmos em trabalhar depois de depararmos com o bloqueio do nosso espírito, provavelmente nosso trabalho será com nossa mente e não com nosso espírito. Porém, só o trabalho feito como espírito realiza resultados duradouros. Tudo o que é produzido pela mente carece de poder espiritual. Nossos esforços perderão sua eficácia se inicialmente não nos preparamos por meio da oração e pela libertação do nosso espírito para a entrega da Palavra de Deus. Devemos aprender como andar segundo o espírito para que, eventual mente, saibamos como operar por ele.

O INÍCIO DA OBRA ESPIRITUAL

Iniciar uma obra não é um assunto pequeno. Os cristãos não devem nunca iniciar qualquer coisa presunçosamente na base da necessidade, lucro ou mérito. Estas coisas podem não indicar a vontade de Deus em nada. Ele pode levantar outros para realizar esta tarefa ou suspendê-la até uma ocasião posterior. Os homens podem sentir-se pesarosos, mas Deus sabe o que é melhor. Por isso, necessidade, lucro e mérito não podem servir nunca como indicadores para nossa obra.

O livro de Atos é a melhor ajuda com respeito ao como encarar nossa obra. Não vemos ali ninguém se consagrando como pregador, nem se decidindo a realizar a obra do Senhor, fazendo de si mesmo um missionário ou pastor. O que vemos é o próprio Espírito Santo designando e enviando homens para fazerem a obra. Deus nunca alista homens para Seu serviço: Ele simplesmente envia a quem Ele quer. Não vemos ninguém escolhendo a si mesmo; é Deus quem escolhe Seu obreiro. Não existe positivamente nenhuma base para a carne do homem. Quando Deus escolhe, nem mesmo um Saulo de Tarso pode resistir; quando Deus não escolhe, nem mesmo um Simão pode comprá-lo. Deus é o único dono da Sua obra, pois não permitirá qualquer mistura humana nela. O homem nunca vem para trabalhar, mas é sempre Deus Quem o envia para fazer Sua obra. O serviço espiritual, por conseguinte, deve ser inaugurado quando somos chamados pelo próprio Senhor. Não deve ser iniciado pela persuasão de pregadores, encorajamento de amigos ou a inclinação do nosso temperamento natural. Ninguém que esteja calçado com calçados carnais pode permanecer na terra santa do serviço de Deus. Muitas falhas, desperdícios e confusão que têm surgido, são resultantes dos homens vindo para trabalhar, ao invés de serem enviados para trabalhar.

O obreiro escolhido não está livre para se mover, mesmo depois de ser escolhido. Do ponto de vista carnal, nenhum trabalho é tão refreado quanto o trabalho espiritual. Lemos no livro de Atos frases tais como: "o Espírito lhe disse" (10:19); "sendo enviados pelo Espírito Santo" (13:4); "tendo sido impedidos pelo Espírito Santo" (16:6). Além de obedecer ordens, ninguém tem autoridade para decidir nada. Naqueles dias as obras dos apóstolos eram realizadas atentando para a mente do Espírito Santo, percebida em sua intuição. Quão simples é isto! Se a obra espiritual deve ser inventada e controlada pelos próprios crentes, quem então é competente senão aqueles, que são naturalmente

capazes, inteligentes e letrados? Mas, Deus tem rejeitado tudo o que pertence à carne. Os crentes podem ser usados pelo Senhor para, realizarem a obra mais eficaz, mas apenas se seus espíritos forem santos, vivos e cheios de poder diante do Senhor. Deus nunca delegou aos crentes autoridade sobre o controle da Sua obra, porque Ele deseja que eles ouçam o que Ele lhes diz em seus espíritos.

A despeito do grande avivamento em Samaria, Filipe não foi responsável pelo trabalho de fortalecimento posterior. Ele deve partir imediatamente para o deserto a fim de que um eunuco "pagão" possa ser salvo. Ananias não tinha ouvido da conversão* de Saulo, mas não poderia se recusar de ir orar por ele quando, enviado, embora pelos padrões humanos de julgamento ele estivesse jogando fora sua vida indo direto para as mãos do perseguidor. Pedro não podia resistir ao que o Espírito Santo havia estabelecido, embora a tradição judaica proibisse a visita a qualquer um de outra nação por parte de um judeu. Paulo e Barnabé foram enviados pelo Espírito Santo; entretanto Ele reteve a autoridade para proibi-los de entrar na Ásia; porém, depois, Ele conduziu Paulo à Ásia e estabeleceu a igreja em Éfeso. Todos os atos estão nas mãos do Espírito Santo; os crentes simplesmente obedecem. Se fossem deixados às considerações e desejos; humanos, muitos lugares que deveriam ser visitados não seriam e outros que não deveriam, seriam visitados. Estas experiências em Atos inevitavelmente nos falam que devemos também seguir a liderança do Espírito de Deus em nossa intuição e não nossos pensamentos, raciocínios ou desejos. Elas indicam também que Ele não nos guia por nossos conselhos, desejos ou julgamentos, porque estes frequentemente contradizem a liderança do Espírito, Santo em nossos espíritos. Como ousamos seguir nossa mente, emoção e vontade se até mesmo os Apóstolos não se moveram nesta base?

Todas as obras para as quais Deus nos chama a realizar são reveladas na intuição do espírito[9]. Nos desviaremos da vontade de Deus se seguirmos o pensamento da nossa mente, o sentimento da nossa emoção e o desejo da nossa vontade. Somente o que é, nascido do Espírito é espírito e nada mais. Em todos os seus trabalhos os cristãos devem esperar em Deus até que recebam a revelação em sua intuição; caso contrário, a carne se afirmará.

Com certeza Deus nos concederá a força espiritual para a tarefa que Ele nos chama a executar. Aqui está então, um excelente princípio a ser lembrado: não devemos nunca ir além da força do nosso espírito. Se nos ocupamos com mais do que aquilo que temos no espírito, certamente que buscaremos auxílio em nossa força natural. Isso será o início do vexame. O superesforço na obra é um empecilho para andarmos segundo o espírito e nos impossibilita alcançar a verdadeira realização espiritual.

Como as pessoas hoje têm lançado mão do raciocínio, intelecto, ideia, sentimento, votos e desejos como se fossem os fatores governantes na obra! Estes emanam da alma e não têm o mínimo valor espiritual. Eles podem ser bons mordomos, mas certamente não são bons patrões. Seremos derrotados se os seguirmos. O serviço espiritual deve

[9] Veja Quinta Parte, Capítulo 1.

emergir do espírito; em nenhum outro lugar Deus revelará Sua vontade, a não ser no espírito.

Os obreiros não devem permitir nunca que as sensações da alma* transcendam as relações espirituais enquanto ajudam os outros. Devem ministrar auxílio espiritual em toda pureza; qualquer sentimento da alma* pode ser prejudicial. Isso é sempre um perigo e uma armadilha para os obreiros. Até mesmo o nosso amor, afeição, preocupação, encargo, interesse e zelo, devem estar totalmente sob a direção do espírito. A negligência na guarda dessa lei causa derrotas morais e espirituais incalculáveis. Se permitimos que a atração natural, a admiração humana ou a falta Deles governem nossos esforços, certamente fracassaremos em nossa obra e nossas vidas serão arruinadas. Para obtermos a frutificação genuína, precisamos frequentemente desprezar os relacionamentos carnais ou, no caso daqueles que nos são mui queridos, pelo menos relegá-los a um lugar subordinado. Nossos pensamentos e desejos devem ser oferecidos totalmente ao Senhor. Empreenderemos qualquer coisa que conhecemos intuitivamente através da liderança do Espírito Santo; a carne não tem possibilidade de participar do serviço de Deus. A medida da nossa utilidade depende da profundidade em que a cruz penetrou em nossa carne. Não olhe para o sucesso aparente; antes, observe o quanto é feito pelos crucificados de Deus. Nada pode cobrir a carne; nem mesmo a boa intenção, zelo ou labor, embora sejam feitos no nome do Senhor Jesus e por amor ao reino do céu. Deus mesmo trabalhará; Ele não tolera nenhuma interferência da carne. Devemos reconhecer que na questão de servir a Deus existe até mesmo a possibilidade de se oferecer "fogo estranho", isto é, aquilo que não é espiritual. Isto desperta a ira de Deus. Qualquer fogo que não for aceso pelo Espírito Santo em nosso espírito é apenas fogo profano e considerado pecaminoso à vista de Deus. Nem todos os feitos realizados para Deus são Seus feitos. Fazer para Ele não é bastante; a questão é: quem está fazendo tal coisa? Deus não reconhecerá nenhum trabalho como Seu, se ele refletir apenas a atividade do crente e for realizado em sua força. A obra reconhecida por Deus deve ser feita por Ele mesmo através do espírito do crente. Qualquer coisa que venha da carne perecerá com a carne. Somente aquilo que vem de Deus permanece para sempre. A realização daquilo que é ordenado por Ele não pode falhar nunca.

O ALVO DA OBRA ESPIRITUAL

A obra espiritual tem como alvo dar vida ao espírito do homem ou edificar a vida no espírito. Nossa obra não terá nenhum valorou eficácia, se não for dirigida ao espírito situado nas profundezas do homem. O que o pecador precisa é de vida e não de pensamentos sublimes. O crente precisa daquilo que nutre sua vida espiritual e, não de mero conhecimento bíblico. Se tudo o que comunicamos: são apenas sermões com excelentes divisões, parábolas maravilhosas, abstrações transcendentes, palavras inteligentes, ou argumentos lógicos, estamos apenas acrescentando pensamentos às mentes das pessoas, despertando suas emoções novamente, ou ativando suas vontades para tomarem mais uma decisão. Com um espírito moribundo elas vêm e com um espírito moribundo elas voltam, a despeito dos nossos esforços em favor delas. O

pecador precisa ter seu espírito ressuscitado e não ser capaz de argumentar melhor, derramar lágrimas profusas ou tomar uma decisão mais firme. Do mesmo modo o crente não necessita de edificação exterior, visto que sua verdadeira falta é a vida interior mais abundante, ou seja, como crescer espiritualmente. Se focalizarmos nossa atenção no homem exterior e negligenciarmos o homem interior, nossa obra será totalmente vã e superficial. Tal obra é como nada e talvez seja até pior do que não ter obra, pois muito tempo precioso é inegavelmente gasto!

O homem pode ser movido às lágrimas, confessar seus pecados, considerar a redenção racional, professar seu interesse na religião, assinar um cartão de decisão, ler a Bíblia, orar e até mesmo testemunhar com alegria; mas seu espírito ainda não recebeu a vida de Deus e portanto permanece tão morto quanto antes. Porque? Porque a alma do homem é capaz de realizar todas estas coisas. Com certeza não desprezamos estas emoções; entretanto reconhecemos que a menos que este espírito seja vivificado, estes atos piedosos são apenas folhas sem raiz que se secarão totalmente sob o sol escaldante. Quando um espírito nasce de novo, ele pode mostrar as mesmas manifestações na alma exterior; todavia, no fundo do seu ser ele recebe uma nova vida que capacita a pessoa a conhecer a Deus e a Jesus Cristo a Quem Deus enviou. Obra alguma possui qualquer eficácia espiritual, se não vivifica o espírito para um conhecimento intuitivo de Deus.

Devemos saber que é bem possível exercitar uma "falsa fé" e experimentar uma "falsa regeneração". Muitos confundem entendimento com crer. O entendimento significa apenas que a mente compreende o argumento da verdade e o reconhece como crível. O crer, segundo o sentido espiritual, envolve o ser unido; isto é, crendo que o Senhor Jesus morreu por nós, somos unidos com Sua morte. Alguém pode entender a doutrina sem necessariamente crer no Senhor Jesus. O que enfatizamos é que os homens não são salvos pelos seus bons atos, antes eles obtêm a vida eterna por crerem no Filho de Deus. Os homens devem crer no Filho de Deus. Muitos creem na doutrina da expiação, mas falham em crer no Salvador que faz a expiação. A regeneração Deles é falsa se apenas enchem a bacia com o sangue do cordeiro, sem aplicá-lo na porta do seu coração. Incontáveis são os crentes professos que carecem do conhecimento intuitivo de Deus, embora vivam como verdadeiros cristãos puros, piedosos, serviçais, que oram, leem a Bíblia frequentemente e até mesmo frequentam os cultos. Podem ouvir e conversar sobre Deus, todavia não conhecem a Deus e não têm conhecimento pessoal Dele. "Elas (minhas ovelhas) me conhecem... e elas ouvirão a minha voz" (Jo.10:14,16). Aqueles que não conhecem o Senhor nem ouvem a Sua voz, não são Suas ovelhas.

Visto que o relacionamento do homem com Deus começa na regeneração e é exercido completamente no espírito, é evidente que toda a nossa obra deve ter o seu centro lá. Buscar o sucesso aparente pelo simples despertar do entusiasmo das pessoas resulta numa obra sem Deus. Uma vez que aprendemos o lugar central do espírito, nossos esforços devem sofrer uma mudança drástica. Não trabalhamos sem objetivo, seguindo simplesmente o que pensamos ser bom; temos um alvo distinto que é a edificação da profundeza interior do homem. Antes enfatizamos o que é natural; agora devemos

enfatizar o que é espiritual. O serviço espiritual significa nada mais que trabalhar por meio do nosso espírito, para a vivificação dos espírito dos outros. Nada mais pode ser chamado de serviço espiritual.

Quando reconhecemos que nada do que temos pode comunicar vida ao homem, então descobrimos quão inúteis somos í em nós mesmos. Quando deixamos de depender de nós mesmos, e de usar o que temos, vemos realmente quão fracos somos. Antes disso não aprenderemos quanto poder nosso homem interior tem.

Pelo fato de geralmente confiarmos tanto na alma pela qual vivemos, naturalmente não percebemos quão fraco nosso espírito realmente está. Quando confiamos apenas no poder do espírito, então começamos a perceber a verdadeira dinâmica da nossa vida espiritual. Se estivermos determinados a dar vida ao espírito do homem e não a ajudar a mente a entender, a emoção a ser despertada ou a vontade a decidir, saberemos instantaneamente que a menos que o Espírito Santo nos use, realmente estamos absolutamente acabados. "Os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo.1:13). Como podemos gerá-los se Deus não os gera? Agora sabemos que todas as obras devem ser feitas por Deus; somos apenas vasos vazios. Nada em nós pode gerá-los; nada Neles é capaz de gerá-los. É Deus Quem derrama Sua vida através do nosso espírito. A obra espiritual é, portanto, Deus fazendo Sua obra. Qualquer coisa que não é feita por Ele, não pode ser considerada como tal.

Devemos suplicar a Deus para nos revelar a natureza e grandeza da Sua obra. Se entendermos o quanto Sua obra exige Seu grande poder, ficaremos envergonhados de nossas ideias e humilhados por nossa autoconfiança. Veremos que todos os nossos esforços são apenas "obras mortas." Embora Deus, às vezes, usando de especial misericórdia, abençoe nossos esforços além do que é devido, devemos, não obstante, nos abster de interpretar isto como sendo uma luz verde para prosseguirmos naquela direção. Tudo o que ê realizado por nós mesmos é sem valor e também perigoso. Devemos reconhecer que a obra de Deus não é realizada pela atmosfera carregada, nem pelo ambiente atrativo, pensamento romântico, imaginação poética, visão idealista, sugestão racional, paixão ardente e nem pela vontade excitada. Tudo isso seria adequado se a obra espiritual fosse apenas um sonho e não uma realidade. Mas tal esforço é para regenerar o espírito do homem e lhe dar vida de ressurreição. Consequentemente só pode ser realizado pelo Próprio Deus naquele Poder que ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos.

Assim vemos que, a menos que comuniquemos a vida de Deus aos homens, nosso trabalho não merece louvor no céu. Tudo o que não tem srcem no homem interior, onde habita o Espírito de Deus, não tem poder para comunicar vida, a despeito de quão compatível ou incompatível tal obra seja com a razão e o sentimento. A falsa capacitação espiritual pode produzir resultados aparentemente semelhantes, mas não pode nunca conceder vida autêntica ao espírito morto do homem. Pode alcançar qualquer coisa e tudo mais, menos o único e verdadeiro objetivo da obra espiritual.

Se almejamos realmente levar vida aos outros, o poder que usamos deve ser de Deus. Mas no caso de usarmos o poder da alma o fracasso é inevitável, porque a alma, embora viva em si mesma (Gn.2:7), não pode vivificar os outros; porque "é o espírito quem dá vida" (Jo.6:63). Observe também que "o último Adão (o Senhor Jesus) tornou-se espírito vivificante" (1Co.15:45). Assim como o Senhor Jesus "derramou sua alma na morte" (Is.53:12), todos que servem como canal para Sua vida devem igualmente entregar sua vida natural à morte, para que possam trabalhar com a vida do espírito para a regeneração dos outros. Não importa quão atraente seja a vida da alma; ela não possui força reprodutora. É impossível depender do poder natural como força energética para a realização do trabalho espiritual. A velha criação nunca pode servir de fonte para a nova criação, nem tampouco servir de auxílio para a nova. Se trabalharmos pela revelação do Espírito Santo e na Sua força, nossos ouvintes serão convencidos e terão seus espíritos avivados por Deus. Qualquer outra coisa que dermos a eles se tornará simplesmente numa ideia magistral que poderá dar algum estímulo temporariamente, mas não deixará resultado duradouro. A mesma obra pode ser empregada em ambos os casos, mas a que se srcina com o poder do espírito torna-se vida espiritual, enquanto que a outra que se vale do próprio poder se torna em raciocínio natural. Ainda mais, o que é feito na energia da nossa vida natural aguçará o apetite das pessoas a desejarem mais destes sentimentos e raciocínios, atraindo-as, automática e inevitavelmente, àquele que supre tais necessidades. O ignorante considera isso como sucesso espiritual, visto que muitos estão sendo reunidos; mas aquele que discerne pode perceber que não existe vida em seus espíritos. O efeito de tal esforço na esfera da religião é semelhante ao do ópio ou álcool no corpo. O homem, precisa de vida, não de ideias ou entusiasmo.

A responsabilidade dos cristãos portanto é esta: apresentar seus espíritos a Deus como vasos e entregar à morte tudo aquilo que pertence a eles mesmos. Se eles não bloquearem seus espíritos, nem tentarem dar aos outros o que têm em si e de si mesmos, Deus poderá usá-los grandemente como canais de vida para a salvação dos pecadores e a edificação dos santos. Sem isso, qualquer coisa que o ouvinte receber é apenas o pensamento, o raciocínio e o sentimento do obreiro; ele nunca aceita o Senhor como Salvador, nem seu espírito morto é vivificado. Reconhecendo, que nosso alvo é proporcionar vida ao espírito do homem, nós mesmos devemos estar devidamente preparados. Renunciando genuinamente nossa vida da alma e dependendo inteiramente do homem interior, veremos que as palavras que o Senhor fala através de nossas bocas continuam a ser "espírito e vida" (Jo.6:63).

A INTERRUPÇÃO DA OBRA ESPIRITUAL

A obra espiritual flui com a corrente do Espírito Santo, nunca relutantemente, nunca sob compulsão, portanto sem necessidade da força carnal. Isto não indica que não haja oposição do mundo ou ataque do inimigo. Significa simplesmente que a obra é feita no Senhor com a consciência da posse da Sua unção. Se Deus ainda quer a obra, o crente continuará a se sentir fluindo na corrente, não importando quão difícil seja sua situação. O Espírito Santo visa a manifestação da vida espiritual. O trabalho realizado

Nele desenvolve, equivalentemente, vida no espírito. Infelizmente muitos dos servos de Deus são frequentemente pressionados pela circunstância ou outros fatores, a operar mecanicamente. Tão logo se tenha consciência disso, ele deve perguntar se tal "obra mecânica" é da vontade do Espírito ou se Deus o chama para outro serviço. Os servos de Deus devem saber que uma tarefa que teve começo espiritual, isto é, no Espírito, pode não continuar daquele modo. Muitas obras são iniciadas por ele, mas depois Dele não ter mais necessidade delas, os homens desejam prosseguir com elas. Considerar qualquer coisa começada pelo Espírito Santo como sendo espiritual para sempre é, inevitavelmente, mudar o espiritual em carnal.

Um cristão espiritual pode não desfrutar mais da unção do Espírito numa obra que se tornou mecânica. Quando uma tarefa é abandonada por Deus como desnecessária e ainda é mantida pelo cristão devido à organização exterior (com ou sem forma) que a cerca, então ela deve ser realizada valendo-se dos seus próprios recursos e não do poder de Deus. Se o santo persistir em trabalhar depois que a obra espiritual findar, ele deve empregar seu poder da alma como também seu poder físico para prosseguir com ela. No verdadeiro serviço alguém deve recusar completamente seu talento e dom natural; só dessa forma ele pode produzir fruto para Deus. Caso Contrário, cada esforço não guiado pelo Espírito Santo desmorona, se não for sustentado pelo intelecto, talento ou dom.

O obreiro deve observar cuidadosamente qual é a parte do seu trabalho que o Espírito Santo unge. Desse modo ele poderá cooperar com ele e operar dentro da corrente do Seu poder. O papel do obreiro é discernir a corrente do Espírito e segui-la. A tarefa deve ser deixada caso não haja mais a unção de Deus, se estiver fora da corrente e produzir um sentimento indolente e vagaroso. Outro empreendimento deve ser encontrado que flua com acorrente. O homem espiritual discerne mais rapidamente do que os outros. Para ele, a questão a ser determinada é; onde está a corrente do Espírito Santo? Onde está o Seu fluir? Qualquer trabalho que oprima a vida espiritual, que falhe em expressar a vida do espírito, ou que impede o Espírito de Deus de transbordar, tornou-se num obstáculo, a despeito de quão bem tenha começado. Este trabalho deve ser cancelado ou corrigido afim de que o crente possa obedecer a vida no espírito. O obreiro pode ter que alterar seu relacionamento com a obra.

Muitos casos podem ser citados para ilustrar como o povo do Senhor se embaraça na "organização", em prejuízo das suas vidas. No princípio estes servos de Deus receberam tremendo poder espiritual e foram poderosamente usados por Deus para salvar e edificar o homem. Mais tarde veio a necessidade de algum tipo de "organização" ou "método" visando preservar a graça que fora dada. Devido à necessidade, solicitações, e, às vezes ordens, estes servos foram solicitados a realizar a chamada obra de "edificação". Desse modo foram amarrados pela circunstância e não tiveram mais liberdade para seguir o Espírito Santo. Gradativamente sua vida espiritual declinou, embora a obra exterior organizada ainda continuasse prosperando. Tal tem sido a história de inúmeras derrotas.

Que tragédia se esconde dentro da obra espiritual hoje! Muitos consideram seu trabalho uma carga. São muitos os que dizem: "Estou tão ocupado com a obra que não tenho o menor tempo para comungar com o Senhor. Espero ter a oportunidade de suspender a obra temporariamente afim de poder restaurar meu espírito para a próxima tarefa." Quão perigoso é isto! Nossa obra deve ser o fruto da comunhão do nosso espírito com o Senhor. Cada tarefa deve ser empreendida com alegria, como o transbordar da vida do espírito. Se ela se torna um peso e separa a vida do espírito do Senhor Jesus, então deve ser encerrada. Visto que a corrente do Espírito mudou seu curso, devemos procurar descobrir sua nova' direção e segui-la.

A diferença entre o Espírito Santo encerrar nossa obra e Satanás impedi-la é bem grande. Todavia muitos ficam, frequentemente, confusos com estas duas coisas. Se Deus diz "Pare" e o crente continua, ele descerá da obra realizada com seu espírito e a, manterá com sua inteligência, talento e força. Pode tentar resistir o inimigo, porém, sem a unção do Espírito Santo não terá sucesso. Todo o conflito se torna falso. Sempre que o filho de Deus encontrar resistência no espírito, ele deve distinguir imediatamente se esta oposição emana de Deus ou do inimigo. Se for do inimigo, sua resistência pelo espírito por meio da oração, liberará seu homem interior e assim poderá avançar com Deus. Mas se não for do inimigo, o crente descobrirá, à medida em que avança, que seu próprio espírito se torna mais opresso, pesadamente carregado e sem liberdade.

Resumindo então, os servos de Deus hoje devem por de lado toda obra que não for designada por Ele, que deveria há muito ter sido abandonada, que monopoliza tudo, que não vem do espírito, que oprime o espírito e desvia a obra espiritual e é até mesmo boa, mas não obstante, os priva de outras e mais nobres tarefas.

4. ORAÇÃO E BATALHA

Toda oração deve ser espiritual. Orações não espirituais não são genuínas e não podem produzir nenhum resultado positivo. Que abundante sucesso espiritual haveria, se cada oração oferecida pelos crentes na terra fosse espiritual! Mas o triste fato é que as orações carnais são por demais numerosas. A vontade própria nelas encontrada, os priva de frutificação espiritual. Hoje em dia os cristãos parecem tratar a oração como um meio para alcançar seus alvos e propósitos. Se possuíssem entendimento um pouco mais profundo, reconheceriam que a oração é apenas o homem declarando a Deus aquilo que é a vontade de Deus. A carne, não importa onde se manifeste, deve ser crucificada; não há permissão para ela nem mesmo na oração. A mistura da vontade do homem com a vontade de Deus não é possível, pois Ele rejeita o melhor das intenções humanas e as mais úteis das perspectivas do homem. Não é a vontade de Deus seguir aquilo que o homem iniciou. Além de seguir a direção de Deus, não temos direito algum de dirigi-lo. Não temos capacidade para oferecer, mas temos para obedecer a direção de Deus. Deus não fará obra alguma cuja srcem esteja no homem, a despeito do quanto o homem possa orar. Ele condena tal oração como sendo carnal.

Quando os crentes entram na verdadeira esfera do espírito, imediata mente eles voem quão vazios são em si mesmos, pois absolutamente nada Neles pode comunicar vida aos outros ou trazer ruína ao inimigo. Só então contarão instintivamente com Deus. Aí a oração se torna imperativa. A verdadeira oração revela o vazio naquele que pede, mas também a plenitude Naquele a Quem se pede. A menos que a carne tenha sido reduzida a um "vácuo" pela cruz, qual é a utilidade da oração e o que pode ela significar?

A oração espiritual não procede da carne, nem do pensamento, desejo ou decisão do crente; pelo contrário, ela resulta puramente daquilo que é oferecido segundo a vontade de Deus. Ela é feita no espírito, isto é, a oração espiritual é feita depois que alguém discerne a vontade de Deus em sua intuição. A Bíblia é insistente numa ordem: "orar todo o tempo no espírito" (Ef.6:18). Se não estivermos orando desse modo, devemos estar orando na carne! Não devemos abrir nossas bocas apressadamente ao nos aproximarmos de Deus. Pelo contrário, devemos primeiro pedir a Deus para nos mostrar pelo que orar e como orar, antes de fazermos conhecidos nossos pedidos a Ele. Não temos consumido muito tempo no passado pedindo aquilo que queríamos? Por que não pedir aquilo que Deus quer? Não o que queremos, mas aquilo que Ele quer. Se este for o caso, nenhuma provisão será feita para dar lugar à carne aqui. É necessário um homem espiritual para oferecer verdadeira oração.

Todas as orações espirituais têm sua fonte em Deus. Deus nos í torna conhecedores daquilo que devemos pedir em oração, revelando a nós a necessidade e fazendo com que aquela necessidade seja um encargo em nosso espírito intuitivo. Somente um encargo intuitivo constitui-se numa chamada para orarmos. Entretanto, como temos feito pouco caso das delicadas indicações na intuição através do descuido. Nossa oração nunca deve exceder o encargo em nossa intuição. Orações que não são iniciadas

ou respondidas no espírito, têm sua srcem no próprio crente. São, portanto, da carne. A fim de que sua oração não seja carnal e sim eficaz no território espiritual, o filho de Deus deve confessar sua fraqueza com respeito a não saber orar (Rm.8:26), e pedir ao Espírito Santo que o ensine. Em seguida, deve orar conforme Sua instrução. Deus nos dá expressão para orar, assim como Ele nos dá expressão para pregar. Os dois se igualam. Reconhecendo nossa total fraqueza, somos capacitados a depender do mover do Espírito Santo em nosso espírito, para expressarmos Sua oração. Quão vazia é a obra feita pela carne; quão infrutífera é igualmente, a oração que é oferecida na carne.

Não devemos orar apenas com o espírito; devemos "orar com a mente também" (1Co.14:15). Ao orar, estes dois devem estar juntos. O crente recebe em seu espírito o que ele precisa orar e entende em sua mente o que recebeu. O espírito aceita o encargo da oração, enquanto que a mente formula este encargo em palavras de oração. Só desse modo é a oração do crente aperfeiçoada. Quão frequentemente o crente ora de acordo com o pensamento em sua mente, sem possuir qualquer revelação em seu espírito. Ele se torna a srcem da oração. Porém, a verdadeira oração deve ter srcem no trono de Deus. Inicialmente ela é sentida no espírito da pessoa, depois é entendida por sua mente e finalmente proferida através do poder do Espírito. O espírito do homem e a oração são inseparáveis.

A fim de poder orar com o espírito o cristão deve aprender, primeiro a andar segundo o espírito. Ninguém pode orar com seu espírito se durante o dia ele anda segundo a carne. A condição da vida de oração de alguém não pode ser grandemente diferente da condição do seu caminhar diário. A condição espiritual de muitos frequentemente os desqualifica para orar no espírito. A qualidade da oração do homem é determinada pela condição do seu viver. Como uma pessoa carnal poderia fazer oração espiritual? Não quer dizer também que uma pessoa espiritual faça orações espirituais, pois se não for vigilante cairá na carne do mesmo modo. Agora, se o homem espiritual orar frequentemente com seu espírito, sua própria ação de orar manterá seu espírito e mente continuamente afinados com Deus. A oração exercita o espírito, que por sua vez é fortalecido por meio de tal exercício. A negligência na oração seca o homem interior. Nada pode substituí-la, nem mesmo a obra cristã. Muitos estão tão preocupados com a obra, que concedem pouco tempo à oração. Por isso não podem expelir demónios. A oração nos capacita interiormente a vencer o inimigo, e depois, exteriormente, a lidar com ele. Todos os que têm batalhado contra o inimigo sobre seus joelhos, o verão derrotado depois que se levantarem.

O homem espiritual fica mais forte por meio de tais exercícios, porque se o crente ora frequentemente com seu espírito, sua eficácia espiritual aumentará grandemente. Ele desenvolverá sensibilidade aguda nas questões espirituais e será livrado de toda a estupidez espiritual.

A necessidade atual do cristão espiritual é aprender, pela revelação de Deus em seu espírito, como detectar o ataque do inimigo e subsequentemente desvendá-lo por meio da oração. Ele deve entender rapidamente qualquer movimento em seu espírito para poder alcançar imediatamente, por meio da oração, o que Deus deseja que ele realize.

Oração é trabalho. As experiências de muitos filhos de Deus demonstram que ela realiza muito mais do que qualquer outro tipo de trabalho. A oração é conflito também, pois é uma das armas com as quais lutamos contra o inimigo (Ef.6:18). Por isso, só a oração no espírito é genuinamente eficaz. ,

A oração no espírito é bastante produtiva no atacar ou resistir as ciladas do inimigo. Ela pode tanto destruir como edificar. Tudo o que provém do pecado e de Satanás ela destrói, mas tudo quanto pertence a Deus ela edifica. A oração é, portanto, um dos mais significativos instrumentos na obra e batalha espiritual. Sim, a obra e a batalha espiritual dependem da questão da oração. Se o crente falha na oração, ele, falha, na verdade, em tudo.

BATALHA ESPIRITUAL

Falando de modo geral, um cristão que ainda não experimentou o batismo no Espírito Santo é bastante vago com respeito à realidade da esfera espiritual. Ele é como o servo de Eliseu, cujos olhos estavam fechados para aquela esfera. Pode receber instruções da Bíblia, todavia seu entendimento se limita à mente porque ainda carece de revelação em seu espírito. Mas depois de experimentar o batismo, sua intuição se torna sensivelmente aguda e ele descobre em seu espírito um mundo espiritual se descortinando diante Dele. Pela experiência do batismo no Espírito Santo, ele toca não somente o poder sobrenatural de Deus, mas também, a própria Pessoa de Deus.

Agora, é exatamente ali que a batalha espiritual começa. Este é o período quando o poder das trevas se disfarça como anjo de luz e até tenta imitara Pessoa e ao brado Espírito Santo. É também o momento quando a intuição toma consciência de um território espiritual e da realidade de Satanás e seus espíritos malignos. O Senhor ensinou as Escrituras aos Apóstolos depois do Calvário; mas se conscientizaram da existência real de uma esfera espiritual depois do Pentecoste. O batismo no Espírito assinala o ponto da batalha espiritual.

Uma vez que o crente entra em contato com a Pessoa de Deus por meio do batismo no Espírito Santo, ele tem então, seu espírito liberado. Agora ele sente a realidade das coisas e seres no território espiritual. Com tal conhecimento (e lembremos que o conhecimento de um homem espiritual não vem a ele todo de uma vez; parte Dele pode, e frequentemente vem, através de muitas provas), ele se encontra com Satanás. Somente os que são espirituais é que percebem a realidade do inimigo espiritual e assim se empenham na batalha (Ef.6:12). Tal batalha não é realizada com as armas da carne (2Co.10:4). Por ser um conflito espiritual, as armas também devem ser espirituais. É uma luta entre o espírito do homem e o do inimigo; é um combate de espírito contra espírito.

Antes de alcançar tal período em seu andar espiritual, o filho de Deus não entende, nem pode se empenhar na batalha dos espíritos. Só depois do seu homem interior ser fortalecido pelo Espírito Santo, é que ele sabe como lutar com o adversário em seu espírito. À medida em que avança espiritualmente, ele começa a descobrir a realidade

de Satanás e seu reino e então lhe é dado o entendimento sobre como resistir e atacar o inimigo com seu espírito.

As razões para tal conflito são muitas, sendo que a maior tática do inimigo é a do ataque e bloqueio. Satanás frequentemente perturba as emoções dos corpos físicos dos crentes espirituais, bloqueia as obras dos que são espirituais ou perturba suas circunstâncias. A necessidade de se lutar por Deus forma outra razão para este conflito. Assim como Satanás conspira no ar e opera na terra contra Deus, assim Seu povo batalha com seu poder espiritual, destruindo as conspirações e planos do inimigo através de suas orações. Embora os santos não saibam algumas vezes com certeza qual é o esquema de Satanás nem o que ele está fazendo no momento, eles, não obstante, continuam apertando a luta sem afrouxar, pois compreendem quem é o seu antagonista.

Além das duas explicações acima, o combate espiritual tem ainda outra causa para sua existência: a necessidade de ser livrado do engano de Satanás e a de livrar as almas enganadas.[10] A despeito do fato de terem a intuição do seu espírito aguçada e sensível depois de serem batizados no Espírito Santo, os crentes podem entretanto, cair no engano. Para evitar que sejam atirados nos ardis do adversário, eles precisam não apenas de sensibilidade espiritual mas também de conhecimento espiritual. Se ignorarem o modo como o Espírito Santo conduz, poderão assumir uma posição passiva e se tornarem cativos do inimigo. O erro mais fácil dos cristãos cometerem neste momento é seguirem algum sentimento ou experiência irracional, do que a condução em seu homem interior. Uma vez batizados no Espírito Santo, eles entram na esfera sobrenatural. A menos que os crentes reconheçam sua própria fraqueza, isto é, quão incompetentes são em si mesmos para enfrentar o sobrenatural, eles serão enganados.

O espírito do cristão pode ser influenciado por uma das duas forças: a do Espírito Santo ou a do espírito maligno. Comete um erro fatal aquele que pensa que seu espírito só pode ser controlado pelo Espírito Santo, mas não pelo espírito maligno. Saiba-se para sempre que à parte do Espírito que é de Deus, existe também "o espírito do mundo" (1Co.1:12), que na verdade é o inimigo espiritual de Efésios 6:12. Se o cristão não fechar seu espírito para resistir, o maligno poderá usurpar seu espírito por meio do engano e falsificação.

Quando o filho de Deus se torna espiritual, ele fica sujeito à influência do mundo sobrenatural. Neste ponto é vital que ele conheça a diferença entre "espiritual" e "sobrenatural"; a confusão dos dois é a causa de muitos enganos. Experiências espirituais são aquelas que têm srcem no espírito do crente, enquanto que as sobrenaturais podem não obrigatoriamente provir de lá. Elas podem vir dos sentimentos físicos ou da esfera da alma*. O crente não deve nunca interpretar uma

[10] Consulte a Parte Oito, capítulo 3 e a Parte Nove, capítulo 4.

experiência sobrenatural como sendo sempre uma experiência espiritual. Ele deve examinar suas experiências e determinar se elas entram através dos órgãos sensuais externos ou pelo espírito interior. Tudo o que emana do exterior, a despeito de quão sobrenatural seja, nunca é espiritual.

Os santos do Senhor não devem receber tudo que é sobrenatural sem questionar, porque Satanás pode realizar ações sobrenaturais. Não importa a situação do sentimento durante o momento da experiência, nem de como o fenômeno aparece ou declara ser; os crentes devem investigar sua fonte. A ordem de 1 João 4:1 deve ser estritamente observada: "Amados, não creiais a todo espírito, mas provai se os espíritos vêm de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo." As imitações do inimigo excedem em muito à expectativa do crente. Se o povo do Senhor se humilhar admitindo que o engano é possível, eles serão menos enganados. Por causa das imitações do inimigo, a batalha espiritual se torna inevitável. A menos que os soldados de Cristo saiam ao campo para enfrentar o inimigo com seus espíritos, ele virá a eles para sufocar sua força espiritual. No conflito o espírito do crente batalha contra o espírito maligno inimigo. Agora, se o cristão já estiver sendo enganado, então sua luta é para conquistar de novo sua liberdade; então ele luta para resgatar outros e impedir que o inimigo ataque. Ele toma a atitude positiva de subjugar o inimigo pela oposição a cada uma e a todas as obras e planos de Satanás.

Tais batalhas são pelejadas na força do espírito. Exige-se poder ali para fazer guerra. O cristão deve entender como lutar contra o agressor com seu espírito. De outro modo não pode descobrir como o inimigo atacará ou discernir como Deus o conduzirá na luta.

Mas, se anda pelo espírito, ele aprende como orar incessantemente ali contra os poderes ímpios. E com cada conflito seu homem interior se torna muito mais forte. Ele chega a reconhecer que, pela aplicação da lei do espírito, ele pode vencer não somente o pecado mas a Satanás também.

Daquela parte das Escrituras na qual o Apóstolo toca no conflito espiritual, podemos logo avaliar quão importante é a força em tal conflito. Antes de mencionar o problema da batalha espiritual (Ef.6:11 -18), Paulo primeiro exorta seus leitores a se "fortalecerem no Senhor e na força do seu poder" (v.10). Onde deveria estar esta força da qual ele fala? Ele diz no capítulo 3: "fortalecidos com poder pelo seu Espírito no homem interior" (v.16). O homem interior é o centro; é o espírito do homem. E é exatamente ali onde os poderes das trevas atacam o homem. Ora, se o homem interior é fraco, tudo mais se torna fraco. Um espírito frágil produz temor no coração, e este, automaticamente, enfraquece a posição do crente no dia mal.

O que ele precisa preeminentemente é de um espírito firme. A menos que ele entenda a natureza do conflito, o crente não é capaz de resistir em seu espírito contra os principados e potestades. Muitos cristãos acham seus espíritos leves e livres quando tudo é doce e iluminado; mas surgindo a guerra seus espíritos ficam perturbados, temerosos e preocupados, até que finalmente são submergidos. Eles não sabem porque

são vencidos. O alvo de Satanás é a vitória, e, para tal fim, ele tenta remover os crentes da sua posição de ascensão, levando seus espíritos ao declínio a fim de que ele possa ascender. A posição é um fator principal na batalha. Quando o espírito do santo desmorona, ele perde sua posição celestial. Os cristãos devem, consequentemente, manter um espírito forte e não ceder nenhum terreno ao inimigo.

Depois de saber como seu homem interior é fortalecido com poder pelo Espírito Santo de Deus, o filho espiritual de Deus aprende a necessidade absoluta de vencer o inimigo. Seu homem interior fica mais vigoroso, à medida em que ataca o inimigo com oração e luta. Do mesmo modo que os músculos de um lutador desenvolvem no combate físico, assim acontece com a força do espírito do crente quando combate o adversário. O inimigo desfere um ataque a fim de deprimir o homem interior do crente e assim afligir sua alma. Se o filho de Deus chega a reconhecer os ardis do seu agressor, ele não cede em nenhum ponto; pelo contrário, ele resiste e sua alma emotiva será assim protegida. A resistência no homem interior força o inimigo a tomar a defensiva.

A resistência é um dos elementos indispensáveis no combate espiritual. A melhor defesa é um ataque contínuo. Resista com a vontade e também com a força no espírito. Oferecer oposição significa lutar para se manter livre do poder da opressão. O inimigo será derrotado se alguém decidir lutar pelo espírito. Mas se for permitido a ele atacar e não receber resistência em troca, então o espírito certamente ficará deprimido, definhará bastante e muitos dias serão necessários para que ele possa reconquistar sua ascendência. O espírito que não faz oposição ao inimigo é frequentemente um espírito deprimido.

Como resistiremos? Com a Palavra de Deus que é a Espada do Espírito Santo. Quando o crente recebe a Palavra de Deus, ela se torna "espírito e vida" para ele. Por isso pode usá-la como sua arma: de resistência. Um crente celestial sabe como usar a Palavra de Deus com vantagem para abater a mentira do inimigo. Agora mesmo uma batalha está se travando no mundo espiritual. Embora não vista pelos olhos da carne, ela é sentida e provada por aqueles que estão buscando o progresso celestial. Muitos que são enganados e amarrados pelo inimigo precisam ser libertados. Não há necessidade somente de libertação do pecado e da justiça própria; muitos que estão amarrados pela experiência sobrenatural também precisam de libertação. Devido à curiosidade e a perspectiva de sensações agradáveis, os cristãos alegremente dão as boas vindas a estes fenômenos sobrenaturais, não reconhecendo que eles apenas incham seu orgulho sem produzir qualquer resultado duradouro em termos de uma vida justa e santa ou de uma obra espiritual. Quando os espíritos malignos obtêm sucesso em seus enganos, eles ganham uma base no crente. Dessa base o inimigo gradativamente aumenta suas fronteiras até finalmente tornar o crente como alguém que anda na carne.

Obviamente aquele que está amarrado não pode libertar os outros. Só quando o crente é total e experimentalmente liberto dos poderes das trevas é que ele pode vencer o inimigo e resgatar outros. A incidência do perigo de engano aumenta em proporção ao número daqueles que experimentam o batismo no Espírito Santo. A necessidade hoje é de uma companhia de santos vencedores que sabem como guerrear,

para a libertação daqueles que estão sob o engano do inimigo. A igreja de Deus será vencida se houver falta de membros que saibam como andar pelo espírito e como lutar com ele contra o inimigo! Que Deus possa levantar tais crentes!

ALGO DO QUE SE GUARDAR NA BATALHA ESPIRITUAL

Cada estágio do caminhar do crente possui seu perigo particular. A nova vida dentro de nós faz guerra constante contra tudo o que se opõe ao seu crescimento. Durante o estágio físico, é guerra contra os pecados; no estágio da alma** é uma batalha contra a vida natural; no nível espiritual é um ataque contra o inimigo sobrenatural. Somente quando o cristão se torna espiritual é que o espírito maligno naquela esfera desfecha seus ataques contra seu espírito. Consequentemente, isto é chamado de batalha espiritual. É uma disputa entre espíritos e com o espírito. Tal fenômeno raramente acontece, se é que acontece, com crentes não espirituais. Não pense nem por um momento, entretanto, que quando alguém chega realmente ao platô espiritual ele esteja fora do alcance do conflito. A vida cristã é um combate sem fim no campo de batalha. Não há possibilidade do cristão descansar suas armas até que compareça diante do Senhor. Enquanto é carnal**, ele enfrenta conflitos com a carne e seu perigo; quando é espiritual defronta-se com a batalha e seus perigos peculiares. Inicialmente há o conflito contra Amaleque no deserto, e, depois de entrar em Canaã, vem a luta contra as sete tribos de Canaã. O ataque de Satanás e suas hostes malignas contra o espírito do crente só é levantado depois que ele se torna espiritual.

Visto que o inimigo dá atenção particular ao espírito, quão necessário é que os crentes espirituais mantenham seu próprio espírito em seu estado normal e em frequente exercício. Devem controlar com a máxima precaução todas as sensações do corpo, e distinguir cuidadosamente todos os fenômenos naturais e sobrenaturais. Suas mentes devem ser mantidas perfeitamente calmas sem qualquer perturbação; os sentidos físicos devem ser mantidos também em equilíbrio tranquilo sem agitação. Os cristãos espirituais devem exercitar sua vontade para recusar e se opor a qualquer falsidade e buscar seguir o homem interior com todo o seu coração. Se em qualquer tempo eles seguirem a alma ao invés do homem interior, já perderam terreno precioso na batalha espiritual. Além do mais, devem ser muito cuidadosos para guardarem seus espíritos de serem passivos nesta batalha.

Mencionamos antes que toda a nossa direção deve vir do homem interior; devemos esperar com nosso espírito pela direção do Espírito Santo. Tudo isso é fundamentalmente verdadeiro; entretanto, precisamos exercitar extrema prudência aqui a fim de não cair em lamentável erro. Porque enquanto estamos esperando em nosso espírito que o Espírito Santo nos mova e guie, um perigo imediatamente se levanta: nosso espírito e todo o nosso ser pode cair num estado de passividade. Nada pode prover mais terreno para Satanás operar do que este estado de inércia. Por um lado não devemos fazer nada por nossa própria força, a não ser obedecer ao Espírito Santo; mas, por outro lado, precisamos ser vigilantes para não deixar que nosso espírito ou qualquer parte do nosso ser se torne mecânico e caia na inércia. Nosso

homem interior deve vitalmente governar todo o nosso ser e cooperar ativamente com o Espirito de Deus.

Quando nosso espírito cai na passividade, o Espírito Santo não tem como usá-lo. Isto porque sua operação numa vida humana é absolutamente diametral à de Satanás. O Espírito Santo requer que homem coopere ativamente com Ele. Ele deseja que o homem opere ativamente com ele, porque nunca quebra a personalidade do crente. Satanás, pelo contrário, exige uma parada total do homem a fim de que ele possa tomar a direção e fazer tudo no lugar do homem. Ele quer que o homem aceite sua obra passivamente. Satanás quer transformar o homem num autómato. Oh, como devemos nos guardar contra tudo aquilo que é extremo e nos guardar de todo mal entendido na doutrina espiritual. Não precisamos temer sermos radicais em obedecer ao Senhor; isto é certo. Nem precisamos nos guardar de sermos extremos na negação das obras da carne. Devemos ser mais vigilantes para não sermos conduzidos para nenhum extremo por meio de interpretação incorreta.

Dissemos antes, enfaticamente, que devemos buscar a obra de Deus, pois vãs são as coisas que pertencem ao homem e brotam Dele. Dissemos que não existe qualquer valor senão naquilo que feito pelo Espirito Santo através do nosso homem interior e que, portanto, devemos aguardar com nosso espírito pela revelação de Deus. Sim, isto que afirmamos é bem verdadeiro. Bendito é aquele que deseja seguir esta verdade. Não obstante, aqui jaz um dos mais graves perigos de todos: o de cair para um extremo por meio do entendimento errado. Incontáveis crentes confundem esta verdade que anunciamos como uma chamada para a inércia. Eles concebem a ideia de que suas mentes devem ser esvaziadas para o Espírito Santo pensar por eles; que sua emoção deve ser reprimida a fim que Ele coloque Sua afeição Neles; e que sua vontade não deve tomar nenhuma decisão para que Ele possa decidir por eles erradamente. Entendem que devem aceitar sem perguntar qualquer coisa que venha a eles e que o espírito Deles não deve cooperar ativamente com o Espírito Santo mas deve aguardar passivamente pelo Seu mover. E então, havendo qualquer movimento, automaticamente é entendido como sendo Dele.

Isto constitui um engano muito sério. É verdade que Deus quer destruir toda obra da nossa carne, mas Ele não deseja nunca destruir nossa personalidade. Ele não tem nenhum prazerem nos transformar em autómatos; pelo contrário, ele tem prazer em ter a nossa cooperação. Deus não deseja que sejamos pessoas vazias de pensamentos, sentimentos e decisões; Ele deseja que pensemos o que Ele pensa, sintamos o que Ele sente e desejemos o que Ele deseja. O Espírito Santo nunca nos substitui no pensar, no sentir e desejar; nós mesmos pensamos, sentimos e queremos, porém tudo segundo a vontade de Deus. Se nossa mente, emoção e vontade forem lançadas num estado de inatividade, no qual não mais somos ativo mas indolentes aguardando por uma força externa para nos ativar, então nosso espírito não pode escapar de ser também igualmente passivo. E assim, Satanás se beneficia grandemente quando não podemos exercitar nosso espírito, mas esperamos antes ser estimulados por alguma força exterior.

Uma diferença fundamental existe entre a obra do Espírito Santo e a do espírito maligno. O Espírito Santo move as pessoas a trabalharem elas mesmas, nunca pondo de lado a personalidade do homem; o espírito maligno exige que os homens estejam totalmente inativos a fim de que ele possa operar no lugar Deles, reduzindo o espírito do homem a um robô. Por isso, um espírito passivo não só oferece condições ao maligno de funcionar, mas também amarra a mão do Espírito Santo, porque Ele não vai operar sem a cooperação do crente. Sob estas circunstâncias o poder maligno inevitavelmente tentará explorar a situação. Antes do cristão se tornar espiritual, ele não se depara com este perigo de contatar o poder satânico; mas tornando-se espiritual, o maligno atacará seu homem interior. O cristão carnal nunca experimenta esta passividade do espirito; somente o espiritual corre o perigo de desenvolver um espírito errado. .

Devido ao conceito errado da destruição da carne, o filho de Deus pode permitir que seu homem interior afunde num estado de inércia. Isto concede ao maligno uma oportunidade de imitar o Espírito Santo. Se os crentes esquecerem que tanto o inimigo quanto o Espírito Santo podem influenciar seus espíritos, involuntariamente eles poderão aceitar qualquer mover no seu espírito como sendo do Espírito Santo e assim ceder terreno a Satanás que busca destruir o bem-estar moral, mental e físico do santo, levando-o a sofrer dores indescritíveis.

Isto é exatamente o que aconteceu com muitos que experimentaram o "batismo no Espírito Santo." Eles não entendem que uma tal experiência necessariamente os introduz a um relacionamento mais íntimo com o mundo espiritual e os expõe à influência tanto do Espírito Santo quanto do espírito maligno. Enquanto estão experimentando um batismo no espírito, eles consideram todas as experiências sobrenaturais como sendo o batismo no Espírito Santo. Verdadeiramente foram batizados no espírito, mas a pergunta penetrante aqui é: em qual espírito foram batizados? No Espírito Santo ou no maligno? Ambos podem ser considerados como "batismo no espírito". Não reconhecendo que o Espírito Santo requer a cooperação dos seus espíritos e que Ele nunca quebra a personalidade Deles, muitos santos deixam seu homem interior descer à passividade permitindo que alguma força exterior os inflame, confunda ou derrote. Eles, numa palavra, foram batizados no espírito maligno.

Alguns cristãos foram genuinamente batizados no Espírito Santo, todavia não sendo capazes de distinguir entre espírito e alma, são enganados depois. Por causa da sua experiência especial afirmam que, estando o Espírito Santo em pleno controle, não devem dar nenhum passo ativo e sim permanecerem completamente passivos. Desse modo seu homem interior é imerso numa inércia total. Satanás começa então a alimentá-lo com sensações agradáveis e exageradas, numerosas visões, sonhos e experiências sobrenaturais também. Eles as recebem todas como sendo do Espírito Santo, não reconhecendo que seu espírito inerte, atrai como um imã estas experiências falsas. Se soubessem como distinguir o sensacional e sobrenatural daquilo que é espiritual, estes crentes teriam examinado estas experiências. Agora, por causa da falta

de discernimento junto com um espírito passivo, eles se fixam mais e mais profundamente no engano do inimigo.

À medida em que o espírito do crente se torna cada vez mais inativo, sua consciência segue o exemplo. Uma vez que sua consciência se torna passiva ele espera ser conduzido diretamente pelo Espírito Santo, seja pela voz ou pelos versículos da Escritura. Ele conclui que Ele não mais o conduzirá por sua consciência ou por decisões vindas da sua intuição; pelo contrário, será conduzido pelo caminho mais elevado. O Espírito Santo, imagina ele, falará diretamente a ele ou indiretamente através de alguns versos bíblicos. Deixando de empregar sua consciência e permitindo que ela fique inativa, o santo é enganado permitindo que Satanás se intrometa em seu caminhar diário. O Espírito Santo, entretanto, leal ao Seu Próprio princípio de operação, sempre Se absterá de tomar posse da consciência do homem e usá-la para ele. Somente Satanás é que aproveitará a ocasião para substituir a direção da consciência e intuição do crente por vozes sobrenaturais e outros enganos.

À medida em que a consciência se torna passiva e o espírito maligno supre sua direção, alguns cristãos começam a abaixar seu padrão moral, pensando que vivem segundo um princípio de vida mais elevado e assim, tratam questões imorais não tanto como sendo mais imorais. Cessam também de progredir na vida e na obra. Ao invés de exercitar seu poder intuitivo para detectar o pensamento do Espírito Santo ou usar sua consciência para discernir o certo e o errado, eles simplesmente seguem a voz sobrenatural que vem do exterior e os reduz a robôs. Estes cristãos confundem a voz sobrenatural pela voz de Deus. Eles desprezam seu raciocínio, sua consciência e o conselho de outras pessoas. Tornam-se as pessoas mais obstinadas do mundo; recusam-se a ouvir a qualquer um. Imaginam-se como obedecendo a uma lei de vida mais elevada do que o restante dos seus companheiros. Como se encaixam perfeitamente na descrição do Apóstolo: "cujas consciências estão cauterizadas" (1Tm.4:2). Suas consciências carecem de convicção!

Resumindo: em nosso conflito espiritual devemos frequentemente manter nosso homem interior num estado ativo, totalmente submisso ao Espírito Santo, mas não numa submissão passiva; senão seremos enganados pelo inimigo. Mesmo que o adversário não nos assalte, ainda ficaremos numa posição fechada se nosso espírito não for ativo e operante. Pois o inimigo teria chance de lacrar todas as saídas impedindo que nosso espírito opere, sirva e batalhe. Ele sofreria como se estivesse reprimido. Consequentemente, nosso homem interior deve ser ativo e expandido. Deve resistir a Satanás constantemente, senão será atacado por todos os lados.

Outro princípio muito importante a ser aprendido na batalha espiritual é: devemos atacar a Satanás incessantemente. Isto é para impedir que sejamos atacados. Quando o crente cruza o território espiritual, ele deve manter diariamente uma atitude de combate em seu espírito, orando também pela derrota de todas as obras de Satanás, realizadas através dos poderes malignos. Caso contrário, descobrirá seu espírito caído do céu, enfraquecido e débil, perdendo gradativamente seus sentidos e se tornando, no fim, difícil de ser detectado. A razão é que o homem interior do crente caiu para uma

tal condição passiva, que deixou de lançar-se ao ataque. Assim o terreno é entregue ao inimigo, e dali ele assalta, cerca e tranca seu espírito. Mas se o cristão diariamente expande seu espírito e resiste continuamente ao inimigo, ele mantém seu espírito mobilizado. A cada dia que passa ele se forma mais e mais forte.

O cristão deve ser livrado de todo conceito errado com respeito à vida espiritual. Frequentemente ele supõe, antes de entrar na esfera espiritual, que se apenas pudesse sertão espiritual quanto seu irmão, quão feliz ele seria! Ele visualiza a odisseia espiritual como um assunto muito feliz; e, por isso, espera passar seus dias em alegria

perfeita. Pouco sabe ele que o oposto é a verdade. O caminho espiritual não dá nenhum prazer à pessoa; pelo contrário, é uma vida de luta diária. Remover o conflito de uma vida espiritual é torná-la não espiritual. A vida no espírito é um caminho de sofrimento, cheio de vigília e trabalho, sobrecarregada de fadiga, de prova e pontuada por abatimento e conflito. É uma vida derramada em sua totalidade para o reino de Deus e vivida em completo desprezo pela felicidade pessoal. Quando o cristão é carnal ele vive para si mesmo e para o seu próprio prazer "espiritual." De pouco e real valor é ele nas mãos de Deus. Somente quando ele morre para o pecado e para sua vida pessoal é que será usado por Deus.

Uma vida espiritual é de utilidade espiritual porque é vivida para desfechar ataque sobre ataque contra o inimigo espiritual de Deus. Devemos ser zelosos para Deus, atacando incansavelmente o inimigo e nunca permitindo que este nosso espírito, que é de muitíssima utilidade, mergulhe na passividade.

SEXTA PARTE
UMA ANÁLISE DO ESPÍRITO

1. **Intuição**
2. **Comunhão**
3. **Consciência**

1. INTUIÇÃO

Para se entender melhor o que é a vida espiritual, precisamos analisar claramente o espírito e assimilar todas as suas leis. Só depois de estarmos realmente inteirados das suas diferentes funções é que poderemos conhecer as leis que as governam; depois de nos familiarizarmos com estas leis é que poderemos andar segundo o espírito, isto é, segundo as leis do espírito. Isto é indispensável para se experimentar a vida espiritual. Não devemos nunca temer a apropriação de muito conhecimento concernente ao espírito; mas devemos ser extremamente receosos se usarmos demasiado nossa mente em tal busca.

As boas novas de Deus aos homens é que o caído pode ser regenerado e que o carnal pode receber um novo espírito. Este novo espírito serve como base para a nova vida. O que nós comumente chamamos de viver espiritual é apenas o andar por este espírito que obtivemos na regeneração. É algo a ser deplorado o fato dos crentes serem tão ignorantes com respeito às funções do espírito como também de outras questões pertencentes a ele. Embora possam conhecer de nome o relacionamento do espírito para com o homem, são incapazes de identificar seu espírito na experiência. Não sabem onde está seu espírito, ou então interpretam seus próprios sentimentos e pensamentos como sendo funções do espírito. Uma análise das suas funções torna-se, portanto, absolutamente essencial, pois sem elas nenhum crente pode se mover segundo o espírito.

AS FUNÇÕES DO ESPÍRITO

Anteriormente foi mencionado que as funções do espírito poderiam ser classificadas como intuição, comunhão e consciência. Embora estes três possam ser diferenciados eles estão intimamente entrelaçados. É difícil portanto examinar um sem tocar nos outros. Por exemplo: quando falamos sobre a intuição devemos naturalmente incluir a consciência e a comunhão em nossa discussão. Assim, ao dissecar o espírito, devemos forçosamente examinar sua tríplice função. Por já termos visto como o espírito inclui estas três faculdades, prosseguiremos visando descobrir o que elas são exatamente, a fim de podermos ser ajudados a andar segundo o espírito. Podemos dizer que tal andar é um andar pela intuição, comunhão e consciência.

Estas três são simplesmente as funções do espírito. (Além disso, elas não são as únicas; segundo a Bíblia elas são apenas as principais funções do espírito). Nenhuma delas é o espírito, pois o espírito mesmo é substancial, pessoal e invisível. Está além da nossa atual compreensão, perceber a substância do espírito. O que hoje conhecemos da sua substância, vem por meio das suas várias manifestações em nós. Não tentaremos aqui solucionar mistérios futuros, mas buscaremos apenas descobrir a vida espiritual; o conhecimento destas faculdades ou funções e a maneira de se seguir o espírito são suficientes. Nosso espírito não é material e ainda existe independentemente em nosso corpo. Portanto, ele deve possuir sua própria substância, da qual resultam várias capacidades para a realização das exigências de Deus sobre o homem.

Por isso, o que desejamos aprender não é a substância, mas sim as funções do espírito.

Anteriormente comparamos o homem ao templo e o espírito do homem ao Santo dos Santos. Avançaremos um pouco com esta metáfora, comparando a intuição, a comunhão e a consciência do espírito à arca no Santo dos Santos. (1) Dentro da arca jaz a lei de Deus que instrui os israelitas naquilo que devem fazer; desse modo Deus revela a Si Mesmo e Sua vontade através da lei. Do mesmo modo Ele se faz conhecido e Sua vontade à intuição do crente, para que ele ande de acordo com ela. (2) Sobre a arca e espargido com o sangue está o propiciatório onde Deus manifesta Sua glória e recebe a adoração do homem. Semelhantemente cada pessoa redimida pelo sangue tem o espírito vivificado; através deste espírito vivificado ela adora e tem comunhão com Deus. Assim como Deus comungava com Israel sobre o propiciatório assim hoje Ele comunga com o crente em seu espírito purificado pelo sangue. (3) A arca é chamada de "a Arca do Testemunho" porque nela estão guardados os Dez Mandamentos, como o testemunho de Deus a Israel. Assim como as duas tábuas da lei silenciosamente acusavam ou desculpavam os feitos de Israel, assim a consciência do crente, na qual o espírito de Deus escreveu a lei de Deus, dá testemunho a favor ou contra a conduta do crente. "Minha consciência dá testemunho no Espírito Santo" (Rm.9:1).

Observe o respeito dado pelos israelitas à arca! Ao cruzar o rio Jordão não tiveram outra liderança senão a arca, mas seguiram-na sem hesitação. Ao lutar contra Jericó nada fizeram senão marchar após ela. Mais tarde, não puderam resistir os filisteus, quando tentaram usá-la segundo seus critérios. Não foi Uzá ferido de morte quando estendeu sua mão carnal para segurá-la? Como se alegrou o povo de Israel quando prepararam uma habitação para ela (Sl 132). Estes incidentes devem nos ensinar a ser excepcionalmente cuidadosos com nossa arca, que é o nosso espírito com suas três funções. Se andarmos dessa forma teremos vida é paz; se permitirmos que a carne interfira, não encontraremos nada senão derrota total. A vitória não dependia do que ou como Israel pensava, mas sim onde a arca guiava. A utilidade espiritual jaz no ensino da nossa intuição, comunhão e consciência e não no pensamento do homem.

INTUIÇÃO

Assim como a alma tem sentidos, assim também o espírito. Ele está intimamente relacionado com ela, porém é totalmente diferente dela. A alma possui vários sentidos, mas o homem espiritual é capaz de detectar outro grupo de sentidos alojados na parte mais interior do seu ser, os quais são radicalmente diferentes do seu grupo de sentidos da alma*. Lá naquele recesso mais interior, ele pode regozijar, entristecer, prever, amar, temer, aprovar, condenar, decidir e discernir. Estes movimentos são sentidos no espírito e são bem distintos daqueles manifestados pela alma através do corpo.

Podemos aprender a respeito dos sentidos do espírito e seu caráter múltiplo nos seguintes versículos:

> "O espírito na verdade está pronto" (Mt.26:41)
>
> "Percebendo em seu espírito" (Mc.2:8)

"Ele, suspirando profundamente em seu espírito" (Mc.8:12) "Meu espírito exulta em Deus meu Salvador" (Lc.1:47) "Adoram o Pai em espírito e em verdade" (Jo.4:23) "Comoveu-se em espírito e perturbou-se" (Jo.11:33)

"Tendo Jesus dito isto, turbou-se em espírito" (Jo.13:21) "Revoltava-se Nele o seu espírito" (At. 17:16)

"Sendo fervoroso de espírito" (At 18:25)

"Paulo propôs em seu espírito" (At.19:21)

"Eis que eu, constrangido no meu espírito" (At.20:22)

"Sede fervorosos no espírito" (Rm.12:11)

"Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que Nele está" (1Co.2:11)

"Cantarei com o espírito" (1Co.14:15)

"Se bendisseres com o espírito" (1Co.14:16)

"Não tive descanso no meu espírito" (2Co.2:13)

"Temos o mesmo espírito de fé" (2Co.4:13)

"O espírito de sabedoria e de revelação" (Ef.1:17)

"Vosso amor no espírito" (Col.1:8-literal)

Dessas muitas passagens podemos ver logo que o espírito claramente sente e que o sentido é múltiplo. A Bíblia aqui não está nos dizendo como nosso coração sente mas sim como nosso espírito sente. E parece que o sentimento do espírito é tão inclusivo como o da alma. O espírito, como a alma, tem seus pensamentos, sentimentos, e desejos. Mas como necessitamos aprender a distinguir o espiritual daquilo que é da alma*! Chegaremos a apreciar esta diferença, se formos amadurecidos através da obra mais profunda da cruz e do Espírito.

É enquanto o cristão vive espiritualmente que seu sentido espiritual se desenvolve plenamente. Antes de experimentar a divisão da alma e espírito e a união com o Senhor num espírito, seu sentido espiritual é bastante embotado. Mas uma vez que o poder do Espírito Santo é derramado em seu espírito, seu homem interior é fortalecido e possui o sentimento dos amadurecidos. Só então ele pode entender os vários sentidos do seu espírito.

O sentido espiritual é chamado de "intuição", pois influencia diretamente sem razão ou causa. Sem passar por qualquer procedimento, ele sai de uma maneira direta. O sentimento comum do homem é causado ou produzido por pessoas, coisas ou acontecimentos. Regozijamos quando há motivo para se regozijar, entristecemos se existe justificativa para o entristecimento e assim por diante. Cada um desses sentidos tem seu respectivo antecedente, por isso não podemos concluir que eles sejam

expressões da intuição ou sentido direto. O sentido espiritual, por outro lado, não requer qualquer causa exterior, mas emerge diretamente de dentro do homem.

Grandes semelhanças existem entre a alma e o espírito. Os crentes, porém, não devem andar segundo a alma, isto é, não devem seguir seus pensamentos, sentimentos e desejos. O caminho que Deus ordena aos Seus filhos é um andar segundo o espírito; todos os outros caminhos pertencem à velha criação; daí não possuírem qualquer valor espiritual. Mas, como andar segundo o espírito? Vivendo por sua intuição, porque ela expressa o pensamento do espírito que por sua vez expressa a mente de Deus.

Frequentemente pensamos numa certa coisa, temos boa razão para fazê-la, nosso coração se Deleita nela e finalmente nossa vontade decide executá-la. Entretanto, de alguma forma, o santuário interior do nosso ser parece levantar uma voz não pronunciada e sem som, opondo-se àquilo que nossa mente, emoção ou volição tem acolhido, sentido ou decidido. Este estranho complexo parece dar a entender que esta coisa não deve ser feita. Experiência tal como esta pode mudar de acordo com as alterações das condições, pois, em outras ocasiões, podemos sentir nas profundezas interiores aquele mesmo monitor sem palavra ou som, que nos impulsiona, nos move, e nos constrange a fazer certa coisa que consideramos altamente irracional, contrária àquilo que geralmente fazemos ou desejamos e que não gostamos de fazer.

Que complexo é este que é tão diferente da nossa mente, emoção e vontade? É a intuição do espírito; o espírito está se expressando através da nossa intuição. Quão distinta é a intuição do nosso sentimento emotivo. Frequentemente nos sentimos inclinados a executar uma certa ação, mas esta intuição interior e não articulada, adverte asperamente contra ela. É totalmente contrária à nossa mente. Está localizada em nosso cérebro e é de natureza racional, enquanto que a intuição está alojada em outro lugar e é frequentemente oposta ao que é racional. O Espírito Santo expressa Seu pensamento através dessa intuição. O que comumente chamamos de ser movidos pelo Espírito, nada mais é que o Espírito nos fazendo conhecer Sua vontade intuitivamente, por meio da Sua operação em nosso espírito. Exatamente aqui podemos diferenciar entre o que vem do Espírito de Deus e o que vem de nós e Satanás. Porque o Espírito Santo habita em nosso espírito que é o centro do nosso ser, Seu pensamento, manifestado através da nossa intuição, deve surgir daquela região mais interior. Quão contrário é isto do pensamento que tem sua srcem na periferia do nosso ser. Se uma noção vem do nosso homem exterior, isto é, da mente ou emoção, então podemos saber que ela é de nós mesmos e não do Espírito Santo, pois qualquer coisa que venha Dele, deve fluir das profundezas. A mesma distinção se aplica àquilo que vem de Satanás (exceto os possuídos do demônio). Ele habita não em nosso espírito, mas no mundo: "aquele que está em vós (o Espírito Santo) é maior do que aquele que está no mundo" (Satanás) (1Jo.4:4). Satanás só pode nos atacar de fora para dentro. Ele pode atuar através da lascívia e das sensações do corpo, ou através da mente e emoção da alma, pois estes dois pertencem ao homem exterior. Por isso nos convém aprender a identificar nossos sentimentos, se eles têm srcem com o interior ou se procedem do homem exterior.

A UNÇÃO DE DEUS

A intuição da qual temos falado é exatamente o lugar onde ocorre a unção que ensina: "Ora, vós tendes a unção da parte do Santo e todos tendes conhecimento... A unção que Dele recebestes fica em vós, e não tendes necessidade de que alguém vos ensine; mas, como a sua unção vos ensina a respeito de todas as coisas, e é verdadeira e não é mentira, como vos ensinou ela, assim Nele permanecei" (1Jo.2:20,27). Esta porção da Escritura nos informa de modo bem claro onde e como a unção do Espírito Santo nos ensina.

Mas, antes de examinar esta passagem, vamos ver primeiro qual é o significado de "saber" e "entender." Geralmente não fazemos distinção entre estas duas palavras; entretanto, nas questões espirituais, a diferença entre elas é incalculável: o espírito "sabe" enquanto que a mente "entende." O crente "sabe" (ou, conhece) as coisas de Deus pela intuição do seu espírito. Estritamente falando, a mente pode apenas "compreender"; ela nunca pode "saber." O saber é obra da intuição, o compreender é tarefa da mente. O Espírito Santo capacita nosso espírito a saber; nosso espírito instrui a mente a compreender. Pode parecer difícil distingui-los na teoria, porém, na experiência são tão distintos como o trigo do joio. Os crentes atuais são tão ignorantes em sua busca do conhecimento do pensamento do Espírito Santo, que nem mesmo sabem como distinguir o "saber" do "compreender."

Não é verdade que frequentemente experimentamos este sentimento indescritível dentro de nós, o qual nos faz saber se devemos ou não fazer uma certa coisa? Podemos dizer que conhecemos a mente do Espírito Santo em nosso espírito, Entretanto nossa mente ainda pode falhar em entender todo o seu significado. Nas questões espirituais, é possível termos o conhecimento sem o entendimento. Não existem ocasiões quando, chegando ao fim da nossa aptidão, recebemos o ensinamento do Espírito Santo em nosso espírito e jubilosamente gritamos: "Eu sei"? E não existem ocasiões quando nossa mente recebe luz e entende aquilo que o Espírito Santo pretendeu, muito tempo depois determos obedecido e agido naquilo que Ele havia manifestado em nossa intuição? Naquele momento não exclamamos: "Agora eu compreendo"? Estas experiências mostram que "conhecemos" o pensamento de Deus na intuição do nosso espírito, mas "entendemos" Sua liderança na mente da nossa alma.

O apóstolo João fala da operação da intuição quando declara que a unção do Senhor, que habita nos crente, o instruirá em todas as coisas e o capacitará a conhecer tudo, de modo a não precisar de ninguém para ensiná-lo. O Senhor dá o Espírito Santo a todo santo, a fim de que Ele possa habitar Nele e guiá-lo a toda a verdade. Como Ele guia? Através da intuição. Ele revela Sua mente no espírito do crente. A intuição possui a capacidade inerente de discernir Seu movimento e significado. Assim como a mente nos instrui nos assuntos mundanos, assim a intuição nos ensina nas questões espirituais. Unção no srcinal significa "aplicar unguento." Isto sugere como o Espírito Santo ensina e fala no espírito do homem. Ele não fala com trovoadas do céu, nem lança o crente ao chão por uma força irresistível. Antes Ele opera tranquilamente no espírito imprimindo algo na intuição. Da mesma forma que o corpo do homem sente

aliviado quando o unguento é aplicado, assim nosso espírito sente suavemente a unção do Espírito. Quando a intuição tem consciência de alguma o espírito está compreendendo o que Ele está dizendo.

A fim de fazer a vontade de Deus, o cristão só precisa dar atenção à direção da sua intuição. Não existe necessidade de perguntar aos outros e nem a si mesmo. A Unção lhe ensina com respeito a tudo. A Unção não deixará nem permitirá que ele faça uma escolha independentemente, nem mesmo uma vez. Todos os que almejam andar segundo o espírito devem reconhecer isso. Nossa responsabilidade é apenas aceitar a instrução da Unção. Não precisamos decidir nosso caminho; na verdade, Ele não permitirá que façamos isso. Qualquer coisa que não seja a direção da Unção é apenas nossa ação. A Unção funciona independentemente; Ela não requer nossa ajuda. Ela expressa Sua mente independentemente da investigação da nossa mente ou da agitação da nossa emoção. A Unção opera no espírito do homem para capacitar a intuição a conhecer Seu pensamento.

DISCERNIMENTO

Lendo o contexto desta mesma porção da Escritura, vemos como o Apóstolo está preocupado com muitos ensinamentos falsos e com os anticristos. Ele assegura seus leitores que o mesmo Santo que os unge também os ensina a diferenciar a verdade das mentiras e aquilo que é de Cristo daquilo que é dos anticristos. Os cristãos não exigem que outros homens os instruam, visto que a Unção que Neles habita os ensina sobretudo. Isto é discernimento espiritual, algo de tremenda necessidade hoje. Se devemos meditar, discutir, comparar, pesquisar, observar e pensar com, nossa mente sobre pontos teológicos até que finalmente chegamos a entender o que é mentira ou o que é verdade, então só os cristãos com boas mentes e educação poderão escapar do engano. Mas Deus não tem consideração para com a velha criação; Ele determina que tudo, menos o novo espírito recém criado, deve morrer e ser destruído. A sabedoria que Deus exige que seja destruída pode ajudar as pessoas a conhecerem o bem e o mal? Não, enfaticamente não! Deus põe Seu Espírito no espírito de cada crente a despeito de quão pecaminoso ou néscio ele seja. O Espírito de habitação ensinará a ele o que é de Deus e o que não é. É por isso que às vezes não evocamos nenhuma razão lógica para nos opormos a certo ensinamento, todavia no fundo do nosso ser levanta-se uma resistência. Não podemos explicá-la, mas nosso sentido interior nos diz que isto é um erro. Ou então, podemos ouvir algum ensinamento que é totalmente diferente do que geralmente aceitamos e que não gostaríamos de seguir, mas não existe ocasionalmente uma voz suave que fala persistentemente dentro de nós afirmando que este é o caminho, andar Nele? Podemos reunir inúmeros argumentos contra ela e até mesmo oprimi-la com razões, todavia esta voz suave ainda persiste em dizer que estamos errados.

Tais experiências informam que nossa intuição, o órgão para a operação do Espírito Santo, é capaz de distinguir, ela mesma, o bem do mal sem qualquer ajuda observação e investigação da mente. Não importa qual seja o intelecto natural, qualquer indivíduo que honesta e fielmente segue o Senhor será ensinado pela Unção. O médico mais culto

partilha da mesma tolice que o homem mais néscio do interior, quando se trata de questões espirituais; mais ainda, os letrados podem cometer mais erros do que os analfabetos. Os falsos ensinamentos hoje estão espalhados. Muitos há que com palavras enganadoras disfarçam a mentira como sendo verdade. Quão necessário é este poder de discernimento no espírito! O ensinamento mais atraente, o cérebro mais inteligente e os conselheiros mais iluminados não são confiáveis; só os que se apegam intuitivamente ao ensinamento da Unção são preservados de serem enganados nesta época de confusão teológica e manifestações sobrenaturais. Devemos pedir ao Senhor para tornar nosso espírito mais ativo e puro. Devemos seguir a voz suave que vem da nossa intuição, ao invés de sermos intimidados pelo conhecimento dos outros e desviados do alarme de advertência dentro de nós. De outro modo cairemos em heresia ou nos tornaremos fanáticos. Se tranquilamente seguirmos o ensino da Unção, seremos livrados da compulsão de uma emoção ruidosa e de uma mente confusa.

LIDANDO COM AS PESSOAS

Nunca devemos julgar as outras pessoas; entretanto precisamos conhecê-las a fim de podermos compreender como viver com elas e como ajudá-las. A forma comum do homem conhecer os outros é perguntando, observando e investigando, porém, tudo isso, infelizmente, sempre nos conduz ao erro. Não estamos afirmando que estas coisas são, categoricamente inúteis, mas afirmamos que elas ocupam simplesmente um lugar secundário no conhecimento das pessoas. Um espírito puro frequentemente manifesta discernimento inconfundível. Lembramos muito bem de certas observações que fizemos quando crianças com respeito a vários indivíduos que vimos. À medida que o tempo passou, tais observações provaram ser bem precisas. Muitos anos se passaram; agora nosso conhecimento, experiência e observação aumentaram bastante; todavia, de alguma forma nossa capacidade de conhecer as pessoas parece estar diminuindo. Quando fizemos tais observações como crianças, não tínhamos nenhuma razão adequada para fazê-lo, senão que sentimos daquele modo em nossos corações. Muitos anos mais tarde, o que "sentimos" naquela ocasião mostrou ter sido correto. Quando somos crianças, nunca falamos depois determos investigado ou inquirido cuidadosamente, nem poderíamos dar qualquer bom motivo para assim falar. O que foi então? Foi a operação de uma intuição pura. Obviamente o exemplo que apresentamos pertence ao natural. Não obstante, nas coisas de Deus nossa condição espiritual deve ser convertida e se tornar como criancinha, caso tenhamos desejo de discernir espiritualmente.

Observemos nosso Senhor Jesus. "E Jesus, imediatamente percebendo em Seu espírito que eles assim questionavam em seu interior, lhes disse" (Mc.2.8). Não vemos aqui o trabalho da intuição? A Escritura não afirma que o Senhor Jesus pensou ou sentiu em seu coração, nem diz que o Espírito Santo lhe falou. Foi Seu espírito que manifestou esta perfeita habilidade. O sentimento espiritual no homem Jesus Cristo era excessivamente puro, sensível e nobre; por isso Seu espírito logo acusava como as pessoas ao redor questionavam em seus corações. Ele lhes falou segundo o que conhecia intuitivamente. Esta deve ser a condição normal de toda pessoa espiritual.

Nosso espírito habitado pelo Espírito Santo está livre para atuar e, cheio do poder do conhecimento, pode exercitar controle sobre todo o nosso ser. Assim como o espírito humano do Senhor Jesus operava durante Sua peregrinação terrena, assim também nosso espírito será ativado pelo Espírito de habitação.

REVELAÇÃO

Conhecer as coisas em nossa intuição é o que a Bíblia chama de revelação. Não há outro significado para revelação senão este: que o Espírito Santo capacita o crente a compreender um assunto particular, indicando a realidade Dele ao seu espírito. Existe apenas um tipo de conhecimento com respeito à Bíblia ou Deus que tem valor, e este é a verdade revelada ao nosso espírito pelo Espírito de Deus. Deus não explica a Si Mesmo por meio do raciocínio do homem; nem o homem chega a conhecer a Deus através da racionalização. Não importa quão hábil seja a mente do homem ou quanto ele entende de Deus; seu conhecimento de Deus permanece velado. Tudo o que ele pode fazer é racionalizar o que está por detrás do véu, porque não penetrou a realidade que está oculta da vista. Por não ter ainda "visto", o homem pode "entender" mas nunca pode "conhecer". Se não houver revelação, revelação pessoal, o cristianismo nada vale. Todos os que creem em Deus devem ter Sua revelação em seu espírito, senão o que ele crê não é em Deus mas apenas na sabedoria, ideais e palavras humanas. Tal fé não pode suportar o teste.

Tal tipo de revelação não é uma visão, uma voz celestial, um sonho ou uma força externa que balança o homem. Alguém pode encontrar estes fenômenos e ainda não ter revelação. A revelação acontece na intuição, tranquilamente, sem pressa ou lentidão, sem som e ainda com uma mensagem. Quantos se professam cristãos embora o cristianismo que abraçam seja simplesmente uma espécie de filosofia de vida ou de éticas, alguns parágrafos da verdade ou algumas manifestações sobrenaturais. Tal atitude não resultará num novo nascimento nem num novo espírito. Numerosos são estes "cristãos" cuja utilidade espiritual é igual a zero. Não são assim aqueles que receberam a Cristo, pois, pela graça de Deus perceberam em seus espíritos a realidade da esfera espiritual, que se abriu para eles como o levantar de um véu. O que conhecem hoje é muito mais profundo do que aquilo que suas mentes puderam compreender; sim, é como se um novo significado tivesse sido dado a tudo o que eles apenas entendiam ou compreendiam no passado. Agora tudo é conhecido de modo completo e genuíno, porque o espírito o viu. "Nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto" (Jo.3:11). Isto é cristianismo. A pesquisa com o intelecto nunca liberta o homem; somente a revelação no espírito concede o verdadeiro conhecimento de Deus.

VIDA ETERNA

Muitos dizem: "Se cremos, temos a vida eterna." Que vida é essa que obtemos? Ela aponta, sem dúvida, para bênção futura. Mas o que a vida eterna significa hoje? "E a

vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste" (Jo.17:3). Esta vida constitui aqui e agora uma nova capacidade para conhecer a Deus e o Senhor Jesus. Isto é bem verdadeiro. Qualquer que crê no Senhor e desfruta da vida eterna obteve um conhecimento intuitivo de Deus que nunca possuiu antes. Ter a vida eterna não é um slogan; é uma realidade que pode ser demonstrada e manifestada nesta hora presente. Os que não possuem esta vida podem racionalizar sobre Deus, mas não desfrutam de nenhum conhecimento pessoal Dele. Só depois de receber nova vida na regeneração é que alguém conhece a Deus intuitivamente e em realidade. As pessoas podem entender a Bíblia-, todavia seus espíritos permanecem na morte. Podem estar familiarizadas com a teologia, porém seus espíritos permanecem sem vida. Podem até mesmo servir zelosamente em nome do Senhor, mas vida alguma é produzida dentro dos seus espíritos. A Bíblia perceptivelmente pergunta: "Podes tu pela pesquisa encontrar a Deus, ou descobrir perfeitamente o Todo-Poderoso?" (Jó 11:7-ASV). Nenhuma quantidade de labor mental pode nos capacitar a conhecer a Deus. À parte do espírito vivificado dentro do homem, ninguém é capaz de percebê-Lo, nem mesmo com sua mente. A Bíblia só reconhece um tipo de conhecimento, e este é o conhecimento na intuição do espírito.

O MODO DE DEUS GUIAR

Assim como crente adquire seu primeiro conhecimento de Deus em seu espírito no início, assim ele deve continuar a conhecer a Deus em seu espírito. Na vida cristã nada tem qualquer valor espiritual, a menos que flua da revelação na intuição. Tudo o que não brota do espírito não é da vontade de Deus. Tudo o que pensamos, sentimos ou decidimos, se não for precedido pela revelação no espírito, é considerado como morto aos olhos de Deus. Se o crente seguir seu pensamento repentino, o "fogo ardente" em seu coração, sua inclinação natural, seu raciocínio perfeito ou sua racionalização, ele está apenas ativando seu velho homem de novo. A vontade de Deus não deve ser conhecida assim; Ele Se revela somente ao espírito do homem. O que Ele não revela ali é simplesmente atividade humana.

A cabeça está onde a vontade de Deus é entendida, mas ela nunca é a fonte da Sua vontade. A vontade de Deus tem srcem Nele Mesmo, o Qual por Seu Espírito a revela ao espírito do homem. Este, por sua vez, leva o homem exterior a entender, através da mente, aquilo que o homem interior veio a conhecer. Assim o cristão é capaz de praticar a vontade de Deus. Agora, se ao invés de buscar Seu propósito no espírito o cristão sondar sua mente, ele ficará confuso, pois os pensamentos sempre mudam. Aquele que segue sua mente não é capaz de dizer em nenhum momento: "Sei verdadeiramente, que esta é a vontade de Deus." Tal fé profunda e certeza surgem apenas quando alguém recebe revelação em seu espírito.

A revelação de Deus em nosso espírito é de dois tipos: a direta e a procurada. Por revelação direta queremos dizer que, Deus tendo algo que é Seu desejo que o crente faça, Ele se aproxima e revela tal coisa ao seu espírito. Após receber tal revelação em sua intuição, o crente age de acordo com ela. Por revelação procurada queremos dizer que um crente tendo uma necessidade especial, aproxima-se de Deus com aquela

necessidade, busca e espera por uma resposta através do mover de Deus em seu espírito. A revelação que os crentes novos recebem é principalmente a procurada; a dos mais maduro é principalmente a direta. Entretanto, devemos acrescentar imediatamente, que isto não é algo que acontece sempre, mas sim que é predominante. Aqui jaz a dificuldade com o crente novo, porque devendo esperar diante do Senhor negando seu pensamento, sentimento e desejo, ele sempre se torna impaciente enquanto aguarda Sua revelação e substitui a vontade de Deus por sua própria vontade disfarçada. Como consequência ele se coloca sob a acusação da sua consciência. Suponhamos que ele genuinamente tenha um coração para seguir o desejo de Deus, porém, não obstante, ele segue involuntariamente o pensamento da sua mente, porque carece do conhecimento espiritual. Quem pode evitar erros se anda sem revelação?

Verificamos o verdadeiro conhecimento espiritual nisso: somente o que é apropriado no espírito é conhecimento espiritual; o resto é totalmente do tipo mental. Perguntemos por um momento: Como Deus conhece as coisas? Como Ele faz Seu julgamento? Por qual conhecimento Ele controla o universo? Ele faz uma averiguação com Sua mente como o homem faz? Ele precisa pensar cuidadosamente antes de poder entender? Deus depende da filosofia, lógica e comparação para conhecer um assunto? Ele deve investigar e pesquisar antes de atingir a solução? O Altíssimo é compelido a depender da Sua inteligência? Decididamente não. Deus não necessita entregar-Se a exercícios tão fatigantes. Seu conhecimento e julgamento são intuitivos. Na verdade, a intuição é a faculdade comum de todos os seres espirituais. Os anjos obedecem o que eles conhecem como vontade de Deus intuitivamente eles não chegam a uma conclusão por meio de argumento, raciocínio ou contemplação. A diferença entre o conhecer intuitivamente e o conhecer mentalmente é imensurável. Desta própria distinção depende o resultado do sucesso ou derrota espiritual. Se a intenção fosse que a ação ou serviço do crente tivesse que ser governado pela racionalização ou senso comum, ninguém jamais tentaria realizar aquelas muitas obras gloriosas e espirituais do passado e do presente, porque muitas delas ultrapassam o raciocínio humano. Quem ousaria realizá-las se não tivesse primeiro conhecido a vontade de Deus intuitivamente?

Todo aquele que anda intimamente com Deus, desfrutando da comunhão secreta e da união espiritual, receberá a revelação de Deus na sua intuição e saberá claramente o que fazer. Suas ações obviamente, não atrairão a simpatia dos homens, pois eles não conhecem o que ele viu. Segundo a sabedoria humana suas ações são completamente sem sentido. Os crentes espirituais não sofrem oposições desse tipo? Os sábios segundo o mundo não os têm rotulado de doidos? Até mesmo seus irmãos carnais proferem julgamento semelhante contra eles. Qual é a razão para tal? A razão é que a velha vida criada nas pessoas mundanas ou nos crentes, não pode entender o caminho do Espírito Santo. Como os crentes mais racionais em verdade criticam seus irmãos menos racionais como sendo "cegamente zelosos", não reconhecendo que estes "cegamente zelosos" são verdadeiramente os espirituais, andando pela revelação que intuitivamente receberam.

Devemos ser cuidadosos para não confundir intuição com emoção. Em seu zelo os cristãos emocionais podem manifestar muitos fenômenos semelhantes àqueles dos cristãos espirituais, mas a srcem Deles não pode ser remontada à intuição. Semelhantemente, no discernimento os cristãos racionais podem agir de muitas maneiras como aqueles que são espirituais, entretanto, mais uma vez nenhuma revelação na intuição está implicada. Assim como os crentes emocionais são da alma*, assim também os racionais. O espírito possui, um zelo que ultrapassa o tipo emocional. Os espirituais são "justificados no espírito" (1Tim.3:16), não aprovados pelas afeições ou raciocínios da carne. Se cairmos da posição exaltada do espírito para seguir o sentimento e o raciocínio da carne, perderemos terreno imediatamente e recuaremos ao Egito visível e tangível em busca de ajuda como aconteceu com Abraão no passado. O espírito e a alma se movem independentemente. Enquanto o espírito não tiver se elevado para dominar o homem em sua totalidade, a alma nunca cessará de lutar contra ele.

Quando o espírito de alguém é vivificado e depois fortalecido pelo poder e disciplina do Espírito Santo, sua alma cede seu lugar usurpado e retorna à submissão. De forma crescente a alma se torna serva do espírito; semelhantemente, o corpo, uma vez subjugado, se torna servo da alma. O espirito recebe a revelação de Deus na sua faculdade da intuição, enquanto que a alma e o corpo, unificadamente, executam a vontade do espírito. Para tal progresso não existe fim. Alguns do povo de Deus podem ter mais para negar do que os outros, porque seus espíritos não são tão puros por terem sido por longo tempo saturados com conhecimento e afeições mentais. Muitos são tão cheios de preconceitos que não desfrutam de um espírito aberto para aceitar a verdade de Deus. O que eles precisam é daqueles tratamentos indispensáveis, que podem libertar sua intuição para receberem tudo de Deus.

Precisamos apreciar quão fundamental é a diferença entre as experiências espirituais e as da alma*: a experiência espiritual é assim designada porque ela começa com Deus e é conhecida em nosso espírito; a experiência da alma* provém do próprio homem e não emerge através do espírito. É portanto, bastante possível para um homem não regenerado conhecer plenamente a Bíblia, aprender com exatidão e erudição as doutrinas essenciais do cristianismo, aplicar zelosamente todos os seus talentos no serviço, balançar seus ouvintes com maravilhosa eloquência e ainda permanecer dentro da esfera da alma sem ter dado sequer um passo além, porque seu espírito continua morto como sempre. As pessoas nunca entrarão no reino de Deus por meio do nosso encorajamento, persuasão, argumento, indução, entusiasmo ou atração; a entrada só pode ser adquirida pelo novo nascimento, por nada menos do que a ressurreição do espírito. A nova vida que nos invade na regeneração, traz com ela muitas capacidades inerentes, mas nenhuma delas é o poder intuitivo conhecimento de Deus.

Isto significa que a mente ou inteligência do homem é totalmente inútil? Naturalmente que não. Ela tem um papel a desempenhar. Mas precisamos lembrar que o intelecto é de importância secundária e não primária. Não sentimos a Deus e as realidades de

Deus pelo nosso intelecto, senão a vida eterna seria sem sentido. Esta vida eterna ou nova vida é o espírito mencionado em João 3. Percebemos a Deus através desta vida eterna ou espírito recém obtido. O papel da mente é explicar ao nosso homem exterior o que conhecemos em nosso espírito e adicionalmente transformar em palavras a fim de que os outros entendam. Paulo enfatiza bastante em suas cartas que o evangelho que ele prega não teve srcem no homem. Não foi adquirido por atacado da mente de algum homem e vendido no varejo à mente de outros. Não, ele é descoberto através da revelação. Embora um homem crente possa ter a melhor das mentes, seu ensino, não obstante, não deve ser tirado do seu pensamento, seja ele repentino ou progressivo.

Sua mente apenas coopera com seu espírito na comunicação aos outros da revelação que sua intuição recebeu. O cérebro é apenas o mecanismo transmissor, não o receptor, do conhecimento espiritual.

Deus tem comunhão conosco totalmente no espírito. A não ser por sua intuição, não existe outro modo do homem conhecer a Deus. Em seu espírito o homem eleva-se as regiões invisíveis e eternas de Deus. A intuição pode ser caracterizada como cérebro do santuário interior. Quando dizemos que o espírito do homem, está morto, damos a entender que sua intuição é insensível a Deus e às Suas realidades. Quando dizemos que o espírito controla o homem total, damos a entender que as várias partes da alma e todos os membros do corpo apegam-se intimamente à vontade de Deus conhecida intuitivamente. Desejamos grifar nosso argumento de que a regeneração é totalmente indispensável. As faculdades da alma* do homem não podem perceber a Deus; coisa alguma pode substituir a intuição. A menos que o homem receba uma nova vida de Deus e tenha sua intuição ressuscitada, ele está eternamente separado de Deus. Quão fundamental é o novo nascimento. Não é apenas um termo, nem tampouco uma alteração moral, mas a vida de Deus realmente entra em nosso espírito e vivifica sua intuição. Quão impossível é ao homem agradar a Deus com suas boas ações; elas são simplesmente as operações da alma. Sua intuição está morta para Deus. Do mesmo modo é impossível para o homem gerar a si mesmo de novo, pois não existe nada Nele que possa produzir nova vida. A menos que Deus o gere ele não pode gerar a si mesmo. A capacidade de entender ensinamentos por parte do homem, também é sem valor na obra de Deus, porque a obra deve ser feita por Deus. O que pode então o homem fazer, senão se entregar nas mãos de Deus para que Ele opere? Seu espírito permanecerá morto para sempre, a menos que ele confesse que tudo o que pertence ao homem é inútil, permaneça no lugar de morte com o Senhor Jesus e aceite Sua vida.

Os métodos do homem não podem provocar a aceitação do Senhor Jesus como Salvador nem a vivificação da intuição do seu espírito, mas ele insiste em substituir a intuição por sua mente. Ele pensa e até pretende criar muitas filosofias, éticas ou religiões. Porém, qual é o pronunciamento de Deus? "Porque, assim como o céu é mais alto do que aterra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos" (Is. 55:9). A despeito de quão intensamente o homem possa meditar, seus pensamentos são terrenos e não celestiais. Após a regeneração, Deus capacita nossa intuição para conhecer Seu

pensamento e perceber Seu caminho a fim de que possamos segui-lo. Todavia, quão esquecidos os crentes são! Esquecemos o que aprendemos na regeneração. Incontáveis são os crentes que andam diariamente por suas mentes e corações. Quando servimos, tentamos mover a mente das pessoas, suas emoções e vontade, por meio do nosso intelecto, zelo e esforço. Deus deseja nos ensinar que ao servir, a nossa alma, ou a de outras pessoas, carece de qualquer valor ou importância espiritual. Ele, na verdade, permite que sejamos derrotados na obra espiritual e fiquemos abatidos, frios e infrutíferos, para que Ele possa destruir a sabedoria, fervor e habilidade da nossa vida natural. Lição tal como esta não pode ser aprendida em um ou dois dias. Deus deve nos instruir por toda a nossa, vida, a fim de nos levar a reconhecer que tudo o mais é vão, caso não sigamos a intuição do espírito.

Agora vem a crise: qual dos dois seguiremos, quando a intuição e a alma colidirem em suas opiniões? Isto determinará quem deve governar nossa vida e que caminho seguiremos. Nosso homem exterior e nosso homem interior - o homem da carne e o homem do espirito - estão lutando pela supremacia. Nos primeiros dias do nosso andar cristão, nosso espírito lutou contra as paixões da nossa carne; hoje a batalha é entre nosso espírito e alma. Anteriormente o combate era na questão do pecado; atualmente não é uma questão de bem e mal, mas do bem natural contra o bem de Deus. Antes contendíamos pela qualidade das coisas, porém agora estamos preocupados com a fonte delas. É um conflito entre o homem interior e o homem exterior; uma guerra entre a vontade de Deus e a boa intenção do homem. Aprender a andar no espírito é para o novo homem uma ocupação para a vida inteira. Se alguém segue o espírito totalmente, ele vencerá o homem da carne completamente. Por meio do fortalecimento do espírito no novo homem pelo Espírito Santo, o crente poderá destruir totalmente sua inclinação da carne, a fim de se inclinar para as coisas do espírito, isto é vida e paz.

2. COMUNHÃO

Nos comunicamos com o mundo material através do corpo e com o mundo espiritual através do espírito. Esta comunicação com o espiritual não é realizada por intermédio da mente ou emoção, mas através do espírito ou sua faculdade intuitiva. É fácil para nós entendermos a natureza da comunhão entre Deus e homem, se vimos a operação da nossa intuição. A fim de cultuar e ter comunhão com Deus, o homem deve possuir uma natureza semelhante à Dele. "Deus é espírito e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e em verdade" (Jo.4:24). Não pode haver comunicação entre duas naturezas diferentes; por isso, tanto o não regenerado cujo espírito obviamente não foi vivificado e o regenerado que não usa seu espírito para adorar, estão igualmente desqualificados para terem comunhão genuína com Deus. Pensamentos elevados e sentimentos nobres não introduzem ninguém na realidade espiritual, nem tampouco forjam comunhão pessoal com Deus. Nossa comunhão com Ele é experimentada no lugar mais profundo do nosso ser o qual é mais profundo do que nosso pensamento, sentimento e vontade, a saber, na intuição do nosso espírito.

Um exame minucioso de 1 Coríntios 2: 9 e 3: 2 pode fornecer uma visão clara de como o homem comunga com Deus e de como ele pode conhecer as realidades de Deus através da intuição do espírito.

O CORAÇÃO DO HOMEM

"As coisas que os olhos não viram, nem ouvidos ouviram, nem penetraram o coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1Co.2:9). O contexto mais amplo deste versículo fala de Deus e das coisas de Deus. O que Ele preparou não pode ser visto ou ouvido pelo corpo exterior do homem, nem concebido por seu coração interior. O "coração do homem" inclui, entre outras facetas, o entendimento, mente e intelecto do homem. O pensamento do homem não pode conceber a obra de Deus, pois esta transcende aquela. É evidente portanto, que aquele que deseja conhecer a Deus e ter comunhão com ele, não pode depender apenas do seu pensamento.

O ESPÍRITO SANTO

"Porque Deus no-las revelou pelo seu Espírito; pois o Espírito esquadrinha todas as coisas, mesmo as profundezas de Deus" (v.10). Este versículo estabelece o fato de que o Espírito Santo esquadrinha tudo e não que nossa mente concebe tudo. Somente o Espírito Santo conhece as profundezas de Deus. Ele conhece aquilo que o homem não conhece. Por Sua intuição o Espírito sonda todas as coisas. Deus é assim capaz de revelar através Dele aquilo que nosso coração nunca concebeu. Esta "revelação" não é adquirida depois de muito pensar, pois nosso coração não pode nem mesmo concebê-la. É uma revelação; ela não requer a ajuda do nosso pensamento.

Os dois versículos seguintes nos mostram como Deus revela a Si Mesmo.

O ESPÍRITO DO HOMEM

"Pois, qual dos homens entende as coisas do homem, senão o espírito do homem que Nele está? Assim também as coisas de Deus, ninguém as compreendeu, senão o Espírito de Deus. Ora, nós não temos recebido o espírito do mundo, mas sim o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus" (vs.11,12). Ninguém conhece os pensamentos do homem, a não ser o espírito do homem; do mesmo modo, ninguém conhece as coisas de Deus senão o Espirito Santo. O espírito do homem, como também o Espírito de Deus, percebem as coisas diretamente, e não por dedução ou pesquisa. Eles percebem através da faculdade da intuição. Visto que somente o Espírito Santo conhece as coisas de Deus, devemos recebê-Lo se quisermos também conhecer estas coisas. O espírito do mundo está cortado da comunicação com Deus. É um espírito morto e não pode efetuar a comunhão com Ele. O Espirito Santo, por outro lado, compreende as coisas de Deus; portanto, recebendo em nossa intuição aquilo que o Espírito Santo conhece, compreenderemos também as realidades de Deus. "Temos recebido... o Espírito que provém de Deus, a fim de compreendermos as coisas que nos foram dadas gratuitamente por Deus."

Como conhecemos então? O versículo 11 nos diz que o homem conhece pelo seu espírito. O Espírito Santo descobre ao nosso espírito o que Ele conhece intuitivamente, a fim de que possamos conhecer também intuitivamente. Quando o Espírito Santo revela os assuntos pertencentes a Deus, Ele não o faz em nossa mente ou em qualquer outro órgão, mas no nosso espírito. Deus sabe que este é o único lugar no homem que pode perceber as coisas do homem como também as Suas. A mente não é o lugar para se conhecer tais coisas. Embora seja verdade que a mente pode pensar e conceber muitos assuntos, ela todavia, não pode conhecê-los.

Assim podemos reconhecer quão altamente Deus considera o espirito regenerado do homem. Antes do novo nascimento, o espírito do homem estava morto. Deus não tinha como revelar Sua mente a tal homem. O cérebro mais inteligente falha no conhecimento da mente de Deus. Tanto a comunhão de Deus com o homem e a adoração do homem a Deus dependem do seu espírito regenerado. Sem este componente revitalizado, Deus e o homem estão irremediavelmente separados; nenhum Deles pode vir ou ir ao outro. O primeiro passo em direção à comunhão entre Deus e o homem deve ser esta vivificação do espírito do homem.

Por possuir uma vontade livre, o homem tem autoridade para decidir seus assuntos. Isto explica porque ele continua enfrentando muitas tentações depois do novo nascimento. Devido à sua tolice, ou talvez seu preconceito, ele pode não ceder a posição correta ao seu espírito e à sua intuição. Deus aceita este espírito como o lugar onde Ele manterá comunhão com o homem e o homem com Ele.

Mas o crente ainda anda por sua mente ou emoção. Quantas vezes ele ignora completamente a voz da intuição. Seu princípio de vida é aderir àquilo que ele mesmo considera razoável, bonito agradável ou interessante. Mesmo tendo um coração para

fazer a vontade de Deus, ele geralmente aceitará sua ideia impulsiva ou seu pensamento mais lógico como sendo a mente de Deus, não reconhecendo que ele só deveria seguir o pensamento manifestado pelo Espírito Santo em sua intuição. Algumas vezes pode estar desejoso de ouvir a voz da sua intuição, mas por falhar em manter seus sentimentos aquietados, ele descobre que aquela voz está vaga e confusa. Andar segundo o espírito se torna, consequente, mente, algo ocasional, ao invés de formar uma experiência contínua diária na vida cristã.

Se o conhecimento inicial da vontade de Deus é tão difícil, quem pode se admirar com a ausência de outra e mais profunda revelação? Como podemos então conhecer verdadeiramente, em nosso espírito, o plano de Deus para o fim desta era, a realidade do conflito espiritual e as verdades mais profundas da Bíblia? Pois nossa adoração corresponde simplesmente àquilo que pensamos ser melhor, ou aquilo que sentimos impulsivamente. Por isso a comunhão com o Senhor em nossa intuição, torna-se naturalmente um fenômeno despercebido.

O crente deve reconhecer que somente o Espírito Santo compreende as coisas de Deus e isto intuitivamente. Ele é a única Pessoa que pode comunicar este conhecimento ao homem. Mas, para alguém obter tal conhecimento, ele deve se apropriar Dele pelos meios próprios, a saber: recebendo em sua intuição, aquilo que o Espírito Santo conhece intuitivamente. A combinação dessas duas intuições capacita o homem a perceber a mente de Deus.

"E comunicamos isto em palavras não ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito Santo interpretando verdades espirituais àqueles que possuem o Espírito" (v.13 RSV). Como vamos comunicar aos outros as coisas de Deus que discernimos na intuição do nosso espírito? Tendo chegado a conhecer as realidades de Deus, nossa responsabilidade agora é proclamá-las. O Apóstolo Paulo declara que não as transmite em termos ensinados pela sabedoria humana. Tai sabedoria pertence à mente do homem e é o produto da inteligência do homem. Paulo afirma categoricamente que não emprega as palavras que vêm da mente, para comunicar aquilo que seu espírito conhece concernente as coisas de Deus. Paulo possui, em si mesmo, grande sabedoria.

Ele é perfeitamente capaz de formular frases novas e maravilhosas e de entregar sua mensagem eloquentemente com grande organização e parábolas ilustrativas. Ele sabe como trazer seus ouvintes entenderem o que ele quer dizer. Entretanto ele recusa usar a terminologia ensinada pela sabedoria humana. Esta declaração e atitude do Apóstolo Paulo indica que a mente do homem não é apenas inútil no conhecimento das coisas de Deus, mas é também secundária na transmissão do conhecimento espiritual.

O Apóstolo pronuncia as realidades de Deus numa fraseologia ensinada pelo Espírito. Em sua intuição ele recebe Sua instrução. Nada na vida do cristão tem qualquer valor, a não ser aquilo que está no seu espírito. Até mesmo para relatar o conhecimento espiritual, ele precisa empregar palavras espirituais. A intuição se apropria não apenas daquilo que o Espírito Santo revela, mas também das palavras ensinadas pelo mesmo

Espírito, a fim de explicar aos outros aquilo que tem sido revelado. Quão frequentemente o crente tenta comunicar aos outros aquilo que lhe foi tão claramente revelado por Deus, e, a despeito do quanto tente, não encontra palavras para transmitir o significado fundamental daquilo que foi revelado. Por que? Porque não recebeu as palavras em seu espírito. Em outras ocasiões, enquanto espera diante do Senhor, o crente sente que algo se levanta no centro do seu ser; talvez apenas algumas palavras. Com estas poucas palavras, entretanto, ele é capaz de comunicar adequadamente numa reunião aquilo que lhe foi revelado. Ele chega a reconhecer como Deus realmente o usa para testificar para o Senhor.

Tais experiências atestam a importância da "expressão" dada pelo Espírito Santo. Existem dois tipos de expressão: a natural e a concedida pelo Espírito. O tipo de expressão registrada em Atos 2: 4 é indispensável no serviço espiritual, A despeito de quão eloquente seja a nossa expressão natural, ela permanece sem poder para verdadeiramente comunicar as coisas de Deus. Podemos considerar que falamos muito bem, entretanto não tivemos sucesso em expressar o pensamento do Espírito. Somente as palavras espirituais, isto é, a terminologia recebida no espírito, pode pronunciar o conhecimento espiritual. Se temos o encargo da mensagem do Senhor em nosso espírito, como se fosse um fogo queimando por dentro e ainda não temos os meios para liberar aquele encargo, devemos esperar pela "expressão" a ser dada pelo Espírito, a fim de podermos proclamar a mensagem do nosso espírito e liberar aquele encargo. Se inadvertidamente usamos linguagem ensinada pela sabedoria humana ao invés de esperarmos pelas palavras concedidas intuitivamente pelo Espírito Santo, descobrimos que nossa eficiência espiritual é como nada. O discurso fundamentado simplesmente na sabedoria terrena só pode mover as pessoas a dizerem que a teoria apresentada é realmente boa. Às vezes provamos muitas experiências espirituais, mas não sabemos como pronunciá-las até que outros crentes as revelam com uma palavra. A explicação é porque até o momento em que ouvimos outros expressando nossas experiências em termos simples, nós ainda não havíamos recebido em nosso espírito palavras claras do Senhor.

Verdades espirituais devem ser explicadas com frases espirituais. Devemos empregar meios espirituais para alcançar fins espirituais. Isto é o que o Senhor deseja principalmente nos ensinar hoje. Os alvos espirituais precisam ser aperfeiçoados por meio de processos espirituais correspondentes. O carnal, como carnal, nunca se tornará espiritual. Se esperamos chegar aos nossos objetivos espirituais com nossas mentes e emoções, nós, por assim dizer, estamos esperando que água doce jorre de fontes amargas. Todas as questões relacionadas com Deus, tais como a busca da Sua vontade, obediência aos Seus mandamentos, proclamação da Sua mensagem, só são eficazes se nascerem da comunhão com Deus no espírito. Tudo aquilo que é realizado através dos nossos pensamentos, talentos ou métodos é considerado como morto para Deus.

O QUE É DA ALMA* E O ESPIRITUAL

"Ora, o homem natural (srcinal: soulical, da alma) não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque para ele são loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem

espiritualmente" (v.14). Os da alma* são aqueles que ainda não nasceram de novo e portanto não possuem um novo espírito. Visto sua faculdade intuitiva estar morta para Deus, tudo o que possuem são as faculdades da alma. São bastante capazes de decidir o que gostam através do raciocínio e da afeição, porém, não tendo um espírito regenerado, não têm poder para receber as coisas do Espírito de Deus. Embora tais indivíduos possam pensar e observar, ainda carecem do poder básico intuitivo; eles não podem receber aquilo que Deus revela exclusivamente ao espírito do homem. Quão totalmente inadequadas são as capacidades naturais do homem. Realmente ele tem muito, mas nada pode substituir a operação da intuição. Porque o homem está morto para Deus, nenhum órgão existe Nele pelo qual ele possa receber as coisas de Deus. Nada num homem da alma* é capaz de ter comunhão com Ele. A mente mais respeitável do homem, assim como o intelecto e o raciocínio, são tão corruptos quanto suas cobiças e paixões; ambos são igualmente incompetentes para compreender a Deus. Até mesmo um homem regenerado, se tentar comunicar com Deus usando sua mente e observação (como faz o não regenerado), ao invés de exercitar seu espírito renovado, é absolutamente incapaz de perceber as realidades de Deus. Aqueles elementos que nos pertencem naturalmente, não mudam suas operações após a regeneração. A mente ainda é mente, e a vontade ainda é vontade; elas nunca podem ser transformadas em órgãos capazes de comunhão com Deus.

A pessoa da alma* não somente não pode receber as coisas de Deus, como também as considera como estupidez. Segundo as avaliações da sua mente, assuntos conhecidos pela intuição são categoricamente tolices porque são irracionais, contra a natureza humana, contrários à sabedoria terrena ou porque chocam com o senso comum. A mente se Deleita em tudo aquilo que é lógico, aberto à análise e psicologicamente atraente. Deus, entretanto, não é governado pela lei do homem e por isso, Suas ações são loucura para aquele que é da alma*. A tolice mencionada neste capítulo em particular, inquestionavelmente se refere à crucificação do Senhor Jesus. A palavra da cruz fala não apenas do Salvador. Tudo aquilo que naturalmente pertence aos crentes deve passar pela morte da cruz. A mente pode aceitar isto como teoria, mas certamente fará oposição a ela como prática.

Visto que a pessoa da alma* não acolhe esta palavra da cruz, ela, obviamente, não pode compreender do que se trata. A recepção precede o conhecimento. A capacidade ou incapacidade de receber, prova a presença ou ausência de um espírito vivificado. A capacidade ou incapacidade de conhecer, manifesta o caráter vital ou moribundo da faculdade intuitiva. O espírito deve primeiro, ser vivificado antes de ser capaz de receber as coisas de Deus. Com um espírito avivado a pessoa recebe também a capacidade intuitiva de apropriação das coisas de Deus. Quem conhece os pensamentos do homem senão o espírito do homem? Uma pessoa, da alma* não pode discernir as realidades de Deus, porque não desfruta daquele novo espírito que leva dentro Dele o poder intuitivo de discernimento.

O Apóstolo Paulo passa a explicar porque o homem da alma* é incapaz de receber e conhecer as questões pertencentes a Deus: "Porque elas se discernem espiritualmente."

Não observamos quão frequente e repetidamente o Espírito Santo enfatiza o fato de que o espírito do homem é o lugar de comunhão com Deus? O ponto básico dessa porção da Escritura visa provar e demonstrar que o espírito do homem é fundamental e exclusivo, para qualquer comunhão com Deus e o conhecimento dos assuntos divinos.

Cada elemento tem seu uso particular. O espírito é usado para conhecer as realidades espirituais. Não estamos tentando depreciar o uso das faculdades da alma. Elas são úteis, mas aqui devem desempenhar um papel secundário. Elas devem estar sob

controle e não controlando. A mente deve se submeter ao governo do espírito e seguir aquilo que a intuição entende ser a vontade de Deus. Ela não deve conceber suas próprias ideias e depois exigir que o todo do homem obedeça. A emoção também deve obedecer os ditames do espírito. Não deve preferir aquelas escolhas que são diferentes da vontade de Deus. Se estas faculdades da alma* fossem mantidas numa posição secundária, o crente daria passos tremendos em sua caminhada cristã. Infelizmente, muitos cristãos dão a elas o primeiro lugar, eliminando assim aposição do espírito.

É de se maravilhar que não vivam uma vida espiritual, ou não tenham qualquer valor espiritual? O espírito deve ser restaurado à posição a ele designada. O crente deve aprender a esperar no espírito pela revelação de Deus. A menos que ele seja elevado ao seu lugar correto, o homem fica impedido de conhecer aquilo que somente o espírito pode conhecer. É por isso que o versículo 13 acrescenta: "interpretando verdades espirituais àqueles que possuem o Espírito", pois somente os espiritualmente sensíveis

podem conhecer coisas no espírito.
"O homem espiritual julga todas as coisas, mas ele mesmo não é julgado por ninguém" (v.15). O homem espiritual é alguém cujo espírito domina e que possui uma intuição altamente sensível. Está qualificado a desempenhar suas funções porque sua quietude não é perturbada pela mente, emoção e vontade da alma.

Por que o homem espiritual pode julgar todos os assuntos? Porque sua intuição apoia-se no Espírito Santo para o seu conhecimento. Por que ele não é julgado por ninguém? Simplesmente porque ninguém sabe como e o que o Espírito Santo comunica à sua intuição. Se o conhecimento de um crente depende do seu intelecto, ninguém, a não ser os naturalmente inteligentes, pode julgar coisa alguma. Educação e conhecimentos seculares seriam então indispensáveis, e o possuidor de tal inteligência seria também julgado por aqueles que são tão sábios quanto ele ou mais sábios, pois poderiam certamente compreender o tio do seu pensamento. O conhecimento espiritual, entretanto, é baseado na intuição do espirito. Não existe limite para o conhecimento do cristão, caso ele seja espiritual e possua uma intuição sensível. Sua mente pode ser embotada, mas o Espírito Santo pode conduzi-lo à realidade espiritual e seu espírito pode iluminar sua mente. A maneira do Espírito revelar-Se, realmente ultrapassa a expectativa do homem.

"Pois, quem jamais conheceu a mente do Senhor, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo" (v.16). Aqui temos a declaração de um problema. Ninguém

no mundo conheceu a mente do Senhor para instruí-Lo, porque todos os homens são da alma*. A única maneira de compreender a Deus é pela intuição. Como pode uma pessoa cujo espírito está morto jamais conhecer a mente de Deus? Isto explica porque pessoas tais como estas, não podem julgar o homem espiritual: porque nenhuma delas tem a mente do Senhor. Estas são naturalmente as pessoas da alma*. Por outro lado, os. espirituais conhecem a mente do Senhor porque têm uma intuição sensível. Mas os da alma* não podem conhecer porque a intuição Deles não é operante; por isso não desfrutam de nenhuma comunhão com Deus. O sentido aqui é que os da alma* não podem conhecer a mente do Senhor, nem tampouco a daqueles que são espirituais, que estão plenamente comprometidos com Ele.

"Mas nós..." indica que o "nós" é diferente daquelas pessoas da alma*. "Nós" inclui todos os crentes salvos, muitos dos quais talvez continuem sendo carnais. "Mas nós temos a mente de Cristo." Nós que fomos regenerados, sejamos bebés ou adultos, possuímos a mente de Cristo e discernimos Seus pensamentos. Porque temos uma intuição ressurreta podemos conhecer e já temos conhecido o que Cristo preparou para nós no futuro (v.9). Os da alma* não conhecem, mas nós, os regenerados, conhecemos. A diferença está no ter ou não ter o espírito.

O ESPIRITUAL E O CARNAL

"E eu, irmãos, não vos pude falar como a homens espirituais, mas como a homens da carne, como a bebés em Cristo. Leite vos dei por alimento, e não comida sólida, porque não a podíeis suportar; nem ainda agora podeis" (1Co. 3:1,2). Estas palavras estão intimamente relacionadas com os versículos anteriores e o ensinamento delas segue a linha acima estabelecida, que fala do espírito do homem. Ora, todos nós reconhecemos que a divisão das Escrituras em capítulos e versículos foi idealizada para a conveniência dos leitores e de modo algum algo revelado pelo Espírito Santo. Estas palavras dos versículos 1 e 2 de 1 Coríntios 3 devem ser lidas em conexão com as do capítulo anterior.

Quão incisivo é o sentido espiritual de Paulo. Ele conhece muito bem todos os seus leitores, se são espirituais ou carnais, se controlados pelo espírito ou frequentemente governados pela carne. Por isso ele não desconsidera a condição da receptividade Deles derramando seus pensamentos a esmo, simplesmente por estar falando de questões espirituais. Ele só vai comunicar "coisas espirituais com espirituais" (v. 13, margem da RSV). A comunicação de Paulo depende, não tanto do quanto ele sabe, mas no quanto seus leitores podem assimilar. Aqui não vemos ostentação do seu conhecimento. O Apóstolo tem fraseologia e conhecimento espirituais; consequentemente ele sabe como lidar com crentes de todos os tipos. Nem todos os termos que enunciam o profundo mistério de Deus são termos espirituais; somente os que são ensinados no espírito pelo Espírito Santo é que são espirituais. E tais termos não são necessariamente palavras profundas; na verdade podem ser muito comuns e normais. Todavia estas palavras são ensinadas pelo Espírito Santo e compreendidas no espírito. Quando são pronunciadas, então produzem resultados espirituais consideráveis.

O que o Apóstolo escreve nestes dois versículos e no versículo 15 do capítulo anterior, resolve um interessante paradoxo, a saber: se o espírito do homem conhece as coisas que pertencem ao homem e o homem espiritual julga todas as coisas, por que então existem tantos cristãos com espíritos renovados que não sentem que possuem um espírito, ou que não são capazes de conhecer as coisas profundas de Deus através dos seus espíritos? A resposta é: "o homem espiritual julga todas as coisas" (v.15). Embora todos os cristãos possuam um espírito regenerado, nem todos são espirituais. Muitos ainda são carnais. A intuição do homem foi realmente vivificada, porém o homem deve dar o lugar correto a ela, proporcionando-lhe oportunidade para operar. Caso contrário ela será abafada, sem condição de comungar com Deus ou de saber o que poderia saber. Os cristãos espirituais não andam pela vida das suas almas; eles entregaram todas as suas faculdades à cruz e as relegaram à posição de submissão a fim de que sua intuição possa receber livremente a revelação de Deus. Mais tarde a mente, emoção e vontade Deles agirão voluntariamente de acordo com esta revelação. Tal não acontece com os cristãos carnais. Intuitiva mente são regenerados e estão vivos para Deus, e têm toda oportunidade de serem espirituais; mas, ao invés disso, permanecem atados pela carne. As cobiças da carne continuam poderosas, a tal ponto de impelir estes cristãos a pecar. Suas mentes carnais ainda estão cheias de pensamentos errantes, de raciocínios e planos; suas emoções fluem descontroladamente com tendências, desejos e interesses carnais; e suas vontades formulam muitas opiniões, argumentos e juízos mundanos. Estão tão ocupados em seguir a carne, que nem têm tempo nem inclinação para ouvir a voz da intuição. Visto que a voz do espírito, é geralmente muito suave, ela não pode ser ouvida a menos que haja atenção concentrada e quietude em tudo mais. Como poderá ser ela ouvida se as várias partes da carne são desordenadamente ativas? Quando os crentes são governados pela carne, eles se tornam influenciados por ela a tal ponto de seus espíritos se tornarem embotados e de não poderem receber alimento sólido, A Bíblia compara um crente recém-regenerado a um bebê. A vida em seu espírito que ele recebeu há pouco é tão pequena e fraca quanto um bebê nascido de modo natural. Não há nada errado em ser ele um bebê, desde que não permaneça tempo demasiado neste estágio. Todo adulto deve começar como criança, mas se ele permanecer assim por muito tempo, sem que seu espírito faça progresso além daquilo que era quando foi regenerado há alguns anos passados, então algo está drasticamente errado. O espírito do homem pode crescer; a intuição do espírito é capaz de tornar-se mais forte. Uma pessoa recém-regenerada é como um bebê recém-nascido que não tem autoconsciência e cujos nervos são inseguros na função. Sua vida espiritual pode ser comparada a uma centelha de fogo. Seu poder intuitivo é extremamente fraco e ineficaz. Mas um bebê deve crescer diariamente. Seu conhecimento deve aumentar continuamente através do exercício, treinamento e crescimento, até que se torne plenamente autoconsciente e saiba como exercitar com habilidade todos os seus sentidos. Assim também deve o crente fazer. Depois da regeneração ele precisa exercitar gradativamente sua intuição. Cada exercício significa um aumento na experiência, conhecimento e estatura espiritual. O homem não possui percepção amadurecida em seus sentidos quando

nasce e assim também acontece com a intuição de um crente; ela não é attamente sensível por ocasião do novo nascimento.

Tudo isto entretanto, não significa que os cristãos da alma** que permanecem tempo demais como bebés não tenham tratos externos com seus pecados, não experimentem crescimento no seu conhecimento da Bíblia, não façam esforço para servir ao Senhor ou recebam nenhum dom do Espírito Santo. Os santos em Corinto encontraram tudo isto. Eles foram, em tudo "enriquecidos Nele (em Cristo) em toda palavra e em todo o conhecimento... de maneira que nenhum dom vos falta" (1Co. 1:5,7). Do ponto de vista humano, estes não são sinais de crescimento? Nós provavelmente consideraríamos os crentes de Corinto bastante espirituais; o Apóstolo todavia, os considerava bebés, como homens da carne. Por que será que o crescimento em palavra, conhecimento e dons não eram considerados crescimento? Isto descobre um fato intensamente importante que é: embora os santos em Corinto tivessem crescido nestas capacidades externas, eles falharam em crescer em seus espíritos. A intuição Deles não se tornou mais forte. O crescimento na pregação eloquente, conhecimento bíblico e dons espirituais não é reconhecido como aumento na vida espiritual Se o espírito do crente que tem a capacidade de ter comunhão com Deus não se torna mais forte e afiado, o julgamento de Deus é que ele não cresceu nada!

Quantos do povo do Senhor estão se desenvolvendo na direção errada! Muitos entendem que depois de serem salvos devem buscar conhecimento bíblico mais elevado, melhor expressão na pregação e mais dons espirituais. Eles esquecem que devem buscar progresso em seu espírito. Palavra, conhecimento e dons são coisas puramente exteriores; a intuição, pelo contrário, é interior. Quão triste é a visão daquele cristão que permite que seu espírito continue como bebé, mas que ao mesmo tempo enche sua vida da alma com palavras, conhecimento e dons. Estas coisas são valiosas, mas como podem ser comparadas com o valor do espírito? O que Deus recém criou em nós é este espírito (ou, vida espiritual), e o que deve se desenvolver em idade adulta madura é igualmente este espírito. Se cometermos o sério erro de buscar o enriquecimento da vida da alma ao invés do crescimento desta vida espiritual com sua intuição, não faremos progresso algum aos olhos de Deus. Deus considera nosso espírito por demais importante e, por isso, Ele cuida do seu crescimento. Não importa o quanto nossa mente, emoção e vontade possam ganhar pela palavra, conhecimento e dom: tudo é considerado vão por Deus, caso nosso espírito não seja desenvolvido.

Diariamente esperamos ter mais poder, mais conhecimento, mais dons, mais eloquência; a Bíblia, todavia, assevera que mesmo que tenhamos mais desses elementos, não significa que progredimos na vida espiritual. Pelo contrário, nosso caminhar espiritual pode permanecer o mesmo sem avançar um quilómetro sequer. Paulo, de modo franco, lembra os crentes em Corinto: "Não estáveis preparados para ela; e até mesmo agora ainda não estais preparados" (3:2). Em que estavam despreparados? Não estavam preparados para servir a Deus com sua intuição, para conhecer mais de Deus intuitivamente e para receber Sua revelação em sua intuição. Obviamente não estavam preparados quando a princípio creram no Senhor; mas agora,

anos mais tarde, embora enriquecidos com palavra, conhecimento e dons, ainda não estavam. Por estas duas palavras "ainda agora" o Apóstolo deu a entender que, embora estivessem repletos de riquezas exteriores, sua vida espiritual não havia feito progresso desde quando creram. O verdadeiro progresso é medido pelo crescimento do espírito e sua intuição; o resto pertence à carne. Isto deveria ser indelevelmente gravado em nossos corações.

Lamentavelmente os crentes de hoje parecem alcançar progresso em quase todas as esferas, exceto na esfera do espírito. Depois de crer no Senhor por muitos anos, continuam lamentando: "Não sinto que tenho um espírito." A diferença entre nossa mente e a de Deus é ampla. Nós, como os de Corinto, tentamos acumular com sucesso, bastante do assim chamado conhecimento espiritual, por meio do exercício do intelecto da nossa mente. Infelizmente o aumento da nossa mente não substitui e não pode substituir o amadurecimento da nossa intuição. Para Deus continuamos sem mudança. Devemos portanto, lembrar que o crescimento que Deus mais deseja não é no nosso homem exterior e sim no homem interior e na sua intuição. Ele espera que a nova vida que recebemos na regeneração cresça e que tudo o que pertence à velha criação seja repudiado.

O crente falha em ser espiritual por ser demasiadamente influenciado pela carne. Somente aquele cuja intuição está viva e que desfruta de comunhão ininterrupta com Deus, conhece as coisas profundas de Deus. Se o poder intuitivo é fraco, que mais pode ser absorvido além de leite? O leite é alimento pré-digerido. O que isto indica é que o crente carnal** não pode manter comunhão clara com Deus na intuição do espírito e, por isso, deve depender de outros cristãos mais avançados com respeito as coisas de Deus. Os cristãos maduros comungam com Deus em sua intuição e depois transformam em leite o que lhes foi mostrado para os bebés em Cristo. O Senhor permite tal coisa na vida de um principiante, mas não tem prazer em que Seu povo permaneça insensível e sem poder na comunhão direta com Ele. Ser alimentado com leite indica que a pessoa está longe de poder ter comunhão com Deus diretamente e daí sua dependência de outros para transmitir a mensagem de Deus. a ela. Os maduros têm sua intuição plenamente exercitada para distinguir o bem do mal. Não temos utilidade espiritual se possuímos muitas ideias mas não temos a habilidade de comungar com Deus e conhecer Suas realidades com nossa intuição. Os cristãos em Corinto eram de alta categoria em palavra, conhecimento e dons, mas como estava a vida espiritual Deles? Quase que totalmente inativa. A igreja em Corinto era uma igreja carnal, pois tudo o que possuía era só na mente.

Muitos dos filhos de hoje cometem o mesmo erro que os santos em Corinto. As palavras do Senhor são espírito e vida, mas eles não as aceitam como tais. Investigam problemas teológicos com uma mente muito fria e os significados ocultos da Bíblia com vistas a apresentar a melhor interpretação. Eles satisfazem sua luxúria pelo conhecimento, e transmitem o que encontraram escrevendo e pregando. Embora seus pensamentos, argumentos e esboços sejam excelentes, e aparentemente até muito espirituais, aos olhos de Deus tais conquistas são pesos mortos, porque não foram

alcançados no espírito. Foram simplesmente passados da mente de um homem para e mente de outro. Alguns leitores podem protestar dizendo que são ajudados; mas a questão é: o que é ajudado? Fora do auxílio prestado à mente, para que esta alcance ideias adicionais, nada mais acontece. Tal conhecimento não acrescenta nada a eficácia espiritual. Somente o que vem do espírito pode penetrar nos espíritos dos outros; aquilo que vem da mente só pode alcançar as mentes dos outros. Finalmente, o que vem do Espírito Santo penetra nosso espírito e tudo aquilo que o Espírito Santo transmite através do nosso espírito pode alcançar os espíritos dos outros.

O ESPÍRITO DE SABEDORIA E REVELAÇÃO

Em nossa comunhão com Deus, o espírito de sabedoria e revelação é imperativo. "O Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê o espírito de sabedoria e de revelação no pleno conhecimento-Dele" (Ef.1:17). Quando um novo espírito é recebido na regeneração, suas funções aguardam desenvolvimento, pois elas jazem, no presente, dormentes ali. O Apóstolo Paulo orou pelos crentes regenerados em Éfeso, desejando que eles recebessem o espírito de sabedoria e revelação a fim de que pudessem conhecer a Deus intuitivamente. Não sabemos se esta habilidade é uma função oculta do espírito do crente, ativada através da oração, ou se é algo acrescentado pelo Espírito Santo ao espírito do crente como resultado de oração. Todavia uma coisa é certa: este espírito de sabedoria e revelação é essencial à comunhão de alguém com Deus. Reconhecemos que ele pode ser obtido por meio da oração.

Embora nossa intuição seja capaz de ter comunhão com Deus, ela requer sabedoria e revelação. Precisamos dela para saber o que é de Deus e o que é de nós mesmos. Precisamos ter sabedoria para discernir as imitações do inimigo e também seus ataques. Precisamos dela também para saber como nos conduzir entre os homens. Em mais de mil maneiras diferentes precisamos da sabedoria de Deus, pois somos tolos e propensos a cometer erros. Quão difícil é para nós executar a vontade de Deus em todas as questões, mas Ele nos concederá o equipamento necessário. Ele não o comunica à nossa mente, pelo contrário, Ele reparte o espírito de sabedoria conosco para que possamos ter sabedoria em nosso espírito. Deus o concede à nossa intuição, porque Ele nos conduzirá por meio da intuição no caminho da sabedoria. Geralmente, quando nossa própria sabedoria parece ter alcançado seu fim, ali se levanta, gradativamente, dentro de nós, outra espécie para nos guiar. Sabedoria e revelação estão intimamente ligadas, porque todas as revelações são as da sabedoria. Se vivemos naturalmente, não temos como entender a Deus. Nada a não ser trevas reside no homem natural. Deus e as questões divinas se estendem muito além do alcance da nossa mente, e, embora nosso espírito possa até mesmo ser vivificado, ele ainda habita nas trevas se não há a revelação do Espírito Santo. Um espírito vivificado só indica que ele é afinal capaz de receber a revelação de Deus. Não significa que ele agora pode se mover independentemente.

Em nossa comunhão com Deus Ele frequentemente dá revelação. Devemos orar por ela. O espírito de revelação indica que Deus revela no espírito. O espírito de sabedoria e revelação indica onde Deus Se revela e com Ele nos comunica Sua sabedoria. Um

pensamento impulsivo não deve ser interpretado como que pertencendo ao espírito de revelação. Somente o que conhecemos intuitivamente da mente de Deus, através da operação do Espírito Santo em nosso espírito, é que constitui o espírito de revelação. Deus tem comunhão conosco ali e em nenhum outro lugar.

O espírito de sabedoria e de revelação nos proporciona o verdadeiro conhecimento de Deus; tudo mais é da profundidade da pele, imaginário, superficial e portanto, falso. Frequentemente falamos de santidade, justiça misericórdia, amor de Deus e outras virtudes também. A mente do homem é capaz de conceber estes atributos de Deus, todavia tal conhecimento mental é como olhar através de uma parede de pedra. Entretanto, quando o crente recebe revelação de Deus com respeito à Sua santidade, ele se vê completamente podre e destituído de qualquer pureza diante da luz da habitação de Deus, numa luz inacessível onde nenhum homem pecaminoso ou natural pode se aproximar. Oh, se muitos dentre nós pudessem receber uma experiência tal como esta! Comparemos, depois disso aquele que recebeu tal revelação da santidade de Deus com o outro que não possui tal experiência, mas que, com facilidade, fala da Sua santidade. Podem até mesmo empregar a mesma terminologia, mas a palavra articulada parece ter muito mais peso do que a do segundo. O primeiro parece falar com todo o seu ser e não apenas com seus lábios. Somente o espírito de revelação explica isto. E isto se aplica igualmente a todas as outras verdades na Bíblia. Às vezes entendemos uma certa verdade e reconhecemos sua importância, mas só depois daquela verdade particular ser revelada por Deus ao nosso espírito é que podemos falar com ênfase especial.

Qualquer coisa que acumulamos exteriormente, que não é interiormente revelado não pode mover nem a nós nem aos outros. Somente a revelação no espírito é que contém potência espiritual.

Ter comunhão com Deus é receber Sua revelação no espírito. As revelações de Deus para muitos de nós são raras porque nem sempre esperamos por elas Nele. Como podemos comparar uma vida natural preocupada, com uma vida conduzida segundo a revelação? Mas se estivermos dispostos a dar oportunidade a Deus, receberemos, sem dúvida, revelação e de modo frequente. A vida dos Apóstolos confirma abundantemente esta afirmação.

ENTENDIMENTO ESPIRITUAL

Existe a sabedoria da alma** e a sabedoria espiritual. A primeira vem da mente do homem, enquanto que a segunda é suprida ao espírito por Deus. A educação pode remediar 'qualquer falta de entendimento e sabedoria num homem natural, mas ela não pode alterar seu dom natural. A sabedoria espiritual, todavia, pode ser ganha através da oração da fé (Tg.1:5). Uma coisa que devemos guardar em mente é que na redenção "Deus não faz acepção de pessoas" (At. 10:34). Ele coloca todos os pecadores, sábios ou tolos, no mesmo pé de igualdade e concede a eles a mesma salvação. O sábio está completamente corrompido na totalidade do seu ser e assim também o ignorante. Aos olhos de Deus a mente do sábio é tão sem eficácia quanto a mente do ignorante. Ambos carecem da regeneração do espírito; e com referência a isto, não é mais fácil

para o sábio do que para o ignorante conhecer as palavras de Deus. Naturalmente que é bem difícil para uma pessoa muito ignorante conhecer a Deus; mas será menos difícil para os mais sábios dentre os homens? De modo nenhum, porque Deus deve ser conhecido por todos no espírito. Suas mentes podem ser diferentes, mas seus espíritos estão mortos e portanto, ambos são ignorantes e deficientes nos assuntos divinos. A inteligência natural do homem não o ajuda a conhecer Deus e a verdade de Deus. Sem dúvida é mais fácil argumentar com o mais sábio, por ser mais rápido no entendimento, mas ele está total mente limitado à esfera da mente e completamente oposto ao conhecimento intuitivo.

Não pense que depois da regeneração o sábio tem vantagem sobre o ignorante, em se tratando de progresso espiritual. A menos que seja mais fiel e submisso, o melhor da sua compreensão mental não acrescenta nada ao seu conhecimento intuitivo. A velha criação do homem nunca serve como fonte da nova criação. O progresso espiritual é medido pela obediência fiel. O dom natural não afeta a vida espiritual nem de um jeito nem de outro, embora dê prioridade à carne. Na experiência espiritual, todos partem do mesmo ponto, passam pelos mesmos processos e obtêm os mesmos resultados. Todos os crentes regenerados, incluindo os naturalmente sábios, devem consequentemente buscar o entendimento espiritual, sem o qual ninguém pode manter uma comunhão normal com Deus. Nada pode tirar o lugar do entendimento espiritual.

"Que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual; para que possais andar de maneira digna do Senhor, agradando lhe em tudo, frutificando em toda boa obra, e crescendo no conhecimento de Deus" (Col. 1:9,10). Foi por isto que Paulo pediu para os dos santos em Colossos. Nesta oração vemos que aquele conhecimento verdadeiro da vontade de Deus é precedido pelo entendimento espiritual e seguido de: (1) levar uma vida digna do Senhor, plenamente agradável a Ele; (2) dando fruto em toda boa obra; e, (3) crescendo no conhecimento de Deus.

Não importa quão boa seja a capacitação natural do homem; por este meio ele não pode conhecer Sua vontade é ter comunhão com Ele. Somente o entendimento espiritual pode penetrar a esfera espiritual. O entendimento natural pode tomar posse de alguns ensinamentos, mas estes ficam na mente e não podem fluir como vida. O entendimento espiritual vem do espírito e pode transformar o que é compreendido em vida. Percebemos agora que todo o verdadeiro conhecimento emerge do espírito? O espírito de revelação anda lado a lado com o entendimento espiritual. A sabedoria e revelação que obtemos no espírito precisam ser entendidas espiritualmente. Revelação é aquilo que recebemos de Deus; o entendimento nos ajuda a compreender o que é revelado. O entendimento espiritual nos proporciona o significado de todos os movimentos dentro do posso espírito, a fim de podermos compreender a vontade de Deus. A comunhão com Deus inclui a recepção da Sua revelação no espírito, isto é, na intuição do espírito, e em seguida a percepção do significado desta revelação pelo entendimento espiritual. Nossa compreensão não surge naturalmente mas é iluminada pelo espírito.

Fica claro por estes dois versículos de Colossenses que se desejamos agradar a Deus e dar fruto, precisamos conhecer a vontade de Deus em nosso espírito. O relacionamento do nosso espírito com Deus é o fundamento para agradá-Lo e dar fruto. Quão

vão é esperar o prazer de Deus enquanto andamos segundo a alma. Deus é satisfeito com nada menos que Sua própria vontade. Nada mais pode satisfazer Seu coração. Nossa angústia é que não conhecemos a vontade de Deus. Examinamos e pensamos e ainda assim parecemos incapazes de tocar Sua mente. Devemos lembrar portanto que o caminho para conhecermos a mente de Deus jaz, não tanto na pesquisa e no

julgamento, mas no entendimento espiritual. Nada a não ser o espírito do homem pode conhecer a vontade de Deus, porque ele tem um poder intuitivo para discernir Seu mover.

Se compreendermos a Deus desse modo, cresceremos no conhecimento Dele de modo contínuo. A intuição pode crescer mais e mais. Não há limites para ela. Seu desenvolvimento significa o desenvolvimento de toda a vida espiritual do crente. Cada comunhão verdadeira que temos com Deus nos treina a ter melhor comunhão da próxima vez. Devemos buscar ser perfeitos; consequentemente, devemos agarrar cada oportunidade para treinar nosso espírito a conhecer melhor a Deus. Hoje nossa necessidade é verdadeiramente conhecê-Lo e nos apropriarmos Dele na, profundidade do nosso ser. Quão frequentemente pensamos que discernimos Sua mente e mais tarde descobrimos que nos enganamos. Visto que nossa necessidade é conhecer a Deus e Sua vontade, devemos buscar ser cheios do conhecimento dessa vontade em todo o

entendimento espiritual.

3. CONSCIÊNCIA

Além das funções da intuição e comunhão, nosso espírito ainda realiza outra importante tareia: a de corrigir e repreender a fim de nos tornar inquietos quando ficamos aquém da glória de Deus. A esta capacidade damos o nome de consciência. Da mesma forma que a santidade de Deus condena o mal e justifica o bem, assim também a consciência do crente reprova o pecado e aprova a justiça. A consciência é onde Deus expressa Sua santidade. Se desejamos seguir o espírito (e, visto que nunca alcançamos um estágio de infalibilidade), devemos prestar atenção ao que nosso o monitor interior nos fala com respeito à inclinação e à ação pública. Porque suas obras seriam decididamente incompletas se a consciência se levantasse e nos reprovasse somente depois que tivéssemos cometido o erro. Mas reconhecemos que mesmo antes de dar qualquer passo, mesmo enquanto ainda estamos examinando nosso caminho, nossa consciência junto com nossa intuição protestarão imediatamente e nos tornarão inquietos com qualquer pensamento ou inclinação que desagrade ao Espírito Santo. Se hoje estivéssemos mais dispostos a dar ouvidos à voz da consciência, não seríamos tão derrotados como somos.

CONSCIÊNCIA E SALVAÇÃO

Enquanto éramos pecadores nosso espírito estava completamente morto; nossa consciência também estava morta e sem condições de funcionar normalmente. Isto não significa que a consciência de um pecador deixa de operar completamente. Ela continua a funcionar, embora num estado de coma. Sempre que sai do seu estado de coma, ela nada faz senão condenar o pecador.

Ela não tem força para conduzir os homens a Deus. Mesmo estando morta assim para Ele, Deus quer que a consciência realize alguma obra frágil no coração do homem. Por isso, a consciência do espirito morto do homem, parece realizar um pouco mais de obra do que as outras funções do espírito. A morte da intuição e da comunhão parece ser maior do que a morte da consciência. Existe naturalmente uma razão para esta variação. Tão logo Adão comeu o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, sua intuição e comunhão morreram completamente em relação a Deus, mas seu poder de distinguir o bem e o mal (que é a função da consciência) foi aumentado. Mesmo hoje, enquanto a intuição e comunhão de um pecador estão totalmente mortas para Deus, sua consciência retém algo do seu mover. Isto não quer dizer que a consciência do homem esteja viva, porque conforme o significado de estar vivo na Bíblia, somente aquilo que tem a vida de Deus pode ser assim reconhecido. Visto que a consciência de um pecador não abraça a vida de Deus, ela é considerada como morta, embora possa parecer ativa segundo o sentimento do homem. Tal atividade da consciência aumenta a angústia do pecador.

Ao iniciar Sua obra de salvação, o primeiro passo do Espírito Santo é despertar esta consciência em coma. Ele usa os trovões e relâmpagos do Monte Sinai para balançar e iluminar sua consciência obscurecida, com o fim de convencer o pecador da sua

violação da lei de Deus e da sua incapacidade de responder à exigência justa de Deus. Adicionalmente vem a convicção de que ele é um condenado e que nada merece senão a perdição. Se a consciência de alguém está disposta a confessar quaisquer pecados que tenha cometido, incluindo o pecado da incredulidade, ela ficará bem triste de uma forma piedosa desejando ardentemente a misericórdia de Deus. O publicano na parábola de nosso Senhor, que subiu ao templo para orar, ilustra tal obra do Espírito Santo. Foi o que o Senhor Jesus quis dizer quando declarou: "Quando ele vier (o Espírito Santo), convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo" (Jo.16:8). Todavia, se a consciência do homem se fechar, ele nunca poderá ser salvo.

O Espírito Santo ilumina a consciência do pecador com a luz da lei de Deus, a fim de convencê-lo do pecado; o mesmo Espírito também ilumina a consciência do homem com a luz do evangelho a fim de salvá-lo. Se o pecador, após ser convencido do seu pecado e ouvir o evangelho da graça de Deus, estiver disposto a aceitá-lo e recebê-lo pela fé, ele verá como o sangue precioso do Senhor Jesus responde a todas as acusações da sua consciência. Sem dúvida existe pecado, mas o sangue do Senhor Jesus foi derramado. Que base é deixada para acusação, visto que a penalidade do pecado foi plenamente paga? O sangue do Senhor fez expiação por todos os pecados do pecador; por isso não há mais condenação na consciência. "Se os que prestam culto tivessem sido purificados, não teriam mais consciência de qualquer pecado" (Hb.10:2). Podemos estar de pé diante de Deus sem temor e tremor, porque o sangue de Cristo foi aspergido em nossa consciência (Hb.9:14). Nossa salvação é confirmada pelo fato do sangue precioso ter aquietado esta voz da condenação.

Visto que a terrível luz da lei e a misericordiosa luz do evangelho brilham ambas sobre a consciência, ousamos nós não fazer caso dela na pregação da Palavra? Nosso alvo ao pregar é simplesmente fazer com que as pessoas entendam com suas mentes, sejam movidas em suas emoções e decidam com suas vontades sem tocar em nada suas consciências? O Espírito Santo não pode realizar a obra de regeneração através do sangue precioso, se a consciência de alguém não foi convencida do pecado. Devemos enfatizar proporcionalmente o sangue precioso e a consciência. Alguns insistem fortemente na consciência mas descuidam do sangue precioso; consequentemente os pecadores se esforçam muito para fazer o bem, esperando deste modo propiciar a ira de Deus por seus próprios méritos. Outros enfatizam o sangue precioso mas negligenciam a consciência. Isto resulta numa aceitação mental do sangue e numa "fé" sem raiz, porque a consciência Deles não foi alcançada pelo Espírito Santo. Estes dois devem ser igualmente apresentados. Todo aquele que tem conhecimento de possuir uma má consciência, aceitará o pleno significado do sangue precioso.

CONSCIÊNCIA E COMUNHÃO

"Quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo" (Hb.9:14). Para se ter comunhão com Deus e servi-Lo, alguém deve ter sua consciência purificada pelo sangue precioso. Quando a consciência do crente é purificada, ele é regenerado. Segundo as Escrituras, a purificação pelo sangue e a

regeneração do Espírito ocorrem simultaneamente. Aqui somos informados que antes de alguém poder servir a Deus, ele deve receber uma nova vida e ter sua intuição vivificada através da purificação da consciência pelo sangue. Uma consciência assim purificada torna possível a intuição do espírito servir a Deus. Consciência e intuição são inseparáveis.

"Cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo o coração purificado da má consciência e o corpo lavado com água limpa" (Hb.10:22). Não nos achegamos a Deus fisicamente, como acontecia com o povo no período do Antigo Testamento, porque nosso santuário está no céu; nem nos achegamos através da alma*, com os nossos pensamentos e sentimentos, visto que estes órgãos nunca podem ter comunhão com Deus. Somente o espírito regenerado pode se aproximar Dele. Os crentes adoram a Deus em sua intuição regenerada. O versículo acima afirma que uma consciência purificada é a base para se ter comunhão com Deus intuitivamente. A consciência afetada pela ofensa está sob constante acusação. Isto naturalmente afetará a intuição que está tão intimamente ligada com a consciência e desanimará sua aproximação de Deus, chegando até mesmo a paralisá-la em sua função normal. Quão infinitamente necessário é se ter "um verdadeiro coração em inteira certeza de fé" na comunhão do crente com Deus. Quando a consciência não está' clara, a aproximação de alguém a Ele se torna forçada e não é verdadeira, porque não pode crer plenamente que Deus é por ele e não tem nada contra ele. Tal temor e dúvida solapam a função normal da intuição, privando-a da liberdade de livre comunhão com Deus. O cristão não deve ter a menor acusação em sua consciência; ele deve ter certeza de que cada pecado seu foi inteiramente expiado pelo sangue do Senhor e de que agora não existe acusação contra ele (Rm.8:33,34). Uma única ofensa na consciência pode reprimir e suspender a função normal da intuição na comunhão com Deus, porque tão logo o crente tem consciência de pecado, seu espírito reúne todas as suas forças para eliminar aquele pecado particular e não resta mais força para subir em direção ao céu.

A CONSCIÊNCIA DO CRENTE

A consciência do crente é vivificada quando seu espírito é regenerado. O sangue precioso do Senhor Jesus purifica sua consciência e consequentemente lhe dá um sentido agudo para que obedeça a vontade do Espírito Santo. A obra santificadora do Espírito Santo e a obra da consciência no homem estão intimamente relacionadas e mutuamente unidas. Se um filho de Deus deseja ser cheio do Espírito, ser santificado e viver uma vida totalmente segundo a vontade de Deus, ele deve se apegar à voz da consciência. Se a ela não for concedido seu lugar correto, o crente inescapavelmente voltará a andar segundo a carne. Ser fiel à consciência é o primeiro passo em direção à santificação. Seguir sua voz é um sinal de verdadeira espiritualidade. Se um cristão falha em deixá-la fazer seu trabalho, ele é impedido de entrar na esfera espiritual. Mesmo que se considere espiritual (e até seja considerado pelos outros), sua "espiritualidade" não obstante, carece de fundamento. Se o pecado e outras coisas contrárias à vontade de Deus e impróprias aos santos não são reprimidas por sua voz,

então qualquer coisa que tenha sido adicionada através da teoria espiritual, entrará finalmente em colapso por não haver fundamento genuíno.

A consciência testifica se estamos limpos para com Deus e para com os homens e se nossos pensamentos, palavras e ações seguem a vontade de Deus e não são, de algum modo, rebeldes a Cristo. À medida que o crente avança espiritualmente, o testemunho da consciência e do Espírito Santo parecem cerrar fileiras. Isto porque a consciência estando plenamente sob o controle do Espírito Santo torna-se diariamente mais sensível, até ficar plenamente afinada à voz do Espírito. Este é portanto, capaz de falar aos crentes através de suas consciências. O Apóstolo diz que "minha consciência me dá testemunho no Espírito Santo" (Rm.9:1) e esta palavra leva este sentido.

Se o nosso monitor interior nos julga errados, realmente devemos estar errados. Quando ele nos condenar, arrependamo-nos imediatamente. Nunca devemos tentar cobrir nosso pecado ou subornar nossa consciência. "Se nossos corações nos condenam" podemos ser menos condenados por Deus, visto que "Deus é maior do que nossos corações" (1Jo. 3:20)? Tudo o que a consciência condena é condenado por Deus. Pode a santidade de Deus buscar um padrão inferior ao da nossa consciência? Se a consciência insiste em declarar que estamos errados, é porque realmente estamos errados.

O que devemos fazer quando estivermos errados? Deixar de fazer a coisa errada, se ainda não fizemos isto; arrepender, confessar e pedir a purificação do sangue precioso, se já o fizemos. É lamentável que tantos cristãos hoje não sigam estas normas. Imediatamente depois da repreensão da voz interior, eles fazem planos para apagar seu protesto. Geralmente empregam dois métodos: argumentam com ela, tentando apresentar motivos para sua ação. Eles imaginam que qualquer coisa racional deve ser a vontade de Deus e será tolerada pela consciência. O que eles não entendem é que a consciência nunca discute ou argumenta. Ela discerne a vontade de Deus através da intuição e condena tudo o que não estiver de acordo com Ele. A consciência fala pela vontade de Deus e não pela razão. Os cristãos não devem andar pela razão, mas pela vontade de Deus, conforme revelada em sua intuição. Sempre que desobedecerem qualquer movimento ali, a consciência levantará sua voz para condenar. A explicação pode satisfazer à mente, mas nunca a consciência. Enquanto a questão condenada não for removida, ela não deixará de acusar. Durante o estágio inicial do caminhar de um cristão, a consciência só dá testemunho do certo e do errado; à medida em que a vida cresce, ela testemunha também daquilo que é de Deus e daquilo que não é. Embora muitas coisas pareçam boas aos olhos humanos, elas, não obstante, são condenadas pela consciência, porque não tiveram início com a revelação de Deus, mas foram iniciadas pelos próprios cristãos.

O outro método é apaziguar a consciência com muitas outras obras. Para resolver o dilema da recusa em obedecer a voz interior de acusação de um lado e continuar temendo sua condenação do outro, os crentes recorrem às muitas boas obras. Eles substituem a vontade de Deus por feitos louváveis. Não obedeceram a Deus, porém insistem que o que agora fazem é tão bom quanto ao que Ele havia revelado e talvez

até melhor, com esfera de ação mais ampla, mais útil e maior em influência. Eles valorizam altamente tais obras; Deus entretanto, as considera como sem qualquer importância. Ele não considera a quantidade de gordura, nem o número de holocaustos, mas apenas o total da obediência a Ele prestada. Nada, a despeito de quão recomendável possa ser a intenção, pode mover o coração de Deus, se a revelação no espírito foi negligenciada. Redobrar a consagração também não silenciará o monitor acusador. Sua voz deve ser seguida; isto e nada mais, pode agradar a Deus. A consciência exige simplesmente a nossa obediência; ela não exige que sirvamos a Deus de qualquer modo espetacular.

Portanto não nos enganemos. O andar segundo o espírito nos, levará a ouvir as direções da consciência. Não tente escapar de qualquer censura interior; esteja antes, atento à sua voz. Por meio do andar constante no espírito, somos constrangidos a nos humilhar e a considerar a correção da consciência. Os filhos de Deus não devem fazer uma confissão geral, reconhecendo seus inúmeros pecados de forma vaga, porque tal confissão não proporciona oportunidade para a consciência realizar sua obra perfeita. Eles devem permitir que o Espírito Santo, por meio da sua consciência, aponte seus pecados um por um. De forma humilde, tranquila e obediente, eles devem permitir que sua consciência os reprove e condene cada pecado individual. Os cristãos devem aceitar sua repreensão e estar dispostos, segundo a mente do Espírito, a eliminar tudo aquilo que seja contrário a Deus. Você tem reservas em deixar a consciência sondar sua vida? Você tem coragem de deixá-la explorar sua real condição? Você permitirá que ela faça desfilar diante de você, uma após outra, todas as coisas em sua vida, conforme Deus as contempla? Você concederá o direito à consciência de dissecar cada um dos seus pecados? Caso você não ouse, ou então não esteja disposto a ser assim examinado, não prova que certos elementos que permanecem em sua vida ainda não foram julgados e entregues à cruz como deviam? Não prova que existem questões nas quais você não obedeceu plenamente a Deus, nem seguiu totalmente o espírito? Não prova que algumas questões impedem que você tenha comunhão perfeita com Deus? Se assim for, você não pode declarar diante de Deus: "não existe nada entre Ti e eu."

Somente uma aceitação incondicional e irrestrita da repreensão da consciência, mais uma disposição correspondente para fazer aquilo que é revelado, pode mostrar quão completa é a nossa consagração, quão verdadeiramente odiamos o pecado e quão sinceramente desejamos fazer a vontade de Deus. Frequentemente expressamos um desejo de agradar a Deus, de obedecer ao Senhor, de seguir o Espirito. Aqui está um teste para a realidade ou fantasia do nosso desejo, se ele é perfeito ou incompleto. Se ainda estamos envolvidos no pecado e não separados Dele totalmente, muito provavelmente nossa espiritualidade é uma grande farsa. Um crente que é incapaz de seguir totalmente sua consciência, está desqualificado para andar no espírito. Antes da consciência ter sua exigência cumprida, que mais senão um espírito imaginário conduzirá a pessoa, visto que o verdadeiro espírito no interior continua a requerer que ela ouça o monitor em seu interior? O crente não pode fazer nenhum progresso genuíno, se estiver relutante em ter sua má consciência julgada à luz de Deus e ser

claramente tratada. A verdade ou falsidade da sua consagração e serviço, depende da sua disposição em obedecer ao Senhor tanto em Sua ordem quanto em Sua repreensão.

Depois que alguém permite que sua consciência comece a operar, ele deve deixá-la aperfeiçoar sua obra. Os pecados devem ser tratados progressivamente, um por um, até que todos tenham sido eliminados. Se um filho de Deus é fiel em seus tratos com o pecado e segue fielmente sua consciência, ele receberá luz crescente do céu e seus pecados desconhecidos serão expostos; o Espírito Santo o capacitará a ler e entender mais da lei escrita em seu coração. Assim ele é levado a conhecer o que é santidade, justiça, pureza e honestidade; antes ele só tinha uma vaga ideia delas. Além do mais, sua intuição é grandemente fortalecida em sua capacidade de conhecer a mente do Espírito Santo. Sempre que o crente é reprovado por sua consciência, sua resposta imediata deve ser: "Senhor, desejo obedecer." Ele deve deixar Cristo ser, mais uma vez, o Senhor da sua vida; deve ser ensinável e aprender do Espírito Santo. O Espírito, sem dúvida, virá e ajudará se a pessoa estiver honestamente se importando com sua consciência.

A consciência é como uma janela para o espírito do crente. Através dela os raios do céu brilham no espírito, inundando todos o ser de luz. A luz celestial resplandece através da consciência, para expor o erro e condenar a falha, sempre que pensarmos ou falarmos de modo não conveniente aos santos. Se pela submissão à sua voz e a eliminação do pecado que ela condena, permitirmos que ela faça sua obra completa, então a luz do céu brilhará mais intensamente da próxima vez; mas se não confessarmos nem extirparmos o pecado, nossa consciência será por ele corrompida (Tito 1:15), porque não andamos segundo o ensino da luz de Deus. Com o pecado acumulado, a consciência, como uma janela, se torna cada vez mais nublada. A luz quase não pode penetrar no espírito, e, o dia virá quando este crente poderá pecar sem contrição e tristeza, visto que a consciência foi há muito paralisada e a intuição embotada pelo pecado. Quanto mais espiritual o crente for, tanto mais intensa será a vigilância do seu monitor interior. Nenhum cristão pode ser tão espiritual, a ponto de não ter mais necessidade de confessar seu pecado. Ele deve estar caído espiritualmente se sua consciência está embotada e insensível. O melhor conhecimento, trabalho forçado, sentimento agitado e vontade forte, não podem substituir uma consciência sensível. Aquele que não dá ouvidos a ela, mas busca o progresso mental e sensacional, está regredindo espiritualmente.

A sensibilidade da consciência pode ser aumentada e também diminuída. Se alguém dá condições da sua consciência operar, a janela do seu espírito deixará entrar mais luz da próxima vez; mas se ele a desconsidera ou responde com argumentos ou obras e não faz aquilo que ela exige, então sua consciência falará mais suavemente cada vez que é rejeitada, até finalmente deixar de falar. Toda vez que o crente não ouve a consciência, ele prejudica seu caminhar espiritual. Se esta ferida da sua vida espiritual, feita por suas próprias mãos, continua sem redução, ele cairá para o estado da carnalidade. Perderá todo o seu antigo desgosto pelo pecado e admiração pela vitória. Até aprendermos a enfrentar diretamente a repreensão que brota da consciência, não

apreciaremos realmente quão significativo é para nosso andar no espírito, ouvir com atenção esta voz da consciência.

UMA BOA CONSCIÊNCIA

"Até o dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência" (At.23:1). Este é o segredo da vida de Paulo. A consciência à qual ele se refere não é a de uma pessoa não regenerada, mas uma consciência cheia do Espírito Santo. Ousado para se aproximar de Deus e perfeito em sua comunhão com Ele, a consciência regenerada do Apóstolo não o repreende em nada. Em faz tudo de acordo com ela e nunca faz nada que sua consciência se oponha, nem tampouco permite que um ponto sequer por ela condenado permaneça em sua vida. Por isso ele é ousado diante de Deus e dos homens. Perdemos nossa confiança quando nossa consciência fica obscura. O Apóstolo sempre procurou ter "uma consciência sem ofensa diante de Deus e dos homens" (At.24:16), pois, "se o coração não nos condena, temos confiança para com Deus; e qualquer coisa que lhe pedirmos, Dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista" (1Jo.3:21,22).

Os crentes simplesmente não reconhecem a grande importância da sua consciência. Muitos pensam que se andarem segundo o espírito tudo está bem. Eles não sabem que uma consciência obscura significa perda de confiança na aproximação de Deus e que esta perda por sua vez quer dizer separação da comunhão com Ele. Na verdade, uma consciência manchada pode impedir nossa comunhão intuitiva com Deus mais do que qualquer outra coisa. Se falharmos em guardar Seus mandamentos e em fazer o que lhe é agradável, nosso monitor interior nos reprovará e fará com que fiquemos temerosos diante de Deus, nos impedindo de receber o que buscamos. Só podemos servir a Deus com uma consciência pura (1Tm.1:3). Se ela for obscura, certamente nos levará a nos afastarmos intuitivamente de Deus.

"Porque a nossa glória é esta: o testemunho da nossa consciência, de que em santidade e sinceridade de Deus, não em sabedoria carnal, mas na graça de Deus" (2Co. 1:12). Esta passagem fala sobre o testemunho da consciência. Somente uma consciência sem culpa testemunhará pelo crente. É bom ter o testemunho dos outros, mas quão melhor é ter o testemunho da nossa própria consciência. O Apóstolo diz que é disso que ele se gloria aqui. Em nosso andar segundo o espírito, precisamos ter este testemunho continuam ente. O que as outras pessoas dizem está sujeito ao erro, porque elas não podem conhecer plenamente como Deus nos tem guiado. Talvez rios entendam mal e seu julgamento sobre nós seja errado, assim como os Apóstolos eram mal entendidos e julgados erradamente pelos crentes dos seus dias. Algumas vezes eles podem também nos elogiar demais e nos admirar acima do normal. Muitas vezes os homens nos criticam quando realmente estamos seguindo o Senhor; em outras ocasiões nos louvam pelo que veem em nós, embora seja em grande parte, apenas o resultado de uma explosão emocional temporária ou um pensamento inteligentemente concebido em nosso favor. Por isso o elogio ou a crítica exterior é inconsequente, mas o testemunho da nossa consciência vivificada é importantíssimo. Devemos prestar muita atenção em como ela nos dá seu testemunho. Qual é a sua avaliação de nós? Ela nos condena como

hipócritas? Ou ela testifica que temos andado entre os homens em santidade e piedosa sinceridade? A consciência afirma que já temos andado de acordo com toda a luz que possuímos?

Qual é o testemunho da consciência de Paulo? Ela testifica que ele tem "vivido no mundo... não em sabedoria carnal, mas pela graça de Deus." A consciência na verdade não pode testificar por nada mais. Ela luta e insiste no crente apenas por aquela vida a ser vivida pela graça de Deus e não pela sabedoria carnal. A sabedoria carnal nada vale na vontade e obra de Deus. Ela é igual a nada na vida espiritual do crente. A mente do homem também é inútil na sua comunhão com Deus. Mesmo em sua comunicação com o mundo material, a mente só ocupa uma posição subordinada. O filho de Deus vive na terra exclusivamente pela graça de Deus e graça implica em algo feito inteiramente por Ele, sem ter a participação do homem (Rm.11:6). A menos que alguém viva exclusivamente por Deus, não permitindo a si mesmo tomar qualquer iniciativa, nem que sua mente o governe, a consciência não testificará que ele vive no mundo em santidade e piedosa sinceridade. Em outras palavras, ela opera junto com a intuição. A consciência dá testemunho a tudo o que é feito conforme a revelação na intuição, mas resiste a toda a ação que seja contrária à intuição, a despeito de quão compatível ela seja com a sabedoria humana. Resumindo, a consciência aprova somente a revelação da intuição. A intuição guia os crentes, enquanto que a consciência os constrange a seguir sua intuição.

A boa consciência que atesta o bom prazer de Deus no crente (visto não haver nada entre ele e Deus), é absolutamente essencial para uma vida conduzida segundo o espírito. Este testemunho deve ser o alvo do crente; ele não deve ficar contente com nada menos. Isto indica o que deveria ser uma vida cristã normal; como foi o testemunho do Apóstolo Paulo, assim deveria ser o nosso hoje. Enoque foi um homem de boa consciência, porque sabia que Deus estava satisfeito com ele. Este testemunho da satisfação de Deus conosco nos ajuda a prosseguir, mas devemos ser muito cuidadosos aqui, a fim de não exaltarmos nosso "ego" por termos agradado a Deus. Toda a glória pertence a Ele. Devemos sempre nos esmerar para termos uma consciência pura; mas se ela deve ser realmente pura, devemos nos guardar contra a intromissão da carne.

Se nossa consciência der testemunho da satisfação de Deus conosco, teremos ousadia para olhar para o sangue do Senhor Jesus para purificação, cada vez que lamentavelmente cairmos. Para termos uma boa consciência precisamos não separar, nem por um momento, daquele sangue que continuamente e para sempre nos purifica. A confissão do nosso pecado e a confiança no sangue precioso são inevitáveis. Além do mais, pelo fato da nossa natureza pecaminosa ainda estar dentro de nós, não teremos condições de reconhecer muitas obras ocultas da carne até que tenhamos amadurecido espiritualmente. O que considerávamos inofensivo antes, pode agora se tornar pecaminoso para nós. Sem a purificação do sangue precioso nunca poderíamos ter paz. Mas uma vez aspergido em nossa consciência, ele continuará a fazer sua obra de purificação.

O Apóstolo declara que o que ele busca é ter uma boa consciência para com Deus e os homens. Estas duas direções, Deus e o homem, estão profundamente entrelaçadas. Se desejamos manter uma boa consciência para com os homens, ela deve primeiro estar limpa em relação a Deus. Uma consciência obscura para com Deus introduz automaticamente uma consciência obscura para com os homens. Por conseguinte, todos os que desejam viver espiritual mente, devem buscar ter uma boa consciência para com Deus (1Pe.3:21). Isto de modo nenhum significa que ter uma boa consciência diante dos homens não seja importante. Pelo contrário, existem muitas coisas que podem ser feitas para com Deus mas não para com os homens. Só uma consciência para com os homens produz um bom testemunho diante Deles. O mal entendimento do homem não afeta o testemunho: "Tendo uma boa consciência, para que, naquilo em que falam mal de vós, fiquem confundidos os que vituperam o vosso bom procedimento em Cristo" (1Pe.3:16). A boa conduta não pode apaziguar uma má consciência; nem tampouco as muitas injúrias do homem podem lançar sombra sobre uma boa consciência.

Uma boa consciência também nos capacita a receber as promessas de Deus. Os cristãos hoje em dia reclamam que sua pequena fé é a causa do fracasso em se viver uma vida perfeitamente espiritual. Naturalmente existem muitas razões para a ausência de uma fé maior, mas, o mais grave de tudo isto é uma consciência má. A boa consciência é inseparável de uma grande fé. No momento em que ela é ofendida, naquele exato momento a fé é enfraquecida. Observemos como a Bíblia une estes dois elementos: "Mas o fim desta admoestação é o amor que procede de um coração puro, de uma boa consciência, e de uma fé não fingida" (1Tm.1:5); "Conservando a fé e uma boa consciência" (1Tm.1:19). A consciência é o órgão da nossa fé. Deus odeia intensamente o pecado, pois o ápice da glória de Deus é Sua infinita santidade. Sua santidade não tolerará o pecado, nem sequer por um momento. Se o crente não purifica, de acordo com o ditame da consciência, tudo o que seja contrário à mente de Deus, ele perderá sua comunhão, com Deus instantaneamente. Todas as promessas que Deus nos concede na Bíblia podem ser consideradas condicionais. Nenhuma delas é concedida para satisfazer as cobiças carnais de alguém. Ninguém experimentará o Espírito Santo, comunhão com Deus e oração respondida, se não dispensar seu pecado e sua carne. Como podemos reclamar a promessa de Deus com ousadia se nossa voz no interior está nos acusando? Como pode alguém, cuja consciência não lhe dá testemunho de estar vivendo na terra em santidade e piedosa sinceridade, ser um homem de oração, se nosso monitor interior nos reprova quando levantamos nossas mãos a Deus? O pecado deve primeiro ser abandonado e purificado, antes de podermos orar com fé.

Precisamos possuir uma consciência livre de ofensa, não no sentido dela ser melhor do que antes, ou que muitas coisas más foram abolidas, mas em que ela esteja sem culpa e confiante diante de Deus. Esta deve ser a condição normal da nossa consciência. Se nos prostrarmos diante dela e permitirmos que ela nos reprove, se nos oferecermos inteiramente ao Senhor e estivermos dispostos a realizar todos os Seus propósitos, então nossa confiança crescerá até nos ser possível considerar nossa consciência como sem ofensa. Agora ousamos dizer a Deus que não temos nada que esteja oculto Dele.

No tocante a nós, não conhecemos nada que esteja entre nós a Ele. No andar pelo espírito, não devemos nunca permitir a menor ofensa que possa despertar nossa consciência. Qualquer coisa que ela condenar, deve ser confessada imediatamente, purificada pelo sangue precioso e abandonada, de tal modo que nenhum vestígio seja deixado para trás. Devemos buscar ter cada dia uma boa consciência, porque mesmo que ela seja ofendida por pouco tempo, o prejuízo feito ao espírito é grande. O Apóstolo Paulo estabeleceu para nós um ótimo exemplo, por ter tido sempre uma boa consciência. Somente ali podemos manter comunhão ininterrupta com Deus.

CONSCIÊNCIA E CONHECIMENTO

Na questão de persistir no espirito e ouvir a voz da consciência devemos lembrar de uma coisa: a consciência é limitada pelo conhecimento. Ela é o órgão que distingue o bem do mal, isto é, que nos dá o conhecimento do bem e do mal. Este conhecimento varia nos diferentes cristãos. Alguns têm mais e outros menos. O grau de conhecimento pode ser determinado pela circunstância individual; ou talvez pela instrução que cada um recebe. Desse modo, não podemos viver pelo padrão dos outros, nem pedir aos outros que vivam pela luz que temos. Na comunhão de um cristão com Deus, um pecado desconhecido não impede a comunhão. Todo aquele que observa toda a vontade de Deus que ele conhece e abandona tudo aquilo que sabe ser condenado por Deus, está qualificado para desfrutar perfeita comunhão com Ele. Um cristão jovem frequentemente conclui que, devido à sua falta de conhecimento, ele fica sem condições de agradar a Deus. O conhecimento espiritual é muito importante, mas sabemos que a falta de tal conhecimento não impede a comunhão de alguém com Deus. Na questão da comunhão, Deus não olha para o quanto compreendemos da Sua vontade e sim para nossa atitude para com ela. Se buscamos, com honestidade e de todo o coração, obedecer Seus desejos, nossa comunhão permanece sem rompimento, mesmo havendo pecados em nós que desconhecemos. Se a comunhão fosse determinada pela santidade de Deus, quem dentre todos os santos mais piedosos, do passado e do presente, estaria qualificado para manter apenas um momento de comunhão perfeita com Ele? Todos seriam banidos diariamente da face do Senhor e da glória do Seu poder. O pecado que desconhecemos está sob a cobertura do sangue precioso.

Por outro lado, se permitirmos que permaneça até mesmo o pecado mais pequenino que sabemos ser condenado pela consciência, instantaneamente perderemos aquela comunhão perfeita com Deus. Assim como uma partícula de pó nos incapacita de ver, assim o pecado do qual temos consciência, não importa quão infinitamente pequeno ele seja, oculta de nós o sorriso da face de Deus. No momento em que a consciência é ofendida, imediatamente a comunhão é afetada. O pecado desconhecido do santo pode persistir por muito tempo em sua vida sem afetar sua comunhão com Deus; mas assim que a luz (conhecimento) penetra, ele perde um dia de comunhão com Ele, por cada dia que permite aquele pecado permanecer. Deus tem comunhão conosco de acordo com o nível de conhecimento da nossa consciência. Seremos muitos tolos se

admitirmos que, pelo fato de certa coisa não ter impedido nossa comunhão com Deus por tantos anos, ela não possa mais tarde trazer qualquer consequência.

Assim é porque a consciência só pode condenar até ao ponto da sua luz mais recente; se ela não estiver ciente de certa coisa, não poderá julgá-la como pecaminosa. Quando o conhecimento do crente cresce, sua consciência também cresce em sua percepção. Quanto mais seu conhecimento avança, mais sua consciência julga. Ninguém precisa se preocupar com aquilo que não conhece, desde que esteja seguindo completamente aquilo que já conhece. "Se andarmos na luz", isto é, se andarmos na luz que já possuímos, "como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado (embora muitos não sejam do nosso conhecimento)" (1Jo.1:7). Deus possui luz ilimitada. Embora nossa luz seja limitada, teremos comunhão com Ele e o Sangue do Seu Filho nos purificará se andarmos segundo a luz que temos. Talvez existam pecados hoje que não foram removidos da nossa vida, mas não temos conhecimento Deles; por isso podemos continuar tendo comunhão com Deus hoje. Devemos guardar isto em mente: a consciência é realmente importante, mas de modo algum ela é nosso padrão de santidade, por estar intimamente relacionada ao conhecimento. Só o próprio Cristo é o nosso único padrão de santidade. Mas na questão da comunhão com Deus, Sua única condição é se temos ou não conservado uma consciência isenta de ofensa. Todavia, não devemos nos visualizar agora como "perfeitos" porque obedecemos plenamente os ditames da consciência. Uma boa consciência apenas nos assegura que, no tocante ao nosso conhecimento, somos perfeitos, isto é, chegamos ao alvo imediato, mas não ao final.

Sendo assim, nosso padrão de conduta fica mais alto, à medida que o nosso conhecimento das Escrituras e da experiência espiritual aumenta. Só quando nossas vidas se tornam mais santas e nossa luz progride, é que podemos preservar uma consciência sem ofensa. Ela invariavelmente nos acusará se acompanharmos o conhecimento e experiência deste ano com a conduta do ano passado. Deus não cortou Sua comunhão conosco no ano passado por causa dos nossos pecados então desconhecidos de nós; mas hoje Ele certamente o fará, se não abandonarmos os pecados desconhecidos do ano passado mas conhecidos este ano. A consciência é um padrão atual de santidade, dado por Deus. Qualquer que transgredir este padrão é visto como tendo cometido pecado.

O Senhor tem muitas palavras para nós, mas em vista da imaturidade do nosso entendimento espiritual, Ele tem que esperar. Deus trata com Seus filhos de acordo com suas respectivas condições. Devido aos vários graus de conhecimento na consciência, alguns não têm consciência dos pecados considerados como sendo muito grandes pelos seus companheiros crentes. Por isso, não julguemos uns aos outros. Somente o Pai sabe como lidar com Seus filhos. Ele não espera encontrar a força dos "jovens" nos Seus "filhinhos", nem a experiência dos "pais" nos "jovens." Mas Ele espera que cada um dos Seus filhos O obedeça de acordo com o que já conhecem. Se soubéssemos com certeza (o que não é fácil), que Deus falou ao nosso irmão sobre um assunto particular e que nosso irmão falhou em ouvir, então podemos persuadi-lo a obedecer. Entretanto, não devemos nunca forçar nosso irmão a seguir aquilo que nossa

consciência nos diz. Se o Deus da perfeita santidade não nos rejeita por causa dos nossos pecados passados desconhecidos de nós, como podemos, na base do nosso padrão atual, julgar nosso irmão que só agora sabe o que sabíamos no ano passado?

Na verdade, ao ajudar as outras pessoas, não devemos exigir delas a obediência em pequenos detalhes mas apenas aconselhá-las a seguir fielmente as ordens da sua própria consciência. Se a vontade delas se submeter a Deus, elas O obedecerão quando o Espírito Santo derramar luz nas palavras claramente escritas na Bíblia. Desde que sua vontade esteja entregue, o crente seguirá o desejo de Deus no momento em que sua consciência receber luz. O mesmo se aplica a nós. Não devemos nos estender demasiadamente, até o ponto de excitar a força da nossa alma para entendermos as verdades que estão além da nossa atual capacidade. Se estamos dispostos a obedecer a voz de Deus hoje, somos considerados aceitáveis. Por outro lado, não devemos nos reprimir na busca de qualquer verdade que o Espírito Santo possa nos dirigir intuitivamente a buscar. Tal repressão significaria um rebaixamento do nosso padrão de santidade. Numa palavra, não existe problema para aquele que está desejoso de andar pelo espírito.

UMA CONSCIÊNCIA FRACA

Há poucos momentos atrás, observamos que o padrão do nosso viver santo é Cristo e não a consciência, embora ela seja de grande importância. Ela testifica se temos agradado a Deus em nosso viver diário e serve, consequentemente, como um critério para o nosso atual nível de santidade. Se vivemos por aquilo que nossa consciência ensina, chegamos ao lugar onde deveríamos estar no presente momento. Ela é, portanto, um fator fundamental em nosso andar diário segundo o espírito. Seja qual for o ponto no qual desobedecemos as ordens da nossa consciência, por ela seremos repreendidos. O resultado será a perda da paz e um corte temporário da comunhão com Deus. Não existe dúvida quanto à necessidade de seguirmos o que nossa consciência exige; mas quão perfeita seja sua exigência é algo que continua sendo uma interrogação.

Conforme temos visto, a consciência é limitada pelo conhecimento e, só pode conduzir pelo conhecimento que possui. Ela condena toda desobediência àquilo que é do seu conhecimento, mas não pode condenar o que ela mesma não conhece. Por isso, uma grande distância existe entre a medida da consciência e a medida da santidade de Deus. Exatamente aqui encontramos dois defeitos: (1) Uma consciência com conhecimento limitado só condena aquilo que ela conhece como errado e deixa sem tratamento numerosas questões em nossa vida, que não estão de acordo com a vontade de Deus. Deus e os santos mais maduros sabem quão imperfeitos somos, e todavia, continuamos a andar do nosso modo antigo por falta de nova luz. Não é este um defeito enorme? Entretanto, esta imperfeição é suportável, porque Deus não julga o que não sabemos. A despeito desta falha podemos ter comunhão com Ele e sermos aceitos, se simplesmente obedecermos tudo aquilo que nossa consciência ordenar.

(2) O segundo defeito entretanto, não é semelhante ao primeiro e interfere em nossa comunhão com Deus. Assim como um conhecimento limitado falha em julgar o que deveria ser julgado, o que não deveria ser pode também, ser julgado. Isto quer dizer que a consciência é falha em sua direção? Não, a condução da consciência é correta e deve ser considerada atentamente pelos crentes. Mas existem graus diferentes de conhecimento entre os santos. Muitas coisas que podem ser feitas com conhecimento, são condenadas como pecado pela consciência daqueles que carecem de conhecimento. Isto manifesta a doença da imaturidade dos crentes. Os pais podem fazer muitas coisas com perfeita liberdade porque possuem conhecimento, experiência e posição avançadas, mas se os filhinhos as fizessem seria totalmente errado, porque não possuem tal conhecimento, experiência e posição. Isto não significa que existem dois padrões diferentes para a conduta do cristão. Isto mostra apenas que o padrão de bem e mal está estreitamente ligado à posição individual. Esta lei se aplica à esfera secular e também à espiritual. Muitas coisas concordam perfeitamente com a vontade de Deus quando feitas por cristãos maduros, mas quando copiadas por cristãos imaturos se tornam pecados.

A razão para esta variação são os diferentes níveis de conhecimento em nossas consciências. Quando o crente faz o que sua consciência considera bom, ele está obedecendo a vontade de Deus; mas a consciência de outra pessoa pode julgar a mesma coisa como sendo má, e ela estará pecando contra Deus se a fizer. A vontade absoluta de Deus é a mesma, mas Ele revela Sua mente a cada pessoa, segundo a limitação da sua posição espiritual. Os que possuem conhecimento têm uma consciência mais forte e consequentemente desfrutam de mais liberdade; os que não têm conhecimento abrigam uma consciência mais fraca e por isso experimentam mais escravidão.

Isto é distintamente ilustrado na Primeira Carta aos Coríntios. Havia muito mal entendido entre os cristãos de Corinto com respeito a comer alimentos oferecidos aos ídolos. Alguns os consideravam como não tendo existência real, visto existir apenas Um Deus (1Co.8:4). De modo que, para eles não poderia haver diferença entre o alimento oferecido aos ídolos e os não oferecidos: ambos podiam ser ingeridos sem problema. Outros porém, tendo estado acostumados durante muito tempo com eles, não conseguiam deixar de ver o alimento sendo realmente oferecido a um ídolo. Eles se sentiam intranquilos quando os ingeriam. Porque a consciência Deles era fraca, enquanto tomavam os alimentos, eles eram contaminados (1Co.8:7). O Apóstolo tratou esta divergência de pontos de vista como sendo uma questão de conhecimento (v.7). Uns tinham luz e por isso não pecavam quando comiam, pois sua consciência não os incomodava; outros entretanto, não desfrutando de tal conhecimento, sentiam-se intranquilos enquanto comiam e se tornavam culpados. Vemos assim a grande importância do conhecimento. O seu aumento pode, às vezes, aumentar a condenação da consciência; todavia, pode também, diminuir sua condenação.

É aconselhável para nós, pedir ao Senhor que nos conceda mais conhecimento, a fim de não ficarmos demasiadamente limitados. Mas este conhecimento deve ser mantido

com humildade, para que não venhamos a cair na carne como os coríntios. Caso nosso conhecimento seja inadequado e nossa consciência continue a censurar, devemos obedecer sua voz a qualquer custo. Pelo fato de uma certa coisa não estar errada segundo o padrão mais elevado de Deus, não devemos ser levados a argumentar dizendo que podemos fazê-la a despeito do que nossa consciência diz. Não esqueçamos que a consciência é o nosso padrão atual da direção de Deus. Precisamos nos submeter a ela, senão pecamos. Deus julga tudo aquilo que a consciência julga.

O que discutimos aqui refere-se apenas a coisas exteriores como o alimento. Nas de caráter mais espiritual não pode haver tal diferença de liberdade e escravidão, a despeito do quanto cresça nosso conhecimento. Somente nestas questões exteriores e físicas é que Deus trata conosco de acordo com nossa idade espiritual. Nos crentes jovens Ele atenta mais para seus alimentos, roupas e outras coisas exteriores, porque deseja mortificar as más obras do corpo. Se os jovens têm genuinamente um coração para seguir ao Senhor, eles O descobrirão frequentemente chamando-os, através da consciência dos seus espíritos, a se dominarem nestas questões. Os que todavia, possuem experiência mais profunda no Senhor, parecem desfrutar mais liberdade em suas consciências com respeito a estas coisas porque já aprenderam a obedecê-Lo.

Entretanto, os mais avançados enfrentarão um dos mais sérios perigos aqui: suas consciências se tornam tão fortes a ponto de cair num frio entorpecimento. Os crentes mais novos na fé, que seguem o Senhor de todo o coração, O obedecem em muitos pontos pois suas consciências são sensíveis e facilmente movidas pelo Espírito Santo.

Os crentes mais velhos, por outro lado, têm tanto conhecimento que se inclinam a desenvolver demasiadamente suas mentes, a ponto de entorpecer a sensibilidade da consciência. São tentados a fazer estas coisas segundo o conhecimento das suas mentes e aparentemente se tornam insensíveis ao Espírito Santo, não podendo ser movidos por Ele. Este é um golpe fatal na vida espiritual. O frescor do caminhar do crente é removido e faz com que se torne velho e embotado. A despeito de quanto conhecimento tenhamos, sejamos cuidadosos para não seguirmos este conhecimento e sim a consciência do nosso espírito. Se não fizermos caso do que é condenado intuitivamente por nossa consciência e tomarmos nosso conhecimento como nosso padrão de conduta, já decidimos andar segundo a carne. Não é verdade que nossa consciência pode algumas vezes ser grandemente perturbada, quando resolvemos fazer aquilo que é absolutamente legítimo segundo a verdade que conhecemos? Aquilo que a consciência condena é reconhecido como estando em desacordo com a vontade de Deus, embora pelo conhecimento da nossa mente seja bom. Isto é assim porque nosso conhecimento é adquirido por meio das investigações do nosso intelecto e não pela revelação em nossa intuição. Por isso, a direção da consciência e do conhecimento pode resultar em patente conflito.

Paulo dá a entender que a vida espiritual de alguém será grandemente prejudicada, se ele negligencia a acusação da consciência e segue o conhecimento da sua mente. "Porque, se alguém te vir a ti, que tens conhecimento, reclinado à mesa em templo de ídolos, não será induzido, sendo a sua consciência fraca, a comer das coisas sacrificadas

aos ídolos? Pelo teu conhecimento, pois, perece aquele que é fraco, o teu irmão por quem Cristo morreu" (1Co.8:10,11). Ver um crente, que tem conhecimento, comendo alimentos oferecidos aos Ídolos, pode levar o crente que não possui tal conhecimento a pensar que ele também pode comer: Mas se come, indo de encontro à voz da sua consciência, ele cai em pecado. Nunca andemos, portanto, hem sequer por um momento, pelo conhecimento que temos. Não importa quanto Dele tenhamos acumulado; ainda assim devemos ouvir atentamente apenas a intuição e a consciência do espírito. Talvez o conhecimento de alguém possa influenciar sua consciência; mesmo assim o que ele deve seguir diretamente é a sua consciência. Deus olha muito mais para nossa obediência à Sua vontade, do que para a "exatidão" da nossa conduta. Ouvir a voz da consciência garante o genuíno caráter da nossa consagração e obediência'. Através da nossa consciência Deus examina nosso motivo, se desejamos obedecê-Lo ou se buscamos algo mais.

Outra coisa contra a qual alguém deve se proteger é o bloqueio da sua consciência. Ela perde frequentemente a operação normal, por meio de uma espécie de bloqueio. Quando estamos cercados por aqueles cuja consciência está mortalmente entorpecida, a nossa pode se tornar também entorpecida através dos seus argumentos, conversação, ensino, persuasão ou exemplo. Cuidado com os mestres cujas consciências estão endurecidas; cuidado com as consciências fabricadas pelo homem: rejeite todos os esforços do homem para moldar a sua. Nossa consciência deve ser responsável diretamente a Deus em todos os sentidos. Nós mesmos devemos conhecer Sua vontade e sermos responsáveis em executá-la. Falharemos se negligenciarmos nossa consciência para seguir outra.

Recapitulemos. A consciência do crente constitui uma das faculdades indispensáveis do seu espírito. Devemos seguir plenamente sua direção. Embora seja influenciada pelo conhecimento, sua voz não obstante, representa a mais elevada vontade de Deus para Seus filhos hoje. É bom para nós chegar ao mais elevado hoje. Outros assuntos não devem nos preocupar. Mantenhamos continuamente nossa consciência numa condição saudável. Não permita que qualquer pecado fira seu sentimento. Se descobrirmos em qualquer ocasião que ela se tornou fria e endurecida, como se nada pudesse nos mover, isto deve nos levar a reconhecer que caímos profundamente na carne. Num tal caso, todo o conhecimento bíblico que adquirimos está apenas estocado na mente da carne e carece do seu poder vivo. Devemos seguir incessantemente a intuição do nosso espírito, sendo cheios do Espírito Santo, a fim de que nossa consciência possa crescer diariamente em sua sensibilidade e nosso arrependimento possa ser tão instantâneo quanto nosso conhecimento de qualquer coisa errada entre nós e Deus. Não se preocupe apenas com a mente, vindo a negligenciar a consciência intuitiva. A extensão da espiritualidade é medida pela sensibilidade da nossa consciência. Inúmeros são os crentes que desprezaram sua consciência no passado e agora estão desanimados, conservando apenas algum conhecimento morto em seus intelectos. Possamos estar vigiando sempre afim de não cairmos na mesma armadilha. Não tenha medo de ser facilmente movido. Nunca tema ter a consciência demasiadamente exercitada; tem a apenas o não ser ela o bastante movida. A

consciência serve como um monitor para Deus. Ela nos informa onde algo está errado ou precisa de reparo. Podemos evitar muitas consequências destrutivas mais tarde, se apenas ouvirmos nossa consciência mais cedo.

SÉTIMA PARTE

ANDANDO SEGUNDO O ESPÍRITO

1. **Os Perigos da Vida Espiritual.**
2. **As Leis do Espírito.**
3. **O Princípio da Mente Auxiliando o Espírito.**
4. **A Normalidade do Espírito.**

1. OS PERIGOS DA VIDA ESPIRITUAL

Nada é mais vital para a vida cristã do que andar diariamente segundo o espírito. É isto que mantém o cristão num estado espiritual constante, o livra do poder da carne, o ajuda a obedecer a vontade de Deus sempre e o protege do ataque de Satanás. Agora que entendemos as operações do nosso espírito, devemos imediatamente andar por ele. Esta é uma ocupação momento a momento da qual não pode haver descanso. Nestes dias devemos estar ativamente alertas quanto ao perigo de recebermos o ensino do Espírito Santo e depois rejeitarmos Sua direção. Exatamente neste ponto muitos santos tropeçaram e caíram. Adquirir apenas o ensino não é suficiente; devemos aceitar também a direção. Não devemos ficar contentes só com o conhecimento espiritual, mas estimar também o andar segundo o espírito. Frequentemente ouvimos pessoas soltarem as palavras "o caminho da cruz"; mas afinal de contas, que caminho é este? Na realidade não é nada mais do que andar pelo espírito, visto que para se andar deste modo é necessário entregar nossas ideias, desejos e pensamentos à morte. Seguir exclusivamente a intuição e revelação do espírito exige que tomemos nossa cruz diariamente.

Todos os crentes espirituais conhecem algo da operação do espírito. A experiência Deles, entretanto, geralmente é esporádica porque não entenderam plenamente todas as leis que governam seu funcionamento. Mas com sua intuição bem desenvolvida, podem andar de forma estável segundo o espírito, sem qualquer interferência do exterior (Nota: tudo o que está do lado de fora do espírito é considerado como esfera exterior). Mas não tendo assimilado as leis do espírito, eles interpretam a vida no espírito como sendo oscilatória, destituída de regulamento e difícil de ser praticada. Muitos estão determinados a observar a vontade de Deus e a seguir a direção do Espírito Santo, mas carecem de um coração que os impulsione, porque não estão certos se a direção da sua intuição é totalmente confiável. Eles ainda precisam aprender a entender a indicação da sua intuição quanto ao avançar ou parar. São, além do mais, ignorantes quanto ao que é o estado normal do espírito e ficam deste modo incapacitados de serem conduzidos continuamente por ele. Frequentemente seu homem interior perde seu poder para operar pela simples razão de não saberem como mantê-lo numa condição certa. Embora experimentem às vezes revelação em sua intuição, eles, entretanto, querem saber porque algumas vezes ao buscarem com ansiedade, recebem revelação e em outras não. Isto naturalmente é devido ao fato de que em algumas ocasiões eles inconscientemente andam segundo a lei do espírito e por isso obtêm revelação, enquanto que em outras, embora pedindo, não o fazem segundo esta lei e por isso não conseguem nenhuma revelação. Se andassem continuamente pela lei do espírito e não intermitentemente, ainda que sem conhecimento disso, eles poderiam receber revelação sempre. Infelizmente não estão cientes desta possibilidade. Todavia, é certo que para experimentarmos constantemente a revelação devemos conhecer as leis do espírito, a vontade de Deus e fazer as coisas que Lhe agrada. Visto que todos os movimentos no espírito são significativos, precisamos aprender sua

importância se desejamos andar fielmente. Entender as leis do espírito é portanto, indispensável.

Existem inúmeros cristãos que consideram a operação ocasional do Espírito Santo em seus espíritos como sendo a mais sublime das experiências. Eles não esperam ter tal experiência, diariamente, por imaginarem que tal acontecimento especial só pode acontecer umas poucas vezes na vida. Mas se vivessem pelo espírito, segundo sua lei, descobririam que são acontecimentos de todo dia. O que eles consideram extraordinário, algo que alguém não pode manter permanentemente, está na realidade dentro das experiências diárias comuns dos crentes. É "extraordinário" sim, se os crentes abandonarem esta experiência de vida comum e habitarem nas trevas.

Suponhamos que um certo pensamento chegou a nós. Somos capazes de discernir se isto vem do nosso espírito ou da nossa alma? Alguns pensamentos queimam no espírito, enquanto que outros ardem na alma. Os crentes devem compreender como as várias partes do seu ser operam, caso contrário não poderão distinguir o espírito do que é da alma*. Ao pensar, devem reconhecer a fonte do pensamento; quando sentem, devem identificar a direção de onde vem o sentimento; ao trabalhar, devem estar claros com respeito à força que usam. Só assim podem seguir o espírito.

Sabemos que nossa alma nos dá a autoconsciência. Um aspecto da autoconsciência é a autocrítica. Isto é muitíssimo prejudicial porque nos leva a focalizar-nos em nós mesmos e assim acentuamos o crescimento da vida do ego. Quão frequentemente a exaltação e orgulho próprios são as consequências de tal exame.

Mas existem um tipo de análise que é de ajuda incalculável para a peregrinação espiritual. Sem ela somos incompetentes para conhecer quem realmente somos e o que estamos seguindo. A autocrítica prejudicial gira em torno do sucesso ou falha de alguém, estimulando atitudes de orgulho ou piedade própria. A análise proveitosa investiga apenas a fonte dos pensamentos, sentimentos ou desejos de alguém. Deus quer que sejamos livrados da autoconsciência, mas ao mesmo tempo não pretende que vivamos na terra como pessoas sem percepção inteligente. Não devemos ser demasiadamente autoconscientes, porém, devemos entender qual é a verdadeira condição de todas as nossas partes interiores através do conhecimento a nós concedido pelo Espírito Santo. É-nos positivamente necessário pesquisar nossas atividades com nosso coração.

Muitos crentes regenerados parecem desconhecer que possuem um espírito. Embora o possuam, simplesmente não têm, consciência Dele. Talvez tenham percepção espiritual, mas não reconhecem que ela vem do espirito. Todo crente verdadeiramente nascido de novo deve depender da vida do espírito para seu viver, Se estivermos desejosos de ser ensinados, saberemos o que é o nosso sentido espiritual. Uma coisa é indiscutível: a alma é afetada pelas influências exteriores, mas o espírito não. Por exemplo: quando a alma tem diante de si linda paisagem, natureza serena, música inspiradora e muitos outros fenômenos pertencentes ao mundo exterior, ela pode ser movida instantaneamente e responder fortemente. Com o espírito não é assim. Se o

espírito dos crentes está inundado com o poder do Espírito Santo, ele é independente da alma. Ele difere da alma porque não precisa de estímulo exterior para ser ativado, mas é capaz de estar ativo por sua própria iniciativa. Ele pode se mover sob qualquer circunstância. Por isso, os que são verdadeiramente espirituais, podem ser ativos tendo ou não o sentimento da alma ou da força do corpo. Estes são os que vivem pelo espírito sempre ativo.

Ora, a realidade da percepção da alma e a intuição do espírito são distintamente opostas; todavia, ocasionalmente parecem bastante semelhantes a ponto de confundir os cristãos. Se eles se moverem rapidamente, não escaparão de serem enganados nestas ocasiões de semelhanças; mas se aguardam pacientemente e, testam a fonte dos seus sentimentos uma e outra vez, serão informados da verdadeira fonte pelo Espírito Santo na hora exata.

No andar segundo o espírito devemos evitar toda pressa.

Os cristãos da alma** geralmente se inclinam para certas direções. A maior parte Deles tende ou para a emoção ou para a razão. Agora, quando estes se tornam espirituais, sua tendência é cair para o extremo oposto daquilo, que anteriormente eram. Pessoas emotivas serão tentadas a adotar seu raciocínio frio e próprio como a liderança do Espírito. Por reconhecerem o quanto sua antiga vida passional era da alma** agora se enganam pensando que seu próprio raciocínio seja espiritual. Do mesmo modo, os que eram racionais podem subsequentemente aceitar seu sentimento passional como sendo a liderança do Espírito Santo. Eles também estão conscientes da vida fria e quieta que viviam na alma** até agora, e ignoram do mesmo modo o fato de que a inversão da posição entre emoção e razão não os torna nem um pouco menos da alma**. Lembremos portanto, das funções do espírito. Ser guiado pelo espírito é seguir sua intuição. Todo o conhecimento espiritual, comunhão e consciência vem através da intuição. O Espírito Santo guia os santos por esta intuição. Eles mesmos não necessitam calcular o que possivelmente seja espiritual; tudo o que se pede é que sejam fiéis à sua intuição. A fim de ouvirmos o Espírito devemos entender Sua mente intuitivamente.

Alguns buscam os dons do Espírito Santo com genuína seriedade. Todavia o que eles frequentemente almejam é alguma alegria, porque o "Eu" está oculto por trás do seu pedido. Eles acreditam que se puderem sentir o Espírito Santo descendo sobre eles, ou alguma força externa controlando seus corpos, ou algum fogo abrasador da cabeça aos pés, então foram batizados no, Espírito. A despeito de quão verdadeiro seja o fato Dele permitir que as pessoas O sintam, é muito prejudicial para os homens O buscarem por meio da emoção, pois isto pode não apenas excitar a vida da alma, como também despertar a imitação do inimigo. O que ó realmente precioso diante de Deus, não é como sentimos emocionalmente a presença do Senhor, ou como sentimos amor para com Ele; é antes, como seguimos o Espírito Santo e vivemos de acordo com o que Ele tem revelado ao nosso espírito. Frequentemente encontramos pessoas desse tipo "batizadas no Espírito Santo", que continuam a viver por sua vida natural e não por seu espírito. Elas carecem de uma intuição sensível para discernir questões no mundo

espiritual. A comunhão com o Senhor no espírito e não a emoção, é que é preciosa diante de Deus.

Por meio da nossa longa discussão das funções do espírito, conforme descritas na Bíblia, podemos agora perceber como o espírito pode ser tão entusiasmado quanto a emoção e tão frio quanto a razão. Somente os que são experimentados no Senhor podem distinguir o que é do espírito e o que é da alma. Aqueles que tentam compreender os movimentos do Espírito Santo pelo raciocínio, ou então, como acontece mais frequentemente, tentam Sentir seu mover ao invés de buscar conhecer verdadeiramente a Deus em sua intuição e a andar conforme este conhecimento, se entregam a uma vida na carne. Eles permitem que sua vida espiritual se afunde no esquecimento.

Podemos ser ajudados a ver mais claramente o que significa seguir a intuição do espírito, se examinarmos a vida de Paulo. "Mas, quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me chamou pela sua graça, revelar seu Filho em mim, para que eu o pregasse entre os gentios, não consultei carne e sangue, nem subi a Jerusalém para estar com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia e voltei outra vez a Damasco" (At.31.1:15-17). A revelação, conforme dissemos antes, é dada por Deus e recebida no espírito. Quando o Apóstolo João obteve revelação para escrever, ela lhe foi dada no espírito (Ap. 1:10). A Bíblia consistentemente testifica que a revelação é algo que ocorre no espírito do crente. Agora o Apóstolo Paulo nos informa que ele estava andando pelo espírito quando recebeu a revelação em seu espírito para conhecer o Senhor Jesus e ser enviado aos gentios. Ele não consultou carne nem sangue porque não tinha necessidade de ouvir mais opinião, pensamento ou argumento do homem. Ele não subiu a Jerusalém para ver os que eram espiritualmente mais avançados do que ele, a fim de ouvir seus pontos de vista. Ele seguiu simplesmente a liderança do seu espírito. Porter recebido a revelação de Deus em sua intuição e por conhecer a vontade de Deus, ele não precisava mais buscar outra evidência. Ele considerava a revelação em seu espírito suficiente para guiá-lo. Naquela ocasião, proclamar o Senhor Jesus aos gentios era um novo ponto de partida. A alma do homem naturalmente sugeriria que se ajuntasse mais informações, principalmente a opinião daqueles que possuíam mais experiência na pregação. Mas Paulo seguiu apenas o espírito. Ele não se preocupava com o que os homens, até mesmo os apóstolos mais espirituais, iam dizer.

Devemos assim seguir a direção direta do Senhor em nosso espírito, ao invés das palavras de pessoas espirituais, isto quer dizer que as palavras dos pais espirituais são inúteis? Não, elas são muitíssimo úteis. A exortação e ensino dos pais são de grande utilidade, mas nós, não obstante, devemos "pesar o que é dito" (1Co.14:29). Devemos ser instruídos diretamente pelo Senhor em nosso espírito. Quando estivermos inseguros quanto a ser de Deus ou não o mover em nosso espírito, podemos ser grandemente ajudados por aqueles que têm sido profundamente ensinados no Senhor. Mas se já sabemos com certeza como Paulo que Deus assim tem revelado Sua mente,

então não devemos indagar dos homens, nem mesmo dos apóstolos, caso existam ainda hoje.

Pelo contexto desta passagem podemos ver que o Apóstolo Paulo insiste que o evangelho que ele prega lhe foi revelado por Deus e não aprendido de outros apóstolos. Este é um ponto de imensa significação. O evangelho que pregamos não deve ser apenas algo que ouvimos dos homens, lemos de livros, ou até mesmo formulamos através da nossa meditação. A menos que nos seja entregue por Deus, não terá utilidade espiritual. Os novos crentes hoje acolhem bem a ideia de "instrutores" e os espiritualmente maduros desejam repartir uma fé ortodoxa à segunda geração. Mas quem conhece o que realmente produz valor espiritual? Se o que cremos e pregamos não tem srcem na revelação de nada vale. Podemos ajuntar das mentes de outros, alguns pensamentos bonitos; nosso espírito, entretanto, permanece empobrecido e vazio. Obviamente não esperamos nem um novo evangelho nem diminuímos o que os servos de Deus ensinam, pois a Bíblia nos instrui claramente a não desprezar as profecias (1Tess.5:20). Estamos apenas enfatizando a total necessidade da revelação.

Sem revelação tudo o que foi escrito é vão. Se desejamos ser espiritualmente eficazes na pregação, devemos inicialmente entender a verdade de Deus em nosso espírito. Qualquer coisa adquirida por atacado, dos homens, não importa sua quantidade, espiritualmente é como nada. A revelação no espírito deve ocupar um amplo lugar na vida do servo de Deus. Na verdade é a primeira qualificação de um obreiro. Somente isto capacita alguém a realizar serviço espiritual e andar pelo espírito. Quão grande é o número de obreiros que confiam em seu próprio intelecto e mente na realização da obra espiritual! Até mesmo entre os crentes mais evangélicos a coisa principal é uma aceitação mental da verdade, que resulta em nada mais que morte. Não devemos perguntar a nós mesmos se o que pregamos brota da revelação de Deus ou vem dos homens?

OS ATAQUES DE SATANÁS

Diante da importância do nosso espírito, o qual é o lugar da comunhão entre o Espírito Santo e os crentes, devemos nos maravilhar se Satanás tão persistentemente queira nos impedir de conhecer as funções do espírito, temendo que possamos segui-lo? O inimigo tem como alvo confinar a vida do santo dentro da alma e apagar seu espírito. Ele dará muitas sensações físicas estranhas aos crentes e encherá suas mentes com vários pensamentos inconstantes. Ele pretende confundir a consciência espiritual de alguém com estas sensações e pensamentos. Enquanto estiverem no estado de confusão, os filhos de Deus não terão condição de distinguir aquilo que é do espírito e o que procede da alma. Satanás sabe muito bem que a vitória dos crentes jaz no conhecimento que eles têm de como “ler” seu sentido espiritual (e quantos ignoram este princípio!). Ele reúne sua força total para atacar o espírito do crente.

Repetimos que, em tal batalha espiritual, os cristãos nunca devem fazer qualquer movimento segundo seus sentimentos ou pensamentos repentinos. Não pense nunca que tais pensamentos não podem estar errados, pelo fato de já termos orado. É um

engano considerar que toda noção que chega a nós na oração seja de Deus. Parece que inocentemente imaginamos que a oração pode consertar o errado e que qualquer coisa sobre a qual tenhamos orado pode estar certa. É verdade que buscamos a vontade de Deus, mas isto não significa necessariamente que já conhecemos Sua vontade. Deus faz Sua vontade ser conhecida em nosso espirito e não em nossa mente.

Satanás emprega medidas ainda mais drásticas contra os crentes, do que a de atraí-los a viver pela alma, para não seguirem o espírito. Depois de conseguir seduzi-los - através de seus pensamentos e sentimentos - a viverem pelo homem exterior, Satanás adota o próximo passo que é fingir ser um espírito Neles. Ele criará muitos sentimentos enganosos nos crentes a fim de confundir seus, sentidos espirituais. Se ignoram os ardis do inimigo, eles podem simplesmente permitir que seus espíritos sejam sufocados até cessarem de funcionar; então consideram este sentimento de imitação como se ainda estivessem seguindo o espírito. Uma vez que o sentido espiritual deles é embotado, Satanás avança mais em seu engano. Ele injeta em suas mentes a ideia de que agora Deus está conduzindo-os por suas mentes renovadas, e, com isto, encobre sutilmente a falta Deles em não usarem seus espíritos e também sua obra. Tão logo o espírito do homem deixa de funcionar, o Espírito Santo não pode encontrar nenhum elemento de cooperação dentro Dele; então, naturalmente, todos os recursos de Deus são cortados. E, por isso, é impossível que tais crentes continuem experimentando a verdadeira vida espiritual.

Se os crentes são insensíveis à sua condição, Satanás os ataca ainda mais implacavelmente. Ele pode iludi-los (numa ocasião quando não estiverem conscientes da presença de Deus) a pensar que estão vivendo por fé, ou fazê-los sofrer sem uma causa, sob, a ilusão de que estão sofrendo com Cristo em seus espíritos. Por conseguinte, Satanás, por meio de um falso espírito, engana os crentes levando-os a obedecerem sua vontade. Tais experiências acontecem com cristãos espirituais mas sem discernimento.

Os espirituais devem possuir discernimento espiritual, afim de que todos os seus movimentos possam ser governados pelo raciocínio espiritual. Não devem agir impulsivamente segundo a emoção passageira ou pensamento repentino. Não devem nunca estar com pressa. Cada ação deve ser examinada com percepção espiritual, a fim de que somente aquilo que for aprovado pelo conhecimento intuitivo do espírito seja permitido.

Nada que seja impulsionado pelo sentimento agitado ou pensamento repentino deve ser feito. Tudo deve ser examinado cuidadosa e tranquilamente antes de ser executado.

Examinar e por à prova nosso caminhar é um elemento muito importante com respeito a seguir o espírito. Os crentes não devem passar sua vida cristã tolamente; devem sim, examinar cuidadosamente todos os pensamentos, sentimentos (etc.) que chegam a eles, a fim de discernir se provêm de Deus ou Deles mesmos. A inclinação natural é encarar a vida comodamente e se adaptar a qualquer coisa que aconteça. Agindo assim, alguém frequentar mente acolherá aquilo que o inimigo preparou. Geralmente não í

investigamos estas questões, mas a Escritura nos manda "examinar tudo" (1 Tess. 5:21). Aqui jaz a característica e a força dos crentes espirituais. Eles "interpretam verdades espirituais em linguagem espiritual" (1Co. 2:13 RSV, margem). A palavra "interpretam" no srcinal significa "comparam" (RSV, margem), "misturando" ou "ajuntando" (nota de Darby), ou "determinam" (nota de Darby). O Espírito Santo concede propositalmente tal poder aos crentes espirituais, para que eles o usem para examinar qualquer coisa que penetre em suas vidas; de outro modo, sob os múltiplos enganos do espírito maligno, seria muito difícil viver.

A ACUSAÇÃO DE SATANÁS

Satanás tem outro meio de atacar aqueles que almejam seguir a direção da intuição do espírito. Ele faz isto imitando ou representando falsamente a consciência de alguém, com toda a sorte de acusações. Para manter nossa consciência pura devemos estar dispostos a aceitar sua repreensão e tratar com qualquer coisa que ela condene. O inimigo utiliza este desejo de manter a consciência livre de culpa nos acusando de várias coisas. Tais acusações ao serem erroneamente recebidas como sendo da nossa própria consciência nos leva frequentemente a perder nossa paz, nos cansa pela tentativa de acompanhar o ritmo das falsas acusações e desse modo cessamos de avançar espiritualmente com confiança.

Aqueles que são espirituais, devem estar cientes de que Satanás não nos acusa apenas diante de Deus mas diante de nós mesmos. Ele faz isto para nos perturbar e nos fazer pensar que devemos sofrer castigo porque erramos. Ele está atento para o fato de que os filhos de Deus não podem fazer progresso espiritualmente, a menos que tenham um coração cheio de confiança; por conseguinte, ele falsifica a acusação da consciência, a fim de levá-los a crer que pecaram. Então a comunhão Deles com Deus, é rompida. O problema com os crentes, é que eles não sabem como distinguir entre a acusação do espírito maligno e a repreensão da consciência. Frequentemente, pelo temor de ofender a Deus, eles tomam erradamente a acusação de um espírito maligno como sendo a censura da consciência. Esta acusação se torna mais forte e aumenta ainda mais, até se tornar incontrolável, se não for ouvida. Desse modo, além da disposição Deles em se submeterem à reprovação da consciência, os crentes espirituais devem aprender também como discernir a acusação do inimigo.

O inimigo pode algumas vezes acusar os santos de pecados reais, embora na maior parte das vezes eles sejam simplesmente imaginários; isto é, o espírito maligno faz com que eles sintam que pecaram. Se realmente pecaram, devem confessar imediatamente diante de Deus, pedindo a purificação do sangue precioso (1 Jo. 1:9). Todavia, se a voz de acusação prosseguir, obviamente ela deve ser do espírito maligno.

Aqui está um assunto de sérias consequências. Antes que alguém saiba como distinguir entre a reprovação da consciência e a acusação do inimigo, ele deve perguntar a si mesmo se real mente detesta o pecado. Se esta coisa particular está errada, estou disposto a confessar o meu pecado e eliminá-lo? Se desejamos seguir verdadeiramente a vontade de Deus, não tendo ainda observado a voz de acusação,

podemos ter toda confiança em nosso coração, pois não queremos nos rebelar contra Deus. Depois, tendo resolvido seguir a vontade de Deus, devemos nos examinar se realmente cometemos ou não aquele pecado. Devemos saber, além de qualquer sombra de dúvida, se o cometemos ou não, porque o maligno frequentemente nos acusa de muitos pontos desconexos. Se o fizemos, devemos primeiro descobrir pelo ensino da Bíblia e a direção da intuição, se esta coisa está ou não errada. De outro modo, embora não tenhamos pecado, Satanás nos fará sofrer por ela, como se tivéssemos realmente pecado.

O adversário é hábil na comunicação de todo tipo de sentimento aos homens. Ele pode fazê-los sentirem-se felizes ou tristes; ele pode provocar Neles um sentimento de culpa ou de nenhuma culpa.

Mas o filho de Deus deve entender que seu sentimento não é necessariamente correto, quando pensa que não está errado, pois, frequentemente, ele se sente correto quando na verdade está errado. Além do mais, ele pode não estar errado mesmo quando se sente assim; pode ser apenas seu sentimento sem qualquer base real. Seja qual for o seu sentimento, o crente deve testá-lo por segurança, a fim de saber onde realmente ele se encontra. O filho de Deus deve adotar uma atitude neutra para com toda acusação. Não deve tomar nenhuma atitude antes de ter certeza da sua srcem. Não deve ser apressado; pelo contrário, deve aguardar tranquilamente pela certeza de ser a repreensão do Espírito Santo ou a acusação do espírito maligno. Se tem sua srcem no Espírito Santo, ele deverá tratar com ela honestamente.

Essa espera do crente se deve à sua incerteza e não à rebelião. Apesar disso, ele deve resistir aquelas confissões feitas aos homens, quando são motivadas por força absoluta do exterior, porque o inimigo frequentemente tenta compeli-lo a fazer isto. A verdadeira confissão do Espírito Santo nos conduz à santidade, enquanto que o alvo de Satanás é simplesmente o de nos acusar. Ele nos acusa visando nos levar à autoacusação. Seu alvo é simplesmente levar o cristão a sofrer. Algumas vezes depois de alguém aceitar a atribuição de culpa do inimigo e fazer a devida confissão, Satanás poderá enchê-lo com uma falsa paz. Este perigo não é pequeno porque priva o crente de qualquer contrição real pela derrota. A censura da consciência cessa, uma vez que o pecado é confessado e purificado pelo sangue precioso, mas a acusação do inimigo continua mesmo depois de se tratar com a questão sob acusação. A censura da consciência nos conduz ao sangue precioso; a acusação do inimigo nos leva ao desespero, fazendo com que nos reconheçamos como irredimíveis. O propósito de Satanás é planejar nossa queda através de acusações: "Já que não podemos ser perfeitos," suspira o crente resignadamente, "então, qual é o valor disso?"

As vezes a acusação de Satanás é acrescentada à repreensão da consciência. O pecado é real, mas quando é tratado segundo a mente do Espírito Santo, a acusação continua porque o espírito maligno uniu sua acusação à repreensão da consciência. Portanto é uma questão de extremo interesse a preservação de uma atitude de intransigência para com o pecado. Não se trata apenas de não dar nenhum terreno ao inimigo para acusação, mas de aprender também como diferenciar entre a repreensão do Espírito

Santo e a acusação do espírito maligno. Do mesmo modo deve-se aprender a distinguir entre o que é exclusivamente acusação do inimigo e o que é sua acusação misturada com a repreensão da consciência. Devemos saber com toda certeza, que o Espírito Santo nunca condena depois do pecado ter sido purificado pelo sangue precioso e abandonado.

PERIGOS ADICIONAIS

Além das imitações e ataques de Satanás, existem outros perigos no caminho quando se segue o espírito. Frequentemente nossa alma inventará ou sentirá algo que nos incite a agir. Os cristãos não devem se esquecer nunca que nem todas as sensações emergem do espírito, pois o corpo, a alma e o espírito têm, cada um, suas próprias sensações. É altamente importante não interpretar as sensações da alma* ou as físicas como sendo a intuição do espírito. Os filhos de Deus devem aprender diariamente na experiência, o que é e o que não é a genuína intuição. Quão fácil para nós, depois de percebermos a importância de seguirmos a intuição, esquecermos do fato de que as sensações existem nas outras partes do ser além do espírito. A vida espiritual, na verdade, não é nem tão complicada nem tão fácil, como as pessoas geralmente imaginam.

Aqui estão dois motivos para alarme: (1) o perigo da aceitação

dos outros sentidos como sendo a intuição do espírito; (2) o perigo

de entender errado o significado da intuição. Enfrentamos estes dois perigos todo dia.

Por isso o ensino das Santas Escrituras é totalmente essencial. Para confirmar se somos ou não movidos pelo Espírito Santo e se andamos Nele, precisamos ver se alguma coisa dada harmoniza com o ensino da Bíblia. O Espírito Santo nunca moveu os profetas do passado para escreverem de um modo e a nós hoje de outro. É categoricamente impossível que o Espírito Santo tenha instruído pessoas de ontem sobre o que não deveriam fazer e hoje Ele mesmo nos dizer que devemos fazê-las.

O que recebemos na intuição do espírito precisa ser certificado pelo ensino da Palavra de Deus. Seguir apenas a intuição, sem a associação com as Escrituras, conduz inevitavelmente ao erro. A revelação do Espírito Santo experimentada pelo nosso espírito deve coincidir com a revelação do Espírito Santo na Escritura.

Visto que nossa carne é continuamente ativa, devemos estar sempre vigilantes contra sua intromissão na questão de guardarmos o ensino das Santas Escrituras. Sabemos que a Bíblia revela a mente do Espírito Santo, mas se observássemos a Bíblia perfeitamente, ainda assim não estaríamos necessariamente seguindo a mente do Espírito Santo. Por que? Porque frequentemente examinamos os muitos ensinamentos das Escrituras com a nossa mente natural e depois os praticamos com nossa força natural. Embora o que é entendido e feito concorde perfeitamente com as Escrituras, o processo todo é realizado sem a dependência do Espírito Santo. A questão toda permaneceu dentro do reino da carne. Por isso, não só o que sabemos em nosso espírito com respeito à mente do Espírito Santo precisa ser verificado pelas Escrituras, mas também o que sabemos das Escrituras deve ser realizado através do nosso

espírito. Não sabemos que a carne almeja a prioridade até mesmo no que diz respeito à observação das Santas Escrituras? O espírito tem intuição mas também tem poder. Consequentemente fica sem efeito o entendimento de qualquer doutrina em nossa mente, se ao mesmo tempo ela permanece sem execução pelo poder do espírito.

Uma outra questão precisa ser observada: um grande perigo surge diante de nós se vivemos e andamos pelo espírito. Embora a Palavra enfatize o espírito pessoal do crente, ela também nos informa que a importância do espírito de alguém se deve à habitação do Espírito Santo. A razão porque devemos andar e viver no espírito é porque nosso espírito, sendo a habitação do Espírito de Deus, é onde Ele expressa Sua mente. A direção e a disciplina que recebemos ali, é a direção e disciplina Dele. Ao enfatizar a importância do Espírito Santo, estamos ao mesmo tempo enfatizando nosso próprio espírito, visto que este constitui a base da Sua operação. Nosso perigo, depois de compreender a obra e função do espírito do homem, está na inteira confiança colocada Nele, esquecendo que ele é apenas servo do Espírito Santo. É do Espírito de Deus que esperamos direção direta para dentro de toda a verdade e não do nosso espírito. Se o espírito do homem está divorciado do Espírito divino, ele se torna tão inútil quanto as outras partes do homem. Não devemos nunca inverter a ordem o espírito do homem e o Espírito Santo. É por causa da ignorância de muitos que pertencem ao Senhor com respeito ao espírito do homem e sua operação, que apresentamos nestas páginas um registro detalhado disso. Isto não significa, entretanto, que a posição do Espírito Santo no homem seja inferior à do seu próprio espírito. O entendimento desta faculdade do homem tem como propósito nos ajudar a obedecê-Lo e exaltá-Lo mais.

Isto deve exercer grande influência sobre nossa direção. O Espírito Santo é dado em primeiro lugar para o benefício de todo o corpo de Cristo. Ele habita em cada indivíduo porque Ele mora na totalidade do corpo de Cristo e cada um é um membro Dele: A obra do Espírito é coletiva em natureza (1Co. 12:12,13). Ele guia indivíduos porque Ele guia o corpo inteiro. Ele conduz a cada um de nós por causa do corpo. O movimento de um membro envolve o corpo todo. A direção do Espírito Santo em nosso espírito individual está relacionada com os outros membros. A direção espiritual é a direção do corpo. A fim de que nossos movimentos possam estar relacionados com o corpo, precisamos buscar solidariedade e concordância do espírito de "dois ou três" outros membros, mesmo depois de termos pessoalmente recebido a direção em nosso espírito. Este princípio não deve ser negligenciado na obra espiritual. Grande parte das derrotas, contendas, ódio, divisão, vergonha e dor, são devidas aos movimentos independentes daqueles que têm boa intenção, mas seguem simplesmente seu próprio espírito. Todos os que seguem o espírito devem consequentemente testar sua direção pelo relacionamento com o corpo espiritual, a fim de determinar se é ou não do Espírito Santo. Em cada porção da nossa obra, conduta, fé e ensino, devemos ser regulados por aquele relacionamento de "membros uns dos outros" (Rm.12:5).

A conclusão é que, ao longo do caminho espiritual se escondem muitas armadilhas. Um pequeno descuido traz derrota. Todavia não existe atalho ou desvio que possamos

tomar. Não estamos protegidos por termos aprendido algum conhecimento; pelo contrário, nós mesmos devemos experimentar tudo. Aqueles que nos precederam podem apenas nos avisar dos perigos pela frente, a fim de não cairmos como presas suas. Se pretendermos desviar parte do caminho, ficaremos desapontados; mas os fiéis seguidores do Senhor podem evitar muitas derrotas desnecessárias.

2. AS LEIS DO ESPÍRITO

O filho de Deus deve aprender a reconhecer o sentido de consciência do seu ser interior, como a primeira condição para uma vida segundo o espírito. Se ele não discernir o que é a sensação do espírito e adicionalmente a sensação da alma, invariavelmente ele falhará em fazer aquilo que o espírito requer Dele. Por exemplo: quando sentimos fome sabemos que devemos comer; quando sentimos frio sabemos que devemos nos vestir. Nossos sentidos expressam necessidades e exigências. Por isso devemos portanto saber o que nossas sensações físicas significam antes de podermos satisfazê-las com suprimentos materiais. No reino espiritual devemos chegar a entender o significado dos vários sentidos do espírito, como também seu respectivo suprimento. Só depois da pessoa compreender seu espírito com seus movimentos, é que ela pode andar pelo espírito.

Existem algumas leis do espírito com as quais todo cristão deve estar familiarizado. Se ele não entender estas leis ou deixar de ver a importância do reconhecimento das sensações do espírito, ele perderá muitos dos seus movimentos. Sua falha em discernir seus sentidos, solapa o lugar apropriado do seu espírito em seu caminhar diário. Por isso, depois determos conhecido as várias funções do homem interior, tais com intuição, comunhão e consciência, precisamos identificar seus movimentos que podem nos capacitar a andar pelo espírito. Estando cheio com o Espírito Santo, nosso espírito estará operando ativamente. Mas incorreremos em perda se desprezarmos estas operações. É, portanto, imperativo que observemos a maneira pela qual o espírito habitualmente se move.

O cristão deve saber mais sobre a operação do seu espírito, do que sobre a atividade da sua mente.

(1) OS PESOS DO ESPÍRITO

O espírito precisa ser mantido num lugar de perfeita liberdade.

Ele deve ser sempre luz, como se flutuasse no ar; somente assim a vida pode crescer e a obra ser realizada. O cristão deve reconhecer o que são os pesos colocados em seu espírito. Frequentemente ele sente que está sob opressão, como se toneladas de carga estivessem pressionando sobre seu coração. Não pode descobrir nenhuma razão para este peso que vem sobre ele repentinamente.

O inimigo usa isso para importunar o espiritual, para privá-lo da alegria e suavidade, como também para incapacitar seu espírito de operar junto com o Espírito Santo. Se ele não pode reconhecer a fonte deste peso e o significado da opressão no espírito, ele não poderá tratar instantaneamente com ele e desse modo restaurar seu espírito imediatamente à normalidade.

O crente pode ficar confuso por tal sensação e interpretá-la como sendo algo natural ou ocasional. Ele pode consequentemente negligenciar isto e permitir que seu espírito fique sob repressão. Quão frequentemente ele continua a operar sem prestar atenção

devida ao peso e dando sempre terreno ao inimigo para enganá-lo com seus ardis. Muitas vezes quando este alguém deve ser usado por Deus, ele, pelo contrário, fica sem poder para realizar a obra de Deus por carregar este fardo pesado. A percepção do seu espírito se torna bastante embotada por tal opressão. Isto explica porque Satanás e suas hostes malignas focalizam sua atenção na colocação de cargas pesadas sobre o espírito do crente. Ai do filho de Deus! Porque frequentemente ele não tem consciência de que a fonte do tal peso é satânica e mesmo que saiba ele não resiste.

Com este peso sobre o seu espírito o cristão está destinado a sofrer a derrota, e, se ao defrontar com ele de manhã e não tratar logo com ele, experimentará derrota o dia todo. Um espírito livre é a base da vitória. A fim de lutar contra o inimigo e manifestar a vida de Deus, devemos possuir um espírito completamente livre de peso. Quando o cristão está opresso, ele fica privado do seu poder de discernimento e naturalmente perde a verdadeira direção de Deus. Sempre que o espírito sofre opressão, a mente não pode funcionar adequadamente. Tudo estaciona ou tudo sai errado.

É de extrema importância tratar com a carga pesada ou opressão do espírito imediatamente. Nunca adote uma atitude de indiferença, pois se fizer isso você sofrerá por ela. A carga se tornará cada vez mais pesada e se não for tratada, se tornará parte da sua vida. Como resultado, você considerará todos os assuntos espirituais como amargos e azedos, retardando seu progresso espiritual. No caso de você não tratar com o peso na primeira vez, ele virá sobre você mais facilmente na seguinte. A forma de se lidar com ele é parar a obra de uma vez e colocar sua vontade contra este peso, exercitando seu espírito para resisti-lo. Ocasionalmente você pode ter que pronunciar palavras audíveis contra ele; em outras, com o poder do seu espírito, você deve resistir em oração.

É indispensável também tratar com a causa de tal peso, porque a carga opressiva permanecerá enquanto ela não for resolvida. Além de resistir à obra do inimigo, dever haver a revelação da causa por trás daquela obra. Se houver sucesso, você reconquistará o terreno que antes havia sido entregue ao inimigo. Se você tiver o poder do discernimento, você verá que foi por causa da sua falha em cooperar com Deus numa ocasião particular com respeito a um assunto em especial, que o inimigo ganhou terreno para esmagar você com uma carga tão pesada. O terreno perdido precisa ser reconquistado. Se resistirmos ao inimigo pelo descobrimento da causa da sua operação, ele fugirá.

(2) O BLOQUEIO DO ESPÍRITO

O espirito precisa da alma e do corpo como órgãos para sua expressão. É como uma patroa que tem um mordomo e um servo trabalhando para ela para realizar sua vontade. Pode ser comparado também a uma corrente elétrica que precisa de fio para manifestar a luz. Se a alma e o corpo perderem sua normalidade sob o ataque do inimigo, o espírito ficará preso e sem qualquer meio de saída. O adversário conhece as exigências do espírito, por isso atua frequentemente contra a alma e o corpo do crente.

Quando estas partes cessam de funcionar adequadamente, o espírito é despojado dos seus meios de expressão e desse modo perde sua posição vitoriosa.

Durante tal período a mente pode ficar confusa, as emoções perturbadas, sua vontade cansada e impotente para governar ativamente todo o ser, ou seu corpo extremamente cansado e temporariamente preguiçoso. Estes sintomas devem ser resistidos logo, senão seu espírito será bloqueado e ficará sem condições de dar combate ao inimigo ativamente, ou de manter sua base de vitória.

Logo que seu espirito é trancado, o crente perde sua "vivacidade." Ele parece estar tímido, procura se esconder e raramente realiza qualquer coisa em público. Ele gosta de ir para trás, não querendo ser visto. Talvez imagina ter descoberto algo de si mesmo, sem reconhecer que seu espírito na verdade está sendo bloqueado. Parece estar sem interesse na leitura da Bíblia e sem palavras para orar. Sua obra e experiência passada sempre que relembrada, parece sem sentido, e, ás vezes, é até divertida, para ele. Não tem poder para pregar, como se estivesse apenas gastando as emoções. Se permitir que tal bloqueio do espírito se prolongue, ele será atacado pelo inimigo ainda mais severamente.

Se Deus não interferisse, devido às suas próprias orações ou às de outras pessoas, o crente seria sufocado espiritualmente. Por, falta de conhecimento, sua reação pode ser simplesmente a de surpresa, e pode, desse modo, assumir a atitude por demais comum de desistir. Pelo fato de nenhuma experiência ou sensação espiritual acontecer sem uma causa, devemos, realmente, examiná-la cuidadosamente e não permitir que qualquer peso permaneça em nós.

Satanás tenta aprisionar o espírito num quarto escuro, a fim de que a alma fique sem a direção do espírito. Mas tão logo o bloqueio é retirado, o crente pode respirar novamente com facilidade e ser restaurado à sua vivacidade normal.

Sempre que o filho de Deus estiver numa situação de cerco, é vital que haja o exercício da sua vontade em expressões audíveis contra o inimigo, levantando sua voz para proclamar a vitória da cruz e a derrota do inimigo. Ele deve resistir totalmente a obra do adversário tanto em sua alma quanto em seu corpo. Após tal proclamação ele deve empregar sua vontade ativamente para resistir o bloqueio. A oração é um meio de abertura do espírito. Caso a situação seja conforme a descrição acima, o crente precisa orar em voz alta. A melhor coisa que o santo pode fazer é clamar pelo nome vitorioso do Senhor Jesus sobre todas as arremetidas do inimigo. Além de orar ele deve exercitar seu espírito para romper o bloqueio, a fim de alcançar o lado de fora.

(3) O ENVENENAMENTO DO ESPÍRITO

Nosso espírito pode ser envenenado pelo espírito maligno. Este veneno é o dardo inflamado do inimigo dirigido diretamente ao nosso espírito. Tristeza, mágua, angústia, lamento ou abatimento, são coisas que o inimigo atira para dentro do nosso espírito. A finalidade é provocar em nós um "espírito triste" (1 Sm. 1:15) e um "espírito abatido quem o pode suportar?" (Pv.18:14). É excessivamente perigoso para qualquer

pessoa aceitar sem objeção ou questionamento, toda tristeza que venha sobre ela e admitir que estes são naturalmente seus próprios sentimentos. Tal pessoa ainda não examinou a fonte nem ofereceu qualquer resistência. Vamos lembrar que nunca devemos aceitar qualquer pensamento ou sentimento precipitadamente. Se desejamos andar segundo o espírito, devemos ser vigilantes em todos os pontos, examinando principalmente a fonte de cada noção e sensação.

Às vezes Satanás nos provoca para endurecer nosso espírito. Ele pode se tornar obstinado, insubmisso, limitado e egoísta. Tal espírito não pode trabalhar com Deus nem tampouco fazer Sua vontade. E assim o crente abandona seu amor para com os homens e todo sentimento delicado, compassivo e amável para com os outros. Visto ter perdido a generosidade do Senhor e feito um círculo ao seu redor, como pode o Espírito Santo usá-lo poderosamente?

Frequentemente o inimigo induz os cristãos a nutrirem um espírito não perdoador; este é um sintoma muito comum entre os filhos de Deus. Talvez a queda de cristãos espirituais possa ser identificada principalmente por esta causa. Tal amargura, crítica e inimizade, aplicam severo golpe à vida espiritual. Se os crentes falharem em ver que tal atitude é distintamente do inimigo e não Deles mesmos, eles nunca serão livrados do espírito de ódio.

Em outras ocasiões ainda Satanás estimula o espírito dos filhos de Deus para se tornar estreito e confinado. Ele engana estes cristãos separando-os dos outros, fixando linhas de demarcação. Se alguém é cego para o conceito da igreja como um corpo, ele se dedicará ao seu "pequeno grupo" provando que seu espírito já está contraído. O que é espiritual, todavia, não considera as coisas de Deus como suas, mas ama a igreja toda em seu coração. Se o espírito de alguém está aberto, o rio da vida flui; se seu espírito encolhe, ele impede a obra de Deus e diminui sua própria utilidade. O espírito que não é bastante grande para incluir todos os filhos de Deus, já foi envenenado.

Frequentemente Satanás injeta orgulho no espírito do crente, despertando Nele uma atitude de arrogância e vaidade. Ele o leva a se estimular como pessoa muito destacada, alguém que é indispensável na obra de Deus. Tal espírito constitui uma das maiores causas da queda dos crentes: "A soberba precede a destruição e altivez do espírito precede a queda" (Pv.16:18).O espírito maligno contamina o espírito do crente com estes e outros venenos. Se não houver oposição imediata, eles logo se tornam "as obras da carne" (Gl.5:19). No início são apenas venenos de Satanás, mas podem ser transformados em pecados da carne caso o cristão os aceite, mesmo inconscientemente, ao invés de resisti-los.

Se o veneno no espírito não for tratado, imediatamente ele se tornará em pecado do espírito, um pecado mais sério do que qualquer outro. Tiago e João perguntaram com voz de trovão: "Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir? E ele disse: Vós não sabeis de que espírito sois" (Lc. 9:54,55). É essencial sabermos de que tipo de espírito somos. Frequentemente não percebemos que nosso espírito é vítima da instigação do inimigo. Tudo está errado se ele está errado. Da experiência destes dois

discípulos, observamos que um inimigo errado pode se manifestar facilmente através das plantas pronunciadas. Mesmo assim as palavras ditas podem não revelar tanto quanto o tom manifestado. Às vezes as palavras estão corretas mas o tom está errado. Para assegurarmos a vitória precisamos vigiar até mesmo o tom das nossas palavras. Tão logo o espírito, maligno toca nosso espírito, nossa voz perde sua suavidade. Uma declaração áspera, dura e ferina não vem do Espírito Santo; ela simplesmente manifesta o fato de que aquele que assim fala já foi envenenado por Satanás.

Como falamos de modo geral? Somos capazes de nos referir aos outros sem qualquer toque de condenação? Nossas palavras podem ser realmente verdadeiras, mas por detrás delas, mesmo sendo palavras verdadeiras, pode estar o espírito de crítica, condenação, ira ou inveja. Por isso devemos falar a verdade em amor. Se nosso espírito é puro e manso, então estamos em condições de declarar a verdade. Mas, se o espírito de condenação estiver conosco, por certo que devemos ter pecado. O pecado não é apenas uma ação; ele é também uma condição. O que está por trás das coisas é que tem mais importância. Quantas vezes pecamos fazendo coisas para Deus ou para os homens, porque de modo secreto um espírito infiel, relutante e rancoroso está escondido.

Devemos manter nosso espírito terno e meigo. Ele deve ser puro e limpo. Consideramos um espírito errado como pecado? Sabemos quanto o inimigo ataca nosso espírito e quando nosso espírito está envenenado? Suponhamos que sabemos: somos bastante humildes para eliminar tal pecado? Devemos parar instantaneamente ao notar que nossa voz se tornou áspera. Sem a menor hesitação devemos nos voltar para nós mesmos e dizer: "Eu quero falar com um espírito puro; quero resistir ao inimigo." Se formos relutantes em dizer aos nossos irmãos "eu estou errado," então nosso espírito permanece mergulhado no seu pecado. Os filhos de Deus devem aprender como guardar seus espíritos de serem irritados pelo inimigo. Devem aprender também a preservá-lo em ternura e meiguice.

Nas ocasiões normais o povo de Deus deve tomar o escudo da fé que apaga os dardos inflamados do maligno. Isto significa que devemos prontamente exercitar fé viva na busca da proteção de Deus e resistir o ataque do inimigo. A fé é o nosso escudo e não nosso extrator; a fé é uma arma para apagar os dardos inflamados e não para tirá-los depois de penetrados. Mas se alguém for ferido pelo dardo inflamado, deve logo eliminar a causa do dardo. Deve manter uma atitude de oposição, resistindo imediatamente qualquer coisa que venha de Satanás e orar pela purificação.

(4) A SUBMERSÃO DO ESPÍRITO

O declínio ou submersão do espírito se deve principalmente ao fato de alguém se voltar para si mesmo. Pode ser produzido por uma possessividade por todas as experiências que alguém tenha tido, pela intromissão do poder das trevas ou pelo egocentrismo na oração e adoração. Quando o espírito de alguém se inclina para o interior e não para o exterior, o poder de Deus é desligado de uma vez e o espírito logo será cercado pela alma.

Às vezes esta submersão do espírito na alma é ocasionada pelo engano do inimigo maligno, que supre a pessoa com sensações físicas e experiências maravilhosas e variadas. Ela não percebe que a srcem delas é o espírito maligno mas, ao invés disso, as interpreta como vindo de Deus. Desse modo, inconscientemente, ela passa a habitar num mundo sensual onde seu espírito é afogado na alma.

Os crentes podem, além disso, ser enganados e seus espíritos se rebaixam à alma, por não compreenderem a posição de Cristo.

O Espírito Santo habita no filho de Deus para manifestar a ele o Cristo entronizado. Os livros de Atos, Efésios e Hebreus, falam claramente sobre a posição de Cristo no céu hoje. O espírito dos cristãos está unido ao Cristo celestial. Devido à falta de conhecimento, o cristão olha para dentro para encontrá-Lo. Ele deseja ser unido ao Cristo que está Nele; por isso seu espírito não pode subir acima das nuvens mas, ao invés disso, fica oprimido e cai para o reino da alma*.

Todas estas operações tentam o indivíduo no sentido de viver em seus sentimentos, ao invés de viver no seu espírito. Ele precisa saber que antes de se tornar espiritual e andar realmente no espírito, o inimigo não é impelido a fazer uso da imitação naquela ocasião. Mas depois de experimentar o derramamento do poder do Espírito Santo em seu espírito, ele defronta com um novo mundo nunca antes encontrado. E, exatamente nisto está a causa para o alarme, porque o inimigo trabalhará para induzi-lo a deixar de permanecer no espírito. Se ele tiver sucesso, o crente sofrerá grande perda. A tática do adversário é através do engano, por meio dos sentimentos da alma e do corpo, levando-o a pensar que estas são experiências espirituais que ele deve desfrutar.

Muitos que entraram nesse viver espiritual sofreram derrotas por causa do desconhecimento das suas leis. O inimigo estimula todo tipo de sensações físicas e experiências sobrenaturais no seu interior. Se eles dependerem destes fenômenos sobrenaturais ou de outros acontecimentos sensacionais que procedem do exterior, sua vida no espírito será obstruída. Eles habitarão em sua alma ou corpo exteriores, enquanto que ao seu espírito mais interior será negado o poder de cooperar com Deus. Naturalmente a alma e o corpo se elevam, retomando a autoridade que haviam perdido e submergindo o espírito completamente.

Enquanto o espírito estiver submergido, seus sentidos ficam sem operação. Quando isto ocorre, muitos cristãos espirituais sentem que perderam seu espírito. A alma e o corpo ocupam um lugar tão grande que o ser inteiro pode viver por suas sensações.

Muitos órgãos sensoriais substituem a operação do espírito. Os movimentos do espírito são enterrados de baixo das poderosas sensações da alma e do corpo. Eventualmente toda a vida e obra espiritual acabam completamente. Se tal condição tiver permissão para durar muito tempo, o crente sem dúvida, caiu horrivelmente.

Talvez ele esteja possuído pelo espírito maligno.

Portanto, tudo aquilo que é capaz de diminuir a consciência espiritual deve ser renunciado. Devemos evitar o riso extravagante, o choro penoso e qualquer outra explosão extrema de emoção física. O corpo deve ser mantido em perfeita calma. Devemos rejeitar as sensações naturais ou sobrenaturais desordenadas, porque estas impelem a mente a seguir o corpo e não o espírito.

Nunca permita que qualquer coisa impeça de entender a pequena vibração do espirito.

O filho de Deus deve aprender como manter seu espírito saindo continuamente, nunca permitindo que ele fique estagnado; porque quando o espírito começa a afundar, a alma o cerca e o reduz à servidão. Pois, a menos que seu espírito saia para atacar Satanás, este, inquestionavelmente, atacará seu espírito e o levará a ser "afundado. Só quando o nosso espírito está fluindo é que o Espírito Santo ó capaz de fazer fluir, de igual modo a Sua vida. No momento em que alguém se volta para si mesmo ele faz seu espírito afundar e o fluir torrencial do Espírito divino para imediatamente. Ele usa o espírito do crente como Seu canal para o fluir da vida de Deus.

O cristão precisa determinar o que causou a queda do seu espírito e então restaurá-lo ao seu estado srcinal. Tão logo descobre um vazamento no poder do seu espírito, ele deve procurar reparar a situação imediatamente.

(5) OS ENCARGOS DO ESPÍRITO

Os encargos do espírito diferem dos pesos no espírito. Os pesos procedem de Satanás com o propósito de esmagar o crente e fazê-lo sofrer, mas os encargos procedem de Deus em Seu desejo de manifestar Sua vontade ao crente, a fim de que ele possa cooperar com Ele. Qualquer peso no espírito só tem um objetivo: oprimir. Não serve portanto, para nenhum propósito e não produz qualquer fruto. O encargo do espírito, por outro lado, é dado por Deus ao Seu filho com a finalidade de chamá-lo ao trabalho, à oração ou à pregação. É um encargo com propósito, com motivo e para proveito espiritual. Devemos aprender a distinguir o encargo do espírito do peso no espírito.

Satanás nunca dá qualquer encargo aos cristãos; ele apenas envolve o espírito Deles e os oprime com uma pesada carga. Tal carga amarra o espírito e sufoca o funcionamento da sua mente.

Alguém com um encargo ou inquietação vinda de Deus simplesmente o carrega; mas o que está opresso por Satanás descobre seu ser totalmente preso. Com a chegada do poder das trevas, o crente instantaneamente perde sua liberdade. O encargo dado por Deus é totalmente contrário. Ele pode ser muito pesado, porém, o encargo de Deus nunca é pesado demais a ponto de sufocar a oração. A liberdade para orar nunca será perdida sob qualquer encargo vindo de Deus, mas o peso que vem do inimigo e se impõe sobre o espírito de alguém invariavelmente lhe nega sua liberdade para orar. O encargo comunicado por Deus é levantado quando oramos, mas a opressão do inimigo não pode ser retirada enquanto não lutarmos e resistirmos em oração. O peso no espírito penetra sutilmente, enquanto que o encargo do espírito resulta da operação de Deus em nosso espírito. A carga sobre o espírito é desprezível e opressiva, enquanto

que o encargo do espírito é bastante prazeroso (naturalmente que a carne não o considera assim) pois nos convoca a andar com Deus (veja Mat. 11:30). Ele só se torna amargo quando resistido e se sua exigência não for satisfeita.

Todas as obras reais começam com encargos ou inquietações no espírito. (Naturalmente que quando o espírito carece de qualquer inquietação, precisamos exercitar nossas mentes). Quando Deus deseja que trabalhemos, falemos ou oremos, Ele primeiro implanta um encargo em nosso espírito. Se estivermos familiarizados com as leis do espírito, não prosseguiremos descuidadamente com a obra em mãos, nem permitiremos que o encargo aumente. Também não desprezaremos negligentemente o encargo até que ele não seja mais sentido. Devemos por tudo de lado imediatamente, para descobrir o significado deste encargo. Uma vez que tenhamos discernido o que ele significa, podemos agir em seguida e quando a obra solicitada é realizada o encargo nos deixa.

A fim de receber encargos de Deus, nosso espírito precisa ser mantido continuamente livre e desimpedido. Somente um espírito sem impedimento pode detectar o mover do Espírito Santo. Qualquer espírito que esteja cheio de preocupações já perdeu a agudeza do seu sentido intuitivo e por isso não pode ser um bom vaso. Devido à sua falha em agir de acordo com o encargo já recebido de Deus, o crente frequentemente se descobre dolorosamente pesado por muitos dias. Durante este período Deus não tem como lhe dar novo encargo. Por isso é altamente necessário examinar o sentido de um encargo através da oração, com o auxílio do Espírito Santo e o exercício da mente.

Frequentemente um encargo ou inquietação do espírito é para oração (Col. 4:12). Na realidade não podemos orar além do nosso encargo. Continuar a orar sem ele não pode produzir fruto porque a oração deve estar emanando da nossa mente. Mas a oração de encargo do espírito só pode ser iluminada através da oração. Sempre que Deus nos inquieta com alguma coisa, tal como a oração, pregação da palavra, e assim por diante, a única forma de diminuir esta inquietação ou encargo é atendendo sua solicitação. Somente a oração de encargo no espírito nos capacita a orar no Espírito Santo, com gemidos profundos demais para serem expressos por palavras. Quando nosso espírito está inquieto com encargos de oração, nada pode soltar este encargo a não ser a oração. Ele é levantado depois que a obra é realizada.

Por causa do grande acúmulo dos encargos de oração, frequentemente achamos difícil orar no início, mas quanto mais orarmos mais nosso espírito responderá com amém. Devemos tentar ao máximo derramar todos os encargos em nosso espírito por meio da oração, até que todos eles tenham nos deixado. Quanto mais a vida sai através da oração, mais felizes nos sentimos. Uma tentação muito comum entretanto, é parar de orar antes do encargo ser levantado. Quando começamos a nos sentir leves em nosso espírito, julgamos que a nossa oração foi atendida, não reconhecendo que estamos apenas engrenando na obra espiritual. Se naquele momento nos voltarmos para atender outros assuntos, então a obra espiritual sofrerá grande perda.

O crente não deve nunca considerar o trabalho espiritual como sendo totalmente alegre e jubilante, como se a presença de um encargo fosse privá-lo daquilo que ele considera como sendo experiência espiritual. Digno de dó é aquele que não tem consciência do que seja realmente o esforço real e espiritual no encargo do espírito. Aquele que deseja sofrer por Deus e pelos homens não vive para si mesmo; mas aqueles que diariamente buscam prazeres sensuais e se tornam apreensivos com respeito a carregar cargas para Deus e a igreja, estão vivendo para si mesmos. Ora, à luz do que foi dito, não devemos nos considerar como se tivéssemos caído ou errado sempre que Deus repartir um encargo conosco. Satanás fica extremamente satisfeito se interpretamos isto assim, pois, desse modo, ele escapará dos nossos ataques. Não nos interpretemos mal e não prestemos atenção a Satanás, porque se o fizermos, seremos acusados e atormentados ainda mais.

A obra espiritual verdadeira é agressiva contra Satanás e sofre dores de parto pelos crentes. Estes empreendimentos não podem de modo algum ser considerados festivos. Eles exigem uma morte mais completa para o ego. Isto explica porque nenhum cristão da alma** é capaz se de envolver no verdadeiro esforço espiritual. Desfrutar prazeres sensuais diariamente não é evidência de espiritualidade. Pelo contrário, os que avançam com Deus e desprezam seus próprios sentimentos, são os verdadeiramente espirituais. Quando um crente tem encargo e está contendendo com o inimigo, ele sempre deseja estar só, separado de todas as comunicações humanas, a fim de se concentrar na batalha espiritual. Antes do combate terminar, ele dificilmente pode mostrar um rosto sorridente. Um cristão espiritual deve receber qualquer encargo que o Senhor colocar em seu caminho.

Precisamos conhecer as leis do espírito e também a maneira de cooperarmos com Deus. De outro modo podemos prolongar o encargo para prejuízo nosso, ou então, perder a oportunidade de trabalhar com Deus. Cada vez que recebemos um encargo em nosso espírito, devemos imediatamente descobrir através da oração, o que é este encargo. Se for uma chamada para guerrear, à guerra vamos; se é uma chamada à oração, iremos orar. Procuremos como trabalhar junto com Deus. Que o velho encargo passe e o novo seja introduzido.

(6) A MARÉ BAIXA DO ESPÍRITO

A vida e o poder de Deus em nosso espírito podem retroceder como uma maré. Reconhecemos que aquele que é da alma** geralmente considera sua vida espiritual como estando na maré alta quando sente a presença de Deus; mas se ele se sente abatido e seco, então está na maré baixa. Estes são apenas sentimentos e não representam a realidade da vida espiritual.

Mas, a vida espiritual se depara com épocas de declínio, embora seja bem diferente de qualquer sentimento da alma. Depois de ser cheio com o Espírito Santo, alguém pode prosseguir muito bem durante um período e depois, pouco à pouco, sua vida espiritual diminuir. A diferença entre o declínio sensual e o espiritual jaz aqui: o primeiro sempre é repentino enquanto que o último é gradual. O crente pode se tornar consciente de

que, a vida e o poder de Deus que uma vez ele recebeu, estão diminuindo gradativamente. Isto pode fazer com que ele perca a alegria, a paz e o poder que seu espírito deve manter. Dia a dia ele fica mais fraco. Nesta ocasião ele parece perder seu gosto pela comunhão com Deus; sua leitura da Bíblia se torna sem sentido; seu coração raramente é tocado por qualquer mensagem ou versículo especial, se é que isto chega a acontecer. Além do mais, sua oração se torna seca e monótona, como se não tivesse sentido nem expressão; seu testemunho parece ser forçado e hesitante sem o transbordamento de antes. Em outras palavras, a vida não é mais vibrante, forte, animada e feliz como antes. Parece que tudo retrocedeu.

A maré tem vazante e enchente. Pode a vida e o poder de Deus em nosso espírito podem ser caracterizados de modo semelhante portal fenômeno? De modo nenhum! A vida de Deus não conhece tal coisa como vazante, porque ela flui para sempre. Ela não sobe e desce como a maré do mar, mas é como um rio sempre fluindo com água viva (Jo.7:38). A vida de Deus em nós não é de modo nenhum como a maré que deve esvaziar em certa hora, porque a fonte da nossa vida interior está em Deus em Quem não há "variação nem sombra de mudança" (Tg.1:17). Por isso, a vida em nosso espírito deve fluir como um rio incessantemente e até ao transbordamento.

Portanto, se alguém se torna consciente de que sua vida está retrocedendo deve entender que esta vida não diminui; ela apenas deixa de fluir. Deve saber também que tal esvaziamento é totalmente desnecessário. Nunca seja enganado por Satanás a ponto de considerar impossível que alguém ainda no corpo físico possa ser cheio permanentemente com a vida de Deus. Sua vida em nós é como um rio de água viva. Se não for obstruída, ela fluirá ininterruptamente. O cristão pode experimentar uma vida que flui sempre; a maré baixa não é apenas desnecessária mas também anormal.

A questão diante de nós então não é como fazer com que a vida espiritual que caiu suba novamente, mas sim como podemos fazer com que ela flua. A fonte da vida permanece dentro do crente, embora esteja agora bloqueada, Não há nada errado com a entrada; é a saída que está obstruída. A água da vida não flui porque a corrente não tem passagem. Se a saída for desobstruída, a água da vida fluirá incessantemente. Portanto, o que o filho de Deus precisa não é mais vida e sim mais fluir da vida.

Imediatamente após sentir um declínio em sua vida espiritual, o filho de Deus deve reconhecer automaticamente que uma obstrução deve existir em algum lugar. Satanás vai acusar dizendo que você regrediu espiritualmente; outros dirão em seu julgamento que você perdeu o poder; e você mesmo imaginará que cometeu algum pecado grave. Estas coisas podem ser verdadeiras, mas não formam a verdade no seu todo. Na verdade, tal situação é criada em grande parte, embora não totalmente, por causa da nossa falta de conhecimento de como cooperar com Deus no preenchimento das Suas condições, com vistas à garantia de um fluir incessante. A tolice é um fator principal. Por isso, a pessoa deve orar e meditar imediatamente, testando e examinando a causa de tal esvaziamento. Deve esperar em Deus, pedindo ao Seu Espírito que revele a razão. Neste ínterim, você deve tentar descobrir onde falhou a fim de preencher a condição para o permanente fluir da vida.

Você não deve apenas confessar que retrocedeu (e tal confissão é importante) mas deve também por às claras, ativamente, a explicação para tal retroceder. Embora o parecer de Satanás, dos outros e o seu próprio não sejam confiáveis, eles ainda são dignos de consideração, pois algumas vezes poderão ser reais. Depois de descobrir à causa, você deve tratar com ela sem demora. A vida não fluirá antes que a obstrução seja devidamente tratada.

Consequentemente, em cada maré baixa na vida espiritual, alguém deve começar imediatamente a isolar sua causa através da oração, meditação e exame. Conheça a lei do fluir da vida de Deus; rejeite cada ataque do inimigo. Aí a vida fluirá novamente, mais forte do que antes, abrindo caminho através de cada fortaleza do inimigo.

(7) A IRRESPONSABILIDADE DO ESPÍRITO

O espírito do homem pode ser comparado a uma lâmpada elétrica. Quando em contato com o Espírito Santo, ele brilha; mas, se for desligado, ele mergulha nas trevas. "O Espírito do homem é a lâmpada do Senhor" (Pv.20:27). O alvo de. Deus é encher o espírito humano de luz; todavia, o espírito do crente algumas vezes fica em trevas. Por que isto acontece? Porque perdeu o contato com o Espírito Santo. Para se perceber se o-espírito de alguém está ligado ao Espírito Santo, só precisamos observar se ele está brilhando.

Dissemos antes que o Espírito de Deus habita no homem e que este coopera com Ele através do seu espírito. Se o espírito do homem foi destituído da sua condição normal, ele perderá toda a sua luz, parecendo estar desligando do Espírito Santo. Por isso é muito importante mantermos nosso espírito numa posição sadia e tranquila, a fim de garantir sua cooperação com o Espírito Santo.

Se ele for perturbado por forças externas, automaticamente será privado do seu poder de cooperar com o Espírito Santo e mergulhará nas trevas.

Ora, estes fenômenos levam o espírito atalhar em sua responsabilidade de cooperar com o Espírito Santo. Enquanto ele for irresponsável, a vitória se tornará impossível. Imaginemos alguém que, ao levantar pela manhã, sinta como se tivesse perdido seu espírito. O inimigo talvez o induza a pensar que seja devido à fraqueza física resultante do trabalho excessivo do dia anterior. Se a sugestão do inimigo for aceita sem questionar e houver permissão para que seu espírito se torne irresponsável, ele será despojado de toda a sua força para repelir as tentações e para realizar o trabalho daquele dia. A causa real deve ser buscada imediatamente, pois o espírito deve estar ativo e potente o bastante para reger o corpo e não ser contrariamente afetado por ele. Deve reconhecer que seu espírito, tendo sido assaltado pelo inimigo, tornou-se irresponsável. A restauração deve ser logo buscada senão a derrota virá no momento em que encontrar qualquer pessoa. Nunca permita que o estado inicial de irresponsabilidade do espírito prossiga até ao meio-dia, porque este é um caminho certo para a derrota.

Ao descobrir que seu espírito tem sido irresponsável, o crente deve se opor sem demora a todas as obras do inimigo e também às causas da obra do inimigo. Se for simplesmente ataque do adversário, o espírito recuperará sua liberdade depois da resistência. Mas se houver justificativa para o ataque, isto é, se algum terreno foi dado ao inimigo, então tal motivo deve ser descoberto e tratado. Geralmente o motivo está relacionado com a história passada do indivíduo. Ele deve orar a respeito de vários assuntos tais como suas circunstâncias, família, parentes, amigos, trabalho e assim por diante. Quando seu espírito sente uma libertação depois de orar por certo assunto, então a causa do ataque do inimigo foi isolada. Logo que esta questão for cuidada, o espírito do crente será liberado e restaurado à sua função.

Algumas vezes, entretanto, a irresponsabilidade do espírito se deve ao afrouxamento das rédeas por parte do cristão, permitindo ao espírito sair do seu curso. Mas elevemos observar pela Palavra que "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas" (1Co. 14:32) e "aí dos profetas insensatos, que seguem o seu próprio espírito" (Ez.13:3). Quão extremamente importante é para o cristão controlar seu espírito pelo exercício da sua vontade, afim de que ele não vá para os extremos mas seja mantido naquele estado de cooperação com Deus. O espirito do homem não pode ficar sem controle; por isso a "altivez de espírito" é comentada em Provérbios (16:18). O espírito do homem pode agir independentemente do Espírito de Deus, se o crente não exercitar domínio sobre ele e o fizer submisso a Ele. Semelhantemente devemos ser vigilantes para que nosso espírito não saia da órbita de Deus, perdendo sua comunhão tranquila com Ele e se tornando incapacitado de trabalhar com Deus.

Ocasionalmente a irresponsabilidade do espírito acontece devido à sua dureza. Deus exige um espírito manso e terno para expressar Sua mente. Se ele se tornar duro e insubmisso, as operações do Seu Espírito serão impedidas. Somente um espírito submisso pode cumprir o pensamento do Espírito divino: "e todo aquele cujo espírito o estimulava..." (Ex.35:21). O cristão deve ser capaz de se submeter a Ele logo ao primeiro sinal. Seu espírito deve ser muitíssimo sensível a fim de poder detectar a voz suave e mansa de Deus e a respondê-la imediatamente. Se ele estiver endurecido, o filho de Deus não terá poder para seguir Sua vontade mas também será incapaz de ouvir a voz do Espírito Santo em seu espírito. Daí ser necessário manter o espírito num estado terno e flexível para que seja possível seguir sempre a delicada palpitação ali. Foi isto que o Apóstolo quis dizer quando se expressou dizendo: "não apagueis o Espírito" (1 Ts.5:19). O cristão deve atentar cuidadosamente para cada palavra, movimento e sentimento em seu homem interior. Fazendo assim, sua consciência espiritual será aguçada e Deus poderá fazê-lo conhecer Sua vontade.

Se alguém deseja andar por seu espírito, deve reconhecer quando ele é irresponsável e incapaz de cooperar com o Espírito Santo e também determinar a razão; deve guardar seu espírito cuidadosamente a fim de protegê-lo contra todas as perturbações, tanto do inimigo quanto da sua própria vida egocêntrica, e assegurar uma comunhão pacífica Dele com Deus.

(8) AS CONDIÇÕES DO ESPÍRITO

Façamos um resumo. O crente deve conhecer cada lei do espírito, caso deseje viver por ele. Se ele não for vigilante e perder a cooperação do seu espírito com Deus, então inquestionavelmente ele caiu. Discernir a condição particular do seu homem interior é uma das leis mais básicas com relação ao espírito. Tudo o que discutimos neste capítulo está incluído nesta lei.

O filho de Deus deve saber o que é e o que não é a condição normal para seu espirito. Visto que o espírito deve ter autoridade sobre o corpo e alma do homem, ocupando aposição mais elevada Nele e possuindo o maior poder, o cristão precisa saber se esta é ou não a situação Nele. Deve saber também se seu espírito perdeu sua normalidade através da guerra ou das circunstâncias. As condições do espírito podem ser geralmente classificadas em quatro tipos:

(a) O espírito está oprimido e portanto em declínio.

(b) O espírito está sob coação e portanto é forçado a agir desordenadamente.

(c) O espírito está maculado (2Co.7:1) por ter cedido terreno ao i pecado.

(d) O espírito está tranquilo e firme e ocupa posição correta.

O cristão deve conhecer peio menos estas quatro diferentes condições e entender também como tratar com cada uma se for necessário. Frequentemente o espírito de alguém é "empurrado para o lado", atrayés do seu próprio descuido, com respeito ao ataque do inimigo. Durante este tempo ele parece ter perdido sua posição celestial com seu brilho e vitória e posteriormente se sente, frio e seco. Por causa da tristeza em seu espírito ou a qualquer das muitas outras razões, seu homem interior é prostrado e privado da alegria de pairar por cima. Quando o espírito está oprimido deste, modo, ele cai para um nível abaixo do seu normal.

Em outras ocasiões ele pode ser coagido a funcionar descontroladamente. É possível alguém ser estimulado por sua alma de tal modo que seu espírito fica sob coação e é privado, desse modo, da sua tranquilidade. Por causa dessa busca de atividades humanas, ele pode desenvolver um "espírito indisciplinado." Muito riso e também outras ações podem produzir um espírito incontrolável. A guerra prolongada com o inimigo pode provocar uma superatividade do espírito. O santo pode descobrir seu espírito tão esticado a ponto de não ter mais poder de parar. O inimigo pode também injetar alegria estranha ou outros sentimentos Nele visando atrair seu homem interior a agir, além do conselho correto e aceitável da sua mente ou vontade. Sempre que alguém ó incompetente para guardar seu espírito, inevitavelmente está exposto à derrota.

Em outras ocasiões o espírito nem afunda nem se eleva demais, mas está simplesmente maculado. A impureza pode ser por causa da sua dureza ou insubmissão, ou devido a pecados como orgulho, ciúme e outros; pode ser a mistura do espírito com funções da

alma* tais como afeição natural, sentimento, pensamento e assim por diante. O espírito precisa ser purificado de toda contaminação (2Co. 7:1; 1 Jo. 1:9).

Se o cristão deseja andar segundo o espírito, ele precisa discernir exatamente qual é a condição do seu espírito: se está ocupando seu lugar tranquilamente, se caiu demais, se está muito elevado ou se está apenas maculado. Deve aprender, se for necessário, como elevar seu espírito oprimido a fim de que ele se nivele ao padrão do Espírito Santo; deve aprender a exercitar sua vontade para evitar que seu espírito se torne por demais ativo ou para restaurá-lo à sua normalidade, caso isto aconteça, e como purificar seu espírito maculado a fim de poder operar junto com Deus novamente.

3. O PRINCÍPIO DA MENTE AUXILIANDO O ESPÍRITO

Se o cristão quiser andar segundo o espirito, ele deve entender cada uma de suas leis. Sem este fundo de conhecimento ele não será capaz de compreender todos os significados dos diferentes sentidos espirituais e será naturalmente incapaz de fazer qualquer coisa exigida Dele. As exigências do espírito são todas expressas por meio dos movimentos do espírito. Despreza-los é ignorar as exigências espirituais. É isto que estabelece a prioridade de se conhecer as leis do espírito na vida espiritual de uma pessoa.

Mas existe algo mais, de não menos importância, para qualquer que queira andar segundo o espírito: o princípio da mente auxiliando ou assistindo o espírito. Este princípio deve ser aplicado constantemente. Muitas derrotas na vida espiritual podem ser remontadas à ignorância disso, embora as leis do espírito sejam realmente conhecidas. E porque? Porque estas leis só podem nos dar explicação para o significado do mover do espírito e nos conceder formas de satisfazer suas exigências particulares.

Sempre que o espírito sente algo, somos capacitados pelo conhecimento destas leis, a satisfazer a exigência manifestada; se a condição é normal, andamos segundo a exigência; se é anormal, podemos corrigi-la. Mas aqui surge um problema: nem sempre desfrutamos destes movimentos espirituais. O espírito pode simplesmente não falar. Muitos têm experimentado um silêncio total por muitos dias. É como se ele estivesse dormindo. Isto quer dizer que durante aqueles dias, quando o espírito está inativo, não devemos fazer nada? Devemos ficar quietos durante alguns dias sem orar, sem ler a Bíblia e sem realizar qualquer obra? Nosso senso comum espiritual responde vigorosamente: não! De modo algum devemos desperdiçar o tempo. Mas se fizermos algo durante aquele período não será o mesmo que trabalhar no poder da carne e não segundo o espírito?

Bem, este é o exato momento quando devemos aplicar o princípio da mente apoiando o espírito. Mas como? Quando o espírito está dormindo, nossa mente deve entrar e fazer o trabalho do espírito. Dentro de pouco tempo veremos o próprio espírito unindo-se ao trabalho. A mente e o espírito estão intimamente ligados e devem se ajudar mutuamente. Muitas vezes o espírito sente alguma coisa que a mente deve entender e então a ação é, realizada; em outras ocasiões o espírito está indiferente e precisa ser despertado pela atividade da mente do crente. Se o espírito está inativo, a mente pode levá-lo a se mover. Mas logo que ele se mover, o crente deve segui-lo. Tai estímulo do espírito pela mente é o que chamamos aqui de princípio ou lei da mente auxiliando o espírito. Existe um princípio na vida espiritual que sustenta que no início devemos exercitar nosso sentido espiritual para compreender o conhecimento dado por Deus, mas que depois devemos conservar e usar este conhecimento através da mente. Por exemplo: você observa uma grande necessidade em algum lugar. Segundo o conhecimento recebido de Deus, você reconhece que deve orar e lhe pedir o

suprimento. Mas ao ver a necessidade seu espírito não sente qualquer disposição para orar. O que você deve fazer? Você deve orar com sua mente ao invés de esperar que seu espírito se mova. Cada necessidade é uma chamada à oração. Embora você ore no início a despeito do silêncio em seu espírito, à medida em que continua a orar logo você terá consciência de algo se levantando no seu interior. Isto significa que seu espírito finalmente se uniu a esta tarefa de oração.

Ocasionalmente nosso homem interior fica tão oprimido por Satanás ou tão perturbado pela vida natural que dificilmente podemos discerni-lo. Ele afundou tanto que nos parece ter perdido sua consciência. Continuamos sentindo a presença da nossa alma e corpo, mas o espírito parece estar ausente. Se esperarmos que ele se desperte para então orarmos, é provável que nunca venhamos a fazer isto e que tampouco ele recupere sua liberdade. O que devemos fazer é orar com aquilo que a mente se lembra de ser a verdade que uma vez recebeu e com esta oração resistir ao poder das trevas. Se não sentimos o espírito, devemos orar com nossa mente. Tal atividade mental eventualmente provocará nosso espírito a se mover.

"Orar com a mente" (1Co.14:15) pode ativar o espírito. Embora no início pareça que estamos orando com palavras vazias, despojadas de qualquer significado, à medida em que oramos com nossa mente e resistimos com oração, logo nosso espírito se elevará. Como resultado disso o espírito e a mente trabalharão juntos. Tão logo o espírito entra, a oração se torna significativa e bastante livre. A cooperação entre estes dois elementos descreve o estado normal da vida espiritual.

BATALHA ESPIRITUAL

Se o crente na batalha espiritual negligenciar a lei do espírito e mente trabalhando juntos, ele ficará esperando continuamente pelo encargo de Deus ao invés de guerrear constantemente contra o inimigo. Por não ter no momento consciência de guerra, o crente conclui que deve esperar até que tenha o sentimento e que somente então ele poderá orar contra o inimigo. Ele não percebe que se começar a orar com sua mente, seu espírito imediatamente sentirá a guerra. Sabemos quão perverso é o espírito maligno e como ele molesta os filhos do Senhor e também os filhos do homem; reconhecemos também que devemos orar contra ele a fim de mandá-lo o mais rápido possível para o abismo. Em vista disso, como ousamos esperar para orar até que nosso espírito reconheça a urgência? Embora ainda nos falte a consciência da batalha, devemos orar de qualquer forma. Comece a orar com a mente: amaldiçoe o espírito maligno com as palavras que já aprendeu e logo seu espírito será ativado e acrescentará seu poder por detrás daquelas palavras de maldição. Ilustremos: Suponhamos que o Espírito Santo bem de manhã unja você poderosamente, a fim de que você amaldiçoe o inimigo com seu espírito, mas ao meio-dia você parece ter perdido este espírito. O que você deve fazer? Você deve fazer por sua mente o que seu espírito fez pela manhã. O princípio espiritual é este: tudo o que foi obtido no espírito deve ser preservado e empregado pela mente.

ARREBATAMENTO

Esta lei da assistência da mente pode ser aplicada do mesmo modo à questão da fé, com respeito ao "arrebatamento." No início você desfruta do "espírito de arrebatamento," mas depois você sente como se ele tivesse secado no tocante à consciência da proximidade da volta do Senhor e a realidade do seu arrebatamento. Nesta hora você deve se lembrar da lei da mente auxiliando o espírito. Você deve orar com a mente mesmo que seu sentido espiritual esteja vazio. Se você espera simplesmente para ter seu espírito recarregado com o sentimento do arrebatamento, você nunca o possuirá novamente. Mas exercitando sua mente a pensar e orar, logo você será cheio com a consciência espiritual antes possuída.

PREGAÇÃO

Para a pregação da verdade este princípio é vital. Aquelas verdades aprendidas no passado estão agora estocadas em nossa mente. Comunicar aos outros o que está em nossa mente, simplesmente através da nossa mente, não pode produzir qualquer resultado. Sem dúvida no início conhecemos estas verdades em nosso espírito, mas atualmente o espírito parece ter recuado e tudo o que ficou são lembranças. Como pode então nosso espírito ser suprido com estas verdades, a fim de podermos comunicá-las pelo espírito, aos outros? Pelo exercício da nossa mente. Devemos meditar de novo nestas verdades diante de Deus e orar sobre elas uma e outra vez; isto é, devemos tomar estas verdades como centros e orar ao redor delas. Em pouco tempo descobriremos nosso espírito sendo permeado novamente por estas verdades que haviam estado lá antes. Elas, no início são possuídas no espírito, mais tarde estocadas na mente do crente e agora entram de novo no espírito ao orarmos com a mente. Assim somos qualificados a pregar as verdades que antes havíamos conhecido em nosso espírito.

INTERCESSÃO

Todos nós reconhecemos a importância da intercessão. Entretanto sempre que temos tempo para gastar com a intercessão, nosso espírito está inativo e falha em nos suprir com assuntos para oração intercessória isto não significa que não devemos orar naquela ocasião ou que podemos utilizar o tempo para outros assuntos. Pelo contrário, isto serve como indicação para intercedermos em oração com a mente, na esperança e expectativa de, que o espírito será ativado para participar. Você deve semelhantemente exercitar sua mente para lembrar, dos seus amigos, parentes e obreiros, para determinar se eles estão em necessidade. À medida em que você se lembra de cada um Deles, você, por sua vez, intercederá por eles. Se ao interceder por eles seu espírito permanece frio e seco, então você saberá que não deve orar por eles. Mas suponhamos que naquela mesma ocasião você se lembre de uma falha especial na sua igreja local, ou de uma porção de tentações que a igreja está enfrentando, ou mesmo de impedimentos na obra do Senhor numa região particular e verdades claras que os filhos de Deus devem conhecer hoje. Neste tempo você deve orar intercedendo por cada uma delas, à medida em que chamarem sua atenção. Se depois de orar por algum

tempo sobre estes assuntos seu espírito ainda falhar em responder enquanto ainda estiver orando com sua mente, então você reconhecerá novamente que estas não são as coisas que o Senhor deseja que você coloque em oração hoje. Mas, suponhamos que enquanto toca em certas questões em sua oração, você sinta como se o Espírito Santo estivesse ungindo você e seu espírito parece responder: é neste momento singular que você reconhece que finalmente você está intercedendo por aquilo que está no coração do Senhor. Por isso, o princípio exige o exercício da mente para ajudar o espírito a localizar sua direção.

Frequentemente um pequeno exercício da mente provoca a resposta do espírito, mas em outras, devido à nossa mentalidade estreita ou estupidez mental, podemos ser forçados a consumir tempo considerável antes que o espírito passe a cooperar. Por exemplo: Deus gostaria de alargar o campo de ação da nossa oração para incluir as nações, a fim de derrotar todas as obras de Satanás por detrás do cenário. Ou Ele pode querer que intercedamos por todos os pecadores do mundo inteiro ou então por toda a igreja. Sua mente, todavia, é fixada no imediato. Algum tempo será exigido antes que nossa mente esteja preparada para considerar estes assuntos abrangentes e começar a orar a oração do Espírito Santo. Entretanto, tão logo nosso espírito se una, podemos e devemos nos descarregar de todos os encargos que ele tenha com respeito a este assunto particular. Devemos orar cuidadosamente e completamente sobre cada aspecto deste assunto, até que nosso espírito seja aliviado do seu encargo. Só então podemos nos voltar para interceder por outros assuntos.

Este é realmente um princípio importante em nossa vida espiritual. Sempre que Deus nos dá novas orações, elas geralmente são recebidas em nosso espírito, mas depois não podemos esperar que Deus encha de novo nosso espírito com estas orações. Ao invés disso, devemos exercitar nossa mente para orar continuamente sobre elas, até que nosso espírito recupere mais uma vez seus encargos.

CONHECENDO A VONTADE DE DEUS

A direção de Deus não vem a nós sempre diretamente; algumas vezes ela é indireta. Quando ela é direta, o Espírito de Deus Se move em nosso espírito e assim nos capacita a conhecer Sua vontade. Se nossa mente estiver atenta ao mover do espírito, entenderemos facilmente a vontade de Deus. Mas nas várias ocupações da vida, Deus precisamente não nos fala muitas coisas diretamente. Pode haver necessidades que nós como homens tenhamos consciência delas. O que devemos fazer com respeito a estas necessidades conscientes? Podemos ser convidados a trabalhar em algum lugar ou alguma coisa pode acontecer de repente. Assuntos tais como estes não são obviamente patrocinados diretamente pelo nosso espírito, pois chegam a nós vindos de outras pessoas. Nossa mente vê a urgência da solução destes problemas, todavia nosso espírito não responde. Como podemos experimentar a direção de Deus em tal situação? Bem, quando enfrentamos algo assim, devemos pedir a Deus com nossa mente, para nos conduzir no espírito. Agindo assim estamos experimentando a direção indireta de Deus. Este é o momento em que a mente deve assistir o espírito. Quando alguém nota que seu espírito está inativo, ele deve exercitar sua mente. Se o espírito

estiver transpirando o pensamento da mente incessantemente, ela não tem que assisti-lo. Somente quando o espírito permanece silencioso é que a mente deve preencher o espaço por ele.

Em tais circunstâncias o crente deve exercitar sua mente meditando nesta questão não resolvida diante de Deus. Embora tal oração e meditação tenham srcem em sua mente, antes de pouco tempo seu espírito cooperará com elas. Seu espírito que antes não era sentido, ele agora começa a sentir e logo o Espírito Santo será visto conduzindo-o em seu espírito. Não devemos nunca nos retrair caso haja ausência de movimento inicial no espírito. Devemos antes usara mente para "escavar" nosso espírito e ativá-lo a nos ajudar a saber se isto é ou não de Deus.

O PRINCÍPIO QUE GOVERNA A ATIVIDADE DO ESPÍRITO

Em nossa experiência espiritual, a operação da mente é indispensável. Diferente da maré do oceano, o espírito não se enche pelo vai-e-vem espontâneo. Para que ele seja cheio devemos preencher as condições para o seu enchimento. É aqui que a mente assume sua responsabilidade: colocar em movimento aquilo que o espírito em pouco tempo levará avante por si mesmo. Se esperarmos continuamente pela participação do espírito, ficaremos desapontados. Por outro lado não devemos considerar a obra da mente de modo excessivo. Nessa ocasião devemos saber que, a menos que nossa ação venha do espírito, ela não tem nenhum propósito útil. Não devemos andar segundo a mente. Por que então, utilizamos a mente? Nós a exercitamos não por causa dela mesma, mas visando provocar o espírito a trabalhar. Por isso continuamos a considerar o espírito como o mais importante. Agora, se depois de nossa mente estar trabalhando por algum tempo o espírito ainda falhar em responder, como se não houvesse unção, devemos deixar de exercitá-la. Se detectarmos na batalha espiritual um vazio prolongado bem no nosso interior e sem qualquer sentimento em nosso espírito, aí devemos parar com a obra da mente.

Todavia, não devemos fazê-la parar em sua obra por causa da indisponibilidade da carne. Ocasionalmente nos sentimos cansados e ainda sabemos que devemos prosseguir. Em outras ocasiões sabemos que devemos parar. Não existem leis fixas nas questões espirituais.

O auxílio que a mente dá ao espírito pode ser comparado a uma bomba d'água manual. Em algumas delas é preciso colocar um copo d'água, apenas para suprir a sucção para a máquina enquanto bombeia. A relação da nossa mente com o espírito é semelhante, à do copo d'água e a bomba. Se você não usar este copo d'água como um arranque, você não poderá tirar água da cisterna. Do mesmo modo nosso espírito não se levantará a menos que exercitemos a mente primeiro. Não começar a orar com a mente por causa do espírito, é como o homem que não põe o copo d'água primeiro e depois de bombear duas vezes conclui que não existe água na cisterna.

Quão variadas são as obras do espírito. Às vezes é como um leão cheio de força; em outras é como um bebê não possuindo vontade própria. Quando ele está fraco e

desvalido, a mente deve atuar como sua ama. A mente nunca é um substituto para o espírito; ela simplesmente ajuda-nos a ativá-lo. Se o espírito deixar de sustentar sua posição de governo, o crente deve usar o poder da sua mente em oração para provocar a reafirmação do espírito. Caso o espírito tenha afundado através de opressão, ele deve utilizar sua mente para examinar a situação e para orar seriamente, até que ele se levante de novo para retomar sua liberdade. A mente espiritual pode manter o espírito numa posição estável. Ela pode impedir que o espírito se torne demasiadamente ativo e também levantá-lo do seu estado caído.

Vamos desenvolver isto um pouco mais. Como foi dito, o espírito pode ser cheio de novo somente com a ministração da mente espiritual. O princípio é que todos os assuntos anteriormente sob os cuidados do espírito, devem agora ser feitos pela mente. Se o Espírito Santo concede unção mais tarde, Ele está certificando que esta coisa em particular está sendo feita no espírito por você. No início não havia nenhum sentimento espiritual sobre isto, porém o sentimento atual no homem interior assegura que foi exatamente isto que ele queria no início. O espírito era incapaz de realizá-lo por estar fraco demais; agora, entretanto, através do auxílio da mente, ele pode expressar o que não podia no início. Podemos obter qualquer coisa que precisamos no espírito, se meditamos e oramos com a mente. Isto nos levará a ser cheios novamente em nosso espírito.

Outro ponto precisa ser observado. No conflito espiritual, espírito luta contra espírito. Mas os poderes do homem no seu todo, devem se unir ao seu espírito na batalha contra o inimigo. Destes poderes a mente é a mais importante. O espírito e a mente unem suas forças na batalha. Se o espírito ficar oprimido e começar a perder seu poder para resistir, a mente prosseguirá na luta em seu favor. À medida em que a mente luta e resiste em oração, o espírito desse modo é cheio de novo e se eleva novamente para a necessidade.

A CONDIÇÃO DA MENTE

Embora seja inferior ao espírito, a mente, não obstante, pode ajudá-lo. Além de fortalecer o espírito fraco, ela deve ser capaz de ler e examinar o pensamento do espírito também. Quão necessário é, portanto, que a mente seja mantida em seu estado normal. Assim como os movimentos do espírito têm suas leis, do mesmo modo a atividade da mente é governada por suas leis particulares. A mente delicada e ativa é a que pode trabalhar livremente. Se for esticada demais, à semelhança de um arco, ela sacrificará sua eficácia para trabalhar. O inimigo sabe muito bem como precisamos da nossa mente para assistir ao espírito, afim de que andemos pelo espírito. Por isso ele frequentemente nos induz a usá-la demasiadamente, tornando-se sem condições de funcionar normalmente, por não ter poder para reforçar o espírito nos momentos de fraqueza.

Nossa mente é muito mais do que um órgão de assistência ao espírito; ela é também o lugar onde obtemos luz. O Espírito de Deus dispensa luz à mente através do espírito. Se a mente estiver muito forçada ela abandona a capacidade de receber Sua luz. O

inimigo entende que se nossa mente estiver em trevas, todo o nosso ser entra em trevas; consequentemente ele utiliza todo o seu esforço para nos incitar a pensar tanto, a ponto de não sermos capazes de trabalhar tranquilamente. Para andar segundo o espírito, o crente precisa reprimir sua mente, para que ela não funcione sem parar.

Se ela se dedica demasiadamente sobre um assunto, se aflige ou preocupa muito com coisas ou medita intensamente para saber a vontade de Deus, ela pode se tornar insuportável e dificultar seu funcionamento normal. A mente precisa ser mantida num estado seguro e estável.

Visto que a mente ocupa uma posição tão notável, o cristão, ao trabalhar junto com outros deve ter cuidado para não violar o pensamento do seu irmão. Tal ação produz sofrimento na mente do outro. Quando seus pensamentos estão sendo guiados e conduzidos pelo Espírito, o crente fica excessivamente temeroso de interferência. Qualquer ação desse tipo dará fim ao seu pensamento, levando sua mente a se esticar além da sua própria medida, tornando-a sem condições de cooperar com o Espírito Santo. Por isso, devemos manter nossa mente livre; e não apenas isso, mas devemos respeitar também a mente do nosso irmão. Precisamos descobrir primeiro a corrente do pensamento do nosso irmão antes de poder respondê-lo; de outro modo, levaremos nosso irmão a sofrer grandemente.

4. A NORMALIDADE DO ESPÍRITO

Um espírito errado é frequentemente responsável por grande parte da nossa conduta incorreta. Se alguém deseja andar de modo espiritual, ele deve manter-se continuamente numa condição correta. Assim como a mente pode se tornar livre e arrogante, ou então recuada e envergonhada, o mesmo pode acontecer com seu espírito. Se ele não for mantido no Espírito Santo, então será vencido e sua conduta exterior sofrerá derrota do mesmo jeito. Devemos entender que as inúmeras falhas exteriores têm sua srcem na falha do espírito interior. Se nosso homem interior fosse forte e poderoso ele poderia controlar a alma e o corpo e, sob quaisquer circunstâncias, limitar a libertinagem Deles; mas se ele for fraco, a alma e o corpo o oprimirão e o levarão a cair.

Deus está interessado em nosso espírito. É Nele que a nova vida habita, que Seu Espírito trabalha, que temos comunhão com Ele, que sabemos Sua vontade, que recebemos a revelação do Espírito Santo, que somos treinados, que amadurecemos, que resistimos os ataques do inimigo, que recebemos autoridade para vencer o diabo e seu exército e obtemos o poder para servir. É pela vida de ressurreição no espírito que nosso corpo eventualmente será transformado num corpo de ressurreição. Tal a condição do nosso espírito, tal a condição da nossa vida espiritual. Quão essencial é para nós preservar nosso espírito em seu estado normal. O interesse principal do Senhor no cristão não está no seu homem exterior, a alma, mas no homem interior, o espírito. Nosso homem exterior pode ser altamente desenvolvido, mas se este nosso componente interior for anormal, todo o nosso caminhar será torto.

A Bíblia não fica em silêncio com respeito à normalidade do espírito do crente. Muitos que são amadurecidos têm experimentado o que a Bíblia aconselha; eles reconhecem que para reter sua posição triunfante e cooperar com Deus, precisam manter seu espírito nas condições adequadas apresentadas na Palavra. Veremos rapidamente como ele deve ser controlado pela vontade renovada do crente. Este é um princípio de grande importância, pois por meio da vontade o espírito pode ser colocado no lugar certo.

1. ESPÍRITO CONTRITO

"Perto está o Senhor dos que têm o coração quebrantado, e salva os contritos de espírito" (Sl.34:18).

"Pelo que assim diz o Alto e o Excelso, que habita na eternidade e cujo nome é Santo: Num alto e santo lugar habito e também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes e para vivificar o coração dos contritos" (Is. 57:15).

O povo de Deus erra frequentemente ao pensar que só precisamos de um espírito contrito quando alguém se arrepende e crê no Senhor, ou sempre que caírem em pecado depois disso.

Devemos saber, entretanto, que Deus quer que guardemos nosso espírito num estado de contrição constantemente. Embora não pequemos diariamente, ainda assim Ele exige de nós um espírito humilde em todo o tempo, porque nossa carne ainda existe e pode ser despertada a qualquer momento. Tal contrição não nos deixa perder a vigilância. Não devemos pecar nunca; todavia devemos sempre nos entristecer pelo pecado. A presença de Deus é sentida num tal espírito.

Deus não tem prazer em nosso arrependimento uma e outra vez, como se isto fosse suficiente; Ele deseja antes que vivamos em constante contrição. Somente um espírito deste tipo pode nos capacitar a detectar e lamentar imediatamente por toda a desarmonia presente em nossa conduta e ações. Ele nos ajuda também a reconhecer nossas falhas quando tomamos conhecimento delas.

Este espírito penitente ó muito necessário, pois, a despeito do fato de alguém ser um espírito com o Senhor por estar unido com Ele, a infalibilidade não é constante. O espírito pode errar (Is. 29:24); mesmo que ele não esteja errado, a mente pode estar tão confusa a ponto de paralisá-lo, deixando de executar o pensamento do espírito. A vida interior contrita ajuda na confissão instantânea e a não esconder aqueles pequenos pontos que outros notaram como não sendo do agrado do Senhor. Deus salva os que possuem um espírito contrito; os outros ele não pode salvar pois a contrição é necessária para se conhecer sua mente. Os que cobrem suas faltas e se desculpam, não têm um espírito penitente; por isso Deus não pode salvá-los completamente. Como precisamos de um espírito sensível à correção tanto do Espírito quanto do homem; um espírito disposto a admitir ter vivido abaixo da média. E então experimentaremos diariamente a salvação do Senhor.

2. ESPÍRITO QUEBRANTADO

"O sacrifício aceitável a Deus é o espírito quebrantado" (Sl. 51:17)

O espírito quebrantado é aquele que treme diante de Deus. Alguns cristãos não sentem qualquer inquietação no seu homem interior depois que pecam. Um espírito saudável ficará quebrado diante de Deus, como ficou o de Davi, depois de ter pecado. Não são difíceis de serem restaurados a Deus aqueles que têm um espírito quebrantado.

3. ESPÍRITO AFLITO

"Mas eis para quem olharei; para o aflito e contrito de espírito, que treme da minha Palavra" (Is. 66:2).

O espírito no qual Deus Se alegra é o espírito aflito, porque ele O reverencia e treme da Sua Palavra. Nosso espírito deve ser mantido num contínuo e reverente temor do Senhor. Toda autoconfiança e presunção devem ser destruídas; a Palavra de Deus deve ser aceita como único guia. O crente deve possuir dentro de si um santo temor: não deve ter qualquer confiança em si mesmo.

Ele deve ser como alguém cujo espírito está tão ferido que não ousa levantar sua cabeça, mas segue humildemente a ordem de Deus. Um espírito inflexível e arrogante

é sempre um empecilho no caminho da obediência. Mas quando a cruz está operando profundamente, o crente chega ao conhecimento de si próprio. Ele reconhece quão indignas de confiança são as suas ideias, seus sentimentos e desejos. Por isso não ousa confiar em si mesmo mas treme em todas as questões, reconhecendo que, amenos que seja sustentado pelo poder de Deus, infalivelmente ele cairá.

Nunca devemos ser independentes de Deus. No momento em que nosso espírito cessa de tremer diante Dele, naquele instante ele declara sua independência Dele. Se não percebermos nosso desamparo, nunca confiaremos em Deus. Um espírito que treme diante Dele, traz proteção de um lado e nos ajuda a compreendê-lo de outro.

4. ESPÍRITO HUMILDE

"Melhor é ser humilde de espírito com os mansos, do que repartir o despojo com os soberbos" (Pv. 16:19). "O humilde de espírito obterá honra" (Pv. 29:23). "E também com o contrito e humilde de espírito, para vivificar o espírito dos humildes" (Is. 57:15).

Humildade não é olhar com desprezo para si mesmo; pelo contrário, é não olhar de modo nenhum para si mesmo. Tão logo o espírito do crente se torna arrogante ele está sujeito a cair. A humildade não é apenas em direção a Deus mas em direção ao homem também. Um espírito humilde é manifestado quando alguém se associa com o pobre. Somente este espírito não despreza qualquer um que é criado por Deus. A presença e glória de Deus são manifestadas na vida do espiritualmente humilde.

Uma pessoa humilde é capaz de aprender, facilmente solicitada, e aberta à explicação. O espírito de muitos é por demais arrogante: eles podem ensinar aos outros mas nunca podem aprender. Muitos possuem um espírito obstinado: se agarram às suas opiniões mesmo reconhecendo que estão errados. Muitos são duros de espírito para ouvir uma explicação de um mal entendido. Somente os humildes têm capacidade para suportar e tolerar. Deus precisa de um homem humilde para expressar Sua virtude. Como um homem orgulhoso pode ouvir a voz do Espírito Santo e cooperar então com Deus? Sinal algum de orgulho deve ser encontrado em nosso espírito: a norma deve ser ternura, delicadeza, flexibilidade. Um pouquinho de aspereza no homem interior pode impedir a comunhão com o Senhor, porque isto é certamente bastante diferente Dele. Para se andar com o Senhor o espírito deve ser humilde, esperando sempre Nele e não Lhe oferecendo qualquer resistência.

5. ESPÍRITO POBRE

" Bem-aventurados são os pobres de espírito" (Mt.5:3).

O pobre de espírito se considera não possuindo nada. O perigo do crente jaz na sua posse de muitas coisas em seu espírito.

Somente o pobre em espírito pode ser humilde. Quão frequentemente a experiência, crescimento e progresso de um cristão chegam a ser coisas tão preciosas, que ele perde sua humildade.

O mais traiçoeiro de todos os perigos para um santo, é meditar naquilo que ele alcança e prestar atenção naquilo que ele tem experimentado. Às vezes ele se envolve nisso inconscientemente.

Qual então, é o significado de ser pobre? A pobreza quer dizer não ter nada. Se alguém medita interminavelmente na profunda experiência que tem passado, logo ele será rebaixado (to a commodity of his spirit and hence become a snare)

Um espírito vazio capacita a pessoa a se perder em Deus, enquanto que um espírito rico torna-a egocêntrica. A salvação plena liberta a pessoa de si mesma e a coloca em Deus. Se o cristão retiver algo para si, seu espírito se voltará para dentro imediatamente e se tornará incapaz de sair e ser absorvido em Deus.

6. ESPÍRITO DE MANSIDÃO

"Com espírito de mansidão" (Gl.6:1).

A mansidão é uma característica muito necessária do homem interior. Ela é o oposto da aspereza. Deus exige de nós que cultivemos um espírito de mansidão. Qualquer que tenha um espírito de mansidão mesmo que esteja realizando um trabalho muitíssimo próspero, pode receber instantaneamente uma ordem de Deus para parar, como aconteceu com Filipe ao ser enviado de Samaria para o deserto. Um espírito manso nas mãos de Deus, se volta para onde Ele quer. Ele não sabe como resistir a Deus, nem como seguir sua própria vontade. Deus precisa de um espírito submisso assim para

realizar Seu propósito.
Um espírito manso não é menos importante nos relacionamentos humanos. É o espírito de um cordeiro que caracteriza o espírito da cruz. "Sendo injuriado, não injuriava, e quando padecia não ameaçava" (1 Pd. 2:23). Esta é uma descrição de um espírito manso. Tal mansidão está disposta a sofrer a perda; embora tenha o poder para desforrar e a proteção da lei, ele, não obstante, não deseja vingar-se com o braço da carne. É o espírito que, no sofrimento, não fere a ninguém. Aquele que pode ostentar um espírito tal como este, vive de modo justo mas nunca exige justiça dos outros. Ele está cheio de amor e misericórdia; por conseguinte pode derreter o coração dos que estão ao seu redor.

7. ESPÍRITO FERVOROSO

"Não sejais vagarosos no cuidado; sede fervorosos no espírito, servindo ao Senhor"

(Rm. 12:11).
Quando a carne está emocionalmente agitada, ela pode, por algum tempo ser fervorosa mas este fervor não permanece. Mesmo quando a carne parece ser muito diligente, ela ainda pode ser bastante preguiçosa, porque ela só é diligente naquelas coisas com as quais concorda; por isso a carne é impelida pela emoção.

Ela não pode servir a Deus nas questões que não lhe agradam, nem quando a emoção está fria e baixa. É impossível para a carne trabalhar com o Senhor com nuvem ou com

sol, passo a passo, de modo lento, porém firme. "Fervorosos no espírito" é uma característica permanente; aquele que possui este espírito está qualificado para servir ao Senhor continuamente. Devemos evitar todo fervor da carne, mas o Espírito Santo deve ter permissão para encher nosso homem interior, a fim de mantê-lo sempre fervoroso. Assim espírito não ficará frio quando nossa emoção se tornar congelada, nem a obra do Senhor desmoronará chegando a um estado de aparente imobilidade.

O que o Apóstolo enfatiza aqui, equivale a uma ordem. Esta ordem deve ser aceita por nossa vontade renovada. Devemos exercitá-la a escolher ser fervorosa. Devemos dizer a nós mesmos: "Quero que meu espírito seja fervoroso e não frio." Não devemos ficar prostrados por nosso sentimento frio e indiferente; ao invés disso, devemos permitir que nosso espírito controle tudo, até mesmo onde nossa emoção esteja extremamente indiferente. O sinal de um espírito fervoroso é o serviço prestado continuamente ao Senhor.

8. ESPÍRITO SERENO

" O homem de entendimento é de espírito sereno" (Pv. 17:27).

Nosso espírito precisa ser fervoroso mas precisa ser sereno também. O fervor está relacionado com o "servir diligentemente ao Senhor", enquanto que a serenidade tem relação com o conhecimento.

Se nosso espírito carece de serenidade, nossas ações frequentemente são desordenadas.

O inimigo pretende nos tirar do caminho, a fim de que nosso espírito seja privado do seu contato com o Espírito Santo. Frequentemente observamos crentes que, na hora de um espírito exaltado, trocam sua vida de princípios por uma vida de sensações. O espírito está intimamente ligado com a mente. No momento em que o espírito perde sua serenidade, a mente é estimulada; quando a mente se torna aquecida, a conduta do crente torna-se anormal e fica fora do controle. Por isso, é sempre proveitoso manter o homem interior calmo e controlado. Desprezando o ardor da emoção, o aumento do desejo ou a confusão do pensamento e medindo cada problema com o espírito sereno, manteremos nossos pés no caminho do Senhor. Qualquer ação realizada quando nosso espírito está estimulado é provável que seja contra a vontade de Deus.

O conhecimento de Deus, do ego, de Satanás e de todas as coisas, trazem serenidade ao nosso espírito; ele produz um tipo de espírito que os crentes carnais** nunca experimentam. O Espírito Santo deve encher nosso homem interior enquanto que o nosso homem exterior deve ser totalmente entregue à morte; assim o espírito desfrutará de serenidade indescritível. Nem a alma nem o corpo, nem mesmo a mudança das circunstâncias tira a tranquilidade. É como o oceano: embora as ondas estejam furiosas na superfície, o fundo do mar permanece tranquilo e sem perturbação. Antes do crente experimentar a divisão da alma e do espírito, ele é logo agitado e movido pela menor perturbação. Isto é devido à falta de conhecimento espiritual. Por isso, o caminho para se manter o espírito sereno é mantendo o homem interior dividido do homem exterior. Aquele que possui um espírito imperturbável,

experimenta algo semelhante a ser "intocável". Seja qual for o estado caótico do lado de fora, ele não perde a serenidade e paz interiores. Se uma montanha cair diante de seus olhos, ele permanece tranquilo do mesmo jeito. Tal tranquilidade não é alcançada através do auto melhoramento, mas é obtida por meio da revelação do Espírito que descobre a realidade de todas as coisas e através do controle que o crente exerce sobre sua alma, afim de que ela não mais influencie seu espírito.

A chave, então, é o governo da vontade. Nosso espírito deve aceitar este governo. Fervor é o que nossa vontade deseja, mas o mesmo acontece com a serenidade. Não devemos permitir nunca que nosso espírito esteja numa tal condição, a ponto de se afastar além do controle da vontade. Nosso desejo deve ser possuir um espírito fervoroso para a obra do Senhor, e manter um espírito sereno na execução desta obra.

9. ESPÍRITO ALEGRE

"Meu espírito se alegra em Deus meu Salvador" (Luc. 1:47).

Para si mesmo o cristão deve ter um espírito quebrantado (Sl.51:17); para com Deus ele deve ser um espírito de constante regozijo Nele. Ele se regozija não por causa de si mesmo nem por causa de qualquer experiência, obra, bênção ou circunstância alegre, mas exclusivamente porque Deus está no centro. Na verdade, nenhum santo pode se regozijar genuinamente por qualquer outro motivo, a não serpeio próprio Deus.

Se nosso espírito está oprimido pela preocupação, peso ou tristeza, ele será primeiro irresponsável, depois afundará, perderá seu próprio lugar e finalmente se tornará sem poder para seguir a direção do Espírito Santo. Quando pressionado por pesado fardo, o espírito perde sua suavidade, liberdade esplendor. Rapidamente ele cai da sua posição ascendente, e, se o período de tristeza se prolongar, o prejuízo para a vida espiritual é incalculável. Nada pode salvar a situação a não ser um espírito de regozijo no Senhor; regozijo naquilo que Deus é e como Ele é nosso Salvador. A nota de aleluia nunca deve existir em pequena quantidade no espírito do crente.

10. ESPÍRITO DE PODER

"Porque Deus não nos deu um espírito de covardia, mas de poder, de amor e de moderação" (2Tm.1:7).

Timidez não é humildade. A humildade é um auto esquecimento total tanto da sua fraqueza quanto da sua força; a timidez se lembra de toda a fraqueza e por isso carece do auto esquecimento. Deus não se Deleita em nossa covardia e retraimento. Ele quer que nós, por um lado, tremamos diante Dele por causa da nossa futilidade e, por outro lado, que sejamos corajosos na Sua força. Ele exige que testemunhemos Dele sem temor e que soframos dor e vergonha por Ele corajosamente, que aceitemos a perda de tudo com destemor e que dependamos do amor, sabedoria, poder e fidelidade do Senhor com confiança. Sempre que nos descobrirmos recuando de testemunhar pelo Senhor, ou nos retirando em outras situações onde a ousadia é necessária, devemos reconhecer

que nosso espírito abandonou seu estado normal. Devemos mantê-lo numa condição de "intrepidez."

Precisamos ter um espírito de poder, de amor e de domínio próprio. Ele deve ser forte, mas não ao ponto de se tornar sem amor. É obrigatório também que ele seja tranquilo e controlado a fim de não ser facilmente estimulado. Devemos ter um espírito de poder para com o inimigo, um espírito de amor para com os homens e um espírito de domínio próprio para conosco mesmos.

11. ESPÍRITO TRANQUILO

"Mas seja o do íntimo do coração, no incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é precioso diante de Deus" (1 Pd. 3:4).

Embora tais palavras sejam dirigidas às irmãs, elas, não obstante, têm aplicação espiritual aos irmãos também.

"Procureis viver quietos" (1 Tess. 4:11). Este é o dever de todo cristão. Os cristãos modernos falam demais. Às vezes suas palavras não pronunciadas ultrapassam em número as que são faladas. Pensamentos confusos e conversas sem fim colocam nosso espírito no caminho da divagação, fora do controle da nossa vontade. Um "espírito desenfreado" sempre leva as pessoas a andarem segundo a carne. Quão difícil é para os crentes se dominarem de pecar, quando seus espíritos se tornam ingovernáveis. Um espírito extraviado invariavelmente termina errado na conduta.

Antes que alguém possa manifestar uma boca silenciosa, ele precisa primeiro possuir um espírito tranquilo, pois da abundância do espírito disso fala a boca. Devemos manter cuidadosamente nosso espírito em paz; mesmo quando o tempo for de intensa confusão, nosso homem interior deve ser capaz de conservar uma quietude independente. Um espírito sossegado é essencial para qualquer um que queira andar segundo o espírito: sem ele, a queda no pecado será inevitável. Se nosso espírito está em silêncio, podemos ouvir a voz do Espírito Santo Nele, obedecer a vontade de Deus e entender o que não podemos compreender-quando estamos confusos. Tai vida interior sossegada constitui o adorno do cristão que indica algo manifestado exteriormente.

12. NOVIDADE DE ESPÍRITO

"Para servirmos em novidade de espírito" (Rm. 7:6)

Este é também um aspecto sério da vida e da obra espiritual. Um espírito velho não pode inspirar as pessoas; o melhor que ele pode fazer é passar alguma ideia aos outros e, mesmo assim, é fraco e sem poder para estimular uma consideração séria. Um espírito velho só pode produzir pensamento velho. A vida dinâmica nunca pode fluir de um espírito velho. Qualquer coisa que brota de um espírito caduco tais como palavras, ensinamentos, maneiras, pensamentos, vida, são simplesmente velhos, gastos e tradicionais. Talvez muitas doutrinas alcancem de fato a mente de outros crentes, mas eles não se estabelecem em seus espíritos; como consequência é impossível tocar

no espírito dos outros por não haver espírito por trás do ensino de tal pessoa. É possível que alguém que abrigue um espírito velho já tenha experimentado algumas das verdades, mas agora se tornaram simples lembranças do passado. São simplesmente lembranças agradáveis. Estas verdades foram transferidas do espírito para a mente, ou talvez tenham sido apenas novas ideias recentemente concebidas em sua mente, e, devido à falta de confirmação em vida, não comuniquem o toque de um espírito novo ao auditório.

Uma e outra vez encontramos vários cristãos que habitualmente comunicam algo novo vindo do Senhor. Enquanto estamos com eles sentimos que saíram há pouco da presença do Senhor, como se fossem nos levar logo de volta para o Senhor. Este é o significado da "novidade"; qualquer outra coisa é velhice. Estes parecem desfrutar de força renovada o tempo todo, elevando-se como águias e correndo como os jovens. Ao invés de comunicar à mente do povo o maná seco, corrompido e cheio de bichos, eles dão peixe e pão frescos assados no fogo do espírito. Pensamentos profundos e maravilhosos nunca movem as pessoas tanto quanto um espírito novo.

Devemos manter um espírito novo continuamente. Como podemos encarar as pessoas se nosso homem interior não dá a impressão de ter estado recentemente com o Senhor e de ter recebido há pouco Sua bênção? Qualquer coisa, seja vida, pensamento ou experiência, que tenha sido reduzida à lembrança do passado, é velha e caduca. Momento a momento devemos receber tudo novo do Senhor. Imitar as experiências dos outros sem que nós mesmos tenhamos experimentado em nossa vida é proibido; mas copiar as lembranças da nossa experiência passada é igualmente ineficaz. Assim podemos compreender o significado do que Cristo declarou, conforme o registro de João: "Eu vivo por causado Pai" (6:57). Nosso homem interior permanecerá continuamente novo, se extrairmos a cada momento da vida do Pai para que seja nossa vida. Um espírito estafado não produz na obra, não inspira um andar segundo o espírito e não alcança vitória no conflito. Um espírito velho não pode encarar os outros porque não esteve diante da face de Deus. Para se desfrutar de um espírito sempre fresco e novo, o homem interior de alguém deve estar em constante contato com Deus.

13. ESPÍRITO SANTO

"Santos, tanto no corpo como no espírito" (1Co. 7:34). "Purifiquemo-nos de toda a imundícia da carne e do espírito" (2Co. 7:1).

Para se andar de modo espiritual é necessário que o espírito seja mantido santo todo o tempo. Um espírito profano conduz as pessoas ao erro. Pensamentos desordenados em relação aos homens ou coisas, a cobrança do mal dos outros, falta de amor, tagarelice, inveja, orgulho pessoal e outros, podem, todos eles, macular o espírito. Um espírito profano não pode ser fresco e novo.

Em nossa busca da vida espiritual não devemos ser indulgentes para com nenhum pecado, pois ele nos dá mais prejuízo do que qualquer outra coisa. Embora já tenhamos aprendido como ser livrados do pecado e andarem espírito, ainda assim devemos nos

guardar de uma volta inconsciente aos velhos modos pecaminosos. Tal volta faz com que um andar segundo o espírito se torne impossível. Por isso o filho de Deus deve manter uma atitude de morte para com o pecado, a fim de que ele não o vença e envenene seu espírito. Sem santidade ninguém pode ver o Senhor (Hb. 12:14).

14. ESPÍRITO FORTE

"E se robustecia em espírito" (Lc. 1:80).

Nosso espírito é capaz de crescer e deve crescer gradativamente em força.

Isto é indispensável para a vida espiritual. Quão frequentemente sentimos que nosso espírito não é o bastante forte para controlar nossa alma e corpo, principal mente no momento em que a alma é estimulada ou o corpo está fraco. Às vezes, ao ajudar os outros, notamos como eles estão pesados em seus espíritos, e, todavia, carecemos de poder no nosso para libertá-los. Ou então quando entramos em conflito com o inimigo, descobrimos que nossa força espiritual é inadequada para lutar o bastante contra ele, até que seja vencido. São incontáveis as ocasiões em que sentimos o espírito perdendo sua força; temos que nos esforçar para prosseguir em vida e com a obra. Como ansiamos por um homem interior mais robusto!

À medida em que o espírito se torna mais forte o poder da intuição e do discernimento aumenta. Estamos preparados para resistir a tudo o que não é do espírito. Alguns que desejam andar segundo o espírito não conseguem porque o homem interior Deles carece de força para controlar a alma e o corpo. Não podemos esperar que o Espírito Santo faça qualquer coisa para nós; nosso espírito regenerado deve cooperar com Ele. Devemos aprender a exercitar nosso espírito e usá-lo dentro do limite do nosso entendimento. Por meio do exercício ele se tornará progressivamente mais robusto, até possuir a força para eliminar todas as obstruções ao Espírito Santo; impedimentos tais como vontade obstinada, mente confusa e emoção indisciplinada.

"O espírito do homem o sustentará na sua enfermidade; mas ao espírito abatido quem o levantará?" (Pv. 18:14). Claramente o espírito pode ser quebrado ou ferido. Um espírito ferido deve ser muito fraco. Se nosso espírito fosse robusto, teríamos condições de suportar a estimulação da alma sem tremer. O espírito de Moisés frequentemente é mostrado como sendo muito forte; todavia por causa da sua falha em mantê-lo continuamente firme, ele permitiu que os Israelitas "amargurassem" o seu espírito (Sl. 106:33), vindo assim a pecar. Se nosso ser interior permanece vigoroso, podemos triunfar em Cristo a despeito do quanto nosso corpo possa sofrer ou nossa alma ser afligida.

Somente o Espírito Santo pode nos conceder a força exigida pelo homem interior. O poder do nosso espírito consequentemente vem do poder do Espírito de Deus. O nosso espírito, todavia, precisa de treinamento adicional. Depois que alguém aprende a andar por seu espírito, precisará saber como viver por sua vida, ao invés de viver pela vida da alma, a usar seu poder ao invés do seu poder natural na realização da obra de Deus e como aplicar sua força ao invés da sua força da alma* na luta contra o inimigo.

Naturalmente tais experiências são progressivas e devem ser provadas progressivamente. Todavia o princípio é claro: à medida em que o crente se move de acordo com o espírito, ele ganha cada vez, mais poder do Espírito Santo e seu homem interior se torna mais forte. O cristão deve manter seu espírito forte em todo o tempo, a fim de que no momento crítico não seja encontrado sem poder para enfrentar a necessidade.

15. ESPÍRITO DE UNIDADE

"Permaneceis firmes num só espírito" (Fl. 1:27).

Observamos anteriormente, como a vida de um homem espiritual flui com a de outros cristãos. A unidade do espírito é um assunto de grande importância. Se por Seu Espírito Deus habita no espírito do crente e Se une plenamente a ele, como pode seu espírito não ser um com o espírito dos outros cristãos? O homem espiritual não é apenas um com Cristo em Deus, mas também é um com Deus habitando em cada um dos Seus filhos. Se o cristão permitir que o pensamento ou o sentimento controlem seu espírito, ele não será um com o espírito dos outros santos. Somente quando a mente e a emoção estão sujeitas ao governo do espírito, é que ele pode desconsiderar ou reprimir as diferenças de pensamento e sentimento e então ser um no espírito com todos os filhos de Deus. É necessário que ele conserve incessantemente a unidade de espírito com todos os crentes. Não estamos unidos a um pequeno grupo, isto é, com aqueles que partilham da mesma interpretação e ponto de vista como nós; mas nossa união é

com o corpo de Cristo. Nosso espírito não deve abrigar aspereza, amargura ou escravidão, mas ser completamente aberto e inteiramente livre, sem criar qualquer barreira em nosso contato com outros irmãos.

16. ESPÍRITO CHEIO DE GRAÇA

"A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito" (Gl. 6:18)" A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito" (Filemon 25).

A graça do Senhor Jesus Cristo é extremamente preciosa para nosso espírito.

Ali encontramos a graça do Senhor para nos ajudar em momentos de necessidade. Esta é uma palavra de bênção; mas isto representa também o ápice que o espírito do crente pode alcançar. Devemos sempre temperar nosso espírito com a graça do nosso adorável Senhor.

17. ESPÍRITO DE ARREBATAMENTO

Uma faceta do espírito normal precisa ser discutida, além das características já mencionadas. Esta nós chamaremos de espírito de arrebatamento. Os cristãos devem ter um espírito que esteja

continuamente num estado de "partida deste mundo e subindo para o céu." Um espírito assim é mais profundo do que um espírito de Ascenção, pois os que o possuem

vivem não apenas na terra como se estivessem no céu, mas são também verdadeiramente levados pelo Senhor a esperar por Sua volta e pelo próprio arrebatamento Deles. Quando o espírito do crente está unido ao do Senhor e eles se tornam um espírito, ele começa a viver no mundo como peregrino, experimentando a vida de um cidadão celestial. Depois disso o Espírito Santo o chamará para dar um passo a mais í e lhe dará o espírito de arrebatamento. Anteriormente seu estímulo era "Avançar!"; agora é "Suba!" Tudo em relação a ele se eleva em direção ao céu. O espírito de arrebatamento é aquele espírito que provou os poderes da era vindoura (Hb. 6:5).

Nem todos os que aceitam a verdade da Segunda Vinda possuem este espírito de arrebatamento. Os homens podem crer na volta do Senhor, pregar Sua Segunda Vinda e orar por Sua volta e ainda não possuírem este espírito. Até mesmo os maduros não o possuem necessariamente. O espírito de arrebatamento é o dom de Deus. Algumas vezes é dispensado por Deus quando Lhe' agrada e outras vezes é concedido por Ele em resposta às orações de fé. Quando possuído por este espírito, o homem interior do crente parece estar sempre num estado de arrebatamento. Ele crê não apenas na volta do Senhor, mas também na sua trasladação. E O arrebatamento é mais do que um artigo de fé; para ele é um fato.

Como aconteceu com Simeão, que pela revelação do Espírito Santo confiou que não provaria a morte antes de ver o Cristo do Senhor (Lc. 2:26), assim devem os crentes ter certeza em seus espíritos de que serão trasladados para o Senhor antes de morrerem.

Tal fé é a fé de Enoque. Todavia, não estamos sendo teimosamente supersticiosos aqui; mas, se estamos vivendo na época do arrebatamento, como podemos deixar de ter tal fé? Tal crença nos ajudará a entender mais o que Deus está fazendo nesta era, como também a obter poder celestial para nossa obra.

Em outras palavras, se o espírito de um cristão está num estado de arrebatamento, ele será mais celestial e não pensará que seu caminho para o céu deve ser através do vale da morte.

Quão frequentemente o filho de Deus, quando envolvido com o trabalho espiritual, nutre muitas expectativas e planos. Ele está cheio do Espírito Santo, de sabedoria e poder; ele crê que Deus vai usá-lo grandemente e espera com antecipação que dentro de pouco tempo seu espírito produzirá muito fruto. Entretanto, no meio da prosperidade, a mão do Senhor repentinamente cai sobre ele, indicando que ele deve concluir todo o seu empreendimento e estar preparado para tomar outro curso, isto chega como uma verdadeira surpresa ao homem, o qual, naturalmente, pergunta por que isto deve ser assim. Meu poder não é para trabalhar? O conhecimento profundo que tenho não é para ajudar as pessoas? Tudo precisa ser encerrado e arrefecido? Não obstante, sob tal direção como esta, o crente aprende que o propósito de Deus para ele é uma alteração no seu curso. Antes tudo avançava; daí para a frente tudo deve subir. Isto não quer dizer que não haja mais trabalho; o sentido é que aquele trabalho pode ser concluído a qualquer momento. ,

Deus tem empregado continuamente tais circunstâncias como perseguição, oposição, saque etc, para levar os santos a compreenderem que Seu desejo para eles é que tenham o espírito de arrebatamento, mais do que façam progresso na obra sobre aterra. O Senhor deseja mudar o curso dos Seus filhos, dentre os quais muitos não sabem que existe este espírito de arrebatamento, que é bem melhor.

Este espírito tem seu efeito definido sobre a vida. Antes que alguém o obtenha, sua experiência deve ser de constante mutação; todavia, depois de receber o testemunho e certeza do arrebatamento em seu espírito, sua vida e trabalho serão sustentados num

nível digno deste espírito, preparando-o assim para a volta do Senhor.

Tal preparação inclui mais do que a correção exterior: é o preparo total do espírito, alma e corpo do crente para encontrar o Senhor. Por isso, devemos orar e pedir ao Espírito Santo para nos mostrar como obter este espírito de arrebatamento e como conservá-lo. Devemos crer e depois estar prontos para eliminar todos os obstáculos relacionados com a realização de tal espírito. E, uma vez que nos apropriarmos Dele, devemos examinar habitualmente nossa vida e trabalho em relação a ele. No caso de perdermos tal espírito, devemos determinar imediatamente como se deu a perda e como restaurá-lo. Tal espírito uma vez obtido, pode ser facilmente perdido. Isto pode ser devido principalmente por ignorarmos neste estágio da vida, como preservar tal posição celestial através de oração e esforço especial. Devemos portanto, pedir ao Espírito Santo para nos ensinar como manter este espírito.

Tal oração geralmente nos leva a buscar "as coisas que são de cima" (Col. 3:2) e este é um dos requisitos para a preservação.

Visto estar agora de pé na porta do céu e podendo ser arrebatado a qualquer momento, o cristão deve escolher usar a roupa branca celestial e realizar a obra celestial. Tal esperança o separa de questões terrenas enquanto o une ao que é celestial.

O fato de Deus desejar que o crente espere pelo arrebatamento, não significa que ele deve se preocupar apenas com seu arrebatamento e esquecer o restante da obra que Deus lhe designou. O que Deus deseja realmente transmitir, é que ele não deve permitir que a obra dada por Deus impeça seu arrebatamento. Em sua conduta e trabalho, a atração celestial deve sempre ser maior do que a gravitação terrena. O filho de Deus deve aprender a viver para o serviço do Senhor, mas muito mais por sua recepção por parte do Senhor. Que nosso espírito seja elevado diariamente, esperando pela volta do Senhor. Que as coisas deste mundo percam seu poder sobre nós de modo

a não sermos "mundanos" nas mínimas coisas; não apenas isso, mas também nos Deleitamos em não permanecer "no mundo." Que nosso espírito possa subir diariamente, pedindo para estar com o Senhor mais rápido. Que as coisas de cima sejam de tal modo por nós buscadas que nem mesmo a melhor obra na terra possa desviar nossos corações. Possamos nós daqui em diante orar em espírito e com entendimento: "Vem, Senhor Jesus!" (Ap. 22:20).

OITAVA PARTE

A ANÁLISE DA ALMA-EMOÇÃO

1. **O Crente e a Emoção**
2. **A Afeição**
3. **O Desejo**
4. **Uma Vida de Sentimento**
5. **A Vida de Fé**

1. O CRENTE E A EMOÇÃO

Embora um cristão possa ter experimentado o livramento do pecado, ele ainda assim continua sendo da alma**, isto é, sem poder para vencer a sua vida natural, se falhar na experiência adicional da obra mais profunda da cruz realizada pelo Espírito Santo. Uma descrição limitada da vida e obra de cristãos da alma** foi dada anteriormente. Um estudo cuidadoso destes cristãos revela que a conduta e ação dos tais provém principalmente de sua emoção. Embora a alma possua três funções principais, a maioria dos cristãos da alma**, ou carnais, pertence à categoria emocional. A vida Deles no todo parece revolver grandemente ao redor dos impulsos da emoção. Nas questões humanas ela parece ocupar uma área muito maior do que a mente e a vontade; aparentemente ela desempenha um papel na vida diária bem maior do que as outras partes da alma. Por isso, quase todas as práticas dos que são da alma** têm srcem na emoção.

A FUNÇÃO DA EMOÇÃO

Nossa emoção produz alegria, felicidade, animação, agitação, júbilo, estímulo, desalento, tristeza, pesar, melancolia, miséria, lamento, abatimento, ansiedade, zelo, frieza, afeição, aspiração, ambição, compaixão, bondade, preferência, interesse, expectação, orgulho, temor, remorso, ódio, etc. A mente é o órgão que nos leva a pensar e relacionar e a vontade é o órgão das nossas escolhas e decisões. À parte do nosso pensamento e intento e suas obras correlatas, todas as outras operações brotam da emoção. Nossos mil e um sentimentos diversos manifestam sua função. O sentimento abrange uma área tão vasta da nossa existência, que a maior parte dos cristãos carnais pertencem ao tipo emocional.

A vida emocional do homem é bastante ampla e por isso altamente complicada. Para ajudar os crentes a entendê-la, podemos ajuntar todas as suas várias expressões nos três grupos de: (1) afeição, (2) desejo e (3) sentimento. Estes três grupos cobrem os três aspectos da função da emoção. Se o crente vencer todos os três, mostrará estar na trajetória que dá entrada ao caminho puramente espiritual.

Certamente a emoção do homem é nada mais que os múltiplos sentimentos que ele naturalmente tem. Ele pode ser amoroso ou cheio de ódio, alegre ou triste, animado ou abatido, interessado ou desinteressado, mas tudo isto é apenas a expressão dos seus sentimentos. Se tivermos o cuidado de observar a nós mesmos, perceberemos facilmente quão mutáveis são os nossos sentimentos. A emoção é uma das coisas mais instáveis do mundo. Podemos estar de um jeito num minuto e nos sentirmos completamente o oposto no minuto seguinte. A emoção muda quando o sentimento muda e quão rapidamente o sentimento pode mudar. Aquele que vive pela emoção, vive portanto, sem princípio.

A emoção do homem frequentemente manifesta um movimento reacionário: um período de atividade numa direção às vezes produzirá uma reação oposta. Por exemplo: uma tristeza inexprimível vem após uma alegria hilariante, uma grande

depressão depois de alta animação, um profundo recolhimento depois de fervor inflamado. Até mesmo na questão do amor ela pode começar como tal, mas devido a alguma alteração emocional, pode terminar com um ódio que ultrapassa em muito o amor anterior.

A VIDA EMOCIONAL DO CRENTE

Quanto mais se investiga as operações de uma vida emocional, mais convicção se tem da sua vacilação e inconfiabilidade. Ninguém deve ficar surpreso com o comportamento instável de um filho de Deus que anda pela emoção e não pelo espírito. Ele deplora sua existência por ela ser tão vacilante. As vezes ele parece viver no terceiro céu, transcendendo a tudo; em outras ocasiões ele se precipita aos níveis inferiores de um homem comum. Sua experiência é repleta de altos e baixos. Não se requer grandes circunstâncias para mudá-lo, porque ele é incapaz de suportar o menor infortúnio.

Tais fenômenos existem porque a pessoa é controlada pelo sentimento e não pelo espírito. Visto que o impulso dominante em seu caminhar continua sendo a emoção, não tendo sido ela ainda entregue à cruz, seu espírito não receberá qualquer fortalecimento do Espírito Santo. Por isso o espírito desse tal é fraco, sem condição de subjugar a emoção e por meio dela governar o homem interior. Se todavia, pelo poder do Espírito Santo, ele tem sua vida emocional crucificada e aceita o Espírito Santo como o Senhor de todas as coisas, com toda a certeza ele poderá evitar este tipo de existência alternativa.

A emoção pode ser classificada como o inimigo mais terrível da vida de um cristão espiritual. Sabemos que o filho de Deus deve andar pelo espírito. Para que isto aconteça ele precisa observar cada direção dada pelo seu homem interior. Sabemos também, entretanto, que estes sentidos do espírito são tão delicados quanto agudos. A menos que o filho de Deus espere tranquila e atentamente, para receber e discernir a revelação em sua intuição, ele nunca poderá conseguir a direção do seu espírito. Consequentemente o silêncio total da emoção é uma condição indispensável para se andar pelo espírito. Quão frequentemente seu movimento pequeno e delicado é perturbado e esmagado pelos ruídos da emoção. De modo algum podemos atribuir qualquer falta à pequenez da voz do espírito, porque fomos capacitados com a habilidade espiritual de ouvi-lo. É totalmente a intromissão de outras vozes que leva o cristão a perder a voz do espírito. Mas aquele que mantém sua emoção em silêncio, a voz da intuição pode ser facilmente detectada.

A excitação e declínio do sentimento pode não somente desqualificar o crente para andar no espírito, mas também levá-lo diretamente a andar na carne. Se ele não pode seguir o espírito, naturalmente seguirá a carne. Por ser incapaz de obter a condução do seu espírito, ele invariavelmente se volta para o seu impulso emocional. Tomemos conhecimento disso: quando o espírito deixa de liberar, a emoção toma seu lugar. Durante tal período o crente interpretará os impulsos emocionais como sendo movimentos de inspiração. Um cristão emocional pode ser comparado a um tanque de

areia e lama: desde que ninguém agite a água o tanque parece claro e limpo; mas agite a água apenas por um momento e seu verdadeiro caráter lamacento aparece.

INSPIRAÇÃO E EMOÇÃO

Muitos santos não podem distinguir a inspiração da emoção.

Na verdade, os dois podem ser facilmente definidos. A emoção sempre entra pelo exterior do homem, enquanto que a inspiração tem srcem no Espírito Santo no espírito do homem. Quando o crente examina a beleza da natureza, naturalmente ele sente uma espécie de sentimento brotando dentro Dele. Quando admira a paisagem fascinante ele é movido com prazer. Isto é emoção. Ou ao encontrar sua amada, cresce através Dele um sentimento indescritível, como se alguma espécie de poder o estivesse atraindo. Isto também é emoção. Tanto a linda paisagem como a pessoa amada estão do lado de fora do homem; por isso a agitação levantada por estes elementos externos pertencem à emoção. A inspiração, por outro lado, é totalmente o contrário. Ela é realizada exclusivamente pelo Espírito Santo dentro do homem. Somente o Espírito de Deus é Quem inspira; visto que Ele habita no espírito humano, a inspiração deve vir de dentro. Ela pode ser comunicada no ambiente mais frio e tranquilo; ela não exige o estímulo da paisagem maravilhosa ou dos seres amados. A emoção é exatamente o oposto: ela seca no momento em que o auxílio exterior é removido. E assim, uma pessoa emocional prospera totalmente, de acordo com o ambiente particular de certo momento; com o estímulo ela pode avançar e sem ele estaciona. Mas a inspiração não necessita de tal ajuda exterior; pelo contrário, ela se torna confusa caso a emoção seja indevidamente influenciada pelo ambiente externo.

Os filhos de Deus devem ser cuidadosos, entretanto, para que não venham a considerar a frieza e a ausência de constrangimento como barómetros da espiritualidade. Tal suposição está longe da verdade. Não sabemos que a característica da emoção é tanto depressão quanto animação? Não sabemos que a emoção arrefece e também desperta? Quando a emoção desperta um homem, ele fica exultante; mas quando ela o abranda, ele se sente deprimido. Conduzido pela alta emoção o cristão comete muitos erros. Depois de despertar para este fato, entretanto, ele tende a refrear total mente seus sentimentos, e então, considera-se como espiritual. Mas, o que ele não reconhece é que isto é apenas um impulso reacionário daquela mesma emoção que o acalmou; que em seguida a um período de agitação, forçosamente emergirá uma reação emocional. Tal frieza e enfado fazem com que o crente, perca interesse na obra de Deus: ela o despoja também do seu afeto fraternal para com os filhos de Deus. Por causa da relutância do homem exterior em trabalhar, o homem interior do crente fica aprisionado e a vida do espírito incapacitada de fluir. Durante este, acontecimento o santo pode pensar que está andando segundo o espírito, pois, raciocina ele em seu interior, não sou hoje uma pessoa extremamente fria e não descontroladamente inflamada como antes? Pouco sabe este cristão que ele continua a andar segundo a emoção do mesmo jeito, só que desta vez segundo o outro extremo da emoção!

Todavia, poucos são os casos de cristãos que ficam frios. A maior parte Deles continua sendo impelida por sua alta emoção. Na época de animação eles fazem muitas coisas além dos limites próprios, ações que nos períodos subsequentes de calma eles considerariam como ridículas e sem sentido. Os feitos realizados sob entusiasmo sempre provocam dores de desgosto e remorso quando analisados retrospectivamente. Que tristeza os cristãos carecerem da força espiritual para entregar o sentimento desordenado Deles à morte e renunciar seu controle.

Dois motivos podem ser oferecidos para explicar o andar de muitos pela emoção: (1)

Visto não compreenderem o que significa andar segundo o espírito e por não terem jamais procurado andar assim, eles naturalmente, andarão segundo o mover da emoção. Por não terem aprendido como repudiar a agitação da sua emoção, eles são simplesmente arrastados por ela e fazem coisas que não deveriam fazer. Seu sentido espiritual certamente levanta sua objeção, mas estes indivíduos carecem tanto do poder espiritual que desprezam completamente esta objeção e dão mais atenção ao seu sentimento. O sentimento bate cada vez mais forte Neles até serem completamente levados. Fazem o que não deviam fazer; depois de fazer, se arrependem do que fizeram. (2) Até mesmo os que experimentaram a divisão do espírito e alma, que reconhecem as agitações da emoção como sendo da alma** e resistem instantaneamente, podem andar segundo a emoção. Isto é devido ao sucesso da imitação espiritual. Antes de alguém se tornar espiritual, ele é esmagado por seus poderosos sentimentos emocionais mas depois de se tornar espiritual, sua emoção sempre finge ser seu sentido espiritual. Exteriormente estes dois são difíceis de serem diferenciados, pois parecem quase idênticos. Por falta de conhecimento os santos podem ser enganados e, como consequência, manifestam muitas ações carnais.

Devemos lembrar que no andar segundo o espírito, todas as nossas ações devem ser governadas por princípios, visto que o espírito tem suas próprias leis e princípios. Andar pelo espírito é andar segundo suas leis. Com os princípios espirituais tudo se torna nitidamente definido. Existe um padrão preciso de certo e errado. Se é "sim", é "sim", seja o dia claro ou nublado; se é "não", então é "não" seja animador ou depressivo. O andar do cristão deve seguir um padrão distinto. Mas se sua emoção não está entregue à morte, ele não pode manter um padrão permanente. Ele vai viver pelo capricho dos seus sentimentos vacilantes e não segundo um princípio definido. Uma vida de princípios difere grandemente de uma vida emocional. Qualquer que age pela emoção não se preocupa nem com o princípio nem com a razão, mas apenas com seu sentimento. Se estiver feliz ou emocionado poderá ser tentado a realizar o que ordinariamente sabe ser irracional. Mas quando se sente frio, melancólico ou abatido, nem mesmo sua obrigação ele cumprirá, porque seu sentimento falha em ir junto. Se os filhos de Deus prestarem um pouco de atenção às suas emoções, vão notar quão instável ela realmente pode ser e quão perigoso é andar por ela. A atitude Deles frequentemente é assim: se a Palavra de Deus (princípio espiritual) concorda com seu sentimento, eles a observam; se a Palavra não concorda, eles simplesmente a rejeitam. Que inimigo a emoção pode ser para a vida espiritual! Todos os que desejam ser espirituais devem se conduzir diariamente segundo este princípio.

Uma qualidade que caracteriza alguém espiritual, é a grande calma que ele mantém sob qualquer circunstância. Aconteça o que acontecer ao seu redor, venha a provocação que vier, ele a aceita calmamente e apresenta uma natureza inabalável. Ele é capaz de regular seu próprio sentimento, porque sua emoção foi entregue à cruz e sua vontade e espírito estão permeados com o poder do Espírito Santo. Nenhuma provocação extrema tem força para perturbá-lo. Mas se alguém não aceitou o tratamento da cruz sobre sua emoção, então ele será facilmente influenciado, estimulado, perturbado e até mesmo governado pelo mundo externo. Sofrerá também mudanças constantes, pois a emoção muda frequentemente. A menor ameaça de fora ou um pequenino aumento de trabalho o transtornará e o tornará fraco. Aquele que deseja genuinamente ser perfeito, deve permitir que a cruz corte profundamente na sua emoção.

Se o cristão simplesmente se lembrasse que Deus não conduz ninguém que esteja em alvoroço, ele poderia poupar muitos erros.

Nunca decida nada ou comece qualquer coisa enquanto a emoção estiver se agitando como um mar revolto; os erros são cometidos nos momentos de grande comoção emocional. Nossa mente também se torna indigna de confiança em tais períodos, porque ela é facilmente afetada pelo sentimento. E com uma mente impotente, como podemos jamais distinguir o certo do errado? Ainda mais, durante um tempo assim, até mesmo nossa consciência se torna incerta. Quando a emoção pulsa, a mente fica enganada e o padrão de julgamento da consciência é rejeitado. Qualquer coisa decidida ou realizada em tais situações está destinada a ser imprópria e mais tarde há de trazer desgosto. O crente deve exercitar sua vontade para resistir e por fim atai sentimento estimulado; somente quando sua emoção não está fervendo, mas retorna à perfeita calma, é que ele pode decidir o que deve fazer.

Semelhantemente, o crente deve se abster de fazer qualquer coisa que possa estimular sua emoção desnecessariamente. Às vezes ela está tranquila e quieta, mas posteriormente fazemos algo voluntariamente de nós mesmos que imediatamente ativa a emoção indevidamente. Tais casos são frequentes com grande prejuízo imposto sobre nossa vida espiritual. Devemos recusar tudo aquilo que perturba a paz da nossa alma. Não devemos apenas deixar de fazer certas coisas durante as crises emocionais, mas também não fazer nada cuja tendência seja provocar tal crise. Isto significa simplesmente o oposto, ou seja, que não podemos fazer nada errado se o que decidirmos ou realizarmos for feito numa ocasião de quietude emocional? De modo nenhum, porque ao invés de sermos guiados pelo espírito, podemos infelizmente ser conduzidos por nossa "emoção fria." Se tal for o caso, a obra que fizermos logo ativará nossa emoção "quente." Aqueles que têm tido experiências neste sentido, podem se lembrar como ao escrever uma carta ou ao encontrar uma pessoa sua emoção foi grandemente agitada, provando que o que estavam realizando estava fora da vontade de Deus.

EMOÇÃO E OBRA

A verdade até aqui enfatizada é que somente o espírito pode fazer a obra espiritual, de modo que qualquer obra não realizada por ele não vale nada. Esta verdade é tão vital que nos sentimos guiados a reformulá-la com outros detalhes.

Hoje os homens dão muita atenção à psicologia. Até mesmo, muitos que servem ao Senhor sentem que devem diligentemente estudar psicologia. Eles creem que, se apenas suas palavras, ensinamentos, apresentações, modos e interpretações puderem ser psicologicamente atraentes às pessoas, muitos poderão ser ganhos para Cristo. A psicologia naturalmente se refere, em grande parte, às operações da emoção do homem. Ocasionalmente ela parece ser de ajuda, mas o filho de Deus que confia na emoção, não serve para qualquer propósito produtivo para o Senhor.

Reconhecemos que a regeneração do espírito é a suprema necessidade do homem. Qualquer obra que não possa vivificar o espírito morto do homem, comunicar a ele a vida não criada de Deus, ou lhe dar o Espírito Santo para habitar no seu espírito regenerado, prova ser totalmente fútil. Nem a psicologia dos crentes nem a dos não crentes pode comunicar vida a eles. A menos que o Espírito Santo mesmo realize a obra, tudo é vão.

O cristão deve compreender que sua emoção é totalmente natural; ela não é a fonte da vida de Deus. Se reconhecer de fato, que nadada vida de Deus habita em sua emoção, ele nunca tentará obter a salvação das pessoas pelos meios do seu poder da emoção tais como: lágrimas, rosto triste, lamentos ou truques emocionais. Esforço algum da sua emoção pode tocar, no mínimo que seja, o espírito humano em trevas. A menos que o Espírito Santo dê vida, o homem não pode ter vida. Se não confiarmos no Espírito Santo, e, ao invés disso, usarmos a emoção, nosso trabalho não produzirá fruto real.

Os que trabalham para o Senhor precisam ver distintamente que nada no homem pode gerar a vida de Deus. Podemos gastar todos os métodos psicológicos para estimular a emoção do homem, para despertar seu interesse pela religião, para fazê-lo sentir-se triste e envergonhado por sua história passada, para criar Nele um temor pela punição vindoura, para criar admiração por Cristo, para provocar a busca da comunhão com os cristãos ou para ser misericordioso para com o pobre; podemos até mesmo fazer, com que ele se sinta feliz fazendo estas coisas, mas não podemos regenerá-lo. Visto que o interesse, a tristeza, a vergonha, a admiração, a aspiração, a piedade e a alegria são apenas vários impulsos da emoção, o homem pode experimentar tudo isto e continuar com seu espírito morto, pois ainda não apreendeu a Deus intuitivamente. Do ponto de visto humano, alguém não seria mesmo tentado a afirmar que se um homem possui todas estas qualidades, não deve ser ele um cristão de primeira classe? Todavia tudo isto é apenas manifestação da emoção; estes não provaram a regeneração. O primeiro e o mais notável sinal do novo í nascimento em qualquer pessoa, é que ela conhece a Deus intuitivamente, pois seu espírito foi vivificado. Não devemos nos enganar, ou ficar contentes em nosso trabalho, se as pessoas mudarem suas atitudes para conosco,

tornando-se nossas amigas e manifestando as atitudes acima mencionadas. Isto não é regeneração!

Se todos os que servem a Deus levarem a sério hoje que nosso alvo é ajudar as pessoas a receberem a vida de Cristo, então nenhum Deles vai jamais empregar uma abordagem emocional, visando ganhar a aprovação dos homens no tocante ao ensinamento de Cristo e sua preferência pelo cristianismo, se reconhecermos completamente que a necessidade do homem hoje é a vida de Deus - a vivificação do espírito - então perceberemos quão vã é qualquer obra realizada por nós mesmos. Não importa quão extensa seja a mudança de um homem; esta alteração efetuada pela emoção ocorre exclusivamente dentro do âmbito do seu próprio "ego". Ele nunca pisa fora deste limite, nem troca sua vida pela vida de Deus. Possamos nós apreciar verdadeiramente a realidade desse fato "fins espirituais exigem meios espirituais." Nosso fim espiritual deve ser assegurar a regeneração do homem e para realizar esta transformação devemos usar meios espirituais. A emoção é totalmente inútil nessa questão.

O Apóstolo Paulo nos diz que qualquer mulher que ora ou profetiza, deve ter a cabeça coberta (1Co. 11). Muitas e variadas interpretações cercam este assunto. Não temos interesse em nos unir à discussão, decidindo por uma certa interpretação. Mas, de uma coisa podemos estar certos: a intenção do Apóstolo visa limitar a operação da emoção. Ele dá a entender que tudo o que possa fomentar a emoção deve ser coberto. É especialmente fácil para as mulheres agitarem a emoção das pessoas quando pregam. Fisicamente apenas a cabeça está coberta, mas espiritual mente tudo o que pertence ao sentimento deve ser entregue à morte.

Embora a Bíblia não exija que os irmãos cubram suas cabeças, fisicamente, espiritualmente falando eles também devem ser cobertos, à semelhança das irmãs.

Paulo não teria necessidade de dar uma tal ordem proibitiva, se a emoção não estivesse sendo tão grandemente manifestada na obra do Senhor. Hoje o poder de atração se desenvolveu tornando-se quase no maior problema no assim chamado serviço espiritual. Os que são mais atraentes têm mais sucesso; os outros menos atraentes têm menos sucesso. O Apóstolo não obstante, insiste em dizer que tudo o que pertence à alma, seja naturalmente atraente ou não, deve ser coberto. Que todos os servos do Senhor aprendam esta lição das irmãs. Nossa atração natural não nos ajuda na obra espiritual e a falta dela não constitui um empecilho. Abandonaremos nosso coração de dependência no Senhor se enfatizarmos nosso poder de atrair os outros; do mesmo modo, se prestarmos atenção a qualquer falta de poder para atrair, não andaremos também segundo o espírito. O melhor é não pensar neste assunto de modo nenhum.

O que os servos do Senhor estão buscando hoje? Incontáveis são aqueles que almejam o poder espiritual. Mas este poder só é alcançado pagando-se um preço. Se o cristão morrer para sua emoção, ele possuirá o poder espiritual. Por depender demais da sua emoção e por estar fortemente atado ao seu desejo, à sua afeição e ao seu sentimento, é que o cristão perde o seu verdadeiro poder. Somente a operação profunda da cruz

pode nos encher com dinamite espiritual; fora disso não há como alcançá-la. Quando a cruz opera em nosso desejo capacitando-nos a viver totalmente para Deus, o poder espiritual será manifestado em nós naturalmente.

A emoção do crente, se não for vencida, será um empecilho para ele na obra espiritual. Enquanto sua influência predominar, seu espírito será impotente para controlá-la e consequentemente estará desqualificado para realizar a vontade mais elevada de Deus. Tomemos o cansaço físico como exemplo. Devemos ser capazes de distinguir entre: (1) a necessidade de descanso devido ao cansaço físico, (2) a necessidade de descanso por causa do cansaço emocional, e (3) a necessidade de descanso devido aos dois. Deus não quer que trabalhemos demais. Ele quer que descansemos quando estamos realmente cansados. Todavia devemos entender se a nossa necessidade é devido à fadiga física ou emocional, ou se às duas. Frequentemente o que chamamos de descanso é simplesmente preguiça. Nosso corpo exige descanso e nossa mente e espírito também. Mas ninguém deve descansar, por causa da preguiça que brota da natureza má em sua emoção.

Quão frequentemente a preguiça e a aversão pelo trabalho se unem, para usar a fadiga como cobertura. Visto que a emoção do homem visa satisfazer a si mesma em grande parte, os crentes devem se proteger, a fim de que a preguiça não seja introduzida naquilo que deveria ser exclusivamente um bom e adequado tipo de descanso.

O USO CORRETO DA EMOÇÃO

Se os filhos de Deus permitirem que a cruz opere profundamente na emoção deles, mais tarde descobrirão que ela não obstrui, mas sim que ela coopera com seu espírito. A cruz tratou com a vida natural na emoção renovando-a e fez dela um canal para o espírito. O homem espiritual, como dissemos antes, não é um espírito, mas também não é uma pessoa destituída de emoção; pelo contrário, o homem espiritual usará seu sentimento para expressar a vida divina Nele. Antes de ser tocada por Deus, a emoção segue seu próprio capricho, e, por esta razão, falha habitualmente em ser um instrumento do espírito. Mas, uma vez purificada, pode então servir como meio de expressão do espírito. O homem interior precisa da emoção para expressar sua vida, para declarar seu amor e simpatia para com os sofrimentos do homem e também para fazer o homem sentir o mover da intuição. O sentimento espiritual geralmente se torna conhecido por meio do sentimento de uma emoção tranquila e mansa. Se a emoção estiver mansamente sujeita ao espírito, este, por meio da emoção, amará ou odiará exatamente como Deus quer.

Alguns cristãos, após chegarem a discernir a verdade de que não se deve viver pelo sentimento, se enganam ao pensar que a vida espiritual existe sem ele. Consequentemente tentam destruí-la, tornando-se tão insensíveis quanto o pau e a pedra. Por causa da sua ignorância do significado da morte da cruz, eles não entendem o que seja entregar a emoção à morte e viver pelo espírito. Não dizemos que o cristão para ser espiritual precisa se tornar bastante áspero e sem afeição, como os objetos inanimados, como se o termo "homem espiritual" significasse ser esvaziado de

sentimento. Muito pelo contrário: a pessoa mais terna, misericordiosa, amorosa e compassiva é o homem espiritual. Ser totalmente espiritual por meio da entrega da sua emoção à cruz, não indica que daí em diante a pessoa é destituída do seu sentimento. Temos observado inúmeros santos espirituais e constatamos que o amor Deles é maior do que o dos outros. Isto demonstra que o homem espiritual não é alguém sem emoção ou que ela seja diferente da emoção do homem comum.

Ao entregar nossa alma à cruz, devemos lembrar que o que se perde é a vida da alma e não a sua função. Se a sua função fosse pregada na cruz não poderíamos mais pensar, escolher ou sentir. Devemos lembrar portanto, desse fato fundamental: perder a vida da alma significa negar persistente, resoluta e continuamente o poder natural e andar exclusivamente pelo poder de Deus; quer dizer não andar mais segundo o ego e seus desejos, mas se submeter incondicionalmente à vontade de Deus. Além disso, a cruz e a ressurreição são dois fatos inseparáveis: "porque, se temos sido unidos a ele na semelhança da sua morte, certamente também o seremos na semelhança da sua ressurreição" (Rm 6:5). A morte da cruz não significa aniquilamento; por isso, a emoção, mente e vontade da alma não são aniquiladas ao passar pela cruz. Elas apenas renunciam sua vida natural na morte do Senhor e são levantadas novamente na Sua vida de ressurreição. Tal morte e ressurreição fazem com que os vários órgãos de operação da alma percam sua vida, com o fim de serem renovados e usados pelo Senhor. Consequentemente o homem espiritual não é destituído da emoção; pelo contrário, sua emoção é mais perfeita e mais nobre, como se recém criada pelas mãos de Deus. Resumindo: se alguém tem dificuldade aqui, o problema jaz em sua teoria e não em sua experiência, porque a experiência confirmará a verdade.

A emoção deve passar pela cruz (Mt. 10:38,39), a fim de que sua natureza impaciente seja destruída com sua confusão e possa então submeter-se totalmente ao espírito. A cruz tem como alvo outorgar autoridade ao espírito para governar sobre todas as atividades da emoção.

2. A AFEIÇÃO

Entregar a afeição ao Senhor, pode ser para o cristão, atarefa mais difícil. Todavia o Senhor está mais interessado na afeição do crente do que em qualquer outro assunto. Ele exige que o cristão apresente sua afeição totalmente a Ele e deixe que Ele domine sobre ela. O Senhor reclama o primeiro lugar em nossa afeição. Frequentemente ouvimos as pessoas falarem sobre consagração, mas este ato é apenas o primeiro passo no caminhar espiritual do crente. A consagração não é o destino da espiritualidade, mas apenas o princípio. Ela conduz o crente a uma posição santificada. Numa palavra: sem consagração não pode haver vida espiritual. Mesmo assim, nada é mais predominante na consagração de alguém do que sua afeição. O que determina a verdade ou falsidade da consagração, é a entrega ou não da afeição. Seu teste real é a afeição. É relativamente fácil para nós entregarmos nosso tempo, dinheiro, poder e inúmeras outras coisas; mas oferecer nossa afeição é excessivamente difícil. Isto não quer dizer que não amamos a Cristo; talvez nós amemos muito ao nosso Senhor. Todavia, se concedermos a outro o primeiro lugar em nossa afeição e colocarmos a Cristo em segundo lugar, ou se amarmos mais alguém enquanto amamos ao Senhor, ou se nós mesmos administrarmos nossa afeição, então o que oferecemos não é considerado consagração, porque nossa afeição não foi entregue.

Todo crente espiritual percebe a necessidade de oferecer primeiro a afeição, porque sem isto, nada na verdade é oferecido.

Deus o Pai exige amor absoluto dos Seus filhos. Ele não deseja repartir nosso coração com mais ninguém ou com qualquer outra coisa; mesmo que Ele receba a maior porção, ainda assim Ele não fica satisfeito. Deus exige todo o nosso amor. Naturalmente isso é um golpe fatal na vida da alma. O Senhor manda que nos separemos daquilo a que nos apegamos, porque isto divide nosso coração. Ele nos pede para amá-Lo completamente e segui-Lo totalmente em amor: "Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, e com toda atua alma e com toda atua mente" (Mt. 22:37). A palavra "todo" indica cada grama Dele para o Senhor. Ele ordena que não guardemos nem mesmo uma pequena partícula da nossa afeição, que nós mesmos possamos administrar. Ele exige tudo. Ele é um Deus zeloso (Ex. 20:5); por isso não permite que ninguém roube Dele o amor dos Seus filhos.

Entretanto quantas pessoas amadas e queridas têm sua porção nos afetos dos crentes além de Deus! Talvez seja um Isaque, um Jônatas ou uma Raquel. Por esta razão Deus insiste em que coloquemos nossos amados sobre o altar. Ele não pode tolerar qualquer competição. Nosso tudo deve estar sobre o altar. Este é o caminho cristão para o poder espiritual. E logo depois que o sacrifício for colocado sobre o altar, isto é, depois que o último sacrifício for colocado sobre o altar, é que o fogo descerá do céu. Sem o altar não pode haver fogo celestial. Como então alguém poderá ter o poder do Espírito Santo, se ele não toma sua cruz e oferece ao Senhor todos a quem ama? Este não é um altar vazio porque o fogo consome o sacrifício sobre ele. O que o fogo pode consumir se não há sacrifício? Irmãos, nem nosso entendimento mental da cruz, nem nosso falar

interminável sobre ela poderá nos dar o poder do Espírito Santo; só nossa atitude de depositar tudo sobre o altar fará isto. Se continuarmos abrigando algum tipo de ligação secreta comprometida, ou se nosso coração secretamente retiver algum gado ou ovelha e um Agague (veja 1 Sm. 15), ainda não experimentaremos a manifestação do poder do Espírito Santo em nossas vidas.

Quanto a obra de Deus tem sofrido por falharmos em deixar o Senhor ser o Senhor das nossa afeições. Muitos pais se apegam aos seus filhos para eles mesmos, permitindo que o reino de Deus sofra a perda. Incontáveis são os maridos ou esposas que não estão dispostos a sacrificar e por isso a colheita não é realizada. Grande número de cristãos são tão ligados aos seus amigos a ponto de se assentarem atrás, deixando que seus irmãos lutem sozinhos na frente. É deplorável ver quantos pensam que podem amar seus queridos e ao Senhor simultaneamente, sem entenderem que amando a estes eles não podem amar ao Senhor. Persistimos em viver na alma caso não possamos dizer como Asafe: "A quem tenho eu no céu senão a ti? E na terra não há quem eu deseje além de ti" (Si. 73:25).

Não podemos deixar de enfatizar a importância do amor ao Senhor com todo o nosso coração. Nada satisfaz Seu coração como o nosso amor. O Senhor não busca o nosso trabalho e sim nosso amor por Ele. A igreja em Éfeso, de acordo com Apocalipse 2, trabalha e labuta para o Senhor; mesmo assim Ele não está contente porque ela abandonou o primeiro amor. Se nosso serviço é prestado por causa do amor, o Senhor certamente ficará satisfeito; mas que valor haverá se trabalharmos esforçadamente e não tivermos realmente um coração para Ele? Devemos ter consciência da grande possibilidade de trabalharmos para o Senhor e ainda não termos amor por Ele. Peçamos ao Senhor para lançar luz sobre a razão que nos leva a ser ativos. O amor pelo Senhor é forte dentro de nós? Qual é a utilidade de clamarmos "Senhor, Senhor" e trabalharmos diligentemente para Ele se ao mesmo tempo o coração não tem qualquer amor por Ele? Possamos ter um coração perfeito para com nosso tão amável Senhor!

Os filhos de Deus nunca entenderam plenamente como seus entes queridos podem impedir seu crescimento espiritual. Quando começamos a ter outros amores além do nosso amor por Deus, descobrimos gradativamente que Ele perde a importância para nós. E mesmo que os nossos entes queridos amem a Deus, nós provavelmente O amaremos por causa dos nossos entes queridos e não por causa de Deus mesmo. Por isso nosso relacionamento com Deus desce do nível espiritual para o nível carnal. Não devemos nunca amar a Deus por causa de outra pessoa ou coisa; devemos amá-lo só por causa Dele mesmo. Se o crente amar ao Senhor por causa dos seus queridos, sua devoção para com Ele é governada por aquele a quem ama. Assim Deus recebe um favor através daquele ente querido, pois ele foi responsável por direcionar o amor do crente para Deus. Consequentemente Deus fica em dívida para com aquele que é amado, pela devoção que recebe da parte do crente. Hoje o ente querido impulsiona o crente a amar a Deus; amanhã a mesma pessoa poderá levá-lo a abandonar seu amor a Deus.

Além do mais, quando estamos inclinados para alguém, dificilmente conseguimos preservar nosso coração em quietude; normalmente seremos despertados por nossa emoção, buscando ardorosamente agradar tal pessoa. Com bastante certeza o desejo de se aproximar de Deus será menor do que o desejo de se aproximar da pessoa amada. Em tal caso o cristão, sem dúvida, mostrará pouco interesse nas coisas espirituais. Exteriormente nada parece ter mudado, interiormente porém, seu coração está emaranhado com a pessoa amada. O interesse espiritual, se não for totalmente perdido, com certeza será grandemente diminuído. Além do mais, a aspiração do cristão pela a vaidade deste mundo é estimulada excessivamente. A fim de obter a atenção da pessoa amada o crente buscará impressioná-la com as coisas, modas, beleza, glória e outros aspectos do mundo. Então acontece o abandono de Deus e dos Seus mandamentos. Tomemos conhecimento disso: o homem só pode amar uma pessoa e servir a apenas um Senhor de cada vez: se ele ama ao homem, não pode amar a Deus. Devemos cortar todos os relacionamentos secretos com o homem.

Na verdade, somente Deus pode satisfazer o coração do cristão; o homem não pode. Atalha do homem é buscar no homem aquilo que só pode ser encontrado em Deus.

Toda afeição humana é vazia; somente o amor de Deus é capaz de satisfazer plenamente o desejo de alguém. No momento em que o cristão busca um amor fora de Deus, sua vida espiritual fracassa imediatamente. Só podemos viver pelo amor de Deus.

Ora, isto quer dizer que não precisamos amar ao homem? A Bíblia repetidamente nos manda amar aos irmãos e até mesmo os nossos inimigos. Consequentemente Sabemos que não é a vontade de Deus que não amemos o homem; mas Ele deseja administrar nossa afeição para com todos os homens. Deus não quer que amemos aos outros por nossa causa, mas sim por causa Dele e Nele. Nossos gostos e desgostos naturais não têm parte alguma aqui; a afeição natural precisa perder seu poder. Deus quer que nós, por causa do amor, aceitemos Seu controle. Quando Ele quiser que amemos alguém, instantaneamente seremos capacitados a fazer isto; se Ele quiser que terminemos nosso relacionamento com alguém, poderemos fazer isto também.

Este é o caminho da cruz. Somente quando permitimos que ela corte profundamente, a ponto de entregarmos nossa vida da alma à morte, é que podemos ser livrados do ego em nossas afeições. Se realmente experimentarmos a morte, não estaremos presos a ninguém, mas seremos guiados apenas pelo mandamento de Deus. Nossa vida da alma, ao experimentar a morte, perde seu poder e se torna como morta na questão da afeição. Deus vai então nos guiar Nele mesmo, na renovação do nosso amor pelos homens. Deus quer que criemos Nele um novo relacionamento com aqueles que anteriormente amávamos. Todo relacionamento natural findou. Novos relacionamentos são estabelecidos através da morte e ressurreição.

Quão contrário tal curso parece aos cristãos, e no entanto é tão abençoado para aqueles que o experimentam! A fim de confirmar, sua consagração para o próprio beneficio do crente, Deus frequentemente o "despoja" daquilo que lhe é valioso. Deus procura

assegurar nosso amor por Ele, ou então nos despoja do nosso amor. Ao empregar o segundo modo Ele faz com que nossos entes queridos mudem seus corações para conosco, ou então torna impossível nosso amor por eles, criando obstáculos circunstanciais tais como a mudança ou falecimento Deles. Se nosso coração for sincero em consagração, Deus nos privará de tudo a fim de que Ele seja o único que resta. Para possuir a vida espiritual em realidade, devemos estar dispostos a abandonar tudo o que amamos. Tudo o que entrar em conflito com nosso amor a Deus, Ele exigirá que abandonemos. A vida espiritual proíbe a divisão da nossa afeição. Qualquer erro em nossa afeição - seja um erro de intenção, propósito ou extravagância - é julgado por Deus tão errado quanto o erro do ódio. O amor e o ódio, quando são de nós mesmos, são igualmente maculados à vista de Deus.

Depois de passar através de um processo purificador, o crente observará quão sem mistura sua afeição para com os homens agora é: o ego não está mais misturado com seu amor; tudo é para Deus e tudo está em Deus. Em sua afeição anterior ele amava os outros mas amava mais a si mesmo, porque considerava o seu próprio ego mais importante do que o Deles. Mas agora está em condições de partilhar da tristeza e alegria dos outros, de levar suas cargas e de servi-los com afeição. Ele não mais ama aquilo que o seu próprio ego ama, mas ama aqueles que Deus ama; ele não se considera acima dos outros, mas os estima como o seu próprio ego. Hoje ele está em Deus e ama a si mesmo como os outros também por causa de Deus; por isso pode amar os outros como o seu próprio ego.

Devemos entender que o senhorio de Deus sobre nossa afeição é uma condição indispensável para o crescimento espiritual. Quão indisciplinada e selvagem é a nossa afeição! Se ela não estiver sujeita à vontade de Deus, nosso caminhar espiritual será ameaçado todo o tempo. Um pensamento errado pode ser facilmente corrigido, mas uma afeição extraviada é quase incontrolável. Devemos amar ao Senhor de todo o nosso coração, dando permissão a Ele de administrar o nosso amor.

AMANDO O SENHOR COM A ALMA**

Neste ponto devemos dar uma palavra de advertência: nunca pense que nós mesmos podemos amar ao Senhor. Tudo aquilo que vem de nós é rejeitado por Ele; até mesmo o nosso amor é inaceitável. Por um lado a ausência de profunda afeição para com o Senhor O entristece grandemente; por outro lado, amá-Lo com o poder da alma também não é recebido por Ele. Nossa afeição, mesmo quando usada para amar ao Senhor, deve estar totalmente sob a direção do espírito. Muitos amam ao Senhor com um amor mundano e poucos com o puro amor de Deus.

Hoje em dia o povo de Deus emprega principalmente o poder da alma* para absorver as coisas de Deus. Eles falam sobre o seu Pai que é Deus, chamam o Senhor de adorável Senhor e contemplam Seu sofrimento. Assim fazendo seus corações ficam cheios de alegria e sentem que agora estão amando ao Senhor. Concluem que este sentimento é de Deus. Algumas vezes, enquanto meditam na cruz do Senhor, não podem conter as lágrimas pois parecem experimentar uma afeição ardente e

'indescritível pelo Senhor Jesus. Estas coisas, não obstante, passam por suas vidas como barcos navegando pelo mar: nenhum vestígio duradouro é deixado. Tal é o amor de inúmeros cristãos. Mas afinal, que tipo de amor é este? Este tipo de amor só serve para fazer o ego de alguém feliz. Isto não é amar a Deus; é amar o prazer. A visualização dos sofrimentos do Senhor, parece ter tocado o coração, mas sua verdade interior não afetou a vida.

Quão sem poder é o sofrimento do Senhor no coração do crente, quando este só é imaginado mental e emocionalmente! Ao contemplar Seu sofrimento o cristão se torna

inchado e orgulhoso, considerando que seu amor pelo Senhor é maior do que o dos outros. Fala como se fosse um homem celestial; ele, na verdade, não se afastou uma unha sequer do seu deplorável ego. Ele dá a impressão de amar muito ao Senhor e por essa razão outros o admiram. Mesmo assim seu amor é nada mais que amor próprio. Ele fala e anela pelo Senhor porque fazendo assim pode se sentir feliz. Seu motivo visa ganhar prazer e não por causa do Senhor. Tal meditação garante a ele um estímulo confortável e agradável e por isso continua a meditar. Tudo isto é da alma** e terreno e nada tem a ver com Deus ou o espírito.

Qual é a diferença entre o amor espiritual e o amor da alma** para com Deus? Eles não podem ser facilmente distinguidos exteriormente, mas interiormente todo cristão pode descobrir a verdadeira fonte desse amor. Visto que a alma é o nosso próprio ego, assim tudo o que pertence a ela não pode estar separado do ego. Uma afeição da alma** é aquela em que o ego está operando. Amar a Deus por causa do prazer pessoal é amor carnal. Se o amor é espiritual, ele não tem o ego misturado ao amor a Deus. O significado é que Deus é amado por causa Dele mesmo. Qualquer afeição que é total ou parcial para o próprio prazer de alguém, ou por outras razões que não o próprio Deus, tem sua srcem na alma.

Outra forma para distinguir a srcem do amor é através dos seus resultados. Se o amor de alguém é da alma*, ele não o capacita a ser livrado permanentemente do mundo. O crente deve continuar a se preocupar e lutar para ser livrado da atração do mundo. Mas com o amor espiritual não é assim. Nele as coisas do mundo naturalmente desaparecem diante Dele. O que participa deste tipo de amor despreza o mundo, considerando suas coisas detestáveis e abomináveis. Daí em diante ele parece não ter condições de ver o mundo, porque a glória de Deus cegou seus olhos. Mais ainda, uma pessoa que experimenta tal amor como este, se torna humilde como se tivesse secado diante dos homens.

A natureza do amor de Deus é imutável. O nosso amor muda com muita facilidade. Se é nosso hábito amar a Deus com nossa própria afeição, sempre que estivermos tristes ficaremos frios para com Ele. Perderemos nosso próprio amor se tivermos que passar por um longo período de provação. Nossa afeição para com Deus voltará atrás, sempre que não pudermos obter o prazer que esperamos, porque nós O amamos com nosso próprio amor e por causa de nós mesmos. Se fosse o amor de Deus, ele permaneceria na condição de amá-Lo em meio a todas as situações. "Porque o amor é forte como a

morte; o ciúme é cruel como o Sheol... as muitas águas não podem apagar o amor nem os rios afogá-lo" (Ct. 8:6-7). O crente que genuinamente ama a Deus, persistirá amando-O, a despeito do que tiver que enfrentar ou de como possa se sentir. A afeição da alma* cessa quando o mover da emoção cessa; mas a afeição espiritual é forte e sempre inflexível, pois ela nunca renuncia.

O Senhor frequentemente conduz o santo através de experiências dolorosas, a fim de que ele não tenha condições de amar ao Senhor com interesses próprios. Quando alguém ama com sua própria afeição e por causa de si mesmo, ele só pode amar quando sente a afeição do Senhor. Todavia, aquele que ama com o amor de Deus e por causa Dele, será levado pelo próprio Deus a crer no Seu amor e não a senti-lo. No início da vida cristã o Senhor usa muitos meios para atrair o crente ao Seu amor e assegurá-lo Dele. Mais tarde Ele deseja levá-lo mais adiante e assim retira o sentimento do amor, ao mesmo tempo em que o leva a crer no Seu coração de amor. Por favor observe que aquele primeiro passo com respeito a ser atraído pelo sentimento do amor do Senhor é necessário para o caminho subsequente e mais profundo com o Senhor, porque se não for atraído peio amor do Senhor o crente não terá força para abandonar tudo e segui-lo. Durante o estágio inicial no caminho espiritual do cristão, o sentimento do amor do Senhor é vital e útil, algo a ser buscado diligentemente. Todavia, depois de um período adequado, ele não deve se agarrar a tal sentimento, pois isto trará prejuízo à sua vida espiritual. Experiências espirituais variadas são distribuídas a diferentes estágios no caminhar espiritual do crente. Passar por uma certa experiência em seu estágio de vida correspondente é correto e útil; mas desejar novamente aquelas primeiras experiências num estágio mais avançado em nosso caminhar, nos leva a retroceder ou atrasar. Depois que o Senhor faz uma pessoa sentir Seu amor, Ele deseja que ela creia no Seu amor. Por isso, quando alguém tem experimentado por algum tempo o amor do Senhor em sua emoção, Deus remove aquele sentimento (embora não seja imediatamente), a fim de criar Nele a confiança essencial de que o amor do Senhor não muda nunca. Consequentemente, não devemos ficar surpresos se, após um período no qual sentimos o amor do Senhor, perdermos aquele sentimento. O tempo chegou para crermos no amor do Senhor.

PROTEJA-SE CONTRA UMA COISA

Temos aprendido que, para andarmos segundo o espírito, precisamos manter nossa emoção calma e tranquila, caso contrário não poderemos ouvir a voz da intuição. A menos que nossa intuição esteja total mente tranquila sob a vontade de Deus, nosso coração será intermitentemente perturbado e a liderança do espírito será então interrompida. O crente deve sempre observar em seu espírito que pessoa ou coisa ativa facilmente sua emoção.

Caso Satanás seja incapaz de vencer o crente em qualquer outro aspecto, ele irá tentá-lo através deste ponto particular envolvendo sua afeição. Incontáveis são os cristãos que têm falhado nesta questão. Devemos portanto, exercitar grande precaução.

Nada ativa mais nossa afeição do que os amigos e, entre os amigos, o sexo oposto é o que mais nos estimula. Devido às diferenças com respeito ao dom natural, os sexos opostos se atraem. Aqui temos não apenas um complemento físico, mas um complemento psicológico também. Todavia tal atração pertence à alma; ela é natural e deve ser repudiada. É um fato estabelecido que o sexo oposto pode facilmente estimular a afeição. O estímulo pelo mesmo sexo é menos predominante do que o estímulo pelo sexo oposto. Por alguma razão psicológica a atração pelo sexo oposto é irresistivelmente maior. Esta é a tendência comum e natural. Um pequeno estímulo ocasionado pelo sexo oposto geralmente desperta profunda afeição.

Obviamente estamos falando agora da tendência natural do homem. Por esta mesma razão o cristão que deseja andar pelo espírito deve prestar atenção a isto. Em nosso relacionamento com as pessoas, principalmente nas questões de amor, se tratarmos o mesmo sexo de uma forma e o sexo oposto de outra, sabemos que já estamos sob a operação da alma. Se os tratarmos de forma diferente por nenhuma outra razão senão a de que um pertence ao sexo oposto, então nossa afeição permanece natural. Sem dúvida tal estímulo pelo sexo oposto pode ser misturado com motivos corretos. O cristão não obstante deve reconhecer que se houver motivos mistos na amizade, suas relações sociais não são puramente espirituais.

O obreiro em seu trabalho, e enquanto está trabalhando, precisa vigiar a fim de que a consideração pelo sexo oposto não tenha acesso. Ele deve resistir a todo o desejo de ser glorificado entre o sexo oposto. Todas as palavras e maneirismos artificiais, devidos à influência do sexo oposto, diminuem o poder espiritual. Tudo deve ser feito tranquilamente com um motivo puro. Lembre-se que não é apenas o pecado que corrompe; tudo o que brota da alma também corrompe.

Tudo isto quer dizer então que o crente não deve ter amigos do sexo oposto? A Bíblia não ensina assim. Nosso Senhor Jesus quando estava na terra tinha comunhão amigável com Marta, Maria e com outras mulheres. Por isso, fundamentalmente a questão deve ser: nossa afeição está totalmente sob o controle de Deus?

Ou a operação da carne está de algum modo misturada com ela?

É perfeitamente correto que os irmãos e irmãs tenham comunhão; só que não deve haver nela a mistura da operação da alma.

Resumindo: a afeição do cristão deve ser inteiramente oferecida a Deus. Todas as vezes que sentimos ser difícil demais entregar alguém a Deus, sabemos que naquela área nossa vida da alma governa. Onde nossa afeição é incapaz de se submeter plenamente à vontade de Deus, ali deve haver muita mistura não, espiritual. Todas as afeições da alma** nos conduzem ao pecado e nos atraem ao mundo. Uma afeição que não é inspirada pelo Senhor, logo se transformará em lascívia. Sansão não é o único na história do homem a fracassar neste aspecto. Dalila ainda está cortando o cabelo do homem hoje!

Afirmamos antes que a afeição é o elemento mais difícil para o crente oferecer; portanto, sua consagração se torna o sinal da verdadeira espiritualidade. Logo, este é o maior teste. Aquele que não morreu para a afeição mundana, não morreu para nada. A morte para a afeição natural prova a morte de alguém para o mundo. Cobiçar e desejar a afeição do homem, demonstra que o cristão ainda não morreu para a vida do ego. Sua morte para a vida da alma é comprovada pelo abandono da sua parte de toda a afeição que não seja a afeição por Deus. Quão transcendente é o homem espiritual! Ele anda muito acima da afeição natural humana.

3. DESEJO

O desejo ocupa a maior parte da nossa vida emocional; ele une as forças com nossa vontade para se rebelar contra a vontade de Deus. Nosso inúmeros desejos criam tais sentimentos confusos em nós, a ponto de não podermos seguir tranquilamente o espírito. Os dois despertam nossos sentimentos e promovem muitas experiências turbulentas. Antes que o crente seja liberto do poder do pecado, seu desejo se une ao pecado fazendo-o amar o pecado e privando o novo homem da sua liberdade. Depois de ser libertado da manifestação exterior do pecado, o mesmo desejo o leva a buscar para si mesmo muitas coisas fora de Deus. E enquanto a pessoa estiver no estado emocional, ela é controlada principalmente pelo seu desejo. Antes que a cruz realize sua obra mais profunda e o desejo tenha sido julgado à luz da cruz, o crente não tem como viver totalmente no espírito e para Deus.

Quando um cristão permanece carnal, ele é ativamente governado por seu desejo. Todos os desejos e ambições naturais ou da alma** estão ligados com a vida do ego. Eles são para o ego, pelo ego, ou segundo o ego. Enquanto permanece carnal, a vontade do crente não está total mente entregue ao Senhor e, por isso, conserva muitas ideias próprias. Seu desejo trabalha então junto com suas ideias para lhe dar prazer naquilo que deseja ter e para esperar que suas próprias ideias sejam realizadas. Todo o prazer, glória, exaltação, amor, piedade e importância do ego têm sua srcem no desejo do homem e tornam o ego o centro de tudo.

Podemos imaginar alguma coisa que o homem deseja que não esteja ligada a alguma coisa do ego? Se nós examinarmos à luz, do Senhor veremos que todas as nossas aspirações, não importa quão nobres sejam, não podem escapar dos limites do ego. Tudo í deve ser para ele! O fim delas será a satisfação ou a glória própria. Como pode o cristão viver no espírito, se está mergulhado em tal condição?

OS DESEJOS NATURAIS DO CRENTE

O orgulho brota do desejo. O homem aspira obter um lugar para si, a fim de poder sentir-se honrado diante dos homens. Toda a vanglória secreta sobre a posição, família, saúde, temperamento, habilidade, boa aparência e poder, brotam do desejo natural do homem. Comentar frequentemente sobre como alguém vive, como se veste e alimenta e desfrutar de autossatisfação nestas diferenças, é também obra da emoção. Até mesmo a avaliação do dom que alguém recebe de Deus, como sendo superior ao dos outros, é inspirado também pelo desejo natural.

Quão grande é a exibição de um crente emotivo visando se mostrar! Ele tanto gosta de ver como de ser visto e não tolera as limitações de Deus. Ele tentará todos os meios para se colocar na frente e não será capaz de ficar escondido segundo a vontade de Deus e de negar a si mesmo ao se ocultar. Ele quer ser notado pelos outros. Quando não é devidamente respeitado, seu desejo de amor próprio sofre uma ferida profunda. Mas se é admirado pelas pessoas, seu coração se regozija. Ele gosta de ouvir vozes de louvor e as considera justas e verdadeiras. Ele procura também elevar-se em seu

trabalho, seja pregando ou escrevendo, pois o egoísmo secreto que é o impulsiona a avançar. Numa palavra, este ainda não morreu para o seu desejo de vanglória. Ele ainda está buscando o que deseja e aquilo que possa inchá-lo.

Tal inclinação natural torna o crente ambicioso. A ambição surge quando nossa inclinação e desejo naturais são desatadas. Todas as ambições de se espalhar a fama de alguém, de se tornar um homem acima dos demais e atrair a admiração do mundo, procedem da vida emocional. Frequentemente, na obra espiritual, as aspirações pelo sucesso, fruto, poder e utilidade são apenas pretextos para a autoglorificação. A

buscado crescimento, profundidade e experiência mais nobre, frequentemente tem como fim o prazer próprio e a admiração dos outros. Se traçarmos o curso da nossa vida e trabalho, voltando à srcem, poderemos ficar surpresos ao descobrir que nosso desejo é a fonte por detrás de muitas das nossas realizações. Como vivemos e trabalhamos para nós mesmos!

Não importa quão bom, digno de louvor e eficaz possa parecer a conduta e labor de alguém: se são motivados por sua ambição, Deus, não obstante, as considera como madeira, feno e palha. Tal conduta e esforço não tem valor espiritual. Deus considera a sede do crente pela fama espiritual como sendo tão corrupta quanto seu desejo pelo pecado. Se alguém anda segundo sua propensão natural, ele se considerará bom em tudo o que faz; Deus, porém, está muitíssimo insatisfeito com este "ego."

Este desejo natural é igualmente ativo em outros aspectos do caminhar de uma pessoa. Sua vida da alma** ambiciona a convivência e intercurso mundanos. Ela o incita a ver o que não deveria ver e a ler o que não deveria ler. Ele pode não fazer estas coisas habitualmente, mas, devido a um forte impulso em seu interior, às vezes ele faz o que não deveria fazer, mesmo sabendo disso. O desejo da alma** pode ser notado também na atitude de uma pessoa. Isto pode ser visto até mesmo em seus maneirismos. Por exemplo: o modo como ela anda. Sem dúvida isto pode ser percebido mais facilmente em suas palavras e ações. Estas são evidentemente coisas pequenas, mas todos os que fielmente andam segundo o espírito reconhecem quão impossível seria para eles andar assim, caso fossem impulsionados nestas questões por seu desejo da alma**. O cristão precisa se lembrar que nas questões espirituais nada é pequeno demais para impedir seu progresso.

Quanto mais espiritual alguém é, mais real ele se torna, porque foi unido a Deus e está descansando. Mas quando alguém é estimulado por sua vida natural, ele se torna muito fingido, mostra um espírito imprudente e gosta de fazer coisas ousadas, a fim de satisfazer a si mesmo e impressionar os outros. Como ele pretende ser maduro e sábio, quando na verdade é imaturo em muitos dos seus empreendimentos! Mais tarde ele pode se lamentar por seu fingimento, mas no momento ele se sente o maior. Qualquer um que busque tais desejos não pode evitar a mudança de rumo.

O amor pelo prazer é também uma manifestação proeminente de um crente emotivo. Nossa emoção não pode permanecer vivendo totalmente para Deus; certamente ela se rebelará contra tal compromisso. Quando alguém aceita a exigência da cruz,

entregando sua emoção da alma** à morte para que possa viver inteiramente para o Senhor, ele descobre experimentalmente como sua emoção pleiteia e manobra para conseguir uma pequena base de atividade. Por esta própria razão, grande número de cristãos não têm poder para andar totalmente após o Senhor. Quantos cristãos, por exemplo, estão em condições de se envolverem na batalha de oração durante um dia inteiro, sem separar um pouco de tempo para recreação e restauração da sua emoção?

Para nós é difícil viver no espírito um dia inteiro. Sempre separamos algum tempo para conversar com as pessoas, a fim de aliviar nossa emoção. Só quando somos encerrados por Deus sem ver o homem í ou o céu, vivendo no espírito e servindo-o diante do trono, é que começamos a perceber quanto a emoção exige de nós, quão imperfeitamente morremos para ela e quanto ainda vivemos para ela.

O desejo pela pressa é outro sintoma do cristão emotivo. Alguém que se move por seu sentimento natural não sabe como esperarem Deus, nem está familiarizado com a conduta do Espírito Santo. A emoção geralmente é apressada. Um cristão emocionalmente agitado age com rapidez. Para ele é extremamente, difícil esperar no Senhor, saber a vontade de Deus e andar passo a passo nesta vontade. Realmente o povo do Senhor é incapaz de seguir o espírito, a não ser que a emoção de cada um esteja rendida à cruz. Lembremo-nos que, de uma centena de ações impulsivas, talvez uma seja da vontade de Deus.

Julgando pelo tempo que precisamos para orar, para preparar, para esperar, e sermos cheios de novo com o Espírito Santo, podemos realmente ser inculpáveis se nos movermos impulsivamente? Por conhecer a impetuosidade da nossa carne, Deus frequentemente usa nossos obreiros, irmãos, familiares, circunstâncias e outros fatores materiais para nos esgotarem. Ele quer que nossa pressa morra, a fim de que Ele possa trabalhar por nós. Deus nunca realiza nada apressadamente; consequentemente Ele não concede Seu poder ao impaciente. Aquele que deseja agir impulsivamente deve depender da sua própria força. A pressa é claramente a obra da carne. Visto que Deus não deseja que ninguém ande segundo a carne, o cristão deve entregar suas emoções precipitadas à morte. Cada vez que a emoção exigir pressa, devemos dizer a nós mesmos: "A emoção está me estimulando a agir com pressa; oh Senhor, que Tua cruz possa operar aqui." Aquele que anda pelo espírito não deve ser apressado.

Deus não tem prazer naquilo que nós mesmos fazemos, mas Se Deleita quando esperamos Nele, aguardando Suas ordens. Nossas ações devem ser ordenadas por Deus. Somente o que é autorizado no espírito é empreendimento Dele. Quão impossível é isto para o cristão que segue sua própria inclinação. Mesmo quando deseja fazer a vontade de Deus, ele fica extremamente impaciente. Ele não entende que Deus não tem apenas uma vontade, mas também um tempo. Frequentemente Ele revela Sua mente mas nos manda esperar pela chegada do Seu tempo. A carne não pode tolerar tal espera. À medida em que o filho de Deus avança espiritualmente, ele descobre que o tempo do Senhor é tão importante quanto Sua vontade. Não se apresse em gerar o Ismael, para que ele não se torne o maior inimigo de Isaque. Os que não podem se submeter ao tempo de Deus, estão incapacitados para obedecer Sua vontade.

Por causa da sua vontade própria o crente emocional não pode esperar em Deus. Tudo o que ele realiza é feito em si mesmo, porque não pode confiar em Deus nem permitir que Deus trabalhe por ele. Ele não sabe como entregar completamente um assunto nas mãos de Deus e como se abster de empregar sua própria força. A confiança está além Dele porque isto exige autonegação. Até que seu desejo seja refreado, sua vontade própria será muito ativa. Quão ansioso ele fica por ajudar a Deus! Parece que Deus trabalha devagar demais; por isso precisa ajudá-Lo! Tal é a operação da alma, motivada pelo desejo natural. Frequentemente Deus torna a obra do crente ineficaz, procurando desse modo levá-lo a negar a si mesmo.

A auto justificação é um sintoma comum entre os crentes emocionais. Os filhos do Senhor frequentemente enfrentam mal-entendidos. Às vezes Ele ordena que eles expliquem suas posições; mas se não houver uma instrução do Senhor neste sentido, suas explicações são apenas as agitações da sua vida da alma. Deus deseja muito mais e com mais frequência que Seu povo entregue em Suas mãos todas as questões e não se defendam. Como gostamos de falar a nosso favor! Quão terrível é para nós sermos mal-entendidos! Isto diminui a glória e reduz a estima própria de alguém. O ego no homem não pode permanecer em silêncio, quando uma falta injustiçada é dirigida a ele. Ele não pode aceitar o que lhe é dado por Deus, nem pode esperar para que Deus mesmo o justifique. Ele acredita que a justificação de Deus virá tarde demais; ele exige que o Senhor o justifique imediatamente, a fim de que todos possam contemplar sua justiça sem qualquer sombra de dúvida. Tudo isto é apenas o fermento do desejo da alma**. Se o crente estiver disposto a se humilhar sob a potente mão de Deus na questão do mal-entendido, ele descobrirá que Deus deseja usar esta oportunidade para habilitá-lo a negar seu ego mais profundamente; isto é, renunciar mais uma vez seu desejo da alma**. Isto constitui a cruz prática do cristão. Cada vez que ele aceita a cruz, ele experimenta mais uma vez a sua crucificação. Se ele seguir sua preocupação natural e se apressar em se defender, descobrirá que a força do poder do ego será mais difícil ainda de ser subjugada da próxima vez.

Antes do desejo natural de alguém ser tratado, inevitavelmente ele derramará seu coração para alguém na hora do sofrimento, do desconforto ou do abatimento. Sua emoção foi despertada no interior e ele anseia por confiar seu problema a alguém, a fim de liberar a pressão angustiante em seu peito e desse modo aliviar sua carga. A inclinação da alma** do homem é informar os outros sobre sua dor, como se ela pudesse ser aliviada pela simples informação aos outros. Agindo assim, o indivíduo está simplesmente tentando conseguir simpatia e conforto das outras pessoas. Ele anseia intencionalmente por tal condolência e comiseração, pois elas lhe dão certo sentimento de prazer. Ele não sabe como estar satisfeito só em saber que Deus conhece seus problemas; ele não pode entregar suas cargas apenas ao Senhor, permitindo tranquilamente que Ele o conduza à morte mais profunda através destas circunstâncias. Ele busca o conforto do homem ao invés do conforto de Deus mesmo. A vida do seu ego anseia por aquilo que o homem pode lhe dar, mas despreza a programação de Deus. Os crentes devem entender que sua vida da alma nunca será perdida através da simpatia e conforto do homem, porque estes simplesmente

alimentam esta vida. A vida do espírito começa com Deus e encontra Nele toda a sua suficiência. O poder para acolher e suportar a solidão é o poder do espírito. Quando descobrimos formas humanas pelas quais aliviamos nossas cargas, estamos nos aderindo à alma. Deus quer que guardemos silêncio, permitindo que as cruzes que ele preparou para nós realizem seu propósito. Cada vez que não abrimos nossa boca, estando em sofrimento, testemunhamos a operação da cruz. Ficar mudo é a cruz! Aquele que não solta sua língua, prova realmente sua amargura! Contudo, sua vida espiritual é alimentada pela cruz!

O ALVO DE DEUS

Deus almeja que Seus filhos vivam exclusivamente no espírito e estejam dispostos a oferecer totalmente à morte sua vida da alma. A fim de alcançar este objetivo, Ele terá que tocar severamente no desejo natural Deles. Deus quer destruir suas inclinações naturais. Quão frequentemente Ele não permite que um filho Seu faça ou possua coisas que em si mesmas não são ruins (na verdade elas podem ser bastante legítimas e boas), simplesmente porque, como resultado dos impulsos emocionais, ele as quer para si mesmo. Se o cristão anda segundo suas aspirações pessoais, ele não pode evitar de ser rebelde para com Deus. O alvo do nosso Senhor é destruir completamente o desejo ardente do crente por qualquer coisa além Dele mesmo. O Senhor não está preocupado com a natureza de uma coisa. O que o leva a ela: seu próprio desejo ou vontade de Deus? O melhor trabalho ou conduta, se brota do desejo de alguém e não da revelação intuitiva, não tem positivamente valor espiritual diante de Deus. As muitas obras que Deus tinha em mente para seu filho, devem ser suspensas temporariamente, porque este filho é motivado por seu próprio desejo. Deus começará a conduzir seu filho novamente a estas obras, uma vez que ele tenha se submetido completamente a Ele. Deus deseja que Sua vontade (tornada conhecida em nossa intuição), seja o princípio diretivo da nossa vida e trabalho. Ele não quer que prestemos atenção à nossa tendência própria, mesmo quando parecer que ela concorda com Seu propósito. Devemos prestar atenção à vontade de Deus; o que devemos renunciar é o nosso desejo. Aqui está a sabedoria de Deus. Por que Ele nos proíbe de seguir nossa inclinação mesmo quando ela coincide com sua vontade? Por que ela ainda é o nosso próprio desejo. Pois, se nos for permitido obedecer nossas boas aspirações, não ficará um lugar para o nosso "ego"?

A despeito do fato dos nossos desejos concordarem ocasionalmente com Sua vontade, Deus não tem prazer Neles porque ainda são nossos. Ele nos manda romper completamente com nossos anseios por qualquer coisa fora Dele mesmo. "Qualquer coisa" pode incluir alguns desejos mui excelentes, mas Ele não dará lugar a nenhum daqueles que são independentes. Devemos depender Dele em todas as questões. O que não nasce da Sua dependência, Ele rejeita. Passo a passo Ele nos leva a renunciar nossa vida da alma.

Se alguém deseja manter um curso verdadeiramente espiritual, deve cooperar com Deus mortificando seu próprio desejo. Todos os interesses, inclinações e preferências devem ser renunciados. Devemos aceitar alegremente as contradições, desprezo,

depreciação, mal-entendido e críticas duras dos homens e permitir que estas questões tão contrárias ao desejo natural, tratem com nossa vida da alma. Devemos aprender como receber o sofrimento, dor ou um lugar humilde, conforme for a designação de Deus para nós. Não importa o quanto nossa vida do Ego sofra a dor ou nosso sentimento natural seja ferido: devemos suportá-los pacientemente. Se carregarmos a cruz nas questões práticas, logo veremos nossa vida do Ego crucificada na cruz que carregamos. Carregar a cruz é ser crucificado nela. Cada vez que aceitarmos silenciosamente aquilo que vai contra nossa disposição natural, outro cravo que prega nossa vida da alma mais firmemente à cruz é acrescentado. Toda a vanglória tem que morrer. Nosso desejo de sermos vistos, respeitados, cultuados, exaltados e proclamados, precisa ser crucificado. Qualquer interesse pela auto exibição deve igualmente ser crucificado. Toda pretensão pela espiritualidade, visando o louvor próprio, deve ser cortada; o mesmo deve acontecer com toda a valorização e exaltação próprias. Nosso desejo, seja qual for sua expressão, deve ser renunciado. Qualquer coisa iniciada por nós mesmos é corrompida aos olhos de Deus.

A cruz prática que Deus distribui, vai de encontro aos nossos desejos. O alvo da cruz é crucificá-los. Nada em nossa composição total sofre mais feridas sob o chicote da cruz do que nossa emoção. Ela corta profundamente tudo aquilo que pertence a nós. Como nossa emoção pode estar feliz, quando nosso desejo está morrendo? A redenção de Deus exige que a velha criação seja totalmente colocada de lado. A vontade de Deus e o prazer da nossa alma são incompatíveis. Aquele que segue ao Senhor, deve se opor ao seu próprio desejo.

Por ser este o propósito de Deus, Ele programa para que Seus filhos experimentem provas ardentes, a fim de que todas estas escórias do desejo sejam consumidas no fogo do sofrimento. Um cristão pode almejar a posição elevada, mas o Senhor o abate; ele pode acalentar muitas esperanças, mas o Senhor não permite que ele tenha sucesso em nada; ele pode nutrir muitos prazeres, mas o Senhor pouco a pouco tira cada um Deles até não restar nem um sequer; ele almeja a glória, mas o Senhor impõe sobre ele a humilhação.

Nada nos arranjos do Senhor parece coincidir com o pensamento do cristão; tudo o derruba como se fosse uma vara de bater. Embora lute com toda a sua força, logo ele deduz que está indo direto para a morte. Ele não consegue discernir que é o Senhor Quem o conduz a esta morte. Tudo parece indicar desespero, a remoção de qualquer esperança de vida e a solicitação de que ele deve morrer. Durante este período, quando não pode escapar da morte, ele começa a reconhecer que este fim vem de Deus e assim se submete aceitando tudo com serenidade. Esta morte, entretanto, indica o término da vida da alma para que possa viver total mente em Deus. Para alcançar esta morte na vida do cristão, Deus tem que trabalhar muito tempo e duramente. Pois não é verdade que depois de passar por esta morte tudo fica bem e o alvo de Deus é cumprido Nele também? Daí em diante ele pode avançar rapidamente no crescimento espiritual.

Uma vez perdido o amor pelo "Ego", o crente pode ser totalmente de Deus. Ele está preparado para ser moldado na forma que Deus quiser. Seu desejo não luta mais

contra Deus, pelo contrário, ele não deseja mais nada além de Deus. Sua vida agora se tornou bem simples: não tem expectativas, pedidos ou ambições além da obediência voluntária à vontade de Deus. Uma vida de obediência ao Seu propósito, é a vida mais simples sobre aterra porque aquele que vive assim, não busca mais nada senão seguir a Deus tranquilamente.

Depois que alguém abandona seus anseios naturais, ele obtém uma verdadeira vida de descanso. Anteriormente tinha muitos desejos, e, para satisfazê-los, ele planejava, tramava e maquinava, esgotando cada partícula da sua sabedoria e poder. Seu coração estava em constante confusão. Enquanto maquinava ele se agitava para alcançar o que desejava. Quando derrotado, agonizava por causa do fracasso alcançado. Como a vida de descanso fugia Dele! Além do mais, alguém que ainda não abandonou o que é seu e se entregou àquilo que é de Deus, não pode evitar de ser atingido por suas circunstâncias. As atitudes caprichosas, situações mutáveis, solidão e muitos outros elementos no mundo exterior, operam visando provocar a melancolia nas pessoas. Esta é uma característica comum entre os santos emotivos. Mas o desejo natural pode também despertar a ira em tais indivíduos. Quando as situações exteriores vão de encontro ao eu desejo, não saindo exatamente como ele prefere, ou quando as questões lhe parecem injustas e irracionais, ele se torna perturbado, ansioso e nervoso. Estas diferentes expressões emocionais são provocadas por causas externas. Como a emoção de alguém pode ser facilmente despertada, perturbada e ferida! Por isso o desejo natural busca o amor, o respeito, a simpatia e a intimidade do homem; mas se falha em realizar seu desejo, ele murmura contra o céu e contra os homens. Existe alguém que esteja isento de tal tristeza e dor? Vivendo neste mundo amargo como nós vivemos, pode alguém esperar, de modo real, ter seu desejo plenamente realizado? Se isto é impossível, como pode então um crente emotivo assegurar o descanso na vida? Ele não pode. Mas o filho de Deus que segue simplesmente o espírito e não busca seu próprio prazer, fica satisfeito com aquilo que Deus lhe dá e sua inquietação cessa imediatamente.

O Senhor Jesus fala aos Seus discípulos: "Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para as vossas almas" (Mt. 11:29). A alma aqui indica principalmente a parte emocional do nosso ser. O Senhor sabe que Seu próprio povo precisa passar por muitas provas, que o Pai celestial vai preparar para eles, para que fiquem sozinhos e sejam mal entendidos. Visto que ninguém O entende a não ser o Pai, assim também ninguém entenderá os Seus discípulos (Mt. 11:27). Jesus sabe que o Pai celestial deve permitir que muitos acontecimentos desagradáveis ocorram com os crentes, afim de que eles sejam afastados do mundo. Ele também tem interesse em ver quais serão seus sentimentos na alma, quando forem colocados no fogo. Por esta razão Ele os aconselha antes a aprenderem Dele, afim de poderem encontrar descanso para suas emoções. Jesus é manso: Ele é capaz de receber qualquer tratamento dos homens; Ele aceita alegremente a oposição dos pecadores. Jesus é igualmente humilde: Ele cordialmente humilha-se a Si mesmo; Ele não tem ambição própria. Os ambiciosos ficam feridos, irados e inquietos, quando não conseguem realizar seus desejos. Mas Cristo vive todo o tempo

na terra com mansidão e humildade; não existe portanto, oportunidade para Sua emoção ferver e explodir. Ele nos ensina dizendo que devemos aprender Dele e sermos mansos e humildes como Ele é. Ele nos aconselha a tomar o Seu jugo sobre nós, como uma limitação de nós mesmos. Ele também toma o jugo, a saber, o jugo de Deus. Ele está satisfeito apenas com a vontade do seu Pai; visto que o Pai O conhece e O entende, porque ficar preocupado com a oposição dos outros? Ele deseja aceitar as limitações dadas a Ele por Deus. Ele explica dizendo que devemos tomar o seu jugo, aceitar Sua limitação, fazer Sua vontade e não buscar liberdade para a carne. Se isto for feito, nada poderá perturbar ou provocar nossa emoção. Isto é a cruz. Se alguém está disposto a receber a cruz de Cristo e se submeter totalmente ao Senhor, ele encontrará descanso para sua emoção.

Isto nada mais é do que uma vida plena de satisfação. O cristão não quer mais nada além de Deus; doravante ele se satisfaz com Sua vontade. Deus mesmo cumpriu seu desejo. Ele considera bom tudo o que Deus planejou ou deu, pediu ou lhe responsabilizou. Se apenas puder seguir a vontade de Deus, seu coração ficará satisfeito. Ele não busca mais seu próprio prazer, não por força, mas porque a vontade de Deus o satisfez. Visto estar cheio agora, não tem mais pedidos a fazer. Uma vida assim pode ser resumida numa só palavra: satisfação. A característica da vida espiritual é satisfação; não no sentido de egocentrismo, autossuficiência ou auto enchimento, mas no fato de ter tido todas as suas necessidades satisfeitas em Deus. Para ele a vontade de Deus é o melhor; ele está satisfeito. O que mais ele precisa pedir? Somente os cristãos emotivos encontram falha nos arranjos de Deus e aspiram ter mais, concebendo inúmeras expectativas em seus corações.

Mas aquele que permitiu ao Espírito Santo operar profundamente Nele pela cruz, não tem mais anseios para si mesmo. Seu desejo já está realizado em Deus.

Neste ponto o desejo do crente é total mente renovado (isto não quer dizer que daí em diante não possa haver mais falhas); ele está unido ao desejo de Deus. Negativamente falando, ele não mais resiste ao Senhor e, positivamente, tem seu Deleite no prazer do Senhor. Ele não está sufocando seus desejos; ele simplesmente se Deleita com aquilo que Deus exige Dele. Se Deus quer que ele sofra, ele pede a Ele que o faça sofrer. Ele encontra doçura em tal sofrimento. Se Deus quer que ele seja afligido, voluntariamente ele busca tal aflição. Ele ama mais a aflição do que a cura. Se Deus quer humilhá-lo, ele alegremente coopera com Ele se humilhando. Ele agora só se Deleita naquilo que é o Deleite de Deus. Ele não almeja nada fora Dele e não espera qual quer exaltação se Deus assim não quiser. Ele não resiste a Deus, mas acolhe com prazer tudo quanto Ele dá, seja doce ou amargo.

A cruz produz frutos. Cada crucificação traz a nós o fruto da vida de Deus. Todos os que estão dispostos a aceitar a cruz prática que Deus dá, verão a si mesmos vivendo uma vida espiritual pura. A cruz prática existe diariamente para nós e é ela que Deus deseja que carreguemos. Cada cruz tem sua missão peculiar realização de uma obra particular em nossa vida. Que nenhuma cruz seja desperdiçada sobre nós!

4. UMA VIDA DE SENTIMENTO

A EXPERIÊNCIA DO CRENTE

Quando os cristãos se tornam afetivamente apegados ao Senhor, eles, geralmente, estão experimentando uma vida de sentimento. Tal experiência lhes é muito preciosa. Eles entram nesta fase do seu caminhar cristão logo depois da sua emancipação do pecado e antes de entrar num verdadeiro viver espiritual. Por lhes faltar o conhecimento espiritual, estes cristãos frequentemente julgam este tipo de experiência emocional como sendo bastante espiritual e celestial, pelo fato de ter sido provada principalmente após a libertação do pecado e por lhes outorgar grande prazer. O Deleite concedido por ela é tão satisfatório que crentes têm dificuldade em deixá-la e abandoná-la.

Durante este período, o crente sente a proximidade do Senhor de tal forma que quase pode tocar Nele. Ele está sensível à delicada doçura do amor do Senhor e também agarrado ao seu próprio e intenso amor para com o Senhor. Parece que um fogo queima dentro do seu coração, provocando Nele uma alegria indescritível que o faz sentir como se já estivesse no céu. Algo cresce em seu peito dando-lhe grande prazer, como se ele estivesse de posse de um tesouro de inestimável valor. Esta sensação continua com ele enquanto anda e trabalha. Sempre que o crente passa por este tipo de experiência, ele imagina onde fica sua morada, pois parece ter perdido sua habitação terrena e agora voa muito alto junto com os anjos.

Nesta ocasião a leitura da Bíblia se torna um verdadeiro prazer. Quanto mais lê, mais feliz se sente. A oração também é fácil. Quão maravilhoso é derramar seu coração diante de Deus. Quanto mais tem comunhão, mais fortemente brilha a luz celestial. Ele se sente capaz de tomar muitas decisões diante do Senhor, as quais indicam o quanto ele O ama. Seu desejo de estar quieto e sozinho com Deus é grande; se ele apenas pudesse fechar sua porta para sempre e ter comunhão com o Senhor, sua alegria seria plena, pois nenhuma língua ou caneta pode descrever a alegria ali encontrada. Antes ele era gregário, como se as multidões e indivíduos pudessem satisfazer suas necessidades; mas hoje ele aprecia a solidão, porque o que podia extrair das multidões nunca pode ser comparado com a alegria que agora ele recebe, quando está com seu Senhor. Ele prefere o isolamento mais do que as companhias, pois teme perder sua alegria estando entre os homens.

Além disso, o serviço assume considerável espontaneidade. Até agora ele parecia não ter nada para dizer, mas agora com o fogo do amor aceso em seu coração, ele experimenta muitíssimo prazer em falar do Senhor aos outros. Quanto mais ele fala, mais desejo tem de falar. Sofrer para o Senhor se torna doçura para ele.

Visto senti-lo tão perto e tão precioso, alegremente ele abraça a ideia do martírio. Todas as cargas se tornam leves e as dificuldades deixam de ser problemas.

Com tal consciência da proximidade do Senhor, a conduta exterior do cristão também sofre mudança. Nos dias passados ele gostava de falar, mas agora é capaz de manter

silêncio. Em seu coração ele pode até mesmo criticar outros que falam incessantemente. Antes ele era bastante frívolo; hoje ele é bastante sério. Sua, sensibilidade por qualquer tipo de impiedade vista nos outros irmãos é grande e recebe seu severo julgamento. Numa palavra, o cristão neste estágio tem um cuidado crescente com sua conduta exterior e possui mais discernimento das falhas dos outros.

Tal cristão sempre lamenta secretamente por aqueles que carecem da sua experiência. Ele considera sua alegria muitíssimo excelente; que pena que seus irmãos não conheçam nada dela. Ao observar outros irmãos e irmãs servindo fria e tranquilamente ao Senhor, seu julgamento é que a vida Deles não tem gosto. Esta sua vida não deve ser mais elevada, visto estar transbordando com a alegria de Deus? Ele sente como se estivesse flutuando nas nuvens acima das montanhas, enquanto os santos comuns estão caminhando pelo vale com passos lentos e pesados.

Mas, este tipo de experiência dura muito tempo? Pode alguém possuir tal exultação diariamente e ser feliz por toda a vida? Muitos de nós não podemos manter uma experiência tal por muito tempo. E assim, o que entristece o crente é ver desaparecer repentinamente sua estimada alegria, depois de tê-la experimentado durante um ou dois meses, falando de modo geral. Ele levanta pela manhã como sempre faz para ler sua Bíblia, mas onde está a antiga doçura? Ele ora como antes, mas se sente cansado após algumas palavras. Ele sente como se tivesse perdido algo. Há pouco tempo estava julgando os outros porque estavam bem atrás Dele na corrida espiritual, mas agora se considera como sendo um Deles. Seu coração esfriou; o sentimento de um fogo que queimava em seu interior foi apagado. A consciência da presença e proximidade do Senhor não mais existe; agora parece que Ele está longe Dele. Ele começa a imaginar para onde o Senhor terá ido. O sofrer se torna sofrimento real, porque não pode sentir mais a antiga alegria que experimentava no sofrimento. Além disso, perdeu o interesse pela pregação; não sente mais prazer em prosseguir após pronunciar algumas palavras. Resumindo: durante tal período tudo parece trevas, seco, frio e morto. Parece que o crente foi abandonado pelo Senhor numa sepultura; nada pode confortar seu coração. Sua antiga esperança de felicidade duradoura se desvaneceu completamente.

Nesta ocasião o filho de Deus naturalmente imaginará ter pecado e que, consequentemente, o Senhor o abandonou (porque se não pecou, ele raciocina, o Senhor não retiraria Sua presença, retiraria?). Desse modo, ele, provavelmente, se põe a examinar cuidadosamente sua conduta recente, tentando descobrir como pecou contra o Senhor. Ele espera que o Senhor retorne e o encha com o antigo sentimento de intimidade e alegria, depois de confessar seu pecado. Todavia ao examinar a si mesmo, ele não consegue detectar qualquer pecado especial; ele parece ser o mesmo de antes. E, desse modo o crente, mais uma vez, retoma sua investigação interior: se a condição atual leva o Senhor ase apartar de mim, ele raciocina, por que Ele não me abandonou antes? E se eu não pequei, então digo outra vez, por que Ele me deixou? O crente está completamente confuso e só pode concluir que deve ter pecado contra o Senhor em algum lugar; daí sua condição de abandonado. E Satanás também o acusa, reforçando a

falsa noção de que ele realmente pecou. Por isso ele clama ao Senhor em seu coração pedindo perdão e esperando reconquistar o que perdeu.

A oração do crente não tem efeito. Ele não consegue restaurar instantaneamente sua experiência perdida e, cada dia que passa, ele se sente frio e mais seco em seus sentimentos. Ele perdeu o interesse em tudo. Antes podia orar durante horas; atualmente até uns poucos minutos se tornam forçados. Ele não tem qualquer inclinação para orar. A leitura da Bíblia que antes muito lhe interessava, atualmente é para ele como uma rocha maciça da qual não extrai qualquer alimento. Quando tem comunhão com outros ou realiza qualquer tarefa, não experimenta nenhum prazer; ele se envolve com tais tarefas simplesmente porque é isto o que se espera de um cristão. Tudo é enfadonho e forçado.

Confrontados por tal situação, muitos cristãos, não todos, recuam. Muitas questões que eles sabem pertencer à vontade de Deus são deixadas por fazer, porque ficaram desapontados. Muitas obrigações não são cumpridas. A conduta anterior que fora corrigida durante o período do êxtase, retorna a eles. A experiência que eles lamentavam existir na vida dos outros nos dias passados, agora chegou a eles também. As tagarelices, maneiras frívolas, gracejos e gosto pelas diversões são adotados por eles. Embora tenham experimentado uma mudança, ela não durou muito.

Quando um cristão é despojado do seu sentimento alegre, ele conclui que tudo acabou. Visto não sentir mais a presença do Senhor, sua conclusão é que o Senhor por certo não pode estar com ele. Se não sente a calorosa afeição do Senhor, certamente é porque ele O desagradou. À medida que esta experiência se prolonga, o crente parece perder até mesmo a consciência de Deus. Por isso, vai tentar ardentemente recobrar o que perdeu, desde que não se enfraqueça em seu coração. Pois não ama ao Senhor e não tem desejado estar perto Dele? Como pode suportar a ausência do sentimento do amor de Deus?

Ele sai à procura de Deus e se esforça para se livrar deste estado desolado, mas sem sucesso. Mesmo quando luta para, manifestar boa conduta, seu coração secretamente o condena por ser hipócrita. Não lhe é fácil ter sucesso em coisa alguma, pois muitas são as suas falhas. Isto naturalmente intensifica seu sofrimento. Se alguém o louva numa ocasião assim, ele fica visivelmente embaraçado, porque ninguém pode avaliar quão miserável ele está por dentro. Por outro lado, se alguém o culpa ele sente que isto é justo por que entende sua própria fraqueza. Os que estão avançando com o Senhor e tendo doce comunhão com Ele, recebem sua admiração. Ele vê todos ao seu redor como sendo melhores do que ele, porque eles têm certa medida do que é bom enquanto ele não tem nada.

Esta condição árida continuará para sempre? Sua antiga experiência será recuperada? O que geralmente acontece é o seguinte: depois de algum tempo, talvez dentro de algumas semanas, o sentimento desejado volta a ele. Isto pode ocorrer enquanto ouve um sermão, após oração fervorosa na sua devoção matinal ou durante sua meditação da meia-noite. O tempo varia, mas a alegria retorna. Durante este intervalo na condição

do crente, tudo o que havia sido perdido é restaurado. A presença do Senhor é tão preciosa como antes; a chama do amor novamente se acende no seu peito; a oração e a leitura da Bíblia se tornam tão doces como nos dias passados, e o Senhor é tão adorável e acessível que quase pode ser tocado. Aproximar-se Dele não é um fardo, mas sim o prazer do seu coração. Tudo é transformado: não há mais trevas, sofrimento e velhice. Tudo agora é luz, alegria e refrigério. Por considerar sua infidelidade a causa da partida do Senhor, daí em diante ele usa toda a sua diligência para preservar o que reconquistou, a fim de não ser privado de novo desta vida de sentimento. Sua conduta exterior é mais cuidadosa do que nunca; ele serve ao Senhor diariamente com toda a sua força, esperando manter sua alegria e nunca mais falhar como antes.

Todavia, estranho quanto possa parecer, a despeito de toda a sua fidelidade, o Senhor logo depois deixa o santo mais uma vez. Seu acesso de prazer sumiu completamente. Ele novamente entra em angústia, trevas e esterilidade.

Se examinarmos a biografia de muitos cristãos, descobriremos que este tipo de experiência é compartilhado por muitos depois de terem sido livrados do pecado e encontrado Deus como uma Pessoa. No início o Senhor os leva a sentir Seu amor, Sua presença, Sua alegria. Mas tais sentimentos logo desaparecem. Em seguida eles voltam, tornando-os extremamente felizes; não muito tempo depois, entretanto, eles desaparecem uma segunda vez. O cristão passa por este vai-e-vem de acontecimentos várias vezes, pelo menos. Tais fenômenos não acontecerão enquanto ele for carnal, antes de aprender a amar ao Senhor; só depois de ter feito espiritualmente algum progresso e de ter começado a amar ao Senhor, é que ele se defrontará com este tipo de situação.

O SIGNIFICADO DESTA EXPERIÊNCIA

Segundo a interpretação do crente, ele está no cume da espiritualidade, quando está de posse daquele maravilhoso sentimento; ele está lá embaixo quando não o possui. Frequentemente ele caracteriza seu caminhar como sendo cheio de altos e baixos. Com isto ele dá a entender que enquanto está cheio de alegria, amando ao Senhor e sentindo Sua presença, ele está no melhor, espiritualmente talando; mas se sua sensação interior é marcada por sequidão e dor, então sua situação espiritual é a pior. Em outras palavras, ele é espiritual enquanto o togo ardente do amor está queimando em seu coração; se seu coração se torna frio como gelo, então ele está na alma**. Esta é a noção comum entre os cristãos. Ela está correta? Não! Está totalmente incorreta. A menos que entendamos em que ela está errada, não deixaremos de sofrer derrota até o fim.

O cristão deve entender que o "sentimento" é exclusivamente uma parte da alma. Quando ele vive pela sensação, não importa de que espécie, ele está sendo da alma**. Durante o período em que se sente alegre, amando ao Senhor e sentindo Sua presença, ele está andando pelo sentimento; do mesmo modo, durante o período quando sente exatamente o oposto, ele ainda está andando pelo sentimento. Aquele cuja vida e trabalho são decretados por uma sensação favorável e feliz, é da alma**; o outro cuja vida e trabalho também são determinados pela sensação seca, melancólica e dolorosa,

também é da alma**. A verdadeira vida espiritual nunca é determinada pelo sentimento, nem vivida por ele. Antes, é ela quem regula o sentimento. Atualmente os cristãos confundem uma vida de sentimento com a vida de experiência. A razão é porque muitos nunca entraram na genuína espiritualidade e, por isso, interpretam a sensação feliz como sendo experiência, espiritual. Eles não sabem que tal sentimento ainda é da alma*. Somente aquilo que acontece na intuição é experiência espiritual; o resto é apenas atividade da alma*.

É aqui que os cristãos cometem os erros mais grosseiros. Sob o estímulo da emoção um crente pode sentir que subiu ao céu e entender que tem uma vida de ascensão. O que ele não sabe é que isto é apenas o que ele sente. Ele pensa que possui o Senhor sempre que tem consciência da Sua presença, mas acredita que O perdeu sempre que não pode senti-lo uma vez mais ele não sabe que isto é simplesmente a maneira estar realmente amando ao Senhor quando sente um calor no seu coração, mas se não houver uma sensação calorosa, então ele conclui que verdadeiramente perdeu seu amor por Ele. Novamente ele ignora a verdade: que tudo isto são apenas seus sentimentos.

Sabemos que o fato pode não concordar com o sentimento, porque o sentimento é totalmente indigno de confiança. Na verdade, se alguém sente ou não alguma coisa, o fato permanece, pois é imutável. Ele pode sentir que está progredindo e não fazer nenhum progresso; pode igualmente sentir que está regredindo e não estar acontecendo nada disso. Estes são simplesmente seus sentimentos. Quando se sente cheio de agitações, ele pensa estar avançando espiritualmente; isto entretanto, é apenas uma ocasião de entusiasmo emocional que logo voltará ao seu estado anterior. A obra da emoção parece auxiliar as pessoas da alma* a progredir, mas a operação do Espírito faz com que os espirituais façam progresso. O avanço dos que são da alma* é falso; somente o que se alcança no poder do Espírito Santo é verdadeiro.

OS ALVOS DE DEUS

Por que então Deus concede estes sentimentos e depois os retira? Porque Ele tem uma porção de alvos que deseja alcançar.

Primeiro. Deus concede alegria aos crentes para atraí-los para mais perto Dele. Ele usa Seus dons para atrair os homens a Si mesmo. Ele espera que Seus filhos creiam em Seu amor em quaisquer circunstâncias, após ter mostrado quão gracioso e amoroso Ele é para com eles. Infelizmente os cristãos só amam a Deus quando sentem seu amor; quando isto não acontece eles esquecem Dele.

Segundo. Deus trata com nossas vidas deste modo a fim de nos ajudar a nos conhecer. Reconhecemos que a lição mais difícil de se aprender é o autoconhecimento, quando alguém chega a ver quão corrupto, vazio, pecaminoso e falto do que é bom ele é.

Esta lição precisa ser absorvida durante a vida toda. Quanto mais esta lição é aprendida, tanto mais percebemos a profundidade da impureza da nossa vida e natureza aos olhos de Deus. Todavia, este tipo de instrução não nos dá prazer em aprender, nem tampouco nossa vida natural é capaz de aprendê-la. Por isso o Senhor

emprega muitos meios para nos ensinar e nos guiar neste conhecimento de nós mesmos. Entre Seus muitos meios, o mais importante é este de nos dar sentimentos alegres e depois tirá-los.

Através de tal tratamento, alguém começa a compreender sua corrupção. No estado de aridez ele pode ver como nos dias felizes de outrora o dom de Deus foi mal utilizado para sua autopromoção, no desprezo pelos outros e em como agiu muitas vezes por meio do fermento da emoção e não pelo espírito. Tal reconhecimento desperta a humildade. Se tivesse entendido que esta experiência é planejada por Deus para ajudá-lo a conhecer a si mesmo, ele não teria buscado sensações de prazer tão incessantemente, como se fossem o máximo. Deus quer que entendamos que frequentemente podemos agir de modo desonroso ao nome de Deus, seja quando estamos em êxtase ou em angústia. Não progredimos nada durante o período de alegria ou por ocasião da tristeza. Nossa vida é igualmente corrupta em ambas as condições.

Terceiro. Deus deseja ajudar Seus filhos a vencer suas circunstâncias. Um cristão não deve permitir que as situações ao seu redor mudem sua vida. Aquele cujo caminho é alterado pela influência das circunstâncias, não tem experiência profunda no Senhor. Já vimos que o que pode ser afetado pela circunstância é a emoção. Nossas vidas sofrem mudança quando nossa emoção é influenciada pela circunstância. Quão imperativo é que conquistemos a emoção se desejamos vencer a circunstância. A fim de conquistar as coisas ao seu redor, o cristão deve prevalecer sobre todas as suas variadas sensações.

Se ele não pode superar seu sentimento, que é constantemente vacilante, como poderá vencer suas circunstâncias? Nosso sentimento é que está vivo para qualquer mudança na circunstância e que muda de acordo com ela. Se não dominarmos nossa sensação, nossas vidas oscilarão de acordo com nossa mudança de sensação. Por isso precisamos vencer nosso sentimento antes de podermos vencer nossa circunstância.

Isto explica porque o Senhor conduz alguém através de diferentes sentimentos, a fim de ensiná-lo como reprimir estes sentimentos e desse modo triunfar sobre as suas circunstâncias. Se puder subjugar suas sensações fortes e contrastantes, certamente poderá dominar a mudança de ambiente. Assim ele alcançará Um caminhar firme e constante, sem ter que flutuar de acordo com a maré. Deus deseja que Seus filhos permaneçam os mesmos, com ou sem o sentimento elevado. Ele quer que Seus filhos tenham comunhão com Ele e O sirvam fielmente, estando felizes ou tristes.

O filho de Deus não deve formular sua vida de acordo com aquilo que ele sente. Se está servindo ao Senhor fielmente e fazendo intercessão pelos outros, ele deve fazer isto estando triste ou alegre. Ele não deve servir apenas quando se sente restaurado, deixando de servir ao se sentir seco. Se não pudermos subjugar nossas inúmeras e variadas sensações, então não poderemos de modo algum conquistar nossas diversas circunstâncias. Aquele que falha em vencer as situações ao seu redor, é o que fracassou em subjugar seu sentimento.

Quarto. Deus tem outro objetivo em vista: Ele pretende treinar nossa vontade. Uma vida espiritual genuína não é uma vida de sentimento; pelo contrário, é uma vida de vontade. A vontade de um homem espiritual já foi renovada pelo Espírito Santo e agora aguarda a revelação do espírito, antes de emitir uma ordem atodo o ser. Infelizmente, a vontade de muitos santos frequentemente é tão fraca que não pode cumprir as ordens que lhe são dadas, e, estando sob a influência da emoção, ela rejeita a vontade de Deus. O treinamento e fortalecimento da vontade se torna, portanto, um passo muito essencial.

Um cristão entusiasmado pode avançar facilmente, porque tem o apoio da sua alta emoção. Mas se fica abatido, o avançar se torna difícil porque só pode depender da sua vontade. Deus pretende tornar a vontade forte, mas não para agitar a emoção. De tempo em tempo Ele permite que um filho Seu experimente uma espécie de sentimento cansado, estéril e insípido, a fim de forçá-lo a exercitar sua vontade através da força do espírito, na realização da mesma coisa que ele faria por ocasião do estímulo emocional. Quando estimulada, a emoção realiza a tarefa; mas agora Deus quer que a vontade do crente opere no lugar da emoção. A vontade só pode ser fortalecida gradativamente por meio do exercício durante os períodos em que não recebe qualquer auxílio do sentimento. Quantos confundem a sensação como sendo o padrão da vida espiritual. Erroneamente interpretam o momento do sentimento forte como sendo o seu ápice espiritual e o momento em que não se tem tal sentimento como sendo o mais baixo. Eles não sabem que a verdadeira vida de alguém é vivida por seu espírito através da vontade. A posição que sua vontade alcança na hora do sentimento árido representa a realidade da realização cristã. Seu modo de permanecer em meio à seca, é sua autêntica vida. A autenticidade da sua vida se manifesta no seu modo de pensar pelos períodos de aridez.

Quinto. Atuando dessa forma, Deus deseja conduzir o cristão a um nível mais elevado de existência. Se examinarmos cuidadosamente o caminhar cristão, verificaremos que o Senhor em cada exemplo em que desejou conduzir os Seus a um planalto espiritual mais elevado, primeiro Ele concedeu um gosto de tal vida ao sentimento deles. Podemos dizer que em cada ocasião em que alguém experimenta uma vida de sentimento, ele alcançou mais uma estação na sua jornada espiritual. Deus lhe concede um antegozo daquilo que Ele deseja que ele tenha, dando-lhe primeiro o sentimento, retirando depois a sensação, para que por seu espírito, através da sua vontade, ele possa conservar o que sentiu. Se seu espírito pode avançar com o auxílio da sua vontade, o cristão, desprezando sua emoção, pode ver então que fez progresso real em seu caminhar. Isto é confirmado por nossa experiência comum. Enquanto estamos buscando um tipo de existência de altos e baixos, geralmente achamos que não fizemos nenhum progresso. Concluímos que, durante estes meses ou anos, fomos simplesmente para frente e para trás, ou então para trás e depois para frente. Se contudo, fôssemos comparar nossa situação espiritual atual com aquela que alcançamos no início de tais fenômenos alternados, descobriríamos que realmente fizemos algum progresso. Nós avançamos inconscientemente.

Muitos erram porque não se apropriaram deste ensinamento. Depois de se consagrarem inteiramente ao Senhor, visando entrar em experiências tais como santificação ou vitória sobre o pecado, eles, verdadeira e distintamente, penetram num novo tipo de vida. Acreditam que fizeram progresso por estarem transbordando de alegria, luz e leveza. Eles já se consideram em posse daquele curso perfeito que admiravam e buscavam. Mas depois de algum tempo, sua situação nova e feliz evapora repentinamente; lá se foram a alegria e a emoção. Muitos desmaiam em seus corações. Julgam-se agora desqualificados para à perfeita santificação e inadequados para possuírem a vida mais abundante que os outros possuem. O julgamento Deles se baseia no fato de terem perdido aquilo que por muito tempo admiraram e possuíram portão pouco tempo. O que não entendem é que estiveram experimentando uma das leis de Deus mais essenciais que é: aquilo que foi possuído na emoção deve ser preservado na vontade; somente o que é retido na vontade se torna verdadeiramente parte da vida de alguém. Deus retirou apenas o sentimento; Ele quer que exercitemos nossa vontade, para fazer aquilo que anteriormente nosso sentimento nos estimulara afazer. Em pouco tempo descobriremos que o que perdemos em nosso sentimento, se tornou, inconscientemente, parte da nossa vida. Esta é a lei espiritual. A lembrança disso nos fará bem, para que nunca venhamos a desanimar.

O problema todo está, portanto, na vontade. Nosso órgão de decisão ainda está entregue ao Senhor? Está livre para seguir a liderança do espírito como antes? Se está, então não importa quanto o sentimento tenha mudado: não há com o que se preocupar. O que deve nos incomodar é isto: nossa vontade está obedecendo o espírito? Não sejamos indulgentes com nossos sentimentos. Devemos prestar atenção àquilo que acontece com respeito à experiência do novo nascimento: nessa ocasião o crente geralmente fica cheio de sensações; mas elas logo desaparecem. Veio tal crente a perecer novamente? Naturalmente que não! Ele já chegou a possuir vida em seu espírito. O que ele sente depois não faz a mínima diferença.

O PERIGO DESTA VIDA

Positivamente não existe perigo se, depois de ter tido tal experiência, compreendemos seu significado e prosseguimos de acordo com a vontade de Deus. Mas pode ser muitíssimo arriscado para a vida espiritual a ausência de entendimento da vontade de Deus e a falha em resistir o viver pelo sentimento; isto é, quando experimentamos um sentimento animado, nós avançamos sem hesitar, mas na ausência Dele, recusamos nos mover completamente. Aqueles que fazem do sentimento o seu princípio de vida, se expõem a muitos perigos.

Qualquer que caminha por emoções alegres, geralmente é fraco em sua vontade. Ele é incapaz de seguir a direção do espírito. O desenvolvimento do sentido espiritual é impedido pela substituição da intuição do espírito por seu sentimento. Ele anda por sua emoção. Sua intuição por um lado é abafada pela emoção e por outro é deixada sem uso; seu crescimento é mínimo. A intuição só é ativa quando a emoção está quieta; somente aí ela pode comunicar seu pensamento ao homem. Se for exercitada sempre, ela fica mais forte. Mas a vontade daquele que se apoia no sentimento, fica destituída

do seu poder soberano: sua intuição fica sufocada e não pode transmitir uma voz distinta. Visto que a vontade desliza para uma condição seca, o crente exige mais auxílio do sentimento para impelir a vontade a trabalhar. A vontade se move pelo sentimento. Se o sentimento é elevado, a vontade é ativa; mas se ele for tirado, a vontade suspende sua ação. Ela não tem poder para fazer nada por si mesma; ela depende da ativação da emoção para movê-la. Neste meio tempo, a vida espiritual do crente naturalmente afunda mais e mais, até dar a impressão de que sempre que a emoção está ausente não existe qualquer indicação de vida espiritual. A operação da emoção tornou-se um narcótico para os tais! Quão trágico que alguns permaneçam inconscientes deste fato e busquem a emoção como sendo o zénite da vida espiritual.

A causa por detrás deste erro jaz no engano que o sentimento comunica. Por ocasião de grande êxtase, o filho de Deus não sente apenas o amor do Senhor mas também um amor intenso da sua parte para com o Senhor. Devemos rejeitar nosso sentimento de amor para com o Senhor? Pode uma tal sensação calorosa de amor para com Ele nos ferir? Esta pergunta em si mesma manifesta a tolice desses santos.

A pergunta deve ser feita de outro modo: uma pessoa está realmente amando ao Senhor quando está cheia de exultação? Não será que ela está amando o sentimento de exultação? Imaginemos que esta alegria seja dada por Deus; mas não é Deus Quem também a tira? Se O amássemos genuinamente, nós O amaríamos com todo o fervor, em qualquer circunstância que Ele nos colocasse. Se nosso amor só está presente quando sentimos-, então talvez não estejamos amando a Deus e sim ao nosso sentimento.

Além do mais, alguém pode entender errado que tal sentimento seja o próprio Deus, ignorando que existe uma enorme diferença entre Deus e a alegria de Deus. Antes de chegar ao período de aridez com respeito ao sentimento, o Espírito Santo não lhe mostrará que sua ardente busca não era de Deus e sim da alegria que Ele dá. Realmente ele não ama a Deus; o que ele ama é o sentimento que o faz feliz. A sensação, em verdade, lhe dá o sentimento do amor e presença de Deus; todavia tal amor não é apenas pela Pessoa de Deus e sim porque ele se sente restaurado, radiante e animado. Por isso ele anseia de novo portal sentimento, sempre que ele desaparece. O que lhe traz prazer é a alegria de Deus e não o Próprio Deus. Se estivesse realmente amando a Deus, ele O amaria mesmo que tivesse que sofrer ao passar por "muitas águas" e "inundações" (Cant. 8:7).

Esta, sem dúvida, é uma lição muito difícil de ser aprendida. Realmente devemos ter alegria e o Senhor tem prazer em nos dar esta alegria. Se desfrutamos da felicidade Dele, segundo Sua vontade, tal prazer é proveitoso e não prejudicial. (Isto quer dizer que nós mesmos não buscamos tal alegria, embora sejamos gratos a Deus caso Ele no-la conceda; todavia, ficamos igualmente gratos caso Ele queira que estejamos áridos. Não tentaremos forçar a situação). Entretanto, se a consideramos tão agradável a ponto de buscá-la diariamente, então já abandonamos a Deus pela alegria que Ele concede. O sentimento alegre que Deus dá, nunca pode estar separado Dele que é o Doador. Se tentarmos desfrutar da sensação prazerosa que Ele concede, mas à parte Dele, nossa

vida espiritual estará em perigo. Quer dizer, não podemos progredir espiritualmente, se achamos satisfação na alegria que Deus dá e não em Deus como nossa alegria. Quão frequentemente nós O amamos, não por causa Dele Mesmo, mas por causa de nós mesmos. Nós amamos porque amando a Deus experimentamos uma espécie de alegria em nossos corações, isto revela claramente que nós, na realidade, não O amamos; o que amamos é a alegria, mesmo sendo ela a alegria de Deus.

Isto indica que estimamos a dádiva de Deus mais do que a Deus, que é o Doador! Isto prova também que continuamos a andar pela nossa vida da alma e não apreciamos o que é a verdadeira vida espiritual. Endeusamos o sentimento alegre e, incorretamente, o consideramos prazeroso. A fim de curar Seus filhos desse erro, Deus retira o sentimento de alegria, segundo Seu querer, e os lança no sofrimento para que saibam que o prazer está Nele e não em Sua alegria. Se fizerem de Deus sua verdadeira alegria, eles O enaltecerão e O amarão mesmo na hora do sofrimento; se isto não acontecer, serão afundados nas trevas. Deus, ao agir assim, não visa destruir nossa vida espiritual, mas, visto não ser Ele o único que adoramos, Seu alvo é destruir todos os ídolos que cultuamos. Ele quer eliminar tudo o que é obstáculo no nosso caminhar espiritual. Ele quer que vivamos Nele e não em nossos sentimentos.

Outro perigo pode surgir para aqueles que vivem pela sensação e não pelo espírito através da vontade: eles podem ser enganados por Satanás. Este é um assunto sobre o qual devemos estar bem informados. Satanás é perito na imitação dos sentimentos que vêm de Deus. Se ele tenta confundir os cristãos que aspiram andar totalmente segundo o espírito, usando vários tipos de sensações, quanto mais ele procurará enganar aqueles que desejam andar por seu sentimento. Na busca da emoção eles caem diretamente nas mãos de Satanás, pois este deseja supri-los com toda espécie de sentimentos, os quais serão recebidos como que vindos de Deus.

O espírito maligno é capaz de animar ou deprimir as pessoas. Uma vez que alguém é iludido para aceitar o sentimento oferecido por Satanás, ele já cedeu terreno para o inimigo em sua alma. O engano continuará até que Satanás ganhe quase todo o controle sobre seu sentimento. Algumas vezes Satanás o induzirá a experimentar até mesmo sensações sobrenaturais de tremor, eletrificação, congelamento, transbordamento, flutuação no ar, fogo da cabeça aos pés e o desaparecimento de toda a sua impureza etc. Quando alguém é seduzido a este ponto, todo o seu ser chega a prosperar nos sentimentos, sua vontade fica totalmente paralisada e sua intuição completamente cercada. Ele passa a ter sua existência totalmente no homem exterior; seu homem interior fica completamente amarrado. Neste estágio ele segue a vontade de Satanás em quase tudo, pois o inimigo só precisa lhe dar algum sentimento particular, a fim de incitá-lo a fazer o que ele quer. A tragédia é que o crente não está ciente de estar sendo enganado por Satanás; pelo contrário, ele se julga mais espiritual do que os outros, pelo fato de desfrutar de tais experiências sobrenaturais.

Fenômenos sobrenaturais tais como estes descritos, prejudicam severamente a vida espiritual de muitos cristãos hoje. Incontáveis são os filhos de Deus que têm caído nesse buraco. Eles consideram estas ocorrências sobrenaturais (que dão a eles um

sentimento físico do poder do espírito e os tornam felizes ou tristes, quentes ou frios, sorridentes ou chorões e que os supre com visões, sonhos, vozes, fogos e até mesmo sensações maravilhosas indescritíveis) como sendo definitivamente concedidas peio Espírito Santo, representando assim, a mais alta conquista de um cristão. Eles não conseguem ver que tudo isto são as obras do espírito maligno. Eles não sonhariam nunca que o espírito maligno pudesse realizar tal obra, à semelhança do Espírito Santo. Eles ignoram totalmente o fato de que o Espírito Santo opera no espírito dos homens. Qualquer coisa que induza sentimento ao corpo procede, nove entre dez vezes, do espírito maligno. Por que tantos caem nesta armadilha? Simplesmente porque não vivem no espírito, mas gostam de viver em seus sentimentos! Eles, consequentemente, oferecem oportunidade ao poder ímpio de operar seus truques. Os cristãos devem aprender a negar sua vida de sensações, caso contrário darão terreno ao inimigo para enganá-los.

Avisemos seriamente a cada um dos filhos de Deus que observem cuidadosamente seu sentimento físico. Não devemos permitir que nenhum espírito crie qualquer sentimento em nosso corpo contra nossa vontade. Devemos resistir cada um desses sentimentos físicos exteriores. Não devemos nunca acreditar em nenhuma dessas sensações físicas. Ao invés de segui-las, devemos impedi-las, pois constituem o engano inicial do inimigo. Devemos seguir, solenemente, a intuição nas profundezas do nosso ser.

Uma observação cuidadosa do viver pelo sentimento de um cristão, pode revelar um princípio fundamental em tal vida que é: "por amor do ego". Por que a sensação de alegria é tão buscada? Por causa do ego. Por que a aridez é tão detestada? Também por causa do ego. Por que buscar sentimentos físicos? Por causa do ego. Nós ansiamos por experiências sobrenaturais também por causa do ego. Oh, que o Espírito Santo possa abrir nossos olhos, para vermos quão cheia do ego é a assim chamada "vida espiritual" do sentimento! Que o Senhor possa nos mostrar que quando estamos cheios de emoções alegres, nossa vida ainda está centralizada no ego. É o amor pela autossatisfação! A realidade ou falsidade da vida espiritual pode ser medida pelo modo como tratamos o ego.

A Bíblia nos revela o curso normal do caminhar de um cristão em passagens como: "o justo viverá peia fé" (Rm. 1:17); "a vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé no Filho de Deus" (Gl. 2:20); e, "andamos por fé e não por vista" (2Co. 5:7). Devemos viver pela fé. Embora tal princípio possa ser rapidamente apanhado pela mente, experimentá-lo em vida não acontece imediatamente.

5. A VIDA DE FÉ

A vida de fé não é apenas totalmente diferente da vida de sentimento, mas é completamente oposta a ela. Aquele que vive por sensações só pode seguir a vontade de Deus ou buscar as coisas que são de cima nas ocasiões de animação; mas, se seu sentimento de alegria cessar, todas as atividades param. Assim não acontece com aquele que anda pela fé. A fé está ancorada Naquele em Quem ele crê e não naquele que exercita o crer, isto é, Nele mesmo. A fé não olha para o que acontece a ele, mas para Aquele em Quem ele crê. Embora ele possa mudar completamente, Aquele em Quem ele confia nunca muda e, por isso, pode prosseguir sem parar. A fé estabelece seu relacionamento com Deus. Ela não considera seu sentimento porque está envolvida com Deus. A fé segue Aquele em Quem se crê, enquanto que o sentimento se volta para o modo como alguém se sente. A fé contempla a Deus, enquanto que o sentimento contempla o ego de alguém. Deus não muda; Ele é o mesmo Deus no dia nublado ou ensolarado. Por isso aquele que vive pela fé é tão imutável quanto Deus; ele expressa o mesmo tipo de vida através das trevas ou da luz. Mas aquele que habita nos sentimentos, deve seguir uma existência de altos e baixos porque seu sentimento está sempre mudando.

O que Deus espera dos Seus filhos é que eles não façam do prazer o propósito de suas vidas. Ele deseja que eles caminhem crendo Nele. A corrida espiritual deve ser mantida, quer se sintam confortáveis ou angustiados. Eles nunca mudam sua atitude para com Deus, por causa das suas sensações e continuam a avançar, a despeito de quão secas, sem sabor ou negras sejam as circunstâncias. Confiando em Deus eles avançam desde que saibam ser esta a vontade de Deus. Frequentemente o sentimento Deles parece rebelar contra este avanço: eles se tornam muito tristes, melancólicos, desanimados, como se suas emoções estivessem clamando para cessarem com toda a atividade espiritual. Eles, entretanto, prosseguem como sempre, ignorando total mente este sentimento contrário, porque reconhecem que esta obra deve ser feita. Esta é a estrada da fé, que não presta atenção à emoção mas exclusivamente ao propósito de Deus. Se algo é crido como sendo a mente de Deus, deve ser realizado, não importa quão desinteressado esteja o sentimento de alguém. Aquele que anda pela sensação só realiza aquilo em que está interessado; o que anda pela fé, obedece completamente a vontade de Deus e não se preocupa em nada com seu próprio interesse ou indiferença.

A vida de sentimento faz com que as pessoas se afastem da habitação em Deus para encontrarem satisfação na alegria, enquanto que a vida de fé leva os crentes a estarem satisfeitos com Deus pela fé. Por possuírem a Deus, seus sentimentos felizes não acrescentam nada à alegria Deles, nem tampouco suas sensações dolorosas os tornam miseráveis.

Uma vida de emoção induz o santo a viver para si mesmo, mas uma vida de fé o capacita a viver para Deus sem ceder terreno à sua vida do ego. Quando o ego é considerado e agradado, esta não é uma vida de fé e sim uma vida de sentimento. O sentimento delicado realmente agrada o ego. Se alguém anda segundo a sensação, isto

indica que ele ainda não entregou sua vida natural à cruz. Ele ainda reserva algum lugar para o ego, desejando fazê-lo feliz, enquanto prossegue, simultaneamente, trilhando o caminho espiritual.

A experiência cristã, do princípio ao fim, é uma jornada de fé.

Por meio dela podemos entrar na posse de uma nova vida e através dela andamos por esta nova vida. A fé é o princípio de vida do cristão. Isto naturalmente é reconhecido por todos os santos; mas, o que é bastante estranho é que muitos parecem descuidar disso em sua experiência. Eles esquecem que o viver e o se mover pela emoção ou sentimentos de felicidade está relacionado com a vista e não com a fé. O que é a vida de fé? É aquela vivida de modo contrário à vida de sentimento, desprezando-a totalmente. Se desejam viver por este princípio, os cristãos não devem alterar sua conduta ou clamar amargamente, como se tivessem sido despojados da sua vida espiritual sempre que se sentirem frios, secos, vazios ou afligidos. Vivemos pela fé e não pela alegria.

A OBRA MAIS PROFUNDA DA CRUZ

Quando abandonamos a felicidade física e os prazeres mundanos, somos tendentes a concluir que a cruz terminou sua obra perfeita em nós. Não percebemos que na obra de Deus com respeito à anulação da velha criação em nós, resta uma cruz mais profunda nos aguardando. Deus quer que morramos para Sua alegria e vivamos para Sua vontade. Mesmo que nos sintamos alegres por causa de Deus e da Sua proximidade (em contraste com o ser feliz por causa de coisas carnais e terrenas), o alvo de Deus, não obstante, não é que desfrutemos da Sua alegria e sim que obedeçamos Sua vontade. A cruz deve continuar operando até restar apenas Sua vontade. Se nos regozijamos na felicidade que Deus concede, mas rejeitamos o sofrimento também concedido por Ele, então ainda temos que experimentar a circuncisão mais profunda por meio da cruz.

Grande é o contraste entre a vontade e a alegria de Deus. A primeira sempre está presente, porque podemos contemplar a mente de Deus em Seus arranjos providenciais; mas a segunda não está sempre presente, pois só é experimentada em certas circunstâncias e em certas ocasiões. Quando um cristão busca a alegria de Deus, ele participa simplesmente do Seu propósito que o faz feliz; ele não deseja a vontade total de Deus. Ele escolhe obedecer o alvo de Deus quando Deus o torna feliz; mas se Deus fizer com que sofra, imediatamente ele se revoltará contra Sua vontade. Aquele porém, que recebe Sua vontade como sua vida, obedecerá, a despeito da maneira como Deus fizer com que ele se sinta. Ele pode discernir o planejamento Divino tanto na alegria quanto no sofrimento.

Durante o estágio inicial da experiência de um cristão, Deus permite que ele se Deleite em Sua alegria; depois de avançar certa medida em seu caminhar espiritual, Deus retira Sua alegria, visto ser isto proveitoso para o cristão. Deus sabe que se o crente buscar e desfrutar desse tipo de felicidade por muito tempo, ele não poderá viver por

toda a palavra que procede da Sua boca; pelo contrário, ele viverá totalmente por aquela palavra que o torna feliz. Assim ele habita no conforto de Deus mas não em Deus que dá o conforto. Por esta razão Deus deve remover essas sensações de prazer a fim de que Seu filho possa viver exclusivamente por Ele.

Sabemos que o Senhor, no início do nosso caminhar espiritual, normalmente nos conforta durante os períodos em que sofremos por Sua causa. Ele faz com que o crente sinta Sua presença, veja Seu rosto sorridente, sinta Seu amor e experimente Seu cuidado, para evitar que ele desanime. Quando o crente compreende a mente do Senhor e a segue, Ele, geralmente, lhe concede grande prazer. Embora tenha pago certo preço para seguir ao Senhor, a alegria que ele obtém ultrapassa em muito aquilo que perdeu e, por isso, ele se Deleita em obedecer Sua vontade. Mas o Senhor percebe um perigo aqui: após experimentar conforto no sofrimento e felicidade em observar Sua mente, o filho de Deus naturalmente espera por tal conforto e alegria na próxima vez que sofrer ou obedecer a vontade do Senhor, ou então pela ajuda imediata para Seu conforto e alegria. Assim ele sofre ou faz a vontade do Senhor não apenas por amor a Ele, mas por amor à recompensa do consolo e felicidade. Sem estas muletas ele não tem poder para continuar. A vontade do Senhor torna-se inferior à alegria que Ele concede por ocasião da obediência.

Deus sabe que Seus filhos desejam muito sofrer, se forem confortados e que têm prazer em seguir Sua vontade, se lhes for concedida a alegria. Mas Deus agora deseja saber o que os motiva: se sofrem exclusivamente por amor ao Senhor, ou se por amor ao conforto que lhes será dado; se atenderem a mente de Deus pelo fato delator que ser atendida, ou porque recebem alguma alegria ao fazer isto. Por esta razão, depois que o cristão faz algum progresso espiritualmente, Deus começa a retirar o consolo e prazer que lhe fora dado por Ele, na hora do sofrimento e da obediência. Agora o cristão deve sofrer sem qualquer ministração de conforto da parte de Deus; ele sofre externamente enquanto se sente amargo interiormente. Ele deve fazer a vontade de Deus sem a menor coisa que estimule seu interesse; realmente tudo é seco e desinteressante. Por meio desse processo, Deus vai saber exatamente porque o crente sofre por Ele, ou obedece sua vontade. Deus está lhe perguntando: você está disposto a perseverar sem ser compensado pelo Meu conforto? Você está preparado para perseverar simplesmente por Mim? Você se submete para realizar um trabalho que não lhe interessa nem um pouco? Você pode fazer isto apenas por ser o Meu propósito? Você poderá se comprometer por Mim, mesmo quando se sentir deprimido, insípido e seco? Você poderá fazer isto simplesmente por causa da Minha obra? Você é capaz de aceitar com alegria o sofrimento físico, sem qualquer compensação de refrigério? Você pode aceitar isto simplesmente porque é dado por Mim?

Esta ê uma cruz prática, e, por meio dela, o Senhor nos revela se vivemos para Ele pela fé, ou se vivemos para nós pelo sentimento. Frequentemente ouvimos as pessoas dizerem: "Eu vivo para Cristo." O que isto realmente significa? Muitos santos entendem que se estiverem trabalhando para o Senhor, ou dando-Lhe seu amor eles estão vivendo para Cristo. A realidade não é bem assim.

Viver para o Senhor quer dizer viver para sua vontade, para o Seu interesse e para o Seu reino. Nestas coisas não existe nada para o ego, nem a menor provisão para o conforto, alegria ou glorificação própria. Seguir a mente de Deus por causa do conforto ou alegria, é algo estritamente proibido. Recuar, cessar ou ser vagaroso na obediência, pelo fato do sentimento estar deprimido, insípido ou abatido, é positivamente permissível. Devemos saber que o sofrimento físico em si, não pode ser considerado sofrimento paciente pelo Senhor, porque frequentemente nossos corpos sofrerão dor enquanto nossos corações estarão cheios de alegria. Se realmente sofrermos por Ele, então não apenas nossos corpos sofrerão mas os nossos próprios corações hão de sentir dor também. Embora não haja o mínimo de alegria, ainda assim prosseguimos. Devemos entender que viver para o Senhor é não reservar nada para o ego mas entregá-lo voluntariamente à morte.

Aquele que é capaz de aceitar com alegria tudo o que vem do Senhor, incluindo as trevas, a aridez e a insipidez, e não fizer nenhum caso do ego, este é o que vive para o Senhor.

Se andamos pela emoção, só. podemos realizar o desejo de Deus quando nos sentimos felizes. Mas se vivemos pela fé, podemos obedecer o Senhor em todas as ocasiões. Quão frequentemente reconhecemos que certo assunto é na verdade a vontade do Senhor e mesmo assim não temos o menor interesse nela. E, por isso, nos sentimos secos ao tentar fazê-la. Não temos confirmação de que o Senhor está satisfeito, nem tampouco experimentamos Sua bênção ou fortalecimento. Pelo contrário, sentimos como se estivéssemos passando pelo vale da sombra da morte, pois o inimigo está contestando nosso caminho. E o mais triste é que uns poucos seguem a vontade do Senhor, mas apenas, naquelas partes que lhes interessa para não mencionar os inúmeros crentes que absolutamente não a seguem em nada. Os que obedecem, visam apenas satisfazer sua emoção e desejo! A menos que avancemos pela fé, o resultado será uma fuga para Tarsis (veja Jonas 1:3; 4:2).

Devemos perguntar novamente: o que é a vida de fé? É a vida que crê em Deus sob qualquer circunstância: "Se ele me matar," diz Jó, "ainda assim confiarei Nele" (13:15-Darby). Isto é fé. Por ter crido, amado e confiado em Deus, eu hei de crer, amare confiar em qualquer circunstância que Ele me colocar e a despeito do sofrimento em meu coração e corpo. Hoje em dia os filhos de Deus esperam se sentir em paz, mesmo no tempo da dor física. Quem é aquele que ousa recusar este consolo de coração por crer em Deus? Quem pode aceitar alegremente a vontade de Deus e se entregar continuamente a Ele, mesmo sentindo que Deus o odeia e deseja matá-lo? Esta é a vida mais elevada. Naturalmente que Deus nunca vai nos tratar assim. Entretanto, no caminhar de muitos cristãos mais adiantados, parece haver uma experiência semelhante a este aparente abandono da parte de Deus. Seríamos capazes de permanecer firmes em nossa fé em Deus caso nos sentíssemos assim? Observe o que declarou João Bunyan, autor do livro O Progresso do Peregrino, quando os homens tentaram enforcá-lo: "Se Deus não intervir, saltarei para a eternidade com fé í cega, venha céu, venha inferno!" Ali estava um herói da fé! Na hora do desespero podemos

nós também dizer: "Ó Deus, mesmo que me abandones, ainda assim crerei em Ti"? A emoção começa a duvidar ao sentir as trevas, enquanto que a fé se agarra a Deus mesmo em face da morte.

Quão poucos alcançaram tal nível! Como nossa carne resiste um andar com Deus tal como este! A relutância natural com respeito a carregar a cruz, tem impedido muitos em seu progresso espiritual. A tendência Deles é reservar um pouco de prazer para seu Deleite próprio. Perder tudo no Senhor, até mesmo a autossatisfação, é uma morte por demais radical, uma cruz muito pesada! Eles podem ser plenamente consagrados ao Senhor,, podem sofrer dor indescritível por Ele e pagar até mesmo um preço por seguirem a vontade de Deus, mas não podem desistir daquele insignificante sentimento de prazer próprio. Muitos estimam este conforto momentâneo; a vida espiritual Deles se apoia nestes mínimos períodos de sentimento. Se exercitassem coragem para se sacrificarem na fornalha de fogo de Deus, sem qualquer demonstração de pena ou amor pelo ego, dariam grandes passos na carreira espiritual. Mas muitíssimos dos filhos de Deus permanecem subordinados à sua vida natural, confiando naquilo que se vê e se sente como segurança e proteção; eles não têm coragem nem fé para explorar o que não se vê, o que não se sente e o caminho não trilhado. Já fizeram um círculo ao redor Deles; sua alegria ou tristeza depende de um pouco de ganho aqui, um pouco de perda ali; eles não aceitam nada mais elevado. Desse modo ficam limitados por seu próprio e insignificante ego.

Se o cristão reconhecesse que Deus deseja que ele viva pela fé, ele não murmuraria contra Deus tão frequentemente, nem conceberia estes pensamentos de insatisfação. Quão rapidamente esta vida natural seria cortada pela cruz, se pudéssemos aceitar o sentimento seco dado por Deus, considerando tudo o que é dado por Ele como sendo excelente. Não fosse por sua ignorância ou involuntariedade, tais experiências tratariam com a vida da alma do crente de modo bem prático, capacitando-o a viver verdadeiramente no espírito. Quão triste o fato de muitos não alcançarem nada mais do que a busca de um pouco de sentimento de alegria. Os fiéis, entretanto, são levados por Deus à genuína vida espiritual. Quão piedoso é o caminhar Deles! Quando examinam retrospectivamente o que experimentaram, reconhecem que o arranjo do Senhor é perfeito, pois, devido somente a estas experiências é que eles renunciam sua vida da alma. A necessidade gritante de hoje é de crentes que se entregam totalmente a Deus e ignoram seus sentimentos.

Todavia, isto não deve ser entendido deforma errada, como se daqui para a frente nos tornássemos pessoas sem alegria. "Alegria no Espírito Santo" é a maior benção no reino de Deus (Rm. 14:17). Além do mais, o fruto do Espírito Santo é alegria (Gl. 5:22). Se é assim, como reconciliar esta aparente discrepância? Muito simples: embora perdendo a alegria em nosso sentimento, a alegria que adquirimos brota de uma fé pura e não pode ser destruída. Alegria desse calibre é bem mais profunda do que a emoção. Quando nos tornamos espirituais, nós abandonamos o antigo desejo de autossatisfação

e a velha busca pela felicidade; mas a paz e alegria do espírito que nasce da fé permanece para sempre.

SEGUNDO O ESPÍRITO

Para andar segundo o espírito, o cristão deve renunciar cada partícula da sua vida de sentimento. Deve se mover pela fé e eliminar as muletas da sensação maravilhosa, à qual a carne naturalmente se apega. Quando está seguindo o espírito, ele não, teme caso não receba ajuda do sentimento, nem quando o sentimento se opõe a ele. Mas quando sua fé está fraca e ele não segue o espírito, então se volta para o apoio do que é visível, sensível e tocável. A emoção toma o lugar da intuição na questão da direção sempre que a vida espiritual se enfraquece. Aquele que habita no sentimento vai ver que, tendo buscado durante muito tempo as sensações de prazer, logo irá em busca do auxílio do mundo porque o sentimento não se apoia em nenhum lugar a não ser no mundo. Um cristão emotivo frequentemente emprega seus próprios métodos e busca a ajuda do homem. É necessário fé para se seguir a liderança do espírito, porque ela geralmente é contrária ao sentimento. Sem fé ninguém pode realmente fazer progresso. Uma pessoa da alma**, para de servir a Deus no momento em que se torna deprimida; por outro lado, aquele que vive pela fé não cessa de servir a Deus enquanto espera se tornar alegre. Ele simplesmente avança, enquanto suplica a Deus para fortalecer a força do seu espírito, a fim de poder vencer qualquer sentimento de depressão que possa vir sobre ele.

A VIDA DA VONTADE

A vida de fé pode ser chamada a vida da vontade, visto que a fé é indiferente à maneira como alguém se sente, mas escolhe através da volição obedecer a vontade de Deus. Embora o cristão, em seu sentimento pareça não estar obedecendo a Deus, ainda assim ele quer obedecê-Lo. Encontramos dois tipos opostos de cristãos: um depende da emoção e o outro confia na vontade renovada. O cristão que confia no sentimento só pode obedecer a Deus enquanto recebe estímulo do seu sentimento, isto é, do sentimento estimulante. Aquele entretanto, que depende da vontade, determina que servirá a Deus em meio a quaisquer circunstâncias ou sentimentos. Sua vontade reflete sua verdadeira opinião, enquanto que seu sentimento só é ativado pelo estímulo exterior. Do ponto de vista de Deus, fazer Sua vontade movido por uma sensação de prazer, produz resultados que nada valem. Os que agem assim, são simplesmente persuadidos pela alegria de Deus e não por uma aspiração total do coração em fazer Sua vontade. A menos que o cristão decida fazer a vontade de Deus, mesmo sem sentir um mínimo de alegria e sem ser estimulado por algum sentimento maravilhoso, sua obediência não pode ser considerada como tendo valor, por não fluir honestamente do seu coração e por não expressar seu respeito por Deus e o desprezo pelo ego. A distinção entre o que é espiritual e o que é da alma** está precisamente neste ponto: o que é da alma** considera em primeiro à si mesmo e, por isso, só obedece quando sente que seu desejo foi satisfeito; o espiritual tem sua vontade cooperando plenamente com Deus e, por isso, aceita Seu arranjo sem vacilar, embora não tenha auxílio ou estímulo exterior.

Qual é a nossa glória se obedecemos a Deus apenas quando experimentamos alegria em nosso corpo? Ou como podemos nos orgulhar se desfrutamos do conforto do Senhor enquanto sofremos? O precioso aos olhos de Deus é quando determinamos obedecer Sua mente e sofrer por Ele mesmo quando o conforto, o amor, o auxílio, a presença e alegria do Senhor estão ausentes.

Um grande número de cristãos não estão cientes do fato de que andar pelo espírito é andar pela vontade que está unida a Deus. (Uma vontade que não está assim unida, não é digna de confiança e é volúvel; para se escolher aquilo que o espírito deseja, exige-se uma vontade totalmente submissa a Deus). No estágio inicial de sua experiência cristã, eles ouviram falar de santos que desfrutaram de indescritível felicidade durante a obediência ou sofrimento. Sua admiração por tal vida era grande e por isso se ofereceram também exclusivamente ao Senhor, na esperança de possuírem esta vida "mais elevada". Depois de sua consagração, eles realmente experimentaram, uma e outra vez, a intimidade e o amor do Senhor, e isto os levou à conclusão de que sua esperança havia sido realizada. Mas, em pouco tempo estas experiências maravilhosas se tornaram história passada.

Por não estarem cientes de que a expressão da verdadeira vida espiritual não brota do sentimento e sim da vontade, muitos sofrem dores intermináveis, por crerem que perderam sua vida espiritual ao deixar de sentir sensações de alegria. Tais crentes, no período em que descobrem que o sentimento diminuiu, precisam verificar se o coração srcinal de consagração mudou, ou se ainda nutrem o desejo de fazer a vontade de Deus. Ainda estão dispostos a sofrer por Ele? Existe alguma mudança em sua disposição de fazer qualquer coisa ou de ir a qualquer lugar para Deus? Se estas coisas não forem alteradas, então a vida espiritual Deles não retrocedeu.

Mas se houve mudança, então a vida no espírito realmente voltou atrás.

Visto que a regressão de alguém não é por causa de qualquer perda de alegria mas o enfraquecimento da sua vontade em obedecer a Deus, assim seu progresso não acontece por ele agora possuir muitos sentimentos de prazer que antes não tinha, mas por causa de uma união mais profunda da sua vontade com Deus. É isto que o faz mais inclinado a seguir a vontade de Deus e mais submisso aos Seus desejos. A pedra de toque da genuína vida espiritual, pode ser vista no quanto a vontade de alguém está unida com a de Deus; a sensação boa ou má, sentimento feliz ou triste, não servem em nada como indicadores. Se alguém deseja ser fiel a Deus até à morte, a despeito de quão seco se sinta, seu curso espiritual se torna o mais nobre. A espiritualidade é medida por nossa vontade, porque ela revela nossa condição sem disfarce. Quando nossas escolhas e decisões são entregues a Deus, podemos dizer com segurança que nos. submetemos a Deus e não mais agimos como nossos próprios senhores. O ego permanece em oposição à vida espiritual. O quebrantamento do ego permite o crescimento da vida; se o ego permanecer forte, esta vida sofrerá. Podemos, igualmente, julgar a espiritualidade de alguém observando sua vontade. O sentimento, pelo contrário, é distintamente diferente. Mesmo possuindo as mais gloriosas

sensações, estamos, não obstante, cheios do ego, pois agradamos e satisfazemos a nós mesmos.

Não se enganem os que sinceramente buscam o crescimento espiritual, julgando ser o sentimento o princípio de suas vidas, pois isto os induzirá a serem sempre conscientes de sensações palpáveis. Certifiquem-se de que a vontade está totalmente oferecida a Deus. O ter ou não alegria não deve ser levado em conta. Deus quer que vivamos pela fé. Se Ele quiser que vivamos pela fé e estejamos satisfeitos apenas com Sua vontade, destituídos do consolo ou prazer estático durante muito tempo, estaremos dispostos a viver assim? Devemos nos Deleitar por obedecermos a mente de Deus e não por nos ser concedida alguma alegria. A vontade de Deus apenas, deveria ser suficiente para nos tornar felizes.

O DEVER DO HOMEM

Enquanto o cristão for governado pelo sentimento, ele invariavelmente negligenciará sua obrigação para com os outros.

Isto acontece por fazer de si mesmo o centro e, consequentemente, se torna incapaz de cuidar das necessidades dos outros. Para que o cristão cumpra seu dever, é necessário fé e vontade. A responsabilidade ignora o sentimento. Nosso dever para com os homens é definido e nossa responsabilidade nos assuntos mundanos da vida é certo. Eles não podem ser alterados de acordo com a mudança da emoção de alguém. O dever tem que ser realizado de acordo com o princípio.

Durante o período em que o cristão conhece a verdade apenas em seu sentimento, ele certamente não pode cumprir seu dever. Ele está tão apegado à alegria da comunhão com o Senhor, que isto é tudo o que ele busca. Sua maior tentação é não querer fazer nada, mas estar sozinho com o Senhor e usufruir desta alegria. Ele não gosta do trabalho com o qual estava anteriormente envolvido por não oferecer nenhuma perspectiva senão de provas e dificuldades. Quando está face a face com o Senhor, sente intensa santidade e vitória, mas quando se levanta para realizar suas tarefas diárias, vê-se tão derrotado e maculado como antes. O que ele deseja é escapar dos seus deveres: ele espera permanecer santo e vitorioso mais tempo, permanecendo longo tempo diante do Senhor. Estas questões do dever são vistas por ele como mundanas e indignas de ocupar a atenção de uma pessoa tão pura e triunfante como ele. Por se preocupar tanto em encontrar tempo e lugar para ter comunhão com o Senhor, e por detestar profundamente aquelas obras que são seu dever, ele naturalmente negligencia a necessidade e bem estar daqueles que estão ao seu redor. Pais e empregados que pensam deste modo não podem, respectivamente, cuidar bem dos seus filhos, nem servir seus patrões com fidelidade, pois julgam estes deveres como mundanos e, portanto, de valor insignificante. Eles creem que devem buscar algo mais espiritual. A explicação para este posicionamento desiquilibrado é a falha do crente em andar pela fé; ele continua buscando o sustento próprio. Ainda não foi plenamente unido com Deus, por isso precisa de tempo e lugar especial para ter comunhão com Deus. Ele não aprendeu a ver o Senhor em todos os assuntos e a

consequentemente cooperar com Ele. Ele não sabe como estar unido com o Senhor nos pequenos detalhes do dia a dia. Sua experiência de Deus está apenas em seu sentimento; por essa razão gosta de montar uma tenda no monte e habitar ali permanentemente com o Senhor. Por-outro lado, detesta descer para a planície para expulsar o demónio.

A experiência mais elevada de um irmão nunca entra em choque com os deveres de alguém. Lendo as epistolas aos Romanos, Colossenses e Efésios, podemos ver claramente como um cristão pode perfeitamente realizar seu dever como homem. Sua vida mais elevada não necessita de horas e situações especiais, a fim de ser manifestada; ela pode se manifestar em qualquer ocasião ou lugar. Para o Senhor não existe dicotomia entre trabalho caseiro e a pregação ou oração. A vida de Cristo pode ser manifestada por meio de todo o tipo de atividade.

O resultado de um viver emotivo é que nos tornamos insatisfeitos com nossa situação atual e odiamos ter que realizar os deveres relacionados com aquela posição. Nos revoltamos porque nestas obrigações não encontramos o prazer que buscamos. Mas nossa vida não existe para o prazer; por que então, buscamos por ele novamente? O caminho do sentimento nos leva a negligenciar nosso dever; o caminho da fé não nos chama a abandonar nosso dever para com amigos e inimigos. Se estivermos unidos com Deus em cada detalhe da vida, saberemos quais são nossos deveres e como cumpri-los adequadamente.

NA OBRA DE DEUS

Renunciar a vida de emoção e viver totalmente pela fé é um dos requisitos básicos para servir a Deus. Um cristão emotivo é inútil nas mãos de Deus. Aquele que anda pelo sentimento sabe como desfrutar do prazer, mas não como trabalhar para Deus. Ele ainda não alcançou a categoria de um obreiro, por que ainda vive para si mesmo e não para Deus. Viver para o Senhor é o pré-requisito para se trabalhar para Ele.

O cristão deve se dar conta do caminho da fé antes que possa ser um instrumento útil para Deus e realizar em realidade Sua obra. De outro modo seu alvo na vida é o prazer. Ele trabalha por causa do sentimento e por esta razão vai parar de trabalhar. Seu coração está transbordando de amor próprio. Se for colocado pelo Senhor num campo de trabalho, onde o sofrimento físico e emocional é abundante, ele começa a ter pena de si mesmo e finalmente desiste. A obra do cristão, todavia, deve ser exatamente como a obra do Senhor Jesus, isto é, a obra da cruz. Que prazer existe em tal obra? A menos que os cristãos entreguem completamente sua emoção e coração de amor próprio à morte, dificilmente Deus poderá encontrar verdadeiros obreiros.

Hoje o Senhor precisa de homens que sejam Seus seguidores e que hão de segui-Lo até o fim. Muitos santos trabalham para o Senhor quando a tarefa é próspera e se encaixa nos seus interesses, ou quando não põe em risco seu sentimento; mas quão rapidamente se retraem caso a cruz venha sobre eles exigindo sua morte e não lhes dando qualquer auxílio, restando apenas se agarrarem a Deus pela fé. Sabemos que se

uma obra é realmente realizada por Deus, só pode haver resultados. Mas, suponhamos que alguém tenha sido comissionado pelo Senhor, tendo trabalhado por oito ou dez anos sem conseguir qualquer resultado: pode ele ainda continuar trabalhando fielmente, simplesmente porque Deus assim ordenou que ele fizesse? Quantos santos existem, que servem puramente por ser a ordem de Deus? Ou quantos trabalham apenas para produzir frutos? Visto que a obra de Deus é eterna em sua natureza, Ele exige homens de fé para trabalharem para Ele. É difícil, para seres humanos que vivem no tempo, perceberem e entenderem a obra de Deus, por estar cheia do caráter eterno. Como então, podem aqueles que vivem pelo sentimento se unirem na obra de Deus, visto que coisa alguma nela pode satisfazer seu sentimento? A menos que a morte da cruz corte penetrantemente na alma do crente, de tal modo a não guardar nada para si, ele não pode seguir ao Senhor na obra, a não ser por curto espaço de tempo. Daquele ponto para frente ele não pode ir. Deus exige homens totalmente quebrados, que O seguirão até à morte, para trabalhar para Ele.

NA LUTA CONTRA O INIMIGO

Os que vivem pelo sentimento têm muito menos valor na batalha espiritual, pois, combater o inimigo em oração é verdadeiramente um trabalho de autonegação. Que sofrimento incalculável está envolvido! Nada que satisfaça o ego de alguém pode ser achado nisto; pelo contrário, é o derramar de tudo que alguém possui em favor do corpo de Cristo e do reino de Deus. Quão insuportável deve ser esta resistência e luta no espírito! Que prazer existe para o espírito em estar carregado com indescritível carga por amor a Deus? É interessante atacar o espírito maligno com cada pequena partícula de força que alguém possa ajuntar? Isto é oração de batalha. Mas por quem o crente está orando? Não por si mesmo, por certo, mas pela obra de Deus. Tal oração visa a batalha e nela não se pode achar aquele interesse encontrado na oração comum. Existe algo nisso que possa lhe trazer conforto, quando deve sofrer dores de parto em sua alma e orar para destruir e para edificar? Nenhum elemento na batalha espiritual pode alegrar a carne, a menos, naturalmente, que alguém esteja guerreando simplesmente em sua imaginação.

Um cristão emotivo é facilmente derrotado no conflito com Satanás. Enquanto está orando para atacar o inimigo, este, por meio do espírito maligno atacará sua emoção. Ele fará com que o cristão sinta que tal conflito é doloroso e que tal oração não tem vida. Desse modo, à medida em que se torna infeliz, insípido, obscurecido e seco, imediatamente ele cessa de lutar. Um cristão emotivo não tem poder para guerrear contra Satanás, pois tão logo seu sentimento é atacado por Satanás ele abandona o campo de batalha. Se a emoção de alguém ainda não experimentou a morte, ela pode suprir oportunidade a Satanás para atacar a qualquer momento. Cada vez que ele se levanta para resistir o inimigo, ele é derrotado por um toque satânico em seu sentimento. Pode alguém esperar vitória sobre Satanás se não vencer primeiro sua vida de sensação?

A batalha espiritual consequentemente exige uma atitude de morte total para o sentimento e uma confiança absoluta em Deus. Somente com esta atitude alguém pode

continuar resistindo sozinho, sem buscar companheiros ou a aprovação do homem na luta contra o inimigo. Somente cristãos desse calibre podem prosseguir estando sob todos os tipos de sentimentos angustiosos. Ele não se preocupa em nada com sua vida nem com a morte, mas apenas com a direção de Deus. Ele não satisfaz nenhum interesse, desejo ou anseio pessoal. Ele já se ofereceu à morte e vive exclusivamente para Deus. Ele não O culpa nem O compreende mal, porque considera todos os Seus caminhos adoráveis. Esta é a classe de pessoa que é capaz de preencher a brecha. Embora pareça estar abandonado por Deus e esquecido dos homens, ainda assim ele ocupa sua posição de batalha. Ele é um guerreiro de oração. Ele vence Satanás.

DESCANSO

Depois do crente ser assim tratado, ele pode iniciar o andar da fé que é a verdadeira vida espiritual. E aquele que chega a esta posição entra numa vida de descanso. O fogo da cruz consumiu todas as suas buscas gananciosas. Finalmente ele aprendeu sua lição: ele reconhece que só a vontade de Deus é preciosa. Tudo o mais, embora naturalmente desejável, é incompatível com a vida mais elevada de Deus. Agora ele se regozija em abandonar tudo. Qualquer coisa que o Senhor julgue necessário retirar, ele alegremente permite que Sua mão faça isso. O suspirar, lamentar e entristecer que brotavam das suas antigas expectativas, buscas e esforços, hoje desapareceram completamente. Ele reconhece que a vida mais elevada é aquela vivida para Deus e obediente à Sua vontade. Embora tenha perdido tudo, ainda assim está satisfeito com o cumprimento do propósito de Deus. Embora não tenha ficado nada para o seu prazer, mesmo assim ele permanece humilde sob a ordenação de Deus. Desde que o Senhor fique satisfeito, ele não se preocupa o mínimo com o que acontece com ele. Agora ele tem descanso perfeito; nada mais do que é exterior pode estimulá-lo.

O filho de Deus agora persevera por meio de uma vontade que está unida com o Senhor. Sua vontade, hoje preenchida com a força espiritual, é competente para controlar sua emoção. Seu caminhar é firme, estável e tranquilo. Sua situação anterior, de altos e baixos desapareceu. Mesmo assim, não devemos tirar conclusões precipitadas, isto é, que daí para a frente ele nunca mais será governado pela emoção, pois antes de entrarmos no próprio céu, tal perfeição sem pecado é impossível. Todavia, comparando sua condição atual com a anterior, a de hoje pode realmente ser descrita como sendo uma experiência de descanso, estabelecida e continuam ente firme. Ele não sofre mais com aquela interminável confusão antes experimentada, embora ocasionalmente, possa ser perturbado pela operação da sua emoção. É por isso que a oração vigilante continua sendo indispensável. Apressemo-nos, portanto, em acrescentar: não entenda de maneira errada que o que foi dito signifique que daqui para a frente não haja mais possibilidade de sentimento, seja de alegria ou tristeza. Desde que nosso órgão da emoção não seja aniquilado (e nunca será), nosso sentimento continuará a existir. Ainda podemos sentir dor, escuridão, aridez e tristeza. Entretanto, estes sofrimentos só podem penetrar no nosso homem exterior, deixando nosso homem interior intocável. Devido à nítida divisão entre espírito e alma, nossa alma,

exteriormente pode ser perturbada e consequentemente sofrer; mas, interiormente, nosso espírito permanece calmo e tranquilo, como se nada tivesse acontecido.

Após alcançar esta posição de descanso, o crente descobrirá que tudo o que havia anteriormente perdido por amor ao Senhor, hoje foi restaurado. Ele ganhou a Deus e, portanto, tudo o que pertence a Deus pertence a ele também. O que o Senhor havia retirado antes, ele agora pode desfrutar corretamente Nele. O motivo que levou Deus faze-lo passar por muitos sofrimentos no início é que sua vida da alma estava por detrás de tudo, buscando e pedindo demais para si mesma, desejando coisas até mesmo fora da vontade de Deus. Tal ação independente havia sido limitada por Deus. Agora que perdeu a si mesmo, isto é, sua vida natural, o cristão está numa posição correta para desfrutar da felicidade de Deus dentro das suas legítimas divisas. Antes disso ele não estava qualificado para estar corretamente relacionado com a alegria de Deus. Daqui em diante ele pode aceitar com ações de graças tudo o que lhe for dado, pois a ambição de assegurar algo para si mesmo foi reduzida a zero; ele não pede desordenadamente aquilo que não lhe tenha sido concedido.

Tal filho de Deus avançou para uma base pura. Onde existe mistura, existe impureza. A Bíblia considera a impureza como algo sujo. Antes que alguém alcance esta base onde não há mistura, ele não pode manifestar um caminhar puro. Ele vive para Deus mas vive para o ego também; ele ama ao Senhor mas ama a si mesmo também. Sua intenção é para Deus, mas simultaneamente ele almeja a glória, o prazer e o conforto do seu ego. Tal vida é maculada. Ele anda peia fé, mas anda pelo sentimento também; ele segue o espírito mas segue também a alma. Embora não guarde realmente a maior parte para si mesmo, esta parte menor, retida por ele, é, afinal, suficiente para tornar sua vida impura. Somente o que é puro é limpo; tudo aquilo que é misturado com matéria estranha se torna maculado.

Quando um crente experimenta o tratamento prático da cruz, ele finalmente alcança uma vida pura. Tudo é para Deus e em Deus, e Deus está em tudo também. Nada é para o ego. Até mesmo o menor desejo para agradar o ego está crucificado. O amor próprio foi entregue à morte. O alvo atual da existência se torna singular: fazer a vontade de Deus. Desde que Ele fique satisfeito, nadam ais importa. Obedecê-Lo se torna o único objetivo da vida. Não interessa como ele se sente; o que interessa é obedecer a Deus. Este é um caminhar puro. Embora Deus lhe conceda paz, conforto e felicidade, ele não desfruta dessas coisas visando satisfazer seu desejo. Ele, de agora em diante, vê tudo com os olhos de Deus. Sua vida da alma** acabou e o Senhor tem dado a ele uma vida espiritual pura, tranquila, verdadeira e de fé. Embora seja Deus Quem o destrói, é Deus igualmente Quem o edifica. Aquilo que é da alma** foi destruído, mas aquilo que é espiritual foi estabelecido.

NONA PARTE

A ANÁLISE DA ALMA - A MENTE

1. A Mente: Um Campo de Batalha

2. Fenômenos de Uma Mente Passiva

3. O Caminho da Libertação

4. As Leis da Mente

1. MENTE: UM CAMPO DE BATALHA

A mente do homem é a sede do pensamento. É ela que nos dá condições de conhecer, pensar, imaginar, lembrar e entender. O intelecto, a sabedoria, a inteligência e o raciocínio humanos pertencem à mente. De modo geral, a mente é o cérebro. "Mente" é um termo psicológico; "cérebro", um termo fisiológico. A mente da psicologia é o cérebro da fisiologia. A mente exerce um importante papel na vida humana porque o pensamento influencia a ação.

ANTES DA REGENERAÇÃO

De acordo com a Bíblia, a mente do homem é singular, pois constitui um campo de batalha onde Satanás e os espíritos malignos contendem contra a verdade e, consequentemente, contra o cristão. Podemos ilustrar essa batalha da seguinte maneira: a vontade e o espírito do homem são como uma fortificação que os espíritos malignos desejam capturar. O campo onde se trava a batalha pela conquista dessa fortificação é a mente. Observemos como o apóstolo Paulo a descreve: "Porque, embora andando na carne, não militamos segundo a carne. Porque as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas, anulando nós *sofismas* e toda altivez que se levante contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo *pensamento* à obediência de Cristo." (2 Co 10.3-5 - grifo do autor.) Inicialmente, ele fala de uma batalha; depois, de onde ela se trava; e, finalmente, qual o objetivo dela. Essa luta se passa exclusivamente na mente humana. O apóstolo compara os argumentos e raciocínios do homem a uma fortaleza do inimigo. Ele vê a mente como que dominada pelo inimigo; por isso, temos de guerrear para entrar nela. Sua conclusão é que muitos pensamentos rebeldes acham-se armazenados nessas fortalezas e precisamos levá-los cativos à obediência de Cristo. Tudo isso mostra de forma clara que a mente é o cenário da batalha que os espíritos malignos travam contra Deus.

As Escrituras explicam que, antes de um indivíduo ser salvo, "o deus deste século cegou o entendimento dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, o qual é a imagem de Deus" (2 Co 4.4). Esse versículo, ao declarar que Satanás se agarra à mente do homem, cegando-a, se harmoniza com o outro que citamos. Algumas pessoas talvez se considerem extremamente sábias por serem capazes de apresentar muitos argumentos contra o evangelho. Outras provavelmente pensem que a incredulidade é resultado de um embotamento mental. Contudo a verdade em ambos os casos é que Satanás cegou os olhos da mente humana. Quando Satanás aprisiona a mente de alguém, esta endurece. O homem, como filho da ira, segue os desejos do corpo e da mente e, por isso, é estranho e inimigo no entendimento, porque a mente que se inclina para a carne é inimiga de Deus (Rm 8.7; 2 Co 3.14; Ef 2.3; Cl 1.21).

Lendo essas passagens, podemos ver claramente como os poderes das trevas se relacionam de maneira especial com a mente do homem e como ela é bastante susceptível aos ataques de Satanás. Com respeito à vontade, à emoção e ao corpo do homem, os poderes malignos não têm como fazer nada *diretamente,* a menos que tenham conquistado algum terreno neles. Contudo, na mente, eles podem operar livremente, sem precisar persuadir o homem ou ser convidado por ele. Parece que a mente já é possessão deles. Comparando a mente dos homens a uma fortaleza do inimigo, o apóstolo dá a entender que Satanás e seus espíritos malignos já estabeleceram um relacionamento muito profundo com ela. Parece que, de algum modo, eles usam as mentes como suas fortalezas e nelas aprisionam seus cativos.

Através da mente eles impõem sua autoridade e, utilizando a mente dos seus cativos, eles transmitem pensamentos venenosos a outros, de modo que estes também possam se levantar contra Deus. E difícil calcular qual parcela da filosofia, da ética, do conhecimento, da pesquisa e ciências do mundo se srcina nos poderes das trevas. Contudo, de uma coisa temos certeza: todos os argumentos e atitudes de resistência ao conhecimento de Deus são fortalezas do inimigo.

Parece estranho constatar que a mente se acha numa relação tão íntima com as autoridades da impiedade. O primeiro pecado que o homem cometeu, instigado por Satanás, foi a busca do conhecimento do bem e do mal. E por isso que a mente humana tem um relacionamento especial com o diabo. Se fôssemos pesquisar cuidadosamente as Escrituras, e observar as experiências dos homens de Deus, veríamos que todas as comunicações entre as forças humanas e satânicas ocorrem no pensamento. Vejamos, por exemplo, as tentações que Satanás lança contra o ser humano. Todas elas são apresentadas à *mente.* E verdade que frequentemente ele usa a carne para "dobrar" o homem. Todavia, em cada caso de sedução, o inimigo cria algum tipo de pensamento para com ele tentar o homem. Não podemos distinguir entre tentação e pensamento. Todas elas surgem para nós sob a forma de pensamentos. Uma vez que estes estão de tal forma expostos ao poder do inimigo, precisamos aprender a guardá-los.

O intelecto do homem não regenerado é incapaz de compreender a Deus. É necessário que o imenso poder divino destrua os argumentos humanos. Isso acontece na hora do novo nascimento, quando o homem se arrepende de seus pecados. A definição srcinal de arrependimento é simplesmente "uma mudança de mente". O ser humano, em sua mente, é inimigo de Deus; por isso, o Senhor tem de alterar a mente dele para comunicar-lhe vida. O homem não regenerado tem uma mente obscurecida. Com a conversão, ela sofre uma mudança drástica. Como antes ela se achava tão unida com o diabo, é essencial que Deus opere uma mudança na mente do homem para que este possa receber um novo coração (At 11.18).

DEPOIS DA REGENERAÇÃO

Contudo, mesmo depois do arrependimento, a mente do cristão não fica totalmente liberta do toque de Satanás. Da mesma forma que o inimigo trabalhou através da mente antes, ele vai continuar operando. Paulo, escrevendo aos *crentes* de Corinto, declarou: "Mas receio que, assim como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia, assim também seja corrompida a vossa *mente* e se aparte da simplicidade e pureza devidas a Cristo" (2 Co 11.3 - grifo do autor). O apóstolo reconhece que, assim como o deus deste mundo cega a mente dos não-crentes, também engana a dos que creem. Embora sejam salvos, sua vida mental permanece sem renovação. Consequentemente, continua sendo um estratégico campo de batalha. *A mente sofre a investida violenta dos poderes das trevas mais que qualquer outra parte do homem.* Precisamos reconhecer que os espíritos satânicos dedicam uma atenção especial à nossa mente e a atacam incessantemente, "como a serpente enganou a Eva com a sua astúcia". Não foi o coração de Eva que Satanás atacou primeiro, mas, sim, a mente. De igual forma, hoje, os espíritos malignos atacam nossa cabeça, e não nosso coração, a fim de nos apartar da simplicidade e pureza que há em Cristo. Eles sabem que a mente é o ponto *mais fraco* de nosso ser. E que, antes de crermos, ela foi a fortaleza deles e ainda não se acha totalmente dominada pelo Espírito. Então, o caminho mais fácil para a realização dos propósitos satânicos é o ataque à mente. O coração de Eva era sem pecado e mesmo assim ela aceitou os pensamentos sugeridos por Satanás. Desse modo, ela foi enganada pelo logro maligno, perdendo seu raciocínio, e caindo na armadilha do inimigo. O crente deve ter o cuidado de não se orgulhar de possuir um coração honesto e sincero,

porque, se não aprender a repelir os espíritos malignos de sua mente, continuará a ser tentado e enganado, perdendo, consequentemente, a soberania da sua vontade.

Na sequência, Paulo mostra de onde vem esse perigo: "Se, na verdade, vindo alguém, prega outro Jesus que não temos pregado, ou se aceitais espírito diferente que não tendes recebido, ou evangelho diferente que não tendes abraçado, a esse, de boa mente, o tolerais" (2 Co 11.4). Se o cristão deixar que Satanás introduza ensinos falsos em seus pensamentos, ele correrá o risco de se apartar de uma devoção sincera e pura para com Cristo. São essas as obras que a "serpente" está realizando hoje. Satanás tem se disfarçado em anjo de luz, a fim de levar os santos a cultuar, com seu intelecto, um outro Jesus, que não o Senhor; a receber um outro espírito que não é o Espírito Santo; e, por meio deles, propagar uma mensagem diferente do evangelho da graça de Deus. Paulo declara que isso nada mais é do que a atuação de Satanás na mente do cristão. O adversário transforma essas "doutrinas" em pensamentos e, depois, as impõe à mente do cristão. Como é trágico que tão poucos reconheçam a realidade dessa atividade maligna! Na verdade, são poucos os que poderiam imaginar que o diabo daria bons pensamentos aos homens!

E possível um filho de Deus ter uma nova vida e um novo coração e não possuir ainda uma nova mente. Muitos crentes têm uma mente "velha", embora seu coração seja "novo". O coração deles está cheio de amor, enquanto a mente não tem nenhuma percepção das realidades espirituais. Muitas vezes, as intenções do coração são inteiramente puras; mas os pensamentos, confusos. Tendo se impregnado de uma mistura de ideias, a mente carece do elemento mais notável de todos: o discernimento espiritual. Inúmeros são os cristãos que amam de fato os filhos de Deus, mas, infelizmente, seu cérebro está abarrotado de uma miscelânea de teorias, opiniões e propósitos. Um grande número dos melhores e mais fiéis filhos de Deus são preconceituosos e possuem uma mente bitolada. Já decidiram o que é a verdade e quais as verdades que vão aceitar. Rejeitam qualquer outra que não se encaixe em suas noções preconcebidas. A cabeça deles não se expande tanto quanto o coração. Além do mais, existem outros filhos de Deus que não conseguem formular nenhum pensamento. Embora já tenham ouvido muitas verdades, não se lembram delas, nem as praticam, nem as comunicam a outros. Certamente, ouviram muitas, mas, mesmo assim, não são capazes de expressá-las. Durante muitos anos receberam verdades, porém não conseguem expô-las para suprir as necessidades dos outros. Talvez até sejam pessoas que se orgulham de estarem cheias do Espírito Santo! O que causa tal sintoma é uma mente não renovada.

O cérebro do homem causa mais prejuízos aos outros do que o coração! Se os crentes enxergassem a diferença entre a renovação do coração e a da cabeça, não cometeriam o erro de acreditar no homem. Os cristãos devem saber que mesmo quem mantém uma comunhão íntima com Deus pode, inconscientemente, ter aceitado uma sugestão de Satanás em sua mente. Portanto suas atitudes, palavras e pontos de vista são distorcidos. Nenhuma palavra do homem é digna de total confiança, a não ser a que se acha em harmonia com o ensino bíblico. Não devemos aceitar as palavras de um homem só porque o admiramos e o respeitamos. Sua conduta e seus dizeres podem ser santos; mas seu pensamento pode não ser espiritual. O que temos de observar, portanto, não é seu falar ou sua conduta, mas sua *mente.* Se crêssemos na palavra de um obreiro, vendo-a como uma verdade de Deus, por causa da sua conduta de vida, estaríamos considerando sua palavra e comportamento - e não a Bíblia - a nossa medida aferidora da verdade. A história da igreja está cheia de casos de crentes consagrados a Deus que propagaram heresias! A explicação é simples: o coração foi

renovado, mas a mente permaneceu a mesma. Não temos dúvidas de que a vida é mais importante do que o conhecimento. Aliás, a primeira é mil vezes mais influente do que o segundo. Entretanto, depois de experimentarmos algum crescimento na vida, é essencial que busquemos o conhecimento que procede de uma mente renovada. Devemos entender o quanto é importante termos a mente e o coração renovados.

Se o cristão não renovar a mente, sua vida será desequilibrada e limitada. Para ele, se torna quase impossível trabalhar. Hoje é muito comum ensinar-se que a vida cristã deve ter amor, paciência, humildade e assim por diante. Essas características do coração são altamente significativas, visto que nada mais pode ocupar o lugar delas. Mesmo assim, podemos considerá-las suficientes para suprir *todas* as nossas necessidades? Elas são importantes, mas não representam tudo. E igualmente vital que a mente também seja renovada, ampliada e fortalecida. Caso contrário, essa vida será desequilibrada. Muitos sustentam que os cristãos espirituais não de vem ter bom senso, pois mesmo sendo tolos são os melhores. A não ser pelo fato de que tais crentes espirituais vivem um pouco melhor do que o resto, a utilidade deles é nula e não podemos lhes confiar nenhum trabalho. Não defendemos a sabedoria e o conhecimento mundanos, pois a redenção de Deus não exige o emprego da nossa mente antiga maculada pelo pecado. Contudo ele deseja renová-la, como acontece com nosso espírito. Deus quer restaurar nossa mente ao estado excelente que ela possuía por ocasião da criação, a fim de podermos glorificá-lo, não apenas pela conduta, mas também pelo pensamento. E incalculável o número de filhos de Deus que, pelo fato de negligenciarem a mente, se tornam bitolados, obstinados e, algumas vezes, até mesmo maculados. Eles ficam aquém da glória divina. O povo de Deus precisa saber que, se desejamos ter uma vida plena, devemos renovar a mente. Uma das razões por que o reino de Deus carece de obreiros hoje é que muitos não podem realizar nada no plano mental. Como não buscam a renovação da mente depois de salvos, a obra deles fica prejudicada. A Bíblia declara enfaticamente que devemos ser transformados pela renovação da nossa mente (Rm 12.2).

A MENTE SOB O ATAQUE DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Se examinarmos cuidadosamente as experiências mentais de um cristão, veremos que ele possui não apenas uma mente bitolada, mas muitos outros defeitos também. Sua cabeça, por exemplo, pode estar repleta de toda espécie de pensamentos, imaginações, figuras impuras e ideias confusas, desgovernadas e incontroláveis. Sua memória pode falhar repentinamente; seu poder de concentração, enfraquecer-se. Ele pode ficar obcecado por preconceitos que brotam de fontes desconhecidas. Os pensamentos fluem lentamente como se seu cérebro estivesse acorrentado; ou ele pode ser inundado de pensamentos violentos que giram incessantemente em sua cabeça. O cristão descobre que é incapaz de controlar sua vida mental, de fazer com que ela obedeça à sua vontade. Ele se esquece de inúmeros assuntos importantes ou não. Realiza muitos atos impróprios, sem entender o motivo e sem investigar a razão. Como tem boa saúde física, não encontra explicação para esses sintomas. Atualmente, muitos crentes têm essas dificuldades mentais, mas não sabem por que.

Se alguém identificar a manifestação desses sinais acima mencionados, precisará verificar algumas questões para determinar a srcem deles. Tem de se perguntar o seguinte: Quem controla minha mente? Eu mesmo? Se assim for, por que não posso controlá-la agora? É Deus quem dirige minha mente? Contudo, de acordo com o princípio bíblico, Deus nunca governa a mente do homem. (Vamos ampliar a análise desse princípio mais adiante.) Se não sou eu nem Deus quem regula minha vida mental, quem então está no controle? Obviamente, são os poderes das trevas que

fomentam esses sintomas mentais. Por isso, toda vez que o filho de Deus percebe que não consegue governar a mente, precisa entender imediatamente que é o inimigo quem a está dirigindo.

Um fato do qual temos de nos lembrar sempre é este: o homem possui livre-arbítrio. A intenção de Deus é que o ser humano tenha o controle de si mesmo. Ele tem autoridade para regular cada uma de suas capacidades naturais. Por isso, todos os seus procedimentos mentais devem estar sujeitos ao poder da sua vontade. O cristão deve questionar a si mesmo:

"Esses pensamentos são *meus?* Sou *eu* quem está pensando? Se não sou eu, então deve ser o espírito maligno que é capaz de operar na mente do homem. Visto que não quero ter esses pensamentos (e minha mente em geral segue minha vontade) então as ideias que agora me brotam na cabeça não podem ser minhas. Elas emanam de outra 'pessoa' que usa minha mente contra minha vontade."

O indivíduo deve saber que, nesse caso, ele não teve a intenção de pensar e ainda assim tais pensamentos apareceram em sua mente. Deve concluir então que esses pensamentos não são seus, e sim do espírito maligno.

Para determinarmos se um pensamento é nosso ou de um espírito maligno, devemos observar como ele surgiu. Suponhamos que nossa mente está tranquila e serena, funcionando de modo normal e natural, de acordo com as circunstâncias. Subitamente, surge em nosso cérebro um pensamento ou noção completa (sem qualquer ligação com a situação dominante ou com a obra na qual estamos envolvidos). Tal pensamento desordenado e súbito provavelmente é ação dos espíritos malignos. Eles estão tentando injetar o pensamento deles em nossa cabeça, levando-nos a aceitá-los como nossos. Indubitavelmente, a noção que esses espíritos introduzem em nossa mente é um assunto no qual não havíamos pensado, e não segue a linha normal do pensamento. É totalmente "novo"; algo que nunca pensamos por nós mesmos. Surgiu de repente e por si próprio. Quando alguém recebe um tipo de pensamento assim, é bom perguntar o seguinte:

"Eu realmente penso *isso?* Sou *eu* mesmo quem está pensando? Quero pensar dessa forma? Ou isso simplesmente surgiu em minha mente por si mesmo?"

O filho de Deus deve determinar se é ele quem está exercitando o pensar. Se não foi ele quem teve essa ideia, mas, pelo contrário, ele se opõe a ela, e mesmo assim ela continua em sua cabeça, pode concluir que tal pensamento vem do inimigo. Todo pensamento que o homem, por decisão pessoal, não aceita, e todo que se opõe à sua vontade, não vem dele, e sim do exterior.

E muito comum nosso cérebro estar cheio de ideias, as quais não temos como deter. Nossa cabeça é como uma máquina de pensamentos, operada por força externa. Ela prossegue pensando, mas não tem forças para romper com eles. O crente pode abanar a cabeça repetidas vezes, porém ainda assim não tem como tirar os pensamentos da mente. Eles surgem em ondas, rolando incessantemente dia e noite. Não há como acabar com eles. Em geral, não temos consciência de que isso é uma atividade do espírito maligno. Precisamos entender o que é um "pensamento". E algo que nossa *mente agarra.* Contudo, no caso desses pensamentos incontroláveis, não é nossa mente que os segura. São *eles que estão segurando nossa mente.* No curso natural dos acontecimentos, é a mente que pensa nos assuntos; são estes que nos forçam a pensar. E muito comum uma pessoa desejar ignorar um assunto, mas uma força externa a mantém ligada a ele, impedindo-a de se esquecer e forçando-a a pensar ainda mais. Isso é ação dos espíritos malignos.

Resumindo: Devemos investigar todo indício *anormal.* Com exceção de uma causa natural, como uma doença, todos os outros indicadores anormais têm srcem nos espíritos malignos. Deus nunca interfere na operação da capacidade natural do homem. Ele nunca mistura abruptamente seu pensamento com o do homem. Tampouco limita ou destrói de repente o funcionamento do intelecto do homem. A parada súbita de todos os pensamentos, como se o cérebro tivesse se tornado um vácuo; uma interrupção repentina do pensamento, em total desacordo com a sequência da mente naquele momento; o corte imediato da memória, como se um fio tivesse sido arrancado, deixando a mente paralisada, são resultados da operação do inimigo. Já que o espírito maligno se apoderou do órgão do pensamento, ele também é capaz, de forçá-lo a cessar seu funcionamento, ou de soltá-lo, deixando-o agir novamente. Devemos reconhecer que as causas naturais só podem produzir sintomas naturais. Um pensamento súbito ou perda de memória estão totalmente fora da capacidade ou controle da nossa vontade e são contrários a causas e efeitos naturais. Portanto são inspirados por forças malignas sobrenaturais.

Em sua carta aos efésios, Paulo fala sobre o espírito que agora opera nos filhos da desobediência (2.2). E muito importante saber que os poderes das trevas agem não apenas no exterior do ser humano, mas também no seu interior. Quando um homem trabalha, ele pode fazê-lo, no máximo, com palavras, gestos ou movimentos corporais. Os espíritos malignos, porém, operam com tudo isso e muito mais. Eles podem agir no exterior do mesmo modo que o homem age, mas podem operar também do lado de dentro. Isso quer dizer que conseguem se comprimir no pensamento humano e operar a partir dali. O homem não pode fazer isso. Ele não é capaz de entrar no cérebro de outro, fazendo sugestões súbitas e confundindo a srcem dos pensamentos. Os espíritos malignos podem. Eles possuem uma capacidade de comunicação que o ser humano não tem. Eles podem atuar inicialmente na mente do homem e depois alcançar sua emoção, pois a mente e a emoção se acham intimamente ligadas. Eles operam primeiro na mente e, dali, chegam à vontade do homem, pois a mente e a vontade também estão intimamente ligadas.

Esses espíritos inimigos operam introduzindo secretamente na cabeça do homem noções que eles apreciam, com o fim de atingir seus objetivos. Eles também bloqueiam pensamentos que não lhes interessam para que o homem não os considere. A Bíblia indica claramente que os poderes das trevas tanto podem comunicar ideias ao homem como tirá-las dele. "Durante a ceia, tendo já o diabo *posto* no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus." (Jo 13.2 - grifo do autor.) Isso mostra que Satanás pode colocar seu pensamento na mente humana. "Vem, a seguir, o diabo e arrebata-lhes do coração a palavra" (Lc 8.12). Isso confirma que Satanás retira as palavras que o homem deveria guardar na memória e faz com que ele se esqueça de tudo. Esses dois versículos revelam a dupla operação dos espíritos malignos sobre a mente do homem acrescentando ou retirando algo.

AS CAUSAS DO ATAQUE DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Por que a vida mental do cristão é tão assediada pelos espíritos malignos? Porque os crentes dão a esses (ou ao diabo) a oportunidade de os atacar. É importante que todos entendam claramente que o diabo pode atacar a mente de uma pessoa. A experiência de muitos cristãos confirma isso. A área que os espíritos malignos preferem atacar é a faculdade mental, pois ela tem uma afinidade especial com eles. Ela escapou parcial ou totalmente da soberania do homem e veio a ficar sob a ordem satânica. Da mesma forma, essas potestades podem ligar ou desligar os pensamentos de alguém conforme os desejos *deles,* menosprezando completamente as ideias da

vítima. Embora a cabeça do crente ainda esteja ligada a ele, a soberania dele sobre ela foi suplantada por outro. E por mais que ele proteste, pouco pode ser corrigido. Sempre que alguém dá oportunidade aos espíritos malignos, não pode mais seguir a própria vontade. Tem de obedecer à vontade de outro. Assim que um indivíduo cede terreno na mente, perde a soberania sobre esta. Isso também indica que, agora, os espíritos malignos ocupam a faculdade mental dele. Se esses espíritos não tivessem atacado sua mente, ele continuaria no controle de tudo. Poderia pensar ou parar de pensar sem dificuldade, conforme seu querer.

Devido a essa afinidade entre a mente e os maus espíritos, o cristão frequentemente abre caminho para eles. O terreno que essas potestades conquistam concede-lhes autoridade para operarem na mente do crente sem impedimento. Por isso, tenhamos consciência do seguinte: a mente do homem pertence ao *homem.* Sem sua permissão, o inimigo não tem poder para usá-la. A menos que o homem *voluntariamente* entregue (sabendo ou não) sua mente aos espíritos malignos, eles não têm o direito de se intrometer na sua liberdade. Isso não significa que essas forças malévolas nunca nos tentem em nosso pensamento (isso é inevitável). Contudo, ao exercitar nossa vontade, fazendo oposição ao pensamento tentador, este cessará imediatamente. O problema de muitos cristãos hoje é que mesmo resistindo conscientemente, o pensamento continua vulnerável. E não deveria ser assim. Isso é uma firme indicação de que os espíritos malignos estão operando nele.

O fator mais crítico em relação à atividade perversa deles é a concessão do *terreno* a eles. Sem isso, eles não podem operar. O limite da operação deles depende da quantidade de espaço que lhes cedemos. É no órgão do pensamento que o cristão fornece território aos espíritos malignos, e é dali que eles operam. Falando de modo geral, são seis os tipos de terreno que podemos ceder ao inimigo. Vamos examinar cada um deles agora mais detidamente.

1. *Uma mente não renovada.* A carne seguidamente fornece base para as operações do inimigo. Se a mente do homem não for renovada quando seu espírito é regenerado, ele expõe grande território às maquinações do espírito maligno. Embora muitos crentes tenham a mentalidade mudada por ocasião da conversão, os olhos do seu coração, uma vez cegados por Satanás, ainda não foram iluminados inteiramente e podem continuar tapados em muitas áreas. Esses cantos escuros são os antigos centros de operação dos espíritos malignos. Embora impedidos em grande parte, eles não foram eliminados e, assim, continuam a fornecer as bases para a operação das hostes invisíveis da impiedade.

Os exércitos do diabo encobrem cuidadosamente seus feitos. Se o cristão permanecer carnal, eles irão introduzir nele noções que aparentemente concordam com seu temperamento e suas avaliações, levando-o a crer que tudo isso é seu pensamento natural. Sabedoras de que essa mente não renovada constitui sua melhor oficina de trabalho, as forças do inimigo empregam todo artifício para manter o crente na ignorância, impedindo-o de buscar a renovação da sua mente. Esse tipo de entrega de terreno é bastante comum entre os cristãos. E se estes cedessem apenas nele, o sofrimento do intelecto e da memória não seria tão severo; mas existem ainda outros tipos.

2. *Uma mente incorreta.* Todos os pecados fornecem território ao adversário. Se um filho de Deus alimenta um pecado no coração, está cedendo a mente aos espíritos satânicos para que eles a usem. Visto que todos os pecados têm srcem nas potestades das trevas, o crente não tem como resistir a tais poderes que estão por trás de quaisquer pecados que ele permita que continuem em sua mente. O período que ele

admite a permanência de pensamentos pecaminosos em seu coração é exatamente o tempo em que os espíritos malignos continuarão operando. Todos os pensamentos impuros, maus, injustos ou de orgulho fornecem base para a atividade desses espíritos. Se o filho de Deus permitir que tais pensamentos permaneçam, encontrará dificuldade em resistir na próxima vez em que eles surgirem, porque os poderes das trevas já asseguraram uma área em sua mente.

Além dos pensamentos pecaminosos, existem muitos outros impróprios que oferecem base de operação ao inimigo. Frequentemente, as hostes de Satanás introduzem uma ideia na mente do cristão. Se ele a aceitar, essa noção terá conquistado

descontrole, palavras ouvidas de outras pessoas, que alem disso não são verdadeiras, constituem terreno que damos ao inimigo como base futura para operações. O adversário pode assim encher uma pessoa com preconceitos, a fim de levá-la, pelo engano, a se opor à verdade de Deus e a abraçar muitas heresias.

3. *Interpretar mal a verdade de Deus.* Os crentes raramente têm consciência de que fornecem terreno ao inimigo toda vez que aceitam uma mentira dos espíritos malignos. Se os seguidores de Deus aceitam ou, erradamente, interpretam como sendo natural, ou causado por eles mesmos, algo que esses espíritos colocam em seu corpo, circunstâncias ou trabalhos, estão lhes cedendo um terreno precioso para suas abomináveis realizações. Quando abraçamos uma mentira, damos terreno para que os elementos satânicos continuem operando. Se, erroneamente, aceitarmos esses fenômenos como sendo srcinados em nós mesmos, daremos a autorização para que eles permaneçam em nossa vida. Apesar de os espíritos malignos obterem essa permissão por meio do engano, ela fornece um lugar para a operação deles.

Por outro lado, muitos cristãos interpretam mal as verdades de Deus. Ignorando o verdadeiro sentido de haverem morrido com Cristo, da consagração, do mover do Espírito Santo, e assim por diante, concebem no coração interpretações inexatas dessas verdades e, consequentemente, prejudicam a si mesmos. Os espíritos malignos aproveitam essa oportunidade e comunicam aos cristãos seu entendimento e interpretação errada das verdades divinas. Eles planejam de acordo com o entendimento errado do crente e este julga que essas coisas são de Deus, ignorando que são apenas uma imitação feita pelos tais espíritos, fundamentadas no seu mal entendimento.

4. *Aceitação de sugestões.* Inúmeras são as sugestões que as hostes de Satanás plantam na mente do cristão, principalmente ideias com respeito às suas circunstâncias e seu futuro. Elas gostam de dar-lhe profecias, predizendo o que será feito dele e o que lhe acontecerá. Se ele não tiver consciência da srcem de tais predições, e permitir que elas permaneçam em sua mente, os espíritos malignos, na hora certa, atuarão em suas circunstâncias para provocarem tudo aquilo que profetizaram. Talvez o crente já espere por isso, sem ter conhecimento de que tudo foi planejado pelos poderes inimigos. Eles simplesmente elaboram um pensamento na forma de profecia, depois o plantam na mente do cristão para ver se ele vai aceitá-la ou rejeitá-la. Se a mente dele não oferecer objeção, e até mesmo aprovar a profecia, os espíritos da impiedade terão conquistado um lugar para realizar o que planejaram. O cumprimento das palavras dos adivinhos é baseado inteiramente nesse princípio.

Ocasionalmente, o adversário injeta declarações proféticas com respeito ao corpo do cristão, predizendo, por exemplo, fraqueza ou doença. Se ele aceitar esse pensamento, ficará realmente enfermo e fraco. Ele pensa que está doente de verdade. Os que possuem conhecimento científico concluem que se trata de uma doença psicológica.

Contudo quem tem discernimento espiritual sabe que isso acontece simplesmente porque a pessoa aceitou a sugestão de um espírito maligno. Desse modo, concedeu terreno para que ele criasse a situação. Quantas das doenças chamadas naturais e psicológicas são, na realidade, maquinações desses espíritos. Quando um cristão não repele os pensamentos que têm srcem nos espíritos malignos, ele lhes concede base para que atuem em sua vida.

5. *Uma mente vazia.* Deus criou o homem com uma mente que deve ser utilizada: "... é o que ouve a palavra e a compreendi'" (Mt 13.23). O Senhor quer que o homem compreenda sua palavra com o intelecto, de onde a mensagem passa à emoção, à vontade e ao espírito. Uma mente vivida é, portanto, um obstáculo à obra dos espíritos malévolos. Um dos principais alvos desses espíritos é conduzir a mente da pessoa a um estado de vazio interior, estabelecendo ali um verdadeiro vácuo. As potestades do inimigo empregam o engano ou a força para transformar a faculdade mental do cristão numa entidade vazia. Elas sabem que, enquanto sua cabeça estiver vazia, ele não poderá pensar. Elas o despojaram de lodo raciocínio e sentido e o levaram a aceitar, sem questionar, os ensinos malignos, a despeito da natureza ou consequência deles.

O cristão deve exercitar a mente, pois o exercício dela constitui uma enorme desvantagem para os espíritos malignos. Tanto é que eles são compelidos a exercitar sua força total para tentar esvaziá-la. Só quando a mente funciona de forma normal é que o cristão está apto a *discernir* as revelações sobrenaturais absurdas e as várias insinuações nela implantadas, e também a reconhecer que são de srcem demoníaca. Uma mente vazia constitui uma base para o maligno atuar, todas as revelações e noções que entram numa cabeça vazia emanam de fontes inimigas. Se o cristão não utilizar seu órgão de pensamento, descobrirá como os espíritos malignos estão ansiosos para ajudá-lo a pensar!

6. *Uma mente passiva.* Em termos gerais, a mente vazia difere bastante da passiva. A diferença é que, enquanto a mente vazia é aquela que não é usada, a passiva fica à espera de alguma força exterior para ativá-la. Encontra-se um passo além da mente vazia. Ser passivo é se abster de mover-se por si mesmo e deixar que elementos exteriores o façam. Um cérebro passivo não pensa por si mesmo, mas permite que uma força estranha pense por ele. A passividade reduz o homem a uma máquina.

A mente que se encontra em um estado passivo é muito vantajosa para os espíritos malignos, porque lhes oferece a oportunidade de ocupar também a vontade e o corpo do crente. Assim como a mente obscurecida é facilmente enganada por não saber o que está fazendo e para onde está indo, assim também a passiva acha-se vulnerável ao ataque, visto não ter nenhuma sensibilidade. Se alguém permitir que sua cabeça cesse de pensar, pesquisar, decidir e de examinar sua experiência e ação à luz da Bíblia, está praticamente convidando Satanás a invadir sua mente e enganá-lo.

Muitos dos filhos de Deus, em seu desejo de seguir a direção do Espírito Santo, acham que não precisam avaliar, investigar e julgar à luz da Palavra todos os pensamentos que aparentemente vêm do Senhor. Pensam que ser guiado pelo Espírito é estar morto para si mesmo e obedecer toda noção e impulso do cérebro. Seguem principalmente as ideias que surgem depois de um período de oração. Por isso, procuram deixar a mente passiva durante e depois da oração. Interrompem o fluxo dos próprios pensamentos e outras atividades mentais a fim de se prepararem para receber os "pensamentos de Deus". O resultado é que se tornam duros e inflexíveis, sem raciocínio, e adotam práticas severas, obstinadas e irracionais. Eles ignoram vários fatos. Primeiro, a oração não transforma nossos pensamentos comuns em espirituais.

Segundo, ficar esperando pensamentos divinos durante e após a oração é abrir a mente às operações dos espíritos malignos que tentam imitar as de Deus. Terceiro, a direção do Senhor ocorre na intuição, que é do espírito, e não na mente, que é da alma. Não são poucos os crentes que procuram treinar a si mesmos para alcançarem uma mente passiva. Estão ignorando a vontade de Deus que não deseja que o homem seja passivo, mas que coopere ativamente com ele. Eles induzem a si mesmos a não pensar, a fim de receberem os pensamentos divinos. Não entendem que, se eles mesmos não estão usando o cérebro, o Senhor também não o usará nem introduzirá nele seus pensamentos. O princípio de Deus é que os homens, pela própria vontade, controlem todo o seu ser, e trabalhe junto com ele. Somente o diabo se aproveita da mente passiva, impedindo que o homem a controle. Deus não deseja que os homens recebam sua revelação como autômatos; os espíritos inimigos é que almejam isso. Toda passividade é proveitosa para esses, pois prazerosamente tiram vantagem da insensatez e da inércia do povo de Deus, para operar em sua mente.

PASSIVIDADE

Qualquer terreno que damos aos espíritos malignos implica abrir nossa vida para que eles operem nela. O mais grave desses terrenos é a passividade. Ela reflete uma atitude da nossa vontade, que por sua vez representa todo o nosso ser. A passividade permite que o iníquo opere, embora ele geralmente faça isso despistadamente, procurando enganar o cristão. A causa da passividade é a ignorância do crente. Ele interpreta erroneamente o papel do intelecto na vida espiritual. Ele valoriza o seu intelecto, mas ao mesmo tempo o desvaloriza. Por isso, permite que seu raciocínio se torne passivo, e aceita qualquer pensamento que brote dessa inércia. Portanto é essencial que compreendamos claramente a maneira como Deus nos orienta.

A passividade do crente se deve a uma interpretação errada do significado da consagração e da obediência ao Espírito Santo. Muitos acham que seus pensamentos impedem seu caminhar espiritual. Não percebem que o que atrapalha sua vida espiritual é o cérebro parar ou operar caoticamente. O que trabalha adequadamente não apenas é útil, mas também essencial. Só uma mente assim pode cooperar com Deus. Como já enfatizamos anteriormente, o caminho normal da condução (de Deus) é a intuição do espírito, e não a mente. É extremamente necessário que entendamos esse princípio. Não podemos desprezá-lo. O crente deve seguir a revelação da sua intuição, e não o seu pensamento. Quem presta atenção à mente está andando segundo a carne e, consequentemente, se desviando. Não queremos dizer com isso que a mente seja totalmente inútil e não realize nem mesmo um papel secundário. O erro é vê-la como *o* órgão pelo qual temos comunhão direta com Deus e recebemos revelação dele. Entretanto ela *tem* seu próprio papel, que é *auxiliar* a intuição. Através desta, chegamos a conhecer a vontade de Deus. Contudo precisamos também da mente para analisar nosso sentimento, a fim de determinar se ele vem da intuição ou, é uma imitação das nossas emoções, se é ou não de Deus, e se ele se harmoniza com a Palavra. Pela intuição, conhecemos a verdade. Pela mente, tiramos a prova. E como é fácil errar! Sem o auxílio da mente, veremos que é difícil definir o que é genuinamente de Deus.

A atuação da mente também é necessária no processo normal de receber orientação do Senhor. Embora a orientação proveniente da intuição muitas vezes seja oposta ao raciocínio, ainda assim temos de usar a cabeça, não para discutir com a intuição, mas para examinar se aquele pensamento realmente vem de Deus. A intuição capta a vontade divina rapidamente; entretanto precisamos de tempo para o cérebro procurar provar se o que ele apreendeu vem de fato da nossa intuição e do Espírito Santo. Se for de Deus, durante a prova, nossa intuição emitirá um sentimento ainda mais preciso,

produzindo em nós uma fé ainda mais forte, dando-nos a certeza de que aquela mensagem vem do Senhor. Nesse sentido, o exercício do intelecto é benéfico e correto. Contudo, se essa impressão for do nosso pensamento e do sentimento carnal, nossa consciência se oporá durante o processo de verificação. Consequentemente, o teste mental, para *entender* se um assunto é ou não de Deus, não implicará interferência. Pelo contrário, dará oportunidade à intuição de provar que de fato é verdadeira. Se o pensamento for mesmo da intuição, o que tem ela a temer da prova da mente? Por outro lado, qualquer ideia que tiver medo de uma verificação, provavelmente vem da própria pessoa. A cabeça não deve nunca guiar ou conduzir, mas, inquestionavelmente, deve testar a autenticidade da direção.

Tal ensinamento concorda com as Escrituras: "Não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" e "provando sempre o que é agradável ao Senhor" (Ef 5.17,10). Não podemos desprezar o funcionamento da mente. Deus não elimina os vários componentes da alma do homem; primeiro, ele os renova e, depois, os usa. O Senhor quer que seus filhos saibam o que estão fazendo quando obedecem. Ele não deseja que o sigamos inconsciente e cegamente. Ele não quer que ninguém siga o que ouve e o que sente com uma mente confusa, sem saber do que se traia. Tampouco é seu método usar qualquer parte do corpo do crente sem a compreensão e o consentimento dele. A intenção de Deus é que o cristão entenda a vontade divina e, conscientemente, obedeça ao Senhor com todo o seu ser. Quem se recusa a ter uma atitude responsável, e fica passivo esperando que Deus o mova parcial ou totalmente, está sendo preguiçoso. O Senhor, porém, quer que o homem examine ativamente qual é a vontade divina, para em seguida exercitá-la, obedecendo a Deus. O Senhor exige uma operação harmoniosa da intuição com a consciência do homem.

Portanto, se o crente não reconhecer que esse é o método normal de Deus nos guiar, *pode* cair na passividade. Fica esperando que o Senhor coloque sua vontade no pensamento dele. E segue cegamente toda orientação sobrenatural que recebe, sem exercitar a inteligência para examinar se ela realmente procede de Deus. Esse crente espera até mesmo que o Senhor use seu corpo como se ele fosse um autômato. Ele não emprega a mente para entender, nem a consciência para executar aquilo que é a vontade de Deus. A consequência de tal ignorância é que o inimigo invade a sua mente, visto que a passividade é uma condição que favorece esse fenômeno. (Trataremos disso mais adiante.) Se o homem não utiliza a inteligência, Deus também não a usa, pois isso seria contrário à maneira como o Senhor opera. Os espíritos malignos, entretanto, o fazem. Eles nunca hesitam em aproveitar uma oportunidade para usar a mente do homem. Portanto é insensatez deixarmos nossa mente afundar num estado de passividade, pois os espíritos inimigos estão à espreita, buscando a quem possam devorar.

Avancemos mais um passo nesse assunto da passividade como base para a atuação dos espíritos malignos. Estamos cientes de uma classe de indivíduos que gosta de se comunicar com esses espíritos. As pessoas, em geral, não desejam ser possuídas por demônios, mas essa classe especial anseia por isso. São os adivinhos, os agoureiros, os médiuns, os necromantes. Observando atentamente a forma como eles ficam possessos, podemos compreender o princípio da possessão demoníaca. Essas pessoas dizem que, a fim de ficarem possessas por aquilo que elas chamam de "deuses" (que na realidade são demônios), não podem lhe oferecer nenhuma resistência. Têm de estar dispostos a aceitar aquilo que vier sobre seu corpo, seja o que for. Para tornarem sua vontade totalmente passiva, primeiro, têm de reduzir a mente a um branco total. O cérebro

vazio produz uma vontade passiva. Esses dois elementos são os requisitos básicos para a possessão demoníaca. Por isso, um necromante que está esperando que sou "deus" venha sobre ele, põe-se a abanar a cabeça por algum tempo, até ficar tonto. Assim, sua mente fica completamente "desligada". Como a mente está vazia, sua vontade naturalmente se torna imóvel. Nesse ponto, sua boca começa a se mover de forma involuntária, o corpo treme gradativamente e, daí a pouco, seu "deus" desce sobre ele. Essa é uma maneira de se ficar possesso. Embora haja outras, o princípio para todo espírita é o mesmo: buscar a passividade da vontade esvaziando totalmente a mente. Todos os espíritas concordam que, quando os espíritos ou demônios descem sobre eles, sua cabeça não pode mais pensar e sua vontade não mais atua. Enquanto não alcançarem esse estado de mente vazia e vontade inerte, não estarão possessos.

O chamado hipnotismo científico e a ioga religiosa de hoje, que capacitam os indivíduos a receber os poderes da telepatia, da cura e da transfiguração, na realidade, são fundamentados sobre esses dois princípios. Usando o argumento de que certos métodos podem ser benéficos à humanidade, os que pertencem a essa classe realizam técnicas tais como: fixar a atenção num determinado ponto, ficar assentado em silêncio, e "meditar" profundamente. Na verdade, estão empregando esses esquemas para levar a própria mente a um estado de vazio e sua vontade à passividade. O objetivo é convidarem os espíritos sobrenaturais ou demônios para dar-lhes muitas "experiências maravilhosas". Nosso propósito aqui não é inquirir se essas pessoas reconhecem que estão invocando os espíritos malignos. Só queremos observar que elas estão cumprindo os requisitos para a possessão demoníaca. A consequência é grave; talvez mais tarde venham a descobrir que, na verdade, acolheram os espíritos malignos.

Não é nossa intenção considerar plenamente esse assunto. Desejamos simplesmente dar a conhecer aos filhos do Senhor os princípios que há por trás da prática da "magia negra", que são: *mente e vontade vazias e passivas.* Os espíritos malignos vibram quando alguém assume essas condições, pois podem começar a fazer sua obra malévola imediatamente.

É bom que todo cristão guarde na memória a importante, básica e crucial distinção entre a operação desses espíritos e a do Espírito Santo: o Espírito Santo só opera quando o homem cumpre as condições *divinas* de operação. Os espíritos malignos, porém, agem quando o homem cumpre as condições de operação *deles.* Se um homem, mesmo que pareça estar buscando o Espírito Santo, preencher os requisitos para os espíritos malignos operarem, o Espírito de Deus nunca agirá. Os demônios aguardam incansavelmente a oportunidade de atuarem. Se alguém não souber distinguir o que verdadeiramente é de Deus daquilo que é imitação demoníaca, é só fazer uma pergunta a si mesmo: "Em que condição eu estava quando experimentei tais fenômenos?" Se ele cumpriu as condições para a operação do Espírito Santo, então sua experiência deve ser de Deus. Contudo, se satisfez as condições necessárias para a operação dos espíritos malignos, então o que ele experimentou deve ter sido desses espíritos. Não rejeitamos todo fenômeno sobrenatural; desejamos ardentemente apenas distinguir o que é de Deus daquilo que é de Satanás.

Podemos resumir a distinção básica entre as condições de operação do Espírito Santo e dos espíritos malignos da seguinte maneira:

1. Todas as revelações e visões sobrenaturais ou outras ocorrências estranhas que exigem a *suspensão total da junção da mente,* ou que só obtemos quando ela pára de funcionar, não provêm de Deus.

2. Todas as visões que têm sua srcem no Espírito Santo são aquelas que o crente

recebe quando sua mente está plenamente ativa. Para se receber essas visões, é necessário um envolvimento ativo das várias funções da mente. O empenho dos espíritos malignos segue exatamente o caminho oposto.

3. Tudo o que flui de Deus se harmoniza com a natureza divina e a Bíblia.

Desconsideremos a forma exterior. Ela pode identificar-se libertamente como sendo diabólica ou então disfarçar-se de divina (na verdade, tais são os termos dados). Perguntemos simplesmente qual é o princípio envolvido. Precisamos reconhecer que toda revelação sobrenatural das potestades das trevas exige a suspensão da função da mente. Por outro lado, tudo que provém de Deus permite que a capacidade e a função da mente continuem operando normalmente sem qualquer interferência. Tanto a visão que o povo de Israel contemplou no monte Sinai, registrada no Antigo Testamento, quanto a visão que Pedro teve em Jope, mencionada no Novo Testamento, revelam que os envolvidos exercitaram a cabeça de forma completa.

Examinando os exemplos no Novo Testamento, que falam de uma revelação sobrenatural de Deus, vemos que todo aquele que experimenta a revelação o faz com a mente operando e com a capacidade de *controlar a si mesmo* e de usar qualquer parte do seu corpo. Contudo a imitação da revelação sobrenatural feita pelos demônios exige que a mente daquele que a recebe esteja total ou parcialmente *passiva,* de modo que ele não possa mais empregar elementos do seu corpo em parte ou *no todo.* Isso constitui a antítese entre o que e de Deus e o que é do diabo. Nos textos sobre falar em línguas, por exemplo, vemos que aqueles que falam têm controle e consciência de si mesmos. No dia de Pentecostes, Pedro pôde *ouvir* o deboche das pessoas e *responder* a elas, provando que seus companheiros não estavam bêbados, e sim cheios do Espírito Santo (At 2). Na igreja de Corinto, cabia aos irmãos determinar o número dos que falavam em línguas nas reuniões, se dois ou três. Deveriam *controlar* o que falavam, de cada vez, e se não houvesse interpretação, podiam *manter silêncio* (1 Co 14). Todos retinham sua consciência e podiam limitar a si mesmos, porque "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (1 Co 14.32). Contudo, na experiência falsificada, os espíritos geralmente exigem que "os profetas" se sujeitem a eles. Nisso podemos ver o que é de Deus e o que é do diabo.

Examinamos bastante como se pode distinguir os fenômenos *especiais* concedidos pelo Espírito Santo dos que são dados pelos espíritos malignos. Vamos concluir com uma breve observação sobre a distinção entre uns e outros nos eventos *comuns.* Vamos apenas ilustrar usando o exemplo da direção de Deus. Devemos nos lembrar de que o Espírito Santo quer que sejamos *iluminados e tenhamos sabedoria* (Ef 1.17,18). O Espírito de Deus nunca trata os homens como se fossem marionetes, intimando-os a segui-lo inconscientemente. Ele não lhes pede nem mesmo que pratiquem o bem desse modo. Geralmente, ele expressa seu pensamento no íntimo do homem, em seu espírito. Por isso, a direção divina nunca *é* confusa, vaga, obscura ou obrigatória. Com os espíritos malignos, porém, não é assim. Vejamos como eles operam: O pensamento deles sempre invade o homem, vindo de fora, entrando principalmente pela mente. Ele não vem do fundo do seu ser. Não é uma revelação da intuição, mas é um pensamento mental repentino. O pensamento deles força, empurra e compele o homem a agir imediatamente. Ele nunca concede tempo ao ser humano para pensar, considerar ou examinar. Isso confunde e paralisa a mente do homem, para que não pense.

Consequentemente, podemos ver que, em todos os acontecimentos da vida do crente, sejam especiais ou comuns, tudo o que procede dos espíritos malignos anula o devido funcionamento da sua mente. O Espírito Santo, entretanto, nunca faz isso.

2. FENÔMENOS DE UMA MENTE PASSIVA

Muitos cristãos desconhecem a diferença fundamental que há entre a atividade do Espírito Santo e a dos espíritos malignos. Por isso, de maneira inconsciente, permitem que o inimigo penetre em sua mente, ocupando-a, o que é profundamente lamentável. Por isso, é interessante fazer uma breve exposição sobre os fenômenos que se passam na mente sob o ataque de espíritos malignos.

PENSAMENTOS REPENTINOS

Quando alguém permite que sua mente mergulhe na passividade, começa a receber pensamentos estranhos. São conceitos impuros, blasfemos ou confusos que passam pela mente, um após o outro. E quando tenta expulsá-los, logo se descobre impotente. A mente fica à semelhança de um moto contínuo: uma vez posta a funcionar, não pára mais. A pessoa não consegue livrar-se deles, por mais que se esforce. São os espíritos malignos que trazem esses pensamentos contrários à vontade do crente.

Às vezes, essas ideias surgem como um relâmpago. Proporcionam novas descobertas e a compreensão de fatos novos. Podem se apresentar sob a forma de sugestão, compelindo alguém a fazer alguma coisa. Muitas vezes parecem ter surgido da própria pessoa. Após um exame mais profundo, porém, descobre-se que são apenas o resultado da ação de espíritos malignos em uma mente passiva. Pensamentos repentinos que requerem alguma ação não vêm do Espírito Santo. Por isso, o servo do Senhor deve resistir a eles. Se alguém resolver colocá-los em prática, vai perceber que são completamente destituídos de importância.

Sabemos que, nestes últimos tempos, os espíritos malignos estão atuando de modo especial, ensinando novas doutrinas (1 Tm 4:1). O povo de Deus deve guardar-se de tais ensinamentos que eles podem incutir em mentes passivas. Muitos crentes, ao estudar as Escrituras, acreditam ter recebido uma nova revelação, discernindo fatos que outros não conseguiram. Essas pessoas devem ter muita cautela, pois geralmente é na hora da meditação que as potestades iníquas lançam suas ideias em nosso pensamento, ouentão, de modo furtivo, introduzem algo nele. Muitos cristãos não têm consciência de que podem receber ensinamentos de espíritos malignos. Desse modo, pensam que tudo que lhes vem à mente, de súbito, quando estão meditando, é algo que eles próprios descobriram. Passam então a ensinar essas doutrinas, apresentando-as como o fruto de uma pesquisa pessoal. E não são poucos os que, ao tomarem conhecimento de tais "revelações", se maravilham da sabedoria desses mestres. No entanto, será que essas pessoas estão cientes de que muitas dessas doutrinas emanam do inferno? Muitas heresias, inúmeros ensinamentos ditos "espirituais", interpretações sectárias da Palavra de Deus, que fracionam a igreja de Cristo, se srcinam nesses pensamentos repentinos que podem sobrevir a alguém durante o estudo das Escrituras. Não devemos nos impressionar com as maravilhas de tais lampejos repentinos. Pelo contrário, devemos procurar verificar qual a sua *procedência.* Será que se trata mesmo de uma revelação do Espírito Santo através de nossa intuição? São produto de nossa mente? Ou terão sido o fruto da ação de espíritos malignos?

Quando alguém deixa sua mente em estado passivo, torna-se fácil para o inimigo induzir pensamentos destituídos de propósito, como: "Você é um vaso especial para Deus", "Sua obra vai abalar o mundo", "Você é muito mais espiritual que os outros", "Você deve dar outro rumo à sua vida", "Deus brevemente vai abrir uma porta larga para seu ministério", "Você deve deixar tudo e viver pela fé", "Suas possibilidades

espirituais são ilimitadas". Pensamentos espúrios, como esses, desarmam toda a vigilância do crente. Alimentando essas ideias, dia e noite, ele sonha com a própria glória. Assim, está deixando de lado a razão, não se dando conta do perigo e do ridículo que esses pensamentos podem representar para sua caminhada espiritual. Compraz-se neles, sempre antevendo um futuro glorioso.

Alguns pregadores do evangelho muitas vezes são dominados por esses pensamentos repentinos. Pregam "revelações" que lhes ocorrem de súbito. Atribuem a Deus tais pensamentos, aceitando-os passivamente. Ignoram que Deus não nos dá revelações repentinas, nem as comunica à nossa mente. Embora essas palavras às vezes pareçam ter um significado rico, elas vêm das potestades iníquas. Além disso, muitas vezes, versículos das Escrituras inundam a mente daquele que está pregando. E embora os ouvintes pareçam tocados, não experimentam nenhum benefício depois de uma mensagem dessas. E como um sonho, e também pode ser uma ação das potestades iníquas.

Quando um filho de Deus cede espaço para os espíritos malignos agirem em sua mente, descobre que eles são capazes de introduzir nela qualquer pensamento. Tais espíritos muitas vezes provocam uma desconfiança infundada entre colegas de ministério, ou um pensamento sectário na mente de um obreiro, de modo a isolá-lo dos demais. Por instigação maligna, esse obreiro conclui, de maneira descabida, que alguém esta falando mal dele; daí o afastamento. Na verdade, não há base para tal pensamento. Se tão somente os servos de Deus fossem capazes de discernir a srcem desses pensamentos e resistir-lhes, não haveria semelhantes divisões. Como é triste alguém acreditar que isso é fruto de sua mente, não percebendo que é obra de espíritos malignos!

IMAGENS

O adversário também pode projetar imagens na mente do cristão. Algumas são nítidas e agradáveis, e ele as aceita. Outras são impuras e pecaminosas, e sua consciência as repudia. Boas ou más, aceitas ou não, o triste fato é que ninguém dispõe de forças para impedir que elas lhe invadam a mente. Contra a vontade, permanecem perante os olhos experiências passadas, predição de acontecimentos futuros, e muitas outras ideias. Isso se dá porque seu poder de imaginação caiu na passividade. Por não controlar a imaginação, permitiu que os espíritos malignos a manipulassem. O filho de Deus deve ter consciência de que aquilo que não vem de sua própria mente provém de forças sobrenaturais inimigas.

SONHOS

Os sonhos podem ser naturais ou sobrenaturais. Alguns provêm de Deus; outros são inspirados pelo inimigo. Uns resultam das condições físicas e psicológicas do homem; os demais são de srcem sobrenatural. Quando a mente está aberta aos espíritos malignos, os sonhos srcinam-se, na maioria das vezes, das imagens com que ele se depara durante o dia, reproduzidas sob outra forma. As potestades malignas invisíveis criam imagens durante o dia e sonhos durante a noite. Para saber se nossos sonhos procedem do inimigo, devemos simplesmente nos perguntar: minha mente está *habitualmente* passiva? Se a resposta for sim, não merecem credibilidade. Além do mais, os sonhos e visões inspirados por Deus tornam o homem tranquilo, pacífico, firme e cheio de sabedoria. Já aqueles produzidos pelos espíritos malignos são bizarros, conturbados, cheios de fantasia e engano, tornando a pessoa arrogante, fantasiosa, confusa e destituída de entendimento.

É por causa da passividade da vida mental que as potestades iníquas conseguem

provocar tantos sonhos esquisitos no cristão. Nenhum dos sonhos daquele cuja mente se tornou passiva procede de Deus, nem de causas naturais. São o resultado da ação dos espíritos malignos. A noite o cérebro não está tão ativo quanto durante o dia, por isso acha-se mais propenso a ser manipulado pelo inimigo. Tais sonhos fazem-nos acordar com a cabeça pesada e o espírito melancólico. Deixando a mente passiva, permitimos que os espíritos malignos afetem adversamente o nosso bem-estar, por isso o sono não é reparador. A ocorrência de sonhos desse tipo durante a noite significa que a mente está sujeita à ação nefasta de espíritos malignos. Quem resistir a seus feitos dia e noite, reconquista a liberdade.

INSÔNIA

A insônia é um dos males que frequentemente acometem os cristãos. É um tipo de trabalho característico do inimigo na mente humana. Muitos, ao deitar, são dominados por uma torrente de pensamentos. Continuam pensando no dia de trabalho, recordando experiências passadas, ou apenas enchendo a mente com uma salada de assuntos fora de propósito. Parecem estar examinando mil ideias, como o que se deve fazer, a maneira de fazer, e qual a melhor estratégia. Adiantam se, começando a pensar nos negócios do dia seguinte: como planejar, o que poderia acontecer, ou como proceder nas diversas situações. Assim, uma onda de pensamentos Inunda sua mente. Embora saibam que cama é lugar de dormir e não mesa de trabalho, seu cérebro fica em constante atividade. Reconhecem a importância do sono para o trabalho do dia seguinte; querem dormir, realmente e não ficar pensando. No entanto, por razões desconhecidas, não conseguem. A mente trabalha sem descanso e o sono lhes foge. Alguns crentes com certeza já passaram pela angústia de incontáveis noites de insônia. Quando termina o dia, eles colocam de lado as preocupações e preparam-se para descansar a mente. Contudo isso não acontece, por mais que estejam cansados. À semelhança de uma máquina que não pode parar, continuam em atividade. A vontade não exerce nenhum controle sobre o cérebro. São incapazes de deter os pensamentos; apenas aguardam o instante em que a mente, por algum motivo, pare de funcionar e eles possam conciliar o sono. Normalmente, o sono revigora o espírito, mas quem experimenta indescritíveis noites de insônia passa a ter pavor da hora de dormir, da cama e da noite. Precisa descansar, mas, cada manhã, ao acordar, sente-se como se estivesse saindo de um mundo terrível: a cabeça pesada, a vontade entorpecida, e com uma sensação de absoluta falta de energia.

Em situações como essa, o filho de Deus é levado a crer que a causa está nas condições físicas precárias ou numa sobrecarga dos nervos. Com frequência, porém, essas razões não passam de meras hipóteses. Se fossem reais, depois de um descanso ou de outro remédio natural, haveria a restauração. Isso, porém, não acontece, porque os espíritos malignos se valem daquelas causas naturais para camuflar sua atividade invisível. Desse modo, quando o crente percebe pensamentos borbulhando em sua cabeça durante a noite, deve inquirir o seguinte: Onde se srcinam estes pensamentos? Serão meus mesmos ou serão estranhos? Será que sou eu que estou pensando? É assim mesmo que *eu* penso? Se não estou querendo pensar, como é que este pensamento pode ser meu? Quem coloca em minha mente estes pensamentos repetidos, confusos, impuros e opressivos? Quem, se não os espíritos malignos?

ESQUECIMENTO

Devido aos ataques do inimigo, alguns crentes perdem a capacidade de memória, passando a sofrer de esquecimento. Esquecem-se até daquilo que acabaram de dizer ou de fazer. Não conseguem nem mesmo encontrar objetos que guardaram no mesmo dia.

Esquecem-se de compromissos assumidos há relativamente pouco tempo. Parece até que perderam o cérebro, pois não conseguem reter nada na mente. Pensam que sua memória é pior do que a de qualquer outra pessoa, sem perceberem que o problema é um ataque de espíritos malignos. Passam, então, a depender de anotações. Tornam-se escravos de agendas e memorandos, como um meio de lembrar-se das coisas. Não estamos querendo dizer, entretanto, que uma pessoa deva lembrar-se de tudo. Concordamos que, passados muitos anos, ou até imediatamente, podemos nos esquecer de certos fatos que não deixam uma impressão profunda. Mesmo assim, quando as circunstâncias são favoráveis, devemos nos lembrar, dentro de um período razoável de tempo, de coisas que aconteceram há algum tempo, e que prenderam nossa atenção. Por que será que caíram no esquecimento, então, desaparecendo sem deixar nenhum vestígio, sem possibilidade de serem lembradas? Não existe uma explicação natural para isso; deve ter sido o resultado da invasão das forças do mal. O esquecimento de alguns fatos é um processo natural; o de outros, nem tanto. Toda perda inexplicada de memória indica um ataque súbito das hostes do mal. Muitos cristãos sofrem esse tipo de ataque. E quanto esforço este destrói! Alguns até fazem piadas sobre esse esquecimento! O fato é que muito da nossa confiança e capacidade para a obra fica prejudicado.

Outro fato que acontece, também, é que muitos crentes possuem memória privilegiada, mas em momentos críticos ela falha inesperadamente. Parece que de repente ela se apaga, não permitindo a lembrança de mais nada. Isso causa sérios problemas. Quem passa por essa paralisação súbita pode achá-la misteriosa, mas acaba admitindo que se trata apenas de uma deficiência temporária no vigor físico, algo que pode acontecer de vez em quando. O que raramente se percebe é que isso é sintoma de um ataque dos espíritos malignos.

FALTA DE CONCENTRAÇÃO

Os asseclas de Satanás muitas vezes interferem na capacidade de concentração mental do cristão, que, como se sabe, varia bastante de uma pessoa para outra. O que temos observado, porém, é que a maioria dos crentes já sofreu alguma perda dessa faculdade, devido a uma ação contrária de espíritos malignos, Alguns parecem totalmente incapazes de concentrar- se na hora de pensar; outros, nem tanto, mas seus pensamentos dispersam-se pouco depois de se concentrarem num determinado assunto. Esses irmãos percebem seus pensamentos vagando principalmente durante os períodos de oração, leitura da Bíblia e de entrega da mensagem. Não conseguem concentrar-se, apesar de se esforçarem. Podem até alcançar êxito por algum tempo, mas isso não dura muito. Às vezes perdem o controle por completo. É claro que se trata de uma ação do inimigo. Esses ataques acontecem porque o crente dá lugar aos espíritos malignos.

É uma pena ver alguém desperdiçando sua capacidade mental, passando o dia todo sem conseguir realizar nada. O desperdício da energia mental é prejudicial, da mesma forma que o das energias físicas. Hoje em dia, muitos crentes gastam tempo demais para alcançar poucos resultados. A mente deles é tomada de assalto por espíritos malignos, dificultando bastante a concentração.

O ataque das forças das trevas faz com que o povo de Deus experimente um tipo peculiar de desatenção. A mente, que devia estar concentrada em um determinado assunto, de repente tem um "branco" e em seguida passa a ocupar-se de outro interesse. A pessoa perde a consciência do que está fazendo ou do que está lendo. Ela pode inclusive achar que estava pensando em outra coisa e não naquela em que se

concentrara. Será, porém, que tais pensamentos se srcinam de sua *própria* vontade? São inúmeros os cristãos que, de repente, perdem a capacidade de ouvir qualquer coisa durante um culto. Os espíritos inimigos procuram evitar que ouçam algo que lhes seria proveitoso. Para isso, em vez de paralisar sua mente, forçam-nos a pensar em outros assuntos.

Quando o inimigo ataca a mente do cristão, este tem dificuldade para ouvir os outros. Muitas vezes ele perde palavras, e até mesmo frases. Para escutar com atenção, precisa franzir a testa, tentando compreender o que os outros estão querendo dizer. Às vezes, deixa de entender até as palavras mais simples. A mensagem chega deturpada aos seus ouvidos. Tudo isso se deve a uma perturbação da mente. Os espíritos malignos provocam um entendimento preconcebido da mensagem, que eles interpretam previamente. Por essa razão, muitos crentes são avessos a ouvir o que os outros têm a dizer. Antes que terminemos de falar, estão eles nos interrompendo impacientemente. É que os espíritos malignos já colocaram na mente deles inúmeros pensamentos, e querem que eles os considerem, e passem a divulgá-los logo em seguida. Em verdade, tais indivíduos estão ouvindo tanto o que se diz em seu interior como fora. Dentro, estão as insinuações do inimigo; fora, o que outro está falando. A voz interior é mais forte do que a que chega aos seus ouvidos. Desse modo, eles têm dificuldade de ouvir o que vem de fora. Tais sintomas de desatenção são uma prova de que os elementos satânicos ocuparam o coração deles. Os crentes, às vezes, passam por essa experiência. E enquanto não forem libertos da atividade desses espíritos, serão incapazes de concentrar-se.

Essa perturbação mental costuma levar os cristãos a abanar a cabeça, num esforço para se livrarem desses pensamentos angustiantes. Precisam falar em voz alta consigo mesmos, para produzir uma impressão em sua mente. Caso contrário, não vão entender nada, pois ela está obscurecida. Mais ainda, essas pessoas precisam ler em voz alta, para conseguir pensar no que estão lendo.

INATIVIDADE

Quando a mente do cristão sofre um ataque violento, perde a capacidade de pensar. Cai quase completamente nas mãos de espíritos malignos, de modo que seu dono não pode mais utilizá-la. Não consegue pensar, ainda que queira, pois se tornou incapaz de iniciar qualquer pensamento próprio. Na realidade, miríades de pensamentos passam por sua mente, sem qualquer controle e sem que ele possa detê-los, para começar os seus. As ideias de fora são irresistíveis, a ponto de não lhe permitir considerar as suas próprias. Ele pode até achar um espaço na mente, onde inserir seu pensamento, mas logo descobre que é muito desgastante continuar pensando. As muitas vozes e os muitos assuntos que lá se encontram sufocam a sua própria. Para que alguém pense, deve possuir memória, imaginação e poder de raciocínio. O crente, no entanto, já perdeu essas faculdades, por isso não consegue pensar. Está destituído da capacidade de criar, deduzir, lembrar, comparar, julgar e apreender. Desse modo, não pode pensar. Se ele insistir, vai sentir uma espécie de sensação confusa que sufoca qualquer pensamento produtivo.

Com o processo mental cativo, o cristão naturalmente desenvolve um ponto de vista desordenado e desequilibrado. Para ele, um montículo é como se fosse uma montanha. Tudo lhe parece tão difícil quanto subir ao céu por uma escada. Passa a ter medo de qualquer coisa que lhe exija pensar. Não gosta de relacionar-se com outros, porque isso exige demais dele. Tem a sensação de que, se quiser manter regularmente um bom desempenho nas tarefas diárias, precisa dar a vida. Acha-se preso por uma

cadeia intangível, que os outros não conseguem ver. Sente-se tão mal quanto um escravo que quer fugir e não consegue.

Esses cristãos vivem como que sonhando. Desperdiçam seu tempo, pois não têm pensamentos úteis, nem imaginação, raciocínio ou consciência. Quando a mente é tomada de assalto, a vontade, que obedece ao seu comando, fica automaticamente comprometida. Os crentes, então, tornam-se passivos, permitindo que as circunstâncias os joguem para lá e para cá, sem tomarem nenhuma decisão própria. Cheios de pensamentos conturbados e sem paz, não conseguem romper esse cativeiro para tornarem-se livres. Parece que estão presos por algo que não conseguem ver. Têm vontade de fazer muitas coisas; quando tentam, porém, uma compulsão opressora os leva a desistir, pois, aos seus olhos, todas as tarefas se tornaram impossíveis. Para eles, a vida é uma sucessão de obstáculos intransponíveis. Poderão, por acaso, estar satisfeitos?

Esse tipo de inatividade é muito diferente da natural. Se o problema da mente é apenas passividade, é possível ativá-la a qualquer instante. No entanto, se a inatividade do cérebro for devida à opressão de espíritos malignos, não adianta tentar, A pessoa simplesmente não consegue pensar! Parece que a cabeça está afundando sob o peso de uma carga pesada! É isso que acontece quando os processos mentais estão profundamente afetados por espíritos malignos.

A inatividade mental também é causada pela preocupação constante de que muitos crentes sofrem. Se nos colocarmos no lugar deles, certamente veremos que esses irmãos têm tudo para estar satisfeitos e ser felizes. A realidade, porém, é que estão cheios de preocupações e de pensamentos angustiantes. Se lhes perguntarmos por que estão assim, logo veremos que para eles nada está bom. Se os aconselharmos a se livrarem desses problemas, vão se achar completamente incapazes. Eles mesmos não entendem a razão desse estado de coisas. Parece que estão afundando em um pântano do qual não conseguem sair sozinhos. Tão acostumados estão a viverem preocupados que não têm mais forças para superar essa situação. Com certeza, isso é a mão do inimigo. Se fosse uma preocupação natural, certamente haveria alguma causa que a justificasse. As preocupações sem motivo são sempre desencadeadas por espíritos malignos. O crente se acha num poço tão profundo porque deu ouvidos à voz dos mensageiros das trevas, e agora está sem forças para livrar-se deles. Sua mente se acomodou na passividade de tal maneira que já não consegue ser ativa. As cargas que pesam sobre ele despertam-lhe a consciência para o fato de que se acha cativo. Ele não consegue vislumbrar o azul do céu nem ter um entendimento correto de nenhum problema. Não pode exercer a faculdade de raciocínio. É um prisioneiro lançado numa cela escura, e passa nela todos os seus dias. Os espíritos malignos se regozijam com o sofrimento dele. Todo aquele que cair nas mãos desses espíritos vai ser tratado dessa mesma maneira.

INCONSTÂNCIA

Enquanto a mente do cristão estiver dominada pelas potestades inimigas, seus pensamentos serão totalmente desprovidos de crédito, pois a maioria vêm de espíritos malignos. Poucos são dele mesmo. Esses espíritos podem induzir um determinado pensamento e logo em seguida outro contrário. Seguindo tais mudanças, o cristão naturalmente se torna vacilante. Os que convivem com ele consideram-no de caráter instável, devido às constantes mudanças de opinião. No entanto, são os espíritos malignos que alteram seus pensamentos e mudam seus pontos de vista. Quantas vezes nos deparamos com crentes que num instante dizem "Eu posso" e logo depois respondem "Não posso". De manhã, eles falam "Eu quero" e de tarde já estão dizendo "Não quero". Isso acontece porque os espíritos malignos introduzem em sua mente o

pensamento "Eu posso" e os levam a acreditar piamente que podem. Logo em seguida, porém, introduzem o pensamento oposto a esse, fazendo-o acreditar que de fato não podem. Assim, não foram eles mesmos que mudaram de ideia.

Em todas essas atitudes inconstantes podemos encontrar o adversário agindo na mente humana. Os crentes podem abominar tais atitudes vacilantes, mas não conseguem mudá-las e tornar-se firmes, porque elas não provêm deles mesmos. Quando se recusam a seguir a voz estranha, as potestades malignas falsificam a voz da consciência e os acusam de não obedecer a Deus. Para livrar-se da acusação, esses crentes não têm outra escolha senão mudar as posições já assumidas. Essas características inconstantes têm todas a mesma srcem. Dando ouvidos às sugestões malignas, os cristãos começam repentinamente a empreender muitos projetos. No entanto, a medida que as potestades inimigas modificam suas propus! as, os crentes fazem também o mesmo.

Muitas vezes, os espíritos malignos instilam pensamentos em ocasiões inadequadas. Despertam a pessoa à meia-noite, por exemplo, orientando-a a fazer isso ou aquilo. Se alguém se recusa a obedecer-lhes, promovem uma acusação. Ou ainda, eles poderão sugerir uma mudança de rumo durante a madrugada, levando-o a tomar uma decisão extremamente importante, numa hora em que a mente está mais sujeita a confusões. Rastreando a srcem de muitos desses acontecimentos, vamos descobrir espíritos malignos agindo na mente do homem.

TAGARELICE

Os servos de Deus cuja mente é tomada de assalto pelo Inimigo costumam esquivar-se de conversar com outros, porque não conseguem *ouvir.* Quando tentam, começam a passar, pela cabeça deles, pensamentos sobre os quais não têm nenhum controle, como se fossem nuvens açoitadas pelo vento. Geralmente, são muito tagarelas. Como é que a boca pode deixar de falar se a mente está fervilhando de ideias? A mente que não consegue ouvir, mas quer que os outros a ouçam, está doente. E verdade que alguns crentes, são tagarelas por natureza. Assim, inconscientemente, podem ser instrumento nas mãos do inimigo. Muitos cristãos parecem máquinas de falar comandadas por forças externas.

São muitas as pessoas incapazes de refrear a língua para não soltar mexericos, anedotas e difamações. O coração delas está limpo, mas não consegue reprimir as palavras ociosas. Parece que tão logo as ideias penetram na mente do indivíduo, e antes que ele tenha oportunidade de refletir, elas se transformam em palavras. Essas ondas de pensamento levam-no a falar. A língua escapa ao controle da mente e da vontade. Então ele solta uma torrente de palavras, sem nenhuma reflexão. Algumas vezes isso acontece contra o intento e vontade daquele que está falando. Quando mais tarde os outros lhe lembram o que disse, ele fica admirado de ter dito aquilo. Tudo isso se deve à passividade da mente. As potestades das trevas podem acionar a língua, quando a mente está imobilizada. Começam misturando seus pensamentos aos do homem; e depois misturam as palavras.

O crente deve ter a mais absoluta convicção de que suas palavras devem ser o resultado de seu próprio pensamento. Qualquer palavra que estiver à margem deste é formulada pelos espíritos malignos.

OBSTINAÇÃO

Quando a mente de um indivíduo cai na passividade e as potestades das trevas passam a ocupá-la, se ele toma uma decisão, recusa-se categoricamente a considerar

qualquer outro argumento que possa surgir. E ele vê qualquer tentativa no sentido de proporcionar- lhe um melhor entendimento dos fatos como uma interferência em sua liberdade. Quem se encontra nessa situação considera tolos os que procuram orientá-lo, pois entende que não têm o mesmo nível de conhecimento que ele. Ainda que completamente errado, acha que possui motivos que os outros não conseguem entender. Como sua mente é extremamente inflexível, não tem como usar a razão para examinar, discernir ou julgar. Sem qualquer juízo crítico, aceita tudo que os espíritos malignos colocam em sua mente, reputando como extraordinário. Quando alguém nessas condições ouve uma voz sobrenatural, imediatamente aceita-a como sendo a vontade de Deus. Essa voz é sua lei, transcendendo, portanto, uma investigação racional. Qualquer que seja o pensamento, a voz, ou o ensinamento, ele os considera infalíveis e, sem sombra de dúvida, seguros.

Recusa-se a fazer qualquer análise. Agarra-se tenazmente a esses pensamentos, não levando em conta mais nada. Não se deixa mover por nada que provenha do seu raciocínio ou da sua consciência. Igualmente ineficazes para ele são a explicação e a evidência de outros. Depois de acreditar que se trata da direção de Deus, ele fecha a mente, resistindo a qualquer mudança. E como não usa o raciocínio, pode ser enganado de pronto pelos espíritos malignos. Aqueles que têm algum discernimento enxergam o perigo, mas ele engole tudo como se fosse um doce. Não é fácil restaurar uma pessoa assim.

O SINTOMA DOS OLHOS

Através dos olhos podemos identificar com facilidade uma mente passiva que se acha dominada pelos espíritos malignos. Os olhos, mais que qualquer outra parte do corpo, revelam a condição da mente. Quem se encontra nesse estado de passividade perdeu, em grande parte, sua memória. Quando conversamos com alguém nessas condições, os olhos dele tendem a mover-se para cima e para baixo, vagando em todas as direções. Embora seja uma atitude indelicada, ele não consegue olhar direto em nosso rosto. Contudo ele pode também agir de modo contrário. Fixando o olhar no interlocutor, sem nem sequer piscar, como se estivesse dominado por um poder desconhecido.

Esse olhar fixo pode significar algo mais sério. O inimigo utiliza esse meio para produzir no cristão a atitude de um necromante. Muitas vezes, ao olhar por muito tempo o semblante do seu interlocutor, o crente deixa de ouvir o que ele está dizendo, para ficar atento aos pensamentos que as potestades do mal estão engendrando em sua mente.

Devemos estar atentos ao movimento dos nossos olhos, para ver se está de acordo com o que se passa em nossa mente. Quando a mente se encontra passiva, os olhos tornam-se ofuscados. Aí a pessoa pode começar a captar as visões peculiares que não está buscando, mas torna-se incapaz de concentrar-se naquilo que está querendo ver.

FINALMENTE

Recapitulando, os fenômenos da mente do cristão que se acha sob o ataque de espíritos malignos são múltiplos e variados. Subjacente a todos eles, porém, está a perda do controle. De acordo com o mandamento de Deus, cada uma das habilidades naturais do homem (entre as quais se acha a faculdade de pensar) deve estar completamente sujeita ao seu próprio domínio. Todavia, se, por desconhecimento, um crente der lugar aos espíritos malignos, eles vão ocupar sua mente e assumir o controle direto, sem que a vontade da vítima possa fazer nada. Desse modo, se por acaso esse

cristão descobrir qualquer atuação independente em sua mente, deve ficar sabendo que está sendo alvo do ataque das potestades das trevas.

Alguns resultados da ação nefasta dos espíritos malignos são: a inatividade em vez de uma atividade; a inquietude em lugar da calma; um mal-estar devido a um turbilhão de pensamentos; incapacidade de concentrar-se, distinguir ou lembrar; confusão descontrolada; trabalho sem resultados; falta de ação durante o dia; sonhos e visões à noite; insônia; dúvidas; falta de vigilância; medos infundados e perturbação que produz agonia

3. CAMINHO DA LIBERTAÇÃO

Quando a mente de uma pessoa se torna vítima dos fenômenos discutidos no capítulo anterior, ela deve buscar a libertação. Descrevemos ali apenas os sintomas gerais de uma mente passiva. Não podemos dar uma definição detalhada de cada caso particular, porque existem variações no grau de passividade, na extensão do ataque do espírito maligno e, em consequência, na intensidade do dano causado à mente. Entretanto é importante lembrar que tão logo percebamos qualquer dos fenômenos mencionados, devemos tomar o máximo cuidado, porque podemos ter dado lugar aos espíritos malignos, daí o ataque. É preciso buscar a libertação.

A grande maioria dos cristãos desconhece o dano sofrido por sua mente. Chegam a ficar surpresos quando sabem que esta acha-se na condição de decaída. Parecem entender muita coisa, no que diz respeito à própria mente, porém, seu conhecimento é quase nulo. Não conseguem sequer avaliar a extensão do dano sofrido; é preciso que alguém lhes mostre. Por que não enxergaram isso antes? Será que essa falha não revela uma relação especial da mente com os espíritos malignos, resultando numa perda do conhecimento que deveríamos ter dela? Quem já sofreu tal dano que responda.

OS ARDIS DOS ESPÍRITOS MALIGNOS

Assim que o crente abre os olhos e enxerga o estado em que se encontra, naturalmente vai buscar libertação. Devemos levar em conta, porém, que os espíritos malignos não vão permitir que os cativos se libertem sem luta. Vão empregar toda sua força para impedir que as vítimas lhes escapem.

Vão fazer sugestões mentirosas para servirem como desculpa, tais como:

- Aqueles pensamentos bonitos que de súbito lhe ocorreram provêm de Deus.
- Aquelas revelações que vieram como lampejo são fruto da espiritualidade.
- Sua memória está fraca por causa de sua saúde precária.
- Os esquecimentos repentinos são coisa natural.
- Sua sensibilidade exagerada se deve ao seu temperamento.
- Essa memória fraca você herdou de seu pai (mãe).
- A insônia é resultado de doença.
- Você está apenas cansado.
- Você não consegue pensar porque trabalhou muito.
- Aquela imagem permanente durante a noite provém do super-esgotamento de sua mente durante o dia.
- Os pensamentos impuros são frutos do pecado.
- Você já caiu.
- Você não consegue ouvir os outros por causa da sua própria condição e dos erros que eles cometem.

Os espíritos malignos podem forjar várias outras desculpas. Precisamos reconhecer que estamos sendo *realmente atacados,* e que de fato nos afastamos da normalidade. Se não fizermos isso, o inimigo vai empregar essas e outras desculpas semelhantes para ocultar as posições que ocupou em nossa mente. A verdadeira razão, porém, é que a

mente se encontra passiva e vazia, por isso espíritos satânicos a ocupam. Esses fenômenos são um efeito da operação perniciosa desses espíritos. Admitimos a possibilidade de que haja mesmo algumas causas naturais contidas nessas desculpas. Entretanto o que a experiência de muitos crentes confirma é que as potestades das trevas operam com extrema sutileza através das causas naturais, chegando a enganá-los. Convencem-nos de que as causas naturais, como o temperamento, as condições físicas e ambientais, são a única explicação, e eles se esquecem totalmente da mistura sutil produzida pelos espíritos malignos. Estes se comprazem em ocultar suas obras por trás de alguma causa natural. Nesse caso, podemos aplicar o seguinte teste: se a causa for natural, a pessoa voltará à normalidade logo que se eliminar esse fator natural. No entanto, se além do natural houver algo sobrenatural, a remoção daquele não produzirá recuperação. Se tivermos insônia, por exemplo, o inimigo vai apresentar como causa o trabalho demasiado e a exaustão da mente. Ouvimos isso e deixamos de trabalhar, descansando por algum tempo, sem exercitar a mente. Mesmo assim milhares de pensamentos continuam a encher a mente e a rodear o cérebro durante o sono. Isso mostra que a doença não se deve unicamente à cansa natural. Existe uma causa sobrenatural que a acompanha. Se não dedicarmos tempo para cuidar do aspecto sobrenatural, de nada adiantará a remoção do elemento natural. li da maior importância que os irmãos hoje *examinem* a fonte dessas desculpas. As potestades do mal enganam as pessoas com extrema habilidade, levando-as a explicar que seus ardis malignos não passam de fenômenos naturais. Levam-nas a imaginar que elas próprias estão erradas. Essas pessoas, então, de maneira inconsciente, encobrem a ação dos espíritos malignos. Por isso, devemos examinar com cuidado qualquer desculpa que nos vier à mente. Precisamos escrutinar bem todo raciocínio. De igual modo, devemos identificar a srcem de cada sintoma apresentado. Se simplesmente admitirmos como naturais causas que na verdade são sobrenaturais, vamos ceder mais terreno ao inimigo. Devemos examinar cada opinião acerca de nós mesmos, a fim de não darmos mais terreno aos espíritos malignos, antes mesmo de recuperarmos o que já perdemos anteriormente.

Se alguém passou muito tempo submisso aos espíritos malignos, pode cometer o erro fatal de defender as ações perversas deles. Por isso, precisa proteger-se. Caso incorra nesse erro, estará colaborando com esses espíritos na ocultação da verdadeira causa do seu ataque. Embora esteja passando por problemas, estará ajudando os espíritos malignos a preservarem o terreno conquistado.

Nessa situação, as hostes do diabo estão incitando a carne do crente a cooperar com elas. Na verdade, a carne sempre trabalha junto com o diabo. Querendo salvar as aparências, ou por qualquer outra razão, o cristão se recusa a crer que sua mente possa estar ocupada pelo diabo. Desse modo, se nega a ouvir qualquer ensino sobre Satanás e suas obras. Tal relutância em examinar a questão, com medo de perder sua "experiência espiritual", dificulta muito a libertação. Ele pode retorquir de várias formas:

"Não *preciso* de libertação, por que haveria eu de *querer* ser liberto?"
"Já venci com Cristo. Ele já venceu Satanás, por isso não preciso me preocupar com o inimigo, mas apenas deixá-lo entregue a Deus. Olho para Cristo."
"Não sei nada a respeito de Satanás. Dedico-me à pregação do evangelho; por que haveria eu de preocupar-me com Satanás?"

E com muitas outras respostas desse tipo, o crente rejeita a ideia de que os espíritos malignos estejam agindo em sua vida. E se alguém tenta ajudá-lo, ele pode até mesmo dizer:

"Tudo bem! Resista por mim e ore por mim."

Quem fala assim não está sendo sincero. Simplesmente deseja ficar tranquilo, enquanto outros lutam pela sua libertação.

Aqui, então, devemos perguntar por que alguém haveria de fazer objeção a aprender algo sobre Satanás e suas obras. Seria pelo fato de Satanás ter agido na mente da pessoa a ponto de causar-lhe receio de enfrentar a situação, temendo que ela venha a ser exposta? Na verdade, quem reage dessa maneira está familiarizado com muitas coisas referentes ao diabo e não se preocupa em saber de mais nada. No entanto o evangelho de Jesus Cristo salva as pessoas não apenas do pecado, mas do diabo também. Por que, então, temer a menção do inimigo ao pregar o evangelho? Não parece o caso de uma pessoa que cometeu determinado crime calar com medo quando alguém se refere a ele? Devido à sua preocupação com o diabo, o crente sente-se mal quando outros o mencionam. No fundo do coração, ele abriga o temor de que sua verdadeira condição seja revelada.

"Suponhamos que eu esteja realmente oprimido por espíritos malignos", declara ele com seriedade, "aí então que é que eu vou fazer neste mundo?"

Apesar de dizer isso, o que na verdade ele está procurando é encobrir-se e confortar a si mesmo.

Se, porém, o crente recebe e aceita o ensinamento e começa a buscar libertação, os espíritos malignos começam a atacá-lo. Passam a derramar inúmeras acusações em sua mente, responsabilizando-o por toda sorte de erros, condenando-o e repreendendo-o com tal fúria que não lhe sobra energia para recuperar o terreno perdido. Eles sabem que o crente agora está informado e que assim não podem mais *enganá-lo.* Por isso mudam de tática, utilizando uma cadeia incessante de acusações:

"Você está errado, você está errado."

Aí o crente sente-se como se estivesse afundando num abismo de pecado, pois não enxerga socorro à vista. Entretanto, se puder reconhecer nisso uma simples mentira de Satanás, ele se levanta e resiste. Assim ele vence.

A experiência ensina que logo depois que alguém descobre que perdeu o domínio da mente, e luta para reconquistá-la, passa a sofrer muito mais do que antes.
Os espíritos malignos vão partir para um último ataque, tentando derrotá-lo. Vão empregar sua costumeira tática mentirosa, dizendo-lhe que ele não poderá re-conquistar a liberdade, por ter-se afundado demais na passividade. Ou então dirão que Deus não está disposto a conceder-lhe graça novamente, ou que será melhor não resistir. Dirão ainda que, de qualquer forma, ele não poderá receber libertação. Por que, então, aborrecer-se com esforço e sofrimento? Todos nós, porém, precisamos saber que não devemos viver pela graça satânica. Devemos possuir a liberdade, mesmo que tenhamos de morrer para reconquistá-la. É impossível alguém cair na passividade a ponto de não poder mais ser liberto. Deus é por ele, e ele poderá ser livre, sim!

Conhecendo a verdade e reconhecendo que sua mente nunca foi liberta do poder das trevas, ou que o foi apenas em parte, o filho de Deus naturalmente se levantará para batalhar contra os espíritos malignos, procurando destruir a fortaleza que eles edificaram em sua mente. Ele descobre, então, que as armas de guerra devem ser espirituais, pois as da carne de nada valem. Ele não pode libertar a si mesmo apenas tomando resoluções, ou adotando medidas para melhorar sua memória ou seu pensamento. Sua mente está cativa de poderes sobrenaturais, os quais ele não pode expulsar nem destruir por instrumentos carnais. O crente nunca imagina que os

poderes das trevas possam ter usurpado sua mente de modo tão profundo. Ele só consegue enxergar isso quando entende a verdade sobre sua condição por si mesmo e se prepara para reconquistar o território perdido que essas potestades ímpias irão, igualmente, defender a todo custo. O filho de Deus passa, então, a ver como sua mente está escura, embotada, passiva e fora de controle. O diabo fará de tudo para torturá-lo com ameaças, para evitar que ele tome qualquer atitude no sentido de recuperar o espaço cedido a Satanás. Com isso, ele convence o crente mais do que nunca de que sua vida mental é definitivamente uma fortaleza do inimigo e que ele não tem nenhum controle sobre ela. Ele percebe que o adversário tenta impedir que entenda as verdades que deseja aprender, pois é capaz de se lembrar de assuntos não essenciais, mas totalmente incapaz de compreender ou se lembrar dos que são vitais. Sente que, em sua mente, existe uma força contrária à verdade que ele já aceitou.

Agora começa a guerra pela libertação da mente. Será que o cristão vai conformar-se em permanecer como fortaleza dos espíritos malignos? Se não for, quem deve resolver o problema então? Deus? Não, é o próprio homem. Ele deve escolher entre oferecer-se inteiramente ao Senhor ou permitir que o mecanismo de seus pensamentos continue sendo um objeto nas garras de Satanás. Vai continuar dando permissão às potestades das trevas para utilizarem a mente de um servo de Deus? Para derramarem seus pensamentos pervertidos através da mente desse salvo? Os espíritos malignos poderão encher a cabeça dos crentes com pensamentos que procedem do fogo do inferno? Podem propagar seus ensinamentos à vontade, através da mente do cristão? Poderão resistir à verdade de Deus manipulando a mente do remido? Poderão prejudicá-lo, atormentando-o através da mente? E o próprio cristão quem deve decidir. Será que ele deseja continuar sendo uma marionete nas mãos dos espíritos malignos? *Ele* tem de tomar essa decisão. Caso contrário, não haverá possibilidade de libertação.

Na realidade, tomar uma decisão de ficar ao lado de Deus não significa que ele tenha vencido. Mostra apenas se ele está mesmo se opondo ao ataque do inimigo.

RECUPERANDO O TERRENO PERDIDO

Lembremo-nos de que os espíritos malignos conseguem operar na mente do cristão porque este lhes cedeu terreno. Anteriormente, havíamos agrupado o terreno perdido em seis categorias. Vamos reduzi-las agora a três tipos principais: (1) a mente não renovada, (2) a aceitação das mentiras dos espíritos malignos, e (3) a passividade. O crente deve examinar cuidadosamente a si mesmo para descobrir que tipo de terreno ele cedeu aos espíritos malignos. Foi a mente não renovada? Ou a mente passiva? Ou foi a aceitação das mentiras dos espíritos malignos? Quem sabe ele cedeu os três? De acordo com a experiência, é exatamente isso que muitos têm feito. Têm cedido os três tipos de terreno ao diabo e seus seguidores. Depois de identificar o ponto ou os pontos por meio dos quais ele cedeu território aos espíritos malignos, deve partir imediatamente para a recuperação de todo o terreno perdido. Essa é sua única salvação. Visto que ele chegou ao estado em que se encontra por entregar alguma fortaleza aos espíritos malignos, só estará liberto quando reconquistar todas as fortalezas entregues. A mente não renovada deve ser renovada. A mentira aceita deve ser identificada e repudiada. A passividade deve ser transformada em ação livre. Vamos analisar uma por uma.

A MENTE RENOVADA

O que Deus quer, por ocasião da conversão, não é apenas uma mudança na nossa mente. Sua vontade é que tenhamos uma mente totalmente renovada, transparente como cristal. Encontramos esse mandamento na Palavra de Deus. Satanás opera no

cristão porque ele ainda não foi totalmente liberto da mente carnal. Inicialmente, ele pode ter uma mentalidade bitolada, incapaz de tolerar os outros. Ou pode ter uma mentalidade obscurecida que não consegue compreender as verdades mais profundas, ou ainda uma mentalidade tola que não dá conta de nenhuma responsabilidade importante. Depois, passa a pecados mais sérios. Isso acontece porque "o pendor da carne é inimizade contra Deus" (Rm 8.7). Conhecendo o ensino de
Romanos 6, muitos cristãos se acham já libertos da mente carnal. O que não lhes agrada é ter de deixar a cruz operar minuciosamente em cada área de sua vida.

O "considerai-vos mortos para o pecado" deve ser seguido pelo "não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (Rm 6.11,12). Seguindo a mudança de mentalidade, outro fato deve ocorrer: todo pensamento deve ser levado cativo a Cristo (2 Co 10.5). A mente deve ser renovada completamente, visto que qualquer resíduo de carnalidade é inimizade contra Deus.

Para termos uma mente renovada, devemos nos aproximar da cruz. Em Efésios 4, o apóstolo Paulo mostra isso com clareza. Nos versículos 17 e 18, ele afirma que a mentalidade carnal do homem encontra-se obscurecida. Em seguida, nos versículos 22 e 23, ensina como a mente pode ser renovada: "... vos despojeis do velho homem, que se corrompe segundo as concupiscências do engano, e vos renoveis no espírito do vosso entendimento". Sabemos que o nosso velho homem já foi crucificado com o Senhor (Rm 6.6). Agora ele nos exorta a nos "despojar", para que nossa mente possa ser renovada. Isso revela que a cruz é o instrumento de renovação. O crente deve compreender que seu velho cérebro também é parte do velho homem, do qual Deus quer que nos despojemos completamente. A salvação que o Senhor comunica através da cruz compreende não apenas uma nova vida, mas a renovação de cada *função* da nossa alma também. Precisamos ir pouco a pouco "desenvolvendo" essa salvação, profundamente arraigada em nosso ser. Os cristãos hoje cometem uma falha grave, quando não percebem a necessidade de salvação para sua mente (Ef 6.17). Concebem a salvação em termos vagos e gerais. Não reconhecem que Deus deseja salvá-los completamente, de tal modo que todas as suas capacidades sejam renovadas e adequadas para o uso do Senhor. A mente é uma das capacidades naturais do homem. Deus nos conclama a crer que o velho homem foi crucificado. A partir daí precisamos aceitar sinceramente o julgamento divino para com o velho homem e exercitar nossa vontade para resistir a seus feitos, despojando-nos deles, inclusive dos antigos pensamentos. Devemos chegar ao pé da cruz com o desejo de abandonar a mentalidade tradicional, confiando que Deus vai nos dar uma nova mente. Irmãos, precisamos nos despojar da velha mente de modo completo. E claro que essa renovação é obra de Deus, mas o despojar-se - negar, abandonar - do velho órgão do pensamento é tarefa nossa. Se realizarmos nossa parte, o Senhor fará a dele. Se nos despojarmos de fato, poderemos então acreditar que Deus vai renovar nossa mente de maneira completa, mesmo sem sabermos como.

Muitos são os filhos de Deus que, embora salvos e possuindo uma nova vida, continuam carregando a velha mente. Não houve nenhuma mudança nas suas antigas teorias, nos seus processos mentais e nos seus preconceitos. Essas pessoas apenas receberam um invólucro de cristão. Usam seu velho cérebro para pesquisar, aceitar e propagar a verdade espiritual. Não é de admirar que estejam frequentemente caindo em erros ou que precipitem conflitos intermináveis na igreja. Da mesma maneira que Deus não está satisfeito com aquele que realiza a obra do Senhor em sua própria força, ele está insatisfeito com aquele que usa a mente natural para apreender a verdade divina. A mente não renovada acha-se espiritualmente morta. Por isso, tudo o que dela

procede está morto também. Muitos podem orgulhar-se dos seus profundos conhecimentos da Bíblia e da excelência de suas doutrinas teológicas, mas aqueles que possuem discernimento espiritual têm consciência de que tudo isso está morto.

Por reconhecer que nossa mente está envelhecida, naturalmente passamos a ter o propósito de nos despojar dela pela cruz. Para isso, devemos negar dia após dia todos os pensamentos carnais. De outro modo, será impossível experimentarmos a renovação. Como é que Deus pode ter sucesso em sua missão de renovar nossa mente, se continuarmos ainda pensando segundo a carne?

Com paciência e determinação, devemos examinar todos os nossos pensamentos, mas do ponto de vista de *Deus*. Qualquer coisa que não seja dele, ou que seja contrária à sua verdade, deve ser "espremida" ou "forçada" para sair da mente. Devemos igualmente rejeitar o simples conhecimento intelectual da verdade. Paulo revela que a mente não renovada está cheia de argumentos e imaginações altivas (2 Co 10.5). Essas coisas nos impedem de chegar ao verdadeiro conhecimento de Deus. Devemos trazer todos esses pensamentos cativos à obediência de Cristo. O apóstolo diz "todo pensamento". Assim, não podemos deixar se submeter nem um deles sequer a esse processo. Não descansemos enquanto não levarmos cada pensamento à sujeição a Cristo. Examinando nosso pensamento, iremos verificar (1) se ele vem da nossa mente velha, (2) se emana do terreno cedido, (3) se vai oferecer mais terreno aos espíritos malignos, ou (4) se brota de uma mente normal e renovada. Devemos nos perguntar por que ele está confuso, cheio de preconceitos, rebelde ou irritado; por que se opõe a determinada verdade antes mesmo de examiná-la; por que é contra alguns cristãos dos quais apenas ouviu falar; e se tem base suficiente para opor-se dessa maneira, ou se os detesta simplesmente por ter uma mente natural. Durante esse processo, devemos examinar todo pensamento e tudo aquilo que provém da nossa imaginação, a fim de detectar quais são os que brotam do velho homem, rejeitando-os imediatamente. Para quem vive de forma leviana, tal exercício, sem dúvida, parece insuportável. Dirigida pelas potestades das trevas, a mente dessas pessoas está solta e desenfreada. No entanto, não podemos perder de vista que se trata de uma guerra. Se não lutarmos, como poderemos retomar a fortaleza do adversário que se acha instalada em nossa mente? O inimigo é uma realidade inconteste; desse modo, não temos outra coisa a fazer senão exercer contínua vigilância.

REJEITAR AS MENTIRAS

Quando o salvo se coloca debaixo da luz de Deus, descobre que no passado costumava aceitar as mentiras dos espíritos malignos. Essas mentiras provocaram sua queda, deixando-o na condição em que agora se encontra. Algumas vezes ele assumiu uma *posição* errada devido a um mal entendimento da verdade divina, acreditando na mentira do inimigo. Por não compreender o relacionamento entre Deus e o homem, por exemplo, ele pode, inadvertidamente, crer que o Senhor comunica seu pensamento diretamente a ele. Desse modo, espera e aguarda passivamente, e depois aceita aqueles pensamentos crendo que vêm de Deus. Com isso, os espíritos malignos obtêm sucesso com as imitações que fazem, e com frequência lhe comunicam uma grande quantidade de pensamentos, todos fraudulentos. Em outra ocasião, o inimigo pode sugerir situações de derrota para a sua vida, inclusive na área da saúde. Quando o crente acata essas insinuações, mais tarde descobre que elas acabam se transformando em realidade. Os espíritos malignos podem introduzir em nossa mente, por exemplo, a idéia de que algo nos sobrevirá. Se não resistirmos a isso, ou se recebermos a insinuação sem questionar, dentro de pouco tempo descobriremos que ela termina invariavelmente acontecendo.

Exercitando-se, o filho de Deus descobre que muitas das Aflições, fraquezas, doenças e várias outras mazelas que o acometem, são mentiras que os espíritos malignos plantaram em sua mente e que ele aceitou. Às vezes, esses males são causados diretamente pelo fato de ele crer nessas mentiras. Em outras, eles são indiretos, consequência de ele haver acreditado nelas. Para o cristão se libertar, ele deve experimentar a luz de Deus, que é a verdade divina. Anteriormente, esse cristão perdeu terreno por ter dado crédito a essas mentiras. Por isso, ele deve recuperar esse terreno agora, negando todas elas. Da mesma maneira que a luz desfaz as trevas, a verdade destrói a mentira. Devemos, portanto, buscar compreender toda a verdade a respeito de nós mesmos, de Deus, e dos espíritos malignos. Precisamos pagar o preço para nos apropriarmos dessas verdades. Devemos orar de todo o coração para obter a revelação divina, e assim possamos contemplar nossa verdadeira condição. Dessa forma, saberemos onde fomos enganados e o que provocou nosso sofrimento. Em seguida, devemos fazer um auto-exame de todos os nossos sofrimentos físicos e emocionais. De onde provém cada um deles? Que é que provocou essas dificuldades? Foi a aceitação das mentiras de Satanás, ou as ações erradas decorrentes da aceitação delas? Temos de descobrir a fonte e depois, com *tranquilidade* e *oração,* esperar para sermos iluminados pela verdade de Deus.

O diabo aborrece a luz e a verdade porque elas ocupam o terreno onde ele pretende agir. O crente deve batalhar na mente para reter cada palavra da verdade. Os espíritos malignos procuram ocultar a verdade, impedindo que tenhamos conhecimento de suas obras. Além do mais, eles tentam negar o fato *específico* que resulta da aceitação de uma *determinada* mentira. O princípio de operação deles é sempre "para que lhes não resplandeça a luz" (2 Co 4.4). Em qualquer circunstância devemos nos esforçar muito para descobrir a verdade. Esta significa, no mínimo, a *verdadeira condição.* Mesmo que alguém seja incapaz de expulsar o inimigo, seu posicionamento ao lado da verdade faz com que Satanás perca terreno. Podemos, pelo menos, expressar nossa vontade, declarando que *queremos* a verdade, que desejamos conhecê-la e obedecer a ela. Pela oração e por uma decisão voluntária, devemos resistir a toda mentira satânica, qualquer que seja sua aparência: pensamento, imaginação ou argumento. Quem faz isso está permitindo que o Espírito Santo conduza sua mente obscurecida à luz da verdade de Deus. Pode acontecer de levarmos meses para identificar *uma* mentira satânica. Devemos, primeiro, resistir em nossa vontade a todo fundamento dos espíritos malignos, para depois derrubar uma por uma as mentiras nas quais *anteriormente acreditávamos, mas agora não acreditamos mais.* Desse modo, recuperamos gradualmente todo o território cedido a ele. Não vamos crer em absolutamente nada daquilo que os espíritos malignos disserem. Assim eles perderão seu poder.

RECONHECER A NORMALIDADE

Se alguém está sofrendo aflições de toda espécie, seja devido à passividade, seja por haver acreditado na mentira dos espíritos malignos, precisa procurar descobrir urgentemente qual é o seu estado normal. Com exceção da mente não renovada, tanto a passividade quanto a aceitação das mentiras fornecem aos espíritos malignos fortalezas que provocam a deterioração constante de todas as funções da mente do cristão. Suas capacidades de raciocínio, de memória, de resistência física e outras, irão enfraquecer. Tão logo reconheçamos o perigo, devemos buscar libertação. No entanto, que é que se deve entender por "libertação"? Exatamente isto: a volta ao estado *srcinal.* Por isso, é essencial que todo aquele que busca restauração descubra qual era o seu estado srcinal. Cada pessoa tem uma condição normal, Aquele estado em que se encontrava antes de cair devido ao engano do inimigo. E deve novamente tomar

consciência desse estado. Assim que descobrir que já não é como era antes, deve perguntar a si mesmo o seguinte: Qual era minha condição anterior? A que distância estou dela hoje? Como posso voltar a ela?

Nosso estado anterior é o normal. O estado de onde caímos é o nosso padrão aferidor. Se não soubermos o que é normal para nós, devemos fazer as perguntas seguintes: Minha mente nasceu assim tão confusa ou houve alguma ocasião em que eu tinha lucidez? Minha memória sempre foi tão falha ou houve um período em que eu conseguia me recordar dos fatos tom mais facilidade? Sempre tive insônia, ou antes conseguia dormir bem? Diante dos meus olhos sempre passaram figuras, como um filme numa tela, ou já tive momentos mais tranquilos? Sempre fui fraco, ou já houve um tempo em que me sentia mais forte? E verdade que nunca consegui me controlar, ou antes eu podia me dirigir melhor? Respondendo a essas perguntas, a pessoa deve ser capaz de perceber se está fora da sua situação normal, se está sob ataque ou se tornou-se passiva. Ademais, ela poderá saber qual é o seu estado normal.

Para definir nossa condição normal, devemos reconhecer e crer que inicialmente *tínhamos* um estado normal. Embora alguém esteja caído hoje, já experimentou uma vida melhor antes. E exatamente esse o estado normal, aquele ao qual se aspira voltar. A normalidade significa o estado normal de alguém. Se encontrarmos dificuldade em definir a nossa normalidade, devemos procurar nos lembrar da melhor fase de nossa vida, quando nosso espírito era ainda forte; a memória e o pensamento, claros; e o corpo, saudável. Vamos adotar isso como nossa normalidade. Será um padrão mínimo que devemos alcançar. Não podemos nos contentar com nenhuma outra medida que não atenda a essa condição. E não existe razão que justifique a eventualidade de não alcançarmos esse estado, visto que já estivemos nele antes. Todavia essa não é ainda a maior possibilidade que temos. Por isso, devemos pelo menos reconquistar a normalidade e recusar terminantemente nos afastarmos dela de novo.

Comparando a situação atual com aquela que já desfrutamos um dia, podemos avaliar o quanto estamos afastados da condição normal. Quando a mente sofre um ataque do mal, podemos perceber que a memória e o raciocínio se tornam fracos. Quando é o corpo que está sendo atacado, podemos muito bem sentir que as forças estão diminuídas. Depois de reconhecer o afastamento da normalidade, devemos imediatamente exercitar a vontade para resistir à condição anormal e lutar para voltar ao estado normal. Geralmente, os espíritos malignos resistem a essa tentativa de demolição de suas fortalezas. Começam, então, a insinuar:

"Você já está velho e não pode pretender que sua mente seja como a de um jovem; a capacidade do homem decai com o passar dos anos."

Aos jovens eles dizem:

"Devido a um problema congénito, você não pode desfrutar da bênção de uma mente ativa por muito tempo, como os outros fazem."

Ou então dizem que nos encontramos nesse estado por lermos trabalhado demais. Eles podem se tornar ousados a ponto de dizer que nosso verdadeiro estado é o atual, que somos inferiores aos outros por termos recebido um dom menor. O alvo dos espíritos malignos é levar-nos a crer que a explicação para nossas fraquezas é que elas são *naturais, necessárias* e até esperadas. Se não estivermos enganados, nem passivos, mas absolutamente livres, essas palavras talvez mereçam alguma investigação. No entanto, se estivermos enganados ou na passividade, essas desculpas não são dignas de crédito. Aquele que foi redimido para desfrutar de uma vida melhor não deve permitir que as potestades das trevas o mantenham num estado inferior.

Decididamente, devemos rejeitar suas mentiras.

Chamamos a atenção para o seguinte: a mente enfraquecida pela doença é bem diferente da que está minada por ter cedido terreno aos espíritos malignos. No primeiro caso, existe um distúrbio no sistema nervoso. No segundo, a obra do inimigo não causa nenhuma alteração nos nervos, simplesmente impede seu funcionamento adequado. Se a mente não sofreu perturbações orgânicas, achando-se apenas temporariamente fora de suas condições normais, pode ser restaurada. Para isso, basta que os espíritos malignos sejam expulsos. Muitos doentes mentais, inicialmente, sofreram perturbações nervosas causadas por doenças naturais. Depois, porém, foram vítimas do ataque de espíritos malignos. Nesses casos, a restauração fica mais difícil.

VENCER A PASSIVIDADE

Definida nossa condição normal, o importante passo a ser dado a seguir é a luta pela restauração. Não devemos nos esquecer, porém, de que o adversário fará de tudo para manter o terreno conquistado, do mesmo modo que os governantes deste mundo defendem renhidamente seus territórios. Não podemos esperar que os poderes das trevas entreguem suas cidadelas sem resistência. Pelo contrário, vão lutar até ao fim. Reconheçamos que perder terreno é fácil, recuperá-lo, porém, é tarefa que exige um esforço enorme. Devemos, ainda, dispensar uma atenção especial ao aspecto legal do problema. Toda nação tem leis cujos julgamentos lícitos devem ser cumpridos de maneira absoluta. Do mesmo modo, no mundo espiritual existem leis, e seus juízos legais são tão coercitivos que nem mesmo os demônios podem desobedecer a eles. Se aprendermos essas leis espirituais, e agirmos de conformidade com elas, os espíritos malignos serão forçados a devolver o que tomaram.

Há uma lei básica que é a mais importante do reino espiritual. De acordo com ela, ninguém pode realizar nada que diga respeito ao homem sem o consentimento deste. É por ignorância, então, que o crente aceita o engano dos espíritos malignos e permite-lhes operar em sua vida. Ele precisa agora recuperar o território cedido; para fazer isso, deve exercitar sua vontade, a fim de desfazer seu antigo consentimento. Deve, ainda, insistir no fato de que ele é senhor de si mesmo, e não vai tolerar que o inimigo manipule qualquer parte do seu ser. Numa batalha como essa, os espíritos malignos não podem transgredir a lei espiritual; por isso, têm de bater em retirada. No início, as potestades do mal usurparam a mente do cristão, por causa da passividade deste. Isso provocou a passividade da vontade. O crente, agora, deve declarar, pela lei de Deus, que sua mente lhe pertence, que ele vai usá-la, e que não permitirá que nenhuma força exterior a instigue, empregue ou controle. Se ele sair da passividade de maneira implacável e exercitar sua mente, ela será liberta, retornando, por fim, ao seu estado srcinal. (Em outra parte falaremos mais sobre a recuperação do terreno e sua batalha.)

Nesse conflito, é necessário exercitar a mente. Precisamos tomar a iniciativa em cada ação, e não ficar dependendo de ninguém. Se possível, devemos tomar nossas próprias decisões, sem esperar passivamente pelos outros, nem aguardar circunstâncias mais favoráveis. Não devemos olhar para trás, nem nos preocupa com o futuro, e sim aprender a viver o momento atual. Orando e vigiando, devemos avançar passo a passo. Devemos exercitar a mente e *pensar:* pensar no que fazer, falar ou ser. Devemos lançar fora toda muleta, não permitindo que nenhum elemento ou meio mundano substitua a capacidade da mente. Devemos usá-la para pensar, raciocinar, lembrar e compreender.

Se a passividade da mente for longa, a batalha pela libertação terá uma duração igualmente demorada. É preciso entender que, antes de reconquistarmos a liberdade,

os espíritos malignos que usurparam a mente ainda criarão muitos pensamentos. Por essa razão, precisamos examinar cada ideia, a fim de não acontecer que, antes de recuperarmos totalmente o terreno antigo, venhamos a ceder novos territórios a esses espíritos. Portanto, durante esse período, as acusações que surgirem não serão necessariamente por causa dos nossos erros, nem os louvores recebidos srcinados por méritos próprios. Não devemos perder a esperança, mesmo que a cabeça esteja cheia de pensamentos de desânimo. Da mesma forma, não devemos ficar exaltados, se as ideias forem elevadas.

É preciso, também, atacar as mentiras dos espíritos malignos. Vamos enfrentar de modo resoluto cada insinuação do inimigo, citando verdades da Bíblia. Respondamos às dúvidas com textos de fé. Temos de reagir ao desespero com palavras de esperança; ao temor, com palavras de quietude. Quem não conhece um versículo apropriado, deve orar a Deus pedindo a orientação dele. Sempre que percebermos que algo vem desses inimigos, vamos dizer:

"Isso é mentira de vocês e não vou aceitar." Alcançaremos a vitória pelo manejo da Espada do Espírito.

Durante esse combate, não podemos jamais nos esquecer da posição da cruz. Devemos permanecer em Romanos 6.11, considerando-nos mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus. Já morremos, por isso estamos libertos da velha criatura. Os espíritos malignos agora não podem fazer absolutamente nada em nossa vida, pois toda base de operação que tinham foi desfeita na cruz. Cada vez que exercitamos a mente e resistimos ao diabo, manifestamos uma completa dependência àquilo que a cruz realizou. Percebemos, então, que nossa morte com o Senhor é um fato. Por isso, sustentamos com firmeza nossa posição diante do inimigo. Nós morremos; os espíritos malignos não têm autoridade sobre uma pessoa morta. Faraó não podia ferir espíritos de lagos que estavam do outro lado do mar Vermelho. Descansar na morte do Senhor nos proporciona uma vantagem imensa.

LIBERDADE E RENOVAÇÃO

À medida que recuperamos o terreno, palmo a palmo, o efeito vai se manifestando. Às vezes, no início, quando começamos a busca da restauração, as coisas parecem piorar. Quem persistir, porém, verá que o adversário irá constantemente perdendo o poder. Vários sintomas irão diminuindo, à medida que vamos amplamente reconquistando o território. A mente, com suas faculdades de memória, imaginação e raciocínio, se tornará livre para que possamos usá-la novamente. Entretanto é preciso ter cuidado para não nos tornarmos satisfeitos com nós mesmos, deixando de lutar até ao fim, até aquele ponto em que recuperamos todo o terreno perdido. Agindo assim, concederíamos uma base de operação aos espíritos malignos, de onde surgiriam novas ações no futuro. E preciso continuar lutando pela restauração da soberania até alcançar a emancipação completa. Aquele que permanece no fundamento da cruz, e exercita sua mente para resistir à usurpação do inimigo, logo estará completamente liberto, tornando-se senhor da própria mente.

Recapitulemos resumidamente o processo que vai da passividade à libertação:

1. A mente do cristão srcinalmente era normal.

2. Ele se afundou na passividade, desejando que Deus usasse sua mente.

3. Cometeu engano ao pensar que agora possuía uma nova mente.

4. Na verdade, ele caiu abaixo da normalidade, devido aos ataques dos espíritos malignos.

5. Sua mente se tornou fraca e sem poder.

6. Ele batalha para reconquistar o terreno perdido.

7. Sua mente parece se tornar mais corrupta e confusa do que nunca.

8. Na verdade, ele está reconquistando gradualmente a liberdade.

9. Ele insiste na sua soberania e determina recuperar-se da passividade.

10). A passividade é desfeita; ele está recuperado.

11. Lutando por sua vontade, ele não apenas obteve sucesso em reter sua normalidade dali para frente, mas:

12. Pode também fazer o que antes não podia, visto que sua mente foi recuperada por completo.

Observemos que a mente renovada é algo muito mais profundo do que a mente simplesmente liberta. Reconquistar as fortalezas perdidas por causa da passividade e por dar crédito às mentiras do inimigo significa simplesmente restaurar o que foi perdido. Ao passo que ser renovado inclui não apenas a restauração do que foi cedido ao diabo, mas também posse de algo muito mais elevado do que aquilo que se possuía antes. Ter uma mente renovada é alcançar o ponto mais alto que Deus destinou à mente. O Senhor quer que o cristão tenha uma mente não apenas liberta dos grilhões das trevas pelo pleno controle de si mesma, mas também que ela seja *renovada,* a fim de poder cooperar inteiramente com o Espírito Santo. Deus quer que a mente seja plena de luz, sabedoria e entendimento, com toda sua imaginação e todo seu raciocínio purificados e levados à perfeita obediência de sua vontade (Cl 1.9). Portanto não devemos ficar contentes apenas com um pequeno ganho.

4. AS LEIS DA MENTE

Com a mente renovada, podemos nos maravilhar com o poder de Deus. Somos libertos das atividades improdutivas e não-essenciais. A capacidade de concentração se torna muito mais aguçada; o entendimento, mais perceptivo; a memória, mais pronta; o raciocínio, mais claro; e a perspectiva, menos limitada. Trabalhamos com mais eficácia, raciocinamos com maior clareza e captamos os pensamentos dos outros com mais facilidade. Como agora estamos livres da linguagem de uma experiência limitada e liberados para o mundo ilimitado do conhecimento espiritual, recebemos o conhecimento espiritual com a mente aberta. Afastamos toda prevenção e toda ideia preconcebida contra a obra de Deus. Assim, nossa mente se torna capaz de realizar provas até então impossíveis, e de aceitar responsabilidades duas ou três vezes maiores que aquelas que suportaria antes.

Em nossos dias, a mente do cristão é bastante ineficaz, porque ainda não foi renovada. E, mesmo depois de renovado, a velha mentalidade pode atacá-la. Se não nos opusermos tenazmente à maneira tradicional de pensar, inconscientemente voltaremos a ela. Sabemos que é necessário renunciar às obras da carne e diariamente seguir o espírito. Da mesma maneira, devemos resistir à velha mentalidade e, dia após dia, pensar de acordo com a mente renovada. E uma vigilância absolutamente necessária; se não a exercermos, retornaremos ao estado anterior. Na vida espiritual, sempre é possível ocorrer uma regressão. Se não vivermos a renovação mental com vigilância, poderemos, ainda, acreditar na mentira do inimigo e ceder-lhe terreno, através da passividade. Para mantermos a mente sempre renovada, em constante progresso, precisamos nos apropriar de suas leis. Da mesma maneira que o espírito, a mente tem leis. Vamos mencionar algumas delas. Se as colocarmos em prática, obteremos a vitória.

A MENTE TRABALHA COM O ESPÍRITO

Examinando o processo por que passa o crente *espiritual* para discernir, entender e realizar a vontade de Deus, podemos identificar os seguintes passos: Primeiro, o Espírito Santo revela a vontade de Deus no espírito do cristão, para que ele a conheça. Segundo, através da mente ele compreende o significado dessa revelação. Terceiro, com sua vontade ele emprega sua força espiritual para ativar o corpo, a fim de executar a vontade de Deus. Não há nada mais perto do espírito do que a mente. Esta nos permite o aprendizado nas esferas intelectual e material. Com o espírito, percebemos as realidades do mundo espiritual. Já o conhecimento de nós mesmos provém do intelecto. As coisas de Deus nos chegam através do espírito. Ambos são órgãos de conhecimento, por isso seu relacionamento é o mais íntimo possível. Andando segundo o espírito, descobriremos que a mente é o seu melhor ajudador. Portanto é necessário entender essa operação conjunta.

A Bíblia fala de modo bem claro sobre a coordenação entre o espírito e a mente: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e de revelação no pleno *conhecimento* dele, iluminados os olhos do vosso coração, para *saberdes...*" (Ef 1.17,18 - grifo do autor.) Já explicamos o significado de "espírito de sabedoria e de revelação". Deus nos dá a conhecer a sua pessoa e a sua vontade, concedendo revelação ao nosso espírito. Agora desejamos observar como a revelação obtida intuitivamente em nosso espírito opera junto à nossa mente.

"Os olhos do coração" é uma figura que aponta a sede do raciocínio e do entendimento - a mente. Nessa passagem, a palavra "conhecer", ou "conhecimento", usada duas vezes, serve para transmitir duas noções distintas. A primeira é o

conhecimento intuitivo; a segunda, o conhecimento ou compreensão mental. Esse espírito de revelação está localizado no fundo do nosso ser. Deus se revela ao nosso espírito para que verdadeiramente possamos compreendê-lo, por meio da intuição. Até aqui temos o conhecimento intuitivo, ou seja, enquanto o homem interior sabe, o exterior permanece ignorante. E indispensável comunicar ao homem exterior aquilo que o interior já sabe. Não havendo essa comunicação, não pode existir uma ação conjunta dos dois. Como é que ela se processa? As Escrituras ensinam que o espírito ilumina a mente, para fazê-la compreender o significado da revelação contida na intuição. Nosso homem exterior depende da mente para compreender as coisas. Por isso, o espírito deve transmitir a esta o que sabe por intuição, de modo que a mensagem chegue a todo o ser, capacitando-nos a andar segundo o espírito.

Primeiro, conhecemos a vontade de Deus pela intuição; depois nosso intelecto a interpreta. O Espírito Santo se move em nosso espírito, produzindo um sentimento espiritual. Em seguida, exercitamos o cérebro para estudar e entender o significado desse sentimento. Para termos uma compreensão plena da vontade de Deus, é necessário que haja uma cooperação entre o espírito e a mente. O espírito capacita nosso homem interior, a saber; a mente leva o homem exterior a compreender. Tal cooperação ocorre num segundo; descrevê-la, porém, leva mais tempo. Eles operam como se fossem as duas mãos. Num piscar de olhos, o espírito transmite à mente o que percebeu. Todas as revelações vêm do Espírito Santo e nós as recebemos através do espírito, e não da mente, a fim de que o espírito possa conhecê-la pela intuição. Depois as faculdades mentais as estudam e compreendem.

Temos de recusar com veemência a possibilidade de a mente ser o principal canal de recepção da vontade de Deus. Contudo não devemos impedi-la de servir de canal secundário. O crente carnal vê no raciocínio seu critério de conduta, porque ainda não aprendeu a andar segundo o espírito. O crente espiritual segue o espírito, mas também permite que sua mente compreenda o que o espírito quer dizer. A verdadeira orientação é aquela em que os dois se harmonizam. Comumente a direção do espírito se opõe àquilo que os homens chamam de raciocínio. Todavia, no crente cujas faculdades racionais foram renovadas, o raciocínio opera junto com o espírito, de modo que a direção deste parece perfeitamente lógica ao *seu* raciocínio. Já a racionalidade daquele cujo homem interior ainda não alcançou essa condição elevada vai se opor com frequência à direção do espírito.

Vimos em Efésios 1 como o espírito ajuda a mente. Depois de receber revelação de Deus, o espírito ilumina o intelecto. A mente do homem espiritual não depende da vida natural, e sim da luz do espírito. Se não fosse assim, ela se precipitaria nas trevas. A mente renovada precisa ser dirigida pela luz do espírito. Desse modo, quando o homem interior estiver bloqueado por espíritos malignos, o indivíduo pode achar seus pensamentos confusos, e todo o seu ser, disperso. A mente do homem espiritual é sustentada pelo espírito. Se este cair, devido aos ataques, sua influência não pode atingir o cérebro. Assim, a mente começa a perder controle imediatamente. Precisamos estar vigilantes para preservar o relacionamento adequado desses dois elementos e para que nosso espírito não seja sitiado pelos espíritos malignos, afastando a mente de seu funcionamento normal.

Nossa mente é um instrumento através do qual o Espírito Santo age. De que modo se expressa aquele que habita no espírito do homem? Ele não se satisfaz simplesmente com o fato de crermos que ele está presente em nosso espírito. Sua meta é manifestar-se por nosso intermédio, para que outros possam possuí-lo também. O Espírito Santo exige *nossa* cooperação em inúmeras situações. Para ele, não basta *habitar* em nosso

espírito; ele quer, também, se *expressar* por meio dele. E é através da mente que o nosso espírito se manifesta. Quando ela se encontra obstruída, nosso espírito fica privado desfie meio de expressão. Isso impede que o Espírito de Deus flua do nosso interior para outras pessoas. Precisamos da mente, também, para entender o significado do nosso conhecimento intuitivo. Isso abre as portas para Deus comunicar seu pensamento a outros por nosso intermédio. Se nossa mente for estreita e destituída de prudência, a comunhão do Espírito Santo conosco fica prejudicada.

A MENTE, O ESPÍRITO E A MENTE ESPIRITUAL

Quanto mais espiritual for o filho de Deus, maior será sua consciência do que é andar segundo o espírito e dos perigos de andar segundo a carne. Então, o que significa andar no espírito? Em Romanos 8 encontramos a resposta. É cogitar das coisas do espírito e possuir uma mente espiritual. "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz." (Rm 8.5,6.) Andar segundo o espírito significa fixar a mente nas coisas do espírito; significa também permitir que o espírito dirija a mente. Os que agem segundo o espírito são aqueles que se ocupam do que diz respeito ao homem interior. Portanto sua mente é espiritual. Andar segundo o espírito indica simplesmente que a mente está sob o controle do espírito e "cogita" das coisas que são dele. É isso que caracteriza a mente renovada, que se acha sob o controle do espírito, e está apta para saber quando ele age ou quando se cala.

Aqui vemos, mais uma vez, a relação entre os dois: "Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito". A mente do homem pode cogitar tanto das coisas da carne como das do espírito. Nossas faculdades mentais (alma) situam-se entre o espírito e a carne (o corpo). O homem anda naquilo em que a mente se fixa. Se ela se ocupar da carne, andaremos segundo a carne. Se ela se prender ao espírito, andaremos segundo o espírito. Portanto não é necessário perguntar se estamos andando segundo o espírito ou não. Precisamos apenas procurar saber se estamos cogitando das coisas do espírito, isto é, se estamos percebendo se ele está em movimento ou quieto. E impossível cogitarmos das coisas da carne e ainda assim andarmos segundo o espírito. Sempre seguimos o rumo para o qual nossa mente se inclina. Essa lei é imutável. Em que é que nossa mente pensa e o que é que ela observa em nossa experiência diária? A quem obedecemos? Estamos atentos ao homem interior ou estamos obedecendo à carne? Ocupando-nos das coisas do espírito, seremos homens espirituais. Ocupando-nos da carne, nos tornaremos carnais. Se nossa mente não for governada pelo espírito, será pela carne. Se não for guiada pelo céu, será pela terra. Se não receber orientação de cima, receberá de baixo. Seguir o espírito produz vida e paz. Seguir a carne resulta em morte. Do ponto de vista de Deus, tudo que brota da carne não tem nenhum valor espiritual. Um crente pode viver em "morte", embora ainda possuindo vida.

Por que é tão importante para quem anda segundo o espírito *inclinar-se* para as realidades do espírito? Porque essa é a condição mais importante para assegurar-se a direção em espírito. Muitos crentes esperam que Deus determine as circunstâncias de sua vida, mas ao mesmo tempo menosprezam a necessidade de atentar para o espírito. Isso significa que eles não estão atentos às sugestões que emanam do fundo do seu ser. Deus, que habita em nós, está sempre nos conduzindo na direção do nosso espírito. No entanto, por causa da dureza da nossa mente, não nos agradamos disso. Realmente, ele se revela à nossa intuição, mas nosso intelecto está voltado para uma infinidade de outros interesses, estranhos ao que se passa no espírito. Estamos negligenciando nossa

percepção espiritual. Às vezes, nosso espírito está bem, mas nossa mente se desvia, incapacitando-nos para seguir o espírito. Tudo aquilo que provém da intuição é delicado e suave. Se não nos habituarmos a obedecer ao espírito, não poderemos conhecer os pensamentos dele e andar de acordo com eles. Nossa mente deve estar alerta como um vigia, aguardando sempre o mover no homem interior, a fim de que nosso homem exterior se torne totalmente submisso.

Deus sempre nos orienta através de toques delicados no espírito. O Senhor nunca usa de sentimentos fortes e coercivos para forçar o homem a obedecer-lhe. Invariavelmente, ele nos dá a oportunidade de decidir. O que nos é imposto à força nunca provém de Deus; é obra dos espíritos malignos. Se não atendermos aos requisitos para a operação do Espírito Santo, ele não atuará. Por isso, não podemos simplesmente nos limitar a esperar sua direção. Se quisermos que o Espírito nos guie, temos de levar nosso espírito e nossa mente a operar ativamente junto com ele. Andaremos segundo o espírito se exercitarmos nosso homem interior para cooperar com o Espírito Santo, e fizermos nosso homem exterior seguir o movimento, ou o silêncio, em nosso espírito.

A MENTE ABERTA

Além de experimentarmos a revelação direta de Deus, muitas vezes tomamos conhecimento da verdade através da Palavra pregada por outros servos do Altíssimo. Recebemos essa verdade primeiro no intelecto; depois ela alcança o espírito. E através da mente que entramos em contato com os ensinamentos dos outros. Dificilmente, isso se dá por meio de outro canal. Por isso, uma mente aberta é da maior importância para a vida espiritual. Se tivermos o cérebro cheio de preconceitos em relação à verdade ou ao pregador, não captaremos nenhuma mensagem. Com isso, a verdade não influenciará nossa vida. Não é de admirar que alguns cristãos não recebam nenhuma ajuda. Eles já decidiram o que querem ler ou ouvir.

Se estivermos familiarizados com o processo de comunicação da verdade, perceberemos a importância de ter uma mente livre. A verdade chega primeiro à mente; depois entra no espírito, despertando-o. Por fim, ela se manifesta em nosso viver diário. A mente fechada, preconceituosa, impede que a verdade entre no espírito. Opõe-se a tudo que seja diferente daquilo que pensa, criticando-o. Seus conceitos constituem o padrão da verdade. Vê tudo o que lhe é contrário como inverdade. Uma mente dessas impede que muitas das verdades de Deus penetrem no coração. Assim está prejudicando sua própria vida espiritual. Muitos cristãos experientes podem testemunhar da necessidade de uma mente despida de preconceitos, no tocante à revelação da verdade. Constantemente, estamos recebendo muitas verdades, mas não as compreendemos por faltar-nos uma mente aberta. Deus precisa de muito tempo para remover os obstáculos, para que possamos aceitar a verdade! Uma mente desobstruída, aliada a um espírito livre, ajuda-nos muitíssimo no conhecimento da verdade.

Se nossa mente estiver aberta, logo perceberemos como é preciosa uma verdade que inicialmente nos parecia ofuscada, mas agora tem a luz do espírito. É sempre assim que recebemos a verdade. Inicialmente, ela parece destituída de propósito. Depois de algum tempo, porém, a luz do espírito brilha em nossa mente, capacitando-a a compreender o quanto aquela verdade é profunda. Podemos até não dispor das palavras adequadas para expressá-la, mas bem no íntimo a compreendemos perfeitamente. A mente aberta permite que a verdade entre; a luz do espírito torna-a proveitosa.

A MENTE CONTROLADA

Tudo em nossa vida deve estar sob controle, inclusive a mente, mesmo depois de renovada. Não podemos soltar as rédeas, senão os espíritos malignos tirarão proveito disso. É Importante lembrar que *o pensamento é a semente da ação.* Um descuido nessa questão invariavelmente conduz a um pecado. Qualquer pensamento que semearmos, mais cedo ou mais tarde, acabará germinando. Todos os pecados inconscientes ou de arrogância têm srcem nas sementes de pensamento que permitimos ao inimigo plantar em nós. Se deixarmos que uma noção pecaminosa se instale em nossa mente, algum tempo depois, anos talvez, surgirá um ato pecaminoso proveniente dela. Se, por exemplo, concebermos um mau pensamento contra nosso irmão, devemos imediatamente erradicá-lo, purificando nossa mente. Se não o fizermos, colheremos um fruto repugnante. Devemos empregar todos os nossos esforços ao tratar com nossos pensamentos. Se deixarmos nossa vida mental sem controle, possivelmente não teremos domínio sobre mais nada. Por isso Pedro nos exorta a cingir a mente (1 Pe 1.13), isto é, a controlar nossos pensamentos, sem jamais deixá-los soltos.

O propósito de Deus é que levemos "*todo* pensamento cativo à obediência a Cristo". Por isso, devemos examinar cada um dos nossos pensamentos sob a luz de Deus, não permitindo que nenhum deles escape à nossa observação ou julgamento. Temos de examinar e controlar todo pensamento.

Para dominarmos a mente, não podemos ter nenhum pensamento impróprio. Devemos lançar fora tudo que for inconveniente. Também não podemos deixar a mente ociosa. Ela deve avaliar tudo com cuidado, para que possamos ser prudentes e espirituais. Não devemos permitir que a mente vagueie, para evitar que os espíritos malignos venham agir sobre ela. A mente deve ser preenchida com a revelação dada pelo espírito, precisamos exercitar o intelecto para examinar se ela procede de Deus ou de nós mesmos. Ao tomar qualquer atitude, precisamos também descobrir se estamos seguindo inteiramente o espírito, agindo no momento de Deus, ou se há algo que procede de nossa própria mente. Essa atividade mental ajuda o espírito a tornar clara a revelação recebida pela intuição, e também a identificar qualquer discrepância. Todo pensamento centralizado no ego impede-nos de conhecer a vontade divina; pois somente o que desaprova o "eu" é correto. Deus não quer que o sigamos cegamente. Quer que compreendamos sua mente com lucidez. Devemos desconfiar de tudo que for destituído de clareza.

Sempre que a mente estiver em atividade, devemos ter cuidado para ela não operar sozinha, ou seja, independentemente do governo do espírito. A mente liberta do "eu" pode entender melhor a vontade de Deus; mas a independente apenas mostra a corrupção da carne. Muitos crentes, por exemplo, examinam as Escrituras com a razão, apoiados em sua própria capacidade intelectual. No entanto, a verdade que declaram conhecer está apenas na cabeça deles. Essa atitude mental independente é bastante perigosa, pois não edifica ninguém. Só serve para fornecer alguma informação que vai alimentar os pensamentos e servir de base para a jactância. Deveríamos rejeitar com vigor todas as verdades que afio fruto apenas da mente, pois possibilitam a operação de Satanás. Temos de restringir todos os desejos de busca do mero conhecimento intelectual.

A mente deve funcionar, mas também precisa de descanso. Se trabalhar incessantemente, sem nenhum repouso, acabará adoecendo, da mesma maneira que o

corpo. Devemos regular nossa atividade, evitando que a mente se torne superativa e fora de controle. A derrota de Elias, quando estava debaixo da árvore de zimbro, deveu-se a um trabalho excessivo da mente (1 Rs 19).

Devemos conservar a mente na paz de Deus o tempo todo. O profeta Isaías diz: "Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti" (26.3). Um cérebro que não descansa fica perturbado, prejudicado tanto para a vida espiritual como para o serviço espiritual. E por isso que muitos têm caído no erro. Uma mente sem paz não pode funcionar bem. Por isso, o apóstolo Paulo ensina a não nos inquietarmos por coisa alguma (Fp 4.6). Devemos entregar todas as ansiedades a Deus, tão logo elas surjam. Que a paz de Deus governe nosso coração e nossa mente (v. 7)! Contudo Paulo também nos exorta a colocar nossa mente para trabalhar e a não deixá-la ociosa: "Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento" (v. 8).

Não podemos deixar que as emoções controlem a mente. Ela deve descansar tranquila em Deus e operar pela fé. Esse é o significado de uma mente moderada que Paulo recomenda que cultivemos (2 Tm 1.7). Devemos seguir a intuição do espírito e julgar tudo segundo o mandamento de Deus, que estabelece o que é certo e o que é errado.

Nossa atitude mental deve ser sempre de humildade. A mente orgulhosa facilmente provoca desvios. Qualquer ideia de justiça própria, de importância própria, ou de auto-sufi ciência pode nos levar ao erro. Alguns crentes, apesar de possuírem enorme bagagem de conhecimentos, caem no engano próprio por pensarem demais em si mesmos e sempre de modo muito elevado. Se queremos ser bem-sucedidos genuinamente, devemos fazê-lo com toda a humildade de mente (At 20.19). Temos de lançar fora toda consideração enganosa, e procurar determinar qual é nosso lugar no corpo de Cristo, de acordo com a designação de Deus.

A MENTE CHEIA DA PALAVRA DE DEUS

"Na sua mente imprimirei as minhas leis", declara o Senhor (Hb 8.10). Devemos ler muito a Palavra de Deus e decorar mais textos dela, para que nos momentos de grande necessidade possamos lançar mão desse conhecimento. Se lermos a Bíblia com diligência, Deus fará com que suas leis estejam presentes em todos os nossos pensamentos. Quando estivermos necessitando de luz para o nosso caminho, logo nos lembraremos daquilo que a Bíblia diz. Muitos não querem exercitar a mente lendo a Palavra. Eles oram e depois abrem a Bíblia, aceitando como sendo de Deus o que lhes aparecer.

Não podemos acreditar nessa prática. No entanto, se a Palavra estiver abundando em nossa mente, o Espírito Santo pode Iluminá-la de vez, através da intuição do espírito, trazendo à lembrança um versículo apropriado à nossa situação. Não é preciso que ninguém nos diga que não devemos roubar, pois sabemos disso pela Palavra de Deus. Ela já está em nossa mente. O mesmo se aplica a qualquer outro assunto. Desse modo, se estivermos firmes nas Escrituras, poderemos compreender a mente de Deus em qualquer circunstância.

CLAMAR POR UMA MENTE PURIFICADA

Devemos estar sempre pedindo a Deus que purifique nossa mente e a mantenha sempre renovada. Temos de pedir ao Senhor para extirpar todo pensamento negativo que se refere a ele, bem como toda ideia estranha, de tal forma que só aviamos naquilo que procede unicamente dele. Vamos orar pedindo a Deus que nos conceda pensar apenas nele, e também fazê-lo de modo correto. Pecamos ainda que nenhum pensamento brote de nossa natureza corrompida, e, se brotar, que sua luz possa imediatamente identificá-lo e desfazê-lo. Vamos pedir a Deus para guardar-nos dos

sectárias. Pecamos também que o Senhor impeça que nossa mente receba qualquer doutrina facciosa, que provoque separação entre irmãos. Roguemos-lhe que tenhamos todos uma só mente; e, se não conseguirmos essa unidade em alguma questão, que esperemos por ela sincera e pacientemente. Supliquemos ao Pai que jamais abracemos ideias ou ensinamentos errôneos. Imploremos-lhe que nos ensine a "morrer" não apenas para nossa natureza corrompida, mas também para nossa mente carnal. Roguemos-lhe que nossas ideias jamais venham a ser motivo de divisão no corpo de Cristo. Peçamos-lhe que não permita que nos enganemos de novo. Imploremos em favor dos nossos irmãos, para que também possam viver para ele, deixando de lado toda provocação e toda atitude sectária, e que todos possam verdadeiramente desfrutar da comunhão fraternal plena.

DÉCIMA PARTE
A ANÁLISE DA ALMA-A VONTADE

1. A Vontade do Crente
2. A Passividade e Seus Perigos
3. O Erro do Crente
4. Como Obter Libertação

1. A VONTADE DO CRENTE

A vontade é a faculdade que permite ao homem tomar decisões. Querer ou não querer, escolher ou não escolher são operações típicas da vontade. Ela é o "leme" que nos permite navegar pelo mar da vida.

Podemos considerar a vontade nosso verdadeiro ego, pois é ela que realmente o representa. A ação da vontade é nossa própria ação. Quando dizemos "eu quero, eu decido", é a nossa vontade que está querendo ou decidindo. Ela atua pelo homem inteiro. Nossas emoções expressam simplesmente o que sentimos. A mente diz apenas o que pensamos. A vontade, porém, comunica aquilo que *queremos.* Por isso, ela é o principal elemento do nosso ser. É mais profunda do que a emoção e a mente. Desse modo, na busca do crescimento espiritual, não podemos negligenciar nossa vontade.

Muitos cristãos cometem o erro de ver apenas o aspecto emocional da "religião". Eles creem que ela apenas alivia e alegra nossas emoções. Já outros insistem em que a "religião" deve ser racional, e nunca exageradamente emocional. Esses só aceitam uma religião racional. O que os homens não sabem é que a verdadeira religião não tem como alvo a emoção ou a razão, e sim a comunicação da vida ao espírito do homem, levando-o a submeter-se totalmente à vontade de Deus. Se nossas experiências "religiosas" não produzirem em nós uma aceitação *voluntária* de todo o conselho de Deus, serão bastante superficiais. Que aproveita ao homem uma caminhada espiritual se ao longo dela a vontade não demonstrar nenhum sinal adequado da graça? Ou se ela não receber nenhuma influência de Deus?

A salvação verdadeira e perfeita é a que opera na vontade do homem. Qualquer coisa que não for suficientemente completa para envolver a salvação da vontade do homem é apenas vaidade. Todos os sentimentos agradáveis e pensamentos lúcidos pertencem exclusivamente ao domínio exterior. O homem pode experimentar alegria, conforto e paz crendo em Deus. Pode entender sua majestade e acumular conhecimentos maravilhosos. Contudo, se sua vontade não estiver unida com a de Deus, será que ele goza de uma união genuína com o Altíssimo? A única união verdadeira é a das vontades. Por isso, depois de recebermos vida, devemos estar atentos não apenas à intuição, mas à vontade também.

O LIVRE-ARBÍTRIO

Ao examinar o homem e sua vontade, devemos ter em mente que ele possui livre-arbítrio. Isso significa que ele é soberano, que sua vontade é soberana. Não se deve impor ao homem aquilo que ele não aceita; não se deve forçar nada a que ele resista. Ter livre-arbítrio significa poder decidir o que quiser. O homem não é um brinquedo mecânico dirigido por outros. É responsável por todos os seus atos. Sua vontade controla todos os aspectos de sua vida, tanto os interiores como os exteriores. Ele não é governado automaticamente por uma força externa; pelo contrário, abriga no seu interior um princípio que determina seus atos.

Foi assim que Deus criou o homem. Não era um ser mecânico, pois o Senhor lhe disse: "De toda árvore do jardim comerás *livremente,* mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.16,17-grifo do autor). Como foi que Deus lhe ordenou? Ele o persuadiu, proibiu-o, mas nunca o forçou. Se Adão quisesse atender a Deus e não comer do fruto proibido, isso teria sido decisão dele. Entretanto, como ele não quis ouvir e decidiu comer, Deus não o impediu. Isso é que é ter livre-arbítrio. O Criador

atribuiu ao homem a responsabilidade de comer ou de não comer, para que ele resolvesse segundo sua vontade livre. Deus não criou um Adão incapaz de pecar, de rebelar-se ou de roubar. Se assim fosse, ele seria apenas uma peça de um maquinário. Deus pode aconselhar, proibir e ordenar; todavia a responsabilidade de atender ou não é do homem. Por amor, o Senhor deu a ordem; por causa da justiça, ele não força o homem a fazer o que este não quer. Para o homem obedecer a Deus, é necessário que ele esteja disposto a isso, pois o Senhor jamais o força. Na verdade, o Criador poderia empregar vários meios para fazê-lo querer. Entretanto Deus não realiza seu propósito no homem sem o consentimento deste.

Esse princípio é extremamente vital. Veremos mais tarde que o Criador nunca o desrespeita, mas os espíritos malignos o fazem constantemente. Desse modo, podemos aprender a identificar o que procede de Deus e o que não procede.

A QUEDA DO HOMEM E A SALVAÇÃO

Infelizmente, a humanidade caiu. Essa queda trouxe um prejuízo enorme ao livre-arbítrio do homem. Podemos dizer que no Universo existem duas vontades sólidas e contrárias. Uma é a de Deus, santa e perfeita; a outra, a de Satanás, contaminada, corruptora e rebelde. No meio das duas, encontra-se a vontade soberana, independente e livre do homem. Quando este ouve ao diabo e se rebela contra Deus, apresenta um eterno "não" à vontade divina e um permanente "sim" à de Satanás. O homem emprega sua vontade para escolher a do diabo, tornando-a cativa deste. Por isso, todos os seus filou são governados pela vontade do diabo. Enquanto o homem não anular essa sujeição a Satanás, sua vontade continuará dominada por ele.

Nessa condição decaída, o homem é carnal. A vontade e todas as demais funções são governadas pela carne que, ao olhar totalmente para o próprio eu, é incapaz de produzir algo agradável a Deus. Como é que uma vontade tão desprezada pode produzir algo agradável a Deus? Até mesmo quando busca o Criador, ela o faz com motivação carnal. Por isso, tal atitude não tem valor espiritual. Ele pode até criar muitas maneiras de cultuar ao Todo-Poderoso. Todas elas, porém, são oriundas de sua mente; tudo é "culto de si mesmo" (Cl 2.23), que, em hipótese alguma, o Senhor aceita.

Se o homem não receber a nova vida de Deus para depois servi-lo em novidade de vida, tudo que fizer será obra da carne. A intenção de servir ao Senhor, e até mesmo de sofrer por ele, é vã. Antes de ser regenerado, sua vontade é fútil, mesmo que esteja inclinada para o bem e para Deus. O que realmente importa para Deus não é o que o homem caído deseja fazer para o Senhor, e sim o que Deus quer que ele faça. O homem pode conceber e realizar um grande número de obras extraordinárias para o Senhor. Contudo, se elas não tiverem sua srcem em Deus, nada mais são do que "culto de si mesmo".

Isso se aplica também à questão da salvação. Quando o homem vive segundo a carne, Deus não aceita nem mesmo sua vontade de ser salvo. Lemos no Evangelho de João que "a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome; os quais não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da *vontade do homem,* mas de Deus" (1.12,13 - grifo do autor). O homem não é regenerado porque quer. Tem de nascer de Deus. Hoje em dia, os cristãos cometem o erro de achar que, se alguém quiser ser salvo e buscar o caminho da vida, sem dúvida nenhuma será um bom discípulo de Cristo, já que não há nada melhor do que ter esse anseio. No entanto Deus afirma que a vontade do homem não tem nada a ver com a questão da regeneração, nem com outras que dizem respeito ao

Senhor.

Muitos crentes não entendem por que João 1 declara que a vontade do homem é ineficaz, enquanto o último capítulo do livro de Apocalipse traz esta afirmação: "Quem *quiser* receba de graça a água da vida" (22.17 - grifo do autor), como se o próprio homem fosse totalmente responsável por sua salvação. E o Senhor Jesus mesmo, explicando por que os judeus não eram salvos, disse: "Contudo, *não quereis* vir a mim para terdes vida." (Jo 5.40-grifo do autor.) Aqui também parece que a responsabilidade da perdição recai sobre a vontade do homem. Será que a Bíblia se contradiz? Existe algo especial por trás dessas aparentes incoerências? Compreendendo esse assunto, poderemos entender melhor o que Deus requer de nós na vida cristã.

Lembremo-nos de que o desejo de Deus é "que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento", porque ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (2 Pe 3.9; 1 Tm 2.4). A dúvida não é se Deus quer salvar alguns, ou deixar que outros pereçam. O problema é a atitude do pecador para com a vontade do Senhor. Se ele decidir tornar-se um cristão movido apenas por causas naturais, encontra-se tão longe de Deus e da vida divina como qualquer outro pecador. Algumas dessas causas são uma inclinação natural para a "religião", a tendência de olhar o mundo com natural desdém, sua herança cultural, o meio em que se vive, e a família. Se o pecador tomar sua decisão num momento de emoção e de entusiasmo, ele pode não conseguir nada. Na verdade, tudo se resume nisto: qual é a atitude dele para com a vontade *de Deus?* Deus o ama, mas será que ele vai aceitar esse amor? Cristo o chama, mas será que ele vem? O Espírito Santo quer dar-lhe vida, mas será que ele está disposto a nascer de novo? Sua vontade só é útil para tomar a decisão de unir-se à de Deus. A questão resume-se tão-somente em saber como essa vontade vai agir para com a vontade de Deus.

Será que dá para perceber a diferença? Se for o homem que iniciar a busca da salvação, ele continuará perecendo. Vários fundadores de religião encontram-se nessa categoria. Contudo, se o homem, após ouvir evangelho, estiver *disposto* a aceitar o que Deus lhe *oferece,* aí ele será salvo. No primeiro caso, o homem toma a iniciativa; no outro, ele a aceita. Um realiza o próprio querer; o outro aceita a vontade de Deus. João fala do homem querendo a salvação, enquanto João 5 e Apocalipse 22 se referem ao homem *aceitando* a vontade de Deus. Portanto não existe contradição nenhuma entre esses textos; pelo contrário, existe aí uma lição de importância vital que precisamos aprender.

Deus ensina que, numa questão de tamanha importância como a da salvação, ele rejeita o que procede do ego. Se queremos crescer espiritualmente, devemos entender e conservar na mente cada um dos princípios vitais que Deus aplicou em nós, por ocasião da nossa regeneração. Esses princípios iniciais mostram o que devemos fazer para termos crescimento espiritual. O que acabamos de dizer constitui um dos princípios mais importantes. Tudo que brote de nós, isto é, da nossa carne, não tem nenhum valor perante Deus Mesmo que estejamos em busca de algo absolutamente indispensável e sublime como a salvação, nosso esforço será de igual modo rejeitado. Precisamos ter em mente que Deus não olha para a aparência das coisas. Não vê se são boas ou más, grandes ou pequenas. O que ele vê é a srcem delas; se provêm dele ou não. Somos salvos não porque queremos, mas porque o Senhor nos quer salvar. O mesmo se aplica a tudo em nossa vida. Precisamos entender que todas as demais atividades, por mais nobres que sejam, se estiverem fora daquilo que Deus opera através de nós, são totalmente ineficazes. Se não conseguirmos ver esse princípio de vida no estágio inicial da salvação, enfrentaremos constantes derrotas daí por diante.

Além disso, enquanto o homem se encontra na condição de pecador, sua vontade está em rebeldia contra Deus. Por isso, o Todo-Poderoso quer trazer o homem para si mesmo, concedendo-lhe uma nova vida. Da mesma maneira que a vontade humana representa o homem, pois é a essência do seu ser, a vontade divina personifica Deus, sendo a própria vida dele. Dizer que o Senhor vai trazer o homem para si mesmo é dizer que ele vai conduzi-lo à sua vontade. Sem dúvida, isso se realizará ao longo de toda vida, mas já no início da salvação Deus começa a operar nesse sentido. Assim, quando o Espírito Santo convence o homem do pecado, essa convicção é operada de tal forma que ele não teria nada a dizer se Deus o condenasse ao inferno. Da mesma maneira, quando o Senhor lhe mostra o plano divino definido na cruz de Cristo, ele o aceita alegremente, manifestando sua prontidão em receber a salvação de Jesus Cristo. Observemos, então, que o primeiro estágio da salvação é, em essência, a salvação da vontade. A fé e a aceitação expressas pelo pecador são apenas seu *desejo* de beber da água da vida e ser salvo. Semelhantemente, se ele se opõe e resiste, demonstra sua *indisposição* de vir ao Senhor para receber vida, e, em consequência disso, perece. É na vontade do homem que se trava a batalha da salvação. A queda srcinal do homem se deveu à rebelião da sua vontade contra a de Deus. Por isso, sua salvação se realiza quando sua vontade volta a obedecer a Deus.

No momento do novo nascimento, a vontade do homem ainda não está unida a Deus. Contudo, assim que ele aceita o Senhor Jesus e rejeita Satanás, o ego e o mundo, ela é erguida. Quando o homem crê na Palavra de Deus e recebe seu Espírito, sua vontade é renovada. Depois que ele nasce de novo, recebe um novo espírito, coração e vida. Sua vontade passa a ter um novo Senhor, e, daí em diante, se acha "sob nova direção". Se sua vontade for obediente, torna-se parte da sua nova vida. Se resistir, passa a ser um tremendo inimigo dela.

A vontade renovada desempenha um papel bem mais importante que as outras funções da alma. A mente pode estar desorientada e as emoções, perturbadas, mas a vontade não pode errar. Se isso acontecer, sobrevirão graves consequências, pois ela é o próprio ego do homem e controla todas as outras funções. Se ela estiver errada, Deus não realiza sua vontade na vida do homem.

UMA VONTADE SUBMISSA

O que é a salvação? É simplesmente o esforço de Deus para libertar o homem dele mesmo, e conduzi-lo para si. A salvação possui dois aspectos: o da remoção e o da união. O que é removido é o ego; a união é com Deus. Somente aquilo que visa à libertação do ego e a uma união com o Senhor pode ser considerado salvação genuína. O que não serve para libertar o homem do seu ego e uni-lo a Deus é pura inutilidade. O verdadeiro início da vida espiritual implica uma libertação da vida casual e uma entrada na divina. A criatura deve renunciar a tudo aquilo que lhe pertence, a fim de desfrutar de tudo apenas no Criador. É necessário que a criatura desapareça para que a salvação genuína possa se manifestar. A verdadeira grandeza consiste não na quantidade daquilo que temos, mas do que perdemos. Só experimentamos uma vida autêntica quando rendemos o ego a Deus. Para que a vida do Senhor se manifeste na criatura é preciso que esta renuncie à sua natureza, sua vida e suas atividades. Muitas vezes, nosso "ego" é o inimigo da vida de Deus. Se não estivermos dispostos a perder, ou se não experimentarmos perdas, nosso crescimento espiritual ficará seriamente atrofiado.

O que é o ego? É extremamente difícil responder a isso, pois a resposta pode não ser totalmente correta. Se dissermos que o "ego" é a "vontade própria", não estaremos muito longe da verdade. A essência do homem está na sua vontade, porque é ela que

expressa o que ele é, o que deseja e o que busca. Antes de a graça do Todo-Poderoso realizar sua obra no homem, tudo que nele há, seja ele crente ou não, geralmente é contrário a Deus. Isso se dá porque o homem pertence ao natural que é radicalmente oposto à vida de Deus.

Portanto a salvação visa a livrar o homem da sua vontade criada, natural, animal, carnal, proveniente do ego. E há um ponto que precisamos observar. Depois da nova vida que Deus nos outorga, a maior maravilha da salvação é a conversão da nossa vontade a ele. Podemos até mesmo afirmar que Deus nos comunica essa nova vida para que lhe entreguemos nossa vontade. O evangelho visa a facilitar a união da nossa vontade com a de Deus. Se isso não ocorrer, podemos dizer que a missão fracassou. O Senhor aponta a flecha da salvação não tanto para nossa emoção ou para nossa mente, mas para nossa vontade. Isso ocorre porque, quando esta é salva, influencia as outras faculdades. O homem pode estar unido com Deus em sua mente até certo ponto; muitos dos seus sentimentos podem estar em harmonia com os de Deus. Contudo a união mais importante e mais perfeita é a da vontade humana com a divina. Ela envolve por completo a união de Deus com o homem. Tudo que ficar aquém da união das vontades é imperfeito. A vontade é a faculdade mais importante do homem, pois dirige todo o nosso ser. O próprio espírito, apesar de tão nobre, deve render-se ao governo da vontade. (Mais adiante, vamos falar ainda sobre isso.) O espírito não representa o homem total; é apenas o meio pelo qual ele se comunica com Deus. O corpo também não pode representá-lo; é somente seu instrumento de comunicação com o mundo. Já a vontade engloba a verdadeira condição, atitude e intenção do homem. É a faculdade que melhor nos representa. E se nossa vontade não estiver em harmonia com Deus, nossa união com ele será superficial e vazia. A vontade governa o homem. Então, quando ela estiver em perfeita sintonia com a vontade de Deus, o homem se submeterá ao Senhor de maneira total e espontânea.

Nossa união com o Senhor tem dois aspectos: a união da vida, e a da vontade. Nossa vida se une à dele no momento em que somos regenerados e recebemos a vida divina. Assim como ele vive por seu Espírito, daí em diante viveremos também pelo Espírito Santo. Esse é o vínculo de vida. Ele indica que compartilhamos de uma mesma vida com Deus. Essa união é interior. Contudo é a vontade que *manifesta* essa vida. Por isso, é necessário que haja também uma união exterior, ou seja, de vontades. Estar unido com o Senhor na vontade indica simplesmente que temos uma só vontade com ele. Esses dois tipos de união acham-se intimamente relacionados. Uma não é independente da outra. A da nova vida é espontânea, pois esta é a vida de Deus. A da vontade não é nem simples nem espontânea, porque nossa vontade é o nosso próprio eu.

Como observamos antes, Deus pretende destruir a natureza própria da alma, mas não sua função. Desse modo, depois que nos unimos com o Senhor pela vida, ele dá início à renovação da nossa alma, com suas várias funções, a fim de que ela esteja unida à nossa nova vida e, consequentemente, com a vontade divina. Como nossa vontade é do jeito que é, Deus busca todos os dias uni-la à sua. A salvação só estará completa quando a vontade do homem estiver inteiramente unida à de Deus. Sem esse vínculo perfeito, o *ego do homem* continua em conflito com o Senhor. Deus quer que tenhamos sua vida, e quer também que sejamos um com ele. Visto que a vontade constitui a representação do ser, nossa união com Deus não pode ser completa sem a união da nossa vontade com a dele.

Fazendo uma leitura cuidadosa das Escrituras, percebemos que existe um denominador comum a todos os nossos pecados: o princípio da desobediência. Por

meio da desobediência de Adão, nós perecemos. Por meio da obediência de Cristo, somos salvos. Anteriormente, éramos filhos da desobediência; hoje Deus quer que sejamos filhos da obediência. Desobedecer significa seguir a própria vontade. Obedecer implica fazer a de Deus. O propósito da salvação divina é levar-nos a negar nossa vontade e sermos um com o Senhor. E exatamente aí que jaz um grande erro dos cristãos modernos. Eles acham que ter espiritualidade é experimentar sentimentos de regozijo ou possuir profundo conhecimento. Passam muito tempo buscando ardentemente as sensações mais variadas ou procurando conhecimento intelectual da Bíblia, achando que tais coisas são mais elevadas. E, com base em seus sentimentos e pensamentos, prosseguem realizando tarefas boas, importantes e notáveis, que acreditam serem agradáveis a Deus. Não entendem, porém, que a maneira como eles se sentem ou raciocinam não é importante para Deus. O Senhor busca apenas a união da vontade humana com a divina. Seu prazer está em ver seu povo obedecendo à vontade divina. É necessário que o crente se submeta incondicionalmente a Deus e se disponha a aceitar a vontade dele por completo. Do contrário, tudo aquilo que se denomina espiritualidade não passa de exibição exterior, sejam sentimentos santos e alegres, ou pensamentos dignos de louvor. Até mesmo visões, sonhos, vozes, suspiros, zelo, obra, atividade e trabalho são manifestações exteriores. Se o crente, em sua vontade, não estiver determinado a completar a carreira que Deus lhe propôs, nada que faça tem valor.

Se estivermos realmente unidos com Deus através da vontade, abandonaremos de vez toda atividade que emana de nós mesmos. Daí em diante, não poderá mais haver ação independente. Estamos mortos para o ego e vivos para Deus. Não fazemos mais nada para ele por impulso próprio, nem segundo nosso caminho. Só agimos depois que o Senhor nos move. Tornamo-nos livres de toda ação do ego. Em outras palavras, essa união representa uma mudança de comando; um novo começo. Antes, todas as nossas atividades eram concentradas no ego, e partiam dele. Agora, tudo vem de Deus. Ele não pergunta qual é a natureza de nada daquilo que iniciamos. Quer saber apenas se foi ele quem deu início à atividade. O Senhor desconsidera qualquer elemento ainda não liberto do ego, por melhor que ele possa parecer.

A MÃO DE DEUS

Apesar de salvos, muitos crentes não estão ainda totalmente submissos à vontade de Deus. Por isso, a fim de conduzi-los à obediência, o Senhor usa caminhos os mais diversos. Através do seu Espírito, ele move os que lhe pertencem, tocando-os com seu amor, para que obedeçam somente a ele, e só desejem fazer a vontade divina. Muitas vezes, porém, isso não produz o resultado desejado. Então, Deus faz pesar sua mão para levá-los ao ponto em que quer que eles estejam.

Vemos sua mão operar, primeiramente, nas circunstâncias. O Senhor pesa sua mão sobre seu povo para esmagar, quebrantar ou amarrar, a fim de que a vontade humana não mais se endureça contra ele.

O Senhor não ficará satisfeito enquanto não estivermos totalmente unidos a ele através da vontade. Para atingir esse alvo, ele permite que muitos fatos desagradáveis nos sobrevenham. Ele nos deixa ficar tristes, gemer e sofrer. Permite também que surjam muitas cruzes em nosso caminho, para que tenhamos de curvar a cabeça e nos render. Nossa vontade é excessivamente obstinada. Enquanto ela não recebe uma disciplina severa, não obedece a Deus. Sempre que nos submetemos à mão poderosa do Senhor, aceitando voluntariamente sua disciplina, nossa vontade passa por uma nova "poda" e é mais uma vez entregue à morte. Se, porém, continuarmos a resistir-lhe,

mais adiante sofreremos aflição maior para sermos conduzidos à sujeição.

O propósito de Deus é despojar-nos de tudo aquilo que se srcina em nós mesmos. Todo crente, depois de verdadeiramente regenerado, preocupa-se em observar a vontade de Deus. Alguns chegam a prometer isso publicamente. Outros abrigam esse propósito em secreto. Para nos provar e ver até que ponto nossa promessa e propósito são sinceros, Deus nos submete a despojamentos. Leva-nos a perder bens de natureza material: saúde, fama, posição e serviço. Mais ainda. Chega a fazer com que sejamos privados de sentimentos de regozijo, de desejo ardente, da presença e do conforto de Deus. Ele quer mostrar-nos que devemos renunciar a tudo, menos à vontade dele. Se for da vontade de Deus, devemos estar dispostos a aceitar a dor e o sofrimento em nosso corpo físico. Temos de estar prontos, também, para suportar a aridez, as trevas e a frieza. Mesmo que ele venha a despojar-nos de tudo, até mesmo do chamado "poder espiritual", devemos aceitar. Ele quer que os seus saibam que foram salvos não para *seu próprio prazer,* mas para realizar a vontade dele. Ganhando ou perdendo, na alegria ou na tristeza, conscientes da presença ou da rejeição divinas, devemos contemplar apenas a vontade de Deus. Suponhamos que fosse a vontade dele nos rejeitar (embora isso seja impossível), será que iríamos aceitar esse fato? Quando um pecador confia no Senhor, seu principal objetivo é ir para o céu. Isso é admissível durante aquele período *inicial* No entanto, depois que Deus nos instrui, sabemos que chegamos a crer nele unicamente por causa da sua vontade. Se, mesmo crendo, fôssemos para o inferno, ainda assim deveríamos crer em Deus. Não nos importamos mais se ganhamos ou perdemos. Se ir para o inferno glorifica a Deus, estaremos preparados para isso. Naturalmente, damos aqui apenas um exemplo hipotético. Entretanto devemos compreender que vivemos aqui na terra não para nós mesmos, mas para fazer a vontade de Deus. Nossa maior bênção, nosso mais alto privilégio e nossa glória suprema é rejeitar a vontade corrompida da carne e do sangue, para nos unirmos à de Deus, visando à realização do desejo do coração divino. Como criaturas, não devemos estar preocupados com ganhar ou perder, gloriar-nos ou nos envergonharmos, com a alegria ou com a dor. Não importa o quanto iremos nos humilhar, se isso satisfaz o Altíssimo. Essa é a única maneira pela qual nos unimos a Deus!

DUAS OPERAÇÕES

Para que possamos nos unir com Deus através da vontade, ele realiza duas operações em nós. Primeiro, sujeita nossa vontade. Depois, subjuga a essência dela. Na maioria das vezes, nossa vontade só se submete ao Senhor em algumas questões especiais. Apesar disso, pensamos que lhe obedecemos plenamente. Lá no íntimo, porém, temos uma inclinação secreta para a desobediência que aflora sempre que há oportunidade. O propósito de Deus não é apenas controlar nossa vontade. Ele quer também esmagar essa inclinação interior, de tal modo que sua natureza se mostre transformada. A rigor, uma vontade submissa é diferente de uma vontade harmoniosa. A submissão tem a ver com os atos que praticamos, enquanto a harmonia diz respeito à vida, à natureza e à inclinação da vontade. A submissão de um servo se revela na execução das ordens do seu senhor. Já o filho, que conhece o coração do pai, e cuja vontade está em sintonia com a vontade dele, não só cumpre suas obrigações, mas cumpre-as *com prazer. A* vontade submissa controla as ações. A vontade harmoniosa, além de controlar as ações, possui também um coração unido com Deus. Somente aqueles que se acham em harmonia com ele conseguem realmente conhecer o coração divino. Aquele cuja vontade não se encontra em perfeita harmonia com a vontade de Deus, ainda não chegou ao ápice da vida espiritual. Ser submisso ao Senhor realmente é bom. Contudo só chegamos à plena sintonia com ele quando a graça divina domina

nossa vida natural por inteiro. Na verdade, a união de vontades é o auge do nosso caminhar espiritual. Muitos crentes às vezes pensam que já submeteram totalmente sua vontade a Deus, quando, na verdade, não o fizeram. No momento da tentação e da prova, descobrem que ter uma vontade submissa não é o mesmo que ter uma vontade em harmonia com Deus. Percebemos que ausência de resistência não significa necessariamente ausência de vontade própria. Quem é que não se preocupa em ter algum ganho, ou não guarda um pouco para si mesmo? Quem é que não deseja ouro e prata, honra, liberdade, alegria, vantagem, posição ou qualquer outro bem? Podemos até pensar que não nos importamos nem um pouco com esses valores. Enquanto os possuímos, podemos até não ter consciência do domínio que eles exercem sobre nós. Entretanto, assim que sentimos que corremos o risco de perdê-los, descobrimos o quanto desejamos conservá-los. Uma vontade submissa pode concordar com a vontade de Deus em muitas ocasiões, mas sempre há um dia em que temos de enfrentar uma luta ferrenha entre a nossa vontade própria e a de Deus. E se a graça divina não realizar uma obra mais completa em nós, dificilmente venceremos.

A conclusão óbvia, a partir daí, é que não podemos achar que uma vontade submissa seja a perfeição desejada. Embora ela esteja quebrantada e destituída de forças para resistir a Deus, ainda precisa estar em harmonia com ele. Obviamente, temos de reconhecer que chegar ao ponto de não termos forças para resistir a Deus já é fruto de sua maravilhosa graça. Costumamos dizer que uma vontade submissa já está morta. Todavia, estritamente falando, ela ainda possui um fio de vida que não foi quebrado. Continua a existir nela uma inclinação secreta, uma admiração oculta pelo antigo modo de viver. É por isso que há ocasiões em que ela obedece ao Senhor com menos alegria, menos entusiasmo e menor diligência. Apesar de obedecer à vontade de Deus, permanece ainda uma diferença de gosto que se manifesta em diversas situações. Se a essência do ego tivesse sido inteiramente aniquilada, nessa atitude para com a vontade de Deus seria *exatamente a mesma* em qualquer situação. Qualquer variação na prontidão, no sentimento e no esforço para obedecer revela que não há perfeita harmonia entre nossa vontade e a de Deus.

Bons exemplos dessas duas condições da vontade são a mulher de Ló, os israelitas e o profeta Balaão. Podemos dizer que, quando a esposa de Ló saiu de Sodoma, quando os israelitas deixaram o Egito, e quando Balaão abençoou a Israel, estavam obedecendo à vontade de Deus. Todos foram submissos ao Senhor, e não seguiram sua própria opinião. Mesmo assim, sua inclinação interior não se achava em harmonia com ele. Por isso, terminaram em fracasso. Muitas vezes, a direção dos nossos passos é correta, mas, lá no fundo, nosso coração não está em harmonia com Deus. Assim, acabaremos fracassando.

O CAMINHO PARA A VITÓRIA

Deus não pode nos obedecer. Ele é quem quer nossa obediência a ele, isto é, à sua vontade. E nenhuma outra atitude, por mais nobre, importante e indispensável que seja pode substituir essa obediência. O que ele deseja é que façamos sua vontade. Ele mesmo a faz e exige que a façamos também. Sempre que o ego do homem está presente, Deus só vê corrupção. Os atos que praticamos sob a direção do Espírito Santo são bons e proveitosos. Os mesmos atos praticados só pelo homem têm seu valor grandemente reduzido. Em consequência, o ponto cardeal de tudo não é a intenção do homem nem a natureza das coisas, mas simplesmente a vontade de Deus. Esse é o primeiro ponto que devemos ter em mente.

Vejamos agora como a vontade do homem pode entrar em sintonia com a de Deus. Como é que podemos tirar a vontade própria do centro de nossa vida, colocando em seu lugar a de Deus? Tudo gira em torno da vida natural. Quanto mais inflexíveis formos com respeito ao controle de nossa alma, maior será nossa união com Deus. E o que mais impede essa união é a energia da alma. Quanto mais esmagarmos a vitalidade de nossa alma, mais nossa vontade se centralizará em Deus. Nossa nova vida nos inclina em direção a ele, mas o velho modo de ser da alma a sufoca. O que temos a fazer para chegarmos ao ápice da espiritualidade é abandonar a natureza própria da alma, deixando-a morrer.

O homem sem Deus está perdido e qualquer coisa fora de Deus é vã. Tudo o que está fora de Deus provém da carne. Qualquer força ou pensamento que não seja do Senhor constitui maldição. Devemos negar nossa própria força e também nossos prazeres. Temos de negar-nos a nós mesmos por completo, em todas as dimensões de nossa vida. Não podemos fazer nada por nós mesmos, mas temos de confiar em Deus, em qualquer circunstância. Precisamos avançar passo a passo, seguindo o caminho de Deus, esperando o tempo dele e satisfazendo as condições divinas. Devemos receber voluntariamente a força, a sabedoria, a justiça e a obra que Deus nos dá. Reconheçamos o Senhor como a fonte de todas as coisas. Assim, alcançaremos a harmonia desejada.

Isso é realmente a "porta estreita", o "caminho apertado". Ela é apertada e difícil porque a vontade de Deus deve ser o padrão para cada passo. Existe apenas uma regra: não dar lugar ao ego. Qualquer desobediência aí nos afasta do caminho. Contudo é possível obedecer. A medida que quebramos os hábitos, gostos, desejos e anseios da alma, sua natureza própria se desfaz e cessa nossa resistência ao Senhor. Como é lamentável que tantos cristãos nunca tenham passado por essa porta, nem trilhado esse caminho! Outros já entraram, mas não prosseguiram andando pacientemente. Esse período difícil pode ser longo ou curto, mas só ele é o caminho da vida. Essa é a porta e o caminho de Deus. Ele é verdadeiro e seguro. Todo aquele que valoriza a vida abundante tem de andar constantemente nesse caminho.

2. A PASSIVIDADE E SEUS PERIGOS

"O meu povo está sendo destruído, porque lhe falta o conhecimento." (Os 4.6.) Com certeza, essas palavras se aplicam aos nossos dias. De um modo geral, os cristãos, hoje, carecem de dois tipos de conhecimento: o das condições necessárias à operação dos espíritos malignos e o do princípio da vida espiritual. Essa ignorância concede a Satanás e a suas hostes uma tremenda vantagem, que tem trazido grandes danos à igreja de Deus. Os cristãos vivem a gabar-se de que conhecem a Bíblia e das muitas experiências que têm. Entretanto a insensatez prevalece. Isso entristece nosso coração.

Eles não reconhecem que muito do seu pretenso conhecimento nada mais é que raciocínio humano, totalmente destituído de valor Desconhecem quase que totalmente o que seja ter humildade diante do Senhor e ansiedade de buscar a revelação das verdades de Deus. Enquanto se gloriam da riqueza do seu conhecimento, afundam-se numa areia movediça da qual não podem sair nem livrar os outros. É uma visão verdadeiramente terrível.

A LEI DE CAUSA E EFEITO

Existe uma lei para todo ser criado. Todas as nossas ações são governadas por leis. Por isso, os espíritos malignos também operam segundo leis definidas. Uma delas diz que toda causa produz um efeito correspondente. Ora, se alguém criar as condições adequadas para a operação dos espíritos malignos (de modo voluntário, como os feiticeiros, os médiuns e os adivinhadores; ou involuntário, como os cristãos), estes certamente vão ocupar o terreno dado a eles e exercer ali a sua influência. Observemos aqui a lei de causa e efeito. O fogo queima, a água afoga. Existem aí duas leis: ninguém escapa de queimar-se, se cair no fogo; nem de afogar-se, se cair na água. De igual modo, quem satisfizer os requisitos para a operação dos espíritos malignos sofrerá os males que eles provocam. A mesma lei de causa e efeito vigora aqui. Isso acontece com crentes e não-crentes. Havendo condições para a atuação dos espíritos malignos, eles jamais deixam de agir. Se um cristão cair no fogo, não pode evitar as queimaduras; se cair na água, não pode evitar o afogamento. Da mesma maneira, se, por ignorância, der lugar à ação dos espíritos malignos, não poderá escapar do perigo de ser ferido. O fogo queima tudo que encontrar; a água afoga todos que nela forem submersos; os espíritos malignos atacam todos os que lhes derem lugar. Ninguém escapa, nem mesmo aquele que é filho de Deus. Se um crente der lugar ao inimigo, este não hesitará em atacá-lo. Quais são, então, as condições para a operação do inimigo? O que é que facilita sua operação? Essa é a questão crucial. A Bíblia caracteriza tais condições como dar *lugar* (Ef 4.27) ou *oportunidade.* Podemos entender também como ceder *terreno.* Isso designa qualquer porção de espaço *vazio* que o homem delimita para os espíritos malignos. Esse lugar ou terreno constitui a base de operação deles. A extensão da invasão é determinada pelo tamanho da base de apoio. Os espíritos malignos começam a penetrar em qualquer homem, ímpio ou cristão, tão logo consigam uma base de apoio. Podemos chamar de *terreno* tudo o que lhes proporciona uma oportunidade ou base de apoio através da qual eles atacam ou invadem. Se alguém ceder terreno, a invasão será inevitável. Uma causa determinada produz sempre o efeito correspondente. O cristão que cede terreno aos espíritos malignos, e ainda assim imagina que não será atacado, já caiu no engano do inimigo.

Falando de modo simples, *o terreno que o crente fornece aos maus espíritos é o pecado.* O pecado constitui o modo como damos terreno para eles. Abrigar um pecado no coração significa abrigar também os espíritos malignos que se escondem por trás dele. Todo

pecado fornece território a esses espíritos. Existem dois tipos de pecado: o positivo e o negativo. Os pecados positivos são os maus atos que alguém comete. Suas mãos realizam más ações, seus olhos contemplam cenas malignas, seus ouvidos ouvem notícias ímpias e sua boca pronuncia palavras impuras. Essas práticas oferecem oportunidade aos espíritos malignos para que agarrem as mãos, os olhos, os ouvidos e a boca dos crentes. Pecar através de qualquer desses órgãos equivale a convidar o inimigo para vir e ocupa-lo. Então, quando a ocupação brota do *pecado,* o filho de Deus precisa decididamente abandonar esse erro, a fim de recuperar o território perdido. Caso contrário, os espíritos malignos irão gradualmente aumentando seu domínio, até que a pessoa seja tomada por completo. *Alguns crentes aceitam sua própria morte na cruz, mas encontram dificuldade em abandonar o pecado que tenazmente os assedia. A explicação é esta: além do problema da "carne", existe também o ataque sobrenatural das potestades malignas.*

O pecado positivo, que dá oportunidade à operação dos espíritos malignos, é bem conhecido da maior parte dos cristãos. Por isso, não vamos estender esses comentários. Focalizaremos nossa atenção agora no segundo tipo, *o pecado negativo,* que é muito mal compreendido. Encontra-se na esfera da vontade, por isso iremos discuti-lo com detalhes.

O entendimento popular é que somente os pecados positivos podem ser considerados como tais; os negativos não são tidos como pecados. A Bíblia, no entanto, afirma que não são pecados apenas as injustiças de toda sorte que o homem *comete* através de uma ação, mas que "aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando" também (Tg 4.17). A Palavra de Deus considera pecado tanto o que o homem *comete* como o que ele *omite.* O pecado concede base de apoio ou terreno para a obra dos espíritos malignos. E tanto o pecado positivo como o negativo, isto é, o pecado de omissão, oferecem terreno para a atuação desses espíritos.

O pecado de omissão, que oferece terreno aos espíritos malignos, é a passividade do crente. A não utilização ou a má utilização de qualquer das partes do nosso ser constitui pecado aos olhos de Deus. O Senhor nos capacita com habilidades de todo tipo, e temos de usá-las. Se alguém não usa qualquer dos seus talentos, permitindo que ele seja enterrado na inércia, está dando ocasião ao diabo e às suas hostes para usá-lo em seu lugar. Esse é o terreno para suas operações sinistras. Os cristãos sabem que o pecado dá condição para o ataque do inimigo. No entanto muitos deles não sabem que a passividade também é pecado, e dá ao maligno condições para atacá-los. Depois que se dá lugar a ela, torna-se inevitável a penetração do inimigo, seguindo-se o sofrimento de modo natural.

PASSIVIDADE

A primeira causa da invasão do inimigo entre os "pagãos" e também entre os cristãos carnais é o pecado deliberado. Já "a principal causa de engano... nos crentes que se renderam a Deus pode ser resumida em uma só palavra: passividade isto é, *a cessação no exercício ativo da vontade no controle do espírito, da alma e do corpo, ou de apenas um deles*". O órgão da vontade pára de fazer escolhas e de tomar decisões sobre assuntos que lhe dizem respeito. "A palavra *passividade* descreve simplesmente a condição oposta à atividade. Na experiência do crente, ela significa: (1) perda do controle próprio - no sentido de que a pessoa mesmo deixa de controlar todas as áreas do seu ser; (2) perda da vontade livre - no sentido de que a própria pessoa deixa de exercer sua vontade como o princípio orientador do controle pessoal, em harmonia com a vontade de Deus."* A passividade de um cristão brota da não utilização dos seus

vários talentos. Ele tem boca, mas recusa-se a falar, porque espera que o Espírito Santo fale através dele. Tem mãos, mas não as usa, pois aguarda que Deus o faça. Ele não utiliza nenhuma parte do seu ser, mas espera que o Senhor o mova. Considera-se plenamente entregue a Deus, por isso não *usa* mais nenhuma parte do seu ser. Aí ele cai numa inércia que abre o caminho para o engano e a invasão maligna.

Depois de aceitar a doutrina de sua união com a vontade de Deus, os cristãos geralmente desenvolvem um conceito errado sobre o significado dessa união. Entendem que isso significa obedecer a Deus passivamente, o que é um erro. Pensam que devem anular sua vontade própria, tornando-se marionetes. Afirmam que não devem mais fazer uso da vontade, e que esta não deve exercer controle sobre nenhuma parte do seu corpo. Não decidem nada, nem executam mais sua vontade. A princípio, parece uma grande vitória, pois, de modo maravilhoso, "a pessoa de *vontade forte* se torna repentinamente submissa" (Penn-Lewis, WOTS, 73). Ela se torna fraca como a água. Não tem nenhuma opinião sobre linda. Obedece cegamente às ordens. Não exercita a mente, nem a vontade, nem mesmo a consciência para distinguir entre o bem e o mal, pois é uma pessoa de obediência perfeita. Só se move quando é movida. Isso é uma condição perfeita (e um convite também) para o inimigo entrar.

Quando cai nesse estado de inércia, o cristão cessa toda Atividade. Na verdade, ele está o tempo todo esperando passivamente que uma força externa venha ativá-lo. E a menos que essa força o impulsione a mover-se, ele permanecerá inerte. Se ele permanecer nessa situação durante algum tempo, descobrirá que, por vezes, não vai conseguir atuar, mesmo querendo, porque a força externa não está operando sobre ele. Além do mais, descobre que mesmo quando quiser agir será incapaz de fazê-lo. Sem aquele poder exterior, ele não pode dar nem um passo sequer. Sua vontade é sufocada e ele está amarrado; só pode mover-se depois que a força estranha vier movê-lo.

A INSENSATEZ DO CRENTE

Muitos crentes insistem em considerar seu estado de inatividade como verdadeira obediência a Deus e perfeita união com a vontade divina. Os espíritos malignos tiram vantagem desse posicionamento para realizar seus desígnios. Esses irmãos não entendem que Deus jamais exige passividade; são as potestades das trevas que os mantêm nesse estado. Além do mais,
Deus quer que exercitemos nossa vontade ativamente para cooperarmos com ele. Ele revela isso através de diversas passagens das Escrituras: "Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina..." (Jo 7.17), e "pedireis o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7). Deus nunca desconsidera a nossa vontade.

Nós, seres humanos, desfrutamos de uma vontade livre. Deus nunca usurpa essa vontade. Ele espera nossa obediência, mas ao mesmo tempo respeita nossa personalidade (observe que a palavra "personalidade", conforme empregamos neste livro, tem sempre em vista a pessoa do homem e não seu caráter). Deus deseja que queiramos o que ele também quer. Ele não usurpa nosso querer, reduzindo nossa vontade a uma inatividade mortal. Ele precisa da nossa cooperação mais positiva. Seu prazer se realiza quando a criatura alcança o ápice, isto é, a perfeita liberdade da vontade. Na criação, Deus concedeu ao homem uma vontade sem grilhões. Na redenção, ele recuperou essa vontade. Visto que ele não nos *criou* para prestar-lhe uma obediência mecânica, como é que poderia esperar que o homem *redimido* fosse um autômato, agindo sob a direção divina, por controle remoto? A grandeza de Deus certamente se manifesta no fato de ele não exigir que, para sermos obedientes, tenhamos de nos tornar como um pedaço de madeira ou uma pedra. Seu plano

consiste em fazer-nos obedecer-lhe voluntariamente, pela operação do seu Espírito em nosso espírito. Ele se recusa a querer em nosso lugar.

Em suma, a *lei* que governa a operação de Deus no homem é exatamente a mesma que governa a operação de Satanás. Deus se deleita em ver o homem com a vontade livre, por isso o criou com essa capacidade. Isso significa que a humanidade tem o poder de escolher e decidir acerca de qualquer assunto a ela relacionado. Embora Deus seja o Senhor de todo o universo, ele se autolimita, para não usurpar a vontade livre do homem. Ele nunca força o homem a ser-lhe leal. Satanás, do mesmo modo, não tem como usurpar nenhuma faculdade do homem sem o *consentimento* deste, de modo consciente ou não. Tanto Deus quanto o diabo, antes de atuar no homem, precisam convencê-lo a dar- lhes permissão para isso. Quando o homem "deseja" o bem, Deus o realiza; quando ele "deseja" o mal, os espíritos malignos o realizam. Foi isso que vimos no jardim do Éden.

Antes da regeneração, a vontade do homem estava escravizada a Satanás; logo, não era livre. Em um cristão regenerado e vencedor, a vontade é livre e, portanto, capaz de optar pelo que é de Deus. Como Satanás jamais desiste, usa de inúmeras maneiras para recapturá-lo. Ele sabe muito bem que nunca vai conseguir essa permissão de modo explícito. Por isso, usa ardis para obtê-la. Satanás precisa da permissão do crente, mas este jamais vai dá-la. O diabo, então, passa a valer-se do engano para obter esse consentimento. Os espíritos malignos não podem entrar no homem sem a permissão da vontade humana, e só podem ir até onde sua vontade consentir.

Se conhecermos o princípio da vida espiritual, e também as condições para a atuação dos espíritos malignos, não correremos esse perigo. Muitas vezes, os crentes demonstram uma falta de consciência, tanto da vantagem que o adversário leva devido à sua inércia, quanto da necessidade de ter uma vontade ativa cooperando com Deus. Essa ausência de consciência é que torna passiva a sua vontade. Contudo temos de nos lembrar sempre de que Deus nunca força sua vontade sobre o homem. E o próprio homem que tem de ser responsável pelo que faz. Deus não decide por ele.

Se os espíritos malignos não estão operando em algumas pessoas passivas, isso se dá provavelmente porque na realidade essa passividade não passa de preguiça ou de inatividade. Quando não há a atuação do espírito maligno, as pessoas *podem* tornar-se ativas a qualquer momento. Contudo, se se afundarem na passividade a ponto de serem dominadas, não poderão se tornar ativas, mesmo que o *queiram.*

É aqui, pois, que vemos o contraste entre a operação de Deus e a de Satanás. Embora o Senhor queira que o homem se submeta inteiramente a ele, seu desejo é que ó ser humano use também os talentos que possui, em cooperação com o Espírito Santo. Satanás, por outro lado, exige que a vontade do homem cesse por completo, a fim de que seus demônios atuem por ele. O contraste é realmente sério. Deus convida o homem a optar pela vontade divina de modo ativo, consciente e voluntário, a fim de que seu espírito, alma e corpo sejam livres. Satanás força o ser seu escravo passivo e cativo. Deus determina que o homem seja autônomo e livre para ser seu próprio senhor. Satanás força o homem a ser sua marionete, totalmente manipulado por ele. Deus não exige que o homem cesse suas atividades para que possa operar nele. Satanás manda que o homem seja totalmente passivo e inativo. Deus pede ao homem para atuar em cooperação com ele conscientemente. Satanás ordena ao homem que lhe obedeça passivamente. É verdade que Deus requer do homem que cesse todas as suas atividades pecaminosas, pois sem isso ele não pode cooperar com o Espírito Santo. Satanás, porém, exige que ele cesse com *todas* as suas atividades, incluindo as da alma,

a fim de que seus asseclas possam atuar pelo homem. Assim, Satanás reduz o ser humano a uma simples peça de máquina, sem nenhuma responsabilidade consciente.

E triste perceber que os cristãos ignoram que Deus vive neles e que desconhecem o princípio da operação divina na vida deles. Acham que o Senhor quer que sejam como peões num jogo de xadrez, para dirigi-los de acordo com seu agrado. Entendem que devem ser absolutamente passivos, sem nenhum poder de escolha e decisão, sendo dirigidos por Deus de modo simples e insensível. Esquecem que, no princípio, quando Deus criou o homem, ele o dotou de uma vontade livre. Obviamente, Deus não se agrada se o homem deseja algo fora dele, mas também não fica satisfeito se tivermos de obedecer-lhe mecânica e inconscientemente. Ele fica satisfeito quando queremos o que ele quer, mas nunca deseja que nos tornemos seres destituídos de vontade. Os *próprios* crentes devem executar muitos atos. Deus não os fará em nosso lugar. Alguns ensinam que devemos entregar tudo ao Senhor e deixar que ele tudo realize em nosso lugar. Dizem que não devemos levantar as mãos nem mover os pés; que devemos nos entregar inteiramente ao Espírito Santo, que habita em nós, para que ele faça tudo por nós. Afirmam que devemos permitir que Deus nos mova. Concordamos que existe alguma verdade em tal ensino, mas o erro contido nele talvez seja mais poderoso do que a verdade. (Voltaremos a essa questão no próximo capítulo.)

OS PERIGOS

Na sua ignorância, o cristão pode ser enganado pelas potestades das trevas, caindo na armadilha de Satanás e criando condições para a atuação dele. Observemos a ordem desse processo, pois é extremamente importante: (1) ignorância, (2) engano, (3) passividade e (4) entrincheiramento. A ignorância é a causa principal desse processo. Satanás consegue enganar os crentes porque estes desconhecem as exigências do Espírito Santo e o princípio da operação satânica. Se os cristãos procurassem aprender a cooperar com Deus, e se soubessem qual a maneira como ele age, muitas vezes apreciariam o engano de Satanás. Contudo, como estão enganados, imaginam que devem permanecer passivos, a fim de que o Senhor possa viver e operar por meio deles. Dessa forma, aceitam como sendo de Deus muitas das manifestações sobrenaturais dos espíritos malignos. Depois o engano se aprofunda ainda mais, e o inimigo se entrincheira neles em condições alarmantes.

Cria-se, então, um círculo vicioso. Toda vez que o crente cede terreno, os espíritos malignos têm a porta aberta para entrar. Depois que eles entram, manifestam-se através de inúmeras atividades. Se o crente interpretar mal essas atividades, não sabendo que elas se srcinam do diabo, cederá ainda mais espaço aos espíritos malignos, pois acreditou em suas mentiras. Esse círculo continua girando. Com isso, a invasão aumenta, a cada dia. Quando alguém entra num estado de passividade, fornecendo assim uma base para os espíritos malignos, os perigos podem se multiplicar facilmente.

Se alguém cai na inércia, deixando de tomar as próprias decisões, é fácil passivamente qualquer situação. Nessas condições, o crente presume que aquela é Deus quem está decidindo por ele. Acha que o Senhor só exige dele, portanto, uma submissão passiva. Tudo que lhe acontece é desígnio de Deus e provém dele; é a vontade divina, que ele tem de aceitar com resignação. Logo o crente perde a capacidade de optar. Não inicia nada nem toma decisões a respeito do que é de sua responsabilidade. Além do mais, fica temeroso de expor suas ideias e mais relutante em expressar sua opinião. Assim, os outros devem optar e decidir por ele. Tal vítima do inimigo é como uma planta marinha à deriva nas ondas do oceano. Espera que os outros decidam por ele, ou então que as circunstâncias sejam tais que haja apenas um caminho a seguir, aliviando-o do peso de tomar uma decisão. Parece feliz quando é

forçado a fazer alguma coisa, pois isso o resguarda da ansiedade causada pela indecisão. Prefere ser guiado pelas circunstâncias a ter liberdade para escolhê-las. Para ele, é muito desgastante ter de tomar uma decisão.

Em tal estado de inércia, decidir sobre qualquer questão, ainda que simples, é uma tarefa dificílima! A vítima busca ajuda por toda parte. Sente-se bastante constrangida por não saber lidar com os problemas do dia-a-dia. Parece ter grande dificuldade em compreender o que os outros lhe dizem. Nesse estado, é extremamente doloroso ter de lembrar-se de algo.

Tomar uma decisão é uma agonia. Analisar uma tarefa passa a ser um terror. Sua vontade inerte é impotente para arcar com uma responsabilidade tão pesada. Por causa de sua enorme fraqueza, a pessoa sente-se compelida a esperar auxílio das circunstâncias ou dos outros. Quando alguém lhe presta ajuda, regozija-se por isso, mas ao mesmo tempo se ressente, pois percebe que perdeu sua vontade. Quem pode avaliar o número de horas perdidas à espera de uma ajuda externa? Em hipótese alguma, porém, devemos imaginar que esse crente passivo não goste de trabalhar. Quando uma força externa o impulsiona, ele se mostra operoso. Contudo, logo que passa a compulsão, ele pára bem no meio do trabalho, sentindo-se sem forças para prosseguir. Percebemos que uma pessoa está com a vontade passiva quando ela deixa inúmeras tarefas inacabadas.

Como esse estado de inatividade deve ser inconveniente! O crente passa a depender muito de lembretes. Tem de falar em voz alta para concentrar-se. Vê-se obrigado a criar centenas de *muletas* para apoiar-se. Seus sentidos vão se tornando gradualmente embotados. Afinal, de modo inconsciente, ele desenvolve numerosas peculiaridades e hábitos esquisitos, tais como não olhar direto para aqueles com quem conversa, andar curvado, usar pouco a mente em qualquer atividade, prestar atenção demasiada às necessidades físicas ou aplicar excessiva repressão às exigências do corpo, e assim por diante.

Devido à insensatez, esse crente não percebe que todos esses sintomas são consequência da passividade e da presença dos espíritos malignos. Pelo contrário, supõe que isso tudo seja apenas o resultado de suas fraquezas naturais. Ele procura se consolar dizendo que tais condições não chegam a surpreender, já que não possui os dons e capacidade dos outros. Não consegue discernir as mentiras dos espíritos malignos, deixando-se enganar cada vez mais. Não ousa realizar tarefa nenhuma, nem fazer nenhum trabalho, por estar temeroso, nervoso e calado, com a mente embotada ou com o corpo enfraquecido. Nunca procurou saber por que os outros crentes conseguem se sair melhor que ele. Às vezes, algumas pessoas bem menos talentosas que ele conseguem fazer muito mais. E ele mesmo já teve um desempenho bem melhor. Como pode então atribuir esses sintomas à hereditariedade, ao temperamento natural e a outras causas? Saiba que isso é obra dos espíritos malignos, mesmo que não se perceba.

As potestades das trevas estão bem familiarizadas com as condições do crente, e vão provocar muitos problemas no ambiente em que ele vive, para perturbá-lo. Como ele está com a vontade passiva e sem capacidade de operar, os espíritos malignos vão conduzi-lo a uma situação em que precisará exercer a vontade, a fim de envergonhá-lo e expô-lo ao escárnio. Enquanto isso, eles fazem o que querem com a vítima, à semelhança de meninos travessos perturbando um pássaro na gaiola. Provocam muitas dificuldades, para deixar o crente esgotado. E lamentável que ele não tenha forças para opor-se e resistir a isso. E as circunstâncias vão só se agravando. Embora ele tenha autoridade para resistir aos espíritos malignos, não consegue pronunciar nem uma

palavra. As potestades das trevas levaram vantagem só porque sua vítima passou da ignorância para o engano, do engano para a passividade e da passividade para os sofrimentos de um entrincheiramento profundo. Entretanto ele ainda não conseguiu discernir que essa situação não provém de Deus, por isso continua em sua aceitação passiva.

Quando o cristão cai a esse nível, inconscientemente *pode até mesmo buscar o auxílio desses espíritos malignos.* Como ele não consegue decidir nada por si mesmo, busca auxílio externo. Muitas vezes sofre a perturbação dos espíritos malignos, mas, mesmo assim, inocentemente, espera que eles venham ajudá-lo. E por isso que eles querem torná-lo passivo. De posse dos talentos do crente, eles podem expressar-se exercitando esses talentos. Eles gostam de exercer a vontade em lugar da pessoa, não hesitando em fazê-lo sempre que ela lhes der condições para isso. Deleitam-se em convencer suas vítimas a seguir cegamente uma revelação exterior, sem usar o raciocínio ou a vontade. Por isso, com frequência, operam por meio dos homens grande quantidade de fenômenos estranhos e sobrenaturais.

O cristão que desconhece o princípio da operação de Deus imagina estar sendo obediente ao *Criador* quando, na verdade, tornou-se presa do engano. Atentemos para a advertência: "Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis..." (Rm 6.16.) Se nos oferecemos a Deus apenas de boca, e na prática estamos nos sujeitando aos espíritos malignos, certamente seremos escravos destes. É verdade que somos enganados, mas também nos submetemos de modo consciente ao erro, por isso somos responsáveis pela situação. Para ter comunhão com Deus, o cristão precisa satisfazer as condições necessárias para isso. Se, ao contrário, ele preencher os requisitos para a operação dos espíritos malignos, deve saber que estes o escravizarão.

Vamos fazer uma revisão final desse processo, que termina com o entrincheiramento. Quando alguém almeja uma sensação física da presença de Deus ou outras experiências semelhantes (tais como as descritas anteriormente, nos volumes 1 e 2), pode acabar sendo enganado pelos espíritos malignos, que lhe concedem muitas sensações espúrias. Ingenuamente, ele acredita que elas provêm de Deus, entrando, por isso, num estado de passividade. Conclui que não deve se mover, pois *agora é Deus quem se moverá por ele.* Pára de agir, crendo que Deus vai atuar em seu lugar. No entanto, Deus jamais faz isso, porque quer que o homem coopere com ele ativamente. Sem querer, então, o crente cria as condições básicas para a operação dos espíritos malignos, que não hesitam em entrar e agir nele. O homem mesmo não age, Deus também não. Esses espíritos, então, agem em seu lugar. Sempre que nos conscientizamos da vontade de Deus, através da intuição do nosso espírito, todo o nosso ser deve empenhar-se em cumpri-la. Essa é uma recomendação da maior importância. O cristão não deve ser passivo.

3. O ERRO DO CRENTE

Não devemos aceitar a errônea ideia de que só os crentes mais carnais, degenerados e pecaminosos podem ser enganados pelos espíritos malignos. Pelo contrário, aqueles que se deixam enganar muitas vezes são cristãos totalmente dedicados, e até mais espirituais que a maioria. Esforçam-se para obedecer a Deus, e pagam qualquer preço para isso. Inadvertidamente caem na passividade por não saberem que devem co-operar com Deus, embora sejam inteiramente consagrados a ele. Já os menos interessados nas questões espirituais não enfrentam o perigo da passividade. Como alguém poderia mergulhar na inatividade, terminando por cair nas garras do inimigo, se ainda persiste em viver segundo suas próprias ideias, apesar de se dizer inteiramente consagrado? Um crente desses pode dar lugar ao inimigo em outras áreas, mas não no que diz respeito à submissão à vontade de Deus, pois não cedeu terreno passivo ao inimigo. Somente os consagrados, os que renunciam a seus próprios interesses, estão sujeitos à passividade. A vontade deles pode descambar para esse estado, por almejarem ardentemente obedecer a todas as ordens.

Muitos ficam perplexos, procurando entender por que Deus não os protege. A intenção deles não é a melhor possível? Como Deus pode permitir que crentes fiéis, que o buscam, sejam enganados por espíritos malignos? Muitos vão alegar que ele deve proteger seus filhos, sejam quais forem as circunstâncias. O que eles não sabem, porém, é que para desfrutarmos da proteção de Deus devemos satisfazer determinadas condições. O Senhor não impede que os espíritos malignos operem quando alguém criou as condições para a operação deles. Isso se dá porque ele próprio é um Cumpridor da lei. O cristão, intencionalmente ou não, se entregou aos espíritos malignos. Por isso, Deus não vai impedir essas entidades de exercer controle sobre ele. Quantos acreditam que as boas intenções os protegem do engano! Mal sabem eles que as maiores vítimas de engano são exatamente os que estão cheios de boas intenções. A sinceridade não nos livra do engano, mas o *conhecimento,* sim. Se negligenciarmos os mandamentos de Deus, deixando de vigiar e orar, confiando que, por termos boas intenções, ele nos protegerá do engano, estaremos entre as vítimas dos espíritos malignos. Como é que podemos esperar que Deus nos proteja, se estivermos dando as condições a esses espíritos para operarem em nós?

Inúmeros crentes acham que estão livres do engano por causa de suas frequentes experiências espirituais. Essa autoconfiança mostra que eles já caíram no engano. Se eles não tiverem humildade suficiente para reconhecerem que podem ser ludibriados, continuarão sendo, indefinidamente. Livrar-se do engano não é uma questão de vida nem de intenção, mas de conhecimento. Dificilmente, o Espírito Santo vai mostrar a verdade a um crente que tenha absorvido muitos ensinamentos infundados nos primeiros estágios de sua experiência cristã. E os outros crentes, também, vão ter muita dificuldade para dar a orientação necessária a alguém que já tenha aceito uma interpretação preconceituosa das Escrituras. Essa falsa segurança é perigosa, porque permite que os espíritos malignos operem ou continuem operando.

Já vimos como a ignorância causa a passividade, e esta, o entrincheiramento. Essa última condição não ocorreria se o cristão estivesse devidamente instruído. Na verdade, a passividade é uma obediência ou uma consagração *equivocada.* Pode-se dizer, ainda, que é uma obediência ou uma consagração *excessiva.* Se o crente soubesse que os espíritos malignos exigem a inércia do homem para poder operar, não se permitiria cair na passividade. Se soubesse que Deus, para operar, não reduz o homem a um simples autômato, não ficaria passivo esperando que ele o movesse. O trágico estado em que muitos santos se encontram hoje é consequência da ignorância.

Sem os conhecimentos necessários, não poderemos distinguir a operação de Deus da atuação de Satanás. Precisamos conhecer o princípio da operação divina, e também as condições para a operação satânica. Quem possui esses conhecimentos está se protegendo das potestades das trevas. É por meio da mentira que Satanás ataca o crente, por isso devemos enfrentá-lo com a verdade. Ele quer manter-nos nas trevas, por isso devemos resistir-lhe com a luz. O princípio que rege a operação do Espírito Santo é um; o dos espíritos malignos, outro. Os dois são completamente antagónicos, e não podemos nos esquecer disso. Lembremo-nos, também, de que cada um opera *de acordo com seu princípio.* Embora os espíritos malignos sejam peritos nas mais variadas formas de camuflagem, seu princípio de operação é sempre o mesmo. Examinando os princípios que operam em nosso interior, podemos saber o que é do Espírito Santo e o que é dos espíritos malignos, pois cada um opera de acordo com o seu princípio.

Consideremos, agora, mais detalhadamente, vários conceitos errôneos que os cristãos costumam aceitar.

UMA NOÇÃO ERRADA A RESPEITO DO ESTAR MORTO JUNTAMENTE COM CRISTO

As condições para a passividade do crente podem ocorrer através de uma interpretação errada da "morte com Cristo". Paulo diz: "Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim." (Gl 2.19,20.) Há quem diga que essas palavras ensinam a despersonalização. Quem crê assim considera que o ápice da vida espiritual é a "perda de personalidade, a ausência de vontade, do autocontrole e a rendição do seu 'eu', que assume uma condição de *obediência* mecânica e automática, à semelhança de uma máquina" (Penn-Lewis, WOTS, 86, citação bibliográfica completa no capítulo anterior). Acham que daí em diante não podem abrigar nenhum sentimento. Pelo contrário, devem renunciar a toda consciência de desejo, de interesse e de gosto pessoal. Acreditam que devem buscar a autonegação, reduzindo-se à condição de cadáver, anulando, assim, a personalidade por completo. Equivocadamente entendem que Deus requer deles essa despersonalização, auto renúncia e auto aniquilação, para que não tenham mais consciência de si mesmos nem de suas necessidades, apenas do mover e da operação de Deus em sua vida. Erradamente entendem que estar "morto para o eu" significa ausência de autoconsciência. Por isso, continuamente, entregam a autoconsciência ao vazio, buscando não sentir nada, a não ser a presença de Deus. Dominados por esses conceitos errôneos, imaginam que devem praticar a morte. Sempre que se tornam conscientes do "ego", ou têm consciência de desejos, de carências, necessidades, interesses ou de preferências pessoais, eles os entregam à morte com determinação.

O argumento dessas pessoas é este:

"Fui crucificado com Cristo, logo o eu não mais existe. E se Cristo vive em mim, então o eu não vive mais. Já que o eu morreu, então devo praticar a morte; isto é, não posso abrigar nenhum pensamento ou sentimento. Cristo está vivo dentro de mim, por isso ele pensará e sentirá em meu lugar. Minha personalidade deve ser aniquilada, por isso vou obedecer a Deus passivamente, permitindo que ele pense e sinta por mim."

Infelizmente, essas pessoas ignoram o que Paulo disse mais sobre "a vida que agora vivo na carne". O apóstolo "morreu", mas ao mesmo tempo não morreu! Esse "eu" foi crucificado; não obstante, o "eu" ainda vive na carne. Paulo, depois de ter passado pela cruz, declara ainda de si mesmo: "Agora (eu) vivo"!

Aqui está a confirmação de que a cruz não aniquila o nosso "eu"; ele continua

existindo para sempre. Sou "eu" quem irá um dia para o céu. Como pode a salvação *me* beneficiar se é outro que vai em meu lugar? Quando aceitamos a morte juntamente com Cristo, morremos para o pecado e também entregamos à morte a vitalidade própria de nossa alma. Mesmo que nossa alma seja excelente, justa e virtuosa, nós entregamos sua vitalidade à morte. Esse é o verdadeiro significado dessa aceitação. O Senhor nos convida a negar o desejo de viver pelo nosso poder natural e a vivermos por ele mesmo, dependendo sempre de sua vitalidade para suprir cada uma de nossas necessidades. Isso de modo nenhum implica que devamos desprezar nossas várias faculdades, acomodando-nos à passividade. Pelo contrário; andar com Deus requer o exercício diário da nossa vontade, de maneira ativa, consistente e cheia de fé, para negarmos a nossa própria energia natural, e nos apropriarmos da energia divina. Do mesmo modo que a morte do corpo físico hoje não significa aniquilação, nem a morte no lago de fogo sugere extermínio, a morte juntamente com Cristo, em espírito, não pode significar despersonalização. O homem deve continuar existindo como pessoa; sua vontade deve prosseguir. Só sua vida natural é que deve morrer. É isso que as Escrituras Sagradas ensinam.

As consequências de se acreditar nesse engano são: (1) o crente deixa de ser ativo; (2) Deus não pode usá-lo, porque ele violou o princípio divino de operação; (3) os espíritos malignos aproveitam a oportunidade para invadi-lo, pois ele involuntariamente cumpriu os requisitos para a operação deles. Devido à sua má interpretação da verdade, e à sua prática da morte, ele se torna uma ferramenta do inimigo, que se fez passar por Deus. É lamentável que o entendimento equivocado da verdade contida em Gálatas 2 tenha sido, em muitos casos, o prelúdio do engano.

Depois dessa "morte", o indivíduo fica privado de qualquer sentimento. Ele não pode sentir por si mesmo, nem pelos outros. Quem está ao seu redor tem a impressão de que ele se acha totalmente destituído de sentimentos, como se fosse de ferro ou de pedra. Não é capaz de sentir o sofrimento alheio, nem tampouco percebe o sofrimento que ele mesmo já causou aos outros. Perde a capacidade de sentir, de distinguir e de discernir, tanto o que se passa dentro dele, como o que acontece à sua volta. Não tem consciência de seu modo de agir, nem de suas atitudes e ações. Fala e age sem exercitar a vontade. Não sabe de onde brotam suas palavras, pensamentos e sentimentos, que fluem como um rio, apesar de não ter tomado nenhuma decisão por sua própria vontade. Todas as suas ações são mecânicas, e ele ignora a srcem delas. Não passa de um ser impulsionado por uma força estranha. Apesar de inconscientes do próprio ego, essas pessoas são bastante sensíveis ao tratamento que os outros lhes dispensam, o que é bastante esquisito. Apresenta tendência a ter mal-entendidos e, em consequência, ao sofrimento. Essa "inconsciência" constitui a condição básica para a invasão do inimigo, e também as consequências dela. É que assim os espíritos malignos tornam-se capazes de operar, de atacar, sugerir, pensar, pressionar ou abafar, sem a menor resistência do crente, que desconhece completamente as circunstâncias. Por conseguinte, devemos ter em mente que o que se costuma chamar de "morte do ego" significa, em essência, a morte da vida, da energia, do exercício e da atividade do ego. De modo algum, ela significa a morte da personalidade. Não devemos nos despersonalizar, fazendo desaparecer nossa personalidade. Precisamos fazer distinção entre esses dois eventos. Quando dizemos "sem ego", queremos dizer sem nenhuma atividade do ego, e não sem a existência dele! Se o cristão aceita a interpretação que admite a perda da personalidade, recusando-se a pensar, a sentir e a agir, viverá como que sonhando. Embora se imagine verdadeiramente morto, totalmente destituído do ego e extremamente espiritual, sua consagração não é para Deus, e sim para os espíritos malignos.

A OPERAÇÃO DE DEUS

Outro texto que muitas vezes é mal interpretado é Filipenses 2.13: "Porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade". Para alguns, essa passagem parece dizer que o Senhor realiza tanto o querer como o realizar, isto é, Deus coloca em seus filhos o que ele mesmo quer e efetua. Como é Deus quem quer e quem opera no lugar deles, eles mesmos já não precisam fazer isso. Esses crentes se vêem como uma espécie de criatura superior, não tendo necessidade de querer nem de operar, já que Deus o faz por eles. E como um brinquedo mecânico que não exercita nenhuma responsabilidade própria de querer e de realizar. Esses crentes não vêem que a verdadeira essência desse versículo é que Deus opera em nós até onde estamos dispostos a querer e realizar. Ele só vai até esse ponto e nada mais. Ele nunca realiza o querer e o efetuar em lugar do homem. Apenas se empenha em levá-lo à condição em que está disposto a querer e fazer sua maravilhosa vontade.

E o próprio homem quem deve realizar o querer e o efetuar. O apóstolo Paulo ensina claramente: *"em vós* tanto o querer como o realizar". Não é Deus quem quer e realiza, mas *nós.* Nossa personalidade continua existindo, logo, a responsabilidade é nossa. Portanto devemos querer e agir. Deus, na verdade, está operando, mas ele nunca toma nosso lugar. Cabe ao homem decidir e realizar. Deus quer mover-nos, quebrantar- nos e incentivar-nos a que inclinemos o coração para fazer a vontade dele. Contudo ele não realizará sua vontade em nosso lugar. Ele nos inclina para a sua vontade e depois nos deixa tomar a decisão. O que a Palavra ensina aqui é que nossa vontade requer o sustento do poder de Deus. Como são ineficazes e infrutíferos os feitos que realizamos pela vontade humana, sem a participação do Senhor! Deus não realiza o querer em nosso lugar, mas também não quer que exercitemos nosso querer independentemente dele. Ele ordena que queiramos de acordo com o seu poder, isto é, segundo sua operação em nós.

Não entendendo o significado correto dessa passagem, o crente supõe que não precisa querer. Desse modo, ele permite que outra vontade controle seu ser. Assim, não toma a iniciativa de decidir nada, nem de empreender nenhuma ação, nem mesmo de resistir a poder nenhum. Limita-se a esperar, passivamente, que a vontade de Deus venha até ele. E se uma outra vontade decide por ele, aceita-a passivamente. Anula tudo que venha de sua própria vontade. E qual é o resultado? Ele não está exercitando a vontade, nem Deus o faz, pois o Senhor não exerce a faculdade de querer e decidir por ele. Deus exige que cooperemos ativamente. Contudo os espíritos malignos dominam a vontade do crente quando esta se acha passiva, e agem em seu lugar.

Precisamos enxergar a diferença entre Deus querer por nós e nossa vontade cooperar com ele. Se ele escolhesse e decidisse por nós, não teríamos ligação real com o ato ou com a ação que realizamos, porque não teriam partido do nosso coração. Depois, quando voltássemos a assumir o controle, veríamos que não fomos *nós* quem praticou a ação. Por outro lado, porém, se exercitamos nossa vontade e cooperamos ativamente com Deus, nós mesmos nos encarregamos de realizar a ação, só que no poder divino. Já aquele que é vítima do engano de Satanás pode até imaginar que agiu, falou ou pensou. Mais tarde, no entanto, ao ser iluminado por Deus, reconhece que na realidade não foi ele quem quis agir, nem falar, nem pensar. Sabe, então, que esses atos não têm nenhuma ligação com ele; são da autoria do inimigo.

Não é propósito de Deus aniquilar nossa vontade. Se dissermos que não teremos mais vontade própria, para que o propósito divino se manifeste em nós, não estaremos nos oferecendo a Deus. Pelo contrário, estaremos fazendo aliança com um espírito maligno, pois o Senhor nunca tira nossa vontade e coloca em nós a dele. A atitude

correta é esta: tenho minha própria vontade, entretanto prefiro a de Deus. Devemos colocar nossa vontade a serviço dele. Contudo, até isso não podemos fazer por nossa própria força, mas pelo poder de Deus. A verdade nisso tudo é que já entregamos à morte a vida que anteriormente alimentava nossa vontade. Esta agora está atrelada ao poder de Deus. Não a eliminamos, ela continua no mesmo lugar; o que mudou foi a vida. O que morreu foi a nossa própria vida. Continuamos exercitando nossa vontade, só que renovada por Deus. A partir daí nossa vontade é alimentada por essa nova vida.

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

São muitos os cristãos que mergulharam na passividade e na escravidão por não entenderem a obra do Espírito Santo. A seguir, apresentamos alguns dos equívocos mais comuns:

1. *Obediência ao Espírito Santo.* Os crentes em geral entendem que Atos 5.32 indica que devem obedecer ao Espírito Santo: "... o Espírito Santo, que Deus outorgou aos que lhe obedecem." No entanto, desobedecem à ordem expressa na Bíblia, não provando os espíritos, para saber se eles são da verdade ou do erro (1 Jo 4.1,6). Desse modo, todo espírito que vem a eles, pensam que é o Espírito Santo. Creem que com esse tipo de obediência estão agradando a Deus. O que eles não entendem é que essa passagem não está dizendo para obedecermos ao Espírito Santo, e sim a Deus, o Pai, através do Espírito. Em Atos 5.29, quando os apóstolos foram interrogados pelo concilio, replicaram que deviam "obedecer a Deus". Se alguém fizer o propósito de obedecer ao Espírito Santo, esquecendo-se do Pai, arrisca-se a obedecer ao espírito que está em si ou ao seu redor, em vez de, através do Espírito Santo, obedecer ao Pai que está no céu. Com tal atitude, ele estará caindo na passividade e, mais ainda, fornecendo aos espíritos malignos a oportunidade de exercer o engano imitando o que Deus faz. Ultrapassar os limites da Palavra de Deus resulta em perigos incontáveis!

2. *O Governo do Espírito Santo.* Anteriormente, vimos como Deus governa nosso espírito através do Espírito Santo e como nosso espírito governa nosso corpo ou todo o nosso ser através da alma, ou seja, da vontade. Isso pode parecer simples, contudo apresenta inúmeras implicações espirituais. O Espírito Santo influencia apenas nossa intuição, com a finalidade de revelar-nos sua vontade. Ele enche somente nosso espírito, mais nada. *Ele jamais controla ou enche diretamente nossa alma ou nosso corpo.* Precisamos atentar bem para isso. Portanto *não* devemos esperar que o Espírito de Deus pense por meio de nossa mente, nem que ele sinta por nossas emoções, nem decida por intermédio de nossa vontade. Ele revela sua vontade ao nosso espírito através da intuição, a fim de que nós mesmos possamos pensar, sentir e agir segundo a vontade dele. E um grave erro pensar que devemos oferecer nossa mente ao Espírito Santo, permitindo que ele pense através dela. A verdade *é* que ele nunca toma o lugar do homem para usar a mente dele. Também nunca ordena que nos ofereçamos a ele passivamente. O que Deus quer é que cooperemos com ele, porque ele não faz aquilo que é para o crente fazer. Se ele o fizesse, o crente poderia "apagar" a atuação divina. Ele não força ninguém a fazer nada.

O Espírito Santo também não assume o controle de nosso corpo diretamente. Quando desejamos falar, utilizamos nossa *própria* boca. Ao andar, temos de utilizar os *próprios* pés; e, para trabalhar, as *próprias* mãos. O Espírito Santo nunca interfere em nossa vontade livre. Ele atua em nosso espírito, que é uma nova criatura de Deus, mas não usa nenhuma outra parte do nosso corpo, sem o consentimento da nossa vontade. Mais ainda: mesmo que o queiramos, ele não usa nenhum membro do nosso corpo em nosso lugar. O homem deve ser senhor de si mesmo. Devemos exercitar nosso corpo.

Isso é uma lei de Deus, e ele não a transgride.

Costumamos afirmar que "o Espírito Santo reina sobre nós". Com isso, queremos dizer que ele opera em nós para tornar-nos obedientes a Deus. Contudo, se alguém quiser dizer com isso que ele controla diretamente todo o seu ser,, estará incorrendo em erro. Aqui vemos uma clara distinção entre a obra do Espírito Santo e a dos espíritos malignos. O Espírito Santo habita em nós para testificar que *pertencemos a Deus,* ao passo que os espíritos malignos manipulam as pessoas, a fim de reduzi-las a máquinas. O Espírito de Deus solicita nossa cooperação; os espíritos malignos buscam exercer um controle direto. Daí fica claro que nossa união com Deus é no espírito, e não no corpo ou na alma. Se não entendermos isso, e esperarmos que o Senhor mova diretamente nossa mente, nossas emoções, nossa vontade e nosso corpo, abriremos uma enorme brecha para os espíritos malignos nos enganarem, imitando a obra de Deus. E verdade que não devemos seguir nossos próprios pensamentos, sentimentos ou preferências. Contudo, assim que recebermos uma revelação em nosso espírito, devemos *executá-la* com a mente, emoções e vontade.

VIDA ESPIRITUAL

Existem vários conceitos errados relativos à vida espiritual. Dentre eles, podemos citar os seguintes:

1. *Falar.* O texto usado é Mateus 10.20: "Visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós." Muitos cristãos entendem que o Senhor vai falar por eles. Alguns acham que, ao entregar uma mensagem, não devem empregar nem a mente nem a vontade, mas apenas oferecer, passivamente, sua boca a Deus, deixando que ele fale por seu intermédio. Desnecessário é dizer que as palavras de Jesus registradas nessa passagem em particular aplicam-se apenas a ocasiões de perseguição e de prova. Ele não ensina que o Espírito Santo vai falar em nosso lugar. Essa predição se cumpriu na experiência dos apóstolos Pedro e João diante do concílio.

2. *Direção.* Texto: "Os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele." (Is 30.21.) Os crentes não percebem que esse versículo se refere especificamente à experiência do povo de Deus na Terra - os judeus - durante o remado milenar de Cristo, quando não haverá imitação satânica. Desconhecedores desse fato, entendem que a direção sobrenatural, por meio de uma voz, é a mais elevada que existe. E alguns até acham que recebem esse tipo de direção sobrenatural porque são mais espirituais do que os outros. Não ouvem sua consciência, nem seguem a intuição. Simplesmente esperam, de forma passiva, a voz sobrenatural. Tais crentes julgam que não precisam pensar, nem raciocinar, fazer opções ou decidir. Só precisam obedecer. Permitem que essa voz tome o lugar de sua intuição e consciência. As consequências são as seguintes: "(a) não usam a própria consciência; (b) Deus não lhes pede uma obediência 'mecânica'; (c) os espíritos malignos aproveitam a oportunidade, e passam a falar-lhes com vozes sobrenaturais já que eles não exercitam a consciência" (Penn-Lewis, WOTS 121). Com isso, o inimigo passa a ter mais domínio sobre o crente. E daí em diante, o homem não se orienta mais pelo que sente, pelo que vê, ou pelo que os outros dizem. Rejeita qualquer indagação que lhe surgir e pára de usar o raciocínio. Em vez de exercitar a consciência, passa a orientar-se pela direção sobrenatural. Isso explica a deterioração do padrão moral das pessoas que têm experiências sobrenaturais. Tal ocorre porque elas deixaram de se dirigir pela consciência e se submeteram à direção dos espíritos malignos. Têm plena consciência de que baixaram o nível de seu padrão moral, mas sua consciência acha-se cauterizada. O que acontece é que ao julgarem questões de valor, que deveriam avaliar por meio da consciência,

deliberadamente deixam de ouvi-la, passando a dar atenção às vozes de espíritos enganadores" (Penn-Lewis, WOTS, 121,122).

3. *Memória.* Texto: "Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito." (Jo 14.26.) Os cristãos não entendem que esse versículo significa que o Consolador iluminará sua mente, a fim de que *eles* possam lembrar-se daquilo que o Senhor falou. Acham que a instrução é para que não usem sua memória, porque Deus lhes trará tudo à mente. Em consequência, permitem que a memória caia na passividade e se degenere. Não exercitam a vontade para lembrar-se de nada. E qual é o resultado? "(a) o próprio homem não usa a memória; (b) Deus também não a usa, pois ele não faz isso sem nossa colaboração; (c) então, como o crente não a exercita voluntariamente, os espíritos malignos a usam, introduzindo ali suas operações" (Penn-Lewis, WOTS, 121).

4. *Amor.* Texto: "O amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado." (Rm 5.5.) Muitos crentes interpretam erradamente essas palavras, achando que isso significa que eles mesmos não devem amar, mas, sim, deixar que o Espírito Santo lhes dispense o amor de Deus. Pedem ao Senhor que ame através deles, dando-lhes o amor divino abundantemente, até à plenitude. Assim, não terão mais de amar, pois daí em diante é Deus quem deve fazê-los amar. Por isso, param de exercitar a faculdade da afeição, permitindo que ela paralise totalmente. O resultado é que (a) o próprio crente não ama; (b) Deus não derrama sobre ele amor sobrenatural, pois respeita o homem e o exercício da sua afeição natural; (c) então os espíritos malignos assumem o lugar do homem e, através deste, expressam o amor ou o ódio. Quando uma pessoa deixa de controlar sua afeição pelo exercício da vontade, os espíritos malignos introduzem nela seu falso amor. Daí em diante, ela se comporta como se fosse de madeira ou de pedra, fria e morta para qualquer afeição. E por isso que muitos cristãos, embora santificados, são muito fechados em si mesmos.

"Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força", disse o Senhor Jesus (Mc 12.30). Ora, *a quem* pertence esse amor? De quem é o coração, a alma, a mente e a força de que ele fala aqui? Nossos, naturalmente. Nossa vida natural precisa morrer, mas esses dons e suas funções permanecem.

5. *Humildade.* Texto: "Porque não ousamos classificar-nos ou comparar-nos com alguns que se louvam a si mesmos." (2 Co 10.12.) Os crentes entendem mal essa longa passagem, que vai do versículo 12 ao 18. Pensam que esse texto é um convite para se ocultarem, chegando à perda da autoestima, característica que, sem sombra de dúvida, Deus nos permite ter. Muitos exemplos de auto humilhação são, essencialmente, um disfarce para a passividade. Em consequência, (a) o crente anula a si mesmo; (b) Deus não o preenche; e (c) os espíritos malignos utilizam sua passividade para torná-lo inútil.

Quando a auto humilhação é fruto de um ataque do inimigo, tudo ao redor parece sombrio, desolado e sem esperança. A impressão que uma pessoa nesse estado dá, aos que convivem com ela, é de frieza mortal e melancolia desalentadora. Ela mesma se desanima com facilidade e vive desencorajada. Nos momentos críticos, abandona a luta e se retira, prejudicando outros. Passa a dar menos importância à obra de Deus. Procura anular-se, tanto em palavras como em atos, mas isso expõe ainda mais o seu ego, o que causa grande tristeza àquele que é realmente espiritual. Devido ao excessivo desprezo por si mesma, coloca-se em segundo plano, e fica aguardando o momento em

que surja uma grande necessidade no reino de Deus. Demonstra permanente incapacidade, desesperança e sentimentos feridos. Embora ache que isso é humildade, não percebe que se trata apenas de uma atuação dos espíritos malignos. A verdadeira humildade é capaz de olhar para Deus e prosseguir.

OBEDECENDO A DEUS

Sabemos que, além da vontade do homem, existem no mundo mais duas, que se acham em completo antagonismo: a de Deus e a de Satanás. O Senhor ordena que lhe obedeçamos e resistamos a Satanás. Duas vezes na Bíblia encontramos essas atitudes mencionadas juntas: "Sujeitai-vos, portanto, a Deus", exorta Tiago, que em seguida diz "mas resisti ao diabo" (4.7). E Pedro ordena: "Humilhai-vos, portanto, sob a poderosa mão de Deus". Mais adiante, ele diz: "resisti-lhe (ao diabo) firmes na fé" (1 Pe 5.6,9). Esse é o equilíbrio da verdade. Devemos aprender a nos submeter a Deus em tudo, reconhecendo que a determinação dele é a melhor para nossa vida. Mesmo que haja sofrimento, devemos nos submeter à vontade divina, de todo o coração. Entretanto isso é apenas *um lado* da verdade. Os apóstolos compreenderam o perigo do desequilíbrio. Por isso, advertiam os cristãos acerca da necessidade de resistir ao diabo, ao mesmo tempo em que se submetiam a Deus. A razão disso é que existe outra vontade além da de Deus - a de Satanás. Muitas vezes, o diabo imita a vontade divina, principalmente nos fatos que nos acontecem. Se ignorarmos a existência de outra vontade além da de Deus, poderemos aceitar facilmente o que é de Satanás, achando que é do Senhor, caindo assim na armadilha do diabo. Por isso, Deus quer que resistamos ao diabo quando nos submetermos ao Senhor. E como é que se resiste? Por meio da *vontade.* Resistir significa exercitar a vontade para opor-se, discordar e rebater. Deus quer que exercitemos a vontade, por isso nos exorta a "resistir ao diabo". Ele não vai resistir por nós. Nós mesmos é que devemos fazer isso. Temos uma vontade e devemos exercitá-la para atender à Palavra de Deus. Assim nos ensina a Bíblia. Crendo que Deus revela sua vontade nas ordens que nos dá, podemos achar que tudo que chega até nós é a vontade dele. Quem pensa assim, naturalmente não emprega sua vontade para optar, decidir ou resistir em nenhuma situação. Aceita tudo tranquilamente. Isso pode parecer bom e correto, mas contém um erro grave.

Reconhecemos a mão de Deus em tudo que nos acontece, e confessamos que temos de nos submeter plenamente a ele. O ponto central aí é nossa atitude, e não uma conduta. Se aquilo que está acontecendo conosco é a vontade direta de Deus, certamente não vamos fazer nenhuma objeção. Isso envolve a intenção do nosso coração. Contudo, depois que estivermos decididos a obedecer, devemos verificar, também, se o que está acontecendo emana de algum espírito maligno ou é apenas a vontade permissiva de Deus. Se for a vontade divina ativa, não vamos fazer nenhuma objeção. Caso contrário, devemos resistir, juntamente com o Senhor. Portanto não devemos nos submeter às circunstâncias que nos rodeiam, sem diariamente submetê-las a um exame e um teste. Nossa *atitude* deverá ser sempre a mesma, mas só devemos partir para a *ação* depois de termos certeza de que se trata da vontade de Deus. Como é que iríamos nos submeter à vontade de Satanás?

Não devemos agir como se não tivéssemos cérebro, conduzidos passivamente pelas circunstâncias. Precisamos examinar, de modo ativo e consciente, a fonte de cada questão, provar sua natureza, buscar entender seu significado e só então decidir o curso a ser seguido. E importante obedecer a Deus, mas não cegamente. Tal investigação ativa não é sinal de rebelião contra os desígnios do Senhor, uma vez que a intenção do nosso coração continua sendo submissa a Deus. Só queremos ter certeza de que, ao submeter-nos, é *a Deus* que estamos realmente obedecendo. Não há dúvida de

que há muita desobediência entre os crentes hoje. Embora conheçam a vontade do Senhor, deixam de obedecer-lhe. Entretanto os que são quebrantados por Deus vão para o outro extremo. Aceitam sem questionar qualquer ideia que lhes sobrevenha. A verdade está no centro. Disponhamos o coração para *obedecer,* mas *aceitemos* a ordem só depois de saber ao certo qual a procedência dela.

E uma lástima que muitos cristãos totalmente consagrados não consigam perceber a diferença entre a vontade de Deus e a de Satanás. Submetem-se passivamente a tudo que lhes sobrevém, crendo que se trata de um desígnio divino. Cedem terreno aos espíritos malignos, deixando-os atormentá-los e prejudicá-los. Esses espíritos criam situações que são verdadeiras armadilhas para perturbar os crentes ou levá-los a realizar a vontade deles. Os cristãos podem achar que isso se encaixa na ordem que Jesus dá em Mateus 5.39: "Não resistais ao perverso". Contudo se esquecem de que o mandamento de Deus, aí, é que lutemos contra o pecado (Hb.12.4). Superando as circunstâncias, venceremos o espírito deste mundo.

Uma compreensão equivocada do mandamento de Deus traz os seguintes resultados: (a) os crentes não exercitam a vontade para tomar decisões; (b) Deus, com certeza, não cria circunstâncias que venham a oprimi-los; (c) os espíritos malignos criam certas circunstâncias para os crentes que estão com a vontade passiva. Assim, em vez de esses cristãos obedecerem a Deus, na verdade, estão obedecendo aos espíritos malignos.

SOFRIMENTOS E FRAQUEZAS

Ao entregar-se plenamente a Deus, o cristão naturalmente admite que deve andar no caminho da cruz e sofrer por amor a Cristo. Reconhece, também, que sua vida natural é infrutífera, e está disposto a tornar-se fraco, a fim de fortalecer-se no poder de Deus. Essas duas atitudes são louváveis, mas, se não as entendermos corretamente, poderemos deixar que o inimigo as utilize.

Reconhecendo que existe algo de muito proveitoso no sofrimento, o cristão consagrado pode submeter-se passivamente a qualquer fato que lhe sobrevenha, sem questioná-lo. Simplesmente crê que está sofrendo pelo Senhor, e que, portanto, isso é útil e compensador. Mal sabe que, se não exercitar intencionalmente sua vontade para aceitar o que Deus lhe designa, e para resistir à oferta do inimigo, aceitando de forma passiva *todo* sofrimento, está oferecendo uma excelente oportunidade aos espíritos malignos para que o atormentem. Quem estiver sofrendo nas garras desses espíritos, crendo que esse sofrimento procede de Deus, apenas concede ao inimigo o direito de prolongar o ataque. Esse crente não tem consciência de que seu sofrimento não provém de Deus, e que ele lhe sobreveio porque criou condições para a operação dos espíritos malignos. Acha que está sofrendo pela igreja, a fim de que possa completar o que falta nas aflições do corpo de Cristo. Pensa que é um mártir, quando na verdade é apenas uma vítima. Gloria-se nesses sofrimentos, que não passam de sintomas de ataques do adversário.

Precisamos entender que toda aflição que resulta da atuação dos espíritos malignos não tem sentido. É totalmente infrutífera e sem propósito. O que ocorre aí é só um sofrimento sem nenhum sentido. O Espírito Santo não testifica com nossa intuição que tal sofrimento proceda de Deus.

Analisando a situação, o cristão vai descobrir que só veio a passar por tais experiências depois de ter-se oferecido ao Senhor e ter *decidido sofrer*. Feito isso, passou automaticamente a aceitar todo e qualquer sofrimento como sendo proveniente de Deus, embora muitos deles, na realidade, tenham sido causados pelas potestades das

trevas. Cedeu terreno aos espíritos malignos, acreditou em suas mentiras, e agora sua vida está marcada por sofrimentos destituídos de sentido e de propósito. Depois que conhecemos melhor tudo que diz respeito a essa atuação mais profunda dos espíritos malignos, passamos a ter meios não somente de vencer os pecados, mas também de eliminar as aflições desnecessárias.

O filho de Deus pode abrigar ainda o seguinte conceito errado com relação à fraqueza. Ele acha que, para obter o poder de Deus, deve viver numa condição de fraqueza. O apóstolo Paulo afirmou que "quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.10). Por isso, ele também *deseja* ser fraco para poder ser forte. O problema é que o apóstolo não *desejava* ser fraco. Ele estava simplesmente relatando sua experiência de como a graça divina o fortaleceu numa situação de fragilidade, visando à realização do propósito do Senhor. Paulo não desejava aquela enfermidade, mas quando a experimentava, sentia-se fortalecido por Deus. Não podemos deduzir disso que Paulo esteja ensinando que um crente forte deve *buscar propositadamente* a fraqueza, a fim de que o Senhor possa fortalecê-lo depois. Ele está simplesmente mostrando a um crente *fraco* o modo como pode obter força!

Quando alguém busca a fraqueza e o sofrimento, está criando condições para a operação dos espíritos malignos. Agindo assim, o homem alia sua vontade à do inimigo. Isso explica por que um grande número de filhos de Deus, que gozavam de boa saúde, mas decidiram ser fracos, encontram-se diariamente enfraquecidos. A força que esperam receber não vem. Com isso, eles se tornam um peso para os outros. São inúteis na obra de Deus. Com tal decisão, não estamos atraindo para nós o poder do Senhor. Pelo contrário, estamos abrindo brechas para os espíritos malignos nos atacarem. Se esses crentes não resistirem persistentemente a essas fraquezas, enfrentarão constantes enfermidades.

O PONTO VITAL

O que acabamos de descrever pode aplicar-se principalmente a casos mais graves. E possível que a maioria dos crentes não chegue a tais extremos. Contudo o princípio em jogo é o mesmo para todos. Sempre que alguém deixar sua *vontade em estado passivo* ou *criar condições para a operação do diabo,* ele agirá. Embora muitos cristãos não tomem uma decisão específica, buscando o sofrimento ou a fraqueza, *involuntariamente* permitem a si mesmos afundarem na passividade, cedendo assim lugar ao inimigo, e se colocando numa situação perigosa. Qualquer um que passar por essa experiência deve perguntar a si mesmo: "Será que criei as condições para a operação dos espíritos malignos?" Isso o livrará de sofrimentos desnecessários e de experiências falsas.

Sabemos que o inimigo usa a verdade, só que ele a leva além dos seus limites. Todas essas experiências - a autonegação, a submissão, o sofrimento, esperar a ordem de Deus, ou alguma outra da mesma natureza são verdadeiras. O fato, porém, é que os espíritos malignos exploram a ignorância do crente no tocante aos princípios da vida espiritual, levando-o a criar condições para que eles operem. Se não compreendermos o princípio que há por trás de qualquer ensinamento e não procurarmos saber se criamos condições para a atuação do Espírito Santo ou dos espíritos malignos, acabaremos enganados. Todo acréscimo à verdade é sempre perigoso. Devemos ter muito cuidado a esse respeito.

No entanto precisamos conhecer bem a diferença entre a forma de atuação de Deus e a de Satanás. *Deus quer que o crente coopere com ele, exercitando sua própria vontade e usando toda a sua capacidade, para ser cheio do Espírito Santo. Os espíritos malignos, visando a facilitar sua atuação, exigem que o crente deixe sua vontade em estado passivo e renuncie*

completamente ao uso de suas capacidades. No primeiro caso, o Espírito de Deus preenche o espírito do homem comunicando- lhe vida, poder, e operando nele libertação, crescimento, renovação e força, para que ele possa ser livre e inabalável. No segundo caso, Satanás ocupa as faculdades passivas do homem e, se não for detectado, passa a destruir sua personalidade e sua vontade, reduzindo-o a um boneco, subjugando sua alma e seu corpo, e deixando-o amarrado, oprimido, devastado e aprisionado. O Espírito Santo capacita o crente a conhecer a vontade de Deus através da intuição, a fim de que ele a compreenda com a mente e depois a realize, exercitando a vontade. O espírito satânico, porém, submete a pessoa à opressão de um poder externo que dá a esta a impressão de ser a vontade de Deus, forçando-a a agir como uma máquina desprovida de pensamento e de poder de decisão.

Muitos filhos de Deus, hoje, inconscientemente, caíram num estado de passividade. Pararam de exercitar a vontade e a mente, e, por essa razão, experimentam sofrimentos indescritíveis. Tudo isso acontece simplesmente por causa de uma lei. No reino natural, existe lei para tudo. O mesmo se dá no reino espiritual. Há um princípio que diz que a cada ação corresponde uma reação. É Deus quem estabelece essas leis, e ele mesmo as cumpre. Quem transgredir qualquer delas, voluntária ou involuntariamente, sofrerá as consequências. No entanto, quando o homem exercita sua vontade, sua mente e suas faculdades para cooperar com Deus, o Espírito Santo irá operar, pois isso também é uma lei.

4. COMO OBTER LIBERTAÇÃO

É possível que um cristão consagrado seja, durante muito tempo, vítima de engano no que diz respeito à passividade sem jamais se dar conta do perigo de tal condição. É que essa inatividade vai aumentando, e afinal ele passa a sofrer indescritíveis aflições na mente, nas emoções, no corpo, bem como em seus relacionamentos. E de vital importância que os crentes que se acham nesse estado entendam o verdadeiro significado da consagração. O conhecimento da verdade é absolutamente necessário para eles vencerem a passividade. Sem isso, a liberdade é *impossível*. Sabemos que eles caem na passividade por meio do engano, que, por sua vez, tem bases na falta de conhecimento.

O CONHECIMENTO DA VERDADE

O primeiro passo para esses crentes conquistarem a libertação é buscar o conhecimento total da verdade. Eles precisam saber a respeito da sua cooperação com Deus, da operação dos espíritos malignos, da consagração, e das manifestações sobrenaturais. Para alcançar libertação, o filho de Deus deve conhecer tanto a verdadeira fonte das experiências que porventura tenha provado, como a natureza delas. A rota da queda foi primeiro o engano; depois, a passividade; em seguida, o entrincheiramento; e por fim, mais engano e passividade. Por isso, para se libertar, ele precisa inicialmente reconhecer o logro. Assim que este é desfeito, a passividade, o entrincheiramento e os enganos posteriores se desfarão. O engano abre a porta para os espíritos malignos. A passividade prepara o terreno para eles permanecerem. O resultado disso é que eles se entrincheiram na vida do crente. Para desapossá-los, é necessário pôr um fim à passividade. Para isso, é preciso que o crente tenha consciência do engano. Aí entra o conhecimento da verdade. Portanto, conhecer a verdade, é o primeiro passo em direção à libertação. Só a verdade liberta.

Temos advertido os leitores repetidas vezes sobre o perigo de experiências sobrenaturais. Não estamos querendo dizer, porém, que devam desprezar categoricamente a toda manifestação desse tipo, nem que resistam ou se oponham a elas. Isso estaria em desacordo com o ensinamento da Bíblia, uma vez que as Escrituras registram inúmeros atos sobrenaturais de Deus. Nosso propósito é simplesmente lembrar aos cristãos que é possível haver mais de uma fonte desses fenômenos sobrenaturais. O Senhor pode realizar prodígios, mas os espíritos malignos conseguem imitá-los! É essencial, então, saber distinguir o que é de Deus e o que não é. Se alguém não morreu para sua vida emocional, e busca ansiosamente experiências sensacionais, facilmente será enganado. Não estamos exortando as pessoas a resistirem a toda manifestação sobrenatural; mas, sim, a resistir a todo acontecimento sobrenatural que tenha srcem em Satanás. O que temos procurado demonstrar nesta parte deste livro são as diferenças básicas entre a operação do Espírito Santo e a dos espíritos malignos, a fim de que os filhos de Deus possam discernir entre uma e outra.

Estamos convencidos de que, no que se refere a questões sobrenaturais, os cristãos dos nossos dias são particularmente suscetíveis de engano. Nosso mais sincero desejo é que, ao terem contato com os fenômenos sobrenaturais, eles busquem primeiro discernir a srcem deles, para não serem enganados. Não podemos nos esquecer de que, nas experiências sobrenaturais de autoria do Espírito Santo, a mente permanece alerta em condições de participar. Essa experiência não exige passividade, nem total, nem parcial. O crente permanece apto a exercitar livremente sua consciência, podendo assim distinguir entre o bem e o mal, sem qualquer restrição. Já nas experiências srcinadas em algum espírito maligno, a vítima fica em estado de passividade, sua

mente se esvazia e realiza suas ações sob compulsão externa. Essa é a diferença essencial. Em 1 Coríntios 14, o apóstolo Paulo menciona vários dons espirituais: revelação, profecia, línguas e outros. Ele reconhece que tais dons fluem do Espírito Santo. Todavia, ao definir a natureza desses dons outorgados por Deus, ele diz: "Os espíritos dos profetas estão sujeitos aos próprios profetas" (v. 32). Se o profeta (crente) recebe uma manifestação do Espírito Santo, esta estará sujeita ao espírito dele. Isso significa que o Espírito Santo, que nos concede experiências sobrenaturais diversas, não viola nossos direitos. Ele não manipula nenhuma de nossas faculdades contra nossa vontade. Continuamos de posse do *autocontrole.* Se o espírito se acha sujeito ao profeta - ou crente - é de Deus. Qualquer espírito que exige que o profeta se submeta a ele não é de Deus. Embora não devamos resistir a tudo o que é sobrenatural, precisamos, no entanto, julgar se o agente sobrenatural exige sujeição passiva ou não. A operação do Espírito Santo e a dos espíritos malignos são fundamentalmente opostas. O Espírito Santo deseja que os homens sejam soberanamente livres. Os espíritos malignos exigem que ele seja totalmente passivo.

Esse é o critério segundo o qual devemos julgar nossas experiências. Verifiquemos se temos sido passivos ou não. Isso pode ser a solução para todos os nossos problemas.

Se o filho de Deus deseja liberdade, não pode ser insensato. Em outras palavras, ele precisa conhecer a verdade e examinar a verdadeira natureza dos acontecimentos. As mentiras de Satanás prendem. A verdade de Deus liberta. É claro que a verdade tem seu preço. Ela quebra a vanglória que podemos ter assumido, devido a experiências passadas. Talvez nos consideremos superiores aos outros, achando que somos espirituais e infalíveis. Como é doloroso para alguém, que está nessa condição, confessar - ou até mesmo ouvir os outros dizerem - que pode ter sido invadido pelo inimigo. Somente aquele que deseja a verdade de Deus de todo o coração consegue aceitar esse fato doloroso e humilhante. Ouvir verdades agradáveis é fácil, mas aceitar uma que destrói o ego é muito difícil. É relativamente simples reconhecer que podemos ser vítimas do engano. Contudo confessar que o inimigo está entrincheirado em nossa vida é muito complicado. Queira Deus ser misericordioso com seus filhos, pois mesmo depois que um crente conhece a verdade, ainda pode resistir a ela. Vemos, então, que o primeiro passo para a libertação é acolher a verdade. O filho de Deus deve estar disposto a conhecer os fatos que lhe dizem respeito. Isso exige humildade e sinceridade. Aquele que resiste fortemente a esse conhecimento precisa corrigir-se, pois pode se tornar cativo do diabo sem ter consciência disso.

Os meios pelos quais descobrimos a verdade são muitos e variados. Alguns crentes percebem sua real condição quando descobrem que perderam totalmente a liberdade em razão de uma escravidão satânica, séria e prolongada. Outros, cuja experiência pode ser noventa por cento de Deus e apenas dez por cento demoníaca, conhecem a verdade quando começam a duvidar de suas experiências. E há ainda os que tomam conhecimento de sua situação por meio de outros crentes. Em hipótese alguma o cristão deve recusar as
revelações que receber nesse sentido.

A dúvida é o prelúdio da verdade. Não queremos dizer com isso que devemos duvidar do Espírito Santo, de Deus ou da sua Palavra, mas sim das experiências que temos. Essa dúvida é, ao mesmo tempo, necessária e bíblica, pois Deus nos manda provar os espíritos (1 Jo 4.1). Os cristãos, geralmente, cometem o erro de não examinar os espíritos, temendo pecar contra o Espírito Santo. No entanto é ele mesmo quem quer que façamos a prova. Se a experiência vier do Espírito Santo, ele passa no teste. Se, contudo, ela vier de um espírito maligno, descobriremos sua verdadeira natureza. Será que foi Deus quem levou o crente a cair na situação em que hoje se encontra? Será que

o Espírito Santo opera de maneira contrária às suas leis? Somos realmente infalíveis em qualquer assunto?

Depois de receber alguma revelação a respeito da verdade, podemos, logo em seguida, admitir que somos suscetíveis ao erro. Assim, abrimos caminho à operação da verdade. O pior erro que podemos cometer é nos acharmos infalíveis. E um erro capital afirmar que os outros podem estar errados, mas nós, não. Só depois de experimentarmos a auto humilhação é que poderemos ver que de fato estamos enganados. Quando comparamos os princípios da operação divina com as condições nas quais Satanás atua, compreendemos que as experiências passadas foram fruto da passividade. O crente criou as condições para que os espíritos malignos atuassem nele, e, desse modo, recebeu manifestações estranhas. Inicialmente, elas o deixaram feliz, mas depois produziram um enorme sofrimento. Ele não cooperou com Deus de modo ativo. Pelo contrário, seguiu passivamente uma orientação que acreditava ser do Senhor. Suas experiências, tanto as de felicidade quanto as de sofrimento, devem ter se srcinado nos espíritos malignos. Em consequência, ele agora admite que foi terrivelmente ludibriado. Além de o filho de Deus aceitar a verdade, ele deve também verificar, à luz dessa verdade, qual é sua verdadeira condição. Desse modo, a mentira do inimigo será desfeita. Vemos, então, que os passos que o *crente* deve dar são os seguintes: (a) reconhecer que todo *crente* é passível de enganar-se; (b) admitir que *ele também* está sujeito a isso; (c) confessar que *ele foi* enganado; (d) examinar por que foi enganado.

O CONHECIMENTO DO TERRENO

Agora já compreendemos que o crente pode ceder terreno aos espíritos malignos. E que terreno é esse? Antes de vermos como podemos dar espaço para o inimigo, vejamos exatamente o que é esse terreno.

Além de pecar, existem outros modos pelos quais alguém pode ceder terreno aos espíritos malignos: concordar com a imitação, cair na passividade da vontade e aceitar os pensamentos repentinos do inimigo.

E preciso que o crente reconheça isso. Inicialmente, vamos focalizar nossa atenção na passividade, que significa permitir que nossa mente e corpo mergulhem num estado semelhante ao "coma". Nele, deixamos de exercer um controle consciente sobre a mente, e desativamos as faculdades próprias da vontade, da consciência e da memória. A passividade é o principal terreno, e pode ocorrer em vários níveis. O grau de passividade em que caímos determina a extensão da área que o inimigo vai ocupar. Logo que alguém se torna consciente de sua condição de apatia, seja qual for o grau dela, tem de procurar imediatamente recuperar o terreno perdido. Deve resistir com firmeza, propósito e persistência às tentativas do inimigo de manter a base conquistada. E deve fazê-lo principalmente nas áreas em que foi enganado. É indispensável que ele identifique o terreno cedido e o recupere.

Depois de reconhecer o engano, o crente deve logo buscar identificar bem o terreno perdido e tentar recuperá-lo. Os espíritos malignos conservam sua posição apenas no território que lhes é cedido. Portanto, tão logo recuperemos a área ocupada, eles sairão dela.

Por não exercitarem a vontade, assumindo o autocontrole de sua vida, muitos cristãos caem na passividade e no engano. Por isso, a cada tentação e a cada sofrimento devemos exercitar a vontade, e, pelo poder de Deus, resistir às forças das trevas, e revogar os propósitos equivocados que assumimos anteriormente. A passividade toma conta de nós aos poucos, por isso será eliminada aos poucos também. A emancipação

se dá na mesma medida que conseguimos identificar a inércia. Se a inatividade dura muito tempo, o livramento demorará mais ainda. Descer uma montanha é sempre mais fácil do que escalá-la. Do mesmo modo, tornar-se passivo é fácil, ao passo que retomar a liberdade é tarefa árdua. Para reconquistarmos completamente o terreno cedido, precisaremos empenhar-nos com todo o nosso ser.

O crente deve pedir a Deus, de todo o coração, que lhe mostre o ponto em que foi enganado. Ele deve desejar sinceramente que Deus lhe revele *toda* a verdade a seu respeito. De modo geral, se o crente teme ouvir algo, isso possivelmente pertence ao terreno cedido ao inimigo. Se há algo que ele teme tratar, esse é justamente o ponto a que ele deve renunciar, pois é quase sempre ali que o inimigo estabeleceu sua base. É da maior importância que o cristão rogue a Deus que lhe revele os sintomas e as causas de seus problemas, a fim de reconquistar o território perdido. A revelação divina é essencial. Sem ela, o crente tende a interpretar o sobrenatural como natural, e o espiritual (dos espíritos malignos), como físico. É assim que ele cede terreno ao inimigo.

A RECONQUISTA DO TERRENO

Um princípio comum explica o modo como alguém cede terreno aos espíritos malignos: o da passividade, ou seja, a inatividade da vontade. Para o cristão recuperar o terreno perdido, é imprescindível que reative a vontade. Daí em diante, ele deve aprender a obedecer à vontade de Deus, a resistir à vontade do diabo, e a exercitar sua própria vontade, em colaboração com a vontade dos outros crentes. A vontade é o elemento mais importante na recuperação do território cedido. Foi ela que se tornou passiva, por isso é ela que deve dissipar a passividade.

A primeira medida que a vontade deve tomar é fazer a *decisão* de seguir numa direção definida. Depois de sofrer muito nas garras dos espíritos malignos, o cristão agora acha-se iluminado pela verdade, e encorajado pelo Espírito Santo. Por isso, ele naturalmente assume uma nova posição, em que passa a detestar esses espíritos perversos. Em consequência, ele se levanta contra todas as obras deles. Está determinado a reconquistar a liberdade, a reassumir o controle de seu próprio ser e a expulsar o inimigo. O Espírito de Deus opera nele com o propósito de fortalecê-lo na luta contra os espíritos malignos. Quanto mais ele sofre, mais odeia o inimigo. Quanto mais pondera acerca de sua situação, mais raiva tem dele. Resolve, então, livrar-se completamente dos poderes das trevas. Essa decisão é o primeiro passo para recuperar o terreno perdido. Se ela for sincera, ele continuará firme, mesmo que a luta contra o inimigo se torne renhida. E assim que todo o seu ser coopera com a decisão de opor-se ao adversário daí por diante.

Devemos também exercitar a vontade para decidir acerca do que desejamos. Quando travamos uma batalha espiritual, fazer essa decisão pode ter resultados muito bons. Devemos declarar constantemente que escolhemos e queremos a liberdade, que recusamos a passividade, que vamos usar nossas próprias faculdades. Temos de afirmar que insistimos em reconhecer os ardis dos espíritos malignos, desejamos a derrota deles, vamos cortar todo o relacionamento com as potestades das trevas, e nos opomos a todas as suas mentiras e desculpas. Essa declaração da vontade é extremamente benéfica. Ela expressa uma *escolha* de nossa mente, não apenas uma decisão. As potestades das trevas não têm a menor consideração pelas decisões de ninguém. Contudo, quando exercitamos a própria vontade para opor-se a elas, através do poder de Deus, elas certamente fogem. Tudo isso está relacionado com o princípio da liberdade da vontade do homem. Assim como o crente permitiu a entrada dos espíritos malignos, agora deve escolher o oposto, isto é, cortar pela raiz qualquer base do

inimigo.

Durante esse período de conflito, o cristão deve exercitar a vontade ativamente em várias operações. Além de decidir e escolher, ele deve também *resistir,* empregando seu poder de decisão para contender com os espíritos malignos. Deve ainda *recusar,* fechando a brecha para a entrada do inimigo. Resistindo aos espíritos malignos, ele impede outras manobras deles. Recusando, ele desfaz a antiga permissão que lhes havia concedido. Exercitando a recusa e a resistência juntas, ele praticamente neutraliza todas as obras do inimigo. A resistência é a uma atitude relativa a algo que está para acontecer. A recusa é uma tomada de posição com respeito a algo que já ocorreu. Ao proclamar que "quero ter minha liberdade", por exemplo, estamos rejeitando os espíritos malignos. Todavia precisamos também resistir a eles, a fim de mantermos a liberdade que acabamos de conquistar por meio da rejeição. Devemos continuar exercitando a rejeição e a resistência até alcançarmos a plena libertação.

A resistência é verdadeiramente uma batalha que exige toda a força do espírito, da alma e do corpo. A principal força, no entanto, é a vontade. A decisão, a escolha e a recusa são, acima de tudo, questões de atitude. Já a resistência é uma ação prática. É uma conduta que expressa uma atitude. É um batalhar no espírito, uma situação em que, pelo exercício da vontade, através da força do espírito, expulsamos os espíritos malignos do terreno que estavam ocupando. É um ataque contra as linhas do inimigo. Quando resistimos, empregamos o poder de expulsar, de expelir e de afugentar. E mesmo diante de uma resistência e rejeição do crente, os espíritos malignos não cedem nem um centímetro sequer do terreno que ocupam. Devemos expulsá-los com força real. Temos de empregar o poder espiritual para imobilizar o inimigo e expulsá-lo. Devemos *exercitar* a vontade para afugentá-lo. Não basta declarar o que queremos. Temos de adotar também medidas práticas. A resistência sem a recusa também é ineficaz, pois precisamos recuperar o terreno srcinalmente cedido ao inimigo.

Ao retomar o território entregue ao inimigo, o crente deve usar sua vontade tanto para decidir, escolher e rejeitar, como para resistir. Ele precisa decidir lutar, optar pela liberdade, recusar a perda de terreno e resistir ao inimigo. Tem de brigar para recuperar sua soberania. Não podemos perder de vista essa capacidade. Deus nos concedeu uma vontade livre para sermos nossos próprios senhores, mas os espíritos malignos usurparam nosso corpo e nossas faculdades. Tornaram-se senhores do homem, que perdeu seus direitos soberanos. Para opor-se a isso, o crente entra em batalha. Ele declara continuamente:

"Não quero que os espíritos malignos usurpem meus direitos soberanos. Não vou permitir que invadam minha personalidade. Não vou deixar que me possuam. Não vou segui-los cegamente. Não vou consentir que me manipulem. Em hipótese alguma, permitirei quaisquer operações deles. Pretendo ser meu próprio senhor. Sei o que faço. Tomo a decisão de controlar a mim mesmo. Quero todo o meu ser sujeito a mim mesmo. Resisto a todas as obras dos espíritos malignos, e também ao direito deles de operar em mim."

Quando exercitamos a vontade para decidir, escolher e recusar, evitamos novas manobras do inimigo. Daí em diante, é através da vontade que devemos resistir a eles.

Assim que o crente recupera o terreno perdido, ele inicia uma nova vida. O passado acabou e ele agora está tendo um novo começo. Ele exige de volta tudo que tinha posto à disposição dos espíritos malignos. Ele resgatou seu espírito, alma e corpo das garras do inimigo e, novamente, os dedicou a Deus. Recuperou palmo a palmo o território cedido por ignorância. O poder soberano do homem volta para ele. E como é que

conseguimos isso? Rejeitando o que antes aceitáramos. Descrendo daquilo em que antes crêramos. Afastando-nos do que antes nos aproximáramos. Destruindo o que antes erigíramos. Revogando os pactos feitos anteriormente. Negando o que antes prometêramos. Separando o que antes uníramos. Resistindo àquilo a que antes obedecêramos. Declarando o que antes não faláramos. Opondo-nos àquilo com que antes cooperáramos. Retomando o que antes havíamos dado. Temos de nos desfazer dos antigos acordos, considerações e permissões, e renunciar até mesmo a certas orações feitas no passado e às respostas recebidas.

Sem dúvida, todas essas medidas têm eficácia direta contra os espíritos malignos. Anteriormente, pelo fato de confundirmos esses espíritos com o Espírito Santo, havíamos formado uma associação íntima com eles. Agora, à luz desses novos conhecimentos, precisamos recuperar tudo o que por ignorância lhes entregamos. Como cedemos o terreno *palmo a palmo,* temos de retomar *especificamente* cada item usurpado. O maior empecilho para uma libertação completa é o próprio crente não se dispor a recuperar cada palmo do território cedido. Nossa tendência é tentar uma retomada total do terreno, exercitando a vontade de forma vaga, geral e inclusiva. Essa oposição geral indica apenas que a atitude do crente está correta. Para ser liberto, porém, ele deve retomar cada item em particular. Isso pode parecer trabalhoso, mas, se genuinamente desejamos ser libertos, e pedimos a Deus que nos mostre toda a situação, o Espírito Santo vai revelar-nos o passado gradativamente. Resistindo a cada engano, finalmente iremos desfazer tudo. Com um avanço constante e paciente, vamos experimentar um livramento após o outro. Agora estamos a caminho da libertação. Uma resistência genérica mostra que realmente estamos nos opondo aos espíritos malignos. Contudo só opondo a questões específicas podemos forçá-los a abandonar o terreno que estão ocupando.

O crente foi rendendo sua vontade ao diabo passo a passo, até que ela se tornou completamente passiva. Agora ele precisa reverter o processo e recuperar a liberdade, passo a passo. Ele deve repetir todos os estágios pelos quais passou, só que, dessa vez, libertando-se. Antes ele foi enganado aos poucos, até cair na passividade. Do mesmo modo, agora, ele precisa reativar sua vontade. Tem de desfazer totalmente a passividade anterior, de modo gradual e constante. Cada passo que der para a liberdade mostra que ele recuperou algum terreno. As primeiras perdas a serem recuperadas devem ser as mais recentes. E como descer uma escada e depois subi-la. O último degrau em que pisamos ao descer será o primeiro que pisaremos ao voltar.

O filho de Deus deve recuperar todas as fortalezas, até conquistar a liberdade que gozava a princípio. Ele deve saber *de onde* caiu, pois é para lá que ele deve retornar ao ser restaurado. Deve ter consciência do que era normal para ele (qual era o nível de atividade de sua vontade e da nitidez de sua mente antes), e também de qual é sua condição atual. Comparando esses dois estados, ele poderá avaliar o quanto caiu até chegar na passividade. Na subida, ele deve colocar diante de si, como padrão mínimo ou meta, o seu estado normal anterior, qualquer que tenha sido ele. Não deve ficar satisfeito, enquanto sua vontade não for restaurada à condição original, isto é, enquanto ela não estiver controlando ativamente cada parte do seu ser. Não deverá considerar-se livre, enquanto sua normalidade não estiver novamente restaurada. E preciso recuperar por completo cada faculdade que esteja fora da normalidade, e haja caído na passividade. Pode ser a faculdade de pensar, a de lembrar, a de imaginar, de discernir o certo do errado, de decidir, de escolher, de recusar, de resistir, de amar, ou qualquer outra que tenha passado por esse processo. Se alguém renunciou ao controle de algo, deve trazê-lo de volta ao seu domínio. Deve exercitar a vontade para opor-se à

inércia, e também para fazer uso de todas as suas faculdades. Quando alguém cai na passividade, os espíritos malignos apoderam-se das faculdades passivas e passam a usá-las. A retomada das áreas perdidas e a recuperação do uso das próprias faculdades pode ser extremamente difícil para o crente. Isso se dá pelos motivos seguintes: Sua própria vontade é, por natureza, fraca e, portanto, sem poder para dirigir suas faculdades. Os espíritos malignos contendem com ele com toda a força que possuem. Se, por exemplo, o crente era passivo ao decidir, tem de ocupar o terreno cedido e proibir os espíritos malignos de continuarem a operar. Ele deve estar determinado a decidir por si mesmo, sem qualquer interferência desses espíritos. No entanto ele vai descobrir que não consegue decidir e que os espíritos malignos não deixam que ele decida, nem que atue. Quando o crente lhes nega permissão para controlá-lo, eles resistem, não deixando que ele opere livremente.

Exatamente nesse ponto o crente deve decidir se vai continuar passivo, deixando que os espíritos malignos continuem atuando por ele. Naturalmente, ele não vai permitir que esses espíritos continuem a manipulá-lo. Embora temporariamente incapaz de tomar qualquer decisão, ele *não vai permitir* que os espíritos malignos controlem seu poder de decidir. A batalha pela liberdade tem agora uma nova implicação. Trata-se de uma disputa da *vontade,* pois, pela passividade, ele permitiu que todas as suas faculdades caíssem nas garras dos espíritos malignos. Daqui por diante, ele deve exercitar a vontade para opor-se ao domínio dos espíritos malignos, recuperar o terreno perdido, e cooperar ativamente com Deus, ao usar cada uma de suas faculdades. Tudo depende da vontade. Os espíritos malignos se retiram quando o crente exercita a vontade, e opõe resistência a eles e proíbe que ocupem seus membros.

Devemos recapturar cada palmo do terreno que cedemos. Temos de lutar para desmascarar todo engano. Precisamos enfrentar o inimigo em todas as áreas, lutando com determinação, até alcançar a vitória. A rejeição inicial não é suficiente para retomarmos todo o terreno. Os espíritos malignos lutam até ao fim, por isso, o filho de Deus deve fortalecer-se para enfrentar muitas lutas. "O crente deve confirmar a rejeição e resistir com persistência, até que reconheça cada parte do terreno cedido e as retome, possibilitando a liberação gradativa de suas faculdades, para que elas atuem livremente, de acordo com sua vontade. As faculdades que se tornaram passivas precisam recuperar suas condições normais de funcionamento. A mente, por exemplo, deve pensar o que é verdadeiro e puro, e ser capaz de dominar qualquer assunto que venha a ser tratado, evitando que ele escape ao controle. O mesmo deve acontecer com a memória, com a vontade, a imaginação, as ações do corpo, o cantar, o orar, o falar, o ler, etc." (Penn-Lewis, WOTS, 193.) A vontade deve ter o controle total do indivíduo. Ele deve exercitar todas as suas faculdades adequadamente, de acordo com suas condições normais.

Além da completa negação de terreno às potestades das trevas, teremos de rejeitar todas as suas manobras. Se, pelo exercício da vontade, mantivermos uma posição antagônica ao inimigo, os esforços dele serão inúteis. Devemos pedir a Deus que nos revele esses esforços, a fim de resistirmos a cada um deles. A operação dos espíritos malignos na vida do crente consiste em atuar no seu lugar e influenciá-lo a agir segundo a vontade deles. Por isso, devemos recusar que eles atuem em nosso lugar, e resistir à influência deles. Precisamos impedir a entrada dos espíritos inimigos e também negar qualquer terreno onde eles possam estabelecer-se. Quando resistimos ao inimigo, ele luta de todos os modos. Por isso, precisamos nos empenhar com *todas as forças,* até conseguirmos a restauração da normalidade e da liberdade. No início da luta, poderemos nos sentir temporariamente incapacitados. Contudo, se batalharmos

com todas as nossas forças, nossa vontade deixará a passividade e passará à atividade, assumindo o controle de todo o nosso ser. Desse modo, batalhando, desfaremos a passividade e o entrincheiramento do inimigo.

"*O período de luta é muito doloroso. Passamos momentos de grande sofrimento e de intenso combate, devido à resistência por parte das potestades das trevas, que lutam para reter aquilo que o crente se empenha em recuperar,*" (Penn-Lewis, WOTS, 194.) Ao exercitar a vontade para resistir ao domínio dos espíritos malignos, e restabelecer seu próprio controle, o crente enfrenta uma rigorosa oposição do inimigo. Inicialmente, ele pode não ter consciência da profundidade do poço em que caiu. Contudo, ao começar a combater, palmo a palmo, para encontrar o caminho de retorno ao seu estado normal, ele conseguirá avaliá-la. Devido à resistência do inimigo nesse estágio inicial do combate, ele pode achar que seus sintomas *se acentuam.* Tem a impressão de que, à medida que a batalha se desenrola, sua vontade está perdendo forças e que a área na qual o combate se trava está ficando mais confusa. Esse fenômeno, porém, é o sinal da *vitória!* Embora o crente se sinta pior, na realidade ele está melhor. *É que isso revela que a resistência tem produzido resultados: o inimigo sentiu a pressão e, por conseguinte, está queimando seus últimos cartuchos. Se o crente continuar exercendo pressão, os espíritos malignos baterão em retirada.*

Durante a batalha, é indispensável que o crente permaneça firme no ensinamento de Romanos 6.11, reconhecendo que é *um* com o Senhor. A morte de Jesus é a sua morte. Essa fé vai libertá-lo da autoridade dos espíritos malignos, pois eles não têm poder sobre quem está morto. Devemos tomar essa posição com firmeza. Além disso, é preciso fazer uso da Palavra de Deus contra todas as mentiras do inimigo, porque nessa conjuntura o adversário mente, dizendo ao crente que não há nenhuma esperança de restauração. Se ele se convencer disso, e cair nesse ardil, certamente estará correndo o maior dos perigos. Na verdade, ele deve lembrar-se de que, no Calvário, Jesus derrotou Satanás e todas as suas hostes malignas (Cl 2.14,15; Hb 2.14). A obra da salvação foi consumada para que todos possam ser libertos das potestades das trevas, e transportados para o reino do Filho do amor de Deus (Cl 1.13). O sofrimento por que o crente passa para recuperar o terreno garante-lhe aquilo que o inimigo mais teme, e mostra como é necessário que ele o recupere. Consequentemente, sempre que as potestades iníquas impuserem novas e maiores aflições ao crente, ele deve identificar a srcem de todas elas. Por isso, ele tem de rejeitá-las e desprezá-las, sem se preocupar com elas, nem falar a seu respeito.

Se o cristão suportar com paciência esses incómodos temporários, e exercitar, de maneira corajosa, sua vontade para retomar o território cedido, perceberá que progressivamente vai sendo liberto. Pouco a pouco, à medida que ele nega terreno ao inimigo, e o recupera, reduz a invasão demoníaca. Se ele não ceder *mais* nenhum terreno, enquanto luta pela retomada dele, o inimigo vai perdendo o poder de importuná-lo. O resgate completo ainda pode demorar algum tempo, mas agora ele está a caminho da libertação. Começa a ter consciência de si mesmo, a preocupar-se com a alimentação, com a aparência e com outros elementos cuja percepção havia perdido por causa do ataque maligno. No entanto ele não deve interpretar mal esses fatos, acreditando tratar-se de um retrocesso espiritual. Pelo contrário, a consciência restaurada constitui evidência de que seus sentidos estão livres do antigo invasor. Assim, nesse estágio, ele deve continuar firmemente no processo, até recuperar a liberdade em toda a sua plenitude. Precisa ter cuidado para não se contentar com pequenas vitórias. Não deve parar enquanto não recuperar plenamente seu estado normal.

A ORIENTAÇÃO CERTA

Precisamos compreender o modo certo como o Senhor conduz o homem, e o relacionamento entre a vontade humana e a divina.

Devemos obedecer a Deus de modo incondicional. Quando atingirmos o ápice da vida espiritual, nossa vontade estará perfeitamente unida à de Deus. No entanto isso não significa que ela tenha deixado de existir. Continua existindo; só o controle carnal é que desapareceu. Deus requer sempre que a vontade do homem coopere com ele na realização dos propósitos divinos. Observando o exemplo do Senhor Jesus, podemos ter certeza de que nossa vontade, mesmo em união com Deus, permanece sob nosso controle. "Não procuro a minha *própria* vontade, e sim a daquele que me enviou"; "não para fazer a minha *própria* vontade, e sim a vontade daquele que me enviou", contudo, não se faça a *minha* vontade, e sim a tua" (Jo 5.30; 6.38; Lc 22.42 - grifo do autor). Aqui vemos que o Senhor Jesus, embora sendo um com o Pai, ainda possui sua *própria* vontade, distinta da do Pai. Ele tem sua própria vontade, mas não a busca nem a cumpre. A implicação é óbvia. Todo aquele que está realmente unido com Deus deve unir sua vontade à dele. Não devemos aniquilar nossa faculdade volitiva.

Deus, que nos dá a orientação certa, não obriga o cristão a obedecer-lhe mecanicamente. O que o crente tem a fazer é executar a vontade divina *ativamente.* Deus não tem prazer em exigir dos seus obediência cega. Ele quer que façamos sua vontade no exercício pleno e consciente do nosso ser total. Uma pessoa preguiçosa gostaria que Deus agisse por ela, para que assim pudesse segui-lo passivamente. Contudo o Senhor não quer filhos preguiçosos. Ele deseja que todos nós, depois de examinarmos sua vontade, coloquemos nossas faculdades à sua disposição e lhe obedeçamos ativamente. Vemos, então, que, ao obedecer na prática, o crente passa por três estágios sucessivos: *primeiro*, *querer* a vontade de Deus (Ef 5.17); *depois*, o Espírito Santo fortalece para *querer* sua vontade. A seguir, o Senhor o fortalece para que realize sua vontade (Fp 2.13). Deus nunca opera em lugar do crente para realizar a vontade divina. Por conseguinte, depois de conhecermos a vontade de Deus, devemos querer executá-la, e afinal nos colocarmos na dependência do poder do Espírito Santo para realizá-la.

Por que é que o cristão deve depender do poder do Espírito Santo? Porque sua vontade sozinha é muito fraca. Como são verdadeiras estas palavras de Paulo: "Pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo" (Rm 7.18). Devemos permitir que o Espírito Santo fortaleça nosso homem interior, para depois praticar a obediência a Deus. É por isso que *ele* opera em nós primeiro o querer, e depois o efetuar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).

Quando nosso querer está unido a Deus, este revela sua vontade ao nosso espírito através da intuição, e nos fortalece para que a queiramos e a realizemos. Ele exige que sejamos um com ele, mas nunca se põe em nosso lugar para usar nossa vontade. O propósito da criação e da redenção de Deus é dar ao homem um querer perfeitamente livre. Através da salvação que o Senhor Jesus realizou na Cruz, nós, cristãos, podemos agora decidir livremente fazer a vontade de Deus. Segundo nosso desejo e vontade, podemos aceitar ou rejeitar todas as obrigações do Novo Testamento concernentes à vida e à santidade. Se Deus tivesse de anular nosso querer, para que realizássemos essas obrigações, estas não teriam nenhum valor para ele.

O cristão espiritual é aquele que tem plena autoridade para exercitar seu próprio querer. Ele sempre decide fazer a vontade de Deus e rejeitar a de Satanás. Embora algumas vezes fique inseguro, sem saber se algo vem do Senhor ou do diabo, ainda

assim é capaz de aceitar ou de rejeitar. Ele pode dizer:

"Embora eu não saiba se isso é de Deus ou de Satanás, ainda assim escolho aquilo que é de Deus, e rejeito o que é de Satanás."

Ele pode continuar ignorando se algo vem do Senhor ou do diabo, mas mesmo assim pode manter a atitude de querer o que é de Deus e de rejeitar o que é do diabo. O filho de Deus deve exercitar sempre o seu direito de aceitar ou rejeitar tudo que lhe é apresentado. Não importa muito se não possui consciência plena acerca da srcem das coisas. O importante é que ele decida fazer a vontade de Deus. Ele pode dizer:

"Sempre que souber qual é a vontade do Senhor, eu a farei. Eu sempre vou optar pela vontade de Deus e rejeitar a de Satanás."

Essa atitude concede ao Espírito Santo a oportunidade de operar nele, até que sua vontade de rejeitar o diabo se torne mais forte e Satanás perca diariamente sua influência sobre ele. Desse modo, Deus passa a ter mais um servo fiel no meio de um mundo rebelde. O crente deve persistir em manter a *atitude* de rejeitar a vontade do inimigo, suplicando continuamente ao Senhor para mostrar-lhe o que é de Deus. Agindo assim, ele logo começará a sentir como essa atitude da vontade é importante para sua vida espiritual.

DOMÍNIO PRÓPRIO

O ápice de nossa caminhada espiritual é o domínio próprio. Comumente se diz que o Espírito Santo nos governa, mas isso não significa que ele controle diretamente cada uma de nossas faculdades. Um entendimento errado dessa questão pode gerar engano ou desespero. Se soubermos que o objetivo do Espírito Santo é conduzir-nos ao domínio próprio, não cairemos na passividade. Pelo contrário, obteremos um significativo crescimento espiritual.

"Mas o fruto do Espírito é... domínio próprio." (Gl.5.22,23.) A obra do Espírito Santo é conduzir nosso homem exterior a uma perfeita harmonia com o nosso domínio próprio. O Espírito Santo dirige o crente através de uma vontade renovada. Quando um filho de Deus anda segundo a carne, seu homem exterior é rebelde ao espírito, e ele se torna uma pessoa desagregada. Contudo, quando anda no espírito, ele produz fruto espiritual. Aí, então, passa a manifestar em sua alma o domínio próprio, bem como o amor, a alegria, a benignidade, e outras virtudes. O homem exterior, outrora disperso e confuso, agora acha-se totalmente sujeito e submisso ao domínio próprio, de acordo com a mente do Espírito Santo. Portanto as faculdades que devemos controlar por meio da vontade são as seguintes:

1. *Nosso próprio espírito.* Temos de mantê-lo em condições ideais, isto é, nem quente demais nem frio demais. O espírito precisa estar sob o controle da vontade, da mesma maneira que as demais faculdades do homem. Somente quando temos uma vontade renovada e cheia do Espírito Santo é que somos capazes de dirigir nosso próprio espírito, mantendo-o no seu devido lugar. Os crentes maduros são aqueles que sabem que devem exercitar a vontade para controlar o espírito, se ele se mostra precipitado, ou então para erguê-lo, quando se acha por demais abatido. Só assim o crente pode andar em espírito, dia após dia. Isso não contradiz o que dissemos anteriormente acerca do fato de que o espírito dirige todo o nosso ser. Quando afirmamos que o espírito governa o homem total, estamos querendo dizer que o espírito, conhecendo a mente de Deus por meio da intuição, *governa* o ser total (inclusive a vontade), de acordo com aquilo que Deus quer. Ao dizer que a vontade controla o homem, queremos dizer que ela controla *diretamente* o homem inteiro (inclusive o espírito), de

acordo com a vontade de Deus. Na prática, as duas ideias se harmonizam perfeitamente. "Como cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não tem domínio próprio." (Pv 25.28.)

2. *Nossa mente e as demais faculdades da alma.* Precisamos submeter todos os pensamentos ao pleno controle da vontade. Quando o pensamento divaga, temos de reassumir imediatamente o controle dele: "... levando cativo todo pensamento à obediência de Cristo" (2 Co 10.5); "Pensai nas coisas lá do alto..." (Cl 3.2).

3. Nosso *corpo.* Ele deve ser um instrumento a serviço do homem, e não seu senhor, por causa de seus hábitos e desejos desenfreados. O cristão deve exercitar a vontade para controlar, disciplinar e subjugar o corpo, a fim de que ele esteja em plena submissão, pronto para fazer a vontade de Deus, e não para impedir a realização dela. "Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão..." (1 Co 9.27.) Quando a vontade do crente alcança o estado de total domínio próprio, nenhuma de suas faculdades pode impedi-lo de realizar a vontade de Deus, pois, no momento em que ele tem consciência dela, realiza-a imediatamente. Tanto o Espírito Santo quanto o espírito do homem necessitam de que a vontade esteja submissa ao domínio próprio, para lhes permitir executar aquilo que o Senhor lhe revela. Assim, por um lado devemos estar unidos a Deus, e, por outro, temos de controlar todo o nosso ser, a fim de torná-lo obediente a nós. Isso é um imperativo para crescermos espiritualmente.

ÚLTIMA PARTE
O CORPO

1. O Corpo do Crente

2. As Doenças
3. Deus, a Vida do Corpo

4. Vencendo a Morte

1. O CORPO DO CRENTE

Precisamos saber o lugar que Deus reservou para o nosso corpo físico, em seu plano e em seu propósito. É impossível negar que existe uma relação entre o corpo e a espiritualidade. Além do espírito e da alma, temos também um corpo. Não importa que a intuição, a comunhão e a consciência do nosso espírito estejam perfeitamente saudáveis, ou que a emoção, a mente e a vontade da nossa alma estejam totalmente renovadas. Nosso corpo também precisa estar são e restaurado, do mesmo modo que o espírito e a alma. Se isso não acontecer, nunca alcançaremos a condição de cristãos espirituais, nem seremos aperfeiçoados. Pelo contrário, estaremos continuamente incorrendo em algum erro. Devemos atender aos impulsos interiores, mas sem negligenciar nosso lado físico. Se cometêssemos tal disparate, sofreríamos muito.

O corpo é necessário e importante; do contrário, Deus não teria criado o homem com um corpo. Examinando atentamente as Escrituras, vemos que a Bíblia fala muito sobre ele. Isso mostra o valor que Deus dá ao nosso corpo. O mais extraordinário de tudo é que o Verbo se fez carne. O Filho de Deus assumiu um corpo de carne e sangue e, embora tenha morrido, continua a ter "essa vestimenta" para sempre.

O ESPÍRITO SANTO E O CORPO

Em Romanos 8.10-13, vemos qual é a condição do corpo, como o Espírito Santo o ajuda, e qual deve ser nossa atitude para com ele. Se aplicarmos esses versículos à nossa vida, teremos um entendimento correto do lugar que o nosso corpo ocupa no plano redentor de Deus.

"Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça." (V 10.) Inicialmente, tanto nosso corpo quanto nosso espírito estavam mortos. Contudo, quando cremos no Senhor Jesus, nós o recebemos para ser nossa vida. Através do Espírito Santo, Cristo vive no crente. Esse é um dos princípios essenciais do evangelho. Cristo habita em todo crente, mesmo naqueles que são fracos. E este Cristo é a nossa vida. Quando ele vem fazer morada em nós, vivifica nosso espírito. Antes, tanto o espírito quanto o corpo estavam mortos. Agora o espírito foi vivificado; apenas o corpo permanece morto. A condição comum a *todo crente* é um corpo morto com um espírito vivo.

Essa experiência revela a enorme diferença entre o estado interior do cristão e o exterior. Em nosso ser interior flui vida, ao passo que o homem exterior está cheio de morte. Cheios do Espírito de vida, estamos bem vivos. Todavia existimos numa "casca" de morte. Em outras palavras, existe uma diferença radical entre a vida do espírito e a vida do corpo. A vida do espírito é de verdade; a do corpo, morte real. Isso se dá porque nossa constituição física é ainda o "corpo do pecado". Por mais avançado que seja o nível espiritual de um cristão, sua carne continua sendo o "corpo do pecado". Um dia ainda teremos uma constituição ressurreta, gloriosa e espiritual, "a redenção do nosso corpo" (Rm 8.23) que se dará no futuro. O corpo que hoje temos não passa de um "vaso de barro", de um "tabernáculo" terreno, de um "corpo de humilhação" (2 Co 4.7; 5.1; Fp 3.21). C) pecado foi expulso do espírito e da vontade, mas não foi eliminado do corpo. E é a permanência do pecado que faz com que o corpo esteja morto. Esse é o sentido do texto que afirma que o nosso "corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Simultaneamente, porém, nosso espírito vive. Ou melhor, nosso espírito recebe vida por causa da justiça que há em Cristo. Quando confiamos nele, nós o recebemos como nossa justiça, e assim Deus nos justifica. Num primeiro momento, Cristo nos comunica seu próprio ego (uma transação efetiva). Depois Deus nos justifica por causa de Cristo (uma transação legal). Se Cristo não comunicar sua justiça, não

pode haver justificação. No momento em que recebemos a Cristo, obtemos a justificação diante de Deus e desfrutamos ainda a experiência viva de Cristo haver comunicado a nós sua justiça. Cristo entra em nós como vida, a fim de vivificar nosso espírito morto. E isso que significam as palavras: "o espírito é vida, por causa da justiça".

"Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita." (Rm 8.11.) O versículo 10 revela que Deus vivifica nosso espírito; o 11, como Deus dá vida ao nosso corpo. No versículo 10, Paulo fala da vivificação do espírito, com o corpo ainda morto. No 11, ele vai além, dizendo que, depois da vivificação do espírito, o corpo também pode viver. Na primeira parte desse versículo, ele diz que o espírito vive porque Cristo habita em nós. Na outra, declara que o corpo viverá porque o Espírito Santo habita em nós. O Espírito Santo dará vida ao nosso corpo.

O corpo não está morto no sentido de haver cessado alguma atividade biológica, mas por estar caminhando para a sepultura. Espiritualmente falando, ele é considerado morto. Para o homem, o corpo possui vida. Para Deus, porém, até mesmo essa vida é morte, porque está cheia de pecado: "O corpo, na verdade, está morto por causa do pecado". Embora haja vitalidade no corpo, não podemos permitir que ela se manifeste. Ele não deve exercer atividade nenhuma, pois a ativação de sua vida não passa de morte. O pecado é a vida do corpo e significa morte espiritual. Na verdade, o corpo vive com base na morte espiritual. Por outro lado, sabemos que temos de testemunhar de Deus, servi-lo e trabalhar para ele. E isso exige força física. Se o corpo está espiritualmente morto, e sua vida na verdade é morte, não podemos utilizá-lo para atender às exigências da vida espiritual sem fazer uso de sua morte-vida. É óbvio que nosso corpo não pode fazer e não fará a vontade do Espírito de vida que há em nosso interior. Pelo contrário, fará oposição e lutará contra o Espírito. Como pode o Espírito Santo induzir nosso corpo a responder à chamada divina? Dando ele mesmo vida ao nosso corpo de morte.

Aquele que "ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos" é Deus. Por que então Paulo não o menciona claramente? Para dar mais ênfase ao que *ele fez,* isto é, ressuscitou o Senhor Jesus dentre os mortos. O objetivo aqui é chamar nossa atenção para a possibilidade de Deus ressuscitar também nosso corpo *mortal,* uma vez que ele ressuscitou o corpo *morto* de Jesus. De modo indireto, o apóstolo diz que esse Espírito de Deus é o Espírito Santo, que é também o Espírito da ressurreição. Novamente, ele emprega a palavra "se": "Se habita em vós o Espírito daquele... vivificará também o vosso corpo mortal." Ele não está pondo em dúvida que o Espírito Santo habite no crente, pois no versículo 9 ele diz que qualquer um que pertence a Cristo tem o Espírito de Cristo. O que ele quer dizer é o seguinte:

"O Espírito Santo habita em vocês. Portanto seu corpo mortal deve experimentar a vida dele. Todos aqueles que possuem o Espírito habitando neles gozam desse privilégio. Ele não quer que, por ignorância, nenhum crente desconheça essa bênção."

Na realidade, esse versículo ensina que, se o Espírito de Deus habita em nós, Deus, através desse poder presente em nós, da vida também ao nosso corpo mortal. Ele não se refere a uma ressurreição futura, pois não é disso que ele fala aqui. Simplesmente se faz uma comparação entre a ressurreição do Senhor Jesus e a questão de recebermos vida em nosso corpo hoje. Se a questão fosse a ressurreição, ele empregaria o termo "corpo de morte". Contudo aqui ele diz apenas "corpo mortal", isto é, o corpo que está

sujeito à morte, *embora ainda não esteja morto.* O corpo do crente acha-se espiritualmente morto, pois caminha para a sepultura e deve morrer. Isso é muito diferente de um cadáver no sentido literal. Assim como o fato de o Espírito Santo habitar em nós é algo do presente, do mesmo modo ele dar vida ao nosso corpo mortal deve ser uma experiência atual também. Mais ainda. Devemos reconhecer que ele não está se referindo aqui à nossa regeneração, pois não fala de o Espírito Santo comunicar vida ao nosso espírito, e sim ao nosso corpo.

Nesse versículo, Deus revela um privilégio físico que temos, ou seja, a vida do nosso corpo mortal através do seu Espírito que em nós habita. O que ele afirma aí não é que o "corpo do pecado" se tornou santo, ou que nosso "corpo de humilhação" foi transformado num corpo glorioso. Também não diz que este corpo mortal se revestiu de imortalidade. Isso não poderá se realizar nesta vida. A redenção do nosso vaso de barro deve aguardar até que o Senhor venha e nos receba para si mesmo. E impossível ocorrer a mudança da natureza do nosso corpo ainda neste mundo. Por isso, a expressão "o Espírito Santo dá vida ao nosso corpo" significa na verdade que ele nos restaurará quando estivermos doentes e nos preservará se não estivermos doentes. O Espírito Santo fortalecerá nosso tabernáculo terreno, para que possamos cumprir as exigências da vida com o Senhor e da realização de sua obra, sem que nossa vida e o reino de Deus venham a sofrer por causa da fraqueza do nosso corpo.

É isso que Deus preparou para todos os seus filhos. Contudo poucos cristãos experimentam genuinamente, todos os dias, essa vida dada pelo Espírito ao seu corpo mortal. A vida espiritual de muitos é ameaçada por suas condições físicas. Muitos caem por causa da fraqueza física, e não podem trabalhar ativamente para Deus por causa da escravidão da doença. A experiência dos cristãos hoje não corresponde à provisão divina. Existem várias razões para essa discrepância. Alguns rejeitam a provisão de Deus, pois afirmam que ela nada tem a ver com eles. Outros conhecem essa provisão, creem nela e a desejam, mas não apresentam seu corpo ao Senhor como um sacrifício vivo. Afirmam que Deus lhes concedeu força para viverem por si mesmos. No entanto aqueles que realmente desejam viver para Deus, e pela fé se apropriam dessa promessa e dessa provisão, experimentam a realidade da plenitude da vida no corpo, conforme o Espírito Santo lhes concede.

"Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne." (Rm 8.12.) Esse versículo dá uma descrição perfeita da relação correta entre o crente e seu corpo. Muitos irmãos são escravos do seu corpo. Sua vida espiritual acha-se completamente aprisionada em seu corpo! Eles existem como duas pessoas diferentes. Quando se voltam para o seu interior, sentem-se espirituais, veem-se próximos de Deus e com vida abundante. Quando estão na carne, sentem-se caídos, carnais e afastados do Senhor, por estarem obedecendo a seu corpo. Este, então, se torna uma carga pesada para eles. Um pequeno incômodo físico pode alterar sua vida. Uma pequena enfermidade ou dor os perturba e enche seu coração de amor próprio e auto piedade. Sob tais circunstâncias, é impossível crescer espiritualmente.

O apóstolo usa as palavras "assim, pois" simplesmente por estar completando o que havia dito nos versículos anteriores. Cremos que o versículo 12 é uma continuação direta do 10 e do 11. No 10, ele declara que o corpo está morto; no 11, afirma que o Espírito Santo dá vida ao corpo. Com base nessas duas declarações sobre o corpo, o apóstolo conclui, dizendo: "Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne". Primeiro, visto que o corpo está morto por causa do pecado, não *podemos* viver segundo o corpo. Agir assim seria pecar. Segundo, uma vez que o Espírito Santo deu vida ao nosso corpo mortal, não *precisamos* viver segundo a carne, pois ela já não tem autoridade para amarrar nossa vida espiritual.

Essa provisão do Espírito de Deus capacita nosso interior para comandar diretamente o corpo sem sofrer interferência deste. Antes, tínhamos a impressão de que éramos devedores à carne, incapazes de negar-lhe aquilo que ela exigia, desejava e cobiçava. Vivíamos debaixo do domínio dela, cometendo inúmeros pecados. Agora, porém, temos a provisão do Espírito Santo. Não apenas as cobiças da carne deixaram de ter controle sobre nós, mas suas fraquezas, doenças e sofrimentos também perderam a força.

Muitos argumentam que devemos cumprir as exigências e os desejos legítimos da carne. Contudo o apóstolo assevera que nada devemos a ela. E não devemos mesmo, a não ser preservar nosso tabernáculo terreno numa condição adequada como vaso de Deus. Naturalmente, a Bíblia não nos proíbe de cuidar do corpo, caso contrário, teríamos muitas doenças desnecessárias e assim seríamos obrigados a dedicar-lhe muito mais tempo e cuidado. A vestimenta, o alimento, o abrigo e o descanso são necessidades. Todavia o que queremos ressaltar é que essas preocupações não deveriam ter prioridade em nossa vida. Sem dúvida, devemos comer quando tivermos fome, beber quando tivermos sede, descansar quando cansados e vestir-nos quando estivermos com frio. Contudo não devemos permitir que tais cuidados penetrem tanto em nosso coração que se tornem nossa principal meta de vida, nem total nem parcialmente. Não devemos amar essas necessidades. Elas deveriam manifestar-se e ser atendidas *naturalmente.* Jamais devem permanecer em nós, tornando-se desejos interiores. Algumas vezes, por causa da obra de Deus ou de alguma outra necessidade extrema, devemos esmurrar nosso corpo e subjugá-lo, negando-lhe aquilo que ele exige. No jardim do Getsêmani, os discípulos demonstraram amor ao sono. O Senhor Jesus suportou fome ao lado do poço de Sicar. Esses dois episódios apresentam um quadro contrastante da derrota (dos discípulos) e da vitória (de Cristo) sobre exigências legítimas do corpo. Não sendo mais devedores à carne, não devemos pecar seguindo as cobiças dela, nem ser relaxados na obra espiritual devido a uma fraqueza física.

"Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." (Rm 8.13.) Se os cristãos rejeitarem a provisão de Deus, passando a viver pela carne, certamente serão castigados.

"Se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte." As palavras "morrer" e "viver" nesse texto têm vários significados. Vamos mencionar apenas um, a morte do corpo. Por causa do pecado, nosso corpo está "morto". Por causa das consequências do pecado, ele é um "corpo de morte", isto é, destinado à morte. Se vivermos pela carne, esse corpo de morte se tornará um corpo moribundo. Seguindo a carne, seremos incapazes de receber a vida que o Espírito Santo dá ao corpo. Além disso, encurtaremos nossos dias aqui na terra, pois todo pecado é prejudicial ao corpo. O pecado manifesta seus efeitos na carne, e o resultado é a morte. Por meio da vida que o Espírito Santo dá ao nosso corpo, devemos resistir à morte que está nele. Caso contrário, ela completará sua obra rapidamente.

"Mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis." Devemos receber o Espírito Santo não apenas como o Doador de vida ao nosso vaso de barro, mas também como aquele que mortifica os "feitos" dele. Como podemos esperar que ele dê vida ao nosso corpo carnal, sem a "mortificação de seus feitos"? Somente mortificando os feitos do corpo, por meio do Espírito Santo, é que podemos *viver.* Para que o corpo viva, precisamos primeiro mortificar os "feitos" dele, senão o resultado será a morte. Esse é o erro de muitos cristãos. Eles acreditam que podem viver por si

mesmos, usando seu corpo carnal da maneira como querem e, ao mesmo tempo, esperam que o Espírito Santo lhes dê vida para que tenham saúde, e fiquem livres de enfermidades. Será que ele daria vida e força aos homens para capacitá-los a viver para si mesmos? Que grande tolice! O propósito da vida que Deus dá ao nosso corpo é que vivamos para ele. Se o Espírito Santo nos desse saúde e força, sem que tivéssemos nos oferecido inteiramente a Deus, iríamos viver mais intensamente para nós mesmos. Muitos cristãos, que buscam no Espírito Santo vida e saúde para seu corpo mortal, entenderão agora que não desfrutam dessa experiência por terem negligenciado esse ponto essencial.

Nós mesmos não podemos dominar nosso corpo. Só conseguiremos controlá-lo através do Espírito Santo. Ele nos capacita a mortificar os "feitos" do corpo. Todo crente sabe que é incapaz de resistir às concupiscências da carne, que levam seu corpo a realizar "feitos" que agradam àquela. Contudo o Espírito Santo nos capacita a dominar essa situação. É muito importante saber isso. E inútil tentar crucificar o próprio ego. Muitos hoje compreendem o que é estar crucificado com o Senhor na cruz. Contudo poucos têm experimentado isso como uma realidade. Para muitos crentes, estar crucificado com Cristo é apenas uma doutrina. Em sua essência, isso se deve à falta de um entendimento claro do papel do Espírito Santo no plano da salvação. Tais crentes não compreendem que o Espírito opera em harmonia com a cruz. Precisamos saber que a cruz sem o Espírito de Deus é totalmente ineficaz. *Somente o Espírito Santo pode fazer com que os crentes experimentem o que a cruz realizou. Se ouvirmos a verdade da cruz, mas não permitirmos que o Espírito a aplique em nossa vida, nosso conhecimento não passa de uma teoria, de um ideal.*

E muito bom reconhecer que "nosso velho homem foi crucificado com ele para que o corpo pecaminoso seja anulado" (Rm 6.6 - Darby). Contudo, se "pelo Espírito", não "mortificamos os feitos do corpo", permanecemos escravizados a esses feitos. Temos visto muitos crentes que compreenderam claramente a verdade da cruz e a aceitaram, todavia ela não se aplica na vida deles. Então começam a duvidar de que podem experimentar a realidade da salvação *prática* da cruz. No entanto eles não deveriam ficar surpresos com isso. E que se esqueceram de que somente o Espírito Santo pode aplicar à sua vida a experiência da cruz. Só ele pode confirmar a salvação, e mesmo assim eles se esqueceram dele. Se os crentes não se entregarem ao Espírito Santo, confiando plenamente no poder dele para mortificar os feitos do corpo, a verdade que professam conhecer será uma simples teoria. Só pela mortificação desses feitos, efetuada pelo Espírito Santo, teremos vida hoje em nosso corpo mortal.

PARA GLORIFICAR A DEUS

O texto de 1 Coríntios 6.12-20 lança mais luz sobre o ensinamento bíblico acerca do corpo do crente. Examinemos essa passagem, versículo por versículo.

"Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas convém. Todas as coisas me são lícitas, mas eu não me deixarei dominar por nenhuma delas." (V. 12). Como vamos pelos versículos seguintes, o apóstolo Paulo aqui está se referindo ao corpo. Ele julga que tudo lhe é lícito porque, de acordo com a natureza, todas as exigências do corpo, como o comer, o beber ou o sexo são naturais, justas e lícitas (v. 13). Entretanto ele entende que nem todas elas são necessariamente úteis, nem devem escravizar o homem. Em outras palavras, de acordo com nossa existência natural, temos permissão para fazer muita coisa com nosso corpo. Entretanto, como pertencemos a Deus, somos capazes também de *abrir mão* delas, para a glória de Deus.

"Os alimentos são para o estômago, e o estômago, para os alimentos; mas Deus

destruirá tanto estes como aquele. Porém o corpo não é para a impureza, mas, para o Senhor, e o Senhor, para o corpo." (V 13.) A primeira parte desse versículo corresponde à primeira parte do versículo anterior. O alimento é lícito, mas tanto ele quanto o estômago serão destruídos. Nenhum deles é eternamente útil. E a última parte corresponde à segunda metade do versículo anterior. O cristão é capaz de situar-se acima do desejo sexual, consagrando seu corpo inteiramente ao Senhor (1 Co 7.34).

"O corpo é para o Senhor." Essa expressão é muito importante. Primeiro, Paulo nos fala sobre a questão do alimento. Ao comer e beber, o cristão tem a oportunidade de provar na prática que "o corpo é para o Senhor". Adão pecou pelo comer. O Senhor Jesus, no deserto, também foi tentado no comer. Muitos cristãos não sabem glorificar a Deus em seu comer e beber. Não comem e bebem apenas para manter o corpo preparado para o uso do Senhor, mas buscando a satisfação dos seus desejos pessoais. Devemos compreender que o corpo é para o Senhor e não para nós mesmos. Por isso, devemos evitar usá-lo para o nosso próprio prazer. O comer não deve impedir nossa comunhão com Deus. A finalidade da alimentação é apenas preservar o corpo com saúde.

O apóstolo menciona também a questão da imoralidade. Trata-se de um pecado que contamina o corpo. Cometendo-o, transgredimos diretamente o princípio de que "o corpo é para o Senhor". A imoralidade aqui refere-se não apenas à licenciosidade fora do casamento, mas também aos excessos mesmo para quem é casado. O corpo é para o Senhor, totalmente para o Senhor, e não para nós. De modo que ele proíbe que abusemos dele inclusive no relacionamento sexual legítimo.

O propósito do apóstolo Paulo nessa passagem é mostrar que devemos resistir inteiramente a qualquer excesso da carne. O corpo é para o Senhor e somente o Senhor pode usá-lo. Qualquer ato que pratiquemos em qualquer área dele, apenas por prazer pessoal, desagrada a Deus. Só devemos usar o corpo como instrumento de justiça, de nenhum outro modo. Ele não pode servir a dois senhores, como aliás todos os outros aspectos do nosso ser. Mesmo em questões naturais, como o alimento e o sexo, devemos usar o corpo exclusivamente para satisfazer *necessidades.* Embora precisemos realmente satisfazer essas necessidades, o corpo é para o Senhor, e não para os manjares ou para o sexo. Muitos cristãos hoje em dia aspiram à santificação do seu espírito e de sua alma, mas não têm uma percepção completa de que isso depende da santificação do corpo. Esquecem-se de que, se tudo que diz respeito ao corpo, como as reações nervosas, as sensações, as ações, a conduta, as obras, o alimento e a linguagem não forem totalmente para o Senhor, eles nunca alcançarão a perfeição.

"O corpo é para o Senhor." Isso significa que, embora a carne pertença ao Senhor, este a confiou ao homem. E o Senhor quer que a conservemos para ele. São muito poucos os que conhecem e praticam essa verdade! Inúmeros cristãos hoje acham-se acometidos de doenças, fraqueza e sofrimento. Deus está disciplinando esses crentes, para que possam apresentar-lhe seu corpo como sacrifício vivo. Se entregassem o corpo totalmente a Deus, ele os curaria. Deus quer que essas pessoas saibam que o corpo é para o Senhor, e não para elas mesmas. Se continuarem a viver seguindo seus desejos, o açoite de Deus permanecerá sobre elas. Todo aquele que está doente deve meditar seriamente nessas palavras.

"E o Senhor, para o corpo." Essa declaração é incrivelmente maravilhosa! Costumamos achar que o Senhor salva apenas nosso espírito e nossa alma, mas aqui diz que "o Senhor (é) para o *corpo".* Os cristãos entendem que o Senhor Jesus veio salvar somente o espírito e a alma. Creem que o corpo é inútil e destituído de valor

espiritual, desprovido de qualquer provisão no esquema redentor de Deus. Contudo Paulo afirma aqui com clareza que "o Senhor é para o corpo". E Deus mesmo quem diz que ele é também para esse vaso de barro que o homem tanto estima.

Por que é que os crentes negligenciam o corpo físico? Porque erroneamente entendem que o Senhor Jesus veio salvá-los apenas dos seus pecados; não das suas doenças. Por isso, recorrem apenas aos métodos humanos para curar suas fraquezas e doenças. Ao lerem os evangelhos, veem que o Senhor Jesus efetuou mais curas físicas do que salvação de almas. Contudo espiritualizam a questão, entendendo que essas enfermidades eram doenças espirituais. Podem até admitir que o Senhor Jesus, enquanto estava na terra, curou doenças físicas, mas creem também que hoje ele só cura enfermidades espirituais. Estão dispostos a entregar as questões de natureza espiritual ao Senhor para que ele as resolva. Entretanto creem que devem buscar a cura de suas dores físicas em outro lugar, pois acreditam que o Senhor nada tem a ver com elas. Esquecem-se de que "Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será para sempre" (Hb 13.8).

Muitos crentes hoje pensam que Deus não tem bênçãos para o corpo. Acham que a redenção de Cristo se limita ao espírito e à alma, e não afeta nosso ser físico. Não levam em conta que o Senhor Jesus, em seus dias, curou doenças, e que os apóstolos continuaram a exercitar esse poder de cura. A única explicação para tal atitude só pode ser a incredulidade. No entanto a Palavra de Deus declara que o Senhor é também para o corpo.

Isso tem relação com o que dissemos anteriormente. Nosso corpo é para o Senhor e, ao mesmo tempo, o Senhor é para o nosso corpo. Vemos nisso o relacionamento recíproco entre Deus e o homem. Deus se dá inteiramente a nós, para que possamos nos oferecer totalmente a ele. Quando nos oferecermos a ele, o Senhor se dará novamente a nós, de acordo com a medida da nossa entrega pessoal a ele. Deus quer que saibamos que ele deu seu corpo por nós, e também que, se nosso corpo for genuinamente "para ele", vivenciaremos o fato de que o Senhor é para o corpo. A expressão "o corpo é para o Senhor" significa que devemos dedicar nosso corpo totalmente a ele, para viver para ele. "O Senhor é para o corpo" significa que, ao aceitar nossa consagração, ele concede sua vida e seu poder ao nosso corpo físico. Ele cuidará dele, preservando-o e nutrindo-o.

Como temos consciência das fraquezas, impurezas, pecaminosidade e mortalidade da carne, achamos impossível aceitar que o Senhor é para o corpo também. Poderemos entender isso melhor analisando o método de salvação criado por Deus. Quando o Senhor Jesus nasceu, o Verbo se fez carne. Ele passou a possuir um corpo. Quando estava na cruz, carregou "ele mesmo em seu *corpo,* sobre o madeiro, os nossos pecados" (1 Pe 2.24 - grifo do autor). Unido a ele, pela fé, nosso corpo foi crucificado com ele também. Desse modo, ele nos libertou do poder do pecado. Em Cristo, esse nosso tabernáculo de carne ressuscitou e ascendeu ao céu. Atualmente, o Espírito Santo está habitando em nós, por isso podemos dizer que o Senhor é para o nosso corpo, e não apenas para o nosso espírito e nossa alma.

A expressão "o Senhor é para o corpo" possui vários significados:

1. Exprime a ideia de que o Senhor livrará o corpo do pecado. De certo modo, quase todo pecado tem relação com o corpo. Muitos pecados têm causas fisiológicas especiais. A glutonaria e a bebedeira, por exemplo, se baseiam na satisfação de apetites físicos. Muitos acessos de ira são desencadeados por mal-estar físico. Aqueles que têm nervos supersensíveis podem se tornar frágeis e ásperos. Muitas personalidades

estranhas são resultado de problemas fisiológicos. Sabemos de inúmeros criminosos que apresentam uma constituição física diferente das pessoas normais. Apesar de tudo isso, o Senhor ainda é para o corpo. Se oferecermos nosso corpo a Deus, reconhecendo-o como Senhor de tudo, e por meio da fé reivindicarmos o cumprimento de sua promessa, veremos que ele pode nos livrar de nós mesmos. A despeito de nossa constituição física, mesmo apresentando fraquezas especiais, podemos vencer nossos pecados, através do Senhor.

2. O Senhor é também para nossas doenças físicas. Do mesmo modo que ele destrói o pecado, cura as doenças. Ele é para qualquer problema relacionado ao nosso corpo, e, por conseguinte, para nossas doenças também. As enfermidades são apenas a manifestação do poder do pecado em nosso corpo. O Senhor Jesus é capaz de nos livrar das doenças, assim como nos liberta dos pecados.

3. O Senhor é também para o nosso viver no corpo. Ele será a força e a vida do corpo, permitindo que vivamos por ele. O Senhor deseja que, em nosso caminhar diário, experimentemos o poder da sua ressurreição, para que nosso corpo também viva por intermédio dele.

4. O Senhor é também para a glorificação do corpo. Isso acontecerá no futuro. E verdade que hoje podemos alcançar um elevado nível de vida se vivermos por meio dele. Isso, porém, não muda a natureza do nosso corpo. Contudo virá o dia em que o Senhor há de redimir nosso corpo de humilhação, transformando-o na semelhança do seu corpo glorioso.

Devemos ressaltar o significado da expressão "o corpo é para o Senhor". Se desejamos vivenciar a realidade de que "o Senhor é para o corpo", precisamos antes viver o fato de que "o corpo é para o Senhor". Se usarmos nosso corpo segundo nosso próprio desejo, para o nosso prazer, em vez de dedicá-lo inteiramente ao Senhor, será impossível conhecer a experiência de que "o Senhor é para o corpo". Todavia, se nos entregarmos totalmente a Deus, rendendo nossos membros como instrumentos de justiça, e conduzindo-nos em tudo segundo os preceitos divinos, com toda certeza ele nos concederá sua vida e seu poder.

"Deus ressuscitou o Senhor e também nos ressuscitará a nós pelo seu poder." (V 14.) Essas palavras esclarecem a última parte do versículo anterior, "o Senhor é para o corpo". A ressurreição do Senhor é *física;* nossa ressurreição futura também será *física.* Assim como Deus ressuscitou o corpo do Senhor Jesus, ressuscitará também o nosso. Esses dois fatos são igualmente verdadeiros. E assim que o Senhor é para o nosso corpo: ele nos ressuscitará pelo seu poder. Embora isso ainda vá suceder no futuro, podemos, desde hoje, antegozar o poder da sua ressurreição.

"Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? E eu, porventura, tomaria os membros de Cristo e os faria membros de meretriz? Absolutamente, não." (V. 15.) A primeira pergunta está expressa de modo extraordinariamente incomum. Em outros textos, como em 1 Coríntios 12.27, por exemplo, diz simplesmente que "*vós* sois corpo de Cristo; e, individualmente, membros desse corpo". Somente nessa passagem ele diz: "vossos *corpos* são membros de Cristo". Na verdade, nosso ser total é um membro de Cristo. Por que, então, aqui ele especifica o corpo? Não temos dificuldade de admitir que nossa vida espiritual é um membro de Cristo, pois ela é espiritual. Como pode, então, este corpo físico ser considerado um membro de Cristo? Estamos realmente recebendo a revelação de uma verdade muito maravilhosa.

Precisamos entender nossa união com Cristo. Deus não contempla cada crente individualmente. Ele engloba a todos dentro da sua visão de Cristo. Nenhum cristão

pode existir fora de Cristo, pois é ele quem nos dá força para o viver diário. Para Deus, a união dos crentes com Cristo é uma realidade perfeitamente definida. O "corpo de Cristo" não é apenas uma expressão espiritual; é um fato real. Da mesma maneira que o corpo físico se acha unido à cabeça, nós, os crentes, estamos unidos a Cristo. Aos olhos de Deus, nossa união com ele é perfeita, ilimitada e absoluta. Em outras palavras, nosso espírito (o aspecto mais importante) está unido ao de Cristo. Nossa alma acha-se ligada à de Cristo (o que constitui a união da nossa vontade, afeição e mente com a dele), e nosso corpo ao de Cristo. Se nossa união com Cristo é *completa,* como é que a parte física do nosso ser pode ficar de fora? Se somos membros de Cristo, nosso corpo também o é.

Sem qualquer sombra de dúvida, a perfeita união só ocorrerá por ocasião da ressurreição futura. Apesar disso, nossa união com Cristo já é uma realidade. Esse ensinamento é vital, pois quando tomamos conhecimento de que *o corpo de Cristo é para o nosso corpo,* desfrutamos de grande conforto. Podemos experimentar na prática todas as verdades. Se tivermos algum distúrbio fisiológico, alguma doença, sofrimento ou fraqueza, lembremo-nos de que o corpo de Cristo é para o nosso corpo. Nosso corpo está unido ao dele. Consequentemente, podemos extrair vida e força do seu corpo para suprir nossas necessidades físicas. Todos aqueles que possuem deficiências físicas devem firmar-se nessa união com Cristo, pela fé, e buscar no Senhor o necessário para suas carências físicas.

O apóstolo admira-se de os coríntios ignorarem uma verdade tão clara. Se eles tivessem compreendido esse ensinamento, teriam desfrutado de muitas experiências espirituais. Teriam tido, também, uma atitude responsável, dando atenção a várias advertências práticas, como a de que, se nosso corpo é membro de Cristo, não podemos fazê-lo membro de uma prostituta. E o apóstolo pergunta logo a seguir: "Ou não sabeis que o homem que se une à prostituta forma um só corpo com ela? Porque, como se diz, serão os dois uma só carne." (V. 16.) Paulo expõe a doutrina da união de modo bastante claro. Aquele "que se une à prostituta forma um só corpo com ela"; isto é, torna-se um membro da prostituta. O crente uniu-se a Cristo, por isso agora é um membro de Cristo. Onde ficará Cristo se esse seu membro tornar-se membro de uma prostituta? O apóstolo proíbe tal prática.

"Mas aquele que se une ao Senhor é um espírito com ele." (V. 17.) Nos versículos 15 a 17, ele expõe o mistério da união entre nosso corpo e Cristo. O que ele está dizendo nesse versículo é o seguinte. Se, ao se unir com uma prostituta, o homem se torna uma só *carne* com ela, e um membro dela, se estamos unidos ao Senhor, e nos tornamos um espírito com ele, nosso corpo também se torna membro de Cristo. Quando alguém se une a uma prostituta, ocorre uma união de dois corpos. Se todo o nosso ser está unido a Cristo, muito mais devem os dois se tornarem um.

Paulo entende que o primeiro passo de nossa união com o Senhor é nos tornarmos "um espírito com ele". Essa união é em espírito. Contudo ele não vê o corpo do crente como distinto de seu todo. Ele afirma que a união principal é a que ocorre no espírito. Todavia, pela fusão dos espíritos, nosso corpo se torna um membro de Cristo. Isso prova afinal que o corpo é para o Senhor e o Senhor também é para o corpo.

A questão em estudo aqui é a união. Precisamos entender claramente a posição que temos em Cristo, e saber que não existe a menor brecha em nossa união com ele. Nosso corpo é membro de Cristo, e através dele a vida de Jesus pode se manifestar. Se o Senhor fosse fraco e doente, não poderíamos esperar muito. Entretanto a verdade é justamente o oposto. Por isso, é inegável que podemos receber dele saúde, poder e

vida. Entretanto precisamos entender que não podemos sentir em nosso corpo toda nossa comunhão espiritual, bem como as demais experiências cristãs. E fato que nosso *corpo* se tornou membro de Cristo, mas isso não quer dizer que toda nossa experiência espiritual tenha de evidenciar-se nele. Se tivermos de sentir a presença divina em nosso corpo, se Deus tomar o controle direto dele, fazendo-o tremer, se o Espírito Santo o encher e manifestar sua vontade através dele, ou ainda, se o Espírito assumir a direção de nossa língua, e falar por meio dela, nosso corpo terá tomado o lugar de nosso espírito, realizando as obras deste. O resultado é que o espírito perderia sua capacidade de operar, pois o corpo teria usurpado seu lugar e passado a realizar suas obras. No entanto nosso vaso de barro não é capaz de suportar tal condição; a prova disso são suas frequentes fraquezas. Além do mais, as potestades malignas, como os espíritos que não têm corpo, estão sempre desejando corpos humanos. Seu principal anseio *é* possuir o físico do homem. O cristão que força seu corpo a ir além de sua capacidade normal está dando lugar à atuação dos espíritos malignos. Isso se harmoniza com as leis que regem o mundo espiritual. Se acharmos que Deus e seu Espírito vão ter comunhão conosco por meio do *corpo,* naturalmente ficaremos na expectativa de que essa comunhão ocorra. Entretanto Deus e seu Espírito nunca se comunicam diretamente com nosso corpo. O Senhor se comunica com o espírito do crente por meio do seu Espírito. Se alguém insistir em buscar uma experiência física com Deus, os espíritos malignos vão aproveitar a oportunidade para entrar, concedendo-lhe aquilo que ele ingenuamente está buscando. O resultado será que os espíritos malignos ocuparão esse corpo. Já entendendo corretamente a união do nosso corpo com Cristo, compreendemos que nos tornamos capazes de receber a vida de Deus fortalecendo-nos. O espírito ocupa uma posição muito importante; por isso, devemos ter muito cuidado para não permitir que nosso corpo venha a usurpar a função do espírito.

"Fugi da impureza. Qualquer outro pecado que uma pessoa cometer é fora do corpo; mas aquele que pratica a imoralidade peca contra o próprio corpo." (V.18.) A Bíblia considera a imoralidade ou fornicação um pecado grave, pois ela está relacionada com nosso corpo, que é membro de Cristo. Será que devemos nos espantar de o apóstolo ter sido tão insistente e enfático quando persuadiu os crentes a evitar a fornicação? Hoje vemos essa prática como uma impureza moral. O apóstolo, porém, ressalta um aspecto diferente. A fornicação é o único pecado pelo qual unimos nosso corpo a outro. Logo, é um pecado que praticamos contra o corpo. Isso significa que nenhum outro pecado, além da fornicação, pode fazer com que um membro de Cristo se torne membro de uma prostituta. A fornicação é um pecado que cometemos contra os membros de Cristo. Devido à nossa união com Cristo, a fornicação se torna duplamente abominável. Vejamos essa questão por outro ângulo. Percebendo o quanto a fornicação é abominável, podemos avaliar como é real a união do nosso corpo com Cristo.

"Acaso, não sabeis que o vosso corpo é santuário do Espírito Santo, que está em vós, o qual tendes da parte de Deus, e que não sois de vós mesmos?" (V. 19.) Essa é a segunda vez que Paulo pergunta "Não sabeis?" A primeira é a do versículo 15, onde ele reforça que o corpo é para o Senhor. Agora ele está se referindo ao "Senhor é para o corpo". Paulo se expressara antes de modo geral, dizendo "Não sabeis *vós* que sois o templo de Deus" (3.16 - ARC). Aqui ele diz especificamente que "*vosso corpo* é santuário do Espírito Santo". Isso significa que a presença do Espírito Santo em nós começa no espírito e vai até ao corpo. Se acharmos que o corpo é o principal lugar de sua habitação, estaremos cometendo um grande erro. Ele habita inicialmente em nosso espírito, onde mantém comunhão conosco. Entretanto isso não impede que sua vida

flua do espírito para o corpo, a fim de torná-lo vivo. Se acharmos que o Espírito Santo vem principalmente sobre nosso corpo, estaremos enganados. Contudo, se crermos que ele habita apenas em nosso espírito, também seremos prejudicados.

Precisamos entender bem o lugar do corpo no plano redentor de Deus. Cristo afasta do pecado o nosso corpo físico para que possamos ser cheios com o Espírito Santo, tornando-nos instrumentos dele. Ele morreu, ressuscitou e foi glorificado; por isso, pode dar do seu Santo Espírito ao nosso corpo. Anteriormente, era a vida de nossa alma que impregnava nosso corpo. Agora é seu Espírito quem o permeia. A vida dele fluirá para cada um dos nossos membros, e ele nos dará vida e poder muito mais abundantemente do que imaginamos.

E fato que o nosso corpo constitui templo para o Espírito Santo. E isso pode se tornar uma realidade em nosso viver. No entanto muitos hoje são como os crentes de Corinto, que se esqueceram dessa gloriosa possibilidade. Apesar de o Espírito de Deus habitar neles, é como se o Espírito Santo não existisse para eles. Precisamos exercitar a fé para crer nessa verdade, reconhecê-la e aceitá-la. Se o fizermos, descobriremos que o Espírito vai comunicar não apenas a santidade, a alegria, a justiça e o amor de Cristo à nossa alma, mas também concederá vida, poder, saúde e força ao nosso corpo fraco, cansado e doente. Ele dará a vida de Cristo ao nosso vaso de barro, junto com os elementos vitais do seu corpo glorioso. Quando nosso corpo verdadeiramente morrer com Cristo, isto é, quando estivermos totalmente sujeitos a ele, quando rejeitarmos toda vontade própria e toda ação independente, e nada buscarmos senão ser templo do Senhor, com toda certeza o Espírito Santo manifestará a vida do Cristo ressurreto em nosso corpo mortal. Como é bom experimentar a cura e o fortalecimento do Senhor, sendo ele nossa saúde e vida! Se virmos nosso "tabernáculo" como templo do Espírito Santo, nós o seguiremos, maravilhados e cheios de amor!

"Acaso, não sabeis que... não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo." (Vv. 19, 20.) Somos membros de Cristo, somos templo do Espírito Santo, não pertencemos a nós mesmos. Fomos comprados por preço. Tudo o que é nosso pertence a ele, principalmente nosso corpo. O fato de Deus efetuar a união de Cristo conosco, e nos dar o selo do Espírito Santo, prova que nosso corpo realmente pertence ao Senhor. "Agora, pois, glorificai a Deus no vosso *corpo."*

Irmãos, Deus quer que o honremos no corpo. Ele deseja que o glorifiquemos através da consagração desse nosso "corpo é para o Senhor" e também através da sua graça manifestada no "Senhor é para o corpo". Sejamos sóbrios e vigilantes, a fim de não usarmos nosso corpo para nós mesmos, nem permitirmos que ele chegue a um estado em que pareça que o Senhor não é para o corpo. Desse modo, glorificaremos a Deus e permitiremos que ele demonstre seu poder livremente, libertando-nos das fraquezas, das doenças e dos sofrimentos, bem como do interesse próprio, do amor próprio e do pecado.

2. AS DOENÇAS

As doenças são um acontecimento comum na vida. Para entendermos como devemos manter nosso corpo em condições de glorificar a Deus, precisamos primeiro saber que atitude vamos tomar com respeito às doenças, como poderemos tirar proveito delas, e também como obter a cura. Se não soubermos lidar com as doenças, certamente estaremos incorrendo em grave erro, tal a relevância delas.

AS DOENÇAS E O PECADO

A Bíblia revela que existe uma relação muito estreita entre a doença e o pecado. A consequência final do pecado é a morte. As doenças encontram-se no meio dos dois, entre o pecado e a morte. Elas são o efeito do pecado e o prelúdio da morte. Se no mundo não houvesse pecado, não haveria nem doenças nem morte. Se Adão não tivesse pecado, não haveria doença na Terra. Disso podemos ter certeza absoluta. As doenças, assim como outros males, surgiram por causa do pecado.

Os seres humanos possuem duas naturezas: a física e a não-física. Ambas sofreram com a queda do homem. O espírito e a alma foram prejudicados pelo pecado, e o corpo foi invadido por doenças. O pecado do espírito e da alma, juntamente com as doenças do corpo, comprovam que o homem tem de morrer.

Quando o Senhor Jesus veio ao mundo para nos salvar, ele não apenas perdoou o pecado do homem, mas também curou o corpo deste. Ele salvou tanto o corpo como a alma. No início do seu ministério, ele curou as enfermidades. Ao completar sua obra na cruz, ele se tornou propiciação para os nossos pecados. Atentemos para o número de pessoas doentes que ele curou quando estava aqui na Terra! Mostrava-se sempre pronto para tocar os doentes e levantá-los. A julgar pelo que ele mesmo realizou e pelo que mandou que seus discípulos fizessem, temos de reconhecer que a salvação que ele provê inclui a cura das enfermidades. Seu evangelho é de perdão *e* de cura. Os dois andam sempre juntos. O Senhor Jesus salva as pessoas dos pecados e das doenças, para que assim conheçam o amor do Pai. Lendo os evangelhos, os Atos dos Apóstolos, as epístolas ou o Antigo Testamento, verificamos que perdão e cura andam sempre lado a lado.

Todos sabemos que Isaías 53 é o texto do Antigo Testamento que apresenta o evangelho com maior clareza. Existem várias passagens do Novo Testamento que fazem referência a esse capítulo, mostrando o cumprimento das profecias dele na obra redentora do Senhor Jesus. "O castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados." (V 5.) Esse texto afirma, de modo inequívoco, que Deus nos concedeu tanto a cura do corpo como a paz da alma. Isso se torna mais claro ainda quando vemos o verbo "levar" empregado de duas maneiras diversas. Ele "levou sobre si o pecado de muitos" (v. 12) e "as nossas dores (doenças) levou sobre si" (v. 4). O Senhor Jesus leva nossos pecados e nossas doenças. Já que ele levou nossos pecados, não precisamos carregá-los; da mesma forma, já que ele levou nossas doenças, já não precisamos levá-las.* O pecado prejudicou tanto nossa alma quanto nosso corpo, por isso o Senhor Jesus salva ambos. Ele nos livra das doenças e também dos pecados. Os crentes hoje podem louvar a Deus como fez Davi: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome. Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Sl 103.1,3.) E lamentável que muitos cristãos só possam pronunciar esse louvor pela metade, pois conhecem apenas meia salvação. Isso constitui uma perda tanto para Deus quanto para o homem.

Notemos que a salvação de Deus não seria completa se o Senhor Jesus

simplesmente perdoasse os nossos pecados, mas não curasse as doenças. Como poderia ele salvar nossa alma e ainda assim deixar nosso corpo ser atormentado pelas enfermidades? Quando Jesus estava aqui na Terra, não deu importância a esses dois aspectos? Algumas vezes, ele perdoou primeiro para depois curar; em outras, deu-se o inverso. Ele age conforme nossa capacidade de receber. Examinando os evangelhos, percebemos que o Senhor Jesus realizou mais curas do que qualquer outra obra, porque para os judeus daquele tempo era mais fácil acreditar nas curas do que no perdão (Mt 9.5). Hoje, porém, os cristãos comportam-se do modo contrário. Naqueles dias, os homens criam que o Senhor tinha poder para curar enfermidades, mas duvidavam da sua graça para perdoar. Hoje os crentes creem no seu poder para perdoar, mas duvidam da sua graça para curar. Confessam que o Senhor Jesus veio para salvar os homens de seus pecados, todavia ignoram o fato de que ele é igualmente o Salvador que cura. Pela incredulidade, o homem divide o Salvador perfeito em dois, embora a verdade continue sendo que Cristo é, para sempre, o Salvador do corpo e da alma, competente para curar e para perdoar.

Para o Senhor, perdoar ao homem não é suficiente. Este precisa de cura também. Por isso, depois de ter declarado ao paralítico: "Homem, estão perdoados os teus pecados", ele ordenou: "Levanta-te, toma o teu leito e vai para casa". (Ver Lucas 5.20,24.) Quanto a nós, embora afligidos por pecados e doenças, achamos que o perdão do Senhor é suficiente. Aceitamos carregar as enfermidades e buscamos a cura por outros meios. O Senhor Jesus, porém, não quer que os amigos do paralítico, que já recebeu o perdão, voltem com ele para casa ainda confinado a uma cama.

No tocante à relação entre o pecado e a doença, a concepção do Senhor é contrária à nossa. Achamos que o pecado é relacionado com o reino espiritual, algo que desagrada a Deus e que ele condena. As doenças, porém, são apenas um fenômeno natural, que nada têm a ver com Deus. No entanto o Senhor Jesus considera tanto os pecados da alma quanto as enfermidades do corpo como obras de Satanás. Ele veio "para destruir as obras do diabo" (1 Jo 3.8). Por isso, expulsa os demônios e cura as doenças. Quando Pedro, sob revelação, fala do *ministério de cura* do Senhor, declara que ele "andou... fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo" (At 10.38). Os pecados e as doenças acham-se intimamente associados, assim como a alma e o corpo. O perdão e a cura se complementam.

A DISCIPLINA DE DEUS

Tendo visto o que o Senhor pensa com respeito à enfermidade, voltemos, agora, nossa atenção para as causas das doenças dos *crentes.*

"Eis a razão por que há entre vós muitos fracos e doentes e não poucos que dormem. Porque, se nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados. Mas, quando julgados, somos disciplinados pelo Senhor, para não sermos condenados com o mundo." (1 Co 11.30-32.) Paulo explica aqui que a doença é uma forma pela qual Deus nos corrige. Os crentes sofrem essa disciplina por terem errado diante do Senhor. O objetivo é levá-los a julgarem a si mesmos e a eliminarem seus erros. Ao castigar seus filhos, Deus usa de misericórdia para com eles, para que não sejam condenados com o mundo. Quando nos arrependemos de nossos erros, o Senhor afasta sua disciplina. Portanto podemos então evitar a doença efetuando um autojulgamento.

Na maioria dos casos, achamos que a doença é apenas um problema físico, sem nenhuma relação com a retidão, a santidade e o castigo divino. Nessa passagem, porém, o apóstolo diz claramente que a doença é o resultado do pecado e também uma punição que Deus aplica. Os cristãos costumam citar o caso do homem cego de João 9,

para sustentar a opinião de que as enfermidades não constituem um castigo de Deus por causa do pecado. Todavia o Senhor Jesus não afirmou ali que a doença não tem relação com o pecado. Ele apenas adverte seus discípulos a não condenarem todos os doentes. Se Adão não tivesse pecado, aquele homem de João 9 não teria nascido cego. Além do mais, o homem em questão *nasceu cego,* de modo que a *natureza* da sua doença é bastante diferente da natureza das enfermidades dos crentes. As causas das moléstias de quem nasce doente talvez não sejam seus próprios pecados. De acordo com as Escrituras, porém, quando adoecemos depois que cremos no Senhor, essa enfermidade geralmente tem relação com o pecado. "Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados." (Tg 5.16.) A cura só ocorrerá depois que o enfermo confessar seu pecado, que é a raiz da doença.

Em muitos casos, a doença é uma disciplina divina, no sentido de nos alertar para pecados aos quais não damos atenção. Ele quer que os deixemos. Deus *permite* que tenhamos enfermidades para que ele possa nos disciplinar e nos purificar das faltas. Ele pesa sua mão sobre nós para chamar nossa atenção para algum erro que estejamos abrigando, alguma injustiça ou dívida, o orgulho ou amor a este mundo, autoconfiança ou cobiça na obra, ou para algum ato de desobediência ao Senhor. A doença é, portanto, uma disciplina manifesta de Deus sobre o pecado. Disso, porém, não devemos inferir que quem está doente é necessariamente mais pecaminoso que os outros. (Ver Lucas 13.2.) Pelo contrário, geralmente o Senhor disciplina os mais santos. Jó é um ótimo exemplo disso.

Toda vez que Deus corrige um crente e este adoece, ele pode receber grandes bênçãos, porque o Pai dos espíritos "nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade" (Hb 12.10). A doença faz com que nos lembremos do passado e o examinemos, para ver se há algum pecado oculto, alguma desobediência a Deus ou vontade própria. Desse modo, podemos ficar sabendo se existe alguma barreira entre nós e Deus. Quando examinamos o coração, enxergamos como nossa vida tem sido dominada pelo ego, e se acha muito distante da santidade do Senhor. Esses exercícios espirituais nos capacitam a crescer espiritualmente e a obter a cura de Deus.

Portanto a primeira atitude a tomar quando estamos doentes não é correr de um lado para outro em busca da cura ou dos meios para isso. Tampouco devemos ficar ansiosos ou temerosos. O que temos de fazer é nos abrir inteiramente à luz de Deus, e nos submetermos a um exame, com o desejo sincero de saber se o castigo se deve a algum erro que praticamos. Devemos julgar a nós mesmos. Assim o Espírito Santo nos mostrará em que temos falhado. Depois, teremos de confessar e abandonar imediatamente tudo aquilo que o Espírito Santo nos indicar. Se cometemos algum pecado *que prejudicou outras pessoas,* devemos fazer *o máximo* para repará-lo, crendo também que Deus nos aceitou. Precisamos oferecer-nos novamente a ele, dispostos a obedecer plenamente à sua vontade.

Deus "não aflige, nem entristece de bom grado os filhos dos homens" (Lm 3.33). Quando o Senhor vê que já atingimos o objetivo do autojulgamento, ele cessa a disciplina. Deus tem prazer em afastar sua disciplina, depois que ela cumpriu seus objetivos. A Bíblia afirma que, se julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados. Deus quer que fiquemos livres do pecado e do ego. Quando alcançamos esse objetivo, a doença desaparece, porque esta já realizou sua missão. O que precisamos compreender hoje é que Deus nos castiga com um propósito específico. Por isso, devemos permitir sempre que o Espírito Santo nos revele nossos pecados, a fim de atingirmos o alvo divino, e não precisemos mais de disciplina. Aí então Deus nos cura.

Quando confessamos nossos pecados e os abandonamos, crendo também no perdão de Deus, podemos confiar nas promessas divinas, acreditando, sem nenhum temor, que ele vai nos curar. Com a consciência livre de acusação, temos ousadia para nos aproximar de Deus e receber sua graça. Quando nos achamos separados dele, temos dificuldade para crer, ou então nem temos coragem para isso. Contudo, depois que abandonamos o pecado e recebemos o perdão, temos livre acesso à presença de Deus, através da iluminação do Espírito Santo e da obediência a ele. Removida a causa da doença, ela desaparecerá. Agora o crente enfermo já não tem dificuldade em crer que "o castigo que nos traz a paz estava sobre ele (Cristo); e pelas suas pisaduras fomos sarados". Nesse momento, a presença do Senhor se manifesta abundantemente, e sua vida entra em nosso corpo para torná-lo vivo.

Será que temos nítida consciência de que nosso Pai celeste não está satisfeito conosco em muitas áreas? Ele se utiliza das enfermidades como forma de ajudar-nos a perceber nossas fraquezas. Se não abafarmos a voz da consciência, o Espírito Santo certamente nos mostrará o motivo do castigo. Deus se deleita em perdoar nossos pecados e curar nossas doenças. A grande obra redentora do Senhor Jesus contém tanto o perdão quanto a cura. Ele não vai permitir que nada se interponha entre nós e ele. Deus quer que vivamos por ele melhor do que vivíamos antes. E hora de confiarmos nele e de lhe obedecermos inteiramente. O Pai celeste não deseja nos castigar. Ele está muito desejoso de curar-nos, para podermos manter uma comunhão mais íntima com ele, ao contemplar seu amor e seu poder.

A DOENÇA E O EGO

As circunstâncias adversas e negativas servem para expor nossa verdadeira condição. Em si, elas não são pecado. Apenas revelam o que existe em nós. A doença é uma dessas circunstâncias que nos permitem enxergar o real estado de nossa alma.

Só temos consciência do quanto estamos vivendo para o ego, e como vivemos pouco para Deus, quando ficamos doentes, principalmente se a doença for prolongada. Em situações normais, podemos declarar com profunda convicção que estamos dispostos a obedecer a Deus de todo o coração, aceitando de bom grado qualquer tratamento que ele venha a nos dispensar. No entanto é só por ocasião da doença que descobrimos se isso é verdade. O que Deus deseja infundir em nós é uma atitude de satisfação para com sua vontade e seu modo de agir. Ele não quer que um filho seu, por causa dos *seus* sentimentos imaturos, venha a murmurar contra essa vontade e esse modo de agir. Por isso, Deus permite que seus filhos mais queridos adoeçam repetidas vezes. Ele quer que enxerguemos claramente nossa atitude para com o plano que ele preparou especialmente para nós.

Como é triste ver um cristão que, por causa dos seus próprios desejos, murmura contra o Senhor na hora da provação! Ele não entende que o que Deus lhe dá é o melhor para ele. Pelo contrário, seu coração fica dominado pelo desejo de obter cura imediata. (O que queremos dizer quando nos referimos a uma doença dada por Deus, na realidade, é que o Senhor permite a doença, pois ela procede diretamente de Satanás. Então, qualquer enfermidade que acomete um cristão acontece com a permissão de Deus e também com um propósito definido. A experiência de Jó é um exemplo perfeito dessa verdade.) Por causa disso, o Senhor prolonga a doença. Ele só retira esse seu instrumento de disciplina depois de atingir seu objetivo. A meta de Deus em seu relacionamento com o crente é levar este a uma condição de total submissão a ele, de modo a receber com alegria tudo que ele fizer em sua vida. Deus não se agrada daquele que o louva na prosperidade, mas reclama dele na adversidade. Ele não quer

que seus filhos duvidem do seu amor, nem que interpretem mal os seus atos com tanta facilidade. Quer que eles o obedeçam até à morte.

Deus deseja que seus filhos entendam que tudo o que lhes sobrevém provém dele. Por mais perigosas que sejam as circunstâncias físicas ou ambientais, elas passam pela medida de sua mão. Até mesmo a queda de um fio de cabelo depende da vontade dele. Se alguém resiste ao que lhe sobrevém, está resistindo ao próprio Deus, que permite esse acontecimento. E se ele, depois de um doloroso período de enfermidade, deixar que o ódio domine seu coração, essa revolta na verdade é contra o Senhor, que permitiu que tal provação lhe sobreviesse. A questão em foco não é se o crente deve ficar doente, mas sim se ele está se opondo a Deus. Este quer que os seus, quando doentes, esqueçam-se da doença. Sim, temos de nos esquecer da enfermidade e buscar resolutamente o Senhor. Suponhamos que a vontade divina seja que eu fique doente e permaneça assim. Será que estou preparado para aceitar isso? Será que sou capaz de me humilhar sob a potente mão de Deus sem resistir a ela? Ou será que, em meio ao sofrimento, estou querendo uma cura que não se encontra dentro do atual propósito do Senhor para mim? Será que saberei esperar até que seu propósito para essa enfermidade se cumpra, para depois pedir-lhe a cura? Ou será que vou buscar outros meios de cura enquanto ele está me disciplinando? Será que, nas horas de profundo sofrimento, costumo batalhar por algo que ele não vai conceder de imediato? Precisamos examinar profundamente essas questões quando nos encontramos doentes.

Deus não tem prazer na doença de seus filhos. Pelo contrário, por causa do seu amor, deseja que gozemos uma vida amena e cheia de paz. Contudo ele sabe também que existe um perigo. Em tempos de bonança, nosso amor para com ele, nossas palavras de louvor, e o serviço que lhe prestamos estão condicionados a um viver tranquilo. Ele sabe com que facilidade nosso coração pode afastar-se dele e da sua vontade, buscando apenas suas bênçãos. Deus permite que nos sobrevenham enfermidades e outros instrumentos de aflição para que possamos descobrir se queremos a ele mesmo ou apenas suas dádivas. Se, nos dias de adversidade, não buscarmos a nada mais, é porque genuinamente queremos a Deus. A doença revela prontamente se estamos buscando nossos próprios desejos ou os desígnios divinos.

Ainda abrigamos nossos desejos pessoais. Essas aspirações provam o quanto o viver diário é dominado por nossos próprios pensamentos. Tanto na obra de Deus quanto no relacionamento com outros, agarramo-nos tenazmente a nossos pensamentos e opiniões. Assim, o Senhor tem de levar-nos até perto das portas da morte, a fim de ensinar-nos como é insensato de nossa parte resistir-lhe. Ele permite que passemos por águas profundas, para que sejamos quebrados e nos esqueçamos da nossa vontade própria, ou seja, aquela conduta que tanto lhe desagrada. Parece que um grande número de cristãos não segue nada do que o Senhor diz. Só se dispõem a obedecer após sofrerem aflições físicas. Por isso, depois que a persuasão por meio do amor perde a eficácia, o Senhor emprega o método da disciplina. O propósito do castigo é quebrar a vontade do homem. Todo cristão doente deve pensar seriamente nisso.

Além do desejo e da vontade próprios, Deus também abomina um coração cheio de *amor-próprio.* Esse sentimento ameaça a vida espiritual, destruindo as obras espirituais. Se Deus não remover nosso amor-próprio, não teremos condições de correr com rapidez nossa carreira espiritual. O amor-próprio tem muito a ver com o corpo. Dizer que amamos a nós mesmos significa que estimamos nosso corpo e nossa vida. Por isso, é para destruir essa característica odiosa que Deus, muitas vezes, permite enfermidades. Por causa do nosso amor ao ego, tememos o enfraquecimento do nosso

corpo. Entretanto é isso que Deus faz, permitindo que experimentemos a dor. E quando pensamos que vamos melhorar, a doença se agrava. Queremos continuar vivendo, mas tal esperança parece extinguir-se. Naturalmente, Deus trata de modo diverso com cada pessoa. Com algumas, ele age de forma drástica. Com outras, opera levemente. O propósito divino, porém, é sempre transformar o coração cheio de amor-próprio. Muitas pessoas fortes precisam ser levadas até perto das portas da morte para que seu amor-próprio se desfaça. Que é que lhe resta para amar agora com o corpo enfraquecido, a vida em perigo, a doença devorando progressivamente a saúde, e a dor minando-lhe as forças? A essa altura a pessoa está realmente desejando morrer, desesperada e também sem amor-próprio. Seria o ápice da tragédia não se voltar para Deus nesse momento, invocando dele sua promessa de cura.

O coração do crente está longe do coração divino. Deus permite que ele fique doente para que se esqueça de si mesmo. Contudo, quanto mais doente ele fica, maior é o seu amor-próprio. Na ansiedade de obter a cura, ele vive em função de sua doença. Quase todos os pensamentos giram em torno dele mesmo! Quanta atenção ele agora devota à alimentação, procurando ver o que deve e o que não deve comer! Como fica preocupado quando algo sai errado! Ele tem muito cuidado com seu conforto e com seu repouso. Se sua temperatura oscila, ou se passou uma noite ruim, fica agoniado, como se isso fosse fatal para sua vida. Como ele se torna sensível à maneira como outros o tratam! Será que pensam bastante nele? que cuidam bem dele? que o visitam com a frequência devida? Passa horas incontáveis, pensando em seu corpo. E assim não tem tempo para meditar no Senhor ou naquilo que ele pode estar querendo realizar em sua vida. Em verdade, muitos simplesmente são "enfeitiçados" por suas próprias doenças! Só sabemos realmente como é excessivo o amor que temos por nós mesmos quando ficamos doentes.

Deus não tem prazer em nosso amor-próprio. Ele quer que compreendamos o enorme prejuízo que isso nos causa. O Senhor quer também que, nas horas de enfermidade, aprendamos a não nos absorver com nossos sintomas, mas a atentarmos exclusivamente para ele. É seu desejo que lhe entreguemos nosso corpo por inteiro, aceitando seus cuidados. Toda vez que sentirmos um sintoma adverso, devemos nos voltar para o Senhor, e não para o nosso corpo.

Devido a esse amor ao ego, assim que o crente adoece, busca logo a cura. Ele não percebe que, antes de suplicar a Deus que o cure, deve limpar seu coração, abandonando o pecado. Contudo ele está com os olhos fixos na cura. Não se preocupa em perguntar a Deus por que ele permitiu essa doença, do que é que ele deve arrepender-se, ou como pode deixar o Senhor aperfeiçoar sua obra nele. Ele só consegue contemplar a própria fraqueza. Anseia ficar bom novamente, buscando por toda parte os meios para a cura. Então, querendo ser curado rapidamente, ele suplica isso a Deus, e busca informação com o homem. Quando o crente se acha nessa situação, o Senhor não pode realizar seu propósito na vida dele. É por essa razão que alguns se curam apenas temporariamente. Depois de algum tempo, a antiga enfermidade volta. Como pode haver uma cura duradoura se ele não removeu a raiz da doença?

A enfermidade é um dos métodos que Deus utiliza para falar conosco. O Senhor não quer que fiquemos ansiosos, buscando a cura imediatamente. Pelo contrário, ele nos pede para orarmos com atitude de obediência a ele. Como é triste ver uma pessoa esperando ansiosamente a cura, e sem poder dizer ao Senhor: "Fala, Senhor, porque teu servo ouve." Nossa única preocupação é livrar-nos da dor e da fraqueza. Apressamo-nos em procurar o melhor remédio. A doença nos leva a inventar muitas formas de

cura. Cada sintoma nos atemoriza, e logo nosso cérebro se põe a trabalhar. Deus parece estar longe de nós. Negligenciamos nossa condição espiritual. Todos os nossos pensamentos se centralizam no sofrimento e nas formas pelas quais poderemos obter a cura. Se o remédio faz efeito, damos graças a Deus. Se o restabelecimento, porém, demora, começamos a entender mal o amor do nosso Pai. Será que nessa ânsia de nos livrar da dor, estamos sendo guiados pelo Espírito Santo? Será que achamos que podemos glorificar a Deus pela força da carne?

O REMÉDIO

O amor-próprio, naturalmente, cria os seus recursos particulares. Em vez de os cristãos recorrerem a Deus, objetivando eliminar a raiz da doença, eles anseiam pela cura, indo busca-la nos remédios. Não pretendemos analisar extensamente essa questão, se um crente pode ou não tomar medicamentos. Todavia queremos dizer que, quando o Senhor Jesus nos salvou, fez também provisão para nossa cura física. Assim, parece ignorância, se não incredulidade, recorrer a invenções humanas.

Muitos crentes questionam se os filhos de Deus devem ou não tomar remédio. Dão a entender assim que, solucionando essa questão, todas as demais estarão resolvidas. Será que eles estão cientes de que o viver espiritual não se pauta pelo "poder ou não poder", e sim pela direção divina? Perguntamos, então: um crente que, levado pelo amor-próprio, recorre a remédios e busca ansiosamente a cura, está sendo guiado pelo Espírito Santo? Ou será que está agindo por sua própria decisão? Quando o homem age segundo sua natureza, geralmente busca a salvação pelas obras. Só após muita relutância, depois de haver passado por várias circunstâncias adversas, é que aceita a salvação pela fé. Será que isso também não acontece em relação à cura do corpo? Com respeito à cura divina, a luta talvez seja muito mais intensa do que no tocante ao perdão dos pecados. Os crentes sempre acabam reconhecendo que só podem entrar por crer se confiarem no Senhor Jesus para a sua salvação. No entanto, quando se trata da cura física, eles se perguntam por que é que teriam de depender da salvação do Senhor Jesus, quando existem à sua disposição tantos recursos médicos. A questão, então, não é saber se podemos ou não tomar remédios, mas, se o uso deles, por decisão própria do crente, não limita a salvação de Deus. O mundo já não inventou muitas teorias para salvar o homem do pecado? Não oferece tantas escolas de filosofia, de psicologia, de ética e de educação, além de um grande número de rituais, regras e práticas para ajudar as pessoas a serem boas? Será que nós, os crentes, podemos aceitar tais recursos como sendo perfeitos e eficazes? Somos salvos pela obra que o Senhor Jesus consumou na cruz, ou por esses enganos engenhosos criados pelo homem? De modo semelhante, o mundo inventou remédios dos mais variados tipos para aliviar o homem de suas doenças.

Todavia a obra de salvação que o Senhor realizou na cruz tem relação com o corpo também. Devemos buscar a cura segundo os métodos humanos ou vamos depender do Senhor Jesus?

Reconhecemos que às vezes Deus utiliza intermediários para manifestar seu poder e sua glória. Contudo, pelo relato das Escrituras, e pela experiência dos cristãos, percebemos que, depois da queda do homem, parece que nossos sentimentos passaram a controlar nossa vida. Isso produziu em nós uma inclinação natural para buscar esses intermediários em vez de recorrer a Deus. É por isso que, nas horas de enfermidade, os crentes têm mais interesse por remédios do que pelo poder do Senhor. Embora possam proclamar que confiam nesse poder, no coração estão quase que totalmente confiantes no medicamento, como se Deus não pudesse exercitar seu poder sem o uso do remé-

dio. Não é de espantar que eles estejam sempre revelando intranquilidade, ansiedade e temor, buscando com afinco e por toda parte os melhores meios de cura. Não gozam da paz que brota de uma confiança plena em Deus. Como seu coração se acha tão dominado pela ideia de usar medicamentos, voltam-se para o mundo e sacrificam a presença de Deus. O plano do Senhor era trazê-los *para mais perto de si,* por meio da doença. E no entanto, exatamente o *oposto* é que parece estar acontecendo. É possível que alguns sejam realmente capazes de usar remédios sem prejudicar sua vida espiritual, mas são poucos. Muitos crentes tendem a confiar mais nos recursos intermediários do que em Deus. Por conseguinte, sua vida espiritual passa a sofrer em razão do uso de medicamentos.

Existe uma grande diferença entre a cura através do remédio e a cura que vem de Deus. O poder do medicamento é natural, enquanto o do Senhor é sobrenatural. A maneira de obter a cura também é diferente. Quando usamos o remédio, estamos confiando na inteligência humana. Quando dependemos de Deus, confiamos na obra e na vida do Senhor Jesus. Mesmo que o médico seja um crente que suplica a Deus sabedoria e bênção no emprego do remédio, ele não tem poder para comunicar bênção espiritual ao enfermo. É que este, inconscientemente, dirigiu sua esperança de cura para o medicamento, e não para o poder do Senhor. Embora receba a cura física, sua vida espiritual vai sofrer alguma perda. Quem realmente confia em Deus entrega-se ao seu amor e ao seu poder. Procura investigar a causa de sua doença, isto é, busca saber em que ele desagradou ao Senhor. Desse modo, quando for curado, será abençoado espiritual e fisicamente.

Muitos argumentam que já que os remédios vêm de Deus, certamente podemos tomá-los. Contudo o que queremos enfatizar é isto: será que o Senhor nos orienta a tomar medicamentos? Não desejamos discutir se o remédio vem ou não de Deus. Queremos é verificar se Deus deu o Senhor Jesus aos seus filhos como Salvador dos seus males físicos. Devemos buscar a cura através do poder natural dos medicamentos, como fazem os não-crentes e os crentes fracos, ou devemos aceitar o Senhor Jesus, a quem Deus preparou para nós, confiando totalmente em seu nome?

Confiar em medicamentos é uma atitude diametralmente oposta a aceitar a vida do Senhor Jesus. Concordamos que os remédios e outros recursos médicos possuem eficácia. Entretanto não passam de agentes de cura naturais, e ficam muito aquém da provisão de Deus para os seus, que é o melhor para eles. Podemos pedir ao Senhor para abençoar os remédios e sermos curados. Podemos também dar graças a Deus por eles, depois de curados, reconhecendo que a cura foi uma operação divina. Entretanto tal cura não é a mesma que ocorreria se aceitássemos a vida do Senhor Jesus. Quem age assim está enveredando pelo caminho mais fácil, abandonando o campo de batalha da fé. As doenças se encaixam no contexto do nosso conflito com Satanás. Se o único propósito almejado fosse a cura, poderíamos empregar quaisquer meios. Contudo, como estão em jogo objetivos mais elevados, será que não deveríamos ficar quietos diante de Deus, aguardando por sua operação?

Não queremos declarar dogmaticamente que o Senhor nunca abençoa os remédios. Sabemos que Deus já abençoou muitas vezes, pois ele é extremamente bom e generoso. Entretanto os cristãos que confiam unicamente nos medicamentos não estão permanecendo na base da redenção. Assumem a mesma posição que os homens do mundo. Nessa questão, não podem dar testemunho de Deus. Tomar comprimidos, aplicar pomadas e injeções são práticas que não podem nos comunicar a vida do Senhor Jesus. Quando confiamos em Deus, colocamo-nos numa posição acima do natural. A cura pelos medicamentos é sempre lenta e dolorosa; a cura divina é rápida e

abençoada.

O restabelecimento pelos remédios jamais poderá nos conceder o mesmo proveito espiritual da cura que obtemos quando confiamos em Deus. Essa é uma verdade irrefutável. Quando alguém está de cama, doente, arrepende-se profundamente de seus pecados. No entanto, se é curado pelo uso de medicamentos, afasta-se ainda mais de Deus. Se, porém, se curasse, esperando e confiando em Deus, não sofreria esse "efeito colateral". Quem recebe a cura divina confessa seus pecados, nega a si mesmo, confia no amor de Deus e depende do poder dele. Aceita a vida e a santidade do Senhor, estabelecendo com ele um relacionamento novo, que nunca se desfará.

Através da doença, Deus quer nos ensinar a cessar toda atividade própria, para que passemos a confiar inteiramente nele. Muitas vezes, quando buscamos a cura ansiosamente, estamos sendo dominados pelo amor-próprio. Esquecemo-nos de Deus e da lição que ele quer nos ensinar. Será que, se os crentes se esvaziassem do amor-próprio, buscariam a cura com tanta ansiedade? Se realmente cessassem suas atividades, buscariam o auxílio da medicina humana? De modo nenhum. Fariam um auto-exame cuidadoso diante de Deus, buscando primeiro entender a razão de ser da doença. Depois, então, pediriam a cura, com base no amor do Pai. Quando uma pessoa recorre à medicina, busca ansiosamente a cura. Quando se volta para o poder de Deus, aspira calmamente descobrir qual é a vontade dele. Os crentes buscam a cura com ansiedade porque estão cheios de amor-próprio, de desejos impetuosos e de sua própria força. Se aprendessem a depender do poder divino, reagiriam de forma diferente. Ao confiar em Deus para a cura, é necessário que confessemos os pecados e os abandonemos e nos dediquemos totalmente ao Senhor.

Hoje em dia há muitos enfermos. E Deus tem um propósito específico para cada uma dessas enfermidades. Sempre que abrimos mão de dar ouvidos ao "ego" do Senhor cura. Quando os cristãos não recebem a dádiva de bom grado, não a tendo como o melhor que Deus tem para nós, quando eles buscam outros meios de cura que não o Senhor, recusando-se a submeter-se a ele, adoecem novamente, mesmo depois de terem sido curados. Se se apegarem ao amor-próprio, e ficarem o tempo todo preocupados consigo mesmos, Deus lhes dará mais motivos para sentirem auto-piedade. Ele vai lhes mostrar que a medicina terrena não pode curar permanentemente. O Senhor quer que seus filhos saibam que *um corpo forte e saudável não é para a satisfação própria, nem para ser usado segundo os próprios desejos, mas somente para Deus.* O espírito de cura é um espírito de santidade. Carecemos é de santidade; não de cura. Precisamos ser libertos primeiro é do ego; não da doença.

Quando renunciamos à medicina e a outros meios humanos, confiando no Pai de coração sincero, verificamos que nossa fé se torna mais robusta. Iniciamos um novo relacionamento com Deus, e passamos a viver por uma vida em que antes não confiávamos. Entregamos nosso corpo, alma e espírito ao Pai celestial. Descobrimos que a vontade de Deus é manifestar o poder do Senhor Jesus e o amor do Pai. Assim aprendemos a exercitar fé no sentido de provar que o Senhor redime o corpo e também o espírito e a alma.

"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida..." (Mt 6.25.) O Senhor cuida de tudo aquilo que lhe entregamos. Se obtivermos a cura imediata, louvemos a Deus. Se nossos sintomas se agravarem, não devemos duvidar, mas procurar nos firmar nas promessas divinas, sem permitir que o amor-próprio reviva. Deus pode estar usando essa situação para extinguir as últimas partículas do nosso amor pelo ego. Se nos preocuparmos com o corpo, começaremos a duvidar; se contemplarmos as promessas

de Deus, chegaremos para mais perto dele, nossa fé crescerá e, por fim, obteremos a cura.

Entretanto devemos ter cuidado para não cair em extremos. A vontade de Deus é que descansemos exclusivamente nele. Contudo, depois que negarmos definitivamente os nossos próprios meios, e confiarmos nele de maneira plena, pode ser do seu agrado que utilizemos alguns recursos naturais para ajudar nosso corpo. Estamos nos referindo a coisas como "um pouco de vinho", que Paulo receitou para Timóteo. Ele possuía um estômago fraco, sendo frequentemente afligido por indisposições. Em vez de repreendê-lo pela falta de fé e por não ter sido curado diretamente por Deus, o apóstolo persuadiu-o a tomar um pouco de vinho, pois isso lhe seria benéfico. O que ele recomenda aí é o uso de um elemento como o vinho que, em si mesmo, é neutro.

Esse acontecimento nos ensina uma lição. É verdade que devemos crer em Deus e depender dele (como Timóteo certamente fez). No entanto não podemos cair em extremos. Se nosso corpo estiver fraco, devemos acatar a direção do Senhor, comendo certos alimentos especialmente nutritivos.

Nessas condições, fortaleceremos nosso corpo pelo consumo desses alimentos. Enquanto não experimentarmos a redenção completa, continuaremos sendo seres humanos que ainda possuem um corpo físico. Desse modo, portanto, devemos estar atentos às necessidades naturais desse corpo.

O consumo de elementos nutritivos não implica anular a fé. Os crentes precisam ter cuidado apenas para não se limitarem ao uso deles, sem a fé em Deus.

É MELHOR SER CURADO

Alguns crentes caíram em extremos. Refiro-me a cristãos naturalmente duros e obstinados, que foram quebrantados pela doença que Deus lhes enviou. Submeteram-se à disciplina divina e se tornaram bondosos, amáveis, mansos e santos. Entretanto a doença foi tão eficaz na transformação de sua vida que eles começaram a apreciar mais a enfermidade do que a saúde, passando a considerá-la como uma enzima para o crescimento espiritual. Já não aspiram à cura. Aceitam com uma resignação incomum toda doença que lhes sobrevém. Argumentam que, se tivessem de ser sarados, Deus interviria curando-os. De acordo com seu entendimento, é mais fácil ser espiritual na doença do que na saúde. Acham que o repouso e o sofrimento os aproximam mais de Deus do que a atividade. Creem que é melhor ficar deitados na cama do que correr de um lado para o outro. Consequentemente, não querem buscar a cura divina. Como poderemos ajudá-los a entender que a saúde é *mais proveitosa* do que a doença? Reconhecemos que é durante a enfermidade que muitos crentes abandonam seus pecados e passam a gozar de uma comunhão mais profunda com Deus. Admitimos que muitos inválidos e enfermos são extremamente santos e espirituais. Contudo precisamos dizer também que muitos cristãos se encontram bastante confusos em várias questões.

Um doente pode ser santo, mas tal santidade é um tanto anormal. Quem sabe se depois de restabelecido e, tendo liberdade de escolha, ele não voltará ao mundo e ao amor a si mesmo? Doente, ele é santo. Com saúde, torna-se mundano. Então ele crê que o Senhor precisa mantê-lo enfermo prolongadamente, a fim de conservá-lo santo. Para ser santo, ele depende da doença! Entendamos, porém, que, para termos uma vida com o Senhor, de modo nenhum precisamos estar restritos à enfermidade. Jamais abriguemos o pensamento de que, se um indivíduo não estiver sob o jugo da doença, não terá forças para glorificar a Deus em suas obrigações diárias. Pelo contrário, ele

deve ser capaz de manifestar a vida do Senhor normalmente no seu viver diário. E muito bom sermos capazes de suportar o sofrimento, mas não será muito melhor podermos obedecer a Deus quando cheios de saúde?

Devemos reconhecer que a cura - a cura divina - é algo que pertence a Deus. Na ânsia de buscar a cura por meio da medicina, naturalmente nos afastamos dele. Por outro lado, quando aspiramos ser curados pelo Senhor, nos aproximamos dele. Quem é curado *por Deus* glorifica-o mais do que quem está sempre enfermo. A doença pode glorificar a Deus, pois lhe oferece uma oportunidade de manifestar seu poder de curar (Jo 9.3). Contudo, como é que alguém que permanece doente por um período muito longo pode glorificá-lo? Quando Deus nos cura, testemunhamos do seu poder e também da sua glória.

O Senhor Jesus nunca ensinou que a doença é uma bênção que seus seguidores devem suportar até à morte. Em nenhum momento ele deu a entender que ela fosse uma expressão do amor do Pai. Ele conclama seus discípulos a tomarem a cruz, mas não permite que o doente permaneça enfermo por muito tempo. O Senhor afirma que devemos sofrer por ele, mas nunca que devemos ficar doentes por ele. O Senhor prediz que neste mundo teremos tribulações, mas não inclui a doença entre elas. Ele suportou profundo sofrimento aqui na Terra, mas nunca ficou doente. Além do mais, toda vez que encontrou alguém enfermo, ele curou. Ele ensina que a doença vem do pecado e do diabo.

Precisamos fazer distinção entre sofrimento e doença. "Muitas são as aflições do justo", observa o salmista, "mas o Senhor de todas o livra. Preserva-lhe todos os ossos, nem um deles sequer será quebrado." (Sl 34.19,20.) "Está alguém entre vós sofrendo?", pergunta Tiago. Então "faça oração" para obter graça e força. O apóstolo continua: "Está

(Sl 13,14) entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja" para que seja curado

Em 1 Coríntios 11.30-32, Paulo analisa essa questão das enfermidades do crente de forma bastante abrangente. A doença é a disciplina de Deus. Se o cristão se dispuser a julgar a si mesmo, Deus afastará a enfermidade. Ele não deseja que os seus fiquem doentes por muito tempo. Nenhuma disciplina é permanente. Removida a causa, desaparece o castigo. "Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, (os crentes tendem a se esquecer dos "depois" de Deus) produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça" (Hb 12.11). Vemos, então, que a disciplina é apenas momentânea. Depois, vem o excelente fruto de justiça. Não devemos interpretar a disciplina de Deus como punição. Estritamente falando, os crentes não são mais julgados. Em 1 Coríntios 11.31, Paulo confirma essa ideia. Não devemos mais pensar de acordo com o conceito de *lei*, como se para cada pecado houvesse uma punição correspondente. O que temos aqui não é um problema judicial, mas familiar.

Voltemos ao proveitoso ensino bíblico a respeito do nosso corpo. O ensinamento de 3 João 2 pode derrubar completamente o conceito errado de alguns. "Amado, acima de tudo, faço votos por tua prosperidade e saúde, assim como é próspera a tua alma." Essa é a oração do apóstolo João, conforme a revelação do Espírito Santo, expressando o pensamento eterno de Deus a respeito do corpo do crente. Deus não quer que seus filhos passem a vida toda doentes, incapazes de servi-lo com diligência. Ele os quer fisicamente saudáveis, assim como a alma deles está saudável. Por isso, podemos concluir, sem sombra de dúvida, que a doença prolongada não é da vontade de Deus. Ele pode nos disciplinar temporariamente, através da doença, mas não tem prazer na

enfermidade demorada.

Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo reafirma que a doença excessivamente prolongada não é da vontade de Deus. Nosso corpo deve estar como o espírito e a alma. O Senhor não se compraz em ver nosso corpo fraco, doente e atormentado pela dor, ao passo que nosso espírito e alma se acham sãos e inculpáveis. Seu propósito é salvar o homem todo, e não apenas parte dele.

A obra do Senhor Jesus revela também a vontade de Deus com respeito à doença, pois ele só fez a vontade do Pai. Na cura do leproso, por exemplo, ele descortina para nós, de modo especial, o coração de Deus para com o doente. O leproso suplicou: "Senhor, se *quiseres*, podes purificar-me". Vemos aqui um homem batendo à porta do céu, perguntando se é a vontade de Deus curar. O Senhor estendeu a mão, tocou-o, e disse: "Quero, fica limpo!" (Mt. 8.2,3.) Com frequência, a cura revela a mente de Deus. Aquele que pensa que Deus está relutante em curar, não conhece a vontade divina. Em seu ministério terreno, o Senhor Jesus "curou *todos* os que estavam doentes" (v. 16 - grifo do autor). Como é que podemos declarar arbitrariamente que ele agora mudou de atitude?

O interesse de Deus para nós hoje é que a vontade divina seja feita na terra assim como é feita no céu (Mt 6.10). A vontade de Deus é realizada no céu, onde não existe enfermidade. Ela é absolutamente incompatível com a doença. Às vezes, os cristãos pedem a cura divina, mas logo perdem a esperança, dizendo em seguida: "Seja feita a vontade do Senhor."

Parece que para eles a vontade do Senhor é sinónimo de doença e morte. Essa atitude é um erro muito grave. Deus não deseja que seus filhos fiquem doentes, embora algumas vezes permita que isso aconteça, para o benefício deles. Seu plano eterno é que seu povo tenha saúde. O fato de não haver doença no céu mostra de maneira absoluta qual é a vontade de Deus.

Se analisarmos bem a fonte das enfermidades, teremos mais um motivo para buscar a cura. Todos os doentes eram "oprimidos do diabo" (At 10.38). Acerca da mulher que estava encurvada, e não podia endireitar-se, o Senhor Jesus disse que Satanás a "trazia presa" (Lc 13.16). Ao curar a sogra de Pedro, ele "repreendeu a febre" (Lc 4.39), da mesma forma que repreendeu os demônios (veja versículos 31 a 41). Lendo o Livro de Jó, vemos que quem causou a doença dele foi o diabo (capítulo 1 e 2). E quem o curou foi Deus (capítulo 42). O espinho que importunava e enfraquecia Paulo era um "mensageiro de Satanás" (2 Co 12.7); mas quem o fortaleceu foi Deus. Quem tem o poder da morte é o diabo (Hb 2.14). Sabemos que a doença culmina com a morte, pois é uma de suas facetas. Assim como Satanás tem o poder da morte, tem também o das doenças, pois aquela nada mais é que o auge do processo de enfermidade.

Essas passagens deixam claro que a doença tem sua srcem no diabo. Deus *permite* que Satanás ataque seus filhos, porque existem pecados na vida deles. Quem se recusa a abandonar o pecado que o Senhor requer que ele deixe, permitindo assim que a enfermidade continue em sua vida, está agindo como se tivesse virado as costas à uma ordenança divina, dando as boas-vindas à doença. Com isso, esse indivíduo se coloca voluntariamente sob a opressão de Satanás. Quem seria tão obtuso a ponto de querer retornar à escravidão, depois de ter obedecido à vontade revelada de Deus? Reconhecendo que a doença procede do diabo, devemos resistir-lhe. Temos de estar cientes de que ela provém do inimigo, por isso não devemos acolhê-la. O Filho de Deus veio para nos libertar, não para nos prender.

Por que Deus não remove nossas enfermidades quando elas já não são necessárias?

Essa é uma pergunta que muitos crentes fazem. Atentemos para o princípio pelo qual o Senhor lida conosco, e que é sempre este: "Seja feito conforme a tua fé" (Mt 8.13). Deus deseja que seus filhos sejam sempre saudáveis, mas permite que continuem doentes por causa da incredulidade e da falta de oração. Se os servos de Deus consentem em ter a doença - ou pior ainda - se a acolhem, como se ela fosse livrá-los do mundo e torná-los mais santos, o Senhor não pode fazer nada a não ser conceder-lhes o que pedem. Muitas vezes, Deus lida com seus filhos de acordo com o que eles podem receber. Ele pode ter grande prazer em curá-los, mas, pelo fato de não orarem com fé, perdem essa dádiva preciosa.

Será que somos mais sábios do que Deus? Devemos ir além daquilo que a Bíblia revela? Embora o quarto do doente possa, muitas vezes, ser como um santuário onde o homem interior se move poderosamente, a enfermidade não é a vontade expressa de Deus, nem o melhor que ele tem para nós. Se seguirmos nossos caprichos emocionais, desprezando a vontade revelada do Senhor, ele nos dará aquilo que desejamos. Muitos crentes, crendo estar sendo muito espirituais, dizem o seguinte:

"Coloco-me nas mãos do Senhor para que ele me cure ou não. Permito-lhe fazer sua vontade."

São essas pessoas que geralmente tomam remédios. Será que isso significa entregar tudo a Deus? Como essa atitude é contraditória! A submissão, nesse caso, é apenas um sinal de letargia espiritual. No íntimo, esses crentes anseiam por ter saúde. Entretanto o simples desejo não basta para que Deus opere. Aceitaram a doença passivamente por tanto tempo que terminam sucumbindo a ela, perdendo toda a coragem de buscar a liberdade. Para eles, o melhor seria que outro cristão cresse em seu lugar, ou então que Deus lhes concedesse a fé necessária para crer. No entanto, se eles não ativarem sua vontade, resistindo ao diabo e apegando-se ao Senhor Jesus, a fé dada por Deus não virá. Muitos estão enfermos sem nenhuma necessidade, simplesmente por não terem forças para lançar mão das promessas divinas.

Então, devemos entender que a bênção espiritual que recebemos pela doença é muito inferior à que obtemos pelo restabelecimento. Se confiarmos em Deus, buscando nele a cura, com certeza continuaremos a andar em santidade depois de curados, a fim de preservar nossa saúde. Quando o Senhor nos torna saudáveis, passa a possuir nosso corpo. A alegria de um novo relacionamento e de uma nova experiência com ele é indescritível, não tanto por causa da cura, mas por causa do novo toque de vida que recebemos. Nessas ocasiões, os crentes glorificam ao Senhor muito mais do que na hora da enfermidade.

Portanto os servos de Deus devem levantar-se e lutar pela cura. Antes, porém, precisamos ouvir o que o Senhor tem a nos dizer através da doença. Depois, com sinceridade de coração, cumpramos tudo aquilo que ele nos revelou. Além disso, entreguemos novamente o corpo ao Senhor. Se pudermos recorrer aos anciãos da igreja que possam nos ungir com óleo (Tg 5.14,15), vamos chamá-los e cumprir a *ordem* das Santas Escrituras. Ou então exercitemos a fé com serenidade, tomando posse da promessa de Deus (Êx 15.26). Deus há de curar-nos.*

Gostaríamos de considerar, diante de Deus, algumas questões a respeito da doença.

1. A RELAÇÃO ENTRE AS DOENÇAS E O PECADO

Antes da queda do homem, não existia nenhuma espécie de enfermidade. A doença surgiu depois que o homem pecou. De modo geral, pode-se dizer que tanto a doença quanto a morte são fruto do pecado, pois pela transgressão de um só homem entraram

no mundo o pecado e a morte (Rm 5.12). A doença, assim como a morte, atingiu a todos os homens. Nem todos pecaram do mesmo modo que Adão; no entanto, por causa da transgressão dele, todos morrem. Onde há pecado há morte também. Entre os dois, está a doença. Esse, portanto, é o ponto comum a todas as enfermidades. Na realidade, porém, existem mais de uma causa dos males que afligem os seres humanos. Algumas doenças brotam do pecado; outras, não. No que diz respeito à *humanidade* como um todo, as doenças não vêm do pecado. Já com relação aos *indivíduos* em particular, o pecado pode ou não ser a causa. Precisamos fazer distinção entre as duas situações. É absolutamente certo que, se não houvesse pecado, não haveria nem morte nem doença. Não havendo morte, obviamente não poderia haver doença. A morte é fruto do pecado, e a enfermidade vem pelo princípio da morte. Mesmo assim, não se pode aplicar esse raciocínio indiscriminadamente a todos os indivíduos. Embora muitos fiquem enfermos por causa do pecado, outros adoecem por razões outras que não o pecado. No que diz respeito à relação entre o pecado e as doenças, devemos fazer uma distinção cuidadosa entre a aplicação dessa relação à humanidade como um todo e sua aplicação aos homens individualmente.

Devemos lembrar que em vários livros do Antigo Testamento, como Levítico e Números, a promessa de Deus era que, se o povo de Israel lhe obedecesse, andasse em seus caminhos, não se rebelasse contra suas leis, e não pecasse contra ele, o Senhor os protegeria de muitas enfermidades. Isso demonstra claramente que várias doenças têm srcem no pecado ou na rebelião contra Deus. Todavia o Novo Testamento revela que algumas enfermidades não são causadas por nenhuma transgressão cometida pelo próprio doente.

Certa vez, Paulo escreveu que entregava a Satanás, para destruição da carne, o homem que tinha pecado, vivendo com a mulher do próprio pai (1 Co 5.4,5). Isso mostra, de modo claro, que algumas enfermidades provêm do pecado. Se o pecado for simples, sua consequência será uma doença. Se for grave, será a própria morte. A julgar pelo que está escrito em 2 Coríntios 7, esse homem só não ficou doente a ponto de morrer porque sua tristeza produziu o arrependimento que o levou à salvação, e não trouxe pesar (2 Co 7.9,10). Paulo pediu à igreja em Corinto para perdoar tal homem (2 Co 2.6,7). Em 1 Coríntios 5, o apóstolo diz para entregar a carne desse homem (não sua vida) a Satanás. Ele devia ficar doente, mas não morrer.

Paulo afirma ainda que os membros dessa igreja, que comiam do pão e bebiam do cálice do Senhor sem discernir o seu corpo, haviam ficado fracos e doentes, e alguns haviam até morrido (1 Co 11.29,30). Isso revela que a desobediência ao Senhor foi a causa da enfermidade deles.

As Escrituras contêm bastantes revelações, provando que muitos (não todos) adoecem por causa de pecado. Desse modo, a primeira atitude que devemos tomar quando doentes é nos examinar para descobrir se pecamos contra Deus. Com isso, muitos vão descobrir que seus males, na verdade, se devem ao pecado. Alguma vez na vida rebelaram-se contra Deus, ou desobedeceram à sua Palavra. Desviaram-se. Assim que se conscientizarem disso, e confessarem esse pecado, a doença desaparecerá. Inúmeros irmãos em Cristo têm passado por experiências desse tipo. Logo depois que, diante de Deus, descobrem a causa da doença, ela vai embora. Esse fenômeno ultrapassa o entendimento da medicina.

A doença não surge necessariamente do pecado; muitas vezes, porém, se srcina nele. Reconhecemos que várias moléstias têm causas naturais. Entretanto não podemos dizer que a causa de toda doença seja natural.

Lembro-me de um irmão, professor de uma faculdade de medicina, que disse o seguinte aos seus alunos:

"Temos encontrado muitas explicações naturais para as doenças. Determinado tipo de bactéria, por exemplo, causa uma doença específica. Nós, os médicos, podemos identificar que tipo de organismo produz essa ou aquela enfermidade. Contudo não sabemos explicar por que, entre pessoas igualmente expostas, algumas são contaminadas, enquanto outras permanecem imunes. Suponhamos, por exemplo, que dez indivíduos entrem no mesmo cômodo simultaneamente, e sejam expostos ao mesmo tipo de bactéria. Deveríamos esperar que os mais fracos fossem contaminados. Todavia pode perfeitamente acontecer que os fracos não adoeçam e os mais fortes, sim. Temos de reconhecer", concluiu ele, "que além das causas naturais existe o controle da Providência."

Pessoalmente, concordo com as palavras desse irmão. Quantas pessoas às vezes adoecem, apesar de tomarem medidas preventivas.

Lembro-me, também, do relato de um de meus colegas sobre sua experiência na Faculdade de Medicina de Pequim. Havia um professor com muitos conhecimentos, mas com pouca paciência. Por isso, nas provas, frequentemente elaborava questões bem simples. Certa vez, ele perguntou por que as pessoas contraíam a tuberculose. Apesar de tratar-se de uma pergunta bastante simples, muitos não conseguiram dar a resposta certa. Alguns responderam que certos indivíduos tinham o bacilo da tuberculose. O professor considerou essa resposta errada, argumentando que a Terra estava cheia de bacilos da tuberculose, mas nem por isso todos possuíam a doença. Somente sob determinadas condições favoráveis, lembrou ele, esses bacilos causam a moléstia. Os bacilos por si só não podem causar a doença. Muitos estudantes se esqueceram de como é importante haver as condições favoráveis. Estejamos cientes, portanto, de que a despeito da presença de muitos fatores naturais, os cristãos só adoecem com a permissão de Deus, dada sob condições apropriadas.

Cremos, sem dúvida nenhuma, que existem explicações naturais para as doenças. Isso já foi provado cientificam ente. Todavia reconhecemos que muitas das moléstias que acometem os cristãos são causadas por pecados cometidos contra Deus, conforme Paulo diz em 1 Coríntios 11. É essencial, portanto, que antes de o doente pedir a cura, deve pedir perdão. Muitas vezes, logo depois de acometidos pela doença, podemos descobrir onde foi que transgredimos contra o Senhor, ou em que fomos desobedientes à sua Palavra. Quando confessamos o pecado e resolvemos o problema, a enfermidade desaparece. De fato, isso é algo extremamente maravilhoso. Desse modo, temos primeiro de entender a relação entre o pecado e as doenças. No que diz respeito à humanidade em geral, a doença advém do pecado. No que se refere ao indivíduo, também, ela pode advir dele.

2. A OBRA DO SENHOR E A DOENÇA

"Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniquidades." (Is 53.4,5.) De todos os textos do Antigo Testamento, o capítulo 53 de Isaías é o mais citado no Novo Testamento. Essa profecia faz referência ao Senhor Jesus Cristo, principalmente como nosso Salvador. No versículo 4, o profeta afirma que ele "tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si". Em Mateus 8.17, a Palavra de Deus declara que isso aconteceu "para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas

doenças". Aqui o Espírito Santo ensina que o Senhor Jesus veio ao mundo para tomar as nossas enfermidades e carregar as nossas doenças. Antes de ser crucificado, ele já havia tomado nossas enfermidades e carregado nossas doenças. Isso quer dizer que, durante seu ministério terreno, o Senhor Jesus fez da cura sua missão e responsabilidade. Ele não somente pregou, mas curou também. Ele pregou as boas novas, e também fortaleceu o fraco, restaurou a mão mirrada, purificou o leproso e levantou o paralítico. Enquanto estava neste mundo, o Senhor Jesus devotou-se à realização de milagres, e também ao ministério da Palavra. Ele andou fazendo o bem, curando os enfermos e expulsando os demônios. O propósito de sua obra foi destruir a doença, que é resultado do pecado. Ele veio para resolver o problema da morte e das enfermidades, e também do pecado.

Muitos crentes conhecem bem o Salmo 103. Eu mesmo gosto bastante de lê-lo. Ali Davi proclama: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga ao seu santo nome." Por que bendizer ao Senhor? "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e não te esqueças de nem um só de seus benefícios." Quais são os seus benefícios? "Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades." (Vv. 1-3.) Desejo que os irmãos compreendam que as doenças acham-se associadas a dois elementos: a morte e o pecado. Dissemos anteriormente que a morte é o resultado do pecado. A doença se acha entre um e a outra. Tanto a enfermidade como a morte surgem do pecado. Nesse salmo, vemos que as enfermidades se acham associadas ao pecado. E por causa dele que existe doença no corpo. Junto com o perdão da nossa iniquidade, vem a cura da doença. O grande problema do corpo é o pecado interior que o acomete exteriormente. Contudo o Senhor Jesus desfaz a ambos.

No entanto, existe uma diferença fundamental entre o tratamento de Deus para com a nossa iniquidade e para com a nossa doença. Por quê? Jesus Cristo carregou nossos pecados em seu corpo na cruz. Será que permanece ainda algum pecado sem perdão? Nenhum, absolutamente, pois a obra de Deus é tão completa que destruiu totalmente o pecado. Já no tocante ao fato de o Senhor Jesus haver tomado nossas enfermidades, e carregado nossas doenças, enquanto estava aqui na Terra, ele não erradicou todas elas. Observemos que Paulo não disse: "Quando peco então estou santificado". O que ele disse foi: "Quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Co 12.10). Portanto Deus trata do pecado de modo completo e ilimitado, enquanto que, com a doença, ele o faz apenas em parte.

Na redenção, Deus trata a enfermidade de modo diferente do pecado. A destruição do pecado é absolutamente ilimitada; já a da doença, não. Timóteo, por exemplo, continuou com o estômago fraco. O Senhor permitiu que seu servo continuasse com essa enfermidade. Portanto, na salvação, Deus erradica o pecado de modo completo, mas não a doença. Alguns cristãos afirmam que o Senhor Jesus trata com o pecado, mas não com a doença. Outros acreditam que o tratamento da doença é tão amplo e abrangente quanto o do pecado. Contudo as Escrituras mostram com toda clareza que o Senhor Jesus trata tanto com o pecado quanto com a doença. Enquanto o tratamento com o pecado é ilimitado; com a doença, é limitado. Devemos contemplar o Cordeiro de Deus tirando *todo* o pecado do mundo. Ele carregou o pecado de todas as pessoas. O problema do pecado, portanto, já está resolvido. Já a doença ainda acomete os servos de Deus.

Nós, porém, afirmamos que entre os filhos de Deus não deveria haver tanta enfermidade, pois o Senhor Jesus já levou sobre si nossas doenças. Sem sombra de dúvida, enquanto Jesus esteve neste mundo, ele se empenhou em curar os enfermos. A cura foi um dos aspectos de seu ministério. A profecia de Isaías 53.4 cumpriu-se em

Mateus 8 e não em Mateus 27. Realizou-se *antes* do Calvário. Se tivesse sido realizada na cruz, ela seria ilimitada. Mas, não. O Senhor Jesus levou sobre si as nossas doenças antes da crucificação. Isso significa que, nesse aspecto, sua obra não apresenta resultados ilimitados, como acontece com nossos pecados, que ele levou até à cruz.

Mesmo assim, inúmeros crentes permanecem doentes porque perderam a oportunidade de serem curados. Não conseguem ver que o Senhor já levou sobre si as nossas enfermidades. E com relação a isso, vamos acrescentar algumas palavras mais. Sempre devemos orar pedindo a cura, a não ser que tenhamos a mesma convicção de Paulo. Ele orou três vezes, mas depois teve certeza de que sua fraqueza permaneceria por ser-lhe útil. Somente depois que ele orou pela terceira vez, quando então o Senhor lhe mostrou claramente que sua graça lhe bastava, e que sua força seria aperfeiçoada, na fraqueza, foi que Paulo a aceitou. Enquanto não tivermos certeza de que Deus quer que levemos nossas fraquezas, devemos pedir com ousadia que ele mesmo as leve, e remova a enfermidade. Não é para ficar doentes que os servos de Deus estão aqui na Terra, mas para glorificar ao Senhor. Se pela doença trouxerem glória a Deus, será ótimo. Contudo nem todas as enfermidades o glorificam. Consequentemente, devemos aprender a confiar no Senhor enquanto doentes, reconhecendo que ele carrega sobre si também a nossa enfermidade. Enquanto ele estava aqui no mundo, curou um grande número de pessoas, e ele é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Entreguemos nossa enfermidade a ele, pedindo-lhe a cura.

3. A ATITUDE DO CRENTE PARA COM A DOENÇA

Toda vez que um cristão adoece, deve primeiro buscar ao Senhor, no intuito de descobrir a causa do mal, sem contudo, abrigar muita ansiedade pela cura. Paulo nos dá um bom exemplo, mostrando que conhecia bem sua fraqueza. Devemos examinar a

nós mesmos para ver se devemos algo ao Senhor, se fizemos algum mal a alguém, se pecamos de alguma forma, se violamos alguma lei natural ou se negligenciamos somos devedores de alguém, se fizemos algum mal natural ou se negligenciamos os alguma obrigação especial. Precisamos entender que quebrar uma lei natural muitas vezes constitui pecado contra Deus, pois foi ele quem as estabeleceu e governa o universo por meio delas. Muitos têm medo de morrer, buscando apressadamente os médicos assim que adoecem. Isso revela que estão ansiosos pela cura. O cristão não deve ter essa atitude. Devemos, primeiro, procurar identificar a causa da doença. Infelizmente, muitos irmãos não possuem paciência nenhuma. No momento em que adoecem, logo procuram um remédio. Parecem estar tão temerosos de perder sua preciosa vida que, ao mesmo tempo em que buscam a Deus, através da oração, pedindo cura, correm a um médico querendo os recursos dele. Isso mostra como estão dominados pelo "eu". E como poderiam estar menos dominados pelo "eu" na doença, se isso é o normal para eles? Aqueles que costumam estar dominados pelo "eu" são os que, assim que adoecem, buscam a cura com ansiedade.

O cristão deve entender que a ansiedade de nada adianta. Ele pertence a Deus, por isso sua cura não é tão simples. Ainda que ele seja curado agora, adoecerá de novo. Primeiro precisa resolver seu problema com o Senhor; o problema do corpo poderá ser resolvido depois.

Devemos nos dispor para aceitar qualquer lição que nos venha pela doença. A razão é que, colocando-nos diante de Deus, resolveremos muitos dos nossos problemas. Descobriremos, por exemplo, que muitas vezes a doença se deve a algum pecado. Depois de confessá-lo, pedindo o perdão, podemos esperar que Deus nos cure. E quem tiver avançado um pouco mais na comunhão com o Senhor, talvez possa descobrir que o problema é fruto de um ataque do inimigo. Ou então que nossa falta de

saúde se deve a uma disciplina de Deus. O Senhor nos corrige por meio da doença para tornar-nos mais santos, mais brandos ou mais maleáveis. Quando colocamos essas questões diante de Deus, podemos descobrir a causa exata de nossa enfermidade. Algumas vezes, o Senhor poderá permitir que recebamos alguma ajuda médica; de outras, porém, ele poderá curar-nos instantaneamente, sem essa ajuda.

Precisamos entender que a cura está nas mãos de Deus. Devemos aprender a confiar naquele que cura. No Antigo Testamento, Deus tem um nome especial: "Eu sou o Senhor, que te sara" (Êx.15.26). Devemos buscá-lo, pois ele será misericordioso para conosco nisso também.

Assim, o primeiro passo do crente ao adoecer é procurar descobrir a causa da enfermidade. Depois, ele pode recorrer aos diversos meios de cura, um dos quais é chamar os presbíteros da igreja para orar e ungi-lo com óleo. Essa é a única ordem na Bíblia a respeito da doença.

"*Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados.*" (Tg 5.14,15.)

Não tenhamos muita pressa em buscar a cura. Primeiro vamos nos colocar diante de Deus. Uma providência que devemos tomar é chamar os "presbíteros" da igreja para ungir-nos com óleo. Isso representa o óleo da Cabeça que flui para nós, membros do corpo. O óleo que a Cabeça recebe desce pelo corpo inteiro. Como membros do corpo de Cristo, podemos esperar que o óleo derramado sobre a Cabeça venha até nós. E onde a vida flui, a doença desaparece. Portanto o propósito da unção é trazer a nós o óleo da Cabeça. É possível que, por causa de alguma desobediência, de pecado ou outra razão, o crente tenha se desligado da circulação do corpo, perdendo a proteção que vem dele. Por isso, precisa chamar os presbíteros da igreja para reintegrá-lo à circulação e ao fluxo da vida do corpo de Cristo. Quando algum membro do nosso corpo físico está enfermo, a vida não pode fluir livremente para ele. O mesmo acontece no corpo de Cristo. Desse modo, a unção com óleo tem por objetivo restaurar esse fluxo. Os presbíteros representam a igreja. Eles ungem o crente em nome do corpo de Cristo, a fim de que o óleo da Cabeça possa voltar a fluir para ele. Então, que o óleo da Cabeça venha sobre aquele membro no qual a vida foi obstruída! Nossa experiência mostra que tal unção pode levantar instantaneamente até alguém que se acha gravemente enfermo.

Alguns já reconheceram que a causa de sua doença é o individualismo. E isso, de fato, pode ser a causa principal. Existem cristãos fortemente individualistas. Fazem tudo por si mesmos, conforme sua própria vontade. Se Deus pesa a mão sobre eles, adoecem, porque não recebem as forças que vêm do corpo de Cristo. Não podemos, de forma nenhuma, achar que tal assunto é simples. As causas das doenças podem ser muitas e variadas. Um crente pode ter uma enfermidade por estar desobedecendo a um mandamento do Senhor, recusando-se a realizar a vontade dele. Outros podem adoecer em consequência de algum pecado em particular. Outros, ainda, sofrem os efeitos do individualismo. Há alguns casos de atitude independente, que Deus ignora e não disciplina. Em outros, porém, ele envia uma doença com o objetivo de corrigir o crente, principalmente se quem toma essa atitude conhece a igreja. Esses, o Senhor não deixa sem a disciplina devida.

É possível também que a enfermidade seja a consequência de um físico enfraquecido. Se alguém profanar o próprio corpo, Deus destruirá esse "templo". Muitos se acham enfermos porque adotam práticas que prejudicam o corpo.

Resumindo, podemos dizer que toda doença tem uma causa. Quando um crente contrai uma enfermidade, deve logo procurar identificar as causas dela. Depois de confessá-las, uma por uma, a Deus, deve chamar os presbíteros da igreja para cumprir a ordenança de confessar os pecados uns aos outros, e orar uns pelos outros. Em seguida, os presbíteros devem ungir o doente com óleo, para que a vida do corpo de Cristo lhe seja restaurada. O influxo da vida nele fará desaparecer a doença. Cremos nas causas naturais, mas temos de afirmar, também, que as espirituais têm maior peso que as naturais. Se cuidarmos das espirituais, a doença desaparecerá por completo.

4. A DISCIPLINA DE DEUS E A DOENÇA

Um maravilhoso fato que observamos na Bíblia é que a cura de um incrédulo é relativamente fácil, já a de um crente, nem tanto. Vemos claramente no Novo Testamento que sempre que um incrédulo buscava o Senhor era imediatamente curado. A cura divina é dada tanto aos crentes quanto aos não-crentes. Todavia a Bíblia fala de alguns crentes que não foram curados. Entre eles, estão Trófimo, Timóteo e Paulo. E esses homens estão entre os mais espirituais. Paulo afirma que deixou Trófimo doente em Mileto (2 Tm 4.20). Além disso, exortou Timóteo a que tomasse um pouco de vinho por causa do seu estômago e das suas frequentes enfermidades (1 Tm 5.23). O próprio Paulo experimentou um espinho na carne, que o fez sofrer muito, e o debilitava bastante (2 Co 12.7). Fosse qual fosse a natureza desse espinho - problema nos olhos ou alguma outra doença - ele maltratava sua carne. Todos sentimos muito desconforto pela simples picada de um espinho num dedo. No caso de Paulo, porém, era um espinho enorme. O incômodo era tão intenso que ele se referiu à sua condição física como fraqueza. Apesar de esses três homens serem crentes extremamente espirituais, nenhum deles foi curado. Esses irmãos tiveram de suportar a doença.

É evidente que as consequências de uma enfermidade diferem bastante dos efeitos do pecado. O pecado não produz nenhum fruto de santidade, já a doença, sim. Quanto mais uma pessoa peca, mais corrupta se torna. A doença, porém, produz o fruto da santidade, porque por ela Deus está aplicando sua disciplina sobre o doente. Sob tais circunstâncias, convém que aprendamos a submeter-nos à poderosa mão de Deus.

Se alguém está enfermo, deve buscar a presença do Senhor, para resolver o problema das causas da doença. Se, depois disso, a mão de Deus continuar pesando sobre ele, deve entender que essa enfermidade tem algum propósito, como, por exemplo, refreá-lo para que não se torne orgulhoso nem libertino. É preciso, então, aceitar a doença e assimilar as lições que ela contém para nós. Se não aprendermos essas lições, a enfermidade não nos trará nenhum proveito. Por si só, a doença não santifica ninguém. Contudo, atentando para as lições que ela ensina, podemos alcançar a santidade. Há casos em que, durante o período da enfermidade, o crente piora espiritualmente, tornando-se ainda mais egocêntrico. É por isso que, nessas ocasiões, precisamos descobrir qual a lição que Deus quer que aprendamos. Temos de ver que proveito podemos extrair dela. Pode ser que a mão de Deus esteja sobre nós para nos manter mais humildes, como aconteceu a Paulo. Disse ele: "... para que não me ensoberbecesse com a grandeza das revelações..." (2 Co 12.7.) Ou pode ser que estejamos praticando um individualismo obstinado que Deus deseja enfraquecer. Qual seria a utilidade da doença, se ela não nos levasse a aprender as lições da fraqueza? Muitos estão doentes em vão, porque jamais aceitam que o Senhor toque em seus problemas específicos, e os resolva.

Não devemos enxergar a doença como algo terrível. Quem é que está no controle dessa situação? É Deus. Por que, então, devemos ficar ansiosos por causa das nossas

enfermidades, como se tudo estivesse na mão do inimigo? Lembremo-nos de que todas as nossas doenças passaram pelo crivo de Deus. Para sermos exatos, é Satanás quem dá srcem a elas; é ele quem torna as pessoas doentes. No entanto os que já leram o livro de Jó entendem que, para isso, ele precisa da permissão de Deus, e tudo está debaixo do mais absoluto controle do Senhor. Sem a permissão divina, Satanás não pode lançar enfermidade em ninguém. É verdade que Deus permitiu que Jó fosse acometido de uma enfermidade, mas observemos que o Senhor não permitiu que o inimigo tocasse em sua vida. Por que, então, quando somos acometidos por uma moléstia, ficamos tão agitados, cheios de desespero, ansiosos para sermos curados, e temos tanto medo de morrer?

É sempre bom ter em mente que as doenças estão nas mãos de Deus. Ele as controla e limita. No caso de Jó, depois que se encerrou seu período de provação, a doença desapareceu, pois já tinha realizado seu propósito nele. "Tendes ouvido da paciência de Jó e vistes que fim o Senhor lhe deu; porque o Senhor é cheio de terna misericórdia e compassivo." (Tg.5.11.) E uma pena que tantos crentes estejam doentes, mas não reconheçam o propósito da doença, nem aprendam sua lição! Todas as enfermidades estão nas mãos do Senhor e vêm a cada um de nós na medida exata de nossa necessidade, para que possamos aprender as lições. Quanto mais cedo aprendermos, mais rápido ficaremos livres delas.

Vamos ser francos. Muitos estão doentes porque amam demais a si mesmos. Se o Senhor não remover esse amor-próprio do coração deles, não poderá usá-los em seu reino. Portanto temos de abandonar o amor-próprio. Alguns não pensam em mais nada, a não ser em si mesmos. O cosmo inteiro parece girar ao redor deles. Eles são o centro da Terra e também do Universo. Dia e noite, estão voltados para si mesmos. Todos existem em função deles. Tudo gira ao seu redor. Até mesmo Deus, nos céus, é para eles; Cristo é para eles; a igreja, também. Como é que o Senhor pode destruir tal egocentrismo? Por que é que algumas doenças são difíceis de curar? Observemos que tais doentes buscam intensamente a compaixão dos outros. Se parassem de desejar essa piedade, sua doença logo desapareceria.

Um fato impressionante é que muitos estão doentes simplesmente porque gostam de tal situação. Quando enfermos, recebem muita atenção e amor de que comumente não desfrutam quando estão com saúde. É muito comum essas pessoas adoecerem só para poder ser amadas. Tais indivíduos precisam de uma repreensão severa. Se estivessem dispostos a receber a correção de Deus nessa questão em particular, logo ficariam curados.

Conheço um irmão que procurava receber amor e atenção de outros o tempo todo. Sempre que lhe perguntavam como estava passando, normalmente respondia queixando-se de seus problemas de saúde. Dava um relatório detalhado de quantos minutos estivera com febre, quanto tempo durara a dor de cabeça, quantas vezes por minuto respirava, e como a batida do seu coração estava irregular. Vivia em constante desconforto. Gostava de falar aos outros sobre seus problemas, para que pudessem se compadecer dele. Não conversava sobre outro assunto a não ser a interminável história de suas doenças. E às vezes ainda queria saber por que Deus nunca o curava.

Reconheço que é difícil falar a verdade, o que às vezes pode nos custar caro. Certo dia, senti-me impulsionado a dizer-lhe, com todo carinho, que sua doença prolongada se devia ao amor que ele tinha por ela. Ele naturalmente negou. No entanto insisti, dizendo que ele tinha medo de que sua enfermidade desaparecesse. Disse-lhe que desejava a compaixão, o amor e o cuidado dos outros, e como não podia obter essas

coisas de outra forma, conseguia-as por meio da doença. Disse-lhe também que ele devia livrar-se desse desejo egoísta, para que Deus pudesse curá-lo. Falei-lhe que, quando alguém lhe perguntasse como estava, devia dizer: "Está tudo bem". Será que estaria mentindo se dissesse isso quando não tivesse passado bem a noite? Nesse caso, ele devia lembrar-se da mulher de Suném. Ela deitou o filho morto na cama do homem de Deus e foi em busca de Eliseu. Quando lhe perguntaram: "Vai tudo bem contigo, com teu marido, com o menino? Ela respondeu: Tudo bem" (2 Reis 4.26). Como podia ela dizer isso, sabendo que a criança já estava morta e deitada sobre a cama de Eliseu? Porque tinha fé. Ela cria que Deus ia ressuscitar seu filho. Assim também o irmão devia crer hoje.

Seja qual for a causa de uma enfermidade, venha ela de dentro ou de fora, ela terminará quando Deus tiver realizado seus propósitos nesse indivíduo. Os casos de Paulo, Timóteo e Trófimo são exceções. Embora eles tivessem experimentado doenças prolongadas, reconheciam que isso era útil para sua obra. Aprenderam a cuidar de si mesmos para a glória de Deus. Paulo persuadiu Timóteo a tomar um pouco de vinho e a ter mais cuidado com o que comia e bebia. A despeito da fragilidade da saúde deles, não negligenciaram a obra de Deus. O Senhor lhes deu graça suficiente para vencer as dificuldades. Paulo trabalhou apesar de sua fraqueza. Lendo seus escritos, podemos facilmente concluir que ele realizou o trabalho de dez homens. Deus usou esse indivíduo fraco para fazer o serviço de mais de dez pessoas sãs. Embora seu corpo fosse frágil, o Senhor lhe deu força e vida. Esses homens, porém, são exceções na Bíblia. Hoje também alguns servos de Deus, em condições especiais, podem receber o mesmo tratamento. Entretanto os crentes em geral, principalmente os iniciantes, devem se examinar para ver se pecaram. Depois de confessar seus pecados, verão suas doenças curadas imediatamente.

Finalmente, precisamos entender, perante o Senhor, que algumas vezes Satanás pode desfechar ataques repentinos contra nós. Ou então nós mesmos, inadvertidamente, podemos violar alguma lei natural. Mesmo que seja esse o caso, podemos levar isso diante do Senhor. Se for um ataque do inimigo, vamos repreendê-lo em nome do Senhor. Certa vez, uma irmã teve uma febre prolongada. Afinal descobriu que se tratava de um ataque satânico. Ela a repreendeu em nome do Senhor. E a febre desapareceu. Se alguém violar uma lei natural, colocando a mão no fogo, por exemplo, ela certamente ficará queimada. Vamos cuidar bem de nós mesmos. Não esperemos adoecer para depois confessar nossa negligência. E importante cuidar bem do corpo constantemente.

5. O MODO DE BUSCAR A CURA

Como é que devemos buscar a cura de Deus? Há três frases no Evangelho de Marcos que precisamos analisar. Considero-as muitíssimo valiosas, pelo menos para mim. A primeira menciona o poder do Senhor; a segunda, a vontade do Senhor; e a terceira, a ação do Senhor.

(a) O poder do Senhor: *Deus pode.* "Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, *se tu podes* alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos. Ao que lhe respondeu Jesus: *Se podes!* Tudo é possível ao que crê." (Mc 9.21-23 - grifo do autor.) O Senhor simplesmente repetiu as duas palavras que o pai da criança havia pronunciado. O pai clamou: "Se podes, ajuda-nos". O Senhor respondeu: "Se podes! Tudo é possível ao que crê". O problema aqui não é "se podes", mas "se podes crer".

Não é verdade que o primeiro problema que temos com uma doença é a dúvida quanto ao poder divino? Olhando a bactéria através de um microscópio, o poder dela parece maior que o poder de Deus. Raramente Jesus interrompia alguém quando a pessoa ainda estava falando. Aqui, porém, ele parece irado (que o Senhor me perdoe por falar assim). Quando ele ouviu o pai da criança dizer: "Se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos", ele bruscamente reagiu dizendo: "Por que dizes *se podes?* Todas as coisas são possíveis ao que crê. Na doença, a questão não é se eu posso, mas se *você crê."*

Portanto a primeira providência que temos de tomar na doença é levantar a cabeça e dizer:

"Senhor, tu podes!"

Vamos recordar o primeiro estágio da cura do paralítico. O Senhor perguntou aos fariseus: "Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?" (Mc.2.9.) Os fariseus naturalmente pensaram que era mais fácil dizer que os pecados estavam perdoados, pois quem poderia provar se estavam ou não? Entretanto as palavras que o Senhor disse e os efeitos delas mostraram-lhes que, além de curar as doenças, ele podia perdoar os pecados. Ele não perguntou o que era mais difícil, mas o que era mais fácil. Para ele, ambos eram igualmente fáceis. Para o Senhor, era tão fácil ordenar ao paralítico que se levantasse e andasse, como perdoar os seus pecados. Para os fariseus, ambos eram difíceis.

(b) A vontade do Senhor: *Deus quer.* Sim, ele realmente pode, mas como posso saber se ele quer? Não conheço a vontade dele. Talvez ele não queira me curar. Vejamos mais uma história encontrada em Marcos. "Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me. Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!" (Mc 1.40,41.)

Por maior que seja o poder de Deus, se ele não quiser curar, seu poder não vai me valer. O primeiro problema a ser resolvido é: Deus pode? E o segundo é: Deus quer? Não existe doença mais impura do que a lepra. Ela é tão impura que a lei estabelecia que qualquer um que tocasse num leproso tornava-se impuro também. E no entanto o Senhor Jesus tocou no leproso e disse-lhe: "Quero". Se ele quis curar o leproso, com mais razão ainda quer curar-nos de *nossas* doenças. Podemos proclamar com ousadia: "Deus pode" e "Deus quer".

(c) A ação do Senhor: *Deus faz.* Há algo mais para Deus fazer. "Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco." (Mc 11.23,24.) Como é que a fé age? A fé crê que Deus pode, que ele quer e que já o fez. Se crermos que recebemos, certamente receberemos. Se Deus nos der sua Palavra, poderemos agradecer-lhe, dizendo:

"Deus me curou; ele já operou a cura!"

Muitos crentes apenas *esperam* ser curados. A esperança vê os fatos no futuro; já a fé as considera no passado. Se realmente crermos, não vamos esperar vinte anos, nem cem anos. Levantamo-nos imediatamente, dizendo:

"Graças a Deus, ele me curou! Graças a Deus, já recebi! Graças a Deus, estou limpo! Graças a Deus, estou bem!"

Uma fé perfeita pode proclamar que Deus pode, que Deus quer e que Deus já

realizou o ato.

A fé opera com o que "*é*", e não com o que "se deseja". Permita-me uma ilustração simples. Suponhamos que pregamos o evangelho para alguém e ele confessa que creu. Perguntamos-lhe, então, se ele está salvo. Se essa pessoa responder que deseja ser salva, sua resposta é inadequada. Se ela disser: "Serei salva", a resposta ainda está incorreta. Mesmo que ela diga: "Tenho certeza de que serei salva", ainda está faltando algo. Se ela responder: "Estou salva", aí sim, está certa. Quem crê está salvo. A fé sempre vê os fatos no passado, isto é, já acontecidos. A fé verdadeira não diz: "Creio que serei curado". Quem crê agradece a Deus e diz: "Recebi a cura".

Guardemos estas três verdades: Deus pode, Deus quer, Deus faz. Quando nossa fé atinge o terceiro estágio, a doença se vai.

3. DEUS A VIDA DO CORPO

Dissemos anteriormente que nosso corpo é o templo do Espírito Santo. O que mais chama nossa atenção com relação a esse assunto é a ênfase especial que o apóstolo Paulo confere ao corpo. A ideia corrente é que a vida de Cristo é para o nosso espírito, mas não para o corpo. Poucos entendem que a salvação do Senhor dá vida ao primeiro (o espírito), e depois alcança o segundo (o corpo). Se fosse da vontade de Deus que seu Espírito vivesse somente em nosso espírito, de modo que só este fosse beneficiado, o apóstolo teria dito apenas que "vosso espírito é o templo de Deus", sem fazer nenhuma menção ao corpo. No entanto precisamos entender que o fato de o nosso corpo ser templo do Espírito Santo significa que ele não é apenas um recipiente de um privilégio especial. Tem também o sentido de que o corpo é um canal de poder eficaz. O Espírito Santo, que habita em nós, fortalece nosso homem interior, ilumina os olhos do nosso coração e torna nosso corpo sadio.

Já observamos também que o Espírito Santo vivifica este nosso corpo mortal. Não é necessário esperar até à morte para ele nos ressuscitar, pois agora mesmo ele confere vida ao nosso corpo. No futuro, ele ressuscitará esse corpo *corruptível.* Hoje mesmo, porém, ele vivifica o corpo *mortal.* O poder da sua vida penetra em cada uma de nossas células, a fim de que possamos experimentar seu poder e sua vida em nosso corpº.

Não precisamos considerar este nosso invólucro como uma triste prisão, pois podemos ver a vida de Deus manifesta nele. Podemos experimentar, no presente, de maneira mais profunda, esta declaração: "Logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim" (Gl 2.20). Cristo tornou-se agora nossa fonte de vida. Hoje ele vive em nós da mesma maneira que antes viveu na carne. Assim podemos compreender de maneira plena o significado de suas palavras: "Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Essa vida mais abundante é suficiente para suprir todas as necessidades do nosso corpo. Paulo exorta a Timóteo a tomar "posse da vida eterna" (1 Tm 6.12). Certamente, Timóteo aí não está necessitando da vida eterna para sua salvação. Não é essa vida que Paulo, nesse capítulo, chama de a "verdadeira vida" (v.19)? Ele não está instando com Timóteo para experimentar a vida eterna no presente, no sentido de vencer cada manifestação da morte?

Desde já queremos dizer aos nossos leitores que não perdemos de vista o fato de que nosso corpo é realmente mortal. Mesmo assim nós, que somos do Senhor, podemos em verdade possuir o poder daquela vida que "devora" a morte. Em nosso corpo, existem duas forças em ação: a morte e a vida. De um lado, está o desgaste natural que nos conduz para a morte. Do outro, está o reabastecimento que fazemos através do alimento e do descanso, que sustentam a vida. Ora, o desgaste excessivo enfraquece o corpo, porque a força da morte é muito grande. Contudo um suprimento excessivo também dá sinais de congestão, pois a força da vida é forte demais. A melhor atitude é manter essas duas forças em equilíbrio. Além disso, precisamos compreender que o cansaço físico que os crentes muitas vezes experimentam é, em diversos aspectos, bem distinto do das pessoas comuns. O desgaste dos cristãos não é apenas físico. Como eles andam com o Senhor, levam as cargas uns dos outros, têm compaixão dos irmãos, trabalham para Deus, intercedem diante dele, combatem as potestades das trevas e esmurram seu corpo para subjugá-lo, o alimento e o descanso não são suficientes para operar a reposição das energias perdidas. Em parte, isso explica por que muitos crentes, que antes de serem chamados para servir a Deus eram saudáveis, pouco depois tornaram-se fisicamente débeis. Nossas forças físicas não se acham à altura das exigências da vida, da obra e da batalha espiritual. O combate contra o

pecado, contra os pecadores e contra os espíritos malignos minam nossa vitalidade. Os recursos naturais apenas não bastam para suprir nossas necessidades físicas. Precisamos depender da vida de Cristo, pois somente ela pode sustentar-nos. Se confiarmos no alimento material, na nutrição e nos remédios, estaremos cometendo um erro grave. Somente a vida do Senhor Jesus satisfaz mais do que suficientemente todas as necessidades físicas da nossa vida, do serviço cristão e da batalha espiritual. Só ele nos concede a vitalidade necessária para atacarmos o pecado e Satanás. Assim que o crente entende o que é a batalha espiritual, e aprende a lutar em espírito com o inimigo, começa a reconhecer o grande valor do Senhor Jesus como vida para seu corpo.

Todo crente precisa enxergar com clareza que está unido com o Senhor. Ele é a videira, e nós, os ramos. Assim como os ramos estão unidos ao tronco, assim também estamos unidos com o Senhor. Unidos ao tronco, os ramos recebem o fluxo da vida da planta. Nossa união com o Senhor produz os mesmos resultados. Entretanto, se acharmos que essa união se limita ao espírito, a fé se levantará para protestar. Como Deus nos chama para mostrar ao mundo a realidade da nossa união com Cristo, ele quer que creiamos nesses fatos e recebamos o fluxo de sua vida para o nosso espírito, alma e corpo. Se nossa comunhão for cortada, nosso espírito certamente perderá a paz, e o corpo não terá saúde. Se permanecermos em Cristo, a vida dele estará continuamente enchendo nosso espírito e fluindo para o nosso corpo. Se não participarmos da vida do Senhor Jesus, não poderemos receber cura nem saúde. Deus deseja que seus filhos hoje experimentem uma união mais profunda com o Senhor Jesus.

Devemos reconhecer, então, que os fenômenos que ocorrem em nosso *corpo* são de natureza espiritual. A cura divina e o aumento de nossas forças são experiências espirituais, e não apenas físicas, embora aconteçam no corpo. Na verdade, tais experiências são a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo mortal. Primeiro, a vida do Senhor ressuscitou nosso espírito que estava morto. Agora ela vivifica nosso corpo mortal. Deus quer que deixemos a vida ressurreta, gloriosa e vitoriosa de Cristo manifestar-se em cada parte do nosso ser. Ele nos conclama a renovar nosso vigor por intermédio de Cristo, diariamente e a cada hora. Isso é que é a verdadeira vida. Nosso corpo ainda está animado pela vida da alma natural. Apesar disso, já não vivemos por ela. Isso se dá porque confiamos na vida do Filho de Deus, que infunde energia em nossos membros de forma muito mais abundante do que a alma poderia comunicar. Damos grande ênfase a essa "vida". Em todas as nossas experiências espirituais, essa "vida" misteriosa, mas maravilhosa, entra em nós abundantemente. Deus quer que a vida de Cristo venha a ser nossa força.

A Palavra de Deus é a vida do nosso corpo: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Isso prova que a Palavra de Deus é capaz de sustentar nosso corpo. Falando naturalmente, o homem vive de pão, mas quando a Palavra de Deus emite seu poder, podemos viver por ela também. Contemplamos, aqui, as duas maneiras de viver: a natural e a sobrenatural. Deus não diz que de agora em diante não precisamos comer. Ele simplesmente revela que sua Palavra pode conceder-nos uma vida que não provém do alimento. Quando o alimento não consegue produzir o efeito desejado em nosso corpo, sua Palavra pode dar-nos aquilo de que precisamos. Alguns vivem só de pão; outros, pelo pão *e* pela Palavra de Deus. O pão às vezes falha; a Palavra de Deus, nunca.

Deus coloca sua vida na Palavra. Como ele é vida, assim também é a sua Palavra. Se considerarmos a Palavra de Deus como um ensinamento, credo ou padrão moral, ela

não terá muita eficácia em nós. Não. Temos de "digerir" a Palavra de Deus, para que se incorpore ao nosso ser da mesma forma que o alimento. O cristão que tem fome, recebe-a como a um alimento. Se a recebermos com fé, ela se torna nossa vida. Deus declara que sua Palavra pode suster nossa vida. Quando não temos o alimento natural, podemos crer no que Deus diz acerca de sua Palavra. Assim, nós o conheceremos, não apenas como vida para o nosso espírito, mas também para o corpo. Os cristãos de hoje perdem muito, por não reconhecerem a abundância de provisões que Deus tem para o nosso "tabernáculo" terreno. Achamos que as promessas de Deus se limitam ao espírito (interior), ignorando o fato de que elas se aplicam também à carne (exterior). Será que ainda não compreendemos que nossas necessidades físicas não são inferiores às espirituais?

AS EXPERIÊNCIAS DOS HOMENS DE DEUS DO PASSADO

Deus não quer que seus filhos sejam fracos. Sua vontade expressa é que eles sejam robustos e sadios. Sua Palavra afirma: "... e, como os teus dias, durará a tua paz" (Dt 33.25). Naturalmente, isso se aplica ao corpo. Enquanto vivermos na Terra, o Senhor promete dar-nos força. Se Deus nos der um dia a mais de vida, providenciará também o vigor extra para aquele dia. Como seus filhos não reivindicam, pela fé, essa preciosa promessa, acabam descobrindo que sua vitalidade não corresponde aos seus dias aqui neste mundo. Deus promete tornar-se a força de seus filhos, a fim de dar-lhes a energia de que precisam no tempo de vida que ele lhes concede. Assim como o Senhor vive e nós também vivemos, dessa maneira será a nossa força. Crendo nas promessas divinas, a cada manhã, quando nos levantarmos e contemplarmos o amanhecer, poderemos afirmar que, assim como Deus vive, nós também receberemos capacitação, tanto física como espiritual, para aquele dia.

Os homens de Deus do passado sabiam que o Senhor era a força do seu corpo. Experimentavam a vida de Deus em si. O primeiro em quem vemos isso é Abraão: "E, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara" (Rm 4.19). Pela fé, ele gerou Isaque. O poder de Deus manifestou- se num corpo quase morto. O ponto crucial da questão aqui não é tanto a condição do nosso corpo, mas sim o poder de Deus operando nele.

Dizem as Escrituras que Moisés tinha "a idade de cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escureceram os olhos, nem se lhe abateu o vigor" (Dt 34.7). Sem sombra de dúvida, a Bíblia está falando aqui sobre o poder da vida de Deus no corpo de Moisés.

A Bíblia menciona também a condição física de Calebe. Depois que os israelitas entraram em Canaã, Calebe testemunhou:

"Então, Moisés, naquele dia, jurou, dizendo: Certamente, a terra em que puseste o pé será tua e de teus filhos, em herança perpetuamente, pois perseveraste em seguir o Senhor, meu Deus. Eis, agora, o Senhor me conservou em vida, como prometeu, quarenta e cinco anos, há desde que o Senhor falou esta palavra a Moisés, andando Israel ainda no deserto; e, já agora, sou de oitenta e cinco anos. Estou forte ainda hoje como no dia em que Moisés me enviou; qual era a minha força naquele dia, tal ainda agora para o combate, tanto para sair a ele como para voltar." (Js 14.9-11.)

Conforme Deus havia prometido, tornou-se a força desse homem que o seguiu com inteireza de coração. Desse modo, mesmo passados quarenta e cinco anos, seu vigor não diminuiu.

Lendo o livro de Juizes, tomamos conhecimento das proezas físicas de Sansão. É verdade que ele cometeu muitos atos imorais, e que o Espírito Santo talvez não queira comunicar força tão descomunal a todo crente. Contudo um fato é certo: se confiarmos no Espírito Santo, veremos que ele, com seu poder, supre todas as nossas necessidades diárias.

Pelos cânticos de Davi, registrados no livro de Salmos, podemos verificar que o poder de Deus estava em seu corpo. Observemos as seguintes passagens:

"*Eu te amo, ó Senhor, força minha. O Deus que me revestiu de força e aperfeiçoou o meu caminho, ele deu a meus pés a ligeireza das corças e me firmou nas minhas alturas. Ele adestrou as minhas mãos para o combate, de sorte que os meus braços vergaram um arco de bronze.*" (18.1,32-34.)

"*O Senhor é a fortaleza da minha vida; a quem temerei?*" (27.1.)

"*O Senhor dá força ao seu povo.*" (29.11.)

"*Reúne, ó Deus, a tua força, força divina que usaste a nosso favor... o Deus de Israel, ele dá força e poder ao povo.*" (68.28,35.)

"*Quem farta de bens a tua velhice, de sorte que a tua mocidade se renova como a da águia.*" (103.5.)

Existem outros salmos que também revelam que
Deus se tornou força para seu próprio povo. Alguns desses são: "Ainda que a minha carne e o meu coração desfaleçam, Deus é a fortaleza do meu coração e a minha herança para sempre" (73.26). "Bem-aventurado o homem cuja força está em ti" (84.5). "Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação" (91.16).

Eliú falou a Jó sobre a disciplina de Deus e seus resultados:
"*Também no seu leito é castigado com dores, com incessante contenda nos seus ossos; de modo que a sua vida abomina o pão, e a sua alma, a comida apetecível. A sua carne, que se via, agora desaparece, e os seus ossos, que não se viam, agora se descobrem. A sua alma se vai chegando à cova, e a sua vida, aos portadores da morte. Se com ele houver um anjo intercessor, um dos milhares, para declarar ao homem o que lhe convém, então, Deus terá misericórdia dele e dirá ao anjo: Redime-o, para que não desça à cova; achei resgate. Sua carne se robustecerá com o vigor da sua infância, e ele tornará aos dias da sua juventude.*" (Jó 33.19-25.)

Vemos aí como a vida de Deus pode manifestar-se em alguém que está às portas da morte.

O profeta Isaías também dá testemunho a esse respeito:

"*Eis que Deus é a minha salvação; confiarei e não temerei, porque o Senhor Deus é a minha força e o meu cântico; ele se tornou a minha salvação.*" (Is 12.2.)

"*Faz forte ao cansado e multiplica as forças ao que não tem nenhum vigor. Os jovens se cansam e se fatigam, e os moços de exaustos caem, mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.*" (Is 40.29-31.)

Todo esse vigor se manifesta no nosso corpo, pois o poder de Deus é gerado naqueles que nele esperam.

Quando Daniel teve as visões de Deus, disse: "... e não restou força em mim; o meu rosto mudou de cor e se desfigurou, e não retive força alguma" (10.8). Entretanto Deus enviou seu anjo para que Daniel recuperasse as forças. Registrando esse

acontecimento, o profeta escreveu: "Então, me tornou a tocar aquele semelhante a um homem e me fortaleceu; e disse: Não temas, homem muito amado! Paz seja contigo! Sê forte, sê forte. Ao falar ele comigo, fiquei fortalecido e disse: fala, meu senhor, pois me fortaleceste" (10.18,19). Mais uma vez, vemos Deus comunicando força ao nosso corpo.

Precisamos entender que o Senhor cuida do nosso corpo ainda hoje. Ele não é força apenas para nosso espírito, mas também para o corpo. Mesmo nos tempos do Antigo Testamento, quando a graça ainda não se tinha manifestado como hoje, os homens de Deus conheceram que o Senhor era a força de sua carne. Será que nossa bênção hoje deve ser menor que a deles? Devemos experimentar, no mínimo, o mesmo vigor do poder divino que eles conheceram. Quem não estiver bem informado a respeito das riquezas de Deus, talvez possa limitar suas bênçãos ao espírito. Os que têm fé, porém, não limitarão a vida e o poder divinos ao espírito, negligenciando o fato de que eles se aplicam também ao corpo.

Queremos ressaltar que a vida de Deus é poderosa não apenas para curar enfermidades, mas também para nos preservar com força e saúde. Como Deus é nossa força, ele nos capacita a vencer tanto as doenças quanto as fraquezas. Quando ele cura alguém, não é para depois essa pessoa continuar vivendo por sua energia natural. *Deus* deve ser a energia do nosso corpo, para que possamos viver por meio dele, buscando nele forças para realizarmos sua obra. Quando os israelitas deixaram o Egito, Deus lhes fez a seguinte promessa: "Se ouvires atento a voz do Senhor, teu Deus, e fizeres o que é reto diante dos seus olhos, e deres ouvido aos seus mandamentos, e guardares todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre ti, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o Senhor, que te sara" (Êx 15.26). Mais tarde, no Salmo 105, encontramos essa promessa totalmente cumprida. Diz ali: "... e entre as suas tribos não havia um só inválido" (v. 37). Portanto precisamos entender que a cura divina compreende a cura das enfermidades e também sua prevenção, para que possamos permanecer vigorosos. Se nos entregarmos totalmente a Deus, não resistindo em nada à sua vontade, e recebendo pela fé sua vida e seu poder para nosso corpo, também nós provaremos a realidade da cura divina.

A EXPERIÊNCIA DE PAULO

Se aceitarmos o ensinamento bíblico de que nosso corpo é membro de Cristo, teremos de reconhecer que a vida de Cristo flui nele. A vida de Cristo flui da Cabeça para o corpo, comunicando-lhe energia e vitalidade. Nosso corpo é membro *de Cristo,* por isso a vida do corpo dele flui naturalmente para o nosso. Todavia precisamos nos apropriar disso pela fé. Iremos experimentar essa vida na medida da fé que exercitarmos para recebê-la. As Escrituras ensinam que podemos tomar posse da vida do Senhor Jesus para beneficio do nosso corpo, mas isso requer fé. Muitos cristãos, ao receber tal ensino, inicialmente ficam muito surpresos. Entretanto não podemos diluir algo que a Palavra ensina claramente. Estudando a experiência de Paulo, verificamos o quanto esse ensinamento é precioso e real.

Paulo falou de um espinho na carne, referindo-se à sua condição física. Três vezes, ele rogou ao Senhor que o removesse. Mas Deus lhe respondeu: "A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza". E o apóstolo, respondendo, disse: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas, para que sobre mim repouse o poder de Cristo... Porque, quando sou fraco, então, é que sou forte" (2 Col2.9,10). Não precisamos procurar saber o que era esse espinho. A Bíblia não explica. Um fato, porém, é certo: esse espinho causou o enfraquecimento do corpo de Paulo. A "fraqueza" aqui mencionada é de natureza física. O mesmo termo é usado em Mateus

8.17. Os coríntios estavam bem familiarizados com a fragilidade física de Paulo (2 Co 10.10). O próprio apóstolo reconhece que, quando esteve com eles a primeira vez, achava-se fisicamente fraco (1 Co 2.3). E de modo algum podemos atribuir essa debilidade a uma falta de poder espiritual, pois as duas cartas aos coríntios revelam que o apóstolo possuía um extraordinário vigor espiritual.

Essas poucas passagens são suficientes para revelar a condição física de Paulo. Seu corpo era muito fraco, mas será que ele permaneceu assim muito tempo? Não, pois ele afirma que o poder de Cristo repousou sobre ele e o fortaleceu. Observamos aqui uma "lei de contrastes". Tanto o espinho como a fraqueza resultante dele continuaram em Paulo. Todavia o poder de Cristo inundou seu corpo frágil e lhe deu forças para enfrentar cada uma de suas necessidades. O poder de Cristo contrastava com a fraqueza de Paulo. Esse poder não afastou o espinho, nem eliminou a fraqueza, mas permaneceu em Paulo, habilitando-o a enfrentar qualquer situação que estivesse acima da capacidade do seu corpo enfraquecido. Podemos comparar essa experiência a um pavio que, embora em chamas, não se consome por estar saturado de óleo. O pavio continua frágil, mas o óleo lhe comunica tudo o que o fogo tira dele.

Desse modo, compreendemos o princípio segundo o qual a vida de Deus deve dar-nos capacitação física. A vida divina não transforma a natureza do nosso corpo fraco e mortal: ela simplesmente lhe comunica tudo de que ele precisa. No que dizia respeito à condição física de Paulo, ele era, sem sombra de dúvida, o mais fraco. Contudo, devido ao poder de Cristo que ele possuía, era o mais forte de todos. Sabemos que ele trabalhou dia e noite, "gastando" sua vida e energia no serviço cristão, realizando uma obra que muitos homens fisicamente fortes não poderiam realizar. Como é então que um homem fraco como Paulo podia levar avante tal obra? Se seu corpo mortal não fosse vivificado pelo Espírito Santo, isso não poderia acontecer. Não há dúvida de que Deus comunicou força ao corpo de Paulo.

E como foi que Deus fez isso? Em 2 Coríntios 4, Paulo estava falando sobre seu corpo, quando disse que ele e os que com ele estavam traziam "sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo. Porque nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal" (vv. 10,11). Quando comparamos os versículos 10 e 11, observamos algo que chama nossa atenção. Temos aí uma redundância, mas não uma repetição. O versículo 10 fala sobre a vida de Jesus manifestando-se em nosso corpo. Já o 11 fala sobre essa vida manifestando-se em nossa *carne mortal*. Muitos crentes são capazes de expressar a vida de Cristo em seu corpo, mas não chegam ao ponto de expressá-la também em sua carne mortal. Existe aí uma profunda diferença. Muitos cristãos, quando adoecem, mostram-se obedientes e dotados de paciência, sem reclamar nem demonstrar ansiedade. Sentem a presença do Senhor e revelam as virtudes dele em seu rosto, em seus atos e na sua linguagem. Através do Espírito Santo, manifestam genuinamente a vida de Cristo em seu corpo. Entretanto não tomam conhecimento do poder curador do Senhor Jesus. Parece que não sabem que a vida de Cristo aplica-se também ao corpo. Não exercitam a fé para receber a cura do corpo, como o fizeram anteriormente para receber o perdão dos seus pecados e a vivificação do seu espírito morto. Por isso, acham-se impotentes para manifestar a vida de Jesus em sua carne *mortal*. Recebem graça para suportar a dor, mas não para receber a cura. Experimentaram o versículo 10, porém continuam sem provar o 11.

Como é que Deus nos cura e nos fortalece? Pela vida de Jesus. Isso é muito importante. Quando nossa carne mortal é revitalizada, a natureza do nosso corpo não

muda, isto é, não se reveste de imortalidade; permanece a mesma. Contudo a vida que comunica vitalidade ao corpo *muda.* Antes, vivíamos pelo poder da nossa vida natural. Agora, vivemos pela energia da vida sobrenatural de Cristo. O poder da sua ressurreição sustenta nosso corpo, por isso recebemos a capacidade de realizar as tarefas que nos foram atribuídas.

O apóstolo não dá a entender que, como passou a viver pela vida do Senhor, jamais voltaria a ser fraco. De modo nenhum! Toda vez que ele deixasse de experimentar a cura pelo poder de Cristo, iria enfraquecer. Podemos perder a manifestação da vida do Senhor Jesus em nosso corpo por causa do pecado, da negligência ou de uma atitude de independência. Algumas vezes, podemos nos tornar fracos pelo ataque das potestades das trevas, contra as quais avançamos com ousadia. Podemos, ainda, sofrer aflições por causa do corpo de Cristo, se estivermos profundamente envolvidos com ele. Contudo tais coisas acontecem somente a pessoas profundamente espirituais. De qualquer forma, temos certeza de que, por mais que estejamos fracos, a vontade de Deus não é que sejamos inválidos nem incapacitados para o seu trabalho. O apóstolo Paulo estava sempre fraco, mas a obra de Deus nunca sofreu por causa da sua fraqueza. Reconhecemos a soberania absoluta do Senhor, mas os cristãos não podem usar isso como desculpa para serem fracos.

Trazendo "sempre no corpo o morrer de Jesus" constitui a base para que "também a sua vida se manifeste em nosso corpo". Em outras palavras, devemos renunciar totalmente à nossa própria vida, para que a vida de Jesus se manifeste em nosso corpo. Isso revela que existe uma relação íntima entre um viver espiritual não egocêntrico e um corpo sadio. O poder divino é usado exclusivamente para o Senhor. Quando Deus manifesta sua vida em nosso corpo, ele o faz por causa da sua própria obra. O Senhor nos concede sua vida e força, mas não para que as gastemos egoisticamente. Ele não nos dá sua energia para que a desperdicemos, nem tampouco para que realizemos nossos propósitos. Como Deus irá conceder-nos esse poder, se não vivermos inteiramente para ele? E exatamente essa a razão pela qual não obremos a resposta de muitas das nossas orações. Muitas vezes, os crentes almejam ter saúde e vitalidade apenas para o seu bem-estar. Buscam a força de Deus para seu corpo, mas somente para desfrutar de uma vida mais confortável, alegre e aprazível. Desejam a capacitação para se moverem livremente, sem qualquer impedimento. É por isso que ainda estão fracos. Deus não vai nos conceder sua vida para que a usemos segundo nossos próprios desejos. A realidade é que assim viveríamos ainda mais para nós mesmos, com um prejuízo maior para a vontade de Deus. O Senhor espera hoje que seus filhos renunciem ao *seu eu,* para depois conceder-lhes o que estão buscando.

Que é que significa a expressão "o morrer de Jesus"? É a vida do Senhor que está sempre entregando seu eu à morte. O viver do nosso Senhor sempre foi caracterizado pela autonegação. O Senhor Jesus, durante toda a sua vida, e até à sua morte, não fez nada por si mesmo, apenas realizou a obra do seu Pai. Agora o apóstolo ensina que, assim que ele permitiu essa operação do morrer de Jesus em seu corpo, a vida de Cristo também se manifestou em sua carne mortal. Será que estamos aptos a receber esse ensinamento? Deus está agora esperando aqueles que estão dispostos a aceitar "o morrer de Jesus", para que ele possa viver no corpo deles. Quem hoje está disposto a seguir inteiramente a vontade de Deus? e a deixar de viver segundo seu próprio entendimento? Quem se dispõe a atacar corajosa e incessantemente as potestades das trevas por amor ao Senhor? Quem se recusa usar o próprio corpo como meio de alcançar o sucesso? A vida do Senhor Jesus vai se manifestar no corpo dos cristãos que responderem afirmativamente a essas perguntas. Se assumirmos essa "morte", Deus se

encarregará do resto. Se lhe oferecermos nossa fraqueza, ele nos dará sua força.

O PODER NATURAL E O PODER DE JESUS

Quem já se ofereceu totalmente a Deus pode crer que ele lhe preparou um corpo. Sempre imaginamos como seria bom se pudéssemos decidir a respeito do modo como fomos feitos. Nosso maior desejo é que nosso corpo não tivesse tantos problemas inatos, mas que possuísse maior resistência, para que pudéssemos viver mais tempo, sem dor e sem doença. Contudo Deus não nos consultou a respeito disso. Ele sabe melhor do que nós o que devemos ter. Também não devemos julgar nossos antepassados pelas faltas e pecados que eles cometeram. Nem devemos duvidar do amor e da sabedoria de Deus. Tudo o que concerne a nós foi determinado antes da fundação do mundo. Deus realiza sua boa vontade mesmo neste nosso corpo de dor e morte. E o propósito dele não é que abandonemos este corpo, como se ele fosse uma carga pesada. Pelo contrário, ele nos aconselha a tomar posse de um *novo* corpo, através do Espírito Santo que em nós habita. Seja qual for o corpo que Deus nos tenha dado, o certo é que ele possui limitações e perigos, dos quais o Senhor tem plena ciência. Através das experiências dolorosas, porém, ele quer que venhamos a desejar um novo corpo, para que não mais vivamos pelo poder *natural que possuímos,* mas pelo poder de Deus. Assim podemos trocar nossa fraqueza pela força divina. Embora nosso corpo não tenha sido ainda transformado, a vida pela qual ele vive já é uma nova vida.

O Senhor tem prazer em encher do seu poder cada nervo, cada vaso capilar e cada célula do nosso corpo. Ele não transforma nossa natureza debilitada numa natureza vigorosa. Tampouco nos dispensa uma grande quantidade de força para que a estoquemos. Ele quer ser vida para nossa carne mortal, a fim de que vivamos por meio dele *cada momento* de nossa vida. Talvez alguns pensem que ter o Senhor Jesus como a vida do nosso corpo signifique que Deus nos concede poder físico em abundância, de modo que não venhamos jamais a sofrer nem a ficar doentes. Contudo não foi essa, evidentemente, a experiência do apóstolo, pois ele declara de modo categórico que "nós, que vivemos, somos sempre entregues à morte por causa de Jesus, para que também a vida de Jesus se manifeste em nossa carne mortal". O corpo de Paulo era habitualmente fraco, mas a força do Senhor Jesus fluía para ele de maneira contínua. Ele vivia cada instante pela vida do Senhor. Aceitá-lo como a vida do nosso corpo exige um *permanente exercício de confiança.* Por nós mesmos, não podemos enfrentar situação nenhuma, em tempo nenhum. Entretanto, confiando permanentemente no Senhor, recebemos a cada momento toda a força de que precisamos.

É esse o sentido do que Deus diz através de Jeremias: "A ti, porém, eu te darei a tua vida como despojo, em todo lugar para onde fores" (45.5). Não devemos nos considerar salvos e seguros por causa da nossa própria força. Pelo contrário, temos de entregar todo nosso fôlego à vida do Senhor. Só assim encontraremos segurança, porque somente ele vive para sempre. Não possuímos nenhuma *reserva* de poder que nos capacite a nos mover segundo nossa própria vontade. A cada momento estamos precisando da força que vem do Senhor. O que recebemos num determinado momento é bom para essa ocasião. Não existe a possibilidade de guardarmos um pouquinho para depois. Assim é a vida completamente unida ao Senhor, que vive na dependência exclusiva dele. "Eu vivo pelo Pai, também quem de mim se alimenta por mim viverá." (Jo 6.57.) E exatamente nisso que reside o segredo dessa vida. Se pudéssemos viver sem a vida que o Senhor nos concede, renegaríamos esse espírito de dependência total e viveríamos segundo nossa própria vontade! Desse modo, estaríamos agindo conforme as pessoas do mundo, e desperdiçando nossas forças. Deus quer que a nossa confiança nele e

nosso senso de dependência dele sejam constantes. Da mesma maneira que o povo de Israel tinha de colher o maná diariamente, nosso corpo também deve viver por meio da força de Deus a cada momento.

Vivendo assim, não estaremos limitando nossa obra, pois não a estaremos realizando em nossa própria força. Tampouco jamais ficaremos ansiosos por causa do corpo. Como essa é a vontade de Deus, devemos encher-nos de coragem e viver dessa maneira, mesmo que a sabedoria humana ache isso arriscado. O Senhor é a nossa força, e estamos apenas esperando que ele nos envie. Em nós mesmos não temos poder para realizar nenhuma tarefa. Todavia nossos olhos estão voltados para o Senhor. Em nós mesmos, achamo-nos totalmente incapazes. Contudo, através dele, sairemos e venceremos. Ah, quantos de nós nos consideramos por demais poderosos em nós mesmos! Não aprendemos a não confiar em nossa força, para passarmos a confiar nele. A força do Senhor se aperfeiçoa em nossa fraqueza. Quanto mais reconhecermos que somos incapazes, mais o seu poder se manifestará. Nossa própria força jamais pode cooperar com o Senhor. Se tentarmos empregar nossas forças para reforçar a dele, nada colheremos, senão derrota e vergonha.

O Senhor exige total confiança nele. Por isso, não devemos aplicar esse tipo de atitude apenas às nossas fraquezas naturais, mas também aos nossos pontos positivos. É claro que alguns cristãos estão gozando de saúde e robustez física. Talvez estes estejam pensando que só precisam buscar essa experiência de dependência do Senhor quando estiverem fracos. Isso é um engano. O fato é que tanto aquele que naturalmente é fraco como o que é forte necessitam da vida de Deus. Ao Senhor não interessa nada que tenhamos recebido na velha criação. Se os crentes se dispusessem a receber toda a instrução do Senhor, abririam mão de sua própria força para aceitar a de Deus, mesmo que o corpo deles fosse forte e não aparentasse precisar da vida divina. Isso não significa fazer uma opção voluntária pela fraqueza. Pelo contrário, trata-se de descrer de nossa própria força, como descremos de nossos próprios talentos. Tal consagração nos livra de nos exaltarmos a nós mesmos, o que fazemos quando nosso serviço se baseia na energia natural (o que é um mal de muitos servos do Senhor). Atuando pela força de Deus, eles não terão coragem de ir além daquilo que ele ordena. Já sem a força que vem do Senhor, eles vão agir como os fracos, não ousando dar nem um passo sequer. Agirão como se fossem naturalmente fracos, isto é, evitarão trabalhar demais, e viver descuidadamente.

Nessa vida consagrada, é imperativo que o "eu" fique sob o controle do Espírito Santo; caso contrário, certamente seremos derrotados. Alguns crentes de fato admiram uma vida de autonegação, mas não conseguem desistir completamente de agir por suas próprias forças. Desse modo, não levam em conta os propósitos de Deus, atuando de acordo com seus próprios desejos. Podem granjear temporariamente a admiração dos homens, mas, por fim, seu corpo entrará em colapso. A vida de Deus jamais se torna escrava da vontade do homem. Uma obra, que não provenha da vontade divina, nunca terá a força do Senhor para sua realização. Se começarmos a agir fora dos propósitos de Deus, descobriremos que a vida divina irá nos faltar, e que nosso corpo frágil é que terá de realizar as tarefas. Para vivermos por meio do Senhor, não podemos agir com presunção. Só devemos começar a atuar depois que tivermos certeza de que realmente se trata da vontade de Deus. Somente através da obediência é que poderemos experimentar a vida de Deus operando por nós. Será que o Senhor nos daria de sua força sabendo que iríamos nos rebelar contra ele?

A BÊNÇÃO DESSA VIDA

Se recebêssemos a vida do Senhor Jesus para ser a vida do nosso corpo, este experimentaria o fortalecimento do Senhor e nosso espírito teria a prosperidade que vem dele.

Do ponto de vista do conhecimento, sabemos que nosso corpo é para o Senhor. Todavia, por causa de nossa vontade própria, Deus não nos pode encher completamente. Agora, porém, nos entregamos totalmente ao Senhor, para que ele possa nos tratar da maneira que bem desejar. Apresentamos nosso corpo como sacrifício vivo. Por conseguinte não controlamos mais nem nossa vida nem nosso futuro. Então entendemos realmente o que significa o fato de que "o corpo é para o Senhor". Aquilo que antes nos preocupava já não pode nos abalar. O inimigo pode tentar-nos, dizendo que esse caminho é muito arriscado, ou que estamos nos descuidando de nós mesmos. Contudo não ficamos tão atemorizados como antes. De uma coisa sabemos: pertencemos ao Senhor completamente. Portanto nada pode acontecer em nossa vida sem o conhecimento e a permissão dele. Qualquer ataque que nos sobrevenha constitui apenas uma indicação de que ele tem um propósito especial para nós e de que sua proteção é infalível. Nosso corpo não nos pertence mais. Já entregamos a ele cada nervo, cada célula e cada órgão. Não somos mais senhores de nós mesmos, daí não termos mais nenhuma responsabilidade. Se o tempo mudar repentinamente, isso diz respeito somente a ele. Uma noite de insônia não nos deixa ansiosos. E ainda que Satanás nos ataque de forma inesperada, lembramo-nos de que a batalha é do Senhor, e não nossa. Agora a vida de Deus flui através do nosso corpo. Numa situação como essa, outros podem perder a paz, ficar desanimados e preocupados, e buscar uma solução humana para o problema. Nós, porém, exercitamos fé e vivemos por meio da vida de Deus. Sabemos que daqui por diante não vivemos mais pelo alimento, pelo sono, nem pelo que bebemos ou por qualquer outra coisa que fazemos, mas sim pela vida de Deus. Nada disso pode nos causar dano.

Sabendo que o Senhor é para o corpo, podemos agora apropriar-nos de todas as riquezas de Deus para suprimento de nossas necessidades. Sempre que houver uma necessidade urgente, haverá uma provisão. Por isso, nosso coração descansa. Não pedimos nada mais do que a provisão divina. Também não ficamos satisfeitos com nada menos do que o que ele prometeu. Seja qual for a situação, recusamo-nos a usar nossa própria força para "ajudar" a Deus, tentando resolver os problemas antes da hora por ele determinada. Enquanto os homens do mundo correm ansiosamente em busca de socorro para o seu sofrimento e dor, nós podemos esperar com serenidade a hora de Deus e suas riquezas, devido à união que temos com ele. Não seguramos a vida em nossas próprias mãos, mas buscamos o cuidado do Pai. Isso é que é paz!

Agindo assim, o crente está glorificando a Deus de diversas maneiras. Ele recebe tudo que lhe sobrevenha como uma oportunidade de manifestar a glória do Senhor. Não usa seus próprios métodos, evitando assim interferir com a glória somente devida a Deus. E quando o Senhor estende o braço para livrá-lo, então ele está pronto para render louvores.

O grande anseio desse filho já não é mais receber a bênção do Pai. O próprio Deus é muito mais precioso do que qualquer uma de suas dádivas. Se a cura não for uma manifestação da Pessoa de Deus, então ele prefere não ser curado. Se desejarmos apenas a proteção e a provisão do Pai, se tão-somente lhe clamarmos pedindo que nos livre da tentação, simplesmente cairemos. Essa realidade - Deus viver a nossa vida – não é um negócio. Aqueles que o conhecem genuinamente não imploram a cura, mas

sempre buscam o Pai. Se estar bem de saúde implicar desviar-se e afastar-se da glória de Deus, então ele prefere não ser curado. Devemos nos lembrar continuamente disso: sempre que desejamos os dons de Deus em vez do próprio Deus, começamos a falhar. Se vivermos inteiramente para o Senhor, não ficaremos ansiosos pela ajuda dele, nem pela sua bênção ou provisão. Pelo contrário, nós nos entregaremos incondicionalmente a Deus.

4. VENCENDO A MORTE

A vitória sobre a morte não é uma experiência incomum para os filhos de Deus. O sangue do cordeiro protegeu os israelitas das mãos do anjo da morte, que matou os primogênitos do Egito. Pelo nome do Senhor, Davi foi salvo das garras do leão e do urso, e também das mãos de Golias. Lançando farinha dentro de uma panela, Eliseu retirou a morte que nela havia (2 Rs 4.38-41). Sadraque, Mesaque e Abede-Nego não sofreram nenhum dano na fornalha ardente (Dn 3.16-27). Daniel, quando foi lançado na cova dos leões, deu testemunho de que Deus fechara a boca desses animais. Paulo foi picado por uma víbora venenosa, mas atirou-a dentro do fogo, e não sofreu dano (At 28.3-5). Enoque e Elias foram ambos arrebatados para o céu, sem provar a morte. Todos esses são exemplos perfeitos de vitória sobre esse inimigo.

O objetivo de Deus é levar seus filhos a vencer a morte ainda nesta vida. É fato que precisamos triunfar sobre o pecado, sobre o "eu", o mundo e Satanás. Contudo nossa vitória não estará completa sem vencermos a morte. Se quisermos um triunfo completo, devemos destruir esse *último* inimigo (1 Co 15.26). Se não vencermos a morte, estaremos deixando invicto um inimigo.

Existe morte na natureza, em nós, e a morte que vem de Satanás. A Terra jaz sob maldição; e é governada por esta. Se quisermos ter uma vida vitoriosa na Terra, teremos de vencer a morte que está no mundo. A morte está em nosso corpo. Assim que nascemos, ela começa a operar em nós, pois todos iniciam a caminhada em direção à sepultura já no dia em que nascem. Não devemos encarar a morte simplesmente como uma "crise". Antes de mais nada, ela é um processo. Já se encontra em nós, devorando-nos gradativa e implacavelmente. Nossa libertação dessa tenda terrena nada mais é que o momento em que se consuma a prolongada operação da morte. Ela pode atacar nosso espírito, privando-o da vida e poder. Ataca nossa alma, mutilando seus sentimentos, pensamentos e vontade. Agride nosso corpo, tornando-o fraco e doente.

Lendo Romanos 5, vemos que "reinou a morte" (v. 17). Ela não apenas existe, reina também. Reina no espírito, na alma e no corpo do homem. Embora nosso corpo ainda esteja vivo, a morte já está reinando sobre ele. A influência dela ainda não alcançou seu apogeu, mas ela está reinando e vai se expandindo mais e mais, visando a absorver todo o corpo. Vários sintomas que descobrimos em nosso corpo demonstram como é amplo o poder da morte sobre nós. Tudo isso conduz as pessoas para aquele final - a morte física.

Da mesma maneira que existe o reino da morte, existe também o reino da vida (Rm 5.17). O apóstolo Paulo afirma que todos os que recebem a abundância da graça e o livre dom da justiça "reinarão em vida", uma força que excede em muito o poder que opera na morte. Contudo, hoje, os cristãos têm estado tão ocupados com o problema do pecado que praticamente se esquecem do da morte. Tão importante quanto vencer o pecado é derrotar a morte, um problema paralelo que não deveríamos negligenciar. Embora nos capítulos 5 a 8 de Romanos Paulo analise a questão da vitória sobre o pecado de forma bem distinta, dá igual atenção ao problema da morte: "O salário do pecado é a morte" (Rm 6.23). Ele aborda tanto a questão do pecado como a da consequência dele. Além de apresentar o contraste entre a justiça e a transgressão, também compara a vida e a morte. Muitos cristãos dão bastante valor à ideia de vencer as várias manifestações do pecado em seu caráter e em sua vida diária. Contudo deixam de dar a devida ênfase à maneira pela qual se pode vencer o resultado dele, que é a morte. O apóstolo, porém, inspirado por Deus, nesses poucos capítulos, analisa

não só as manifestações do pecado na vida diária, mas também a consequência dele, que é a morte.

Precisamos entender com clareza a relação que há entre esses dois elementos. Cristo morreu para nos salvar não apenas dos nossos pecados, mas também da morte. Deus hoje nos conclama a derrotar ambos. Antes de nos convertermos, estávamos mortos em pecados, pois o pecado e a morte reinavam sobre nós. Todavia o Senhor Jesus, morrendo em nosso lugar, tragou nosso pecado e nossa morte. Anteriormente, a morte reinava em nosso corpo. Quando nos identificamos com a morte de Cristo, morremos para o pecado e nos tornamos vivos para Deus (Rm 6.11). Por causa da nossa união com Cristo, "a morte já não tem domínio sobre ele (nós)" e não pode mais nos escravizar (Rm 6.9,11). A salvação de Cristo substitui o pecado pela justiça, e a morte, pela vida. Como o principal objetivo do apóstolo nesse trecho da Escritura é analisar o pecado e a morte, se absorvermos apenas uma parte do tema, não estaremos aceitando sua mensagem completa. Paulo descreve a plena salvação do Senhor Jesus nestes termos: "A lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte" (Rm 8.2). Suponhamos que nossa vitória sobre o pecado seja bem ampla. Como está nossa vitória sobre a morte?

Já que recebemos em nosso espírito a vida não-criada de Deus, nós, que cremos no Senhor e somos regenerados, certamente experimentamos certa medida de vitória sobre a morte. Será, porém, que nossa experiência de triunfo deve limitar-se a tão pouco? Até onde a vida pode vencer a morte? Não há dúvida de que a maioria dos crentes ainda não desfrutou plenamente dessa experiência que Deus tem para eles. Sendo assim, não somos obrigados a confessar que a morte opera mais ativamente em nosso corpo do que a vida? Devemos estar tão atentos a essa questão do pecado e da morte como Deus está. Precisamos vencer a morte também, e não apenas o pecado.

Cristo venceu a morte, por isso os crentes *não têm mais necessidade* de morrer, embora ainda *possam* morrer. Da mesma maneira, Cristo condenou o pecado na carne, por isso *não necessitamos* mais pecar, embora ainda *possamos* pecar. Se nosso alvo *é* não pecar, nosso objetivo também deve ser não morrer. Nossa relação com o pecado é regida pela morte e ressurreição de Cristo. De igual modo, nossa relação com a morte deve ser regida também por esses dois fatos. Em Cristo, vencemos de modo absoluto tanto o pecado quanto a morte. Por isso, Deus quer que apliquemos em nossa vida a vitória sobre ambos. Geralmente, cremos que, como Cristo venceu a morte por nós, não precisamos mais nos preocupar com ela. Como podemos, então, exibir a vitória do Senhor em nossa vida? É claro que não temos nenhuma outra base para declararmos vitória a não ser aquela que foi consumada no Calvário. Por outro lado, se não reivindicarmos o que Cristo realizou para nós no Calvário, sem dúvida nenhuma não estaremos buscando a vitória. Não é assumindo uma condição passiva que vencemos o pecado. Do mesmo modo, não podemos vencer a morte negligenciando-a. Deus quer que tenhamos uma atitude de seriedade a respeito da vitória sobre a morte. Isto é, assimilar o fato de que, através da morte de Cristo, podemos realmente vencer o poder da morte em nosso corpo. Até aqui temos subjugado muitas tentações e também a carne, o mundo e Satanás. Agora precisamos nos levantar para vencer o poder do último inimigo.

Se, para resistir à morte, tivermos a mesma determinação que demonstramos para resistir ao pecado, mudaremos completamente nossa atitude para com ela. A humanidade marcha em direção à sepultura. A morte é a herança comum a toda a raça caída. Por isso, nossa tendência natural é adotar uma atitude passiva em relação a ela. Não aprendemos a nos levantar contra a morte. Sabemos que a volta do Senhor é imi-

nente, e assim temos esperança de ser arrebatados para o céu, e não passar pela sepultura. Apesar disso, muitos crentes ainda se preparam para esperar a morte. E verdade que, quando a justiça de Deus opera em nós, passamos a detestar o pecado. Todavia não temos permitido que a vida de Deus opere da mesma forma, para passarmos a odiar a morte.

Para vencer a morte, os crentes devem largar essa atitude de submissão, e adotar a de resistência. Se não rejeitarmos essa conduta *passiva,* não poderemos derrotar a morte. Ela "zombará" de nós, dando-nos um fim fora de tempo. Inúmeros crentes interpretam erradamente a passividade, confundindo-a com fé. Argumentam que entregaram tudo a Deus. Creem que, se não for para eles morrerem, o Senhor certamente os livrará da morte. Se for, sem dúvida nenhuma então ele permitirá que morram. Seja feita a vontade de Deus. Essa ideia *parece* correta, mas será que isso é fé? De modo nenhum. Trata-se simplesmente de uma passividade preguiçosa. Quando *não sabemos* a vontade de Deus, é conveniente orarmos: "Não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42). Isso não quer dizer que não precisamos orar *especificamente,* apresentando nossos pedidos a Deus. Não devemos nos submeter passivamente à morte, pois o Senhor nos instrui a agir de forma ativa em harmonia com sua vontade. Se não tivermos *certeza absoluta* de que Deus quer que morramos, não devemos permitir passivamente que a morte nos vença. Pelo contrário, devemos agir ativamente de acordo com a vontade de Deus para resistir a ela.

Por que é que devemos adotar essa atitude? A Bíblia trata a morte como a um inimigo (1 Co 15.26). Consequentemente, devemos nos opor a ela, subjugando-a. Já que o Senhor Jesus enfrentou a morte aqui na Terra em nosso lugar, ele quer que nós a derrotemos pessoalmente nesta vida. Não devemos pedir a Deus que nos conceda forças para suportar o poder da morte; devemos, pelo contrário, pedir poder para derrotar o dela.

A morte veio por causa do pecado, por isso nossa vitória sobre ela vem da obra do Senhor Jesus, que morreu por nós e nos salvou do pecado. Sua obra redentora está intimamente ligada à morte. "Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida." (Hb 2.14,15.) A cruz é a base de nossa vitória sobre o poder da morte.

Satanás tem esse poder, e o obteve devido ao pecado: "Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e *pelo pecado,* a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12 - grifo do autor). Contudo o Senhor Jesus invadiu o domínio da morte, e através do seu ato redentor, removeu seu aguilhão, que é o pecado, desarmando assim o poder de Satanás. Pela morte de Cristo, o pecado perdeu a força, de modo que a morte também ficou sem poder. Com a crucificação de Cristo, se tomarmos posse da vitória do Calvário, passaremos a ter condições de derrotar o poder da morte, e de desfazer o cerco que ela arma ao nosso redor.

Os cristãos têm três caminhos para vencer a morte. Primeiro, confiar que não morreremos enquanto nossa obra não estiver terminada. Segundo, não ter medo da morte, mesmo que ela nos sobrevenha, pois sabemos que seu aguilhão já foi removido. E terceiro, crer que seremos completamente libertos da morte, pois vamos ser arrebatados por ocasião da volta do Senhor. Vamos analisar cada um deles.

SÓ MORRER DEPOIS DE TERMINADA NOSSA OBRA

Se não tivermos convicção plena de que concluímos nossa obra e de que o Senhor não mais requer nossa permanência na Terra, devemos resistir à morte por todos os meios. Se os sinais da morte se tornarem visíveis em nosso corpo antes do término de nossa obra, decididamente devemos resistir tanto a ela como a esses sinais. Podemos crer que o Senhor vai dar todo apoio a essa resistência, pois ainda temos trabalho a realizar. Assim, enquanto nossa missão não chegar ao fim, podemos confiar totalmente no Senhor, mesmo que enfrentemos fortes sinais físicos. Cooperando com o Senhor, e resistindo à morte, logo veremos Jesus operando em nós com o intuito de tragar a morte por meio de sua vida.

Observe como o Senhor Jesus resistiu às garras da morte. Quando o povo tentou empurrá-lo penhasco abaixo, ele passou no meio da multidão e foi embora (Lc 4.29,30). Certa vez, "Jesus andava pela Galiléia, porque não desejava percorrer a Judéia, visto que os judeus procuravam matá-lo" (Jo 7.1). Em outra ocasião, os judeus "pegaram em pedras para atirarem nele; mas Jesus se ocultou e saiu do templo" (Jo 8.59). Por que Jesus resistiu três vezes à morte? Sua hora ainda não chegara. Ele sabia que havia um tempo certo estabelecido para a morte do Messias. Ele não morreria antes do momento designado por Deus, nem poderia morrer em qualquer outro lugar, a não ser o Gólgota. Nós também não precisamos morrer antes do tempo.

Da mesma forma, o apóstolo Paulo também resistiu à morte. Os poderes das trevas queriam para ele uma partida prematura, mas ele sempre alcançou a vitória. Certa vez, na prisão, sabendo que o desfecho ali poderia ser a morte, afirmou:

"Entretanto, se o viver na carne traz fruto para o meu trabalho, já não sei o que hei de escolher. Ora, de um e outro lado, estou constrangido, tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor. Mas, por vossa causa, é mais necessário permanecer na carne. E, convencido disto, estou certo de que ficarei permanecerei com todos vós, para o vosso progresso e gozo da fé." (Fp 1.22-25.)

Paulo não tinha medo de morrer. Pela fé em Deus, porém, sabia que não morreria antes de concluir sua obra. Foi essa sua vitória sobre a morte. E, bem no fim, quando disse "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé", sabia também que "o tempo da minha (sua) partida é (era) chegado" (2 Tm 4.7,6). Não devemos morrer antes de "completar" nossa carreira.

Pedro também teve conhecimento do momento da sua partida: "Certo de que estou prestes a deixar o meu tabernáculo, como efetivamente nosso Senhor Jesus Cristo me revelou" (2 Pe 1.14). É um erro de nossa parte afirmar - com base numa avaliação pessoal das circunstâncias, condições físicas e sentimentos - que nossa hora chegou. Devemos esperar uma revelação clara do Senhor. Vivemos para ele, por isso devemos também morrer para ele. Temos de resistir a qualquer impulso para partir que não seja um chamado do Senhor.

Lendo o Antigo Testamento, vemos que todos os patriarcas morreram "avançados em anos". Que quer dizer essa frase? Significa que viveram até ao fim do tempo que Deus lhes designou. O Senhor determinou para cada um de nós uma certa idade (Jo 21). Se não a alcançarmos, não teremos vencido a morte. Como podemos conhecer o tempo que Deus designa para cada um de nós? A Bíblia apresenta um padrão: "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta..." (Sl 90.10.) Não estamos querendo dizer que todos devem viver pelo menos setenta anos, pois assim

estaríamos usurpando a soberania de Deus. Entretanto, caso não recebamos registro de um período mais curto, devemos aceitar esse número como sendo o padrão, e rejeitar uma partida anterior a ele. Permanecendo na Palavra de Deus, alcançaremos a vitória.

NÃO TER MEDO DA MORTE

Quando falamos em vencer a morte, não queremos dizer que nosso corpo nunca morrerá. Embora creiamos que "nem todos dormiremos" (1 Co 15.51), seria errado afirmar que *nós* não morreremos. Como a Bíblia indica que a duração comum da vida deve ser de setenta anos, devemos esperar viver esse período, caso tenhamos fé. Entretanto não podemos esperar viver para sempre, porque Jesus é a nossa vida. Sabemos que, com frequência, Deus abre exceções. Alguns morrem antes de setenta anos. Pela fé, podemos pedir a Deus apenas para não partirmos antes de concluirmos nossa tarefa. Seja nossa vida longa ou curta, não podemos perecer como os pecadores, isto é, antes que se cumpra a metade dos dias que Deus designou para nós. O tempo que ele nos dá aqui neste mundo deve ser suficiente para realizarmos nossa missão na vida. Aí então, quando chegar o fim, poderemos partir em paz, tendo sobre nós a graça de Deus, e ir de forma tão natural como a queda de uma fruta plenamente madura. O livro de Jó descreve tal partida assim: "Em robusta velhice entrarás para a sepultura, como se recolhe o feixe de trigo a seu tempo" (Jó 5.26).

Vencer a morte não significa necessariamente não passar pela sepultura, pois Deus pode desejar que alguns a vençam através da ressurreição, como aconteceu ao Senhor Jesus. Contudo os crentes, ao passar pela morte, como o Senhor, não precisam *temê-la.* Se buscarmos vencer as garras da morte por estarmos com medo, ou relutando em morrer, já estaremos derrotados. Pode ser que o Senhor nos salve da morte, arrebatando-nos vivos para o céu. Contudo não devemos pedir que ele volte rapidamente, movidos pelo temor da morte. Tal preocupação mostra que ela já nos venceu. Devemos entender que, mesmo passando pela sepultura, estamos simplesmente indo de um cômodo para outro. Não há justificativa para termos angústias, temores e tremores insuportáveis.

Antes, éramos "todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida" (Hb 2.15). O Senhor Jesus, porém, nos libertou, por isso já perdemos o temor. A dor, as trevas e a solidão que acompanham a morte não podem nos amedrontar. O apóstolo Paulo, que experimentou a vitória sobre a morte, testificou: "... o morrer é lucro... tendo o desejo de partir e estar com Cristo, o que é *incomparavelmente melhor*" (Fp 1.21,23 - grifo do autor). Não vemos aí a menor sombra de temor. Sua vitória sobre a morte foi real e completa.

SER ARREBATADOS VIVOS

Sabemos que na volta do Senhor Jesus muitos serão arrebatados vivos. Essa é a última maneira pela qual alguém pode vencer a morte. Paulo fala sobre isso em 1 Coríntios 15.51,52 e em 1 Tessalonicenses 4.14-17. Reconhecemos que não existe data determinada para a vinda do Senhor. Ele poderia ter voltado a qualquer momento, nesses últimos vinte séculos. Com isso, os crentes puderam nutrir a esperança de ser arrebatados sem passar pela sepultura. Visto que hoje a volta do Senhor está muito mais próxima do que antes, nossa esperança de sermos arrebatados vivos é maior do que a de nossos predecessores. Não desejamos falar muito, mas podemos afirmar com segurança que, se o Senhor Jesus viesse em nossos dias, certamente gostaríamos de

estar vivos para sermos arrebatados. Sendo assim, devemos vencer a morte, não aceitando morrer antes da hora que Deus designou para nós, a fim de sermos arrebatados vivos. De acordo com o que dizem as Escrituras, alguns crentes serão arrebatados sem passar pela morte. Esse arrebatamento constitui outro tipo de vitória sobre a morte. Enquanto permanecermos vivos aqui na Terra não poderemos negar que é possível estarmos entre aqueles que serão arrebatados dessa maneira. Será que isso não é motivo para nos prepararmos para vencer a morte por completo?

Pode ser que morramos. Contudo não somos necessariamente obrigados a morrer. O Senhor Jesus fez várias declarações que deixam isso bem claro. Ele afirmou: "Quem comer a minha carne e beber o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6.54). Ainda na mesma ocasião, Jesus disse o seguinte: "Este é o pão que desceu do céu, em nada semelhante àquele que os vossos pais comeram e, contudo, morreram; quem comer este pão viverá eternamente" (v. 58). O que o Senhor está ensinando é que, entre os que creem nele, alguns morrerão e ressuscitarão, enquanto outros de modo nenhum passarão pela morte.

Por ocasião da morte de Lázaro, o Senhor Jesus expressou o seguinte:

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." (Jo 11.25,26.) Aqui, ele afirma que é não apenas a ressurreição, mas também a vida. Entretanto muitos crentes creem que ele é a ressurreição, mas se esquecem de que ele é igualmente a vida. Reconhecemos, sem questionar, que ele nos ressuscitará depois que morrermos. Contudo será que admitimos também que ele, por ser nossa vida, é capaz de nos manter vivos? O Senhor Jesus nos apresenta suas duas obras, todavia só cremos em uma. No decorrer desses vinte séculos de cristianismo, os crentes com certeza têm experimentado a realidade da

segunda afirmação do Senhor: "Quem crê em mim, ainda que morra, viverá." E no seguinte, outros certamente não desfrutaram de uma outra afirmação dele: "Todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente." Milhares e milhares de crentes já partiram. Entretanto Deus diz que alguns nunca morrerão. Ele não afirma que alguns jamais ressuscitarão, mas, que alguns *nunca morrerão.* Consequentemente, não temos razão para achar que primeiro precisamos morrer para depois ressuscitar. A vinda do Senhor está próxima. Por que, então, temos de morrer primeiro, para depois esperar a ressurreição? Por que não esperar que o Senhor venha e nos arrebate, para sermos totalmente libertos do poder da morte?

O Senhor promete ser ressurreição para muitos, e também vida para alguns. Embora seja maravilhoso experimentar a ressurreição dos mortos, como Lázaro, essa não é, de modo nenhum, a única maneira de vencer a morte. O Senhor tem outro método: *Nunca morrerá.* E verdade que temos de andar pelo vale da sombra da morte, mas Deus ergueu uma ponte flutuante para nós, permitindo-nos ir direto para o céu. Essa ponte flutuante é o arrebatamento.

O tempo do arrebatamento se aproxima. Se alguém deseja ser arrebatado, deve aprender a vencer a morte no presente. Antes do arrebatamento, o último inimigo deve ser derrotado. Na cruz, o Senhor Jesus venceu totalmente esse inimigo. Hoje Deus quer que sua igreja experimente essa vitória de Cristo. Todos nós sentimos que estamos vivendo no tempo do fim. O Espírito Santo atualmente está nos inspirando a travar a última batalha com a morte, antes que venha o arrebatamento.

Satanás reconhece que seus dias estão contados, e por isso emprega toda a sua força para impedir que os cristãos sejam arrebatados. Isso explica, em parte, por que os filhos de Deus hoje estão sendo atacados no corpo de forma tão feroz. Como esses ataques

físicos são muito sérios, os crentes parecem perceber em si mesmos o odor da morte. Com isso, abandonam qualquer esperança de serem arrebatados. Não têm ideia de que isso nada mais é que um desafio do inimigo, visando a impedir sua ascensão. Se no entanto, perceberem que estão a caminho do arrebatamento, naturalmente terão um espírito combativo contra a morte. É que sentirão no espírito que a morte é um obstáculo ao arrebatamento, e que eles devem derrotá-la.

O diabo é assassino (Jo 8.44). O propósito da obra de Satanás contra os crentes é matá-los. Ele tem uma tática especial para os últimos dias: magoar os cristãos (Dn 7.25). Se ele puder comunicar-nos mais ansiedade ao espírito, produzir qualquer intranquilidade em nossa mente, levar-nos a perder o sono por uma noite, ou a comer menos num dia e trabalhar excessivamente em outro, isso mostra que ele já penetrou em nós com seu poder de morte. Um pingo d'água só não pode fazer nada, mas o gotejar contínuo com certeza pode abrir um buraco numa pedra. Satanás acha-se familiarizado com essa verdade, e por isso provoca uma preocupação pequena aqui, um pouco de ansiedade ali, uma negligência acolá, sempre com o propósito de literalmente "magoar" ou destruir os cristãos.

Algumas vezes, o diabo ataca os crentes, causando-lhes a morte. Muitas mortes são resultado de ataques desse tipo, embora poucos reconheçam esse fato. Às vezes os vêem apenas como um resfriado, uma insolação, insônia, exaustão ou perda de apetite. Às vezes, pensam que é a impureza, a ira, o ciúme ou a licenciosidade. Quando os cristãos não percebem que o que está por trás desses acontecimentos é o poder da morte, ficam com sua vitória plena ameaçada. Se os reconhecessem como ataques da morte e aprendessem a resistir, triunfariam. Muitas vezes eles atribuem tais problemas à idade ou a outros fatores, deixando de entender o real significado de tudo que está acontecendo.

O Senhor Jesus voltará em breve. Por isso, devemos empreender uma guerra total contra a morte. Da mesma maneira que lutamos contra o pecado, o mundo e Satanás, precisamos resistir à morte. Não nos limitemos a *pedir* a vitória; vamos também nos apropriar dela. Temos de tomar posse do triunfo de Cristo sobre a morte, em toda a sua plenitude. Se fizéssemos uma revisão da nossa vida até aqui, examinando-a com o conhecimento que Deus tem dela, descobriríamos que muitas vezes fomos assaltados pela morte sem que o soubéssemos. Inúmeras vezes atribuímos os eventos de nossa vida a outras causas, perdendo, assim, a oportunidade de exercitar a capacidade de resistir à morte. Se tivéssemos reconhecido que certos acontecimentos eram ataques desta, Deus nos teria fortalecido para que hoje experimentássemos a vitória sobre esse inimigo. Nesse caso, nossa experiência teria sido como passar sobre pontes quebradas e estradas interrompidas. É que todas as circunstâncias pareciam exigir nossa morte, e ainda assim *não podemos morrer.* Mais de uma vez, chegamos a desesperar da vida, contudo *não podemos morrer.* Perguntamos então a nós mesmos por que temos de morrer *agora,* pois embora a batalha se torne renhida, não é nossa vontade partir. Em vez disso, parece que clamamos:

"Não *quero* morrer!"

Qual é o significado dessa experiência? Simplesmente que Deus está nos levando a travar uma última batalha contra a morte, antes de sermos arrebatados. Tais ataques têm apenas um propósito: frustrar nosso arrebatamento.

Armados da vitória de Cristo, devemos fechar com toda firmeza as portas do Hades, que se acham escancaradas. Temos de resistir à morte, proibindo qualquer incursão dela em nosso corpo. Precisamos resistir a tudo que possa significar uma

tendência para a morte. Devemos encarar a doença, as fraquezas e o sofrimento com essa atitude. Às vezes, a morte já está operando no corpo, embora ele possa não estar consciente disso. A ansiedade de espírito ou a tristeza de alma também podem produzir a morte. No momento, Deus está nos chamando ao arrebatamento. Então, devemos subjugar qualquer evento que possa impedir que ele aconteça.

Deus submete seus filhos a várias situações que os impelem a entregar a vida totalmente na mão do Senhor, como que por um fio de fé. Deixá-la na mão dele é sua única esperança de sobrevivência. E durante todo o tempo é como se esses cristãos estivessem clamando:

"Senhor, deixa-me viver!"

Nossa batalha hoje é a batalha pela vida.

Em toda parte, há espíritos malignos e assassinos agindo. Se os crentes não resistirem e orarem, serão derrotados. Se continuarem passivos, inevitavelmente morrerão. Alguém talvez ore assim:

"Senhor, permite-me vencer a morte."

E Deus responderá:

"Se você resistir à morte, permitirei que a vença!"

Se nossa vontade estiver passiva, tal oração será inútil. Devemos dizer:

"Senhor, por causa da tua vitória sobre a morte, agora resisto a todos os ataques dela. Estou determinado a vencer a morte agora. Senhor, torna-me vitorioso."

O Senhor nos capacitará a vencer a morte. Portanto devemos nos apossar das promessas de Deus, pedindo-lhe a vida, e confiando que nada nos poderá causar dano.

Não devemos render-nos ao poder da morte, senão ela nos atingirá. É possível até que nos encontremos num lugar altamente contaminado, mas poderemos resistir a essas enfermidades, não permitindo que nenhuma delas nos ataque. Não devemos permitir que a morte nos atinja por meio da enfermidade.

Não podemos mais aguardar a volta do Senhor passivamente, conformando-nos com a ideia de que, de qualquer maneira, seremos todos arrebatados. Precisamos estar preparados. Como em tudo mais, é preciso que a igreja opere em harmonia com Deus também na questão do arrebatamento. A fé nunca deixa os acontecimentos ocorrerem de acordo com a lei do menor esforço. Cada um de nós deve resistir à morte individualmente. Devemos também ansiar pelo arrebatamento, de todo o coração. É necessário exercitar a fé, mas isso não significa que podemos abandonar passivamente nossas responsabilidades. De que nos adiantará crer, apenas com o intelecto, que podemos escapar da morte se continuarmos a submeter-nos passivamente ao poder dela?

O PECADO MORTAL

A Bíblia menciona um tipo de pecado mortal ou pecado "para morte" (1 Jo 5.16). Não se trata aqui da morte espiritual, pois a vida eterna que Deus dá jamais se pode extinguir. Isso também não pode ser uma alusão à "segunda morte", já que as ovelhas do
Senhor não podem perecer. Portanto o termo "morte" aqui significa necessariamente a morte do corpo.

Vejamos, então, qual é, especificamente, a essência do pecado mortal. Sabendo isso,

poderemos evitá-lo, a fim de que (1) nossa carne não sofra corrupção, (2) não venhamos a perder a bênção de ser arrebatados antes da morte, ou (3) possamos ainda terminar a obra que o Senhor determinou para nós. Assim, a concluiremos antes que nosso tempo termine e morramos, caso ele demore e tenhamos de passar pela sepultura. Podemos dizer que, pelo fato de muitos filhos de Deus ignorarem essa questão, eles morreram prematuramente e perderam sua coroa. Muitos obreiros ainda poderiam estar servindo ao Senhor, caso tivessem levado isso em consideração.

A Palavra não define claramente em que consiste esse pecado. Ela só nos assegura que ele existe e podemos cometê-lo. Pelos registros das Escrituras, entendemos que esse pecado varia de uma pessoa para outra. O que para uns é mortal, para outros pode não ser, e vice-versa. Isso se deve às variações na graça que cada crente recebe, no conhecimento que cada um tem e na posição que cada um alcança.

Embora a Bíblia, em nenhum lugar, dê nome a esse pecado, podemos no entanto observar que qualquer pecado que resulte em morte constituiu-se em pecado mortal. O povo de Israel cometeu tal pecado em Cades (Nm 13.25 a 14.12). Embora tivessem tentado o Senhor muitas vezes antes (14.22), em todas elas ele simplesmente lhes perdoou. E mesmo nessa vez, quando se recusaram a entrar em Canaã, apesar de lhes ter perdoado, ele também determinou que o *cadáver* deles caísse no deserto (14.32).

Nas águas de Meribá, Moisés foi tentado a falar "irrefletidamente" (Sl 106.33). Esse foi seu "pecado mortal", por isso morreu fora de Canaã. Arão cometeu a mesma ofensa que Moisés, e foi também proibido de entrar na terra santa (Nm 20.24). O homem de Deus que viajava de Judá para Betei desobedeceu à ordem do Senhor com respeito a comer e beber. Com isso, cometeu seu pecado mortal (1 Rs 13.21,22). No Novo Testamento, vemos Ananias e Safira sendo punidos com a morte por terem cometido o

que era, ele foi teu pecado mortal. Tentaram (At 5). O homem de Corinto, que vivia
[illegible] pecado de uma [illegible] (At 5). O homem de Corinto, que vivia com a esposa do pai, também foi culpado desse pecado, forçando o apóstolo Paulo a pronunciar julgamento sobre ele, dizendo que fosse "entregue a Satanás para a destruição da carne" (1 Co 5.5). Em Corinto, muitos irmãos morreram por não terem discernido o corpo e o sangue do Senhor (1 Co 11.27-30). Esses também cometeram o pecado para a morte.

Para vencer a mortalidade, temos de lutar com persistência contra o pecado, porque é ele que traz a morte. Quem deseja viver até ao fim do tempo que Deus designou para ele, ou até a volta do Senhor, precisa ser cuidadoso para não pecar. Por negligenciar essa questão, muitos têm sido levados para a sepultura prematuramente. O pecado mortal não é nenhuma transgressão particular e terrível, pois a Bíblia não o define em nenhum lugar. O pecado de fornicação, cometido pelos coríntios, pode ser considerado como mortal. Contudo palavras irrefletidas, como as que Moisés pronunciou, também podem tornar-se um pecado para morte. Observemos como as Escrituras caracterizam Moisés: "Era o varão Moisés mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra" (Nm 12.3). Por isso, Deus não poderia tolerar nenhum pecado na vida desse homem.

Vivemos no tempo da graça. Deus é cheio de graça para conosco. Que nosso coração esteja confortado! Não permitamos que Satanás nos acuse, insinuando que cometemos o pecado mortal, e que por isso devemos morrer. Embora a Bíblia não ordene que oremos pelos que cometeram o pecado mortal, Deus nos perdoará se julgarmos a nós mesmos e genuinamente nos arrependermos. Na opinião de muitos estudiosos da Bíblia, o homem de 2 Coríntios 2.6,7 é o mesmo que viveu com a esposa do pai. Em 1 Coríntios 11.3032, Paulo ensina que, mesmo que tenhamos cometido o pecado para morte, podemos escapar se verdadeiramente nos julgarmos. Desse modo,

não devemos permitir que nenhum pecado reine em nosso corpo, para que não se torne um pecado mortal. Nossa carne pode estar enfraquecida, todavia jamais devemos perder a atitude de julgar a nós mesmos. Temos de julgar nosso pecado sem misericórdia. E verdade que nunca podemos alcançar uma perfeição total, isto é, viver sem pecados nesta vida, mas é indispensável que os confessemos sempre, confiando na graça de Deus. O Senhor nos perdoará. Aqueles que buscam a vitória sobre a morte precisam lembrar-se disso.

"*Ele lhes faz ver as suas obras, as suas transgressões, e que se houveram com soberba. Abre-lhes também os ouvidos para a instrução e manda-lhes que se convertam da iniquidade. Se o ouvirem e o servirem, acabarão seus dias em felicidade e os seus anos em delícias. Porém, se não o ouvirem, serão traspassados pela lança e morrerão na sua cegueira. Os ímpios de coração amontoam para si a ira; e, agrilhoados por Deus, não clamam por socorro. Perdem a vida na sua mocidade e morrem entre os prostitutos cultuais.*" (Jó 36.914)

OS ENSINAMENTOS DE PROVÉRBIOS

O livro de Provérbios focaliza o viver diário do crente aqui neste mundo. Nele podemos aprender bastante sobre como conseguimos nos manter vivos. Aqui vamos examinar principalmente as instruções dele
relacionadas com o modo de vencermos a morte.

"*Filho meu, não te esqueças dos meus ensinos, e o teu coração guarde os meus mandamentos; porque eles aumentarão os teus dias e te acrescentarão anos de vida epaz.*" (3.1,2.)

"*Será isto saúde para o teu corpo e refrigério, para os teus ossos.* "(3.8.)

"*Retenha o teu coração as minhas palavras; guarda os meus mandamentos e vive.*" (4.4.)
"*Ouve, filho meu, e aceita as minhas palavras, e se te multiplicarão os anos de vida.*" (4.10.)

"*Retém a instrução e não a largues; guarda-a, porque ela é a tua* vida."'(4.13.)

"*Porque (meus ensinamentos) são vida para quem os acha e saúde, para o seu corpo.*" (4.22.)

"*Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o coração, porque dele procedem as fontes da vida.*" (4.23.)

"*O que adultera com uma mulher está fora de si; só mesmo quem quer arruinar-se é que pratica tal coisa.*" (6.32.)

"*Porque o que me acha (sabedoria) acha a vida e alcançafavor do Senhor.*" *(8.35.)*

"*Porque por mim (sabedoria) se multiplicam os teus dias, e anos de vida se te acrescentarão.*" (9.11.)

"*A justiça livra da morte.*" (10.2.)
"*O temor do Senhor prolonga os dias da vida, mas os anos dos perversos serão abreviados.*" (10.27.)

"*Na vereda da justiça, está a vida, e no caminho da sua carreira não há morte.*" (12.28.)

"*O temor do Senhor é fonte de vida para evitar os laços da morte.*" (14.27.)

"*O ânimo sereno é a vida do corpo, mas a inveja é a podridão dos ossos.* " (14.30.)

"*Para o sábio há o caminho da vida que o leva para cima, afim de evitar o inferno, embaixo.*"

(15.24.)

"*O que rejeita a disciplina menospreza a sua alma.*" (15.32.)

"*O semblante alegre do rei significa vida.*" (16.15.)

"*O que guarda o seu caminho preserva a sua alma.*" (16.17.)

"*O que guarda o mandamento guarda a sua alma; mas o que despreza os seus caminhos, esse morre.*" (19.16.)

"*O temor do Senhor conduz à vida.*" (19.23.)

Trabalhar por adquirir tesouro com língua falsa é vaidade e laço mortal." *(21.6.)*

"*O homem que se desvia do caminho do entendimento na congregação dos mortos repousará.*" (21.16.)

"*O que segue a justiça e a bondade achará a vida, a justiça e a honra.*" (21.21.)

Quando o Espírito de Deus nos instrui a respeito da vitória sobre a morte, descobrimos novos significados nesses versículos. Estamos acostumados a considerar a palavra "vida" apenas dentro do contexto de uma certa terminologia. Quando, porém, entendemos melhor as realidades bíblicas, começamos a reconhecer que, se cumprirmos as condições estabelecidas por Deus, nossa existência física será prolongada. Se, pelo contrário, desobedecermos a esses mandamentos, nossa vida se extinguirá gradativamente. Deus nos exorta, por exemplo, a honrar pai e mãe, "para que te vá bem, e sejas de longa vida sobre a terra" (Ef 6.2,3). Se desobedecermos a esse princípio, nosso tempo aqui na Terra será reduzido, devido ao pecado. Deus quer que atentemos para suas palavras para que possuamos a sabedoria, busquemos a justiça, e guardemos nosso coração, a fim de não perdermos a vida. Se quisermos viver, precisamos aprender a obedecer.

OS PODERES DO MUNDO VINDOURO

A Bíblia diz que, no reino futuro, o Senhor Jesus será o sol da justiça, trazendo salvação* em suas asas (Ml 4.2). E "nenhum morador de Jerusalém dirá: Estou doente" (Is 33.24). Naquele tempo nós, os *crentes,* desfrutaremos daquilo que as Escrituras predizem: "E, quando este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória." (1 Co 15.54.) Para os cristãos, a característica da era do reino será a ausência de fraqueza, doenças e morte, porque nosso corpo terá sido redimido e Satanás, pisado.

As Escrituras igualmente ensinam que, já no presente, podemos gozar os poderes do mundo vindouro (Hb 6.5). Embora nosso corpo esteja ainda aguardando a redenção, podemos hoje, pela fé, gozar antecipadamente os poderes do mundo por vir, livres de fraquezas, doenças e morte. Essa experiência é muito profunda, mas, se o cristão satisfizer as exigências de Deus, e confiar plenamente na Palavra do Senhor, poderá desfrutar dela. Para a fé, não existe tempo. Assim como ela pode receber daquilo que Deus realizou por nós no passado, também pode obter o que ele ainda há de fazer no futuro.

O apóstolo Paulo descreve a mudança que se operará em nosso corpo, dizendo: "Pois, na verdade, os que estamos neste tabernáculo gememos angustiados, não por querermos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida. Ora, foi o próprio Deus quem nos preparou para isto, outorgando-nos o penhor do Espírito." (2 Co 5.4,5.) A palavra "penhor" aí significa um "sinal", isto é, um pagamento inicial que se faz como garantia de que se pagará tudo futuramente. O Espírito Santo

em nós é a garantia divina de que "o que é mortal será absorvido pela vida". Embora até hoje não tenhamos experimentado essa vitória em sua plenitude, podemos experimentá-la em parte, porque possuímos o Espírito Santo como o "sinal". O Espírito nos foi dado para podermos antegozar o triunfo futuro da vida.

"E manifestada (a graça de Deus), agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho." (2 Tm 1.10.) A vida e a imortalidade, declara o apóstolo, constituem a porção comum de todos aqueles que recebem o evangelho. Daí a pergunta: "Até que ponto o Espírito Santo pode induzir o crente a entrar na posse dessa bênção?" A morte foi abolida, portanto isso deve trazer algum benefício para nós. Esta nossa era, porém, está prestes a terminar. Com o arrebatamento em vista, o Espírito Santo pretende levar os cristãos a experimentar mais e mais dessa bênção.

Precisamos crer que é possível antegozar os poderes do mundo vindouro. Quando Paulo exclama: "Graças a Deus, que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15.57), está falando de algo que ocorre no *presente,* mas também está levando em conta o problema da *morte.* Embora ele esteja se referindo à vitória total sobre a morte que ocorrerá no futuro, ainda assim não deixa essa experiência inteiramente para o porvir. Ele declara que podemos vencer por meio do Senhor Jesus, agora!

Um dos princípios pelos quais Deus opera é o seguinte: o que ele pretende fazer numa determinada era manifesta primeiro em alguns dos seus fiéis. O que todos vão experimentar no milênio, os membros de Cristo devem experimentar ainda hoje. Mesmo nas dispensações passadas houve pessoas que provaram de antemão dos poderes do mundo vindouro. Quanto mais, então, a igreja de nossos dias deve

experimentar a vitória de Cristo sobre o Hades agora. O Senhor nos chama a vencer a morte pelo seu corpo. Nossa batalha só chegará ao fim quando derrotarmos o último inimigo.

Cada um de nós deve procurar saber qual é a vontade do Senhor com respeito ao seu futuro. Não estamos defendendo aqui nenhuma ideia supersticiosa, no sentido de que não iremos morrer. No entanto é fato que estamos no tempo do fim e a volta de Cristo não vai mais demorar. Deve consumar-se ainda enquanto vivemos. Por isso, devemos exercitar fé e nos apropriar da Palavra de Deus, confiando que não morreremos, mas veremos o rosto do Senhor ainda vivos. Todos nós, que temos essa esperança nele, devemos purificar-nos, assim como ele é puro. Procuremos viver para ele a cada momento, recebendo o poder de sua vida ressurreta para suprir nossas necessidades do espírito, da alma e do corpo.

"Pela fé, Enoque foi trasladado para não ver a morte." (Hb 11.5.) Devemos crer nisso também. Vamos confiar que não é necessário que morramos. Creiamos que o arrebatamento é certo, e não vai demorar. "Pois, antes da sua trasladação, (Enoque) obteve testemunho de haver agradado a Deus." (Hb 11.5.) E nós?

Oh! como é maravilhosa a glória futura! Como é perfeita a salvação que Deus preparou para nós! Levantemo-nos e nos elevemos. Meu anseio é que estejamos tão cheios do "céu" que a carne não tenha mais lugar em nós, e o mundo não exerça mais nenhuma atração sobre nosso coração! Que o amor do Pai possa estar em nós, de modo que não tenhamos mais nenhuma comunicação com o inimigo! Que o Senhor Jesus possa satisfazer nosso coração, de modo que não desejemos mais ninguém! E que o Espírito Santo possa fazer brotar em cada crente a oração: "Vem, Senhor Jesus!"